A AMEAÇA PAGÃ

Velhas heresias para uma nova era.

Peter Jones

Este livro é um marco profético importante, que afirma para os nossos dias o que Machen afirmou para seus dias. É uma leitura essencial para todo pastor, presbítero e cristãos sérios.

- Jay Adams, *Associação Nacional de Conselheiros Nouthetic*

O Dr. Jones soa os clarins (...) os deuses antigos estão de volta!

- Edmund Clowney, Seminário Teológico Westminster

A AMEAÇA PAGÃ

Velhas heresias para uma nova era

Peter Jones

Copyright © 1997 por Peter Jones
Segunda Edição 1998

Publicado por WinePress Publishing
PO BOX 1406
Mukilteo, WA 98275
e Main Entry Editions, Escondido, CA 92025

A menos que estejamos enganados (...) o século 20 (...) irá testemunhar um gigantesco conflito de espíritos (...). Muito mais sério e feroz que nunca, o conflito é entre a antiga visão de mundo e a nova visão de mundo.

- Herman Bavinck, teólogo cristão, 1901

Havia alguns conflitos acontecendo (...) um protótipo de batalha entre os principados e potestades (...) e eu quis ir até o fim nesta batalha de morte.

- Mary Daly, ex-freira católico-romana, bruxa pagã eco-feminista, 1968

As deusas voltaram: a Mágica está em ação.

- Adesivo de um pára-choque de automóvel na Califórnia, 1995

Nós, mulheres, daremos um fim a Deus.

- Naomi R. Goldenberg, feminista judia, 1979

Eu invoco a proteção do povo da Deusa da ira do fundamentalismo de direita e seu Deus.

- Wendy Hunter Roberts, sacerdotisa pagã, 1993

Dedicatória

Ao maravilhoso grupo de pessoas,
carinhosamente conhecido como a Tribo Jones:

Eowyn, Stasie, Julien, Myriam, Tessa, Zoé e Toby

Agradecimentos

Eu desejo agradecer a:

- meus alunos, que estimularam meu pensamento sobre o Gnosticismo e suas lições para os dias de hoje;

- meus colegas do Seminário Teológico Westminster na Califórnia, que têm constantemente me encorajado e inspirado. Especialmente, agradeço a ajuda dos professores Dennis Johnson e Steven Baugh que, ao me substituírem por um semestre, deram-me tempo para dedicar-me totalmente à pesquisa;

- Dr. Mark Futato, meu colega de AntigoTestamento, que, ao trabalharmos juntos em um seminário que oferecemos às igrejas sobre o tema *Seguindo a Cristo na Nova Era,* aguçou meu pensamento sobre o ensino Bíblico a respeito da criação, da ecologia e da sexualidade;

- a equipe da biblioteca por sua competente ajuda; minha secretária Jackie Vanden Bos, por sua assistência incalculável que foi além de suas obrigações;

- John DeFelice por suas traduções dos textos gnósticos do cóptico citados neste volume;

- minha esposa, Rebecca, que, como experiente editora, estilista critica e teóloga astuta, assim como encorajadora constante, amiga e auxiliadora, permitiu que este projeto passase da fase de tantos parágrafos não-terminados e notas para um texto acabado e legível.

Indice

Nota do Autor
Prefácio

Parte Um: A Origem e o Propósito da Nova Espiritualidade
1 - O Nascimento da Esquerda Religiosa
2 - O Credo da Esquerda Religiosa
3 - Liberalismo Cristão: Crise e Conversão
4 - Liberalismo Cristão: Após a Conversão, uma missão
5 - As Profundas Raízes da NOva Espiritualidade

Parte Dois: Anatomia de uma Apostasia
6 - A Nova Bíblia
7 - A Bíblia Gnóstica Antiga
8 - Um Novo Método de Estudo Bíblico
9 - Estudo Bíblico Gnóstico
10 - Um Novo Deus para uma Nova Ordem Mundial
11 - O Deus do Gnosticismo Antigo
12 - A Nova Sexualidade
13 - Sexualidade Gnóstica
14 - A Nova Experiência Espiritual
15 - Espiritulidade Gnóstica
16 - Conclusão

Notas
Índice de Nomes

Notas do Autor

A descoberta, em 1945, de uma biblioteca completa de antigos textos cópticos gnósticos em Nag Hammadi, Egito, revolucionou o estudo moderno do Cristianismo antigo. Em vez de registros de segunda mão por parte dos pais da Igreja, nós agora possuímos cerca de cinqüenta textos, escritos pelos próprios mestres gnósticos antigos.

Esses preciosos documentos imediatamente se tornaram o objeto de intriga política e acadêmica. Hans Jonas, autoridade máxima em Gnosticismo da geração passada, reclamou de "uma persistente maldição de obstáculos políticos, litígio e acima de tudo, ciúmes erudito e 'primazia' (uma crônica escandalosa da academia contemporânea)". James Robinson, diretor da tradução para o inglês, *A Biblioteca Nag Hammadi em inglês* (Harper, 1977) caracteriza o período da descoberta (1945-70) como dominado pelo "monopólio" europeu. Elaine Pagels, popularizadora moderna da Teologia e da Espiritualidade Gnóstica, em seu famoso livro *The Gnostic Gospels* [Os Evangelhos gnósticos] (Random House, 1979), fala de uma supressão deliberada dos textos, não somente nos tempos antigos, mas também desde que foram redescobertos. Citando um outro erudito europeu muito conhecido, ela elogia a primeira tradução completa publicada pela editora Harper & Row em 1977 como o evento que pôs fim às "rivalidades pessoais (...) e às pretensões de monopolizar documentos que pertencem somente à ciência, isto é, a todos".

Quando comecei a pesquisar para escrever este livro (uma seqüência do meu livreto *The Gnostic Empire Strikes Back*, P&R, 1992), continuei a observar os impressionantes paralelos entre a

antiga heresia do Gnosticismo e a espiritualidade da Nova Era e a visão pós-moderna. Essas traduções representam um acesso direto para mim como erudito e para meus leitores, alguns dos quais, conquanto não estudiosos profissionais da Bíblia, compraram estas traduções para si mesmos. Claramente essa tradução está servindo bem, ao disponibilizar os textos para “todos”.

Seguindo a etiqueta acadêmica, pedi permissão para citar as traduções em inglês. Fiquei, porém, confuso ao receber uma resposta negativa ao meu pedido. Não me deram nenhuma razão comercial, nenhuma objeção legal ou qualquer outro tipo de explicação. Fui obrigado a contratar um erudito em textos cópticos para fazer traduções do original para minhas citações. Por que será que eu não fui incluído no “todos” que têm acesso aos textos? Os leitores irão concluir por si mesmos.

Uma coisa que eu fiz – assim como os escritores do Novo Testamento e os pais da Igreja – foi apresentar o sistema gnóstico como herético, uma distorção apóstata da Fé que foi entregue aos santos. Numa era de relativismo e tolerância, tal abordagem tem-se tornado política e religiosamente incorreta. Eu também me opus ao que julguei ser uma tentativa orquestrada nos círculos liberais cristãos de propor essa distorção tanto como uma expressão válida, alternativa ou mesmo superior ao Cristianismo antigo e um novo modo de vida para aqueles que procuram uma inovação espiritual no crepúsculo do Cristianismo ocidental.

Eu questiono se a negativa que recebi ao meu pedido de citar a tradução inglesa não constitui um pequeno, mas revelador, conflito na crescente realidade das *Guerras Espirituais.*

Prefácio

Jonh Lennon foi um antigo amigo de escola. Companheiros, com pouca sofisticação intelectual, nós nunca falávamos sobre religião ou filosofia. Em vez disso, ouvíamos Bill Haley e seus Cometas comendo peixe e batatas fritas na Rua Penny – estritamente contra as regras do tradicional Colégio Quarry Bank para meninos, onde nós apreciávamos a educação pelas razões erradas. Aos 16 anos idade, John Lennon saiu do Quarry Bank e foi para a Escola de Artes Liverpool. Eu continuei lá até me graduar e depois fui para a Universidade. Nós nunca mais nos encontramos.

A História é engraçada. Como todo mundo sabe, John se tornou um megastar, e se converteu ao hinduísmo da Nova Era. Pouca gente sabe que eu me tornei um comprometido cristão ortodoxo e fui ensinar grego do Novo Testamento em francês para futuros pastores da velha igreja huguenote no Sul da França por dezoito anos. Mas nossas vidas uma vez mais se tornaram estranhamente entrelaçadas.

Em 1991, com grande relutância, eu sai de minha terra adotada e minha igreja e aceitei um cargo de professor no Sul da Califórnia. O choque cultural balançou alguns neurônios em meu cérebro. Quando eles voltaram ao lugar, eu fiz a mesma conexão que Lennon tinha feito anos antes entre o Gnosticismo e a espiritualidade da Nova Era. Em “The Mysterious Smell of Roses”, um capítulo em uma antologia de seus escritos, *Skywriting by Word of Mouth* (Escrevendo no Céu com a Palavra da Boca), publicado após sua morte, Lennon fez uma afirmação muito incomum para alguém não treinado em teologia ou filosofia: “Parece-me que os únicos cristãos verdadeiros eram (são?) os gnósticos, que crêem no autoconhecimento, isto é, em tornarem-se Cristo eles mesmos, ao alcançar Cristo interior”.[1]

Quando éramos alegres amigos no colégio, sentando-nos juntos em carteiras para dois, nós nunca imaginaríamos que divergentes interpretações de uma heresia cristã obscura nos colocariam em lados opostos numa guerra dos mundos espiritual e material. Se ele estivesse vivo hoje, certamente seria um líder do lado neopagão e pseudocristão, que este livro procura descrever e desmascarar. Eu descobri o Gnosticismo como parte de meus estudos de graduação. Mas como Lennon o teria descoberto, sem um treinamento formal além do segundo ano da escola técnica? Como veio a conhecer sobre tão misteriosos assuntos da história da igreja antiga? Há claramente algo mais do que o que podemos enxergar!

Há algum problema?

Michael Kinsley, como co-anfitrião do programa de comentário das notícias da CNN, *Crossfire,* disse recentemente: "O que poderia ser mais absurdo do que a idéia de que um preconceito anticristão genuíno é uma força importante na política Americana?".[2] Kinsley acha um absurdo pensar que um programa deliberadamente anticristão possa motivar as recentes mudanças na sociedade. Essas mudanças são certamente o resultado da evolução natural do processo democrático. A jornalista Robin Abcarian, casada e com um filho, recentemente votou em um candidato homossexual para secretário do Estado da Califórnia; um voto para a tolerância e os direitos civis.[3] Ela não estava votando conscientemente contra os cristãos.

Jornalistas como Kinsley e Abcarian não têm nada pessoal contra os cristãos. A maioria dos americanos não tem nada pessoal contra os cristãos, apesar de uma elite da mídia que rotula os crentes comprometidos como intolerantes e anti-homossexuais. A tolerância, o diálogo e as trocas civis são a ordem do dia. A terminologia da

batalha espiritual tem caminhado na direção de “Soldados Cristãos do Progresso”, em nossas igrejas politicamente corretas de paz e amor. A relatividade, o compromisso e a civilidade sem princípio têm substituído o pensamento antiético e claro da Escritura. Mas, gostemos ou não, a batalha tem existido desde o começo, como Deus declarou à serpente e à mulher sobre suas origens históricas opostas: “Eu colocarei inimizade entre (...) tua descendência e o teu descendente”.[4] Em nossa era esta batalha acontece de modo visível. Kinsley, apesar de sentimentos pessoais calorosos, permanece preocupantemente desinformado.

Por trás das portas de carvalho de impecáveis lares do subúrbio e de áreas cirurgicamente estéreis de clínicas de aborto, o sangue de nosso povo brada. A batalha pela alma desta nação e da civilização ocidental campeia de modo descontrolado. Não se trata de um videogame da mente do qual o jogador volta à realidade quando a ficha da máquina chega ao fim. Lares e casamentos, assim como bebês não-nascidos, são esfrangalhados em uma cultura proclamada como o exemplo da civilização esclarecida. A América do Norte, a defensora dos grandes valores da cultura cristã ocidental, está cambaleante, perigosamente ferida por uma ideologia radical de “permissividade”, do direito de escolha e da autonomia pessoal.

Idéias importam. A ideologia se torna um programa político. No palco central no teatro da guerra que atinge a todos está a batalha das *visões de mundo*. Uma visão de mundo é o que as pessoas pensam quando estão o menos cientes possível – enquanto assistem à televisão ou lêem o jornal. É nesse nível inconsciente que a luta é mais crítica.

Na entrada do terceiro milênio, dois modos radicalmente opostos de entender a natureza humana e o universo se rivalizam. Um defende a verdade, o outro a mentira diabólica. Um segue o Deus da Bíblia, o outro segue os deuses do paganismo. Os revolucionários

de hoje têm lançado sua arma secreta, a "tolerância", que sorrateiramente se arrastou para dentro de nossas defesas para golpear o coração da cultura. Ela explode a oposição com acusações que induzem à culpa de intolerância, enquanto introduz folhetos, que propoem o ensino irracional e pernicioso de que *tudo é relativo,* que flutuam nas brisas agradáveis da unidade.

A arma secreta, como meu cão, late e não morde. Como os proponentes da tolerância podem ser intolerantes? Como podem os relativistas afirmar que tudo é relativo? Por outro lado, até que a igreja e a sociedade parem de levantar as mãos em rendição diante da arma de brinquedo, a revolução continuará. Em tempo de guerra, um exército não pode ser "tolerante" em relação ao invasor. Os liberais religiosos querem o rótulo de intolerância radical demoníaca para qualquer um que não tenha sua visão de mundo. Mas quando a retórica emotiva desaparece, nós devemos perguntar como um cristão pode tolerar o erro ou a igreja uma ideologia que nega cada elemento de sua fé.

Suas mãos nas alavancas do poder querem impor um projeto para um experimento social e espiritual , prontas para introduzir uma revolução que desafia a imaginação. A Revolução Americana quis eliminar a imposição de impostos sem representação. A Revolução Francesa imaginava Paris sem aristocratas. A Revolução Russa sonhava com o desaparecimento dos empregadores e da propriedade particular. A Revolução Nazista esperava livrar o mundo das raças inferiores. A Revolução Americana do século 20 promete uma sociedade *sem patriarquia,* isto é, sem a tradicional estrutura de família, e, no final de tudo, sem Deus o Pai, criador dos céus e da terra.[5]

Esta revolução penetra em cada lar e alma, redefinindo a sexualidade, a espiritualidade, Deus, a religião e a revelação. A nova ordem do mundo põe tudo o que conhecemos de cabeça para

baixo – o bem se torna mal, a homossexualidade torna-se a expressão sexual preferida, e a família tradicional uma estrutura minoritária.

A força destrutiva da expansão marxista chegou a um ponto de tremor da terra em 1989, quando o desejo por liberdade estourou os muros da prisão da Alemanha Oriental, e a “guerra fria” se tornou uma lembrança. Uma calmaria nos jogos de guerra criou um desarmamento prematuro, tanto na esfera física quanto na espiritual. Enquanto alguns na igreja estão acordados, muitos continuam dormindo, inconscientes do “Jogo do Século” que flutua pelas telas de suas vidas.

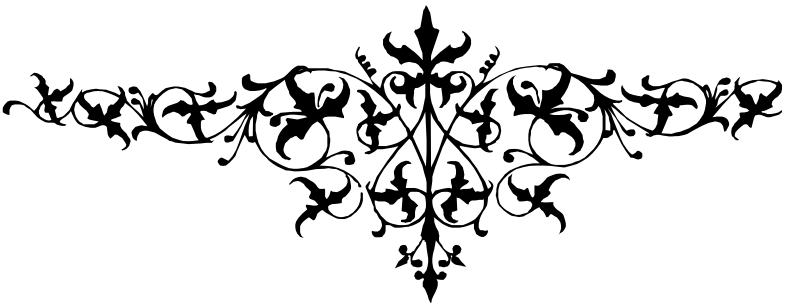
Assim como dois jogadores de hóquei eretos diante do disco de hóquei, prontos para empurrá-lo para uma direção ou outra, duas fés religiosas, as únicas duas, lutam pelo espírito e pela mente do mundo moderno. O “jogo” não coloca mais as forças escuras do humanismo ateísta e do materialismo sem deus contra a espiritualidade “cristã” ocidental. O conflito atual é entre duas poderosas espiritualidades; o teísmo cristão/Deus o Pai, e o monismo pagão/a deusa Mãe.

Se os times nessa “confrontação da alma” tivessem camisetas de cores diferentes, seria fácil acompanhar o jogo.Mas não, um time procura vencer ao fazer com que todas as camisetas sejam cinza, e na confusão, rouba o disco para fazer o gol da vitória. Somente olhando de perto podemos ver que os times diferem em estilo de jogo e direção. Escolha o lado, pois o disco é sua alma e o jogo é uma batalha espiritual para a morte.



PARTE UM

A ORIGEM E O PROPÓSITO DA NOVA ESPIRITUALIDADE



Capítulo 1

O NASCIMENTO DA ESQUERDA RELIGIOSA

Os anos 60 terminaram antes do fim da década, mas as sementes da mudança haviam sido plantadas.
- Marilyn Ferguson, autora, *The Aquarian Conspiracy*[1] [A Conspiração Aquariana]

Os movimentos sociais dos anos 60 e 70 representam a cultura nascente, que agora está pronta para a passagem para a cultura solar.
- Fritjof Capra, médico da Nova Era e professor na Universidade da Califórnia, Berkeley[2]

Concebida nos Anos 60, Nascida nos Anos 90

No dia 3 de novembro de 1992 o povo dos Estados Unidos elegeu para a posição mais poderosa do planeta um presidente que havia fumado maconha, fugido do serviço militar obrigatório, e sustentado a moral sexual da revolução *hippie*. Aqueles contra as instituições governamentais, os filhos do *flower-power*, entraram nos corredores do poder político nos 90 noventa. A política nunca mais será a mesma.[3] *Hippies*, agora com cabelos curtos e ternos, invadem a Casa Branca – legalmente.[4] Nos anos 90, o mundo testemunhou "a segunda vinda dos anos sessenta",[5] e o Presidente Bill Clinton, que havia "respirado aquela atmosfera intelectual da época (anos 60), e inalado profundamente",[6] tornou-se, em sua posição como cabeça da nação, uma metáfora para nosso tempo.

Místicos da Nova Era como Ferguson e Capra analisam o impacto dos anos 60 com uma fria exatidão. Ferguson diz que "os

valores que haviam estimulado o movimento dos anos 60 não poderiam ser institucionalizados sem uma mudança nos conceitos culturais. *Assim como a consciência muda, o mundo muda"* [ênfase minha].[7] A mudança ocorreu. Os americanos não somente toleram, mas institucionalizaram o divórcio, o aborto, o homossexualismo e o feminismo. Isso aconteceu porque *a consciência religiosa da América mudou.*[8] Apelos ao fortalecimento da família, a tirar o crime das ruas, a tornar o sexo seguro e o aborto bem como raro, e a defesa de padrões educacionais[9] passam sem chamar a atenção. Aqueles que aderem ao otimismo patriótico que diz que uma nação sensata se organizará mais uma vez podem ser os mais decepcionados. A nova consciência não pode ouvir as chamadas para uma reforma, porque está surda a qualquer coisa, menos a uma mudança social e espiritual revolucionária. Como essa metamorfose da psique americana veio a ocorrer?

Mais profeta do que comediante, uma jornalista observou que a mistura de piedade e cultura popular nas celebrações inaugurais do presidente Clinton em janeiro de 1993 convenceram-na de que estava presenciando "o nascimento da esquerda religiosa".[10] Todo mundo conhece a direita religiosa, mas a esquerda religiosa...?

"**É a nossa vez",**[11] proclamaram o Presidente e a senhora Clinton ao entrarem na Casa Branca. Mas é a vez de quem exatamente? O casal com uma aparência nova que afirmava que era a vez deles simbolizava, em primeiro lugar, não um partido político, mas o fruto maduro da revolução contra cultural dos anos 60. Aqui está um novo tipo de compromisso religioso que pode, no mesmo fôlego – ou ao menos na mesma semana – cantar cânticos evangélicos com lágrimas genuínas e promover a nova moralidade do aborto e da homossexualidade. As lágrimas do presidente, que pertence à Igreja Batista do Sul, também caíram em profunda comunhão com o budista Dalai Lama, de quem Clinton disse ser "um homem impressionante". O líder budista tibetano lembrou o Presidente que agora ele era o "homem mais importante do mundo".[12]

"Nossa vez". Marianne Williamson, autora do famoso, *A Return to Love: Reflections on the Principles of 'A Course of Miracles'* [Um retorno ao amor: reflexões sobre os princípios de 'A Course in Miracles [Um curso em milagres]'].[13] Williamson é uma seguidora e propagadora radical da Nova Era. Ela escreve o laudatório prefácio ao livro de Ken Carey, *The Third Millennium* [O terceiro milênio]. Carey escreve esse livro sob a influência de uma voz que "fala" a

ele, "um ser espiritual nos campos eternos da luz". Carey testificou que enquanto escrevia ele "sentia como se algo enorme estivesse olhando através de seus olhos". Suas "revelações" são radicalmente da Nova Era e anticristãs, mas Williamson as aprova profundamente. Esta é a vez dela. Ela é uma das conselheiras espirituais da primeira dama Hillary Clinton, com quem freqüentemente almoça. Ela tem jantado na Casa Branca e dormido no Quarto Lincoln.[14]

"**Nossa vez**" é Jean Houston, uma guru feminista da Nova Era, autora de livros como *Goodseed* [A origem divina] e *The Hero and the Goddess* [O herói e a deusa], e co-fundadora da Fundação para Pesquisa da Mente. Ela é membro da comissão dos diretores do Templo do Conhecimento que está conectado com a oculta Sociedade Teosófica e cujo objetivo é a promoção de uma religião mundial única. Jean Houston foi uma das principais participantes no Parlamento das Religiões do Mundo (Chicago em 1993), do qual um dos patrocinadores foi a Sociedade Teosófica. A sua palestra, da qual participei, descreve em termos globalistas da Nova Era um novo dia "sendo provocado por uma evolução na (...) prática espiritual". Ela continuou: "nós estamos à beira da pessoa planetária, que representa uma ordem inteiramente nova das capacidades e consciências necessárias para uma mordomia sagrada da terra".[15] Tais novas "capacidades" espirituais intrigam os liberais do antigo evangelho social das principais denominações. O porta-voz da Casa Branca, Neil Lattimore, negou que sejam sessões espíritas, mas tem recentemente sido reconhecido por fontes oficiais que em 1995 Jean Houston conduziu a primeira dama, a senhora Clinton (da Igreja Metodista Unida) em "conversas imaginárias" com figuras do passado, tais como Eleanor Roosevelt e o ativista hindu da paz Mahatma Gandhi. "Nós temos que tirar forças de onde podemos para vencer o dia-a-dia", disse o Chefe de Estado maior da Casa Branca, diminuindo a enormidade dessas revelações. Certamente o namorico de Nancy Reagan com a astrologia popular se torna insignificante quando comparado com "a busca profunda" de Hillary Clinton, distante das raízes cristãs e indo em direção ao profundo paganismo[16] das novas Religiões Liberais da espiritualidade oculta.

"**Nossa vez**" é a indicação de 27 homossexuais praticantes na administração Clinton; por trás deles está a subida ao poder da bancada homossexual em todas as áreas da sociedade, incluindo as principais igrejas.

"**Nossa vez"** são as forças pró-escolha do aborto se fortalecendo. O movimento assegurou que o presidente cancelaria um projeto de lei de 1996, declarando ilegais os horrendos procedimentos conhecidos como "abortos parciais", ainda que essa legislação fosse apoiada por vasta maioria de ambas as casas do Congresso, e o veto fosse condenado pelos onze presidentes vivos da Conferência Batista do Sul, a denominação do Presidente Clinton.

"**Nossa vez"** são as feministas radicais em volta da primeira dama. A influência delas monopolizou a representação norte-americana tanto na *Conferência das Nações Unidas sobre a População do Mundo (*Cairo, 1993), como em Beijing na *Conferência sobre as Mulheres* em 1995. Certas alunas radicais da Universidade onde a sra. Clinton se formou (Wellesley College, Massachusetts) foram uma grande força em Beijing na formulação da *Plataforma para Ação*, a proposta da conferência que recusa reconhecer a normatividade da heterossexualidade e da família de pais heterossexuais. Tais mulheres vêem a si mesmas como constituindo uma "massa crítica", e crêem que espalhar esta ideologia por todo o globo é "verdadeiramente uma missão Weslleyana".[17]

"**Nossa vez"** são os 21 administradores da Casa Branca que "entraram em um programa especial de testes por causa de recente uso ilegal de drogas".[18] Das deturpadas margens da sociedade até as minúsculas elites intelectuais, essa nova visão do mundo tem avançado nos últimos quatro anos.

A Grande Marcha De Berkeley Até Washington

Para olhos não-treinados, hoje Berkeley está presa em um lapso de trinta anos. Nudistas, *hippies* cabeludos, pessoas de olhar triste, bandas de hare-krishinas com túnicas ocre, viciados em drogas, maconheiros, livros exotéricos e lojas de comida saudável levam o visitante num numa viagem mágica e misteriosa ao passado revolucionário, um museu vivo de um experimento social ultrapassado. Tudo é muito curioso e confortante.

Mas não se engane. A maioria dos revolucionários dos anos 60 limpou seu passado, e não estão mais no atraso de Berkeley.[19] Alguns até se mudaram para Washington, para locais lindos. Os *baby-boomers** tiveram filhos e estão perto dos 50 anos de idade. Suas idéias estão vivas e boas e têm feito fenomenal progresso.

Geração Destrutiva

David Horowitz e Peter Collier foram membros do *círculo interior*. Editores da revista *Ramparts*, a voz "oficial" dos radicais políticos dos anos 60, eram amigos da maioria dos que eram alguém na esfera radical, de Huey Newton e Jerry Rubin a Tom Hayden e Jane Fonda. Ao ajudar a fomentar a rebelião, eles agora têm dúvidas profundas e consciência pesada. A denúncia das atitudes racistas e estruturas sociais foi saudável. Não baseada em convicções religiosas ou cristãs, a avaliação madura desses líderes da rebelião, que eles chamam de "geração destrutiva" é que:

> As pedras que nós jogamos na água do nosso mundo naqueles dias causaram ondas que continuam a agitar as nossas praias de hoje – para o bem e mais freqüentemente para o mal.[20]

O que foi destruído? Nada menos, eu creio, do que a cristandade e a civilização ocidentais.

A "entidade espiritual" que tem canalizado mensagens por intermédio de Ken Carey enfatiza a importância dos anos 60 para a vinda da nova religião:

> (...) nossas comunicações durante esses últimos anos da década de 70 estão ultrapassando a fronteira social de nossa cultura que foi contatada durante os anos 60. Desta vez, estamos indo fundo no coração da civilização global (...) Não estamos em grande contato ainda com os oficiais do governo, nem com os bancos mundiais ou financiadores internacionais. Nossos primeiros contatos com eles ocorrerão durante as transmissões mais poderosas de 1987 a 1989. Aqueles que estamos contatando agora, por outro lado, são importantes o bastante para manter o sistema social, de forma a assegurar que o mundo dará saltos incríveis na consciência durante a próxima década (...). Quando chegarem as revelações dos anos 80, o conhecimento de nossa existência será amplo.[21]

Se as entidades espirituais e os seguidores da Nova Era consideram a rebelião contra cultural dos anos 60 como um momento tão importante para a vinda da nova religião, talvez os cristãos devessem parar e ouvir. A rejeição da autoridade dos anos 60, a rejeição da moral sexual bíblica, e a busca de uma nova espiritualidade

não são instrumentos de uma revolução frustrada. São ferramentas para a destruição da civilização ocidental.

A destruição tem sido aperfeiçoada e sacramentada na legislação. Marylin Ferguson, seguidora da Nova Era, faz a surpreendente declaração: "A Nova Era não tem avançado na opinião da maioria; antes, a opinião da maioria está avançando em direção à Nova Era".[22] Um recente livro chama a Nova Era de a "Era de Agora" (New Age, Now Age). A cultura da maioria, mesmo aqueles que se declaram "fiscalizadoramente conservadores", tem abertamente adotado a nova visão religiosa do mundo. A revolução tem ido muito além dos sonhos dos revolucionários cabeludos do passado. Enquanto pensávamos que a revolução havia falhado, seus líderes tomaram o que alguém chamou de "a longa marcha através das instituições". "Radicais de usucapião"[23] regem agora as instituições. Um *hippie* arrependido disse recentemente: "Aqueles que amavam os anos 60 possuem os anos 90".[24] Suas idéias destrutivas têm aflorado em todos os lugares nos anos 90 – nos corredores do poder político, religioso e acadêmico, e especialmente na mídia. Os seguintes coquetéis molotov da mente dos anos 60 constituem os contornos da civilização pagã do terceiro milênio:

▶ Rejeição da autoridade: a civilização ocidental tem de acabar

Os novos radicais de esquerda dos anos 60 queriam "derrubar o sistema". A História vai mostrar que fizeram exatamente isto, ao tomar o poder. A rejeição dos patrões, do corpo legislativo da universidade, da polícia e do governo federal foi transformada nos anos 90 na rejeição da civilização ocidental *in toto*. Estudantes radicais de hoje cantam "Hei, você ai, o que é que vai dar? A civilização ocidental tem de acabar". Eles calam mortos, homens e brancos, autores tais como Platão, Aristóteles, Shakespeare, Wodsworth e Jonatham Edwards e introduzem o coro geral dos intelectuais contemporâneos (incluindo muitos cristãos ortodoxos) que demandam a destruição do "patriarcado".[25]

The Feminist Mystique [A mística feminista] (1963), de Betty Friedan, começou o ataque ao patriarcado por meio da noção da mulher autônoma. O lamento da dona-de-casa solitária dos anos 60 tem se tornado um grito de guerra atordoante de um batalhão formidável de feministas que acaba com a própria estrutura da civilização bíblica – sobre a qual a civilização ocidental foi

construída. Ao se destruir a autoridade paterna e o responsável papel representativo dos homens, acaba-se com a unidade familiar tradicional. É inútil defender a família tradicional se você não vê isso. O documento "Projeto para o Futuro Republicano" observa que a decisão da Suprema Corte sobre o aborto, que elimina a responsabilidade de tomada de decisão dos pais, tem "causado uma alteração fundamental no significado da experiência democrática americana – aquele do indivíduo radicalmente autônomo e do Estado coercivo (...) no qual a comunidade do marido e da mulher não é mais uma questão constitucional ou legal".[26] Esse ataque mortal, embora silencioso, aos pilares de nossa sociedade prossegue despercebido por muitos.

A rejeição do patriarcado é somente um exemplo do poder do *movimento deconstrucionista* que começou nos anos 60. O movimento desconstrutor é uma reação em parte contra a "modernidade" (a orgulhosa crença do Iluminismo de que todos os problemas do homem poderiam ser resolvidos por uma razão humana autônoma, livre da revelação divina), que destrói tudo diante de si. Jesus contou sobre a casa da qual um demônio sai e que mais sete vêm habitar; um mundo purificado do humanismo racional e ateísta aguarda seus novos inquilinos.

A desconstrução vê todo discurso racional, todas as tentativas de explicar o mundo, como puro uso do poder.[27] Declarações de uma não existente verdade absoluta são somente imposições da ideologia daqueles no poder sobre aqueles sem poder. "A verdade" se torna uma ameaça ideológica às vítimas minoritárias. A comissão da igualdade de oportunidade de emprego quer eliminar a religião do ambiente de trabalho para que ninguém seja "molestado" por idéias religiosas no trabalho. O tempo está chegando em que tocar "Noite Feliz" nos *shopping centers* na época de Natal será ilegal – assim como a palavra "Natal" em si mesma. Até Bing Crosby cantando "White Christmas" será ilegal! Em seu livro, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa,* C. S. Lewis criou um mundo congelado sob o poder da bruxa branca. Uma de suas maldições condenou Nárnia a um inverno eterno sem Natal. Ele nem imaginaria que suas palavras seriam tão proféticas assim. Um mundo sem Natal proclama silenciosamente o fim da civilização ocidental que conhecemos e o começo da noite infeliz da alma humana.

▶ A Rejeição Das Normas Sexuais Bíblicas E Da Moral: "Massacre a Monogamia"

Jerry Rubin, como revolucionário assumido que era, disse nos anos 60: "Nós combinamos a juventude, a música, o sexo, as drogas e a rebelião com a traição – é uma combinação difícil de se derrotar!"[28] O entusiasmado e satisfeito empresário Rubin perdeu sua juventude, seu zelo revolucionário e, infelizmente, sua vida (em um acidente de trânsito em Los Angeles), mas a expansão contemporânea de música, sexo e drogas vai além do que Rubin imaginava. A liberação sexual nos anos 60 era um amor *heterossexual* "vale-tudo".[29] Um outro guru espiritual de Hillary Clinton, Michael Lerner, foi líder da Sociedade Democrática dos Estudantes de Berkeley. Em seu primeiro bolo de casamento estava escrito: "massacre a monogamia".[30] O manifesto foi bem-sucedido não somente para Lerner, que se casou inúmeras vezes, mas para toda a América. A taxa de divórcio na América está entre as mais altas do mundo, e o concubinato é altíssimo. A revolução sexual de hoje vai além do relacionamento extramarital, pré-marital e atividades heterossexuais de múltiplos parceiros. "Vale-tudo" tem se tornado a promoção da mídia de massa não somente da heterossexualidade[31] imoral liberada, mas também do sadomasoquismo, da bissexualidade, da homossexualidade e da pornografia.[32] De acordo com a lógica do sistema, a pedofilia[33] e a bestialidade não podem estar longe.

Um texto bíblico antiqüíssimo retrata a moralidade tortuosa dos anos 60. Levítico 20 lista as seguintes proibições: o adultério, o sacrifício de crianças, a consulta a médiuns, a homossexualidade e a bestialidade. Tais abominações foram a causa central da destruição das antigas nações pagãs.[34] Será que a nossa nação pode evitar um destino semelhante? Gary Bauer, reagindo à política do governo para a promoção de camisinhas em propagandas pornográficas de televisão, disse: "Pela primeira vez na história de nossa nação, uma geração de jovens americanos está sendo orientada pelos líderes do governo que, se usarem camisinha, a promiscuidade é perfeitamente segura, que de fato não há problema algum".[35] Os revolucionários dos anos 60, agora encabeçando muitas agências governamentais, fizeram do amor livre um regulamento oficial do governo.

▶ A Busca Por Uma Nova Espiritualidade: Uma viagem Mágica e Misteriosa

A revolução contra cultural dos anos 60 foi um movimento espiritual.[36] Woodstock, um acontecimento espiritual, foi a viagem drogada em busca do Jardim do Éden.[37] A viagem espiritual de Richard Alpert exemplifica a maturação espiritual daquela época. Professor de Psicologia em Harvard, e colega de Timothy Leary, Alpert rompeu com o reducionismo freudiano e, com a ajuda do LSD, descobriu que há uma existência além do id. A consciência que lhe deu unidade com o universo pela expansão da mente / alma inspirada quimicamente mandou-o numa busca religiosa para a Índia, onde praticou o Hinduísmo por muitos anos. Ele retornou como Ram Dass, um guru hindu ocidentalizado. Ele agora dá palestras bem-remuneradas por todos os Estados Unidos usando um humor atualizado, um amante, e um guia espiritual chamado Emmanuel. Sua grande barriga lembra Buda em vez dos magros homens santos orientais das ruas de Calcutá. Ram Dass agora apóia as "políticas de significado" populares em Washington e, como praticante da espiritualidade hindu da Nova Era, afirma ter finalmente redescoberto seu judaísmo.[38] A trajetória "arco-íris" de Ram Dass reflete-se nos devaneios de um teólogo da "morte de Deus" do começo dos anos 70:

> Pode ser que esta necessidade de trazer à memória um antigo sistema simbólico [politeísmo] para novos propósitos esteja por trás do recentes interesses no ocultismo, na mágica, na vida extraterrestre, no hinduísmo da Índia e no budismo japonês, na China cheia de demônios, na feitiçaria, em novas formas de vida familiar múltipla, nas comunidades, nas "novas religiões", e em muitos outros estilos de vida alternativos e sistemas significativos que têm sido até aqui estranhos.[39]

Os revolucionários avisaram. Nós apenas nunca acreditamos neles. Os Beatles foram para o Oriente, enquanto os gurus vieram para o Ocidente. Viagens quimicamente inspiradas de viciados em LSD e predições de politeístas têm se diversificado dentro da espiritualidade multicultural da Nova Era dos anos 90. Veja só a propaganda da Nova Era: meditação hindu "chakra*", ioga, bruxaria, mediunidade, viagens astrais, visualização, sexo kundalini*, animismo americano nativo, mais todos os deuses e

deusas que se pode suportar. O movimento não perdeu sua busca pela espiritualidade; ele tem se diversificado e atingido posições importantes, assim como o místico hindu, Swami Vivekananda profetizou no primeiro *Parlamento das Religiões do Mundo* (Chicago, 1893). Seu sonho era a criação de "uma sociedade de ciência e socialismo ocidental e de uma espiritualidade indiana".[40] O Parlamento de 1993 em Chicago percebeu o sonho de Vivekananda e experimentou sua força global.

Os Indicadores de Destruição Social

A "geração destrutiva" fez seu trabalho. Ela destroçou a civilização cristã ocidental, especialmente a família. Indicadores sociais mostram que nossa consciência tem mudado. Vítimas de um experimento social radical dos anos 60 abarrotam os grupos de auto-ajuda. Ao prometer liberdade, paz e amor, a revolução entregou somente a liberdade de um trem descarrilado e a paz de um peixe na areia da praia. Scott Peck, um psicólogo dos anos 60, ficou impressionado ao questionar uma audiência de quinhentas pessoas perguntando quantos estiveram ou estavam atualmente em terapia, "praticamente todos no auditório levantaram a mão".[41] A "era terapêutica", não poupa dinheiro ou conselho para atingir um conforto emocional. Os devotos da "geração destrutiva" já passaram por até três divórcios em busca de uma liberdade pessoal. Seus filhos, com falta de estruturas familiares fortes, rejeitaram a disciplina que os pais tentaram impor e se voltaram para os amigos e para as drogas em busca de consolo.

As estatísticas falam. A América lidera o mundo "civilizado" quanto à ausência de pai e quanto às leis permissivas que regulamentam o aborto e o divórcio.[42] Barbara Dafoe Whitehead, no *Atlantic Monthly* (1993), chamou os últimos 25 anos de "um vasto experimento na vida familiar".[43] Ela poderia ter dito uma vasta "destruição" na vida familiar.[44] Hoje, somente um quarto das famílias americanas é composta de pais casados e com filhos.[45] Uma em cada quatro crianças nos EUA nasce de uma mãe solteira. Em 1960, 243.000 crianças viveram em lares de pais solteiros. Em 1993 o número aumentou para 6.3 milhões, levando um entendido em demografia a descrever a tendência como "assustadora". Quase dois terços de todas as crianças negras vivem com pais solteiros.[46] De

1970 a 1993 o número de adultos não casados quase dobrou e o número de divórcios triplicou.[47]

A educação em todos os níveis está em uma confusão, mas nenhuma tanto quanto a educação superior. De acordo com Arthur Levine, presidente do Colégio dos Professores na Universidade de Columbia e especialista em história dos currículos de faculdade, "Nós estamos no meio de um dos maiores debates que já tivemos em que o conhecimento deve ser comum a todas as pessoas".[48] Ecoando isso, o presidente da Associação Nacional de Acadêmicos, Stephen Balch, acredita que a nação está na iminência de perder a estrutura comum de referência, "que por muitas gerações sustentou nossa sociedade democrática liberal".[49]

O que pode evitar a implosão da cultura americana? George Gilder prediz que a cultura americana seguirá o padrão já estabelecido nas comunidades urbanas negras.[50] A desconstrução da família judeu-cristã americana cria um vácuo voraz rapidamente preenchido pelos "estilos alternativos de família". Como essas estruturas parecem melhor do que estrutura nenhuma, o público as aceita sem examinar a visão da espiritualidade pagã que as gerou.

Destruição da Cultura "Cristã"

O movimento dos anos 60 não se rebelou contra a religião. Ele se revelou contra a religião *cristã*.[51] A poeira da História abaixou e vemos que o movimento de contra cultura dos anos 60 contrapôs-se à cultura judeu-cristã, não procurando a secularização, mas um novo tipo de religião, uma espiritualidade radicalmente diferente.

Os *baby-boomers* foram apropriadamente chamados de "geração em busca".[52] Somente quatro por cento dos *baby-boomers* são ateístas ou agnósticos. O restante deles segue algum tipo de religião.[53] As pessoas comentam de maneira triste sobre o "declínio dos padrões morais". Os padrões mudaram porque a *consciência religiosa da nação mudou*. A busca nobre dos anos 60 por uma consciência aberta e sua tolerância por espiritualidades alternativas foram em direção ao Oriente para descobrir o misticismo e retornaram para fazer nascer uma religião híbrida relativista, um monismo espiritual ocidental.[54] Este novo monismo pagão une-se às religiões orientais na idéia de que tudo um e um é tudo, seja na tecnologia ocidental, na autodeterminação democrática ou no ideal do igualitarismo autônomo. O todo está vestido de forma "cristã" para um consumo ocidental geral. A mistura cria um potente elixir

que acende as mentes e os corações dos transformadores sociais ao entrar um novo milênio.

A Segunda Vinda dos Anos sessenta: Regeneração Para "a Geração Eu"

Assim, os anos 60 tornaram-se amadurecidos nos anos 90. A socióloga Annie Gottlieb, em seu livro, *Do You Believe in Magic? The Second Coming of The 60s Generation* [Você crê em mágica? A segunda vinda da geração dos anos 60], publicado em 1987, sugere que a ira dos anos 60 tem sido canalizada numa nova expressão de espiritualidade. Não está mais conectada ao eu (a "geração eu"; desenvolveu uma consciência social, "a política do amor", ou "a política da virtude ou significado". Fundamentada na revolução dos anos 60, a nova consciência floresce na teologia da liberação, no movimento de liberação das mulheres, na busca dos homosexuais e das lésbicas por reconhecimento social e religioso, multiculturalismo e uma posição politicamente correta. Gottlieb analisa a "segunda vinda" dos anos 60 como uma nova proposta para a transformação religiosa e espiritual, não somente do eu, mas do mundo.[55]

O inimigo real não é mais o humanismo ateísta anti-religioso, mas uma religião pagã renovada. O problema não é a *não existência* de Deus, mas *muitos deuses*; não é a falta de espiritualidade, mas o sincretismo espiritual. Poucos dos que condenam a dissolução da sociedade vêem a ameaça religiosa da nova espiritualidade. Escondido sob sua roupagem da liberdade, da tolerância, está o esqueleto de um *monismo pagão*.

Capítulo 2

O CREDO DA ESQUERDA RELIGIOSA

Não esqueça que o contraste fundamental sempre foi, ainda é e sempre será: Cristianismo e paganismo, os ídolos ou o Deus vivo.

- Abraham Kuyper, *The Stone Lectures*, Seminário Princeton , 1898

O CORAÇÃO DA ESPIRITUALIDADE AQUARIANA: OS CINCO PONTOS DO MONISMO

Os temas disparatados de nossa cultura que advoga o direito de escolha têm um cerne. Sua exaltada diversidade esconde uma profunda coerência
ideológica: o paganismo religioso, a adoração da terra a da deusa por trás dela. O apóstolo Paulo descreveria esta religião como a adoração à criatura em lugar do Criador.[1] No entanto, "paganismo" ainda é impreciso, sugerindo a soma de religiões não-relacionadas não-cristãs. É vitalmente importante ver além da diversidade externa e das distinções subliminares da coerência interior do paganismo que é conhecido como MONISMO.

A revolução da contracultura dos anos 60 popularizou na cristandade ocidental a espiritualidade do Oriente. Viagens espirituais pelo uso de drogas e a meditação oriental revelam a revolução real: o monismo pagão oriental penetrou o mundo "teísta" judeu-cristão.

As palavras com "ismo" assustam a maioria dos leitores, mas nós devemos entender a palavra monismo. "Mono" significa "um". Em um monopólio, uma companhia domina o mercado. O Monismo, como uma filosofia de vida, procura dominar a igreja em nossos dias. Seus tentáculos, alguns seculares e alguns liberais / "cristãos", rodeiam uma Sião adormecida. Eles têm se desenvolvido na maioria dos movimentos, declarando trazer a paz e a prosperidade para um planeta renovado. O símbolo do monismo é um círculo: seu objetivo é circundar o globo.

Os cinco seguintes elementos sumarizam o monismo em sua expressão contemporânea[2]. É essencial examiná-los para entender o que está acontecendo em nossa sociedade:

1. Tudo é um e um é tudo:

Essa é a essência do monismo. O universo é uma massa de energia indiferenciada e relativa. Deus não está *fora* do universo; Deus *é* o universo. A distinção do Cristianismo entre criatura e criador é erradicada. O grande "O" do monismo, é um círculo – tudo, incluindo Deus, está dentro do círculo. Não se pode conter um fazedor de relógios dentro de seus relógios, mas isso é o que o monismo faz com Deus. O símbolo antigo do círculo reapareceu – na bruxaria (cuja cerimônia começa com o "lançamento de um grande círculo"), no hinduísmo, na adoração aos deuses – mesmo o símbolo do *Parlamento das Religiões do Mundo* era um círculo.[3]

Este círculo, a noção de tudo em um, destaca a física taoísta da Nova Era, a "profunda ecologia", a adoração da Mãe Terra e, acima de tudo, o uso de um imaginário feminino para Deus. *Restoring the Goddess to Judaism and Christianity* [Desenvolvendo a Deusa para o judaísmo e para o Cristianismo] é o título de uma recente publicação politicamente correta; trata-se de uma tentativa de reintroduzir o paganismo na fé bíblica. A "mãe" é nada menos do que a Mãe Terra feiticeira:

> Ela [está] (...) em todo lugar e engloba tudo: (...) Ela é tudo e todos e seu oposto (...) Ela mostra-me que não há desunidade entre algo e seu oposto. Uma totalidade inclui todos os aspectos. Divisões lineares e dualistas não existem.[4]

Suspenda o discurso. É impossível "devolver" o paganismo à Bíblia, pois ele nunca esteve lá. Mas o paganismo vestido com as emotivas e sedutoras cores da tolerância e dos direitos humanos,

gradualmente muda as percepções sobre Deus. O sucesso disso declararia o fim do Cristianismo, porque o recurso maior do novo evangelho é o paganismo.

No filme *Star Wars [Guerra nas Estrelas],* Obi-Wan Kenobi, o guerreiro Jedi, se explica ao jovem Luke Skywalker numa prosa monista digna de qualquer sacerdote ou sacerdotisa antiga ou moderna:

> A Força é um campo de energia criado por todos os seres vivos: nos rodeia, nos penetra, é o que mantém a galáxia unida (...) é poderosa e controla tudo.

Quando Luke se entrega a suas intuições, ele é capaz, em harmonia com a Força, de pilotar uma nave de complexidade inimaginável e bombardear exatamente o quartel-general do Império Maligno. Cético? O monismo promete resultados impressionantes aos seus adeptos.

2. A humanidade é um:

Se tudo é um, a humanidade é uma expressão da unicidade divina. Os humanos são energia cósmica solidificada que criam suas próprias realidades. Acreditar que a humanidade é divina e, assim, essencialmente boa, ajuda a explicar a busca crescente por uma descoberta espiritual pessoal, em detrimento da doutrina e da verdade[5]. O misticismo substituiu a verdadeira espiritualidade.[6] Companhias no Ocidente, vendo o valor comercial de tal otimismo, estão usando essas idéias para produzir melhores vendedores. A Avenida Madison e os gurus poderiam ser uma aliança impossível de romper, uma aliança profana alimentando a máquina do que é politicamente correto. Como uma expressão da divindade, cada indivíduo é uma fonte da verdade. A tolerância e a relatividade são os resultados necessários, já que a verdade de cada um é diferente. Essa ideologia monista define os programas de "clarificação dos valores" nas escolas públicas; não há certo ou errado. As crianças devem expressar sua sexualidade de acordo com suas intuições, não confinadas por considerações morais, mas protegidas por camisinhas. O indivíduo é o juiz final, e a intuição é o caminho de cada um, para a liberdade humana e para a harmonia com "a Força".

3. As Religiões são um:

Nessa grande expansão de energia, divindade e verdade, nenhuma religião afirma a verdade exclusiva. Como o Cristianismo ortodoxo comete esse pecado imperdoável, ele é o obstáculo principal para a harmonia religiosa e social do planeta. As religiões devem se misturar num sincretismo global unificado. Uma religião mundial *homogeneizada* não é politicamente correta, mas não é realmente necessário ser. Logo abaixo da superfície da diversidade religiosa das religiões do mundo, na verdade, os vários credos são intercambiáveis, e as experiências espirituais estão em comunhão com a mesma realidade oculta.

O "*Parlamento" das Religiões do Mundo* (Chicago, 1993) foi um acontecimento pré-programado da espiritualidade monística. Os conferencistas descobririam por trás de suas diferenças exteriores uma experiência humana compartilhada do divino dentro de cada um. O sincretismo monista será a inspiração para muitos outros ajuntamentos e programas planejados para os anos à frente, especialmente o Parlamento do ano 2000.[7]

4. Um problema:

Se tudo é uma só coisa, o grande problema é a ramificação da realidade em campos opostos: fazer distinções entre bem e mal, certo e errado, verdade e erro, Deus e Satanás, humano e animal, macho e fêmea, homossexual e heterossexual, pagão e cristão, heresia e ortodoxia, razão e irracionalidade. Os monistas argumentam que tais distinções, típicas da cultura cristã ocidental, levou os seres humanos uma a amnésia espiritual e metafísica na qual eles não estão mais cientes de pertencer ao todo.[8] O mal não é uma rebelião moral trágica contra o Criador transcendente. É somente um mero esquecimento. O círculo monista deve ser inquebrável ou o a magia será. Uma experiência mística com o todo é essencial.

5. Um só modo de fuga:

O entendimento espiritual pela intuição e pela meditação é o único modo de salvação. Tal visão vem por meio de uma experiência mística não racional de ver a si mesmo como o centro de um círculo que não tem limites.[9] Do centro de seu próprio universo sem limites o eu reina necessariamente supremo! A experiência é produzida no rápido caminho das drogas ou, no caminho mais seguro, por meio

da meditação (hindu). Praticada da maneira certa, tal meditação capacita a mente/alma a se desconectar das limitações do corpo. Na experiência deste conhecimento (gnose) do eu como conectado ao todo e assim divino, ocorre a mudança libertadora de paradigmas por meio do qual a redenção do ego e do planeta se torna possível. A experiência, ainda que contrária aos desígnios do Criador, e, portanto, totalmente nociva, mesmo assim produz um profundo senso de libertação, uma falsa "redenção virtual". No triunfo da mente sobre a matéria, quando a mente se esvazia do pensamento, os seres humanos "entendem" sua divindade. Não é necessário dizer que a salvação mediante o do sacrifício redentor de Cristo não tem lugar aqui. Cada um é o salvador de si mesmo.

Esse monismo oriental com uma característica ocidental contradiz diretamente o teísmo cristão e a civilização que ele produziu. Não há um campo neutro.

MONISMO E TEÍSMO: UM CONFRONTO DE VISÕES

Qualquer um com um conhecimento mesmo que superficial do Cristianismo sente que esses cinco pontos da religião monista são radicalmente contrários ao Cristianismo ortodoxo (teísmo). Conquanto use termos como Deus e o divino, esta nova espiritualidade é uma forma de ateísmo porque nega o verdadeiro Deus que criou os céus e a terra. Os teólogos cristãos ortodoxos não são os únicos a entender a natureza de vida ou morte do conflito. Líderes da nova espiritualidade também estão cientes disso. Ainda que a tolerância seja a virtude suprema, uma posição teológica não é tolerada.

O *Parlamento das Religiões do Mundo* de 1993 não programou uma discussão racional a respeito dessas duas opções teológicas. Recusou-se a reconhecer o conflito: tal reconhecimento somente atrasaria o avivamento sincretista-monista mundial. Ecos fracos do debate foram banalizados em exercícios de "resolução de conflitos" por grupos de profissionais "facilitadores de diálogo". O teísmo histórico estava ausente, invocado somente como fonte dos problemas do planeta.[10]

Em suas pretensões globais, esse parlamento da paz representa uma visão totalitária da liberdade religiosa mais intolerante do que a do fundamentalismo. A recusa ao reconhecimento da legitimidade

do teísmo sistematicamente caracteriza os ajuntamentos liberais internacionais e as suas conexões. Em Chicago, pediram aos teístas e outros de fora que saíssem sempre que acontecesse um exercício *prático* da espiritualidade pagã. O inclusivismo foi estendido aos cristãos ortodoxos somente quandorepresentados por um coral de negros, convidado para cantar cânticos gospel que ninguém entendeu.

Os teístas são *não-pessoas* ou hereges. Os oponentes não usam a palavra "teísmo". Eles se apóiam na carregada palavra "fundamentalismo". Um representante muito reconhecido da nova espiritualidade, Deepak Chopra, descreve o tempo presente como um período de "umas das maiores turbulências no mundo". Sua frase seguinte contém a previsível fuga: "Tem havido um ressurgimento do fundamentalismo religioso, da violência, do terrorismo, da intolerância racial, do etnocentrismo e do preconceito". Ele ainda acrescenta: "Eu nem mesmo tento convencer os fundamentalistas".[11] Os teístas são incluídos com os extremistas violentos e com os racistas, e são intitulados como racialmente intolerantes sem escrúpulos, impossíveis de se convencer. Nesta última afirmação, Chopra está inconscientemente correto: os monistas e os teístas sempre terminam em um empate porque suas posições são mutuamente exclusivas. Na retórica presente, no entanto, somente os teístas são os culpados.

A Brecha da Confusão

O confronto de visões tem sido chamado "guerra cultural", mas a guerra vai muito mais fundo do que as preferências culturais. O confronto atual de visões irreconciliáveis, de monismo e teísmo, cria uma confusão total e uma animosidade profunda. Quem sabe o que o futuro nos reserva? Pode-se somente imaginar que tipo de furacões espirituais está se escondendo em nossas fronteiras culturais. Interessantemente, James Davidson Hunter, que escreveu o famoso livro *Culture Wars* [Guerras da Cultura], recentemente publicou outro livro cujo título diz muito: *Before the Shooting Begins* [Antes que o tiroteio comece].[12] Sinais de confusãos cultural e uma confusão enfraquecedora são tão presentes em todo lugar e tão óbvias quanto os arcos dourados do McDonald's nas cidades dos Estados Unidos. Martin Marty, respeitado comentarista das tendências religiosas no Ocidente escreveu em 1981:

> muitos observadores prevêem que o século 21, muito longe de ser meramente secular, pode ser hiper-religioso (...).Organizações humanas poderosas podem não mais seguir as linhas das nações, mas idéias gerais das religiões até que grandes tribos, bem armadas, colidirão[13].

Uma mistura Presidencial

> Assim como muitos *baby-boomers*, Clinton e Gore combinam aspectos tanto do Cristianismo tradicional quando da mais moderna espiritualidade.
>
> -Michael D'Antonio, *L.A. Times*, 29 de novembro de 1992.

A confusão mais significante e perigosa é religiosa em natureza: a mistura do "Cristianismo tradicional" e a "espiritualidade moderna". A combinação, como um *pizza* especial com todos os recheios, é dinamite. A *pizza* queima o céu da sua boca, mas a combinação religiosa elimina o teto da civilização ocidental. Muito da América, seja democrática ou republicana, esquerda ou direita, está agora nas mãos dos ideólogos da esquerda religiosa que pratica o que D'Antonio chama de a "mais moderna espiritualidade".

A confusão reina - Tempestades no Horizonte: alguns problemas notáveis

Qual a condição do tempo neste clima religioso? Fácil – cem por cento de chance de confusão. Jesus saudou os fariseus como meteorologistas entendidos, porém incapazes de ler os sinais teológicos de seu tempo. Em nosso dia, a confusão espiritual e a esquizofrenia moral reinam. Que tal um curso medicinal em leitura dos sinais dos tempos?

▶ Cinco Evangelhos:

Um dos primeiros resultados tangíveis da recente escola da esquerda,[14] *The Five Gospels* [Os Cinco Evangelhos][15] coloca o evangelho gnóstico de Tomás junto com os quatro evangelhos do cânon histórico da igreja. O monismo e o teísmo são oferecidos juntos, criando uma confusão na livraria. Uma *nova Bíblia*, politicamente correta, e neo gnóstica pode aparecer, e criar confusão nas igrejas.

▶ Jesus tem um irmão gêmeo:

Ao lado de Jesus, o filho de Deus, anda um Jesus humano e monístico parecido com Buda, Gandhi e outros líderes espirituais; um profeta habitado pela "consciência de Cristo", que não crê que ele veio para morrer pelos pecados do mundo. Um *novo Cristo* é pregado dentro e fora da igreja.

▶ O Deus interior exige igualdade de oportunidade na Igreja:

Lazari, um guru popular da Nova Era, fala de "Deus, Deusa, O Tudo que é".[16] Levando o pensamento *pro-escolha* aos portões dos céus, uma *nova teologia* politicamente correta circunda todos os extremos, do "deus" do Cristianismo teísta, à "deusa" do paganismo antigo, e mesmo ao impessoal sem face "tudo que é" das religiões orientais. Uma fé debilitada ressucita como *sincretista* radical re-imagina o Deus bíblico como uma deidade pagã e oferece leite e mel a Sofia (Sabedoria) em uma "Santa Ceia da Senhora".

▶ Celebrações Dominicais:

Em direção oposta, as *novas igrejas pagãs* (Unida, Unificação e Ciência Religiosa)[17] oferecem celebrações dominicais conduzidas por "reverendos" (homens e mulheres), escolas dominicais, berçários, ministério de jovens e grupos de adolescentes, reuniões de oração, cânticos congregacionais e músicas especiais de artistas atrativos que certamente ganhariam prêmios da Nova Era, se houvesse um. Em uma nova forma, essas "igrejas" encenam "rituais da Páscoa", que incluem cultos na "sexta-feira santa e no "domingo de Páscoa", corais cantando *Aleluia* de Handel e meditações sobre o "Cristo místico". Tudo é muito perfeito, exceto que não há pecado, nem evangelho, nem cruz, nem um período para a ressurreição, nem um Cristo da Escritura, nem o Deus da Bíblia – e, portanto, não há redenção.

▶ Suplementos Espirituais:

Os cristãos ortodoxos suplementam a Bíblia e a oração com visualizações, meditação, yoga, I Ching (adivinhação pagã chinesa), cartas de Tarô e canalização da Nova Era. A Primeira Igreja Congregacional do Centro Oeste oferece um seminário para o crescimento espiritual intitulado "Olhos Sagrados", dirigido por Robert Keck, um "especialista" na "viagem transformadora" da sinergia do espírito e da mente. Uma *nova espiritualidade* combina

uma piedade teística com uma meditação monista. A Escritura é somente uma entre várias opções.

▶ Um tempo igual para o igualitarismo:

Confusão de papéis, crise de identidade sexual, o divórcio e a divisão da família são uma epidemia social.[18] Em 1992, o cirurgião-geral declarou que a sodomia é uma prática perigosa; em 1993 o mesmo cirurgião geral falou sobre "sexo homossexual saudável"[19]; homossexuais "saudáveis" procuram o direito de ordenação na igreja, e o "heterossexismo" (a crença que a sexualidade macho e fêmea é requerida por Deus) é denunciada por teólogos cristãos como um grave pecado. Um seminário episcopal permite que casais homossexuais morem nas casas do câmpus, incluindo a professora de Novo Testamento e sua amante, mas não permite casais heterossexuais amasiados. Um clérigo discordante diz: "A inabilidade de nossa igreja em tratar da questão (de ética sexual) claramente (...) leva a muita confusão entre os leigos".[20] Quem não está confuso? Uma *nova sexualidade* tenta englobar tudo, mas pode perder tanto o corpo quanto a alma.

▶ Aborto: Assassinato ou Saúde Pública:

Abortos e partos são executados no mesmo hospital pelos mesmos médicos, às vezes em bebês da mesma idade.[21] Decisões legais recentes fazem com que a morte de um feto por arma de fogo ou faca em mulheres grávidas seja um crime, mas faz exceções para os procedimentos de aborto.[22] Nuances legais dificilmente significam boas-novas para uma criança não-nascida. Um outro exemplo de "novo discurso" legal: em minha pequenina cidade de Escondido, na Califórnia, uma mãe solteira de 22 anos, Tiffany Nicole Sandeffer, pegou quinze anos de prisão por matar seu bebê e jogar o corpo em uma lata de lixo.[23] Quando os médicos fazem o mesmo, é chamado de "cuidado com a saúde". Mas o resultado é mais um bebê morto na lata do lixo.

▶ Contravenção ou Crime?

Empregados de uma clínica de aborto fazem greve querendo aumento de salários – é uma contravenção. Cidadãos fazem greve para resgatarem bebês da morte – crime federal com fiança de até US$250.000 e prisão de seis meses a três anos (com a nova lei de liberdade de acesso a clínicas).

Alguém não está confuso? Visões contraditórias da realidade são unidas em nome da tolerância; do implacável progresso do processo democrático; da liberdade de escolha. Mas, assim como óleo e água, eles não podem se misturar. A tentativa de mistura cria um mundo confuso, deslocando o Cristianismo como a pedra fundamental da moral e da verdade. A tolerância, o "novo discurso" inclusivo não agrada a todos. A mídia fala da "visceral oposição (...) sem precedentes em tom e intensidade". Pessoas simples sentem que, por trás da confusão retórica, elas estão perdendo algo de muita importância.[24]

Beije o Caos: Uma virada positiva na "confusão"

Para alguns, a confusão é parte do plano. O Dr. Peter Russell (entendido em Meditação Transcendental e consultor para o "desenvolvimento do processo de aprendizado e criatividade" de corporações multinacionais como IBM, Shell, BP, Banco de Barclay, D.E.C.) é um canalizador da nova Era. Falando por intermédio dele, as entidades espirituais revelam o futuro imediato da terra:

> Há um novo padrão vibracional descendo sobre seu planeta (...). Estão oferecendo uma oportunidade de entrar em uma nova realidade (...). Logo será a única realidade vista (...). Dois mundos de consciência começarão a se formar cada vez mais distintamente: o mundo do Amor e da Vida, e o mundo do medo e da morte. Ainda haverá algum resquício desses mundos por muitos anos futuros, alguns indo e voltando para certos indivíduos, mas com a chegada do fim do século, a polarização continuará a se intensificar. O momento do nascimento será também o momento do Julgamento Final, o momento da separação final.[25]

Isso é um emocionante vinho para os líderes das corporações globais sedentos por significado. A família de Charles Manson, justificando os assassinatos em massa de Sharon Tate, escreveram com o sangue de suas vitimas na porta da geladeira "Helter-Skelter", um termo tomado de uma das músicas dos Beatles, que descreve a destruição social que precederia a nova era de paz e amor.[26] Marilyn Ferguson vê a "confusão" como um sinal positivo. Que as famílias estão se dividindo, que a educação está em

desordem, que muitos, especialmente os jovens, são importunados pela identidade sexual – estas são todas boas coisas, pois *a destruição deve preceder a reconstrução revolucionária.*

O mundo não está se desintegrando. Está se *reconstituindo.* Ferguson apela para a ciência moderna que declara que "grandes perturbações fazem com que sistemas vivos se desintegrem, então caem novamente numa ordem mais elegante". Isso é usado para apoiar as declarações dos proponentes espirituais da confusão social que no final os experimentos conduzirão a um mundo melhor, ainda que ninguém saiba com certeza para onde as coisas estão indo.[27] Assim, o Festival de Toda a Terra na Universidade da Califórnia, Davis, em maio de 1996 adotou o tema: *Beije o caos.*

Poucos entendem que o verdadeiro jogo é uma guerra religiosa entre a verdade e a falsidade, com profundas conseqüências para a sobrevivência espiritual e moral do planeta. A realidade tem sido redefinida: o "mundo de Amor e Vida" é a nova religião monista. O "mundo do medo e da morte" é o teísmo cristão. Como poucas pessoas estão cientes do conflito, o programa segue em frente sem qualquer oposição, é ensinado aos líderes de negócios do mundo, aos militares e às crianças na escola ajudado pelas ressonantes palavras que mexem com todo mundo – liberdade, justiça, direitos democráticos e diversidade.

As mesmas velhas alternativas de sempre: O Cristianismo e o paganismo

A justaposição de mundos contrários não é "o negócio de sempre". Nós vivemos numa era muito incomum. Oposição a mudanças recentes na sociedade ocidental não é uma idealização sentimental do ano passado, ou o medo da mudança.[28] Nós não enfrentamos diferenças entre minissaias e saias longas, gravatas largas ou estreitas. A nossa é uma escolha de civilização. Isso é claramente disfarçado pela retórica política. "Quando nossas lembranças excedem nossos sonhos", disse o Presidente Clinton na assembleía da Universidade da Califórnia, em Los Angeles em 1994, "nós começamos a envelhecer, e é o destino da América ser jovem para sempre".[29] O monismo é tão antigo quanto as montanhas, e uma "América jovem" significa ingenuamente acertar o relógio para trás milhões de anos. O monismo e o teísmo sempre foram os únicos

meios de se relacionar com Deus e com o mundo e, assim, as únicas duas bases de qualquer civilização humana. Não é uma questão de retornar ao mundo positivo dos anos 50. A questão é optar por uma sociedade pagã ou por uma sociedade cristã.

Nossa sociedade luta no começo de uma nova era, caracterizada por uma mistura incomum de visões fundamentalmente antagônicas a respeito do mundo e de Deus. Na confusão das visões de mundo, o monismo e o teísmo se engajam numa batalha de morte. Qual posição emergirá vitoriosa para afetar o futuro das próximas gerações? Ainda que a vitória final pertença ao Criador, a igreja não recebeu a promessa de vitória sobre todas as batalhas. O professor Wilken da Universidade da Virgínia recentemente comentou, com grande sabedoria:

> A ferocidade do atual ataque do legado da cultura cristã (...) tem trazido uma nova claridade de visão. As alternativas são colocadas diante de nós com uma dureza incomum: ou haverá uma renovação genuína da cultura cristã ou nós seremos cobertos pelas trevas do paganismo no qual a adoração do Deus verdadeiro é abandonada e esquecida. As fontes da crise cultural são teológicas.[30]

A oposição "está na cara", como indica um adesivo no pára-choque de um caminhão – "Jesus é um porco". Pelo menos tal antagonismo aberto identifica o inimigo. Quando as idéias pagãs são disfarçadas com valores cristãos, o ataque é mais insidioso e mais mortal, pois é difícil ver que a luva de veludo esconde um punho de ferro. O monismo terrocêntrico moveu-se para perto do teísmo cristão transcendente.

Será esta a maior de todas as ameaças para a Igreja cristã?

Será que o cristão comum sabe o que está acontecendo em nossa aparente sociedade civilizada? A ideologia pagã, às vezes de natureza mais radical e anti cristã, é ensinada nos departamentos de religião da universidade, seminários teológicos, principais agências eclesiásticas, redes feministas e congressos de bruxas por todo o território. Adota o nome de Cristianismo, mas deixará nosso mundo irreconhecível. Os eventos políticos que começaram em

1992 são conseqüência de uma revolução ideológica promovida desde os anos 60 em nossas instituições de ensino,[31] nas salas de nossas casas e nos "centros de entretenimento montados em casa",[32] e em nossas escolas via engenheiros sociais da NEA e da Paternidade Planejada.[33]

Se você duvida do sucesso desta revolução, observe as seguintes estatísticas: em 1994, 71 e um por cento dos americanos e quarenta por cento daqueles que se nomeiam "evangélicos" não acreditavam mais em uma verdade absoluta.[34] Desde os anos 60, a consciência tem mudado.

A hora atual é crucial. "A igreja enfrenta uma crise de identidade nunca vista anteriormente desde o século 2°(...). Nós estamos de volta ao Monte Carmelo".[35] A ameaça tem implicações monumentais para os crentes e especialmente para seus filhos. O que a igreja está fazendo para preparar nossas crianças para sobreviver ao pesadelo aquariano?

Escrevendo em 1973 sobre a revolução da contracultura dos anos 60, Os Guinness observou que: "A tendência oriental veio numa hora em que o Cristianismo está fraco justamente naqueles pontos onde necessitaria estar forte para se levantar contra o Oriente. Sem esta força, as religiões orientais serão para o cristianismo um novo gnosticismo perigoso".[36] Essa profecia criteriosa tem-se tornado uma triste realidade.

Capítulo 3

LIBERALISMO CRISTÃO: CRISE E CONVERSÃO

No politeísmo, o pensamento livre do homem (...) tem um protótipo (...) o poder de criar a si mesmo.

- Nietzsche[1]

O Liberalismo Teológico em Crise

A "Esquerda Religiosa" emergiu como uma fênix das cinzas do liberalismo. Os antigos liberais estão cansados.[2] Eles estão cansados da ortodoxia explorada pelos "televangelistas" nas rádios e na televisão para engrandecimento de seus impérios pessoais. Eles estão cansados da suspeita da ortodoxia de tendências emocionais na sociedade. Mas eles também estão cansados do antigo liberalismo crítico, tão preocupado com soluções "científicas" para o sobrenatural da Bíblia. Assim como o marxismo político, o liberalismo na igreja deu poucas respostas às necessidades[3] espirituais e não produziu um evangelho capaz de ir ao encontro das expectativas globais de um planeta unificado.[4] O liberalismo precisa de um novo contrato de vida.

O Declínio das Denominações Principais

Por trinta anos, as noticias, assim como o clima inglês, não têm sido muito boas. Estudos sociológicos dos metodistas, presbiterianos, congregacionais e episcopais pronunciam tristeza e destruição. Após um período de crescimento nos anos 50, as denominações principais começaram a encolher no final dos anos 60. O desenvolvimento do liberalismo dos seminários teológicos se espalhou para as igrejas. Um estudo de 1993 observa que, em 1990, a perda de membros havia alcançado proporções assustadoras – entre um quinto e um terço[5] – e as três denominações mais liberais foram as que mais declinaram.[6] As igrejas principais diminuíram o número de empregados[7] e mudaram seus escritórios centrais para endereços menos pomposos.

Uma pesquisa recente entre os *baby-boomers* que eram membros de igrejas nos anos 70 mostra que 75 por cento deixaram a igreja aos 21 anos de idade, sendo que metade deles nunca voltou. Sessenta e oito por cento daqueles que voltaram (pais de meia-idade que tradicionalmente exercem poder na igreja) não crêem que uma pessoa pode ser salva somente por meio de Jesus Cristo.[8] A ortodoxia de seus filhos será ainda menos robusta.

Aqueles que abandonaram a igreja se consideram religiosos, mas sentem que a igreja lhes ofereceu conjecturas, não compromisso; uma agenda social de "paz e justiça", mas sem poder espiritual. A igreja "perdeu a vontade ou a habilidade de ensinar a fé cristã (...) de tal maneira a exigir (...) fidelidade",[9] assim também perdendo a batalha ao competir com os sistemas seculares ou religiosos não-cristãos.

O estudo termina com uma observação depressiva. "Talvez alguns que agora não vêem uma mudança cultural, um dia trarão milhões de *baby-boomers* desviados de volta para as igrejas. *Mas nada do que descobrimos sugere que isso acontecerá* [ênfase minha]". Será que a espiritualidade liberal da Nova Era é grande demais para ser vista?[10]

Ceticismo Radical

Os liberais são os mais radicais críticos do modernismo liberal. A confiança no poder da razão humana para resolver problemas humanos evaporou em um século infame por sua desumanidade sangüinária. O colapso do humanismo secular forçou uma repulsão das quatro leis espirituais: o evolucionismo biológico (que tem mais

furos do que um queijo suíço e a camada de ozônio combinados); o existencialismo (que produziu o nazismo e o genocídio de Pol Pot dos cambojanos entre outras coisas); o freudianismo (que produziu mais doenças mentais do que curou); e o marxismo (um fracasso econômico e social embaraçoso que sobrevive somente, moribundo, na China e em Cuba).

Aquecidos sob a ética e a política da classe média, os estudiosos radicais empurraram a modernidade para seu extremo lógico. Se a verdade é relativa para as questões mais essenciais do conhecimento religioso, como o liberalismo sustenta, por que não é relativa para todo o conhecimento? Essa posição radical é conhecida como desconstrucionismo pós-moderno.

As explicações da realidade, dizem os desconstrucionistas, não têm conexão com o modo como as coisas realmente são, mas somente servem para justificar o *status quo* daqueles no poder. A verdade não é verdadeira. É poder social. É o que os vencedores usam para escrever a História e estruturar a sociedade. O filósofo francês Michel Foucault procurou justificar sua homossexualidade mostrando que a heterossexualidade não era mais do que uma construção social. Pensadores feministas radicais procuraram minar a civilização ocidental, rotulando-a como uma fraude usada somente para justificar o patriarcado.

A desconstrução significa que aqueles que controlam os órgãos do poder também controlam o que os outros fazem com seus próprios órgãos. Um exemplo grosseiro de um desconstrucionismo prático apareceu recentemente em minha escrivaninha: quando o professor John Paul DeCecco, da Universidade de San Francisco, foi questionado por um jornalista sobre se o sexo anônimo e sem palavras entre dois homens no famoso "tea room trade" (negócios na casa de chá) era anormal, ele replicou: "[Sim] (...) quando você está falando sobre normas sociais (...). Mas quem é o f* que está se importando com isto?" DeCecco é editor do *Jornal da Homossexualidade* e faz parte da equipe editorial de *Paidika: O Jornal da Pedofilia.*[11] A desconstrução da ética bíblica para o planeta progride rapidamente.

Um Novo Dia para a Ortodoxia?

Thomas Oden fez de tudo. Membro da Associação Federalista Unida do Mundo (que prega um governo mundial), foi um ardente

protagonista do movimento ecumênico, do NAACP e do pacifismo. Marxista teórico, ele apoiou o ACLU e a liberação do aborto liberado. Sua busca por significado levou-o para a análise transacional, a terapia Gestalt, a psicanálise, o behaviorismo, e grupos-T. Finalmente, ele interessou-se por parapsicologia, pirâmides, cartas de tarô e astrologia. No final desse ativismo colorido, ele denunciou a intoxicação do modernismo com o "novo". O furor de Oden terminou quando ele espetacularmente retornou à ortodoxia cristã. Seu livro, *After Modernity... What?* [Após a modernidade... o quê?] (1990) responde à sua própria questão. "Agora muitos de nós estão experimentando um desencantamento consumidor com os encantos da modernidade".[12] Oden prediz que a elite intelectual liberal retornará à ortodoxia, mas ele parece ser uma notável exceção em vez de uma marmota anunciando uma primavera ortodoxa.

Conversão

O colapso do humanismo secular não é necessariamente uma boa-nova para a ortodoxia cristã ou para a sociedade em geral.[13] Assim como uma mudança rápida de artista, o liberalismo agora aparece oculto no manto da espiritualidade pagã. O mal-entendimento da doutrina da separação entre Igreja e Estado paralisou o Cristianismo, a religião mais associada com a história e a cultura da América. O apelo por mais religião em praça pública[14] pode favorecer um sincretismo religioso apoiado pelo Estado em vez de um novo dia de liberdade cristã.

Os liberais consideram a filosofia desconstrucionista uma ferramenta útil para destruir a visão cristã ocidental, mas não se deve permitir que a besta retorne ao seu treinador. Pode ser usada para apoiar a liberação sexual e minar os valores judeu-cristãos, ou ser empregada para deslocar as formas clássicas de interpretação bíblica. Mas ninguém pode sobreviver por muito tempo na mesma gaiola com a descrença radical. A brilhante eco feminista Charlene Spretnak diz que você *pode* ter isso nos dois modos:

> Eu concordo com o projeto desconstrutivo pós-moderno que estimula a consciência dos processos pelos quais as conceitualizações são culturalmente construídas [ela está pensando especialmente no patriarcado] (...), mas eu não concordo com o salto que dão para concluir que não há *nada além* da construção cultural na experiência humana.[15]

A desconstrução tem feito seu desserviço. Agora os pagãos reconstruirão!

Um Politeísmo de um Louco: Esquemas para um Futuro Liberado

Alguns leitores lembram-se da teologia da "morte de Deus" dos anos 60. Vinte e cinco anos após o Holocausto, certos estudiosos radicais anunciaram que a humanidade evoluída do século 20 poderia passar sem o Deus da Bíblia. Mas assim como a natureza abomina o vácuo, o ser humano detesta o ateísmo. Assim, alguns desses teólogos se moveram para o passado do politeísmo. O "teólogo" do ateísmo, Friedrich Nietzsche (1844-1900) tornou-se um profeta desta nova era de liberdade humana. Filho de um pastor luterano, Nietzsche acreditava que a verdadeira evolução humana conduziria à criação de um "super-homem" que se livraria do Cristianismo, a fé de seres fracos, e adotaria um código "moral" da total liberdade para indivíduos "fortes" e autônomos. Nietzsche desprezava a humildade cristã, a caridade e o auto-sacrifício, pedindo uma "nova avaliação de valores",[16] isto é, uma mudança de valores morais, fazendo do mal bem e do bem, mal. A melhor forma de teísmo não era *mono*teísmo, mas *poli*teísmo – um deus pessoal para cada um, e um panteão de múltipla escolha para cada estado de mente[17]. Sua influência na noção alemã mais recente do arianismo pagão da "super-raça" é uma questão para debate,[18] mas suas palavras soam com uma misteriosa previsão para nosso próprio tempo de ética *pro-escolha* e pluralismo religioso:

> Para o indivíduo estabelecer seu *próprio* ideal e derivar dele suas leis, seus prazeres e seus direitos ... estava na maravilhosa arte e capacidade para criar Deuses – no politeísmo – esse impulso era permitido para descarregar a si mesmo (...). O monoteísmo (...) a crença em um Deus normal, além do qual há somente falsos e espúrios deuses (...) tem sido talvez o maior de todos os perigos da raça humana no passado.[19]

Embora Nietzsche tenha morrido demente nos braços de sua irmã caduca,[20] um proponente da teologia da morte de Deus (agora uma grande influência na educação superior na América) disse em

1974 sobre a citação acima, que "há um novo futuro brilhante e novo apelo nessas linhas, esperando ainda para ser entendido".[21] O futuro está situado no renascimento do politeísmo, isto é, o renascimento dos deuses e deusas.

O "brilhante, novo futuro" também viria, de acordo com um dos líderes no estudo moderno das religiões, o romeno Mircea Eliade (1907-1986), do encontro contemporâneo do Oriente com o Ocidente. Eliade cria que dessa maneira o "Ocidente chegará a um conhecimento mais profundo e amplo do que significa ser humano", e que isso trará "transformações na consciência humana" para uma "nova consciência global".[22]

Um Novo Dia para o Liberalismo: o Reavivamento do Paganismo

Enquanto teólogos ortodoxos brigavam com Kant, von Harnack e Bultmann na fria frente alemã do racionalismo cético, a oposição se fantasiou de um misticismo irracional, morno e espiritual. O futuro talvez pertença aos "marginais" tais como Nietzsche, Mircea Eliade, Rudolf Otto, C. G. Jung e Joseph Campbell. O fogo na beira da estrada invadiu a rodovia e a ortodoxia enfrenta a ameaça do *politeísmo pagão místico* no seu próprio lado do divisor teístico-ateístico.

As Deusas e Outras Deidades

O adesivo no pára-choque dos carros que dizia "Buzine se você ama a Jesus" foi substituído na Califórnia por "A deusa está de volta: a mágica está em ação". Em 1970, a Conferência de Liderança das Mulheres Religiosas (freiras) da igreja Católica Romana na América pedia "autonomia e auto-realização" em vez de "identidade corporativa e auto-sacrifício".[23] Quem poderia imaginar freiras nietzschenianas autônomas?

Charlene Spretnak intitulou seu livro *States of Grace: The Recovery of Meaning in the Postmodern Age* [Estados da graça: recobrando o significado numa era pós-moderna]. Como uma filósofa feminista desconstrucionista pode falar de "graça" e "recobrar o significado"? Será que estamos próximos de um avivamento religioso? Spretnak afirma recobrar o significado apesar de um contexto intelectual que joga desdém sem misericórdia em tal afirmação. Como? Por meio de uma "mudança de paradigma", que consiste de

> uma reorientação radical que (...) está enraizada na sanidade ecológica (...) uma orientação ecofeminista [que alimenta] (...) a espiritualidade perdida da terra (...) da Mãe Terra e outras manifestações da Deusa (...) o Dharma do budismo, o movimento de renovação dentro do judaísmo (...), a espiritualidade nativo-americana (...) a espiritualidade da Nova Era.[24]

Para aqueles criados na ortodoxia bíblica, isso tudo é verdadeiramente graça maravilhosa. *Significado* deriva de uma espiritualidade da terra neopagã que encontra Deus em seu interior – muito esforço humano e não muita graça. Nesta nova *espiritualidade* os liberais contemporâneos recobram significado.[25] Spretnak toma como exemplo para o mundo moderno o autor grego antigo, Heráclito (séculos 6°-5° a.C.). Em "uma anacrônica explosão do organicismo original", Heráclito reagiu contra os racionalistas de seu tempo, abraçou a espiritualidade do monismo e, pagando "tributo aos antigos modos" da "superstição" grega antiga, colocou uma cópia de seu livro, *On Nature* [Sobre a natureza], no templo da deusa Ártemis em Éfeso.[26] Heráclito, o racionalista, tornou-se Heráclito o adorador da deusa. Liberais do passado não tinham muito tempo para uma espiritualidade. Os novos liberais se converteram ao redescobrirem a religião "tradicional" numa unidade com o Todo.[27] Um bruxa que eu conheci em 1993 tem doutorado em jurisprudência. A graça não é mais um dom divino, mas um potencial "orgânico" humano. Há uma multidão na porta dos templos das deusas pagãs.

Eu ouvi atentamente quando um mestre hindu com longos cabelos pretos e uma túnica amarela deu uma palestra de uma hora, falando errado, com um sotaque que me fez saborear o maravilhoso tempero que eu tinha apreciado no Taj Mahal em Manchester, região indiana na Inglaterra. Um palestrante apresentado no *Parlamento das Religiões do Mundo* (Chicago, 1993), procurou demonstrar "racionalmente" que as doutrinas do Cristianismo eram logicamente não-verificáveis – que não se poderia nunca provar a existência do céu, nem a existência de um Deus transcendente cristão que vive lá. No final da palestra eu perguntei a ele o que era verificável no domínio religioso, e com um típico brilho indiano em seus olhos escuros ele disse, "A experiência espiritual do divino interior". Sobre isso é que o mundo será reconstruído.

A espiritualidade monística oriental ataca os fundamentos de nossa cultura ocidental e, em particular, o discurso racional. Se a fonte

de significado está no divino interior de cada um, a escolha e a opinião são os maiores valores. Assim é que a NEA ensina nossas crianças como ler a História.[28] É assim que nós interpretamos os textos.[29] Escrevendo no *New York Times* de 28 de janeiro de 1994, Michiko Kakutani lamentou o desaparecimento da troca racional e o surgimento da subjetividade. "As antigas noções de 'verdade' e 'conhecimento' estão em perigo de serem substituídas pelas novas de 'opinião', 'percepção' e 'credibilidade'." Tendo absorvido o pensamento desconstrucionista sem entendê-lo, muitos em nossa sociedade moderna rejeitam a visão de mundo e vida judeu-cristã, a verdade objetiva e a revelação. Stanley Fish, da Universidade Duke, um líder do desconstrucionismo, acredita que "desde que todos os princípios são preferências, eles não são nada além de disfarces para o desejo de poder".[30]

Se a verdade, tanto intelectual quanto moral, é meramente um poder bruto para dominar e controlar, então a troca intelectual não é apropriada. Ironicamente, como a verdade é posta de lado em favor da experiência pessoal, o insulto, a acusação e a política certa hierarquicamente imposta florescem. A tradição cristã de dois mil anos, que ofereceu ao nosso país uma fundação de genuína troca dentro da estrutura de submissão mútua com o Criador, é agora desprezada como um novo desejo monoteístico, patriarcal de poder. Seus adeptos são chamados de extremistas, um grupo de loucos que ameaçam o planeta. Nesta atmosfera de tolerância que evita a verdadeira troca intelectual e rejeita a verdade objetiva como extremismo, o espírito do paganismo inclusivista monístico prospera como um bebê numa encubadeira. O novo bebê está crescendo a olhos vistos.

Linha da vida para as Denominações Principais

O liberalismo viverá novamente, não somente porque a ortodoxia não parece fazer uma ameaça particular, mas porque um reavivamento "espiritual" está acontecendo nas camadas liberais. A esperança ainda vive. Os principais estudiosos bíblicos estão entendendo os antigos textos gnósticos heréticos como renovadores. Céticos contemporâneos, afastados da igreja e membros confusos estão obtendo religião de uma fonte similar: a espiritualidade da Nova Era.[31] O ministro da Igreja Presbiteriana Americana, Don Shriver, ao entregar a presidência do Seminário

Union para um unitariano, pôde entender essa infusão de um novo sangue espiritual apropriado. Em um fórum público sobre "A Igreja: De ontem para amanhã" realizada no Centro Interigreja em Nova York em 1993, Shriver sugeriu que um dos modos para manter a "igreja de amanhã viva" seria "desenvolver relacionamentos de parceria" com religiões orientais.[32] Se isso é presbiterianismo, João Calvino era budista!

"Uma inesperada mudança cultural" está de fato abalando as estruturas da igreja. Já em 1980, Carl A. Raschke, professor de Estudos Religiosos da Universidade de Denver, viu indícios reveladores. Em seu livro profético, *The Interruption of Eternity: Modern Gnosticism and The Origins of The New Religious Conciousness* [A interrupção da eternidade: o gnosticismo moderno e as origens da nova consciência religiosa], ele afirmou que os ocidentais estão se tornando gnósticos. Ele destaca as igrejas principais que estão ganhando novamente espiritualidade pelo reavivamento do gnosticismo sem o retorno à ortodoxia cristã.[33] Este é o negócio. Uma *religião* dos tempos antigos sem *a teologia e a moral dos tempos antigos.*

A "Nova Era" vai para a Igreja

Lynn Willeford, editora colaboradora do *New Age Journal* voltou . Ela foi criada em uma "destacada Igreja Congregacional ao redor da cidade (...) onde ninguém parecia se conectar (...) [onde] nós falávamos com Deus e o ministro falava conosco (...), mas era cuidadoso para nunca pedir muito de nós".[34] Em um longo artigo no *New Age Journal,* Willeford reconta como ela retornou à igreja após trinta anos fora dela, como redescobriu o "Cristianismo em uma igreja Metodista Unida da linha da 'liberdade e justiça'". "Às vezes", diz ela, "parece que meu peito foi cheio com uma luz dourada." Nenhuma vez sequer Jesus Cristo como Salvador é mencionado como a fonte de sua nova espiritualidade. Os seguintes comentários mostram o quanto sua experiência se desvia do Cristianismo ortodoxo:

> Um amigo que segue algumas práticas orientais diz que eu estou iluminando o chakra (ponto de energia) do coração. Eu acho que estou entrando na Fonte, mas seja qual for o nome, eu estou feliz por estar de volta.

Enquanto isto, o *New Age Journal* também planeja voltar – no meio "cristão" comum, acrescentando uma nova aparência na forma do Cristianismo para sua mistura de técnicas espirituais recomendadas. Uma capa recente retrata uma mulher nua cuja parte inferior do corpo é sobreposta a de um lobo. O título diz: "A mulher selvagem". Como pode tal revista endossar também o Cristianismo?[35] Ou os editores se converteram, ou a versão de cristianismo deles não é aquela que a maioria das pessoas conhece.

A Espiritualidade da Nova Era Reaviva o Calvinismo Moribundo

Algum tempo atrás, um casal holandês passou a noite em nossa casa. Em um passeio com um coral cristão da Holanda, eles vigorosamente cantaram hinos antigos com uma convicção contagiosa. Tomando chocolate quente, após o concerto, Rudi nos contou a história deles. Sendo membros da Igreja Reformada Liberal Holandesa, ele e sua esposa tinham sido incendiados por um evangelho social e causas radicais. Seus filhos haviam deixado a fé há muito tempo, algo que quase fizeram também, mas faltou coragem. Mas sua fé tinha reavivado recentemente. A igreja Reformada local deles os apresentou a um grupo de estudos, *A Course in Miracles* [Um curso em milagres], uma falsificação popular do Cristianismo feita pela Nova Era. Rudi radiava enquanto falava. "Desde que comecei a fazer o curso", ele disse, "eu estou como que andando nas nuvens."

As nuvens estão se tornando mais pesadas, e casos como esse sugerem uma tendência significativa na igreja tradicional.[36] Graças à infiltração da Nova Era, o liberalismo do evangelho social está conseguindo uma dimensão que há muito tempo perdera – *espiritualidade*. *Baby-boomers* famintos deixaram a Igreja em busca de uma espiritualidade potente oferecida pelas drogas e pelas religiões orientais. A espiritualidade da Nova Era está agora cristianizada, dentro das denominações principais.

Vinho Novo para Odres Velhos: Uma mensagem de Esperança dos Sociólogos, Videntes e Guias Espirituais

Confirmados pelas seguintes fontes diversas, os casos acima devem ser levados com muita seriedade:

▶ O Sociólogo:

W. C. Roof, professor de Sociologia da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, leva a discussão para além das anedotas e dos palpites. Seus estudos revelam uma "nova espiritualidade", ligada a uma nova consciência social, que transforma e molda novamente aquelas igrejas progressivas "abertas a esta nova visão espiritual". Ele prediz a formação de redes e a *redescoberta* da comunidade. Em sua palavra final, Roof descreve o "ser mais interior" dos *hippies* como fuldamentalmente religioso. "A religião", ele argumenta, "nunca foi o problema, somente formas sociais de religião que reprimem o espírito humano".[37] Aparentemente, uma forma particularmente repressora era a fé cristã ortodoxa (teísmo), cujo desaparecimento aparentemente não incomodaria Roof, ainda que ele seja protestante.

▶ O Vidente:

A análise do sociólogo relembra as reflexões de Marilyn Ferguson, propagadora da Nova Era de *A Course in miracles,* de Helen Shucman. Certa de que é uma cristã verdadeira, ela escreve:

> Minha definição de Cristianismo se expandiu através dos anos. Depois que me envolvi com a meditação, por exemplo, experimentei *a visão de Cristo* mais vividamente do que nunca havia antes experimentado em sermões e dogmas. Você se surpreenderia, eu acho, ao saber o quanto o Movimento da Nova Era centraliza-se na Consciência de Cristo. Muitas igrejas cristãs estão vendo que uma experiência espiritual direta oferece uma revitalização para o Cristianismo moderno.[38]

A sua descrição do que está acontecendo em muitas "igrejas cristãs" não é frívola; os espíritos estão trabalhando.

▶ O Espírito Guia:

Ken Carey, autor de *Starseed: The Third Millenium: Living in Posthistoric World* [Semente estrelar: o terceiro milênio: vivendo no mundo pós-histórico] (1991), faz uma afirmação semelhante.[39] Na verdade, "autor" não é a palavra certa para ele. Como observado antes, Ken Carey é um "canal" para um "ser espiritual nos campos eternos da luz", que, junto com outras "entidades", ditava mensagens a respeito das origens da humanidade e do futuro. Quando o ser

espiritual o possuía, Carey sentia que estava "experimentando uma consciência radicalmente diferente de qualquer outra que ele jamais encontrara antes", como se algo enorme estivesse olhando através de seus olhos. Os seres espirituais revelam que Satanás não é mal, que a verdade "não pode levar a absolutos (...) [exceto, é claro, essa afirmação absoluta que eles ou ele está fazendo sobre a verdade!] pois o mundo já viu dogmatismo demais",[40] e que a essência da Queda não é o pecado, mas a dúvida interior a respeito da divindade própria de cada um.[41] O que as entidades espirituais revelam sobre religião é muito instrutivo, encaixando-se perfeitamente com a proposta teológica contemporânea. A transformação planetária vindoura incluirá várias igrejas, grandes e pequenas, e assim exortam os espíritos:

> Associem-se somente com congregações cuja atmosfera encorajem o amor, cuja atmosfera ajude a dissolver o senso de separação entre as pessoas, e entre as pessoas e seu Deus, congregações cujos membros recebem bem todos sem julgamento, reconhecendo o espírito eterno de cada um (...).

Um "novo batismo (...) esclarece o entendimento humano nas águas vivas da verdade". Para recebê-lo "você deve abrir mão de tudo que sabe e que crê [incluindo] as ilusões de seus sistemas cognitivos [isto é, racionais] conectados à História".[42]

Igrejas apropriadas são aquelas que têm rejeitado a ética bíblica, os mandamentos das Escrituras para a santidade e a doutrina cristã da redenção na encarnação no tempo e no espaço do Filho eterno. Isso é muito claro nas polêmicas dos espíritos contra "muitas denominações (...) inteiramente orientadas por conceitos, instituições dogmáticas". Elas advertem os crentes verdadeiros e espirituais para evitar fecharem-se numa "estrutura de seu próprio entendimento", e "começar a confiar na verdade que eu tenho criado em você, a verdade que você mesmo é". Assim como o apelo dos teólogos liberais modernos para experimentar a largura da verdade teológica em todas as religiões, os espíritos guias encorajam os crentes a "apreciar a rica diversidade de múltiplas expressões da verdade".[43]

Essa religião é feita para *baby-boomers* aquarianos, totalmente imersos na autodescoberta e na auto-expressão. Quando sociólogos, videntes e guias espirituais concordam, nós podemos suspeitar que algo de grande importância para a sociedade está em ação. Quando os presbiterianos são afetados, você *sabe* que algo está em ação.

Espiritualidade da Nova Era: Uma avaliação Otimista para os Presbiterianos

Os presbiterianos vêm da tradição séria da piedade escocesa equilibrada e da política inglesa de Cromwell. Mas até os presbiterianos estão recebendo o "espírito". Em 1993, Duncan Ferguson, Diretor da Comissão de Educação Superior da Igreja Presbiteriana Americana, organizou um livro, *New Age Spirituality: An Assessment* [A espiritualidade da nova era: uma avaliação].[44] Feito para orientar os presbiterianos na avaliação desse fenômeno religioso, o livro não contém nenhuma avaliação teológica importante a partir da posição Presbiteriana tradicional.[45] É somente uma confirmação otimista da crença e prática da Nova Era. Um dos colaboradores é David Spangler, uma figura importante nos círculos da Nova Era, que chocou muitos cristãos com sua descrição da vinda de Cristo como uma "iniciação luciférica".[46] Em sua contribuição, ele endossa a redefinição de Deus feita pela Nova Era. Colaboradores moderados descrevem a Nova Era como uma oportunidade para uma renovação cristã.[47]

Duncan Ferguson, o organizador presbiteriano, dá o capítulo final de exortação para Matthew Fox. Isso equivale a pedir a uma raposa para dar uma palestra para galinhas sobre os grandes valores espirituais da vida fora do galinheiro! Matthew Fox, recentemente excomungado de sua ordem dominicana (uma grande surpresa na era de tolerância em que vivemos) colabora com Miriam Starhawk, bruxa pagã feminista, Lusah Teish, sacerdotisa vodu de Yoruba e com o Senador Tom Hayden, violento revolucionário dos anos 60, em seu Instituto sobre Cultura e Espiritualidade da Criação em Holy Names College, Oakland, na Califórnia. Lá ele ensina um Cristianismo sincretista, panteísta e paganizado no extremo oposto de todos os padrões e confissões presbiterianas. Não é necessário dizer que Fox, embora envergonhada e politicamente distanciando-se de certas expressões frívolas da exótica Nova Era,[48] apela aos crentes a verem a espiritualidade da Nova Era como "um importante movimento para a transformação profunda (...) [de] nossas espécies (...) [uma parte do] trabalho do Espírito nos chamando para um novo Pentecostes".[49]

Embora apresentado numa linguagem piedosa e semicristã, a espiritualidade das espécies transformadas de Fox – a promiscuidade pan sexual aliada com a autorização dos rituais animistas da natureza

– é tudo o que a Bíblia denuncia como paganismo. Esta é a nova tarifa espiritual agora oferecida aos presbiterianos, que certamente não quererão ser pegos comendo a comida tóxica da ortodoxia de ontem.

Tratando a Doença Mortal da Ortodoxia cristã

Assim como o louco "*Übermensch*" (super-homem) de Nietzsche promoveu a abolição do Cristianismo e seus valores morais, agora Matthew Fox dispensa a ortodoxia cristã como uma doença mental. Embora mais sutil do que Nietzsche, Fox é tão radical quanto ele. Nietzsche só conhecia uma forma de Cristianismo – a ortodoxia. Fox identifica duas. Uma "pessimista, machista e dualista", que enfatiza o *pecado original.* A outra, que é "holística e cosmológica e inclui a sabedoria das mulheres", enfatiza as bênçãos originais e afirma a criação e a esperança total. Para o tipo pessimista, Fox não hesita em usar a palavra "fundamentalismo".[50] Desse Cristianismo, que é um inimigo da vida neste planeta, necessita-se de "cura".[51] A imprensa secular já rotulou os cristãos ortodoxos como fanáticos que vivem à beira da loucura. Mas aprendemos de um teólogo cristão que o Cristianismo bíblico é uma doença mortal! Os desastres ecológicos, a competitividade econômica e o academicismo, e as normas de repressão sexual do "heteropatriarcado"[52] são agora apresentados como um fruto podre do cansado fundamentalismo cristão. O Cristianismo, argumenta Fox, terá que mudar radicalmente ou, por meio das novas teorias de interpretação, dizer exatamente o oposto do que afirma.[53] De acordo com Fox, se não houver mudança, o Cristianismo não sobreviverá ao terceiro milênio. Um novo paradigma religioso é necessário para resolver os problemas do planeta e para criar uma nova era de libertação humana. Mais uma vez o futuro do progresso humano vem em socorro.[54]

A espiritualidade e a escatologia da Nova Era fascinam a mente liberal: uma utopia global de seres humanos libertos em uma comunidade planetária, pulsando aos ritmos da Terra – uma forte droga para aqueles envolvidos com um choque do futuro. Esta sedução brilha em Smart e Konstantine, que, em 1991, reafirmam o compromisso libertador da inovação teológica. Em seu livro, *Christian Systematic Theology in a World-Context* [Teologia sistemática cristã em um contexto mundial], os autores afirmam: "A noção do divino como de alguma forma repousando no futuro expressa um tema vital no pensamento e no sentimento judaico e cristão. É como se o futuro nos atraísse para frente, nos puxando com seu

magnetismo santo”.[55] Esta é a essência da recente descoberta do significado religioso. O brilhante físico Stephen Hawking também é estimulado por uma visão religiosa. Procurando descobrir porque nós e o universo existimos, ele diz: “Se encontrássemos a resposta para isso, seria o triunfo final da razão humana – pois então nós conheceríamos a mente de Deus”.[56]

Nos dias vindouros, o inimigo da fé verdadeira não será mais o ceticismo descrente do liberalismo racionalista e do materialismo ateísta. É com deslumbrantes promessas do liberalismo utópico e sua nova aparência espiritual que a Igreja contenderá, e as quais nós agora devemos analisar em mais detalhes. No próximo capítulo nós perguntamos: “Para onde está indo o liberalismo reavivado?”

Capítulo 4

LIBERALISMO CRISTÃO: APÓS A CONVERSÃO, UMA MISSÃO

Pós-cristão (ed. de 1975) – adj. : ocorre após o abandono definitivo do Cristianismo em todas as suas formas religiosas e seculares e simultaneamente com a entrada em um Novo Tempo-Espaço.

- Mary Daly[1]

O Novo Liberalismo: Cristianismo Pagão para o Terceiro Milênio

Rachaduras na Civilização Ocidental

A América nunca esteve tão dividida. Mudanças na sociedade sugerem que a cultura está implodindo. Mesmo durante a Guerra Civil Americana, os generais confederados e unionistas e os soldados rasos participavam da mesma oração e dos mesmos grupos de estudos bíblicos. Eles diferiam quanto a lealdade regionais ou em relação à posição sobre a escravatura, mas não sobre a visão de mundo. Mesmo aqueles que nunca haviam lido a Bíblia provavelmente tinham inveja daqueles que a tinham lido. "Guerras Culturais"[2] pode ser uma descrição apropriada daquele tempo, mas não do nosso tempo. Os conflitos de hoje estão mais perto das *guerras religiosas – uma guerra de dois mundos.*[3] Imagine solucionar os

problemas sociais com o estudo da Bíblia em uma cultura na qual a Bíblia foi banida do reconhecimento e do discurso público.

Os seguidores da Nova Era falam do "interlúdio cristão".[4] Para eles, a civilização ocidental dominada pelos valores cristãos será ultrapassada no terceiro milênio por um mundo religioso neopagão da Era de Aquário.[5] A recente descristianização do Ocidente permite esta leitura da História. A espiritualidade da Nova Era não é uma moda dos esquisitos da "costa oeste". É a exótica ponta de um *iceberg* religioso – a religião sincretista do novo liberalismo – cujo progresso assustador pode remodelar a vida neste planeta. A música, a medicina, os negócios, a política, a sexualidade, a ecologia e a psicologia; todas as áreas da existência são afetadas por essa ideologia utópica.

Sorvete Cor-de-Rosa

Essa nova ideologia não está confinada à torre de marfim ou às fileiras da igreja. O corpo de médicos do militarismo americano promove técnicas de cura "espiritual" com pouca oposição, enquanto as companhias listadas na revista *Fortune 500* empregam mestres da Nova Era para motivar seus vendedores. Recentemente, recebi uma propaganda oferecendo uma nova companhia de telefone, uma operadora que oferece meio litro de sorvete Ben e Jerry, tarifas competitivas e uma rede de ativistas liberais. O serviço inclui "Alerta de Ação" sobre assuntos sociais liberais e "cartas de cidadão" pré-escritas para serem enviadas a líderes de corporações e líderes políticos. A proposta inclui chamadas telefônicas grátis para políticos todas as segundas-feiras. Na diretoria estão Pamela J. Maraldo, da organização da Paternidade Programada, Marian Wright Edelman (amiga de Hillary Clinton) do Fundo de Defesa das Crianças, David Brower do Instituto da Ilha Terrestre, Ben Cohen da Ben e Jerry Alimentos,[6] Tim Smith do Centro Interfé para Responsabilidade Corporativa e Peri Jude Radecic, diretor-executivo da Força Tarefa Gay e Lésbica Nacional. O que a propaganda não diz é que o Radecic é também um defensor e praticante do "sadomasoquismo"(S&M) violento e "fetichista do couro" em fantasias sexuais homossexuais[7] (o leitor deve estar curioso sobre o que a defesa das crianças e o sexo lesbiano violento têm em comum). No entanto, o programa e a orientação radical dos bens de trabalho têm o endosso de Ralph Nader e Gloria Steinem.

Desde 1993, a ideologia por trás de tais mudanças continua sua consolidação social e política e normalização enquanto numerosos radicais tomam posições[8] administrativas importantes no país mais poderoso do mundo. Como o exemplo acima mostra, as conexões liberais se diversificaram além do serviço público e da academia para se infiltrar não somente no governo, mas nos corredores dos poderes corporativos e comerciais.[9] A encantadora declaração – "A conta telefônica econômica e que ainda ajuda a mudar o mundo" – deve ser tomada com muita seriedade. A "esquerda religiosa" significa negócios quando propõe negócios com significado.[10]

Essa espiritualidade da "Nova Era" não é um culto. Cultos permanecem marginais. As visões de mundo e da vida transformam tudo. Faculdades cristãs e seminários tendem a discutir a Nova Era como o último capítulo em um curso sobre "cultos". Mas numa perspectiva própria, a Nova Era não é um culto. Nem é uma heresia, que enfatiza um aspecto da verdade excluindo todas as outras. O liberalismo da Nova Era é *apostasia*. "Apo-stasis" significa literalmente "colocar-se longe de". O novo liberalismo se coloca longe do Cristianismo bíblico e da visão judeu-cristã, talvez ainda mais do que o antigo liberalismo. Essa apostasia não é uma modificação do Cristianismo, mas sua destruição. O confuso espírito do liberalismo da "Nova Era" toma forma ante nossos olhos, reconhecido como a antítese do Cristianismo bíblico. A igreja adormecida deve acordar e se defender. O seu inimigo está ocupado,caracterizando-a como não-existente.

Eclesiologia Aquariana: Uma Igreja de Sincretismo Religioso

> Embora os caminhos para o cume possam diferir, do topo da montanha todos vêem a mesma lua.[11]

Esse provérbio japonês expressa de forma bela o plano da maior parte do liberalismo teológico contemporâneo. O liberalismo clássico negou as afirmações da verdade da ortodoxia cristã. O liberalismo de hoje simplesmente relativiza o Cristianismo como uma opção religiosa entre muitas, de maneira que pode participar da unificação do planeta e da religião, fazendo com que o ser humano progrida em sua caminhada evolucionária.

De acordo com o teólogo "cristão" Knitter, professor de Teologia na Universidade Xavier, em Cincinnati, este estágio da evolução religiosa está sobre nós.

> As religiões do mundo estão evoluindo da *microfase* da história religiosa na qual as diversas tradições cresceram e se consolidaram em relativo isolamento uma da outra. A tendência hoje é para uma *macrofase* na qual cada religião é capaz de crescer e entender a si mesma somente por meio do inter-relacionamento com outras religiões.[12]

O "Cristianismo" vai em frente, conduzindo o mundo ao Terceiro Milênio, movendo-se da "Era do Monólogo", através da "Era do Diálogo", que é sua essência, para a "Era da Inter-Relação" e da assimilação sincrética. De acordo com Knitter, somente um Cristianismo aberto "dialógico" sobreviverá, e assim determinará a forma de todas as religiões do mundo.[13]

O recente livro, *Christian Systematic Theology in a World-Context* [Teologia sistemática cristã em um contexto mundial], de Nina Smart e Steven Konstantine, deve ser lido tendo-se em mente esse contexto. Na sessão intitulada "Em direção a uma Teologia de Mundo", a afirmação de propósitos deles é uma jóia de convergência sincretista:[14]

> (...) nossa apresentação de uma *darsana* é mais do que a apresentação de uma construção intelectual. É a apresentação de um *Tao*, uma forma de *bhakti* e *jnana* ou "conhecimento", uma vida coberta no *li* sacramental, um estímulo ao *dhyana* e ao *karuna*, e o convite para evitar esquivar-se, e para ser chamado pelo poder do *avatara*.[15]

Isso pode ser um liberalismo aquariano. Não é o que uma capa produzida por uma editora luterana, a Fortress Press, queria que acreditássemos ser, como disseram, um novo "entendimento do Cristianismo".

Comunhão Sincretista em Chicago

Knitter estava em Chicago para o *Parlamento das Religiões do Mundo* – com 6.000 delegados, 250 líderes religiosos e 120 religiões e seitas – ajudando a promover a unidade por meio da comunhão espiritual. Não foi um parlamento. Parlamentos são corpos representativos para

debates, para propor idéias contraditórias e competitivas, e para votar. Mas ali não. Não foi representativo, pois o Cristianismo histórico estava ausente. O evento de Chicago foi um festival religioso, um acontecimento de conscientização da espiritualidade pagã comum. Delegados foram obrigados a *praticar* a unidade – em sincretísticas "celebrações interfé" que o apóstolo Paulo sem dúvida teria chamado de "comunhão com os demônios". Cantando "Firmes nas promessas", eu de repente parei. As promessas de Jesus tinham sido desacreditadas. A multidão agora cantava as inesquecíveis letras, "Ó que comunhão, ó que divina alegria, eu posso sentir a comunhão por todo lado...". Falando sobre a situação do tempo em Chicago, ou sobre as duras cadeiras no corredor cavernoso, as pessoas ao meu redor eram amigáveis, mas o que as unia era uma convergência sincretista. Monges budistas cantavam, a sumo sacerdotisa de Vênus deu uma ponderada bênção pagã. Delegados dançavam nos corredores ao ritmo dos tambores xamã dos índios americanos. Chicago demonstrou que cristãos liberais, hindus, budistas, adoradores de Isis e bruxas do Pacto das Deusas de fato têm experiências espirituais terrenas. Amizade humana tinha se tornado a comunhão da espiritualidade pagã e humanística.

Visão Religiosa Global

O sincretismo evidente em Chicago é refletido nos textos da nova visão liberal. É parte da teoria. Huston Smith, um entendido em religiões do mundo (cuja influência sobre o novo Jesus do *Seminário de Jesus* será examinada no capítulo 6), em seu último livro, *Forgotten Truth* [Verdade esquecida] (1994) mostra "como as grandes tradições religiosas do mundo convergem (...). Percebe-se uma unidade impressionante sublinhando as diferenças externas (...). É como se uma geometria invisível tivesse sido trabalhada em todo lugar para moldá-la numa única verdade".[16] Essa é uma afirmação significativa de um sincretista, pois apóia a afirmação bíblica que há somente duas possibilidades de religião: idolatria pagã ou a adoração ao Deus vivo. Tertuliano (160-225) poderia ter estado em Chicago, em vez de se referir ao espírito exclusionista "ecumênico" do gnosticismo. Quão modernos soam seus comentários:

> Eles mantêm harmonia (eclesiástica) com todos, sem distinção. De fato, a harmonia existe entre eles embora tenham diferenças doutrinárias enquanto travam uma batalha comum contra uma só coisa, a verdade (ortodoxia).[17]

Seguindo essa lógica, o "teólogo criacionista" Matthew Fox argumenta que a renovação da igreja deve incluir a eliminação da ortodoxia e a incorporação de práticas místicas das principais religiões, principalmente a adoração do espírito e os rituais de iniciação da religião nativo-americana – ei, o que poderia ser mais americano?[18] Ele não somente convoca para um diálogo, mas para um "profundo ecumenismo", uma união mística / espiritual.[19] Isso inclui suadouros, danças noturnas, rituais da lua, danças comunitárias, a dança do sol, cerimônias do cachimbo e a busca de visões da religião dos nativos americanos. De acordo com Fox, os "cristãos" deveriam, portanto, procurar uma "solidariedade mística" com todas as religiões do mundo.[20] Não é de se espantar que a teologia "cristã" de Fox receba um sinal de positivo por parte de uma bruxa pagã. Caitlín Matthews, sacerdotisa da Irmandade de Ísis, a deusa egípcia da bruxaria, encontra na "espiritualidade da criação" de Fox uma expressão perfeitamente válida de seu própria prática pagã.[21]

A teóloga Katherine Zappone aceita todos os tipos de experiências de poder, desde a teologia da libertação até a bruxaria. "Em buscas com outras feministas", (que estavam muito evidentes no *Parlamento Sincretista das Religiões do Mundo*), ela observa, "eu entendi que as histórias sagradas das religiões das deusas afetam a minha imaginação de maneiras que a história de Jesus nunca o fará".[22] Mais poder para Zappone. Que pena para Jesus!

A TEOLOGIA DA NOVA ERA

Teólogos radicais e burocratas do Concílio Mundial de Igrejas não monopolizam mais a espiritualidade sincretista. A "Nova Era na Teologia cristã" é agora "um consenso emergente (...) entre um crescente número de teólogos dentro de cada grande ramificação da igreja cristã".[23] Um dos principais teólogos protestantes, Jürgen Moltmann, e sua esposa, Elizabeth Moltmann-Wendel, em dois artigos recentes no jornal do Seminário Teológico de Princeton, *Teology Today,* esclarecem a visão cristã deles. Para Elizabeth Moltmann, nós estamos "numa estrada aberta" para uma sociedade pós-patriarcal e justa de uma "nova sexualidade e uma existência erótica".[24] Para Jürgen Moltmann, uma alemão luterano fleumático liberal, estonteado pelos vôos imaginários de sua esposa liberada, a questão é se nós, como cristãos, estamos preparados para uma

"comunidade inter-religiosa".[25] Ele explica: "Dentre nossas religiões, emergirá uma 'religião da terra' que nos ensinará a espiritualidade da terra". De acordo com Moltmann, esta religião inter-religiosa da terra "salvará a terra".[26] Como teólogo cristão, ele esqueceu de perguntar se, no processo, o ser humano perderia sua própria alma.

O Seminário de Princeton "dos pensadores" concorda com a definição de salvação de Moltmann. Os estudiosos de lá estão estudando "a conexão dos assuntos atuais com a fé e para discernirem mais uma vez a amplitude total da obra de Deus no mundo".[27] Tradução: "fé" é a fé de todas as religiões e não a fé cristã; o "escopo da obra de Deus" é o movimento sincretista nas religiões do mundo.

É difícil pensar em "eclesiologia" nesse aspecto tão amplo. A fé cristã sempre identificou a igreja de Cristo como um corpo distinto de crentes – crentes numa específica verdade revelada, personificada em Jesus Cristo, que viveu e morreu historicamente para pôr um fim ao pecado. Naturalmente, a eclesiologia monista recusa tais contenções. Este "Cristianismo" sincretista suave amarra seu futuro aos movimentos similares das religiões do mundo assim como aos movimentos políticos e sociais tais como o *Pico da Terra*,[28] e as agências dentro das Nações Unidas. O politeísmo planetário controla a imaginação daqueles comprometidos com uma comunidade pacifista global. A curto prazo, a tentação é irresistível, seu sucesso virtualmente assegurado.

Estes radicais "populares" não são intelectuais fracos e elitistas ou religiosos medrosos da costa oeste, marginais à sociedade. Eles são pensadores sérios com poderosos apoiadores. Eles estão sonhando, mas também planejando um novo futuro. Se suas fantasias se tornarem o futuro, os cristãos se encontrarão no meio de um pesadelo.

ESCATOLOGIA AQUARIANA: UMA REVOLUÇÃO PLANETÁRIA

A escatologia do liberalismo da Nova Era é otimista. Matthew Fox anuncia a "Vinda do Cristo Cósmico". Mas não se engane. Este não é *Jesus* Cristo.[29] Este é o princípio espiritual, uma "alma superior"

que une todas as religiões. O subtítulo é revelador: "A Cura da Mãe Terra e o Nascimento da Renascença Global". Em outras palavras, a ecologia nos conduz a esta nova religião de união com todas as criaturas.

A idéias do renascimento da humanidade em uma Nova Era de progresso utópico aparece em muitos lugares. Um teólogo presbiteriano liberal procura responder ao desafio deste histórico momento com um livro, *Towards a New Age in Christian Theology* [Em direção a uma nova era na teologia cristã].[30] O que esta "Nova Era" significa é explicado mais tarde. A obra redentora de Jesus inclui reencarnação![31] Esta é realmente uma Nova Era para os presbiterianos! Assim também para os metodistas. Um teólogo da Igreja Metodista Unida da Universidade Emory em Atlanta oferece uma "corajosa hipótese" – que nós estamos experimentando uma "mudança de paradigma na consciência cultural" que resolverá os problemas em nossos padrões atuais de vida.[32]

A irmã Madonna Kolbenschlag, freira católico-romana e famosa palestrante nas conferências feministas "cristãs" descreve "um processo evolucionário que está movendo a humanidade, e o 'Deus-que-será,' em direção a uma transformação em uma 'Nova Fé.'" Na "Terceira Era do Espírito" a igreja degenerará sob a iluminação direta de "uma Presença Espiritual criativa que vem de dentro (...) assim como do além".[33] Um outro pensador radical diz: "Um novo Deus está nascendo nos corações, para nos ensinar o nível dos céus e exaltar a terra e criar um novo mundo".[34] Ao mesmo tempo, o "antigo" Deus, Criador do céu e da terra, degenera sob este furioso ataque da escatologia pagã, e é jogado fora como um lenço de papel usado.

O futuro de acordo com os gurus da Nova Era

Esta escatologia "cristã" modificada está mais perto de uma utopia da Nova Era do que de uma visão que as Escrituras têm do futuro. Teólogos liberais prontamente negam qualquer conexão com Shirley MacLaine ou outro guru rico-de-uma-hora-para-outra. Mas paralelos ideológicos estão tão perto que a diferença é somente no estilo e no vocabulário. Os seguintes exemplos de como os seguidores radicais da Nova Era vêem o futuro deveriam satisfazer.

Marilyn Ferguson, famosa autora da Nova Era do *best-seller The Aquarian Conspiracy* [A conspiração aquariana], ao declarar que o pensamento da maioria se tornou Nova Era, aponta a popularidade

das noções tais como a espaçonave Terra, Gaia, a tribo planetária, parceria, comunidade e holismo. Esses conceitos amplamente difundidos, diz ela, "têm potencial para moldar uma civilização planetária".[35]

Chris Griscom, ex-guru de Shirley Maclaine, numa prosa literária que equivale à franzina música Nova Era, descreve a transformação religiosa e espiritual vindoura com um otimismo desnorteador. Ele exorta seus seguidores:

> Vamos harmonizar nossas freqüências (...) para imitar as fórmulas pulsantes do êxtase. Esta freqüência, com seu potencial ilimitado, pode criar uma mutação evolucionária de nossos corpos físico, emocional e mental, de maneira que nós nos tornemos corpos de luz extática da consciência.[36]

Nova esperança no poder da evolução espiritual humana dirige muitos para projetos planetários. Deixe-se levar pelo fluxo da História, diz uma publicação da Nova Era:

> Funcionando em um contexto de amor, confiança e segurança, pequenos grupos de pessoas ao redor do mundo juntam-se uns com os outros para a melhoria de todos. Finalmente, um campo suficiente e unificado é construído, que "lança" o sistema inteiro para um novo nível de consciência (...). Quando nós tivermos co-criado os céus na terra, nós viveremos no momento, ouviremos com nosso coração, e respeitaremos e apreciaremos a diversidade de todas as culturas.[37]

A expectativa de uma criação humana do céu na terra une teólogos liberais e seguidores da Nova Era. Ao predizer o futuro das guerras, Ben Bova, um escritor da revista *Omni*, acredita que após o mais sangüinário século da História [o século 20], "as pessoas do mundo estão se dirigindo para uma Nova Era, embora vagarosamente, na qual (...) 'nação não levantará espada contra nação, nem conhecerão mais sobre guerra.'"[38] Enquanto se entende o profundo desejo por uma paz cósmica que é encontrada no coração humano, não se deve falhar em ver o excesso de segurança de tal programa utópico. A visão bíblica é muito diferente. Assim como sangue e carne não criaram o céu original e nem a terra, assim também o sangue e a carne não podem herdar o reino de Deus e criar os novos céus e a nova terra. Ambas as criações são obra de Deus.

Antes de morrer, em 1987, o filósofo místico Joseph Campbell foi questionado por um comentarista de televisão, Bill Moyers, se ele ainda cria no que escrevera anteriormente, que "nós estamos neste momento participando de uma das maiores viradas do espírito humano para um conhecimento não somente da natureza externa, mas também de nosso profundo mistério interior". A sua resposta foi: "Mais do que nunca".[39] A resposta de Campbell não é fruto de análise erudita de um professor respeitado e um comentarista público sério de televisão. É uma profecia religiosa.

A questão é: quem inspirou o profeta Campbell, e será que sua profecia é falsa? Tal profecia parece mais apropriada se vir dos canalizadores da Nova Era. Veja Lazaris, cujos seminários de fins de semana custam trezentos dólares por pessoa. Lazaris revela que nos anos 90 nós veremos o fim da História – no sentido que os seres humanos não mais se referirão às tradições e precedentes do passado. Antes, os sonhos dos homens e as fantasias a respeito do futuro determinarão seu presente.

Isso é o sonho americano indo por água abaixo. A última fronteira ocidental se torna a imaginação, e há tantos otimistas influentes, de olhos arregalados prontos para acreditar nisso, que a simples idéia já se torna perigosa. Se o futuro pertence à fantasia, então talvez a fantasia de Hitler de um *Reich* de mil anos não era uma má idéia, afinal. No entanto, mesmo com o "fim da História", se você se sentar em um telhado e se declarar um pássaro, quando eles pegarem você lá embaixo na calçada todo quebrado, não o levarão para um veterinário!

O seguidor da Nova Era, John White, na introdução do Concilio dos Diretores de Cooperação Internacional de 1979 disse:

> Há um avanço evolucionário acontecendo no mundo hoje enquanto uma nova e mais alta forma de humanidade controla o planeta...*homo noeticus* [o novo ser humano racional-espiritual][40] é o nome que eu dou à forma emergente de humanidade.[41]

Julgando pelo sucesso (!) do *homo novo* (novo homem) da super-raça ariana ou do marxismo leninista, por que o *homo noeticus* deveria experimentar qualquer melhoria? Tal ceticismo subestima o mecanismo mítico da evolução. A evolução mecanicista-biológica, ainda que perpetuada em milhares de visitantes distraídos em nossos museus, perdeu o fundamento científico. Mas uma evolução mítico-

espiritual oferece vitalidade para os restos secos da ciência evolucionária. "Nós estamos experimentando agora aquele incrível momento quando nosso novo significado, nossa nova história está tomando forma", declaram os cientistas monistas místicos ocupadíssimos em reescrever a História. Eles pedem um "novo misticismo" que coloque a religião e a ciência juntas em um entendimento da terra como um todo unificado. O cosmos, argumentam eles, não foi criado no passado por um Deus fora da criação, mas é um organismo auto-sustentável, sempre se recriando em direção a novos níveis de totalidade e integração.[42] Uma religião como esta pode subjugar até os corações de pedra de ateístas marxistas soviéticos do passado. A evolução espiritual final do ser humano dependerá de uma renovação e unificação das instituições religiosas do mundo.

O Futuro da "Igreja" Global Sincretista

Os gurus trazem a igreja à pauta. Já em 1981 o médium John Randolf Price previu a chegada de uma nova espiritualidade.

> O Grande Acordar está acontecendo. As cidades e vilas por toda a América dificilmente passam uma semana sem um simpósio, um seminário ou palestras sobre cura espiritual, percepção extra-sensorial (...) vida na Nova Era, o poder interior, imaginação criativa, a dinâmica do pensamento positivo, o controle da mente, treinamento de consciência, percepção de senso superior, a arte da meditação, novas dimensões da consciência, medicina holística, ioga (...). Isso não é um acaso. De acordo com uma Alma Avançada, "por meio do trabalho silencioso dos mestres, homens e mulheres por todo o mundo estão começando a entender intuitivamente a Verdade. Há uma vibração, chame-a de Vibração Mestra, que está fluindo através da consciência do ser humano, voltando cada pessoa em direção à Luz interior, e é só uma questão de tempo antes do amanhecer".[43]

Em seu influente livro escrito no começo deste século, *Discipliship in the New Age* [Discipulado na Nova Era], Alice Bailey, considerada uma das líderes "fundadoras" da Nova Era, escreveu sobre o começo de um esforço experimental feito pela "Hierarquia" [os Mestres Elevados do mundo do espírito] para mobilizar "Centros de Luz". Ela escreveu o seguinte para seus alunos:

> Se for bem-sucedido e se o momento espiritual organizado por todos vocês é adequado ao esforço empenhado, e se vocês puderem levar avante com persistência (...) pode ser possível levar um estágio experimental a um fim: a hierarquia pode então reconhecer (como eficazmente estabelecida sobre a terra) certos *pontos focais de energia que podem constituir centros magnéticos ou pontos combinados para a nova religião,* a nova medicina, a nova psicologia e a educação e as novas políticas [ênfases acrescentadas].[44]

Mantenha em mente que estas palavras foram publicadas pela primeira vez após o fim da Segunda Guerra Mundial!

A entidade espiritual que fala por intermédio do médium Ken Carey não teve problemas em conseguir um contrato com a editora Harper Collins. O público agora sabe os detalhes do futuro próximo:

> À medida que você se reorienta em direção ao novo modo de ser no mundo, você será atraído para centros onde a atmosfera de vibração é mais condutiva para um estado saudável de função. Esses centros representarão os pontos focais ao redor dos quais os órgãos do Ser Planetário se formarão. Eles serão, em um sentido, ilhas do futuro em um mar do passado. Dentro do seu campo vibracional, a Nova Era aflorará e se espalhará organicamente para cobrir a Terra. Estes [centros] serão as primeiras conquistas das forças que se aproximam, os pontos de entrada pelos quais as energias curativas de transformação serão canalizadas. Todos estes centros funcionarão juntos para preparar espécies humanas para um avivamento coletivo (...).Muitos destes lugares existem hoje. Muitos mais aparecerão durante as décadas restantes deste período de transição. Quando a próxima geração alcançar a maturidade [por volta do ano 2000], haverá uma cadeia de ilhas espalhadas pelo globo.[45]

Avanços tecnológicos estupendos produziram um planeta pequeno e interconectado. Nossa geração foi a primeira a ver uma imagem em movimento ao vivo e colorida do planeta terra. Jim Irwin, um dos primeiros astronautas a andar na lua, descreve a perspectiva que ele teve, ao ver a terra do espaço:

> Da lua, a terra é como uma bola de gude, a mais linda bola de gude que se pode imaginar. A terra é estranhamente adorável

> (...). Eu sei que outros não terão a oportunidade de visitar a lua (...). Eu fui em lugar de todos (...). Foi um esforço humano, e toda a humanidade pode se orgulhar que um outro ser humano fez um viagem à lua e retornou à terra.[46]

Uma Perspectiva Global

Com essa imagem gravada em nosso subconsciente, tem-se tornado óbvio que nossos problemas – a conexão das economias do mundo, a proliferação nuclear e os desastres ambientais que não respeitam fronteiras – exigem soluções globais. Com essa nova consciência "planetarizada" as condições nunca foram mais favoráveis para uma ideologia (monismo) que afirma a inter-relação de todas as coisas. O círculo planetário se encaixa no místico círculo monista como uma luva em uma mão.

Precavenha-se contra as mãos enluvadas que controlam o planeta. Nosso planeta pode ser muito pequeno para os monistas e teístas. Por causa de nosso lugar singular na História do planeta, líderes na política, nos negócios, acadêmicos, das comunicações e a hierarquia liberal em muitas igrejas podem considerar irresistível a tentação dessa ideologia monística total. Nós nos lembramos das palavras de Marilyn Ferguson: "À medida que a consciência muda, o mundo muda". Se nosso mundo mudou radicalmente na última geração, não é meramente porque Hollywood injetou sua agenda em cada sala do planeta. Hollywood em si mesma é um produto da nova consciência que domina a nossa cultura. A "Esquerda Religiosa" do liberalismo revivido tem suas mãos em muitas das alavancas de controle social e seus olhos no mundo.

Nós vemos isso acontecendo, mas será que podemos parar o processo? Muitos são pegos no movimento, intrigados por um ou outro aspecto do programa, mas perdem a perspectiva dos astronautas espirituais. Veremos a "terra completa", tão bela, nas mãos de seu Criador? Ou veremos uma "nova terra", escurecida num espaço monista? Podemos caminhar longe o suficiente de nossa cultura para ver a coerência desses vários movimentos religiosos e sociais, e assim retornar com algumas respostas à pergunta, "Para onde estamos indo?" Nós teremos que retroceder na História até os primeiros séculos da igreja, mas as informações obtidas fazem com a viagem valha a pena.

Capítulo 5

AS PROFUNDAS RAÍZES DA NOVA ESPIRITUALIDADE

Alguns anos atrás, enquanto caminhavam pelas selvagens Florestas da Jornada da Alma, certos exploradores tropeçaram no extravagante e dúbio Gnóstico. Embora eles considerassem a sua descoberta como sendo a aurora da Nova Era, a pesquisa logo revelou que se tratava meramente de um macaco de origem antiga.

- Wildlife in the kingdom come.[1]

Liberalismo: o introdutor do Vírus Pagão no Corpo dalgreja

Por que a ortodoxia cristã deveria se preocupar com o liberalismo "cristão?" Tal preocupação sempre foi objeto de um debate árduo entre os teólogos, enquanto a verdadeira religião prossegue convertendo o mundo?

Bem, o liberalismo influenciou a "religião". Passada está a reinterpretação liberal do Evangelho em termos do envolvimento social ou teoria marxista. O novo liberalismo descobriu uma *espiritualidade* que salvará o planeta e atingirá os objetivos de uma humanidade ambiciosa. A visão liberal de uma cultura igualitária inclusiva do futuro – "A América como deveria ser!" – concebe um novo mundo onde as distinções entre os sexos, entre o certo e errado, entre o verdadeiro e o falso são apagadas, onde Satanás é somente a invenção de um fundamentalismo de olhos esbugalhados, onde a

tolerância para com todos - menos para o Cristianismo ortodoxo - como o bem supremo. Não se trata de mera teoria. Os novos liberais ensinam noso filhos nas escolas e nas universidades, influenciam a mídia ao declarar falar em nome da Igreja e visando aos melhores interesses do planeta tomam posições de liderança política em nosso próprio país *religioso*. E agora têm poder espiritual para apoiá-los.

O liberalismo teológico, louvável por sua tentativa de expressar a fé numa linguagem que os contemporâneos entendem, falha em última instancia porque abandona a essência da fé, e ao fazê-lo introduz o vírus mortal do paganismo. Através da História, o liberalismo rejeitou a ortodoxia sem ousar deixar o familiar calor da Igreja-Mãe. Cortados da fonte de vida da crença cristã, os liberais constroem uma visão intelectual do Cristianismo que tem alguma semelhança com o original. Tal fé, adotada pelo cristão comum no banco da igreja, produz um fruto murcho. Assim como o marxismo sem alma criou tanto a fome material quanto a espiritual entre o povo russo, assim o liberalismo tem falhado em alimentar os cristãos. Os seres humanos, incluindo os liberais, necessitam de uma realidade espiritual. Os liberais de hoje encontram sua espiritualidade não na ortodoxia, mas no paganismo renovado. Mas "não há nada novo debaixo do sol". Os liberais modernos somente imitam seus primos perdidos no passado, os gnósticos. Para obter entendimento do caos da religião atual, nós precisamos da perspectiva da História.

O Liberalismo Cristão e o Gnosticismo Antigo: Primos perdidos

Exatamente quando os estudiosos radicais estavam encontrando nos textos gnósticos uma expressão válida do Cristianismo original, nosso mundo é levado em uma "nova era" de espiritualidade. A reabilitação liberal desses textos apóia a tese de que a "nova espiritualidade" adotada pelo liberalismo "cristão" é uma heresia gnóstica com uma nova vestimenta. Em algum sentido profundo, o gnosticismo foi a mais antiga expressão do liberalismo "cristão", embora os liberais evitem tais paralelos.[2] A descoberta dos textos gnósticos em 1945 produziu um dramático interesse pelo gnosticismo, que conduziu a um reconhecimento do paralelo entre

o gnosticismo e os tempos modernos.[3] "Apesar da vasta diferença cultural entre o protestantismo da América do Norte e o gnosticismo antigo", diz Phillip Lee, "o paralelo entre os dois...não pode mais ser ignorado".[4]

Uma curta explanação do gnosticismo

Os cristãos deveriam ler a história da igreja, ao menos a história do gnosticismo, pois ela tem uma mensagem totalmente moderna. Assim como nossa cultura oferece uma escolha entre um liberalismo cristão ou secular, assim também o século 2° permitiu ambos, o Cristianismo secular e o Cristianismo cristão. Um longo e complexo desenvolvimento das mega tendências religiosas, políticas e sociais do mundo mediterrâneo pré-cristão moldou o gnosticismo antigo. Essa espiritualidade pagã começou quando o Oriente encontrou o Ocidente no século 4° a.C. Alexandre o Grande levou a cultura grega (ocidental) para os confins do Oriente de seu amplo império. Nesse encontro, a cultura racional da Grécia foi significantemente modificada pelas grandes religiões orientais (Hinduísmo, Maniqueísmo, Zoroastrismo, a astrologia babilônica, a adoração à deusa egípcia Ísis, e do judaísmo, seja ortodoxo, místico ou apóstata).[5] A mistura dessas grandes tradições produziu o sincretismo religioso e intelectual da chamada era helenística (Séc. 4° a.C. – Séc. 4° d.C.). Este é o pensamento lembrado nos livros do Novo Testamento, tais como 1 Coríntios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo e as epístolas Joaninas.[6]

O gnosticismo não era uma filosofia abstrata. Seres humanos de carne e osso adotaram-no porque prometia mudar sua condição social. Assim como nos dias de hoje, a Nova Era rejeita tanto a ortodoxia cristã quanto o humanismo secular como ultrapassados e inapropriados para os desafios do terceiro milênio, o gnosticismo criticava tanto o estado pagão "oficial" quanto a "ortodoxia" cristã. Uma análise mais sociológica recente do gnosticismo antigo descreve "os sem-raízes e exaustos que foram eliminados e estavam à procura de uma vida nova". As idéias gnósticas encontraram solo fértil em uma nova comunidade militar, mercantil e móvel. Escravos livres, adeptos das *religiões de mistério* transferíveis, e devotos de uma forma de feminismo nas ociosas classes - todos se agarraram à espiritualidade que oferecia esperança para um novo entendimento da liberdade individual.[7]

A importância da Gnose

Antes de sua expressão "cristã", o gnosticismo estava encubado nas *religiões de mistério*, que no mundo antigo representavam o ressurgimento do paganismo espiritual para o espiritualmente faminto.[8] As religiões de mistério eram sociedades secretas que, opr meio da devoção a um deus e freqüentemente a deusas, ofereciam *gnose*, ou iluminação espiritual.[9] Embora a palavra *gnosis* em grego signifique conhecimento de todos os tipos, nesse contexto significa uma experiência dos poderes ocultos por meio de cerimônias de iniciação misteriosas e secretas, e do eu divino como possuidor desses poderes.

O conhecimento do ego como divino é o pilar essencial do gnosticismo, embora elaborado e vestido como "cristão". O gnosticismo se tornou um sistema religioso chamativo, explosivo no século 2° d.C. quando certos pensadores cristãos (Marcião, Basilides, Valentinus *et al*) reinterpretaram sua fé para torná-la mais agradável. Eles fizeram o que os liberais sempre haviam feito – reinterpretaram a fé com base na filosofia pagã do dia,[10] afirmando tal amálgama ser a mais verdadeira forma de Cristianismo. Não convencidos, os pais da igreja viam no gnosticismo uma forma cristianizada de paganismo.

Essa traição do Cristianismo autêntico marcou o ponto alto do desenvolvimento do gnosticismo tanto intelectual quanto numericamente. Talvez um cristão superficial tenha dado sofisticação teológica ao movimento pagão gnóstico de liberação. Certamente a mentira pagã do ego como divino (a tentação diabólica original) alcança seu ponto mais alto de credibilidade quando vestido em uma terminologia cristã. A dura denúncia do gnosticismo cristão pelos pais da igreja mostra que seu apelo durante os primeiros séculos da igreja ameaçou a própria existência da ortodoxia cristã. Alguns dos mais refinados teólogos da Igreja Cristã dedicaram a vida a denunciar essa heresia e para limpar seus efeitos perniciosos da doutrina e da prática cristã. A fé cristã está sob um ataque similar hoje, tanto de fora da igreja quando de dentro dela.

Gnosticismo: Espiritualidade "Liberal" Antiga

As Guerras Espirituais campeiam nos nossos dias. Repetindo a batalha entre a ortodoxia e a heresia que marcou os primeiros séculos

da história da igreja, a "Esquerda Religiosa" ataca a ortodoxia cristã hoje. No século 2°, o Evangelho suportou ataques frontais prolongados e infiltrações sutis. Mas a Fé Apostólica sobreviveu, vitoriosa. Sempre será assim, porque "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8). O evangelho não muda com o tempo; ele triunfará. Mas a tentação liberal para deformá-lo não muda muito também, daí as impressionantes similaridades entre o gnosticismo antigo e do liberalismo moderno.[11] A jornalista e autora católico-romana Donna Steichen observou que o "consenso liberal é um agnosticismo gnóstico".[12] A comparação se torna mais impressionante quando o liberalismo moderno retira o manto do ateísmo "cientifico", e se interessa por uma espiritualidade da "Nova Era".

Os seguintes paralelos oferecem pontos formais de contato entre a heresia antiga e sua contraparte moderna. Eles constituem a tela de fundo contra a qual a análise detalhada de doutrinas específicas será feita neste livro, na PARTE DOIS:

▶ O Espírito Liberal

As bases do liberalismo moderno são a supremacia da razão humana e o direito de seguir a "verdade" onde quer que possa ser encontrada. A Escritura não é a norma para a verdade, mas deve ser sujeita à razão humana. O liberalismo atual trata a Escritura como qualquer texto antigo. O mesmo "espírito" está presente no gnosticismo antigo. Uma simpática popularizadora dos escritos gnósticos, Elaine Pagels, descreve a essência da estrutura do pensamento gnóstico:

> Eles argumentavam que somente a experiência pessoal oferecia o último critério para a verdade, tomando precedência sobre todo testemunho de segunda-mão e toda a tradição.[13]

"Muitos liberais protestantes", observa Phillip Lee, "parecem confiantes em aceitar a noção de que já que os autores do Novo Testamento não eram iluminados sobre a ciência moderna, a tecnologia e a psicologia, o entendimento que tinham da vida deveria ser tremendamente inferior ao nosso. Eles também entendem que, por causa das grandes descobertas recentes, cristãos inteligentes enfrentam contradições a respeito da Escritura que nunca tiveram que ser enfrentadas anteriormente."[14] Essa situação não é nova, como Lee mostra em sua citação de Irineu, pai da igreja (130-200 d.C.):

> Eles [os gnósticos] consideram a si mesmos "maduros", de maneira que ninguém pode ser comparado a eles na grandeza de sua *gnosis* [conhecimento], nem mesmo se você mencionar Pedro ou Paulo ou qualquer dos apóstolos (...) Eles imaginam que eles próprios tinham descoberto mais do que os apóstolos descobriram, e que os apóstolos pregaram o evangelho ainda sob a influência das opiniões judaicas, mas que eles são mais sábios e inteligentes que os apóstolos.[15]

▶ Liberdade Radical

Onde a razão humana é entronizada, uma liberdade sem limites se torna a lei da terra. A liberdade para reinar sobre a criação constitui o objetivo primário, o bem mais alto. O pilar da liberdade radical apóia tanto o pensamento liberal moderno quanto o gnóstico antigo. Pagels descreve a versão gnóstica desta "verdade":

> Pela (...) iniciação (...) o candidato aprende a rejeitar a autoridade do criador [o Deus da Bíblia] (...).Alcançar a gnose envolve reconhecer a verdadeira fonte do poder divino (...) a profundidade de todo ser (...). Quem quer que chegue a esse conhecimento (...) está pronto para receber o sacramento da redenção, i.e., libertação (...). Nesse ritual ele se dirige ao demiurgo [o Criador], declara sua independência e avisa que ele não pertence mais à esfera de autoridade e julgamento do demiurgo.[16]

Uma das auto designações gnósticas relatadas por Hipólito, um dos pais da igreja (170-236 d.C.),[17] é a "geração não dominada",[18] pela qual, acrescenta Hipólito, "eles declaram a si mesmo independentes de qualquer autoridade humana ou divina (...) ". A iniciação dentro do profundo conhecimento do gnosticismo é uma empunhadura para brigar com o Criador, derrubando deliberadamente as estruturas inerentes da ordem criada.

"Esta convicção – que quem quer que explore a experiência humana simultaneamente descobre a realidade divina – (...) marca o gnosticismo como um movimento religioso distinto."[19] Pagels, nessa observação, está profundamente correta. Mas essa convicção também distingue o gnosticismo do Cristianismo, que não identifica toda a experiência humana como uma realidade divina. A rebelião moral humana contra Deus é tratada com a

máxima seriedade assim como o abominável trabalho do "deus deste século" (2 Co 4.4 cf. Jo 12.31). No pensamento da Nova Era, o pecado é conspícuo por sua ausência dos textos gnósticos.[20] Está igualmente ausente do pensamento dos simpatizantes gnósticos-liberais modernos. Para própria Elaine Pagels,[21] Satanás é uma invenção do judaísmo ortodoxo posterior e do Cristianismo ortodoxo primitivo para eliminar seus oponentes. Satanás não tem uma existência metafísica ou teológica.

▶ Diversidade Sincretista:

O liberalismo geralmente altera modas intelectuais e escolas de pensamento. Desde que tudo está em fluxo, e a experiência humana é a norma final, surge a diversidade. Mas a diversidade em si mesma conduz ao caos. Há trezentos milhões de deuses na Índia, e tantas experiências quanto o número de pessoas. Para os liberais, a diversidade surge da espiritualidade humana e uma ligação existe ente os "deuses". A variedade de religiões e experiências dão voz à experiência humana compartilhada. O sincretismo é o resultado. Como um erudito moderno observa, "uma das acusações mais freqüentes feitas ao o liberalismo – que pode levantar a questão de uma tendência gnóstica no movimento – diz respeito ao seu sincretismo. Sem dúvida, o liberalismo é sincretista no sentido em que está aberto a toda sorte de informação, independentemente da fonte".[22]

A igreja ortodoxa estoicamente guardou a fé, enfatizado a continuidade episcopal, os credos comuns e os concílios universais. Os gnósticos foram para um período de farra da criatividade individualista. No século 1° d.C. os deuses e as deusas dos cultos orientais (Ísis e Osíris, Mitras, Cibele etc.) haviam se unido aos deuses da mitologia clássica greco-ocidental e aos do panteão romano, produzindo um sincretismo tão amplo e diverso como jamais fora visto. O gnosticismo era tanto um produto desse fermento religioso quanto seu cliente ativo.

De acordo com os pais da igreja, a crença gnóstica é uma destilação consciente dos protótipos pagãos, que reflete a diversidade confusa que marcou a cultura. Esta variedade externa, de acordo com Kurt Rudolph, "não é acidental, mas (...) pertence à sua própria natureza".[23] Irineu também testemunha essa diversidade incomum dentro da escola valentiniana do gnosticismo em Roma no século 2°.

> A cada dia cada um deles inventa algo novo, e nenhum deles é considerado perfeito a menos que seja produtivo neste caminho.[24]

Epifânio (315-403 d.C.) denuncia a proliferação do gnosticismo de facções exoticamente nomeadas e líderes-gurus:

> [os líderes] da gnose, falsamente assim chamados, começaram seu crescimento maligno no mundo, nominalmente assim chamados gnósticos e fibionitas e os seguidores de Epifânio, e o Stratiotici e Levitici e Borborianos e o resto. Pois cada um destes (líderes) inventou sua própria facção para satisfazer suas próprias paixões e desenvolveram milhares de formas do mal.[25]

Hans Jonas também observa esse caráter sincretista:

> Os sistemas gnósticos compõem-se de todas as coisas – mitologias orientais, doutrinas astrológicas, teologia iraniana, elementos da tradição judaica, seja bíblica, rabínica ou oculta, a salvação escatológica cristã, termos e conceitos platônicos. O sincretismo conquistou neste período sua maior eficácia.[26]

A diversidade cultural e religiosa é um item principal no programa liberal contemporâneo, assim como aparentemente estava no programa do gnosticismo!

▶ Libertação Secular como um Programa Teológico:

A teologia liberal freqüentemente imita os movimentos da sociedade. A interpretação dos movimentos de contracultura dos anos 60[27] feita por James Robinson (há alguns elementos positivos[28]), é apenas um dos exemplos recentes.[29] A diversidade do gnosticismo refletiu uma busca socio religiosa por novas formas e uma expressão livre. Sem dúvida reagindo contra a natureza hierárquica da visão de mundo judeu-cristã, o gnosticismo também apareceu no elitismo do mundo grego clássico, no qual somente heróis penetravam as barreiras entre os deuses e os homens. Para os antigos, imitar "heróis" semidivinos significava cometer o pecado de "hubris", ou orgulho arrogante. Alguns estudiosos afirmam que antes que o gnosticismo fosse cristianizado era um movimento de liberação social, que prometia liberdade para todos.[30]

No nascimento do Cristianismo, as pessoas que estavam sem rumo e a buscavam uma nova vida começaram a entalhar uma nova identidade social e espiritual em um mundo cosmopolita em mudança, que "encorajava viagens e negócios, mas minou as uniões familiares, as amizades e os relacionamentos sociais ao ponto da destruição".[31] James Robinson caracterizou os gnósticos como "desistentes" da sociedade imperial Romana[32], comparando-os aos movimentos de "contracultura dos anos 60".[33] Essa nova identidade espiritual apareceu em um "mundo religioso em agitação".[34] O gnosticismo "cristão" foi provavelmente uma tentativa de cristãos insatisfeitos de reinterpretarem sua fé de acordo com os movimento de libertação dominantes do dia. O que poderia ser mais liberal? – e mais "cristão"?

▶ Filosofia e Prática Pagã como Fonte para Teologia:

O *novo homem* da sociedade helenista encontrou muitas vantagens ao assimilar a filosofia pagã e a fé cristã. O "evangelho" religioso resultante se tornou atrativo tanto para os pagãos quanto para os crentes insatisfeitos. Só havia uma coisa ruim. Ao passo que o gnosticismo ganhava sofisticação teológica, o Cristianismo foi totalmente desfigurado. Hipólito relata que gnósticos "cristãos" na verdade freqüentavam as cerimônias dos cultos de mistério pagãos para entender o que os pagãos ensinavam sobre o "mistério universal".[35] A igreja ortodoxa tinha que lutar por sua vida.

A História se repete nos movimentos de libertação contemporâneos, na rejeição da moralidade tradicional, na moderna sexualidade radical, na promessa da Nova Era do novo nascimento espiritual e do poder, na inundação das técnicas espirituais orientais no Ocidente, no interesse pela bruxaria e na adoração à deusa, e na crescente invasão do espírito deste século na igreja. O liberalismo teológico "progressivo" mais radical justifica a crença e a prática pagã como o caminho avançado para o Cristianismo. Teólogos "cristãos" hoje, assim como os mestres gnósticos antigos, impelem a igreja a procurar o "mistério universal" na religião pagã.

O teólogo católico Paulo Knitter, com frequência associado com o Concílio Mundial de Igrejas, quer "um novo tipo de teólogo com um novo tipo de consciência – uma consciência multidimensional e transcultural".[36] Knitter explica: "Os teólogos

devem ignorar a experiência (...) que nutre os credos e os códigos e os cultos de outras religiões". O que os gnósticos naasenos chamavam de "mistério universal", Knitter chama de "consciência transcultural", e outros chamaram de "Cristo Cósmico". Seja em que aparência se apresente diante de nossas portas, nós podemos estar certos que traz uma ilusão, não uma festa, pois não é nada mais do que uma espiritualidade pagã. O apóstolo Paulo chamaria isso de "comunhão com demônios".[37]

▶ Brilho Intelectual:

Os modernos teólogos liberais freqüentemente demonstram dons intelectuais impressionantes. Schleiermacher, von Harnack, Tillich e Bultmann, para citar alguns, recebem o maior respeito no nível criativo e na habilidade intelectual. Da mesma forma, o brilhante pensador gnóstico, Valentino. Tertuliano (160-225) disse sobre ele: "Em relação ao talento e à eloqüência, ele (Valentino) era um homem muito capaz".[38] Aparentemente Valentino quase se tornou Papa.[39] Numa das maiores capitais intelectuais do mundo antigo, Alexandria, o mestre gnóstico Basilides tinha a reputação de ser um habilidoso estudioso bíblico.[40] Os liberais necessitam de uma inteligência incomum para fazer o que é óbvio nas Escrituras parecer obscuro e o obscuro óbvio! De que outra maneira poder-se-ia transformar o Cristianismo teísta em monismo pagão? Jerônimo (342-420), pai da igreja, observou, com um toque de humor e fraco elogio:

> Ninguém pode trazer uma heresia à existência a menos que esteja possuído, por natureza, de um intelecto extraordinário e tenha dons dados por Deus. Tal pessoa era Valentino.[41]

A princípio, esses paralelos parecem compartilhar somente uma similaridade de "espírito". Similaridades estruturais, ainda que impressionantes, entre os dois movimentos separados por 1700 anos podem não ser conclusivas. O que os líderes liberais dizem? Os seus comentários evasivos são reveladores. Tome, por exemplo, a avaliação de Marcião, um dos primeiros gnósticos.

O "Primeiro Protestante" ou o "Primogênito de Satanás"?

É preciso um liberal para destacar outro. Em 150 d.C., Marcião, um "teólogo" de Ponto na Ásia Menor foi excomungado da Igreja em Roma.[42] Ele desconsiderava Deus o Criador, o Antigo Testamento, a lei mosaica e três dos Evangelhos. Das poucas epístolas de Paulo que ele aceitava, ele tirou as citações do Velho Testamento, e adorava o "Deus estranho" por trás do Deus da Escritura. Por causa dessa rejeição da ortodoxia, Adolf von Harnack, o grande liberal alemão do século 19 saudou Marcião como o "primeiro protestante"! – por "protestante" Harnack queria dizer "liberal".[43]

Helmut Koester, um estudioso do Novo Testamento, ensina na Harvard Divinity School, chama Marcião de "um crítico textual, filólogo e reformador".[44] Elogios brilhantes como esse podem nos fazer pensar que Marcião era um Martinho Lutero[45] da época da igreja Primitiva.

Que diferença 1700 anos podem fazer! Os pais da igreja expressaram uma outra opinião. Tertuliano (160-225) chamou Marcião de

> o rato do Ponto que roeu os Evangelhos (...), aboliu o casamento e (...) despedaçou o Deus todo-poderoso com [suas] blasfêmias.[46]

Policarpo (69-155 d.C.), que conhecia o apóstolo João, chamou Marcião de "o primogênito de Satanás".[47]

Somente o *entendimento contraditório* da fé cristã pode explicar tais divergências de opinião a respeito de Marcião. A ortodoxia cristã mantém a antítese separando todas as expressões de paganismo, incluindo o paganismo "cristão", da verdade bíblica. O liberalismo sempre sujou as águas. Os liberais de hoje afirmam que o gnosticismo antigo é uma expressão alternativa e autêntica do Cristianismo antigo.[48] Será plausível essa avaliação? Os antigos pais da igreja disseram que não. O liberalismo moderno diz que sim.

O que um Gnóstico moderno, sem pretensões em relação ao Cristianismo, seja ortodoxo ou liberal, diria? Duncan Greenlees é um gnóstico assim, um adepto da tradição teosófica-ocultista. A sua avaliação independente do gnosticismo é muito interessante:

> O gnosticismo é um sistema de conhecimento experiencial direto de Deus (...), da alma e do universo; portanto, não tem dogmas fixos ou credos (...). Nos primeiros séculos, no meio de um Cristianismo crescente, tomou a forma de fé cristã, enquanto rejeitava a maioria de suas crenças específicas. Seu palavreado é, portanto amplamente cristão, enquanto *seu espírito é do paganismo recente ocidental* [ênfase minha].[49]

Aqui não encontramos uma declaração de que o gnosticismo é uma forma válida e alternativa de Cristianismo. Os gnósticos modernos e os pais da igreja concordam: o Cristianismo e o gnosticismo são religiões diferentes, embora possam usar uma terminologia comum. Uma é um humanismo pagão, a outra, a verdade divinamente revelada.

Cristianismo e Liberalismo : Diferentes Religiões Mesmo em 1923

O ano de 1923 foi um ano de gala para os presbiterianos jogadores de golfe. Todos os golfistas sabem que em 1923 Bobby Jones ganhou o primeiro de seus grandes torneios, introduzindo o famoso taco de golfe "Jane Calamidade" que havia sido feito na Escócia presbiteriana no começo do século. Todos os presbiterianos deveriam saber que no mesmo ano J. Gresham Machen, então professor de Novo Testamento no Seminário de Princeton, publicou *Christianity and Liberalism* [Cristianismo e liberalismo]. Machen fez a mesma alegação sobre o liberalismo que os pais da igreja tinham feito a respeito do gnosticismo; que não era Cristianismo, mas uma forma sutilmente disfarçada de paganismo. De acordo com Machen:

> a grande religião redentora que sempre foi conhecida como Cristianismo está guerreando contra um tipo totalmente diverso de crença religiosa, (...) o movimento designado "liberalismo" (...). Mas por mais multifacetado quanto este movimento possa se apresentar, a raiz é só uma; as muitas variedades de esquerda religiosa são radicadas no naturalismo – isto é, na negação de qualquer intervenção do poder criativo de Deus.[50]

Por naturalismo, Machen queria dizer paganismo. Machen tentou ser tanto firme quanto justo, distinguindo o liberalismo como um sistema e os liberais como indivíduos. Seu exemplo ainda inspira:

> quer os liberais sejam ou não cristãos, o que é muito claro é que o liberalismo não é Cristianismo (...). O liberalismo, seja verdadeiro ou falso, não é uma mera "heresia" – não é uma mera divergência em pontos isolados do ensino cristão. Ao contrário, procede de uma raiz totalmente diferente, e constitui, essencialmente, um sistema unitário em si próprio. Isso não quer dizer que todos os liberais defendem todas as partes do sistema, ou que os cristãos que foram afetados pelo ensino liberal em um aspecto foram afetados em todos os aspectos. Há às vezes uma falta saudável de lógica que Evita que o todo da fé humana seja destruído mesmo quando abriu mão de parte dela (...). Ele [o liberalismo] difere do cristianismo em sua visão de Deus, do homem, do estabelecimento de autoridade e do modo de salvação. E difere do cristianismo não somente na teologia, mas na vida como um todo (...). O Cristianismo está sendo atacado interiormente por um movimento que é anticristão em seu cerne.[51]

Duas décadas antes, do outro lado da Reforma, o Papa Pio X fez com que todos os sacerdotes e professores de seminários fizessem um juramento antimodernista, declarando que o liberalismo era "a síntese de todas as heresias".[52] Machen e o Papa Pio X formaram uma dupla fora do comum. Inflexivelmente fora de sintonia com o espírito de *nossa* era, eles compartilham uma perspectiva comum sobre o liberalismo. A avaliação que o liberalismo estilo antigo subverteu todas as doutrinas cristãs apóia a presente alegação de que, o liberalismo pagão da "Nova Era" é uma apostasia aberta da fé cristã.

A Heresia Moderna: Caçar Heresias

Para a maioria dos estudiosos e muitos sacerdotes na Igreja Católica-Romana, o juramento do Papa Pio tornou-se um sentimento de piedade, um objeto para o museu do Vaticano. As alegações de Machen ganharam poucos amigos

na Igreja presbiteriana a qual tinha servido fielmente: ele foi excluído por comportamento inaceitável. Machen cometeu o pecado imperdoável de não fazer rodeios e chamar uma heresia de heresia.

Tal acusação pode logo ser qualificada não somente como heresia, mas como um "crime de ódio" que perturba a paz de uma sociedade cheia de tolerância, escolha e amor. Estudiosas feministas na *Conferência da RE-imaginação* acusam seus críticos, preocupados com a ortodoxia da confissão da igreja, de "hostilidade", "violência" e "perturbação".[53] O bispo Earl G. Hunt, da igreja Metodista Unida previne que um dos sintomas de fraqueza na igreja é que seus líderes "declararam que a nossa era é pós-herege".[54] James Robinson, diretor do projeto de tradução dos textos de Nag Hammadi, reserva o ódio, não para distorções gnósticas do Evangelho, mas para os pais da igreja que denunciaram os gnósticos como hereges. Oito vezes em sua introdução de 25 páginas aos textos de Nag Hammadi ele ataca os pais da igreja, descrevendo suas defesas polêmicas da ortodoxia contra o gnosticismo como a "visão míope de caçadores de heresias".[55]

Espera-se esse tipo de linguagem veemente de "cristãos" neopagãos que "re-imaginam" seus caminhos em posições de poder nas igrejas as quais se recusam a deixar[56], mas por que dos frios corredores da academia? Robinson perde sua "indiferença" porque nomear uma pessoa ou ensino como herético se tornou *a* moderna heresia.[57] O ex-moderador da Igreja Presbiteriana Americana, David Lee Dobler, considera até mesmo o *uso* de palavras como "pagão" e "herético", por parte dos conservadores preocupados em sua denominação, muito mais preocupante do que a própria prática de rituais pagãos heréticos por oficiais nomeados da administração de sua igreja.[58] Um membro da igreja britânica avaliou esta situação:

> É o desejo mais sincero de Satanás que nunca façamos um julgamento negativo sobre aqueles que começaram a destruir a igreja e suas fundações, ou que espalham uma heresia mortal e uma falsa doutrina. Da mesma forma, a verdadeira razão pela qual o não-julgamento humano em qualquer forma está se tornando tão em moda nesta era é que faz conceito de um Deus que julga e vinga parecer ridículo, anacrônico e implausível.[59]

Sem Heresia – Sem Verdade

Há limites para a modificação da doutrina cristã – ou de qualquer coisa ("a" ainda não é "não -a", afirma a lógica) – antes de ser tão desfigurada que se torne sua própria antítese.

Steve Brown, um pregador popular de rádio, conta sobre um garoto judeu que pediu para seu pai uma Honda como presente em seu Bar-Mitzvah. O pai pergunta ao seu ortodoxo rabino o que era uma Honda, mas ele não sabe. Ambos perguntam a um rabino conservador, que não sabe também. Todos os três então perguntam a um rabino liberal-reformado, que orgulhosamente os informa que Honda é uma motocicleta, um maravilhoso presente para o filho do homem. Mas quando iam embora, o rabino liberal pergunta, "Com licença. Eu posso *fazer-lhes* uma pergunta? O que é Bar-Mitzvah?"

Os extremos do judaísmo, indicados por essa história engraçada, ilustram nossa quetão sobre heresia. Phillip Lee, dificilmente um fundamentalista de direita, observa: "Num dado ponto, um ensino, uma idéia ou uma ação que declara ser cristã é tão diferente da 'fé que uma vez por todas foi entregue aos santos' (Judas 3) que se torna o oposto do Cristianismo".[60]

As similaridades históricas formais entre uma heresia antiga e o liberalismo moderno "cristão" sugerem que tal liberalismo não é uma versão autêntica do Cristianismo, mas sua antítese. O caso se torna persuasivo quando examinamos crenças doutrinárias mais específicas. Mas antes de desenvolver uma comparação mais detalhada, é importante notar que o liberalismo mudou profundamente, colocando-se ainda mais em linha com a antiga heresia do gnosticismo.

O humanismo árido do liberalismo teórico "pegou a religião" na era de Aquário. Incendiada por uma paixão religiosa, a teologia que elogia a tolerância elevou o nível de linguagem violenta contra aqueles que não pode tolerar. A confiança mudou do racionalismo iluminista para a espiritualidade e o poder. Mistérios pagãos associados com gnosticismo antigo encontram um solo fértil na elite sofisticada e intelectual do mundo ocidental – oponentes modernos formidáveis da ortodoxia em nossa era.

Elaine Pagels exemplifica a "nova" elite "liberal cristã". Uma estudiosa bem-sucedida e autora de um *best-seller*, com Ph.D. de Harvard e professora em Princeton, ela incorpora o rigor do liberalismo racionalístico que dominou a academia. Ao mesmo tempo,

ela não esconde sua fascinação pelos gnósticos, a quem seu trabalho reabilitou como heróis esquecidos da guerra de classe entre os (maus) opressores ortodoxos patriarcais e as (boas) vítimas igualitárias. Seu livro sobre Satanás procura provar que o mal é a invenção da literatura judeu-cristã para a demonização de todos aqueles que não seguem o sistema, em particular, dos hereges. Tal pensamento preto no branco, argumenta ela, tem tido um abominável efeito nos últimos dois mil anos na história ocidental. "O que começou como uma estratégia retórica de um grupo minoritário, se tornou a moral da religião da maioria, e até uma justificativa psicológica para a perseguição (...) de todos os oponentes reais ou imaginários".[61]

Os cristãos ortodoxos se tornam suspeitos na mente de Pagels, enquanto os gnósticos oprimidos se tornam *simpáticos*. Em um estudo feito em 1979, *The Gnostic Gospels* [Os evangelhos gnósticos], Pagels demonstra uma atração pela heresia gnóstica, ao mesmo tempo em que afirma sua ligação com o Cristianismo. A objetividade histórica não está ausente desse estudo. Recentemente, todavia, sua atração amadureceu e se tornou admiração. Na entrevista-história para *The New Yorker*, ela fala a respeito de um encontro com a líder da igreja gnóstica em Palo Alto, Califórnia: "Eu fiquei muito encantada e feliz com ela (...) isso é coisa séria".[62] Durante uma entrevista na Páscoa de 1996 na *Rádio Pública Nacional*, ela admitiu uma fascinação pelos textos gnósticos, especialmente *Thunder Perfect Mind* [Mente perfeita de trovão]. Esse texto elogia uma personificação feminina do divino, identificada como Ísis, a deusa egípcia da bruxaria e da magia. *Trovão* diz em prosa típica inclusiva: "Eu sou a prostituta e a santa, ... a esposa e a virgem, ... conhecimento e ignorância, ... noiva e noivo, ...a vergonha e a falta de vergonha".[63] Pagels brinca com essa idolatria enquanto freqüenta uma igreja episcopal. Similarmente, a primeira dama Hillary Clinton não vê qualquer contradição entre o interesse na mediunidade da Nova Era e sua fé metodista "devotada".

Essas vinhetas ilustram a tese da PARTE UM. O liberalismo fez uma plástica no rosto. Uma vez associada com um racionalismo não-religioso e um evangelho social ativista, a nova esquerda religiosa descobriu a espiritualidade, não a espiritualidade da Bíblia, mas a do paganismo. Elaine Pagels e Hillary Clinton personificam um momento de mudança cultural: do "moderno" para o "pós-moderno", do racional para o irracional, do cristão para o pagão, do evangelho social cristão para a espiritualidade ocultista. Tal mudança é agora elevada à lei. A maioria dos juízes da presente

Suprema Corte tem ido fundo no poço da religião pagã. A juíza Ruth Bader Ginsberg, anteriormente na diretoria da União da Liberdade Civil Americana, declarou em sua audiência que as cortes deveriam às vezes ser "legislaturas interinas".[64]

A interinidade tem durado muito. A decisão da Suprema Corte no caso de *Paternidade Planejada versus Casey* (1992) dá a cada cidadão "o direito de definir o próprio conceito de existência, de significado, de universo, e do mistério da vida humana".[65] Aparentemente democrático, *Casey* é uma "receita para o caos",[66] um "privilégio particular" para todos os cidadãos "sobre assuntos de vida e morte",[67] uma porta escancarada para a "sodomia homossexual, a poligamia, o incesto e o suicídio".[68] *Casey* constitui a reabilitação legal e social, na América cristã, do politeísmo pagão. Nas palavras eloqüentes de um comentarista social incisivo, "meio acordada, murmurando clichês sobre direitos, a América está caminhado em direção a um pesadelo".[69]

Ao passar para a PARTE DOIS do livro, nós levantamos as seguintes questões: Qual é a essência dessa nova teoria democrática e da espiritualidade que está por trás dela? Além das Guerras Culturais há as Guerras Espirituais: atrás do programa social pro-escolha e da "política do significado" há o componente definidor que vem da esquerda religiosa. Será que esta redescoberta da dimensão religiosa proclama um novo dia para a fé e a expansão do Cristianismo? Ou o reavivamento dessa nova espiritualidade abrirá caminho num ameaçador dia de apostasia tal que, se fosse possível, até mesmo os eleitos seriam enganados?[70]

Por trás dos sedutores apelos para a tolerância e a promessa encantadora de paz universal, as Guerras Espirituais têm acontecido seriamente e em vários níveis. Primeiro, a promoção do gnosticismo abrangente na igreja e na sociedade mina as pressuposições cristãs antigas da cultura americana. Segundo, a negação da própria existência da batalha espiritual é em si mesmo uma grande ofensiva na guerra. Finalmente, os esforços para suprimir a verdade de que há um conflito entre Deus e Satanás mostra quão longe as forças da "tolerância" irão.

Uma Espiada no Futuro

A revolução dos anos 60 aconteceu nos *campi* das universidades antes de atingir a popularidade de hoje. Os conflitos nos *campi* nos

anos 90 proporcionam uma visão do que o futuro promete para os nossos filhos e netos. No *Festival de Toda a Terra* (maio de 1996) na UC Davis, alguns estudantes cristãos distribuíram literaturas nesse esmagador evento da Nova Era patrocinado pela universidade. Eles foram parados pela "Patrulha do Karma". O que esses estudantes estavam fazendo de errado? Espalhando um karma ruim no encontro ao distribuir panfletos cristãos. Estar prevenido é estar preparado.

Uma Espiada no Passado

Nesse novo programa há engano, seja intencional ou não. Os elementos do gnosticismo antigo, presentemente propostos como uma nova chance de vida para um planeta envelhecido, tendem a enfatizar a mais moderada, menos chocante parte dessa heresia antiga. No entanto, o gnosticismo era um sistema coerente, e por trás de seu sedutor apelo à espiritualidade, à liberdade humana, à fascinação da diversidade, ao inclusivismo e à imaginação está um plano revolucionário inimaginável, cujo objetivo final e resultado inevitável era lançar o Deus da Bíblia no Inferno. É esta também a intenção final dos patrulheiros contemporâneos do karma?



PARTE DOIS

ANATOMIA DE UMA APOSTASIA



A PARTE UM investigou a história recente da Nova Espiritualidade e descreveu a estrutura monística geral de seu pensamento. A PARTE DOIS lida com pontos-chave específicos da doutrina sobre a Bíblia, o estudo bíblico, a natureza e a pessoa de Deus, assim como assuntos importantes da sexualidade e espiritualidade. A coerência, assim como a idade avançada deste movimento extremamente discrepante se tornam até mais claras quando esse pontos da doutrina são comparados com o ensino similar no gnosticismo antigo. Quando cristãos entendem a coerência do erro, eles podem identificar melhor as linhas de batalha para preparar uma defesa convincente e crível da fé.

Capítulo 6

A NOVA BÍBLIA

Uma teologia politeísta, por fazer contato com o imediatismo da vida em sua profundidade, é em si mesma uma religião sem escritura, mas com muitas histórias.

- David Miller[1]

Nós [a administração Nixon] nunca teríamos pensado em reescrever a Bíblia. Eu percebi numa visita [ao Presidente Clinton] que ele é brilhante e bem-informado, e assim eu entendo que ele sabe das coisas. Nós estamos numa situação complicada quando nem mesmo a Bíblia está segura contra o revisionismo politicamente correto.

- Charles Colson[2]

Uma Nova Bíblia para a Nova Espiritualidade

Por dois mil anos a Bíblia tem sido o livro mais lido e distribuído no mundo. Nenhum outro livro se aproxima da popularidade da Bíblia. Para mudar a civilização que foi construída pela Bíblia, *deve-se mudar a Bíblia.* Ao entrarmos em um novo milênio, muitos sonham com o céu na terra, produzido por um macrossalto na evolução espiritual. Eles alegremente anunciam que o combustível que movia o Cristianismo está obsoleto. Há fontes de energia mais limpas. *Peixes* está fora d'água. Aquário amanhece nas praias de uma nova era.

A Era de Aquário precisa de uma Bíblia Aquariana, pois a Bíblia que conhecemos é o manual de uma civilização morta. Descontentes com a Bíblia antiga, uma nova ideologia de libertação social clama por uma Nova Escritura. Moderados concordam com

os radicais em que a Bíblia é "o documento-base da cultura patriarcal".[3] Se o patriarcado é o grande mal que deve ser erradicado, o futuro de seu documento fundador dificilmente parece promissor.

Cansado do Velho: Necessitado do Novo

Um erudito bíblico recentemente disse:

> A Bíblia "ortodoxa" hoje representa somente uma porção dos livros inspirados da era cristã primitiva e, no máximo, uma explanação parcial dos ensinos de Cristo.[4]

Aqui está o manuscrito explicito na parede. O novo liberalismo pretende mudar a Bíblia.

Um escritor da Nova Era, defendendo o aborto, fala do "sacerdócio burocrático (...) a verdade do esquadrão patriarcal [que irá] (...) até onde for necessário para desencorajar o pensamento independente, proclama[ndo] a heresia de certos evangelhos 'perdidos' e certifica[ndo] a verdade infalível de sua própria tradução dos documentos bíblicos".[5]

Em nenhum outro lugar ataques ousados à Bíblia se manifestam com tal fervor moral como na aliança não-santa do feminismo e da erudição bíblica radical. Os liberais sempre se irritaram com o cânon ortodoxo da Escritura, mas poucas vezes pediram por uma revisão canônica. As liberais feministas, crendo que encontraram uma posição moral superior, não hesitam em ir até o fim. Assim, Rosemary Radford Ruether, que prefere permanecer dentro da igreja, afirma sem mudar de tom ou pedir desculpas:

> A teologia feminista deve criar uma nova base textual, um novo cânon (...). A teologia feminista não pode ser feita com base na Bíblia cristã existente.[6]

Outras feministas dizem que os textos bíblicos são "impossíveis" de ler, e sentem a "necessidade de escrever novos textos".[7]

Os Versos Satânicos

Women-Church [Mulheres-igreja] de Ruether exemplifica essa abordagem. Por um lado, partes da Bíblia são vistas como demoníacas. Um "Ritual de Exorcismo dos Textos Patriarcais", com o uso das expressões, "Fora demônios, fora", erradica ou exorciza

da consciência feminista Levítico 12.1-5 (a purificação após o parto); Êxodo 19.1, 7-9, 14-15; Juízes 19 (O levita e sua concubina); Efésios 5.21-23 (a submissão da mulher ao marido); 1 Timóteo 2.11-15 (uma mulher salva pelo nascimento do filho); e 1 Pedro 2.1, sendo a maioria textos que expressam a visão bíblica da diferenciação do papel sexual. No final da leitura, o líder litúrgico diz:

> Esses textos perderam seu poder sobre nossa vida. Não precisamos mais nos desculpar por eles ou tentar interpretá-los como palavras da verdade, mas nós expulsamos sua mensagem opressiva como expressões do mal e justificativas do mal.[8]

Por outro lado, qualquer texto é bom se concorda com a nova "ortodoxia", e pode ser incorporado na demonstração. Assim, Ruether dá um tempo igual e acrescenta peso aos textos gnósticos tais como *o Evangelho de Maria* – que baseia a Igreja não em Pedro, mas em Maria Madalena – e cita o apócrifo *Atos de Paulo e Tecla* para defender sua visão feminista: "Nós nos lembramos de Tecla, comissionada por Paulo para pregar o evangelho e para batizar". Para Ruether, os textos gnósticos dão evidência de um "Cristianismo [original] menos hierárquico, mais simples", que ela diz ser compatível com o Cristianismo moderno.[9]

Como visto acima, mesmo uma respeitável historiadora como Elaine Pagels admite ser "muito atraída por esses textos".[10] Isso não é somente curiosidade intelectual. Pagels, apesar de formação e compromisso cristãos, é hesitante em suas opiniões, mostrando "em alguns casos (...) uma clara preferência por uma interpretação gnóstica".[11] O quão radical ela poderia ser é mostrado por sua abertura à integração dos textos gnósticos no cânon cristão.[12] O interesse de Pagel é espiritual. Ela vê o gnosticismo como sem relação com a "crença" mas com "dimensões da experiência" e uma "imaginação religiosa".[13]

A nova espiritualidade mística autoconscientemente *não-cristã,* tem um programa semelhante ao de suas primas cristãs liberais. O teosofista e personalidade pública da televisão, Joseph Campbell, apela para um novo mito, um novo Deus e novos textos:

> A história que temos no Ocidente, até aqui baseada na Bíblia, é baseada numa visão de universo que pertence ao primeiro milênio d.C. Ela não combina com nosso conceito, seja de

universo ou da dignidade do homem. Ela pertence inteiramente a outro lugar.[14]

Envergonhado da Bíblia

Alguns eruditos bíblicos mais populares estão tão envergonhados da Bíblia que não estão certos de querer que seus filhos a leiam.[15] Outros, como os editores do *Novo Testamento e Salmos: uma Versão Inclusiva* (Oxford University Press, 1995), tentam tornar a Bíblia mais segura para as crianças, e outras pessoas sensíveis, ao eliminar toda linguagem patriarcal e quaisquer termos masculinos para Deus ou Cristo. Com a pretensão de ser um trabalho de erudição, usando "novos manuscritos" e "novas investigações dos significados das palavras",[16] essa Bíblia é meramente uma reprodução da *New Revised Standard Version* (Nova Versão Padrão Revisada) com as expressões que não são politicamente corretas reescritas. A imposição sobre o texto bíblico de uma filosofia igualitária tão estranha à Bíblia produz um inglês grotesco e monstruosidades teológicas. Os editores, que ousadamente afirmam seu compromisso para "acelerar as mudanças no uso do inglês a favor de uma linguagem inclusiva",[17] parecem ter-se desviado do caminho para melhorar as novas formas do inglês que afirmam ser agora um discurso aceito. Frases como: "Contribuam, por favor, com o baile das pessoas que são policiais", parecem positivamente fora de moda se comparadas com sua tradução de João 13.31: "Agora o Humano foi glorificado, e neste Deus único foi glorificado. Se Deus foi glorificado no Humano, Deus também glorificará o Humano em si mesmo e glorificará o Humano de uma vez por todas". Alguém entendeu? Esse *novo discurso* igualitário não somente assassina o inglês, ele anula a Palavra de Deus no processo, por causa da ideologia reinante, incompreensível. O desejo de ser sexualmente inclusivo produz uma divindade andrógina de duas cabeças que se sentiria mais à vontade na mitologia da Grécia Antiga do que na Bíblia. E assim a oração do Pai Nosso diz: "Pai / Mãe nosso / nossa que estás nos céus, santificado seja o teu nome". Essa certamente é uma das mais impressionantes tentativas de não santificar o nome de Deus na história do pensamento cristão, pois o próprio cerne da revelação trazida por Cristo a respeito do Pai é desfigurada além do reconhecimento.[18] Gerações de crianças que serão criadas em uma cultura igualitária futura poderão nunca conhecer o amor de um

pai terreno porque o termo deixará de existir. Reconhecerão elas o amor do Pai Celestial tão graficamente descrito no Evangelho? No momento, elas têm toda a Bíblia, embora, desfigurada. Coisas mais devastadoras acontecerão com a Escritura Sagrada.

Questionamento "Científico" da Ortodoxia Bíblica

Quando eu comecei a me especializar nos estudos do Novo Testamento, há uns trinta anos, a ortodoxia era considerada em todo lugar a versão original do Cristianismo. Com certeza, era comum entre os estudiosos dizer que Jesus não se considerava o Messias, e que a igreja primitiva transformou esse profeta judeu e os eventos ao redor de sua morte na fé objetiva e na essência do evangelho. Mas foi a "*fé oriental" daqueles que escreveram o Novo Testamento* que explicou a transição. Foi a convicção dos discípulos originais, em suas experiências da morte e da ressurreição de Jesus (seja lá o que isso signifique) que deu início ao evangelho da igreja.

Uma geração depois, os eruditos do Novo Testamento saúdam a heresia gnóstica, que fora denunciada pelo Novo Testamento e pela igreja primitiva, como o ensino original de Jesus e os propagadores dessa heresia como o mais antigo grupo de discípulos após a sua morte. O Jesus histórico, dizem eles, era um proto-gnóstico, um ser politicamente correto, um revolucionário social que tem pouca ou nenhuma semelhança com aquele adorado como o Cristo na Bíblia.

Desmantelando a Bíblia

Em 1985, como presidente da prestigiosa *Sociedade da Literatura Bíblica*, James M. Robinson, lançou uma afirmação programática para o século 21. Ele pediu aos seus companheiros eruditos bíblicos para desconstruir suas disciplinas para "revelar (...) pressuposições biblicistas". A Bíblia não mais serviria como a fonte final de autoridade e como a definição do Cristianismo verdadeiro.[19] Nós fomos avisados. O plano de Robinson está pegando o momento não somente porque a hora é certa e sua mensagem se encaixa no clima do mundo moderno, mas também porque James M. Robinson e seu colega, Helmut Koester, da Harvard Divinity School têm feito um trabalho importante para concretizar isso.[20] Para mostrar quão importante é Robinson, Robert Funk, do *Seminário de Jesus* o chama de "Secretário de Estado da orientação bíblica (...) [uma] contraparte acadêmica (...) [de] Henry Kissenger".[21]

Tanto Koester quanto Robinson estudaram com Rudolf Bultmann, o erudito alemão que facilmente convenceu a ciência do Novo Testamento a olhar para as culturas gnósticas e helênicas como fontes importantes para o Cristianismo, à custa do Antigo Testamento e do judaísmo.[22] Tanto Koester quanto Robinson são ex-presidentes da *Sociedade da Literatura Bíblica*. Ambos tem se comprometido com um programa claramente definido: o "Desmantelamento e a Remontagem das Categorias de Erudição do Novo Testamento", como um dos artigos de Robinson é intitulado.[23] Uma categoria que eles desmantelaram com sucesso é a da heresia e da ortodoxia.[24]

Ambos, juntos ou separadamente, Koester e Robinson procuraram mostrar um pluralismo radical na igreja primitiva, o que fez com que a teologia cristã se desenvolvesse em várias "trajetórias".[25] A ortodoxia era uma trajetória, mas não o único depósito do verdadeiro evangelho, tornando os outros "heréticos".[26] Koester contesta que não há "um evangelho" como Paulo falou, mas no mínimo "quatro".

James Robinson põe conteúdo em seu manifesto. Ele fundou e é diretor do Instituto Para a Antigüidade e Cristandade em Claremont, Califórnia. Essa organização se dedica à recuperação dos textos e à uma teologia que a igreja primitiva denunciou como heresia. Dentro do Instituto, Robinson lançou o Projeto Biblioteca Cóptica Gnóstica, que traduz, publica e promove os textos gnósticos. Uma grande obra para o mundo erudito, é também uma ferramenta poderosa para o programa teológico neo gnóstico. "Secretário de Estado" não é um exagero. Robinson tem sido a força motriz por trás do Seminário *Q* (cuja importância para o novo entendimento de Jesus nós discutiremos abaixo). Ele é um membro ativo do *Seminário de Jesus* (fundado por um colega, Robert Funk) e diretor do *Projeto dos Textos Mágicos Coptas*, que recupera o "Cristianismo" mágico e gnóstico.

Robinson vai contra os "míopes caçadores de heresia" porque ele crê que o futuro repousa na inclusão. O gnosticismo (heresia) e a ortodoxia são duas "trajetórias" válidas do Cristianismo primitivo. O que era uma posição marginal há uma geração, agora é altamente recomendada como convicção majoritária. Robinson encoraja a teologia moderna a extrair valores de ambas as trajetórias para produzir uma nova formulação de Cristianismo para hoje.[27] O manifesto de Robinson de 1985 explode o limite constrangedor do cânon bíblico ortodoxo.

Helmut Koester, no epílogo de uma coleção de ensaios em sua homenagem,[28] dá sua própria expectativa do campo do Novo Testamento. O Cristianismo primitivo, diz ele, é

> apenas uma das muitas religiões helenísticas de propaganda, competindo com outras que seriamente crêem em seu deus e que também impuseram padrões morais a seus seguidores.[29]

Ele incita os estudiosos a abandonar o cânon do novo Testamento "como parte de um livro especial que é diferente de outros escritos cristãos antigos". Koester faz esse apelo para permitir que outras vozes cristãs antigas – "hereges, marcionitas, gnósticos, cristãos judeus, talvez também as mulheres (...) sejam ouvidos novamente".[30] Koester prontamente admite que esta não é uma ciência livre de valores e objetiva. O antigo método crítico-histórico-liberal era, ele afirma, "designado como *ferramenta hermenêutica para a liberação do preconceito conservador e do poder das instituições eclesiásticas e políticas* [ênfase minha]".[31] Da mesma forma, estudos futuros do Novo Testamento deveriam ter como objetivo "renovação religiosa e política (...) inspirada pela busca por igualdade, liberdade e justiça" na "perspectiva política compreensiva" de nosso mundo moderno.[32] Para Koester, a visão de mundo igualitária, totalmente inclusiva do pensamento da vanguarda contemporânea, torna-se *o* critério da verdade.

Esses dois eruditos influentes aplicam o programa de seu mentor, Rudolf Bultmann, a "desmitologização do Novo Testamento". Essa abordagem desmonta o entendimento teísta do Novo Testamento em favor de um entendimento monístico e gnóstico pagão.[33] Eles estão comprometidos com a destruição do cânon e, conseqüentemente, com a destruição da ortodoxia.

Vítimas do Cânon: Molestados pela Verdade

Todos amam um perdedor, especialmente se os vencedores são empresas patrocinadoras que tiranizam injustamente o perdedor. Os heréticos de hoje usam o sentimentalismo, a postura politicamente correta e poder político para defender a oprimida, teológica "matéria-prima do cânon".

Os liberais negam a possibilidade de verdade objetiva, pintando a verdade como meramente um poder social. Mas essa visão da verdade é como a moderna versão da regra de ouro: aqueles

que têm o ouro, fazem a regra. A verdade é o que aqueles no controle definem ser a verdade. Em uma nova forma de miopia, a suspeita tem substituído a nobre busca pela verdade.

Elaine Pagels, uma aluna de Koester e colega de Robinson, lê a história da igreja primitiva dessa forma. O gnosticismo foi suprimido porque os bispos ganharam, não porque o evangelho cristão da proclamação ortodoxa respondeu às necessidades de um império reprovado, ou porque era a verdadeira palavra de Deus. "São os vencedores que escrevem a História – da maneira que querem. Não é de admirar, então", diz Pagels, "que o ponto de vista da maioria bem-sucedida tem dominado todas as narrativas tradicionais da origem do Cristianismo".[34] "Será necessário", declara a erudita do Novo Testamento, Elizabeth Schüssler Fiorenza, "ir além dos limites do cânon do Novo Testamento desde que este é o produto da igreja patrística, isto é, é um documento teológico dos 'vencedores históricos.'"[35]

Essa mesma ideologia de poder funciona no *Seminário de Jesus.* Como um dos membros diz, ao buscar justificar sua inclusão dos evangelhos heréticos:

> É claro, a História é escrita pelos vitoriosos; neste caso, pelos autores ortodoxos conhecidos como pais da igreja. De uma perspectiva histórica objetiva, no entanto, "heresia" é um rótulo para as correntes religiosas rivais que perderam; eles [os gnósticos] finalmente cessaram de ser alternativas política, social ou intelectualmente aceitáveis para a principal corrente do Cristianismo popular.[36]

O autor chega ao ponto de chamar os evangelhos heréticos de "perdedores". "Eles perderam quando os círculos mais poderosos no Cristianismo impuseram seus próprios limites de aceitabilidade doutrinal." Observe como essa afirmação é cheia de termos carregados de idéias de valor. Textos heréticos recebem até o cobiçado *status* de "vítimas". O apelo emocional implícito diz: "Não é hora de adotar esses órfãos literários socialmente atormentados e finalmente lhes dar um lar em uma igreja de onde eles foram sem cerimônia e impiedosamente tirados há tantos anos?" (Além disso, eles seriam tão úteis para nosso programa da nova espiritualidade!)

Guerra dos Cânones

A erudição bíblica feminista aumenta o nível emocional na escala Richter com um ruído do poder do *patriarcado.* A última teoria de conspiração, que tem conspiradores masculinos diabólicos minando a família, a igreja e a sociedade, trabalha igualmente bem para a história do cânon. Aqueles que impuseram o cânon ortodoxo foram os *pais da igreja*, que um teólogo evangélico chamou de "chauvinistas". O desejo de poder por trás da Bíblia ortodoxa é o desejo por controle social pela supressão das mulheres pelo poder patriarcal. As mulheres pertencem agora à categoria dos "perdedores". Por isso a "teologia feminista deve criar (...) um novo cânon."[37] A teóloga feminista asiática Chung Hyun Kyung, graduada do Seminário Teológico Union de Nova York, disse em uma conferência "cristã" recente que as feministas eram livres para usar os textos gnósticos antigos, originalmente rejeitados como heréticos, porque o cânon cristão foi criado por homens, e "portanto, as mulheres não são obrigadas a aceitar um livro ou uma 'constituição' na qual elas não tiveram qualquer influência na elaboração".[38] A senhora Kyung terminou a sua palestra encorajando os conferencistas a considerar a canonização dos evangelhos gnósticos, pois nessa forma gnóstica os asiáticos, que crêem que cada pessoa tem a luz e a chama divina em si, finalmente considerariam atrativa a pregação da igreja.

Melanie Mottison, co-fundadora da CLOUT (Lésbicas Cristãs Unidas), declarou: "Eu sei em meu coração que o cânon não está fechado, está aberto. Eu sei disso porque a Bíblia não me reconcilia com a terra e a Bíblia não me reconcilia com meu eu sexual".[39] Será que a reconciliação com Deus e sua santa lei sequer passou pela mente de Melanie Morrison?

A Vinda da Era da Erudição do Novo Testamento Americano

Em novembro de 1995, no encontro anual da Sociedade da Literatura Bíblica, a vitória foi declarada. Eruditos influentes do Novo Testamento se alegraram pois o *Evangelho Gnóstico de Tomás*, um escrito herético, finalmente começou a fazer parte do clube, e que agora o clube poderia ser desbaratado. Por "clube" eles querem dizer o cânon do Novo Testamento das Sagradas Escrituras. Eles estavam se referindo, em parte, à bem-sucedida publicação de *The Five Gospels* [Os cinco evangelhos] em 1993 [veja abaixo], um volume

que coloca *Tomás* junto com os quatro evangelhos canônicos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Esse ano a Sociedade celebrou o qüinquagésimo aniversário da descoberta da biblioteca dos textos gnósticos de Nag Hammadi. James Robinson, um ex-ortodoxo calvinista e diretor do projeto de tradução que fez com que esses textos ficassem amplamente disponíveis, declarou a elevação de *Tomás* à posição de evangelho canônico como "a vinda de uma era de erudição do Novo Testamento Americano". Quanta ironia! A grande contribuição dos filhos da América cristã no fim do século 20 é a introdução da heresia pagã nas Escrituras da igreja, destruindo tanto a integridade do cânon quanto a coerência teológica da fé bíblica.

PRIMEIRAS APARIÇÕES DA NOVA BÍBLIA AQUARIANA

Há uma nova Bíblia "liberal" à espera, já de cabelos brancos por causa de sua idade, mas tão moderna. De fato, tem esperado, na areia seca e quente do Egito, como se antecipando este momento. Dois textos na coleção gnóstica se referem a ser mantido em uma montanha para esperar o final dos tempos. Talvez a coleção completa tenha sido colocada em um grande jarro e escondida[40] para o mesmo propósito. Mas por uma ou outra razão, esta Bíblia gnóstica retornou novamente em 1945. Agora ela é promovida na igreja por aqueles que pertencem à "raça santa incorruptível" da nova espiritualidade Aquariana. Quanto tempo levará para esta Bíblia gnóstica suplantar a Bíblia da ortodoxia cristã?

Ao menos algumas pessoas hoje atribuem este fato a um desvio escatológico. Caitlín Matthews, teóloga da deusa Sofia e sacerdotisa pagã da deusa Ísis, vê o ímpeto de nosso tempo para a celebração da vinda de Sofia no interesse para com os textos de Nag Hammadi. Na verdade, para dessa profunda, religiosa e inteligente neopagã, a descoberta desses textos "no começo da própria Nova Era não pode ser insignificante".[41]

O Retorno do Nag Hammadi: Uma Nova Bíblia em Velhos Potes de Barro

Quando ele quebrou o pote de barro, Mohammed Ali Finalmente conseguiu uma promoção na vida. Encontrar papél velho

num pote de barro não se configura como uma óbvia melhoria na condição de vida de alguém. No entanto, esse egípcio árabe condutor de camelo, com o mesmo nome do boxeador internacional, havia entrado para a história religiosa sem querer. Em 1945, Ali estava em Nag Hammadi, no Egito, três mil milhas ao sul do Cairo, fazendo furos no *sebakh*, o rico solo deixado após as enchentes periódicas do Nilo. Em um jarro de cerâmica estava o primeiro de 52 textos de uma coleção de escritos gnósticos. Eles descrevem um coerente e herética narrativa da doutrina cristã, oferecendo uma imagem sedutora de Jesus para aquecer o coração de qualquer guru da Nova Era.[42] Graças a Mohammed Ali, os escritos de Nag Hammadi retornaram na véspera da Era de Aquário, para ameaçar a Igreja novamente, e talvez estremecer suas raízes.

Isso é escatologia retorcida malevolamente. A ironia é enorme. Precisamente quando a espiritualidade da Nova Era emergia como a mais dinâmica força religiosa no mundo ocidental, os documentos de primeira mão de seu primo espiritual há tanto tempo perdido, o gnosticismo, veio à luz.[43] O objeto de um programa bem orquestrado de reabilitação erudita foi recentemente disponibilizado em inglês para que todos pudessem ler. Esses textos fascinam os liberais e os seguidores da Nova Era – incluindo os profetas gnósticos contemporâneos da Nova Era. Shirley McLaine vê a ironia. "Gnósticos cristãos [Primitivos]", ela afirma enigmaticamente, "operavam com o conhecimento da Nova Era".[44] Assim faz o representante da Nova Era, Theodore Roszak, que descreve a espiritualidade da Nova Era como "a reclamação e renovação da antiga gnose".[45] Há ainda mais ironia. Roszak provavelmente não contou com a ajuda dos prestigiosos eruditos do Novo Testamento que estudavam os textos antigos desde a Antigüidade.

A batalha das Bíblias está diante de nós. O ataque à Bíblia cristã vem de várias fontes, mas a mais perniciosa vem dos *eruditos bíblicos* "cristãos". Hoje o ataque é montado em duas frentes: a primeira é a reabilitação dos textos gnósticos; a segunda, é a "descoberta" do evangelho perdido, "*Q*".

Reabilitação Erudita dos Textos Gnósticos

O *Império Gnóstico* está contra-atacando nas ocas paredes da ciência do Novo Testamento. O reavivamento neo gnóstico está para

os textos gnósticos antigos assim como filé *au roquefort* está para um suave vinho branco; como os muçulmanos para Qur'an; ou os cristãos para a Bíblia. Como esse encontro ocorre ainda será visto, mas é somente uma questão de tempo. A música toca, a mesa é posta. A tese deste livro, que o novo liberalismo é uma forma renovada do antigo gnosticismo, recebe vigorosa confirmação quando nós observamos a cruzada liberal contemporânea para restaurar esses textos heréticos. Eles presentemente são empregados para justificar a ordenação de mulheres,[46] o caráter de deusa do Santo Espírito, a pertinência moral do aborto,[47] a reinterpretação feminista da cultura,[48] e muito mais.[49] O liberalismo contemporâneo não é meramente a citação dos textos gnósticos como material amplamente útil e de base. É, na verdade, a promoção desses textos a uma posição canônica.

Os Evangelhos Completos

Dizem-nos que a Bíblia está incompleta. Nós precisamos de mais textos para completá-la – e a erudição radical do Novo Testamento está feliz em poder ser útil. Robert Funk, fundador do *Seminário de Jesus,* e um dos editores de *Hermeneia,* recentemente montou o *Instituto Weststar* "dedicado a reduzir a ignorância religiosa e bíblica na América". O Weststar inclui o *Seminário de Jesus,* um jornal bimensal, *The Fourth R,* e a Polebridge Press. A busca por conhecimento religioso [o quarto R] na América desmantela a Bíblia como a igreja a conheceu. A Polebridge Press publicou *The Complete Gospels* [Os evangelhos completos] (1992), organizado por Robert J. Miller.[50] Esse volume começou como uma nova tradução da Bíblia, conhecida como a *Versão Erudita.* Mas desde que os tradutores tentaram evitar qualquer revestimento da teologia ortodoxa, eles refutaram as limitações do cânon ortodoxo também. A mensagem implícita do título é que os evangelhos canônicos são incompletos, e aqueles que não pensam assim são biblicamente ignorantes. Os evangelhos canônicos são "completados" com os evangelhos apócrifos tais como *O Evangelho da Infância de Tiago* e o *Evangelho da Infância de Tomás* (um texto há muito tempo desprezado mesmo pelos críticos eruditos liberais como literatura popular folclórica de pouco interesse teológico). Também incluso nesse cânon completo estão alguns evangelhos gnósticos: o *Evangelho de Tomás,* o *Apócrifo de Tiago,* o *Diálogo do Salvador* e o *Evangelho de Maria,* todos os quais, Miller admite, testemunham a "mistura do Cristianismo e do gnosticismo". Pedem-nos para aceitar com "a

convicção religiosa de sinceros cristãos" o que a igreja primitiva combateu como heresia diabólica. Não há ambigüidade aqui. A nova definição de conhecimento bíblico revive a heresia gnóstica, e "cientificamente" a introduz na emergente nova Bíblia – tudo feito em nome da objetividade acadêmica e da Tolerância que a tudo inclui!

Os Cinco Evangelhos

Você achava que só havia *quatro* Evangelhos. Esfregue seus olhos e olhe novamente. Eruditos "progressistas", com feitos sem precedentes de truques acadêmicos, têm introduzido textos gnósticos no Cânon, mais notavelmente em *The Five Gospels* [Os cinco evangelhos] da Polebridge Press.[51] Esse livro ataca a Bíblia ortodoxa a partir de duas posições.

Primeiro, determina as palavras autênticas de Jesus usando o critério crítico dos liberais clássicos. Copiando as Bíblias populares que destacam as palavras de Jesus em vermelho, essa publicação colore somente aqueles ditos considerados autênticos pelo *Seminário de Jesus* (lamentavelmente poucos). O preto indica os ditos não- autênticos. O Evangelho de João não tem nada em vermelho, há um rosa, dois em cinza e todo o resto é preto. O Seminário assim cria um cânon dentro do cânon, transformando muito do que a igreja considerou canônico como acréscimo secundário, na melhor das hipóteses.

Segundo, um texto herético, o *Evangelho de Tomás*, é incluído junto aos quatro evangelhos canônicos. Com muito mais vermelho e rosa do que o Evangelho de João, se sai muito bem. *The Five Gospels* secretamente "canonizam" o *Evangelho Gnóstico de Tomás* ao incluí-lo com Marcos, Mateus, Lucas e João como uma (a mais?) autêntica fonte para o Jesus histórico.[52]

Mel ou Fel?

Os eruditos radicais de hoje tentam o que seus primos antigos falharam em alcançar. No século 2º, Irineu, defendendo os quatro evangelhos canônicos como os "quatro pilares que transpiram imortalidade por todos os lados e vivificam nossa carne" (*Contra Heresias* 3:11:8), compara-os aos quatro ventos, às quatro zonas do mundo, às quatro faces do querubim (Ez 1.4). Embora as suas comparações não impressionem os leitores modernos, a sua intenção era opor-se à proliferação gnóstica dos evangelhos, insistindo somente em quatro evangelhos verdadeiros sobre os quais a igreja foi fundada – nenhum outro precisa ser usado.

A linha 67 da lista canônica do século 2º, *O Cânone Muratoriano* especificamente se recusa a incluir os escritos do mestre gnóstico Valentino, um livro de Salmos do proto gnóstico Marcião, e os escritos de Montano. "Fel", o autor antigo afirmou, "não pode ser misturado com mel."

Assim, colocar Tomás entre os evangelhos da Bíblia não é o progresso triunfante da ciência sobre o preconceito e a razão sobre a fé cega, mas antes, um exemplo contemporâneo da tentativa gnóstica antiga de injetar dentro do mel dos evangelhos o fel da heresia. Hoje, assim como no século 2º, duas versões opostas do Evangelho, duas imagens de Jesus colidem, e os leitores podem escolher aquela que mais os atraia. Dentro do registro canônico apareceu o amargo "Jesus" proto gnóstico, que não veio para morrer por nossos pecados, mas para revelar que todos nós somos cristos.[53]

Se os gnósticos modernos tiverem sucesso, não faltará muito para um *completo* Novo Testamento, com encadernação de couro e papel da China, incluindo o *Evangelho de Tomás* e excluindo 1 e 2 Timóteo e Tito, ou, ao menos, uma seleção dos "versos satânicos". Uma Bíblia inclusiva que exclui o que é politicamente incorreto certamente já está nos arquivos de alguma editora esperando a hora certa para ser publicada. O "quarto R" de Robert Funk pode muito bem se tornar o R da revolução religiosa.

Jogo limpo?

Embora nos dias de hoje a adição das escrituras gnósticas ao cânon cristão seja feita em nome da diversidade e do jogo limpo, jogo limpo é deixá-los separados do cânon bíblico, pois a coerência interna deles os faz mutuamente exclusivos – teologicamente falando. Mesmo Bentley Layon, professor de História Cristã Antiga da Universidade Yale, e tradutor de muitos textos gnósticos, e favorável às suas mensagens, reconhece que os textos gnósticos compartilham de um "sistema simbólico coerente" que se auto-explica, explica o mundo e sua origem, e também as outras pessoas.[54] Falando-se em coerência, alguém disse que o que se faz com os três primeiros capítulos de Gênesis determina todo o restante que será dito sobre teologia. Os escritos gnósticos de Gênesis 1-3 são sistematicamente duvidosos, denegrindo não somente a criação, mas Deus o Criador que está por trás do texto de Gênesis. Tal suspeita permeia tudo o que os reveladores e mestres gnósticos dizem. A Bíblia cristã toma a posição exatamente

contrária. Toda a Bíblia honra e glorifica a Deus, o bom e gracioso Criador e Redentor do céu e da terra.

Estes dois sistemas coerentes são fundamentalmente opostos. O que um deles chama de maligno o outro chama de bom, o que um chama de verdade o outro chama de erro. No mundo real criado por Deus, um dos sistemas é falso e o outro é verdadeiro. Os dois não podem estar corretos. Somente um pode funcionar como cânon. Claramente, é obra do maligno compor uma trama de confusão a partir dos claros limites entre a verdade e a falsidade. Em seu mundo, não há cânon.

Q: Uma Fonte de Riquezas Liberais Inesperadas

Como um texto gnóstico herético como o *Evangelho de Tomás* pode se posicionar orgulhoso ao lado dos quatro Evangelhos canônicos, dos "quatro pilares, expirando imortalidade em cada lado e vivificando nossa carne", como disse Irineu, o terrível inimigo do gnosticismo?[55] Imagine a ferrenha crítica que ele teria escrito dos *Cinco Evangelhos,* já que ele conhecia o gnosticismo de primeira mão e o considerava "um abismo de loucura e blasfêmia contra Cristo".[56] Críticos modernos serão tolerantes, não menos por causa da erudição que tal volume afirma. Parte dessa erudição é o emprego de *Q*.

James Robinson opõe-se a Irineu e aos cristãos ortodoxos ao elevar um documento hipotético, *Q*, como "certamente o mais importante texto que nós temos". O que faz de *Q* mais importante que Mateus, Marcos, Lucas ou João, ou as grandes epístolas de Paulo?

Q, da palavra alemã *quelle* ("fonte"), é o nome que os eruditos deram ao material comum a Mateus e Lucas. A princípio sugerido por Johann Gottfried Eichhorn em 1794,[57] *Q* serviu como a teoria mais aceita sobre as fontes usadas por Mateus e Lucas. Conhecido como a "Teoria das Duas Fontes" esse argumento sugere que Mateus e Lucas tinham tanto Marcos quanto *Q* diante deles quando compuseram seus próprios evangelhos. Mateus teve um material adicional, "M", enquanto o material exclusivo de Lucas é conhecido como "L". Por um longo período, *Q* foi considerado uma miscelânea de ditos.

O interesse recente transformou *Q* de uma coleção de ditos possivelmente usados por Mateus e Lucas, para *Q* como um

documento independente, que oferece sua própria teologia e uma janela sobre o movimento inicial de Jesus.[58] Certos círculos críticos se referem a *Q* usando capítulos e versículos (por exemplo, *Q* 9.57).[59] Isso é algo parecido com a classificação dos ossos imaginários de um homem pré-histórico, cujo único traço na História era as ruínas de sua casa. *Q* é estudado como um documento independente no encontro anual da Sociedade da Literatura Bíblica. Alguns títulos recentes – *The First Gospel* [O primeiro evangelho][60], *The Lost Gospel* [O evangelho perdido][61], *e Q Thomas Reader* [O leitor Q de Tomás] (apresentados na contracapa como "Os Primeiros Dizeres dos Evangelhos")[62] – também procuraram conceder a *Q* o maravilhoso dom da existência objetiva.

Q tem duas funções importantes nos estudos radicais do Novo Testamento: a primeira é restaurar o *Evangelho de Tomás;* a segunda é dar acesso à comunidade "cristã" radical na qual *Q* supostamente nasceu.

Q e Tomás: Uma Dupla Dinâmica

Tomás, como uma coleção de 114 ditos sem qualquer interesse para a história da vida de Jesus, é tão claramente gnóstico e tão diferente de outras formas do evangelho que é difícil colocá-lo logo cedo na história cristã.[63] *Q* entra no momento certo.

Se de fato *Q* existiu, é o mais antigo documento escrito.[64] Se pode ser identificado com o material comum de Mateus e Lucas, também é composto quase que inteiramente de ditos, dificilmente apresenta uma narrativa e não contém nenhuma descrição ou reflexão sobre a morte e ressurreição de Jesus. *Et voilà* uma alma gêmea teológica para *Tomás*. *Q* leva Tomás para o Jesus histórico assim como um ímã atrai limalha de ferro. De acordo com Robinson, o documento hipotético *Q* mostra que o *Evangelho de Tomás* está entre as coleções mais antigas de ditos de Jesus.[65] Diz o estudioso neotestamentário Stevan Davies que "[Tomás] parece ser aproximadamente tão valioso como fonte primária para o ensino de Jesus quanto *Q*".[66] Tomás e *Q* compartilham o mesmo gênero literário – uma coleção de ditos – e a mesma teologia – Jesus como um mestre sábio, não como um salvador dos pecados. Robert Funk, em uma entrevista na Rádio Pública Nacional, admitiu que as seções em vermelho e rosa de *The Five Gospels* [isto é, os ditos considerados os mais autênticos] derivam principalmente de *Q* e Tomás.[67] A erudição moderna tem o objetivo de nos entregar uma imagem de Jesus nova, com bases científicas.

Se a imagem é a mensagem, a mensagem implícita do *Seminário de Jesus* está fadada a agradar as gerações *boomer* e *buster* – esta é uma pesquisa histórica pró-escolha, a verdade por meio da urna de voto, como especialistas calmamente lançam bolas coloridas dentro de um jarro, em um "seminário" não-confessional de entendidos,[68] livre de instituições eclesiásticas e dogmas impostos, forçado pela evidência objetiva da ciência para que apresente novos textos e um novo Jesus para um novo tempo.

Um dos representantes do *Seminário de Jesus* diz: "[nosso trabalho] não está em conformidade com nenhuma igreja (...). Nosso propósito é simplesmente deixar os evangelhos falarem, o máximo possível, em seus próprios termos".[69] O único problema com a imagem é que é falsa. Há tanto compromisso teológico aqui como em qualquer grupo religioso aberto.[70] Além do mais, a "ciência" na qual a imagem é baseada deixa muito a desejar.

Q é absolutamente essencial para esta nova Bíblia. Uma vez que *Q* existe, o *Tomás gnóstico* pode ser (de alguma forma) plausivelmente conduzido para a órbita da comunidade primitiva que se seguiu à morte de Jesus.[71] Sem o documento *Q*, toda essa construção cai ao chão como uma casa de cartas.

Q é o que você acredita que seja

Algumas das melhores mentes têm procurado fazer com que a hipótese do documento *Q* seja aceita. No final do século 19, o famoso liberal alemão Adolf von Harnack advertiu que trabalhar nas fontes dos Evangelhos canônicos era como "um trabalho de um gari, no qual se engasga com a poeira".[72] A poeira ainda não baixou. Em 1980, um outro especialista sobre o assunto, outro alemão, disse:

> A análise crítica das fontes dos Evangelhos é justificavelmente considerada como um dos mais difíceis problemas de pesquisa na história das idéias (...) pode-se verdadeiramente dizer que nenhum outro empreendimento na história das idéias chegou perto do mesmo grau de escrutínio erudito.[73]

Apesar de todo esse esforço, muitos eruditos respeitáveis têm discordado sobre a visão padrão, mesmo a respeito de *Q* como uma fonte existente.[74] Um erudito neotestamentário inglês, John Wenham, palestrante da Universidade Bristol e diretor da Latimer House, em Oxford, dá um testemunho interessante:

> Em 1979 eu participei do *Seminário do Problema Sinóptico* da *Sociedade para os Estudos do Novo Testamento*, cujos membros estavam em desacordo sobre cada um dos aspectos do assunto. Quando esse grupo internacional separou-se em 1992, tiveram tristemente que confessar que após um trabalho de doze anos eles não puderam chegar a um consenso a respeito de um único item sequer.[75]

O julgamento de Wenham em 1992 é que a hipótese *Q*, desde que "ninguém sabe ao certo se um documento *Q* realmente existiu", é ainda tida como uma hipótese possível "mas com uma confiança decrescente".[76] James Robinson, na mesma palestra que afirma em que *Q* é o mais importante texto cristão que temos, acrescenta ao debate em andamento o Problema Sinóptico.[77] William Farmer, um liberal à moda antiga, o repreende:

> contra Robinson, não seria mais razoável concluir que se o debate em andamento sobre o Problema Sinóptico levanta questões sobre a existência de "*Q*", que é o que o debate está fazendo, teólogos como Robinson não deveriam reconhecer o caráter hipotético de suas reconstruções, e admitir que seus projetos se apóiam em uma premissa que pode ser falsa, uma premissa que um crescente número de eruditos competentes estão preparados para dizer que provavelmente é falsa?"[78]

Não é o máximo especulação que eruditos construam hipóteses adicionais sobre uma hipótese que ainda espera confirmação geral por parte dos estudiosos, especialmente quando a própria natureza da fé cristã está em jogo? Já em 1955 A. M. Farrer argumentou que não havia necessidade do documento *Q* se Lucas usou Mateus. Tudo que era comum era o resultado de Lucas incorporando Mateus em seu evangelho.[79] A simplicidade desse argumento tem convencido mais do que um erudito contemporâneo[80], um dos quais descreveu o artigo de Farrer como uma "bombinha de festa junina".[81] O argumento de Farrer ainda lança faíscas, esperando uma refutação satisfatória.[82] O apoio moderno, não uma refutação, está em andamento. Ao passo que os eruditos de *Q* aperfeiçoam sua edição crítica do texto de *Q*, uma nova publicação de um grupo de eruditos igualmente dotados põe a existência do documento *Q* uma vez mais num sério cheque –

uma situação que William Farmer descreve como "extremamente irônica". *Beyond the Q Impasse – Luke's use of Matthew* [Além do impasse de Q – o uso que Lucas faz de Mateus][83] reexamina o velho argumento de que Lucas usou Mateus e afirma ter encontrado "dados objetivos nunca vistos anteriormente, que provam que o autor do Evangelho de Lucas sistemática e respeitosamente usou seqüências de materiais do Evangelho Canônico de Mateus ao escrever seu próprio Evangelho".[84] Aparentemente, o colosso gnóstico da origem cristã tem ridículos e grandes pés de barro!

Alguém vai participar do Jogo da Nova Era?

Em 1989, Eale E. Ellis fez a crítica de um livro sobre o documento *Q* escrito por João Kloppenborg, um dos principais nomes nos estudos do documento *Q*. Ellis faz a pergunta que qualquer especialista de respeito faria:

> É sábio seguir uma tese [sobre o desenvolvimento de *Q*] sem reconhecimento e aparentemente sem ciência a respeito dos inúmeros questionamentos atuais e da rejeição da hipótese do documento *Q*? (...) este livro prega àquele que já é convertido (...) mas não é projetado para responder às questões daqueles que duvidam que qualquer documento *Q* jamais tenha existido fora da imaginação erudita.[85]

Objeções antigas ao tão conhecido caso científico para *Q* teimosamente permanecem. Muitos estudiosos têm dúvidas a respeito das novas roupas do imperador. Ignorar objeções não é boa ciência, mas isso é o que os proponentes atuais da hipótese fazem. O barulho a respeito de *Os cinco evangelhos* levou um erudito inglês conservador a comparar a situação contemporânea a um jogo de rúgby, no qual há cinco times, dez bolas e todos pensam estar ganhando.[86] Algumas avaliações da "nova ciência" são menos benévolas. Jacob Neusner, um professor judeu de estudos religiosos da Universidade da Flórida chama o *Seminário de Jesus* de "ou a maior de todas os embustes eruditas desde o homem de Piltdown ou a falência total dos estudos do Novo Testamento – eu espero que seja o primeiro".[87]

Se a ciência não é convincente, que ideologia impulsiona o movimento? Será uma nobre e neutra busca pela verdade, um desejo

de educar e remover a escuridão da ignorância religiosa, como seu representante intrepidamente afirma? Ou é dirigida por uma profunda oposição à ortodoxia cristã, uma ideologia que serve à nova religião da Era de Aquário?

Sem Programação... Mas Quem é o Dono de Jesus?

O programa erudito tem radioatividade teológica. William Farmer viu isso se aproximando em 1986, quando observou:

> Haverá conseqüências devastadoras quando "*Q*" for usado com fontes gnósticas como o *Evangelho de Tomás* em imaginárias reconstruções implicando haver uma comunidade primitiva apostólica para a qual a morte e ressurreição de Jesus Cristo foi (em oposição ao Novo Testamento) de pouca ou de nenhuma importância.[88]

Farmer sente o caráter explosivo da agenda "erudita", embora ele não explique os detalhes. É claro que o maligno está nos detalhes. Desde seu início nos anos 80, a "teologia de *Q*", com a sua descrição de Jesus e da comunidade primitiva, tem produzido um crescente corpo de literatura.[89] Os novos eruditos radicais do documento *Q* concordam com *Tomás* em três importantes áreas:

▶ A Pessoa de Jesus

Jesus não se proclamou como Messias e o Filho de Deus, o divino salvador que morreria pelos pecados do mundo;[90]

▶ A Obra de Jesus

O Jesus descrito no documento *Q* [o documento hipotético supostamente embutido em Mateus e Lucas – ver abaixo] é exclusivamente um mestre da sabedoria,[91] um tipo de guru proto-gnóstico;

▶ A Natureza da Igreja

O "povo do documento *Q*" (hipoteticamente reconstruído com base no hipotético documento *Q*) não enfatizava a "pessoa de Jesus ou sua vida e destino. [Antes] foram levados a atentar para o programa social que foi exigido por seus ensinamentos",[92] incluindo

a pobreza radical, o estilo de vida de um mendigo[93] errante, uma atitude de subversão política,[94] e o que não é preciso dizer, um feminismo igualitário, antipatriarcal.[95]

Falando a respeito da "comunidade *Q*", Burton Mack entra em cena para fazer a mais radical de todas as afirmações:

> O impressionante sobre o povo do documento *Q* é que eles não eram cristãos. Eles não pensavam em Jesus como um messias ou o Cristo; (...) Eles não consideravam a sua morte como um (...) evento salvífico; (...) eles não imaginavam que ele tivesse ressuscitado da morte; (...) eles não se reuniam para adorar em seu nome (...). *O povo de Q era o povo de Jesus, não cristãos* [ênfase minha].[96]

A publicidade para o livro de Burton L. Mack, *The Lost Gospel: The Book of Q and Christian Origins* [O evangelho perdido: o livro de Q e as origens cristãs]proclama que o *Livro de Q* "antecede o Novo Testamento em gerações", que o Novo Testamento "apresenta a vida de Jesus em forma de ficção", e que os discípulos de Jesus "não o tinham como o Filho de Deus (...) mas (...) como um sábio, um rebelde (...) contracultural (...) mestre".[97]

A questão é: Jesus é de quem? Dos gnósticos antigos e do *Seminário de Jesus* ou do Novo Testamento e da ortodoxia histórica?

Sem Programação... Exceto por um Cristianismo Neopagão

Alguns do movimento *Q* podem inocentemente crer nos eruditos "neutros", indo atrás da verdade aonde quer que ela os conduza,[98] mas a maioria dos eruditos do *Seminário de Jesus* tem um compromisso religioso com alguma forma de liberalismo e alguns não têm qualquer compromisso cristão. Um outro deus que não o Deus da Escritura parece estar usando as ciências deles para promover sua programação perniciosa. A erudição de *Q* e a nova Bíblia que é proposta dá fundamentos teológicos para o evangelho da Nova Era do feminismo igualitário, androginia sexual em todas as suas formas perversas, a unidade de todas as religiões, a rejeição do pecado, a rejeição da expiação – em uma só palavra, a extrema paganização da fé cristã. O princípio nobre – "Cuidado para não encontrar um Jesus inteiramente compatível com você" – que supostamente guiou o *Seminário de Jesus*, não fez com que esses estudiosos evitassem o

que eles chamam "esta fatal armadilha (...) [de] criar Jesus à nossa própria imagem".[99] O Jesus que emergiu deles estaria em casa na ideologia pro-escolha e politicamente correta sustentada pela elite pós-moderna de nossa cultura contemporânea.

Encontrando Jesus Novamente pela Primeira Vez

Este Jesus moderno, pro-escolha, faz-nos perguntar quão "científico" é o "Jesus" do Seminário de Jesus. Se o compromisso religioso de um de seus mais notáveis membros é algo para se manter, não muito. Marcus Borg, autor de recente livro sobre Jesus, *Meeting Jesus Again for the First Time* [Encontrando Jesus novamente pela primeira vez], é um homem profundamente religioso.[100] Criado como luterano evangélico, ele agora descobriu uma nova visão do Espírito e de Jesus. O Jesus que ele encontrou novamente pela primeira vez não é o Jesus da ortodoxia das escrituras. "Como Sócrates", diz Borg, "Jesus era um mestre de uma sabedoria subversiva. Como Buda, ele teve uma experiência iluminadora. Como um xamã, ele era alguém que curava. Como Gandhi, ele protestou contra um sistema de pureza,"[101] Borg não está meramente comparando Jesus com os elementos nas vidas de outros homens santos. Borg está reconhecendo a validade de outras tradições religiosas, pois a nova visão do espírito de Borg é "radicada no panteísmo de Huston Smith".[102] Nós precisamos perguntar meramente quem é Jesus? Nós precisamos perguntar quem é Huston Smith?

Huston Smith é um especialista famoso na área de religiões comparadas. Profundamente conectado à espiritualidade monística, ele se associa aos pensadores[103] da Nova Era e da Teosofia e publicou junto à Casa Publicadora Teosófica de Wheaton, em Illinois.[104] Os leitores se lembrarão que a Sociedade Teosófica foi fundada no final do século 19 pela espiritualista Helena Blavatsky, e mais tarde difundida por Annie Besant. Ambas essas mulheres são agora consideradas as matriarcas da Nova Era. Uma autoridade na história do ocultismo chama a Sociedade Teosófica de "o próprio pilar do reavivamento do ocultismo do final do século 19".[105] Huston Smith é o autor citado acima que crê que há uma "geometria invisível (...) trabalhando para moldar [as grandes tradições religiosas do mundo] em uma verdade única". Não é necessário dizer que essa visão sincretista do espírito, quando empregada por Borg, somente considerará possível de se acreditar

no Jesus guru que se pode misturar dentro dos outros sistemas religiosos. Rejeitará como inaceitáveis e assim inautênticas as afirmações do Jesus das confissões ortodoxas. Em seu testemunho pessoal, Borg afirma com muita hostilidade: "Eu não creio que o Cristianismo seja o único caminho para a salvação, ou que a Bíblia seja a vontade revelada de Deus, ou que Jesus foi o único filho de Deus". O Cristianismo é somente um de muitos "mediadores do sagrado".[106] Deve-se respeitar o sistema de crença de Borg, sabendo que seu sistema é somente isto, uma crença. Um membro do *Seminário* declara que é cada vez mais difícil imaginar um Jesus que refletiu em sua própria morte (ver a seguir, no capítulo 10). Talvez isso se deva à mudança no sistema de crença de muitos eruditos bíblicos modernos, em vez de uma mudança nos fatos. Agora que a trêmula miragem da ciência se dissipou, o *Seminário de Jesus* põe diante de nós uma espiritualidade panteísta restaurada, um Jesus gnóstico. Quantos dos 73 membros adotam uma espiritualidade semelhante por trás de suas afirmações à fria erudição? O quarto R Revela-se o R do monismo religioso.

Não é de se surpreender que os sincretistas pagãos "cristãos" é que exultam com *The Five Gospels.* O bispo episcopal feminista radical, John Shelby Spong, que apóia a homossexualidade e nega a ressurreição corpórea, elogia o livro como "uma jornada penetrante, pungente e profundamente espiritual para dentro do coração dos evangelhos, (...) e pode bem se tornar o meio pelo qual o mundo pós-cristão secularizado descubra suas mais profundas raízes".[107] Uma outra tradução das "palavras mais familiares de Jesus", baseada no mesmo tipo de erudição,[108] recebe o *imprimatur* de Matthew Fox, o teólogo da "Espiritualidade da Criação" que endossa a homossexualidade, a bruxaria e o animismo ameríndio. "Atenção leitor", adverte Fox, "embora este livro seja breve, contém as sementes de uma revolução."

O que os radicais Fox e Spong sabem que a maioria dos cristãos não sabe? Interessantemente, um outro teólogo da Espiritualidade da Criação diz sobre *The Complete Gospels*: "Lendo este livro eu me senti como uma criança na manhã do dia de Natal".[109] É evidente, que se essa visão prevalecer, não haverá Natal! Por que a Sociedade Vedanta Hindu da América aceita esses textos gnósticos e endossa a erudição radical do Novo Testamento que os reabilita?[110] Porque as crenças de Jesus de acordo com o *Evangelho de Tomás* são virtualmente uma cópia

carbono da "Espiritualidade da Criação" de Matthew Fox, do paganismo hindu ocidental e do misticismo da Nova Era em todas as suas formas.[111] O Jesus do *Evangelho de Tomás* rejeita a noção de pecado encontrada em Gênesis 2.5 a 3.24, mantendo somente a visão otimista do ser humano expressa em Gênesis 1.1 a 2.4. Este Jesus "autêntico" da erudição de esquerda do Novo Testamento fala não como o Jesus do cânon do Novo Testamento, mas como um médium da Nova Era. Um especialista do Novo Testamento conclui: "Aqueles que procuram o lugar onde Jesus está *não* devem procurá-lo, mas encontrarão o que procuram dentro de si mesmos".[112] Iso é hinduísmo puro. Shirley MacLaine não poderia ter dito melhor. Talvez ela devesse ser convidada para se unir ao *Seminário de Jesus,* para que tivessem ainda mais uma opinião neutra!

A retórica feminista também se beneficia dessa nova erudição. A imagem ortodóxa, neotestamentária de Jesus esteve notadamente ausente no seminário dedicado a Jesus, a *Conferência RE-Imaginando* em 1993, que contou com aproximadamente quinhentos participantes. Os procedimentos começaram com músicas para a deusa Sofia, e a apresentadora Dolores S. Williams, uma "womanist" (uma feminista negra) professora de teologia no Seminário Teológico Union em Nova York afirmou asperamente: "Eu não acho que nós precisamos uma teoria da expiação de maneira alguma". Um líder do seminário, Kwok Pui-Lan, perguntou: "Quem é este cômico Deus que sacrificaria um cordeiro?" Ela continuou explicando, em termos que lembravam o *Evangelho de Tomás,* que os chineses não crêem em um Deus fora da criação, e que a tradição confucionista enfatiza a atitude para o bem na raça humana.[113]

A Bíblia Completa

Os eruditos do *Seminário de Jesus* estão produzindo intencionalmente uma nova Bíblia que aumenta e completa a Bíblia que já temos. A *Bíblia Erudita* deles apresenta textos tais como *O Evangelho da Infância de Tiago e Tomás,* que até os eruditos liberais desconsideraram no passado como uma lenda religiosa e uma ficção popular, não digna de ser considerada, nem mesmo por um momento, como parte do Cristianismo primitivo autêntico.[114]

A nova Bíblia, que acrescenta e também retira da Escritura Sagrada, propaga o monismo pagão na igreja cristã. A que isso levará?

Uma Nova Bíblia para uma Religião Global

A nova Bíblia e a "comunidade do documento *Q*" podem ser criações de vida curta. Mas elas terão desconstruído a Bíblia ao relativizar a unicidade de suas afirmações e ao estabelecer escritores heréticos junto com os canônicos.[115] *Q*, *Tomás*, e outros textos heréticos, e eventualmente 1 Coríntios 13, sobreviverão em uma atmosfera emocionante, a da Bíblia de todas as religiões da próxima geração, já em processo de produção. Nós fazemos bem em lembrar aqui a profecia feita em 1974 sobre a nova religião politeísta vindoura, "porque faz contato com a urgência da vida fora das profundezas, *é em si mesma uma religião sem escritura, mas com muitas histórias*".[116]

A produção de uma Bíblia mundial começou com um estímulo forte por Robert Muller, um líder da Nova Era e assistente vice-secretário geral da ONU. Em 1989 a ONU criou a *Organização Internacional da Literatura Sagrada.* O propósito dessa Organização é tornar os escritos sagrados mundiais mais acessíveis em inglês comum. Esse projeto é agora encabeçado pela *Federação Inter-Religiosa para a Paz Mundial,* uma organização de frente da Igreja da Unificação.[117] Num dos simpósios da Federação, o "*Simpósio Sobre as Escrituras Mundiais*", organizado no *Parlamento das Religiões do Mundo* em setembro de 1993, alguns eruditos bem conhecidos, incluindo a Dra. Ursula King, membro da diretoria de Conselheiros da Federação Inter-Religiosa para a Paz Mundial e Professora de Teologia e Estudos Religiosos na Universidade de Bristol, no Reino Unido, deu palestras sobre esse programa tão interessante. Em sua palestra, King anunciou que a Organização Internacional da Literatura Sagrada havia concordado em fazer uma publicação com a Harper Collins, e concluiu que essas séries de tradições sagradas antigas se "tornariam uma fonte contemporânea para moldar nosso futuro como uma comunidade global".[118]

Uma Nova Bíblia de Todas as Crenças

A nova Bíblia será parecida com um dos textos lidos em uma das sessões plenárias dos *Parlamento das Religiões do Mundo*, "*Vozes do Espírito e da Tradição*". Textos das Escrituras hindu e budistas foram lidos ao lado das seleções do Alcorão e dos mestres sufi, um canto animista ameríndio e um poema de uma "womanist" afirmando que a humanidade precisa de novas revelações. O teólogo da "morte de Deus", David Miller, professor de Religião da Universidade Syracuse e membro do Instituto Joseph Campbell pediu o fim dos

dogmas e das doutrinas que limitam a unidade e a descoberta de uma alma mundial por meio do esvaziamento e da privação. Miller leu Meister Eckhardt, um místico medieval que orou: "Eu oro a Deus que me liberte de Deus". Um representante da "Escola da Psicologia Espiritual" leu o texto gnóstico *Pistis Sophia*, que reverenciava a deusa e denunciava o Deus Criador "face de leão" do Antigo Testamento. Houve uma leitura da Bíblia, um texto no qual Deus e Cristo estavam ausentes. Um monge beneditino liberal, seguidor da Nova Era declarou que, como representante da tradição cristã, ele havia defrontado uma escolha impossível. Incapaz de escolher uma passagem que mencionsse Deus, por medo de ofender todas as mulheres presentes, ou uma passagemque mencionasse Jesus Cristo, pois seria muito desarmonioso, ele resolveu o seu dilema ao ler 1 Coríntios 13 como um texto sobre o amor que fala ao coração de todo religioso cujo interesse profundo é ajudar os humanos a se tornarem verdadeiramente humanos em profunda comunhão com as plantas e com os animais. Eu não pude deixar de perceber que essa afirmação foi recebida com muito entusiasmo por todas as bruxas na plataforma.

Em 1984, o ano que George Orwell tornou famoso com seu romance que descreve a forma máxima do totalitarismo, a Editora Harper nos trouxe *The Other Bible* [A outra Bíblia], uma coleção de escritos "inspirados" do mundo judeu-cristão antigo, que inclui muitos textos gnósticos e materiais da mística cabala judaica, que não fazem parte do cânon cristão. Seu organizador, Willis Barsntone, professor de Religiões Comparadas da Universidade de Indiana, faz a seguinte afirmação ao apresentar a coleção: "Se os eventos tivessem sido diferentes e alguns desses [não canônicos] textos tivessem sido incorporados em nossa Bíblia, nosso entendimento do pensamento religioso teria sido radicalmente alterado. Hoje, livre de restrições doutrinárias, nós podemos ler a 'bíblia superior' do mundo judeu-cristão".[119] A implicação é que esses livros não fizeram parte do cânon como resultado de um dogmatismo arbitrário. Mas a acusação é fraca e não é apoiada. A maioria do material em *The Other Bible* (com a exceção dos Manuscritos do Mar Morto) defende uma visão monística e anticristã em contradição fundamental ao evangelho cristão. Um caso em questão. Os conteúdos do gnóstico *Apócrifo de João* são descritos nessa publicação como tendo relação com "Sofia, a Mãe do Criador Monstruoso, Ialdabaoth, Jahweh". Para um cristão isso é uma blasfêmia indescritível, pois o Novo

Testamento apresenta Deus como Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo e o criador do céu e da terra. Se você aceita *The Other Bible,* você adota uma visão não-cristã do mundo e da vida. Não se pode ter as duas Bíblias, assim como não se pode servir a dois senhores. Mas é exatamente essa a quetão. A editora Harper São Francisco também nos apresenta *The World's Wisdom: Sacred Texts from the World's eligions* [A sabedoria do mundo: textos sagrados das religiões do mundo],[120] chamando-a "Virtualmente uma Bíblia Mundial para uma era de entendimento intercultural". A editora Penguin Books oferece *The Portable World Bible* [A Bíblia mundial portátil] que inclui seleções das "bíblias" das principais religiões do mundo – os Upanishads e o Bhagavad-gita do Hinduísmo, o Lótus da Lei Verdadeira e a Doutrina Tibetana do Budismo, O Gatas do Zoroastrismo, o Alcorão do Islão, o Li Ki e o Livro da Piedade Filial do Confucionismo, o Tao-Te King do taoísmo, e "seleções substanciais do Antigo e do Novo Testamentos" do judaísmo e do cristianismo.[121]

As Escrituras Mundiais – uma Bíblia planetária interfé inclusiva de religião e de sexo – é parte do ousado novo mundo da Era de Aquário que nos aguarda no Terceiro Milênio. Embora ainda não disponível [que eu saiba] numa edição para uso na igreja, para uso em liturgias interfé, não está longe de acontecer quando a Bíblia Mundial for adotada como padrão pelas principais correntes do Cristianismo. Quão importante é que os cristãos entendam o que está acontecendo agora, como os liberais fazem arranjos com sua Bíblia e procuram minar a base objetiva da fé cristã. Quão importante é que preservemos a Bíblia de tais rudes ataques e continuemos a fazê-la disponível para que todos leiam, entendam e obedeçam.

Capítulo 7

A BÍBLIA GNÓSTICA ANTIGA

Foi revelado em seus corações o vivo livro dos vivos.
- Evangelho da Verdade

O Uso e o Abuso das Escrituras

Estritamente falando, os gnósticos não tinham uma Bíblia.[1] Uma Bíblia somente faz sentido em um universo teísta no qual o Deus transcendente, distinto de sua criação, se revela no espaço e no tempo, por causa da redenção por meio da revelação especial. Desde que os gnósticos se auto-redimiam, e estavam em contato com seu eu divino, eles não tinham necessidade de uma revelação. A intervenção de Deus para salvar e revelar era supérflua para aqueles que tinham um conhecimento interior de sua própria divindade. Gurus espirituais sugeriram sabedoria baseada em suas próprias buscas de transformação pessoal.

Mas os gnósticos usavam a Escritura quando lhes interessava. Eles se relacionavam com a Bíblia de três maneiras:

- Eles faziam citações (fiéis e alteradas) da Bíblia cristã;
- eles produziam "escrituras" falsas;
- eles usaram fontes místicas da sabedoria gnóstica da criação das quais criaram um "cânon" que não se parecia em nada com o cânon da igreja.

O Antigo Testamento

Um dos mais antigos gnósticos, Marcião, detestava tanto o Deus da Criação e da Lei que tirou o Antigo Testamento de seu cânon "cristão". Os textos pregados pelos apóstolos, a "Escritura" da igreja primitiva, foram eliminados pelos gnósticos do século 2º como reflexões desagradáveis de um Deus inferior. Gnósticos posteriores, como Valentino, foram mais ingênuos. Como o capítulo sobre a Bíblia gnóstica mostrará, o desenvolvido sistema gnóstico confiscou o Antigo Testamento com propósitos gnósticos ao virar o texto sagrado de cabeça para baixo. O pai da Igreja, Tertuliano (160-225 d.C.), destaca as sutilezas dessa abordagem posterior quando compara Marcião e Valentino:

> Um perverte a Escritura com a sua mão, outro com a sua exegese. Se Valentino parece ter usado a Bíblia toda, ele colocou mãos violentas sobre a verdade da mesma maneira que Marcião. Marcião, aberta e livremente, usou a faca, não a caneta, massacrando a Escritura para que se encaixasse ao seu próprio material. Valentino teve misericórdia do texto, pois não inventou Escrituras para agradar sua posição, mas uma posição para agradar as Escrituras. Porém, ele fez um estrago maior; fez acréscimos à Escritura, ao tomar os significados próprios de palavras particulares, e ao acrescentar fantásticos argumentos.[2]

Em geral, os gnósticos desconsideravam o Antigo Testamento. Ainda que vários textos de Nag Hammadi enfoquem Gênesis 1-3, o resto do Antigo Testamento está, na prática, ausente. A razão é simples. O gnosticismo é uma revolução de independência do Deus Criador revelado na Bíblia. Uma vez que o Criador é destronado, o resto todo cai naturalmente de onde estiver. Os gnósticos não tiveram interesse na *história* da redenção, que é o tema unificador do Antigo Testamento. A História não tem significado em um mundo monístico. Se um Criador vetero testamentário define a si mesmo como Redentor de Israel, ele não é de interesse algum. Entregar a Lei ao seu povo selou o destino de Jahweh.

O Novo Testamento

O que ocorreu com o Antigo Testamento também ocorreu com o Novo. É interessante comparar os gnósticos com um outro grupo religioso antigo, o povo de Qumran. Os Manuscritos do Mar Morto da Comunidade de Qumran foram descobertos três anos após a biblioteca de Nag Hammadi. Eles contêm alguns comentários e cópias completas ou fragmentos de cada livro do Antigo Testamento, exceto Ester.[3] Embora sendo um grupo marginal no antigo judaísmo, a comunidade de Qumran era claramente comprometida com a Bíblia vetero testamentária, ainda que suas interpretações fossem, às vezes, idiossincráticas.

Em contraste, a Biblioteca de Nag Hammadi, a única coleção existentes de textos deste movimento "cristão" marginal, testemunha um profundo desdém pelas escrituras de sua tradição. Não há uma cópia sequer de um livro do Novo Testamento. Por suas alusões a frases bem conhecidas, os escritos gnósticos mostram familiaridade com os escritos apostólicos. Mas eles parecem deliberadamente suprimir os escritos do Novo Testamento. Os gnósticos mostram apatia em relação a Jesus como uma pessoa, e não vêem importância alguma em suas obras, especialmente em sua morte e ressurreição. O ensino apostólico, testemunha ocular da pessoa e do ministério de Jesus é embrulhado na interpretação gnóstica ou mudado para desviar o sentido original. Um excelente caso em questão é o *Evangelho de Tomás.*

Tomás e os Evangelhos

A erudição associada com o *Seminário de Jesus*[4] regularmente afirma *Tomás* como sendo um dos mais antigos, senão o mais antigo evangelho escrito. Mas uma geração anterior de especialistas afirmou o contrário. Kurt Rudolf, cuja obra, *Gnosis* [Gnose], fora publicada em 1977, vê em *Tomás* a típica abordagem gnóstica à escritura de outras pessoas, quando ele diz:

> O *Evangelho de Tomás* apresenta o antigo material dos ditos e parábolas de Jesus em uma interpretação gnóstica e acrescenta um novo material do mesmo tipo (...) os homens gnósticos das letras eram freqüentemente líderes na produção de tais "evangelhos".[5]

Rudolf adiante observa que o gnosticismo

> freqüentemente obtém seu material de uma grande variedade de tradições existentes, então se anexa às tradições, e ao mesmo tempo coloca tudo em uma nova estrutura (...). A visão gnóstica do mundo (...) liga-se (...) a uma imagem religiosa antiga; quase como um parasita prospera no solo de religiões anfitriãs, pode também ser descrito como parasitaria. Desse extenso gnosticismo, estritamente falando, não há uma tradição própria, mas somente uma tradição emprestada. A sua mitologia é uma tradição conscientemente criada com base em um material que lhe é estranho.[6]

Um maravilhoso exemplo deste método gnóstico é o dito de número 21:

> Maria disse a Jesus, "Como são os seus discípulos?" Ele disse, "Eles são como crianças que têm se alojado em um campo que não lhes pertence. Quando os senhores do campo vierem, eles dirão, 'Dêem-nos nosso campo de volta.' (As crianças irão) se despir diante deles ao devolver o campo que lhes pertence. Conseqüentemente eu digo, se o dono da casa está consciente de que um ladrão virá à sua casa, ele a guardará antes que venha e não permitirá que invada a sua casa e tome todos os seus pertences. Vós pois, estejais de guarda contra o mundo. Equipai-vos com grande coragem para que os ladrões não cheguem até vós, pois o sofrimento que antecipais virá. Que haja em vosso meio um sábio. Quando o grão amadureceu, ele veio prontamente com a foice na mão, e o colheu. Quem tem ouvidos para ouvir ouça".

Tal escrito não dá nenhum traço de criatividade individual do autor ou artifício literário. Esse claramente não é o propósito do autor gnóstico. Antes, inúmeras alusões bíblicas são combinadas com algumas frases gnósticas em uma montagem de idéias, que obscurecem a intenção escritural original e promove um ensino gnóstico obscuro.[7] A Escritura aqui não está funcionando com autoridade canônica, mas como uma mina de ditos e imagens para serem usados para outros propósitos e outros programas, enquanto projetam uma casca da verdade cristã. Isso não é exegese séria. Parece distintamente com algo manipulado, escolhido conforme o prazer próprio, o que é denunciado pelo

pai da igreja, Irineu (130-200 d.C.). Aqui está seu relatório de testemunha ocular contemporânea:

> Eles tentam adaptar aos seus próprios ditos de uma maneira digna de crédito, sejam as parábolas do Senhor, ou os ditos dos profetas, ou as palavras dos apóstolos, de maneira que a mentira deles não pareça estar sem testemunha. Eles desconsideravam a ordem e a conexão das Escrituras e, tanto quanto em suas mentiras, eles desmontam os membros da verdade. Eles transferem passagens e as rearranjam; e ao fazer uma uma coisa de outra, eles enganam a muitos por meio da fantasia malfeita das palavras do Senhor adaptadas por eles.[8]

Esse mesmo espírito gnóstico está vivo hoje. Rosemary Radford Ruether, enquanto permanece na igreja e ensina no Seminário Teológico Garret-Evangelical, em Evanston, Illinois, em seu livro *Womanguides* [Guia da mulher] recomenda o uso de qualquer texto, incluindo textos platônicos, gnóstico ou sectários, que façam referências à divindade feminina.[9] Uma agenda pessoal remove a autoridade canônica da Escritura e a coloca ao mesmo nível de qualquer documento que favoreça o programa teológico em pauta.

Um outro especialista gnóstico sublinha a diferença entre os "Evangelhos" gnósticos e os Evangelhos da Bíblia. A respeito do *Evangelho Gnóstico da Verdade*, seu editor diz:

> Apesar do título, esta obra não é um evangelho do mesmo tipo dos evangelhos do Novo Testamento: ele não enfatiza as palavras e os feitos do Jesus histórico. Mas o *Evangelho da Verdade* é um "evangelho" no mesmo sentido das "boas-novas" sobre Jesus, sobre o eterno e divino Filho, a palavra que revela o Pai e transmite conhecimento, particularmente auto conhecimento (...) por meio deste (...) os gnósticos ... entendem que são essencialmente filhos do Pai.[10]

Isso dificilmente é uma boa-nova, se a verdade sobre nós é que nós todos pecamos e destituídos estamos da glória de Deus.[11]

Os gnósticos usaram textos bíblicos, descartaram outros e importaram material de quaisquer tradições religiosas para expressar as "boas-novas" de sua própria natureza divina. As Escrituras teístas do Antigo e Novo Testamentos são trazidas sob o jugo dessa idéia essencial do gnosticismo. Mas desde que as

Escrituras são teístas e não monísticas, elas dão pouco apoio ao programa gnóstico. Inevitavelmente, os gnósticos foram obrigados a escrever seus próprios textos e produzirem sua própria "Bíblia".

A Produção das Escrituras Gnósticas

Os gnósticos afirmaram uma revelação secreta que fora escondida da igreja em geral e revelada somente aos verdadeiramente espirituais. Prestando muita atenção ao que Jesus fez e disse na terra, eles enfatizaram o ensino do Jesus "vivo" ou ressurreto que trouxe um conhecimento secreto aos seus iniciados após o tempo que esteve na terra. O livro dos *Atos de Pedro,* apócrifo, descreve Pedro entrando numa igreja onde a congregação está lendo no rolo do Evangelho. Pedro desenrola o documento, e explica que somente o conhecimento profundo traz a verdadeira gnose: Jesus somente apareceu para se apropriar da carne.[12]

Esta é a afirmação do *Evangelho de Tomás,* que começa assim: "Estes são os ditos secretos que o Jesus vivo falou e que Dídimo Judas Tomás escreveu (...) Quem quer que encontre a interpretação desses dizeres não experimentará a morte". Tomás recebe conhecimento que vai além do que está nos Evangelhos canônicos, dando-lhe autoridade para reconfigurar o Evangelho. A gnose gnóstica define o principio de reconfiguração. Irineu reconta a visão de Marcos, o Mágico, que vê

> o Supremo Quádruplo descendo dos lugares invisíveis, não nomeáveis na Pleroma em forma feminina para revelar-lhe algo que nunca antes havia sido revelado a Deus ou ao homem, quem ele realmente era e como veio a ser.[13]

Esse conhecimento se apresenta além da Escritura, e dá à Escritura seu verdadeiro significado.

O Apocalipse Agora

O Novo Testamento contém um livro entitulado *apocalipse,* e usa o termo em muitas ocasiões. Atrás do termo está um verbo que significa "revelar abertamente, fazer conhecido, descobrir".[14] Essa palavra caracteriza a mensagem do Evangelho do Novo Testamento como a revelação de Deus no Antigo Testamento, agora total e

abertamente revelada em Jesus Cristo e os escritos das testemunhas apostólicas. O gnosticismo enfatiza o "*apócrifo*". Atrás desse substantivo esta um verbo que significa "esconder da vista, esconder, ocultar".[15] Esse termo caracteriza a visão gnóstica da Escritura: revelação secreta para ser mantida longe dos olhos curiosos, e revelada somente a um círculo restrito. Nenhum livro do Novo Testamento é chamado "apócrifo". A coleção de Nag Hammadi contém dois "apócrifos", o *Apócrifo de Tiago* e o *Apócrifo de João. Tiago* afirma ser especial, revelação secreta, escondida mesmo dos olhos dos doze, e assim superior à ortodoxia. Tiago escreve a um discípulo e ministro, um certo " (...) tos":

> Mas porque sois um servo da salvação dos santos, esforçai-vos diligentemente para que este escrito não seja relatado a muitos – este escrito, o qual o Salvador não desejou dizer nem mesmo a todos nós, seus doze discípulos. Mas serão abençoados, isto é, os que serão salvos pela fé desta palavra (logos).
>
> E eu também enviei um outro *apócrifo* a você há uns dez meses atrás, que foi revelado a mim pelo Salvador. Como pode ser o caso, eu considero este revelado a mim, Tiago.[16]

Na conclusão do *Apócrifo de João*, Jesus diz a João:

> Eu lhe tenho dito tudo que você tem que escrever e transmitir secretamente aos seus irmãos no espírito, pois este é o mistério da geração que não abdica.[17]

A diferença entre este apócrifo "joanino" herético e o evangelho canônico de João é notável. Na conclusão do evangelho canônico de João, o apóstolo declara: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro. Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome".[18] A ênfase está nos feitos tremendos de Jesus, e o evangelho foi escrito para que fosse propagado em plena luz do dia, como Jesus profetizou: "Mas, quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim mesmo".[19] Onde a Bíblia revela, o gnosticismo esconde.

É verdade que há cinco apocalipses nos textos gnósticos recentemente descobertos, o *Apocalipse de Paulo, o Primeiro Apocalipse*

de Tiago, o Segundo Apocalipse de Tiago, o Apocalipse de Adão e o Apocalipse de Pedro. Quando o termo *apocalipse* (revelação) é usado, no entanto, é no sentido de revelação *secreta* aos que pertencem ao círculo restrito. O *Apocalipse de Paulo* é uma afirmação clássica da ascensão do iniciado em esferas mais e mais profundas da gnose. Vai além de 2 Coríntios 12 e revela o que Paulo disse no Novo Testamento ser proibido revelar, mesmo aos crentes. "Paulo" sobe do terceiro ao quarto, quinto, sexto e até o sétimo céu onde é barrado por "um ancião (....) uma luz [e] [cujas vestes] eram brancas, [seu trono], que está no sétimo céu, [era] [sete] vezes mais brilhante do que o sol". Quando o Espírito diz a "Paulo" para continuar, "O ancião me disse, 'Como você escapará de mim? Olhe ao seu redor e veja os principados e as autoridades'. Então ele falou, o espírito, e disse, 'Dê-lhe o sinal da sua mão, e [ele] abrirá para você'. E então eu lhe dei o sinal. Ele (o ancião, isto é, Javeh) virou a sua face em direção a sua criação". Então "Paulo" vai até Ogdoad, isto é, a oitava esfera mística, e então para a nona e finalmente até o décimo céu, onde é recebido por seus espíritos companheiros.[20] Este é um conhecimento secreto da ascensão mística, um tipo clássico de espiritualidade pagã.

O *Primeiro Apocalipse de Tiago,* diz o editor, contém "os ensinos secretos do Senhor para Tiago".[21] No *Segundo Apocalipse de Tiago,* "Tiago" é "o guia orientando o gnóstico através da porta celestial".[22] O *Apocalipse de Adão* termina com a frase: "Este é o conhecimento secreto (*gnose*) de Adão para Sete, que é o batismo sagrado daqueles que conhecem o conhecimento eterno (*gnose*)".[23] O *Apocalipse de Pedro* é a narrativa da revelação vista por Pedro e interpretada por Jesus para um remanescente gnóstico fiel oprimido que é "conduzido ao conhecimento".[24]

No gnosticismo, mesmo os "Evangelhos" não devem ser pregados nos telhados, como no Novo Testamento.[25] O *Evangelho de Tomás* descreve seu conteúdo como "ditos secretos" do Jesus vivo.[26] *O Evangelho da Verdade* fala de um conhecimento esotérico da maneira mais [deliberadamente?] confusa:

> Este é o conhecimento do livro vivo que ele manifestou no final para os Aeons (...) Cada carta é um todo [pensamento], como um livro terminado, porque eles foram escritos em unidade, pelo Pai, para os Aeons, para que eles possam conhecer o Pai por meio de suas cartas.[27]

Essas revelações secretas afirmam uma origem divina. O *Evangelho dos Egípcios* afirma ser "o divino escrito, santo, livro secreto (...) do grande Espírito invisível".[28] *Zostrianos* faz a mesma afirmação: "Zostrianos: Palavras da verdade de Zostrianos. Deus da Verdade. Palavras de Zoroast[er].[29] *Trimorphic Protennoia* termina com a frase "Uma escritura sagrada escrita pelo Pai com perfeito conhecimento".[30] Embora afirmando inspiração divina, esses livros têm uma outra fonte, diferente.

A Fonte Final da Bíblia Gnóstica

A fonte da Bíblia gnóstica não é o Deus transcendente fora do universo que ele mesmo criou. A "verdade gnóstica vem de dentro do círculo da existência e de dentro do coração humano. O *Evangelho da Verdade* trata das "criancinhas", isto é, os crentes gnósticos, "o livro vivo fora revelados em seus corações – aquele escrito do pensamento e da mente do Pai".[31] O conhecimento do Deus desconhecido é encontrado dentro de si mesmo. Mas há algo mais lá fora que possa determinar o que o coração do homem conhece? O editor do texto Nag Hammadi *Zostrianos*, argumenta que *Zostrianos* está diretamente relacionado a Zoroaster, o fundador do sistema zoroastriano persa e de "toda sorte de sistemas mágicos filosóficos e especulativos".[32] *Zostrianos* apresenta, diz o editor moderno, "uma série de revelações feita por seres exaltados sobre a natureza da esfera celestial".[33]

Lembramos da fonte das revelações contemporâneas da Nova Era, as entidades do espírito, que falam por meio de canais tais como Ken Carey (*Starseed; The Third Millenium*) e Helen Shucman (*A Course in Miracles*). Outros do movimento estão afirmando uma inspiração similar. Fritjof Capra , que ensina Física na Universidade Berkeley, na Califórnia, fala de "poderes externos" tão fortes que "às vezes, enquanto escrevia o *Tao da Física*, eu sentia que estava sendo escrito por meu intermédio, em vez de estar sendo escrito por mim. Os eventos subseqüentes têm confirmado esses sentimentos".[34] David Miller, o teólogo da "morte de Deus" e professor de Religião na Universidade Syracuse fala quase que em termos "evangélicos" sobre o processo pelo qual os deuses e deusas "em suas realidades e potenciais (...) entraram em minha vida".[35] Ele descreve ocorrências bizarras durante suas palestras sobre a religião grega quando essas deidades pagãs "tomavam uma vida para si na sala de aula". Ele

acrescentava detalhes próprios aos mitos gregos – como "as histórias transmitidas com (ou talvez sem) a minha pessoa – para então descobrir mais tarde, numa pesquisa mais profunda, que esses detalhes já estavam nos textos antigos".[36]

Afirmações de "inspirações" místicas são feitas por escritores evangélicos que têm se desviado da ortodoxia bíblica para um neo-gnosticismo. Madeleine L'Engle diz que não escreve seus livros. Antes eles são escritos por intermédio dela.[37] Virginia Mollenkott, que reconhece ser grandemente ajudada por um texto da Nova Era, *A Course in Miracles,* agradece "aos anjos que houver por perto e à *Profundidade* que tem me levado a uma profundidade por meio deste escrito". Ao trabalhar para minar a sociedade maligna heteropatriarcal que obstrui o advento de um novo dia de libertação humana – "O 'regno' de Deus, enfaticamente diferente do reino de Deus".[38] Mollenkott afirma ter "recebido", entre aspas, a mensagem divina:

> é sua natureza trabalhar pela mudança social que está já no processo de acontecer (...) uma grande mudança de consciência está ocorrendo no mundo, e você é uma parte dessa mudança (...) é essencial para você cooperar ao ser um de meus canais ativistas no mundo (...) é uma bênção especial fazer seu papel sem impedimento, porque então seu coração será capaz de sentir a ternura (...) de meus anjos e espíritos-guia.[39]

Os cristãos são orientados a testar os espíritos.[40] O conhecimento gnóstico encontrado no interior de si mesmo é um conhecimento oculto. Sua fonte não é somente o coração humano, como tantas pessoas tão inocentemente pensam, mas também as forças do mal reunidas contra a verdade de Deus como revelada na Escritura. Ela afirma ser divina profecia, mas é uma profecia falsa do pai das mentiras.

Os gnósticos eficazmente silenciaram a Bíblia em suas comunidades ao não reconhecer sua existência ou seu poder. O mesmo está acontecendo em nossos dias, quando dois cânones competem por uma autoridade superior. A Bíblia ainda ocupa o primeiro lugar nos púlpitos e nos corações por toda a terra. Porém, mais e mais uma "bíblia" alternativa está sendo sutilmente introduzida para a consideração tolerante dos crentes, e somos levados a pensar se chegará o dia, como aconteceu no tempo do gnosticismo, quando as Escrituras foram eclipsadas em muitos lugares pelos escritos esotéricos dos heréticos.

Mas esse movimento apóstata, tanto em sua forma antiga como moderna, possuiu e possui ainda um outro trunfo. Se não se pode eliminar totalmente a Bíblia, pode-se desfigurá-la com interpretações questionáveis e com a eliminação de passagens que incomodam, de modo que a Bíblia é transformada em algo que serve à falsidade e não à verdade. Como interpretar a Bíblia tornou-se um outro teatro das *Guerras Espirituais.*

Capítulo 8

UM NOVO MÉTODO DE ESTUDO BÍBLICO

A Escritura é o livro da igreja. Eu acho que a igreja pode fazer o que quiser com a sua Escritura.

- Burton Throckmorton, membro da comissão de revisão da Bíblia na versão RSV (Revised Standard Version [Versão Padrão Revisada]) do Concílio Nacional de Igrejas[1]

Lendo a Bíblia com Poder: O Sonho de uma Bíblia Vazia

Empurrada pelas nuvens, Sherry Ruth Anderson, uma feminista judia,[2] é transportada em um sonho para um templo guardado por um feroz guardião de olhos salientes e rodeado por negros cães. Com uma bravura não própria de si, ela entra; os guardas amendrontadores desaparecem como névoa. Um ancião, Melquisedeque, com longa túnica e barba branca, a conduz a um quarto que contém a Torá sagrada. Ele permite que ela pegue o rolo, reservado somente para os homens, e o abrace como um bebê.

"Esta é uma Torá muito especial", diz [Melquisedeque]. Desembainhando sua adaga, ele quebra o selo e desenrola os documentos. Eles estão em branco. "A Torá está vazia", ele diz, "porque o que você precisa saber agora não está escrito em nenhum livro. Você já tem esse

conhecimento. Deve ser aberto de dentro de você (...). Sem falar, Melquisedeque (...) coloca a [Torá] dentro de meu corpo, dos ombros em direção aos joelhos".

A sala enche-se de patriarcas com longas barbas – incluindo Moisés, Davi, Salomão, Abraão, Isaque e Jacó – vestidos com casacos pretos e calças, dançando para celebrar a emergência das mulheres espiritualmente responsáveis. "Mas quem serão nossas professoras?" ela pergunta, e a resposta vem: "Vocês serão professoras umas das outras. Vocês se reunirão em círculos e contarão suas verdades umas às outras". Finalmente os patriarcas a abençoaram, dizendo: "Nós fizemos a sua iniciação (...). Mas nós não sabemos mais o modo. Nossos modos não funcionam mais. Vocês mulheres devem encontrar uma nova maneira".

"Bem, queime a minha sarça", diz uma personagem fictícia feminista, quando dispensa Deus e invoca a deusa. A mulher, diz uma feminista radical, será o novo Moisés para a nova ordem.[3]

Muitas mulheres líderes – e que as feministas chamam de "mulheres identificadas com homens" – estão descobrindo o sentimento e a experiência como a fonte da verdadeira revelação divina. Uma mulher católica romana que deixou a igreja no outono de 1980 conta,

> No outono passado eu participei de um seminário de conscientização para mulheres, de dez semanas, patrocinado pela Organização Nacional para as Mulheres (...). Eu comecei a ver a situação impossível das mulheres em uma sociedade regida por homens e por deuses masculinos. E a questão real é a insuportável negação de poder às mulheres (...). Eu sinto que é hora de começarmos a celebrar a nós mesmas, a nossa própria espiritualidade, para aprender a fazer as coisas por nossas próprias razões e para medir a nós mesmas por nossos próprios padrões (...) para conhecermos a nossa força criativa interior própria, que, eu acho, é nossa verdadeira imagem de Deus.[4]

"O que acontece aqui, agora, é revelação", diz Rosemary Radford Ruether. "A experiência das mulheres é um contexto legítimo para a auto comunicação contínua do divino na comunidade humana".[5] Essa visão faz com que os profetas saiam de cena e abre um "novo modo de ler textos antigos".[6]

No mundo pós-moderno, a primazia da experiência não é exclusiva do feminismo. Seguidores da Nova Era em geral crêem que experimentarem a si mesmos como divinos constitui um conhecimento salvador (*gnose*).[7] David Wells mostra como o evangelicalismo segue a exitação da sociedade pela experiência.[8] Alguns cristãos lêem a Bíblia assim. "Qualquer coisa que signifique para mim", não importa qual fosse a intenção do escritor, deve ser de um significado do Espírito. As necessidades emocionais do leitor ditam o significado da passagem.[9] "Qualquer coisa que signifique para mim" está atingindo novos níveis de estupidez.

Afirmar que o feminismo mostra o caminho não é uma expressão de preconceito masculino. Os feministas, masculinos e femininos, orgulhosamente afirmam isso. Um perito neo-testamentário no movimento afirma: "o programa de exegese bíblica feminista (...). [é] um dos mais importantes aspectos da atual erudição bíblica".[10] Outros proclamam que o feminismo provocou uma revolução no pensamento religioso.

Tais convicções revolucionárias e sentimentais, quando direcionadas para a Bíblia, fazem dela algo irreconhecível. Somente uma "Torá vazia" tem espaço para esse programa de mudança do mundo.

A Deconstrução do Estudo Bíblico

O evento mais importante em nossa era não é a queda do muro de Berlim ou a do comunismo na Europa Oriental e na Rússia. Este evento não pode ser mostrado nos noticiários de televisão, pois é uma idéia, a "desconstrução". A desconstrução foi originalmente o produto da hermenêutica, que é a teoria de interpretação, associada com Jacques Derrida, um filosofo francês e teórico literário. A desconstrução literária põe em dúvida qualquer teoria literária que possa verdadeiramente descrever a comunicação escrita. Por extensão, questiona qualquer interpretação de qualquer coisa. Nenhuma descrição geral do motivo pelo qual as coisas são do modo como são (chamado de "meta-narrativas") é aceitável, pois são "discursos totalizantes" que impõem idéias de alguém ou de algum grupo sobre o restante de nós.[11] A desconstrução "é uma visão de mundo que nega todas as visões de mundo". Stanley Fish, da universidade Duke, o

principal desconstrucionista na América, diz: "Desde que todos os princípios são preferências, eles são nada mais do que máscaras para o desejo de poder (...) alguém sempre será restringido, e é seu trabalho ter certeza que este alguém não é você".[12]

David Wells mede o efeito devastador desse movimento intelectual:

> Na literatura, toda uma geração de desconstrucionistas (...) vive agora de negar que as palavras tenham qualquer significado. As palavras significam somente o que desejamos que elas signifiquem.[13]

O desenvolvimento perturbador no desconstrucionismo é a identificação da verdade como poder. Se não há uma verdade absoluta (que a maioria das pessoas no Ocidente agora aceita como "verdade"), então todas as afirmativas verdadeiras são meros jogos de poder. Assim, todo mundo joga, mas o jogo é seriíssimo. Em pouco tempo, a crença marxista de que o poder político sai do tambor de uma arma novamente se torna uma possibilidade real para a sociedade global da Era de Aquário.

A Contínua Saga de Charles e de Diana

Você sabe que o mundo mudou quando a família real britânica mudou. Monarcas antigos da Casa de Windsor estavam bem longe dos anjos. Mas Charles é o primeiro da realeza moderna e herdeiro ao trono a admitir, sem remorso e em horário nobre, que ele é um adúltero. O futuro rei pode justificar um pluralismo sexual – ter mais que uma mulher – porque, assim como muitos de seus contemporâneos ocidentais, ele comprou a nova "verdade" do pluralismo religioso (existe mais de uma verdade). Para sua Alteza, há muitos caminhos para Deus, e possivelmente muitos deuses. Desde 1521 o monarca britânico tem carregado o título de "Defensor da Fé". Quando Charles se tornar rei, ele pretende alterar o título para "Defensor de Fé" pois, como explica, com um excelente senso de tolerância dos dias atuais, todas as religiões "contêm elementos comuns da verdade".[14] Charles será o primeiro rei desconstruido (se esse termo não for politicamente incorreto na época) do trono britânico.

O Destronamento de Deus

A nova visão da verdade como poder tenta serrar as pernas do trono do universo. Empregando seu princípio para o estudo bíblico, Fewell e Gunn, especialistas bíblicos, metodista e presbiteriano respectivamente, argumentam que cada um tem a sua própria verdade e um direito ao poder. Tudo o mais (especialmente uma revelação tendenciosa), deve ser tratado com suspeita. Além disso argumentam que "as relações de gênero, ao menos como são constituídas no (...) patriarcado, são relações de poder". Esse falso discurso totalizador do patriarcado produz "o mundo binário da heterossexualidade".[15]

Em sua linguagem técnica, eles afirmam que a Bíblia, mascarada como "verdade", é realmente um exercício de "controle social masculino". Precisa ser desconstruída, junto com seu "mundo binário" (a crença em certo e errado, bom e mal). Nossos eruditos metodista e presbiteriano entraram no estranho mundo do monismo pagão. O resultado imediato é a deconstrução da Bíblia como verdade e de Deus o Pai Todo Poderoso Criador dos Céus e da Terra, como distinto de sua criação, a única expressão verdadeira da divindade.

Virginia Mollenkott, evangélica "desconstruída", fala sobre "a única pressuposição realmente tola (...) a que qualquer um poderia possivelmente chegar numa interpretação que não considera a situação ou a cultura, e objetiva, de qualquer texto, para não falar de um texto tão complexo como a Bíblia".[16] O que aconteceu com a suficiência e a lucidez da Escritura?

Do Autor via Texto para o Leitor: Uma Queda Livre na Hermenêutica *Pró-escolha*

O desconstrucionismo e a perda do sentido da verdade absoluta claramente afetou o modo como as pessoas lêem as Escrituras, ou, quanto a isso, qualquer coisa escrita. A interpretação se tornou muito mais complicada, em detrimento da Bíblia e para vantagem do intérprete bíblico. Os seguintes três estágios descrevem esse desvio da confiança no texto para a confiança no leitor.

O Autor

O estudo bíblico tradicional sempre tentou descobrir o que o autor da passagem queria dizer, o que é conhecido como "intenção autoral". Se você sabe que Paulo estava na prisão, isso não ajudaria a entender algumas de suas cartas escritas da prisão? Usando o método do "resumo das piores razões",[17] alguns têm recentemente argumentado que os autores podem ser os piores juízes de seus escritos,[18] e portanto justificam a eliminação da "intenção autoral" na interpretação dos textos.

O Texto

Aqueles que diminuem a intenção do autor tendem a adotar uma abordagem conhecida como "teoria literária".[19] Essa abordagem crê que a obra literária é auto-suficiente e não precisa de uma informação externa sobre a intenção do autor e da situação na qual o texto foi escrito. O entendimento depende da estrutura fundamental da narrativa. O texto tem uma vida em si mesmo, independente do autor. Para descobrir o significado, o leitor deve expor as estruturas profundas do próprio texto. Recentemente, a ênfase mudou do texto para a contribuição decisiva do leitor para o significado de um texto.

O Leitor

A maioria dos leitores da Bíblia vai até a Bíblia em busca de um conhecimento mais profundo da vontade e da mente de Deus. Mas os teóricos literários modernos não. Devido às suas abordagens relativistas da verdade, a interpretação é uma questão de gosto pessoal.[20] Eles defendem que, já que a intenção do autor não pode ser conhecida, e a abordagem estrutural é muito mecânica, o significado de um texto é sempre obscuro. Se os leitores derivarem um significado é porque *eles trazem suas próprias questões,* e na interação com o texto *criam seus próprios significados sempre-renovados.* Isso tem se tornado conhecido como "teoria da resposta do leitor". Como se pode imaginar, é de forma entusiástica tomada pelos leitores com uma agenda específica como, por exemplo, teologias da libertação de todos os tipos, que tomam a experiência como revelação divina. Esse método se tornou uma grande força em nosso mundo saturado com a experiência. "Dificilmente qualquer esfera do processo interpretativo escapou das grandes reestruturações e reformulações desde a década de 60".[21]

Conquanto esses novos métodos contenham valiosas informações,[22] o uso extremista da metodologia da "resposta do leitor" em particular, cega a espada de dois gumes da Palavra de Deus, e permite que defensores de todos os tipos de tendências, incluindo o homossexual, mantenham a aparência de conhecer a Escritura enquanto na verdade a ignoram assim como ignoram o poder de Deus.

O estudo bíblico pela "resposta do leitor" é parte da devastadora mudança na história intelectual ocidental sobre a geração passada. O antigo método racionalista fez crescer uma nova definição do que constitui uma erudição responsável. Aqui há alguns dos ingredientes do novo método de estudo Bíblico.

O Novo Estudo Bíblico: Todos os Métodos são Válidos

A Bíblia de hoje fica na mesa da família, exposta como um peru de natal, de onde todos pegam o pedaço de carne que mais lhes apraz; mais branco para uns, mais "queimadinho" para outros, uma asa ou perna para satisfazer o gosto pessoal. Hendrick Hart, um teólogo cristão reformado defende o casamento homossexual em sua denominação conservadora. Embora admita que nenhum texto bíblico favoreça o comportamento homossexual, ele urge a igreja a caminhar: "a maioria das igrejas pode agora fazer uso de uma hermenêutica legítima e aceita da Bíblia que as capacita a considerar que esses textos não se aplicam diretamente à nossa situação moderna".[23]

Com esses novos métodos libertadores, a Escritura não poderia nos tocar mesmo se quisesse. Alguns, não prontos para abandonar a Bíblia, se satisfazem com uma "transformação radical".[24] "Novas regras", diz uma teorista feminista, "requererão intérpretes feministas para defender que a Escritura *não* é 'a palavra de Deus' (...) *não* é o recipiente da revelação" e para "corrigir como lemos (...) do mesmo modo que alguém pode dizer para um amigo, 'eu sei que isso é o que você disse, mas eu sei que não é isso que você queria dizer'"[25] Observe quão radical esse julgamento é. A Escritura não é nem mesmo um recipiente da revelação. Você não pode encontrar jóias dentro do entulho. Tudo deve ser reinterpretado por intérpretes feministas que sabem o que a Bíblia realmente quer dizer, mas é incapaz de articular. A Bíblia precisa de muita ajuda, e hoje em dia há muita ajuda disponível.

Ecletismo – Exigência

Freqüentemente conhecido como o método do "corte e cole", este foi um método liberal clássico de estudo bíblico. O que se encaixar na teoria liberal fica, o que não encaixa é eliminado. Liberais do estilo antigo tentaram permanecer dentro da Escritura o máximo que puderam, mas os liberais reconstruídos de hoje não têm esta pretensão. Ruether afirma sem nenhum embaraço:

> feministas religiosas (...) procuram reafirmar aspectos da tradição bíblica (...) mas ... reconhecem a necessidade tanto de retornar à religião bíblica quanto de transpô-la (...) olhando para trás para as opções de fé bíblica e pré-bíblica.[26]

Ela recomenda o uso de qualquer texto, seja greco-pagão ou gnóstico herético.[27] Os textos da Escritura que não se encaixam são eliminados. Efésios 6 permanece, pois apóia a sua interpretação do patriarcado como uma expressão das potestades e dos principados do mal contra os quais os liberacionistas devem lutar;[28] no entanto Efésios 5.21-23 deve sair. (Este texto e outros "versículos satânicos", como mencionados no capítulo 6, são "exorcizados" publicamente".) Claramente, esta é uma nova maneira de ler a Bíblia. Tem sido chamada pelas feministas de "hermenêutica da suspeita".

Desconfiança

Elizabeth Schlüssler Fiorenza, uma teórica lider da interpretação feminista, propõe uma "hermenêutica da desconfiança" capaz de desemaranhar a política patriarcal inscrita no texto bíblico. Desde que a Bíblia é escrita em uma linguagem androcêntrica, gramaticalmente masculina, uma interpretação feminista deve desenvolver uma "hermenêutica de avaliação crítica para a proclamação" que seja capaz de avaliar teologicamente se os textos da escritura funcionam em inculcar valores patriarcais (o leitor é deixado para imaginar o que ela faria com esses textos), ou se devem ser lidos em contraposição com seu lingüístico "núcleo androcêntrico" para tornar livre sua visão libertadora para hoje e para o futuro. Tal hermenêutica feminista da libertação reconceitua o entendimento da Escritura como um pão que alimenta e não uma palavra sagrada imutável gravada em pedra.[29]

De acordo com o mito moderno do feminismo, existe uma conspiração patriarcal[30] expressiva e penetrante que exige vigilância,

de fato uma suspeita radical.[31] Mesmo o mais civilizado e mais nobre de todos os livros merece um exame detalhado. De acordo com esta teoria, os homens da Bíblia foram tão ardilosos e sedentos pelo poder como todos os outros e procuravam suprimir uma adoração original a uma deusa e a liberação atual das mulheres que as culturas antigas pré-bliblicas conheciam. Raiva e ira, poder e suspeição são novos valores "cristãos" a serem lançados contra a própria fonte do Cristianismo, as Escrituras Sagradas. De fato, a Bíblia se vira contra si mesma, assim como o mito do "Êxodo" é usado para sair da autoridade da Bíblia.

Uma Interpretação Libertadora do "Êxodo"

Essa "desconfiança" exigente é motivada por um novo entendimento da verdade e da justiça, encontrado pelo coração humano dentro da experiência e da convicção pessoal do que é libertador. Ao chamar este método interpretativo de "hermenêutica do Êxodo"[32] uma aura de pensamento bíblico é projetada. Na verdade, devagar mas verdadeiramente a pessoa distancia-se da própria bíblia. Assim como Israel se libertou da escravidão egípcia, assim os intérpretes da libertação crêem que estão libertando a mensagem liberativa essencial de sua casca patriarcal opressiva.

Alguns podem não perceber quão radical é este programa. O êxodo do patriarcado e a desconfiança de seu poder opressivo são propostos por Fewell e Gunn, ambos mestres protestantes bíblicos e pais, que amam seus filhos o suficiente para perguntarem se realmente querem que eles liam um livro tão reacionário como a Bíblia.[33] A suspeita radical, convencida de que os textos foram escritos para controle social, pergunta ao interesse de quem eles servirão. Para o texto bíblico, a suspeição cai sobre o maior de todos os machos, Deus. O Deus bíblico é portanto visto como uma construção do patriarcado opressivo em controle quando os textos foram compostos. Esses estudiosos radicais argumentam de forma correta, eu creio, que "nem o Cristianismo nem o judaísmo chegaram a um acordo ainda com o real desafio do pensamento feminista". Traduções gênero-inclusivas "somente mascaram a extensão do problema". O verdadeiro problema, afirmam eles, é a idolatria, a adoração da idéia masculina do Deus da Bíblia. Pode-se sentir o choque que a aplicação consistente do novo método produz. "Nós não sabemos", eles dizem, "onde nossa própria leitura nos leva. Os problemas que a crítica feminista levanta para as noções tradicionais

de revelação e autoridade bíblica são imensos".[34] A leitura honesta deles através das lentes da suspeição feminista os leva junto com seus filhos bem para fora do Cristianismo e para dentro do paganismo. Os alarmes falsos e a imaginação são chamados para compor o projeto.

Imaginação

Se a Bíblia está cheia de textos androcêntricos, homens e mulheres feministas tentam evitar que sejam usados pela igreja. Este movimento teológico é levado a *reimaginar* a presença feminina na Bíblia, portanto colocando as mulheres assim como os homens no centro da história cristã antiga.

> Tal método crítico feminista pode ser comparado ao serviço de um detetive quando não confia somente nos "fatos" históricos nem inventa sua evidência, mas se engaja em uma reconstrução imaginativa da realidade histórica.[35]

Fiorenza, que é professora de Estudos do Novo Testamento e Teologia na Universidade de Notre Dame, sugere uma autoria feminina para escritos cristãos antigos. Ela faz isso não baseada em evidencia concreta ou novos fatos, mas para desafiar o dogmatismo androcêntrico que atribui autoridade apostólica somente aos homens. "A questão agora não é se tais sugestões sejam ou não *verdade*, mas quais das várias possibilidades é a mais útil ao caso feminista".[36] Fiorenza conclui que "a sugestão da autoria feminina (...) tem um valor teológico-imaginativo muito grande porque abre a possibilidade de atribuir a autoridade dos escritos apostólicos às mulheres e de afirmar autoridade teológica a mulheres". Para "relativizar o impacto dos textos androcêntricos e suas estruturas patriarcais não-articuladas" sobre seus alunos, Fiorenza encoraja-os a escrever textos "apócrifos" tomando como perspectiva mulheres líderes no Cristianismo antigo.

Muito desta imaginação nasce dentro das estruturas agradáveis da espiritualidade da comunidade, assim como no caldeirão quente da cólera de um grupo.

Comunidade

A desconstrução deixa o aspecto intelectual tão seco como o deserto após uma explosão nuclear. Nenhuma verdade tem significado algum, e nenhuma ação significativa. Se não há uma

verdade então o que nos resta? Há o indivíduo e sua "verdade", mas do ponto de vista do poder, o indivíduo é insignificante. A verdade deve surgir das comunidades.

Stanley Fish, o famoso desconstrucionista americano, explica a importância das comunidades. "O ego não existe sem as categorias comunais ou convencionais de pensamento que capacitam suas operações (de pensar, ver, ler)".[37] Mas nós podemos questionar como as comunidades sobrevivem ao ceticismo da visão de mundo desconstrucionista. Como alguém disse: "Aqueles que atacam a objetividade de significado vivem a vida entendendo que este [significado] é de fato possível".[38] Um exemplo glorioso é a afirmação de Marjorie Suchocki, vice-presidente dos Interesses Acadêmicos da Escola de Teologia de Claremont, em defesa do multiculturalismo na academia:

> Noções de absolutos e universais abriram caminho para o reconhecimento que o que nós chamamos de conhecimento está condicionado por sua localização social ou cultural (...) a educação que implicitamente ou explicitamente promove a hegemonia de um modo de pensar e ser como se fosse universalmente válido é falha.[39]

Nosso árbitro do intelecto nega absolutos, mas ao fazê-lo propõe uma afirmativa absoluta sobre o modo como as coisas deveriam ser. A sua afirmação, ao fazer uma defesa implícita da universalidade, mostra suas próprias imperfeições sem esperança. Vivendo com tal absurdidade pode ser mais fácil nas comunidades porque elas dão uma aparência de "objetividade", se é que alguém ainda se interessa por isso.

Há uma enorme arbitrariedade aqui. Você se agrega a uma comunidade e aceita a sua história como verdade e encorajamento para você, se ela se encaixa no seu estilo de vida e sentido de justiça. A Bíblia é usada, não para estabelecer a comunidade cristã, mas para dar a várias comunidades uma afirmativa sobre a fé e a família cristã onde quer que se encaixe. "Uma nova hermenêutica crítica", diz a feminista Fiorenza, "não se centraliza no texto, mas em pessoas cuja história com Deus é lembrada nos textos da Bíblia".[40]

Tal argumentação nega qualquer poder objetivo da Bíblia. Não há uma verdade geral, somente a "verdade" para mim e minha comunidade. Nesta situação "pós-moderna" o debate e a troca

intelectual se tornaram uma raridade. Se a academia ainda não copia totalmente o ambiente das gangues de Los Angeles, a guerra intelectual entre as "comunidades" já tipifica as universidades norte-americanas.[41]

Defesa

Se a liberdade é um tipo de poder nu, não é de admirar que nossa era tenha descoberto uma nova forma de interpretação bíblica conhecida como "exegese da defesa".[42] Em particular, comunidades são melhores advogados do que indivíduos. Embora os números não signifiquem necessariamente que algo seja verdadeiro, há uma grande força nos números.

Rosemary Ruether afirma o caso da defesa aberta: "os estudos das mulheres não fingem neutralidade ética. Este exemplo é na verdade uma ideologia da classe dominante. A neutralidade esconde um compromisso com o *status quo*. Toda erudição da libertação é uma erudição da defesa".[43] Xingamentos e demonstrações conturbados caracterizam até a igreja. Esta agressividade acadêmica deixa os antigos liberais assustados. Walter Brueggemann, professor de Antigo Testamento no Seminário Teológico Columbia em Decatur, Georgia, reconhece uma "nova definição do que constitui uma erudição responsável". O título de seu artigo, "Sobre Escrever um Comentário... Uma Emergência", trai sua confusão. Ele observa que a "exegese da defesa" dá preferência à situação do intérprete sobre o que o texto uma vez significou. Entendendo o excesso do racionalismo, Brueggemann sente o puxão do envolvimento espiritual oferecido na exegese da defesa, e ainda assim ele lembra com pesar a perda da objetividade.[44] Brueggemann não deveria se preocupar. Uma nova visão construtiva reconstruirá o mundo.

Uma Nova Unidade

Atrás de uma ampla diversidade de leituras, apesar da rejeição de discursos totalizantes (especialmente o cristão), há uma nova ideologia unificadora totalizante! Ela é tão diversa que pode viver dentro de um mundo desconstruído, mas tão totalizante que não abre espaço para mais nada senão o monismo. A "hegemonia de um modo de pensar e ser como se fosse universalmente válido", tão temido por intelectuais modernos, não desapareceu. Somente mudou de forma. O cristão teísta original afirma que a verdade é

agora feita pelo monismo pagão. O totalitarismo pagão está chegando, e acredita-se no que Harvey Cox disse: "nós devemos moldar e reentender nossos ritos e mitos para que eles nos unam e nos multipliquem [humanidade] (...). Nós devemos agora tomar a iniciativa, não somente para predizer o futuro (...) mas para moldá-lo". Esta é a última frase em seu livro, apropriadamente entitulado *Many Mansons* [Muitas mansões].[45] Nessa nova visão da unidade humana, a Nova Babel se torna o céu na terra.

Como indivíduos ou membros da comunidade, os seres humanos precisam falar de modo significativo. A verdade, no novo paradigma, não vem do discurso racional baseado na revelação do divino Criador que é distinto do universo que ele criou. A verdade vem antes da "experiência" humana – a experiência de uma nova unidade pagã "reconstruída" de todas as coisas, encontrada dentro da alma humana, e não em livros sagrados. Com essa nova ideologia unificadora, o novo método de estudo bíblico não tem necessidade da Bíblia. O apego à Bíblia é uma cortina, uma tática estratégica para permanecer dentro da igreja e finalmente tomá-la.

O famoso entendido em religiões comparadas, o romeno Mircea Eliade, ele mesmo muito fascinado pelo Hinduísmo, via em todas as religiões grandes símbolos unificadores para a humanidade. O trabalho de sua vida foi a tentativa de definir esses símbolos universais porque "Símbolos universalizam. Eles são consistentes. Eles expressam a unidade da raça humana. E todo fenômeno local-provincial encontra a sua verdade e mais completo significado no significado mais global dos símbolos".[46] Embora tenha morrido nos anos 80, ele sentiu a vinda do que chamou de "novo humanismo", que seria construído pelo encontro com outros mundos de significados, em particular o encontro do Oriente com o Ocidente. Ele viu isso como a ocasião para o conhecimento espiritual aumentar. Foi ele quem criou a frase "hermenêutica criativa". O que ele queria dizer com isso era o desejo por parte das pessoas de se engajar com o mundo espiritual do 'outro,' mesmo se isso pudesse implicar ser 'convertido' à visão dos 'outros'".[47]

Atrás das "comunidades de interpretação", uma unidade monística parece dar direção à exegese em um mundo desconstruído que perdeu seu rumo. A "resposta do leitor" é para o monismo o que a intenção autoral é para o teísmo. Deixe-me explicar. Se a verdade deve ser encontrada no interior, então o leitor tem a chave. Se a verdade é revelada do Deus exterior, então

é o autor inspirado e seu texto inspirado que tem as chaves do reino dos céus. Agora, a "resposta do leitor", como o monismo em todas as suas formas, está muito popular. Seu ponto principal está em brincar de destruir o texto da Escritura. Olhe só o que uma exegese radical da "resposta do leitor" fez com Gênesis 1-3, o pilar fundamental do mundo cristão e da visão de vida – e por esta razão foi o objeto de constante reinterpretação pelos gnósticos.

Gênesis 1-3: Uma Visão Feminista do Jardim

> Eva caiu em uma cilada.
> - Mary Daly[48]

A resposta do leitor feminista contemporâneo ao ler Gênesis 1-3 é de ira, descrença e suspeita, uma leitura "contra a natureza de alguém", uma leitura imaginativa que põe a mulher no centro e mandam o homem e o Deus masculino bíblico para fora do jardim. Tudo é muito suspeito porque:

> O mito do Deus Pai assegura um mundo de domínio e dependência (...) O patriarcado, embutido na história da criação de Gênesis, é a religião universal. O que explica a persistência do mito? O que explica sua seleção? Havia outros mitos disponíveis na época (...). Mas o mito de Gênesis marcou o estabelecimento do monoteísmo e a legitimação do patriarcado como o modo natural – como a vontade de Deus![49]

Como podem os cristãos liberais, comprometidos com a libertação radical, continuar a usar a Escritura, que é tão comprometida com uma ideologia oposta ao pensamento deles? A resposta é: mudando a narrativa de Gênesis segundo a idéia deles.

Muitos eruditos "cristãos" vão bem longe.[50] Esta "nova" exegese da resposta do leitor muda os personagens do drama original. Deus, Adão, Eva e a Serpente misteriosamente trocam de lugar e uma nova hierarquia emerge – a Serpente, Eva, Adão e Deus. Aqui está a nova interpretação dos eruditos bíblicos radicais (em suas próprias palavras). Só vendo para crer.

Deus

O procedimento é anunciado.

> A noção de que a figura de Deus no texto bíblico é de fato Deus (...) [é] uma forma de idolatria (...). A menos que o caráter de Deus esteja sujeito ao mesmo tipo de escrutínio crítico como o de todos os outros personagens, nós não estamos realmente lendo o texto.[51]

"Deus como masculino é parte e parcela dessa história" e a história é sobre a opressão masculina que produz "ira e irreverência". Assim, no Decálogo, Deus é descrito como "um deus ciumento que proíbe qualquer relacionamento com qualquer outro deus (...) [a] perspectiva [desta metáfora] é a do marido. A deidade é o modelo do marido ciumento".[52]

Em Gênesis 1-3 Deus é "uma figura curiosa (...)[que] tem uma forte atração por ordem (...). e uma forte tendência para o binário".[53] "Este Deus criador é totalmente não (...) onisciente" [porque ele descobre que as coisas são boas].[54]

Deus é a fonte do mal, porque o desejo mau por domínio e poder totalitário é primeiro dele. Nisso, ele não é o sofisticado Deus dos monistas.

> Onde JHWH, o juiz de toda a terra, pode se encaixar na tabela da inocência e do mal não é menos problemático do que o é a respeito de Abraão, o sacrificador da família. Colocando de outra maneira, a teologia construída em termos binários é falha.[55]

Ao colocar a árvore, Deus é um tentador que maltrata o primeiro casal: "Confie em mim! (...) Permaneça ignorante – ou procure [conhecimento] por conta própria, com risco próprio".[56] O controle de Deus do jardim é menos do que completo. Ao colocar a árvore, Deus sugere estar "ansioso, mesmo inseguro" e "com ciúmes de seu poder (...)[57] nós (...) precisamos (...) reconhecer a vulnerabilidade de Deus e sua culpabilidade (...). Deus simplesmente não é capaz de arrumar a bagunça".[58]

Essa imagem de Deus recorda a descrição feminista principal de Deus em Números 11-12. Ao vencer sentimentos religiosos antigos que levaram-na a "sobreestimar o caráter de Jahweh", na liberdade da nova exegese, ela pode chamar a Deus de "desesperado" e "estressado". O questionamento que as pessoas

fazem de seu julgamento é tomado por Jahweh "como afronta pessoal. Tudo que ele pode fazer é lançar a sua frustração em seus corpos, uma atitude muito comum de um pai estressado".[59] Nas maldições que se seguem após a queda, Jahweh "não inspira nossa gratidão" pois ele funciona como um "agente ideológico" para a criação das identidades macho-fêmea que são a fonte da opressão.[60] Deus é um enganador, pois ele é imortal e conhece o bem e o mal, mas nega isso ao homem.[61]

Um dos eruditos[62] acima afirma que do ponto de vista da análise estrutural, Jahweh deveria ser visto no papel do vilão que rouba o homem da terra para que cultive o seu jardim. O vilão deixa uma falha em seu plano – a árvore que dará conhecimento ao homem. A serpente e a mulher tiveram sucesso em anular o plano do vilão ao conseguir que o homem comesse do fruto, que restaura o cultivador a terra real. Deus é descuidado, somente se lembrando da Árvore da Vida no último minuto como uma reflexão posterior.[63]

Os eruditos acima certamente não "superestimam" o Deus da Bíblia. Claramente, como os gnósticos, eles estão em contato com um deus superior ao Deus revelado na Escritura.

Adão

Na nova tradição, Adão não recebe atenção. Ele é um reflexo pálido de Deus – como Deus, um transferidor de culpas, que, na tradição mais apurada de Acabe, simplesmente fica aborrecido quando não pode obter a vinha de Nabote.[64] A criatura da terra, Adão, é o "montinho de terra" original.[65] Adão é um personagem profundamente passivo ao longo de toda a história.[66] "Se a mulher é inteligente, sensível e ingênua o homem é passivo, ignorante e inadequado".[67] " A mulher dá ao homem o fruto e ele come como se fosse um bebê."[68]

Eva

Elizabeth Cady Stanton, a primeira intérprete feminista moderna da Bíblia, afirmou em 1895: "o leitor deve ficar impressionado com a coragem, a dignidade e a alta ambição da mulher" em quem surgiu "aquela intensa sede por conhecimento".[69] "Eva é incapaz de conhecer a diferença entre o bem e o mal. Como então pode ela ser culpada por suas ações?"[70] Ele somente faz o que vem naturalmente. Ela busca sustento, beleza e sabedoria, e, ao fazê-lo, é culpada para sempre pelo texto masculino e os comentaristas masculinos.[71]

Eva, de fato, caiu em uma cilada! "Embora o comportamento de Eva fosse condenado por Deus e reprovado por séculos, ela surge como um personagem com iniciativa e coragem (...) ela é uma criança testando seus limites, pesando suas opiniões, fazendo suas escolhas. Ela toma sua decisão independente daqueles que afirmam autoridade sobre ela".[72]

Assim como Deus, a mulher é uma exploradora. "Ela procura, razoavelmente, estar em uma posição de fazer uma escolha."[73] "A decisão de Eva é (...) o primeiro ato de independência humana."[74] Ela compartilha a imagem de Deus do livre-arbítrio.[75] "Eva não 'peca'; ela escolhe a realidade sobre sua existência paradisíaca ingênua. Sua escolha marca o surgimento do caráter humano."[76] Nisso, Eva antecipa a esposa de Ló (cujo olhar para trás é "uma escolha para ser humano"[77]) assim como Jezabel que é vista com um "mulher forte (...) que age independentemente (...). Como a mais complexa mulher estrangeira de poder ela é para o Sujeito patriarcal o mais complexo Outro, que deve ser temido e culpado".[78]

A mulher está associada com o conhecimento. "No nível mais profundo do texto (...) a transformação humana na qual a mulher toma uma iniciativa poderosa foi positivo e não negativo [e]este complexo mundo humano deve ser preferido sobre qualquer ideal masculino."[79] O que tem sido chamado de desobediência completa é, por outra perspectiva, emancipação do comando cego.[80] Eva ganha sabedoria, isto é, "a aceitação da condição humana, incluindo a morte, e a continuação da História", mostrando que "Eva está aberta para a realidade e pronta para adotá-la".[81]

A mulher e a serpente "heroicamente se opuseram a Yahweh o vilão".[82] A mulher "não é uma presa fácil para o demônio sedutor, como uma tradição posterior a representa, mas um ator consciente que escolhe o conhecimento. Junto com a serpente, ela é a que traz a cultura".[83]

Os argumentos de Paulo em 1 Tm 2.11-14 estão errados – em particular, homem e mulher foram criados ao mesmo tempo, um filho e uma filha da andrógina criatura-terra, Há-Adão, e neste sentido Eva foi criada primeiro.[84]

A Serpente

A serpente não é má, mas é a outra face de Deus, o tentador, que propõe tanto o bem quanto o mal. Esse fator profundo o Deus de Gênesis recusa-se a reconhecer.[85] Com respeito à verdade, a serpente e Jahweh compartilham a mesma posição. Ambos são

astutos, escondendo informação. Ambos em colaboração enganam os humanos. A serpente parece ser a ajudadora de Deus.[86] Ela faz perguntas inteligentes, e poderia ter feito outras perguntas para envergonhar a Deus.[87]

A serpente é a representante da árvore do conhecimento do bem e do mal.[88] "A serpente é um agente de regeneração... . e ajuda na libertação da raça humana. Ela contém também a possibilidade de um integração imaginativa, pois no jardim sua é a voz de esperança e ambição".[89] A serpente não mente, e tem a "capacidade de transformar situações e mudar o *status quo*".[90]

Esse novo estilo de "exegese" está aparecendo em todos os lugares ultimamente, em formas mais ou menos radicais.[91] Uma que merece comentário é a da publicação britânica erudita, o *Journal For the Study of the New Testament*, publicado na Universidade de Sheffield e conhecido por suas tendências conservadoras, mesmo "evangélicas". Seu atual editor, Francis Watson, da Universidade de Londres, publicou um artigo no qual ele considera o texto bíblico (novo e velho) totalmente patriarcal e hierárquico. Watson considera completamente não-convincentes (sem dúvida corretamente) todas as tentativas para salvar esses textos por meio da recuperação de uma espécie de igualitarismo primitivo que se encontra oculto entrelinhas. Ele deixa o leitor com o que julga a "mais apropriada estratégia" – "resistência". Tal resistência, de acordo com Watson, tomaria a forma de uma "contra leitura", isto é, ler o texto "audaciosamente 'contra o padrão.'" Na prática, isso envolveria ver:

> a Serpente como libertador, Eva como heroína em sua corajosa busca por sabedoria, e o Senhor Deus como um tirano ciumento preocupado somente com a preservação de suas próprias prerrogativas. *Tal leitura foi, é claro, adotada pelo gnosticismo.*[92]

Essa adoção consciente da exegese gnóstica antiga por um respeitado jornal erudito de raízes cristãs no fim do século 20 pode fazer o mais cético admitir que o *Império Gnóstico está contra-atacando.*

Essa reversão teológica é o resultado final do compromisso singular com a ideologia de libertação sexual. Tudo o mais pode ser pode ser lançado fora – os valores familiares tradicionais, a autoridade canônica bíblica, a sabedoria e bondade do Deus Criador, e a própria definição da fonte do mal – e especialmente o sentido pleno do texto.

Estudo Bíblico para o Fim da Civilização

Recentemente, John Richard Neuhaus, respeitado comentarista da situação da religião na América disse:

> O ensino da Bíblia nas escolas teológicas está atado ao gnosticismo, a crença de que é necessário sair do sentido puro da Escritura para um conhecimento superior que está acima ou abaixo do texto. O objetivo dos estudos bíblicos é colocar os estudantes a par de informações secretas e confidenciais para que eles passam ter um conhecimento esotérico que mesmo as pessoas mais inteligentes e educadas não podem obter de sua leitura das Escrituras em hebraico, grego ou inglês.[93]

A nova versão de Gênesis é uma prova viva dessa afirmação, assim como um assustador exemplo de como o novo estudo bíblico se libertou completamente da Bíblia. O "conhecimento superior" por trás dessa reversão de Gênesis não é uma outra hipótese interessante para vivificar nosso tradicionalismo cansado. Em sua destruição de Gênesis 1-3, que faz do maligno Deus e de Deus o maligno, esse "conhecimento" é a mais radical expressão da apostasia cristã. O machado está deitado nas raízes da civilização ocidental. Crentes ortodoxos, especialmente aqueles tentados por certos aspectos do novo pensamento, devem ficar cientes da enormidade da revolução. O Deus da Bíblia é agora rejeitado como um símbolo de opressão má em favor de um deus desconhecido de cuja sabedoria a Serpente fala. O novo estudo da Bíblia parece conduzir inevitavelmente, não às questões "inocentes" dos leitores, mas às antigas mentiras do Sedutor.

Não há nada de novo nisso, como o gnosticismo antigo revela.

Capítulo 9

ESTUDO BÍBLICO GNÓSTICO

Eles tentam adaptar aos seus próprios ditos de uma maneira digna de crédito, sejam as parábolas do Senhor, ou os ditos dos profetas, ou as palavras dos apóstolos (...) Eles desconsideram a ordem e a conexão das Escrituras (...) Eles transferem passagens e as rearranjam.[1]

- Irineu

O texto é o que você quer que ele seja

Leitores chocados com a manipulação de Gênesis descrita no capítulo anterior podem se consolar ao saber que a nova versão é tão velha quanto as montanhas. Sua extrema implausibilidade pode ter contribuído para seu desaparecimento durante mil e quinhentos anos. Nenhum jogador apostaria na sua ressurreição por eruditos inteligentes no fim do século 20. Mas a nova visão da "resposta do leitor" de Adão e Eva é somente um reprocessamento moderno da interpretação herética inventada pelos gnósticos nos séculos 2º e 3º d.C.[2]

Uma Queda-de-Braço do Texto Antigo com Jahweh

De acordo com o gnóstico *Hypostasis of the Archons,* a luta do verdadeiro gnóstico espiritual não é contra a carne e com o sangue,

mas "contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal" (Ef 6.12). Todos os cristãos poderiam concordar com essa citação do apóstolo Paulo. A maioria dos cristãos, porém, ficaria chocada em aprender que a maior dessas autoridades malignas é o Deus do Antigo Testamento, o Criador dos Céus e da Terra, que em ignorância e arrogância afirma, "Só eu sou Deus; não há nenhum outro além de mim".[3]

Estes Principados ou *Arcontes* (o Senhor Deus Bíblico e sua hoste angélica) vêm de "Baixo" enquanto o Espírito vem de "Cima", da "Plenitude". Eles criam um homem do "pó da terra" e o colocam em seu Jardim, privando-o do fruto da "árvore do conhecimento do bem e do mal". Sem o conhecimento dos Arcontes, no entanto, o "Espírito do Alto" entra no homem. Os Arcontes causam um grande sono nele. Esse é o sono da ignorância espiritual, do qual toda a humanidade sofre até ser iluminada com o conhecimento. Durante o sono, eles abrem o seu lado, e de lá sai "a mulher com espírito". Ela acorda Adão para a vida espiritual novamente e Adão a adora: "É você quem me deu vida; você será chamada 'Mãe de todo vivente' – Pois é ela minha mãe. É ela a Médica".[4]

O "Princípio Espiritual Feminino", a Eva celestial, entra na serpente, chamada a "Mestra",[5] e ensina a Adão e Eva o verdadeiro caminho da salvação. A Serpente é a Mestra, "aquela que é mais sábia do que todos eles".[6] Esse é um tema repetido na literatura gnóstica.[7] A serpente é o redentor. O Deus da Escritura é o mal usurpador. "Mas que Deus é este?" perguntou o autor irritado do *Testimony of Truth* [Testemunho da verdade].[8]

> Primeiro, ele incitou Adão a comer da árvore do conhecimento. E, depois, ele perguntou, "Onde está você, Adão?" E Deus não possui onisciência, isto é, no começo ele não sabia disso? E mais tarde ele disse, "Vamos bani-lo deste lugar para que ele não coma da árvore da vida e viva para sempre". Ele mostrou verdadeiramente que é um invejoso ciumento.

Hipólito relata que Justino, um dos líderes gnósticos do século 2º, identificou a árvore do conhecimento do bem e do mal com Naas [a Serpente], "'Pois assim,' diz (Justino)',deve-se interpretar as palavras de Moisés [pois] Moisés disse estas coisas disfarçadamente, pelo fato que nem todos alcançam a verdade'".[9]

On The Origin of The World [Sobre a origem do mundo], um outro texto da biblioteca Nag Hammadi, tem uma interpretação invertida similar de Gênesis. O autor desse texto afirma revelar o que existiu "antes do Caos".[10] Essa é talvez uma referência ao "caos" de Gênesis 1.2, "e a terra estava sem forma e vazia". Assim como todo sistema gnóstico que especula sobre a época antes da criação, esta introduz um complicado conto de emancipação divina do "Pai de Todos". Em um ponto no processo Sofia, a qual "os hebreus chamam (...) Eva da Vida, isto é, a mestra da vida" dá à luz a um ser andrógino a quem as autoridades chamaram "a besta" mas que realmente é o "senhor" e "o Mestre" pois "ele era mais sábio do que todos eles".[11]

"Então, aquele que é mais sábio do que todos eles, este que é chamado 'a besta' veio" e revelou a verdade sobre a árvore do conhecimento, que era na verdade boa, e que "deus" os havia proibido de comer de seu fruto por ciúmes. Quando "Eva teve certeza a respeito da palavra do mestre (...) a mente deles foi aberta. Pois quando eles comeram, a luz do conhecimento (gnose) os iluminou". Tendo ganhado essa gnose, Adão e Eva desprezaram a "deus". "Quando eles contemplaram seus criadores (Deus Criador e seus anjos), eles os odiaram pois eram formas bestiais. Eles entenderam muito bem."[12] Em uma afirmação posterior de ódio, o texto continua a descrever Deus como impotente, já que a única coisa que ele podia fazer era amaldiçoar o mestre (serpente), bem como amaldiçoar tudo que haviam criado. Sobre o Deus Criador é dito: "Não há bênção para eles. O bem não pode vir do mal".[13] Aqui está a *reversão total.* O bem se tornou mal, e o mal se tornou bem.

O Método Gnóstico

Como os gnósticos conseguiram escapar impunes com esta exegese, presente em todos os seus escritos?[14] Da mesma forma que os eruditos modernos adaptam o significado óbvio aos seus pensamentos pessoais e comunais. Sem o aparato técnico e jargões intelectuais sofisticados de seus primos modernos, os gnósticos criaram uma justificação similar para sua abordagem da "resposta do leitor" da Santa Escritura. A explosão contemporânea na produção de técnicas interpretativas não nos deve surpreender. Quando quer que a teologia "cristã" olha para o politeísmo pagão

para inspiração – como estão fazendo agora e como fez no passado – descobre um variedade impressionante de técnicas de leitura, sem as quais as Escrituras do Deus único seriam estritamente inúteis.

Imaginação

O "reavivamento" gnóstico cristão, assim como sua contraparte contemporânea, apostou muito na imaginação. Assim como outros monistas e panteístas, eles criam que Deus é "o Deus desconhecido", totalmente distinto e intocável pela criação, mas mesmo assim confundido com cada parte dela. Os gnósticos concluíram que não há uma comunicação especial, direta, de Deus para conosco. Assim, onde se encontra a verdade? Eles olharam para uma centelha da divindade no interior de cada um. A imaginação, parte da centelha divina, ajuda na descoberta da verdade renovadora e expandidora. Nos textos gnósticos, outros que olharam para o interior compartilham suas experiências de gnose. Mesmo a Escritura autoritativa é útil na medida em que serve ao entendimento monístico da vida.

Se a verdade é fundamentalmente pessoal, dependendo da experiência da iluminação interior do divino na pessoa, o que se conclui é que a experiência deve ser preferível ao discurso racional. Será a imaginação liberada da razão. Assim o *Apócrifo de Tiago* 4.19-20 exorta os crentes gnósticos: "enchei-vos do Espírito, mas esvaziai-vos da razão". O *Primeiro Apocalipse de Tiago 27:1-5* afirma: "até que você se lance fora do entendimento cego de si mesmo, desta corrente de carne que te cobre. E só aí você entenderá Aquele Que Existe. E nunca mais você será Tiago, mas você mesmo como Aquele Que Existe". Esta inclinação anti-racional reaparece na espiritualidade da nova era: "as condições necessárias para a nova fé, esperança e amor (...) [são que] você tem que ser flexível, aberto, ter uma energia alta, e não ser linear ou intuitivo".[15] A mesma bruxa feminista espiritual, Mary Daly, critica o uso contemporâneo da razão (masculina) para tentar destruir o contato intuitivo com os espíritos:

> Essa distância do empreendimento filosófico da razão intuitiva / imaginativa sobre os anjos (que alguns identificam como "Espíritos Elementares") está associada com a *tédio-cratização* da filosofia. Está conectado (...) com o descrédito e a erradicação "filosófica" da "causalidade final" (...) [, a saber,] a força do espírito.[16]

A história do grande "retorno" de nossa era é o retorno dos "espíritos". O mundo antigo estava cheio deles, como observa Plutarco, um historiador grego do século 1º. Ele descreveu a cultura greco-romana do Mediterrâneo como "uma taça borbulhando com mitos".[17] Os mestres gnósticos "cristãos" estavam somente seguindo a cultura. Giovanni Filoramo, um entendido em gnosticismo, fala a respeito do "reavivamento mitológico" gnóstico.[18] Sem se preocupar com a situação atual, ele observa que depois de um período de racionalismo e da crítica dos *velhos mitos gregos – muthos* de Platão e Aristóteles usando *logos* (a razão), o mito é redescoberto e recebe um novo significado. O gnosticismo não está mais interessado nas histórias dos deuses *per se*, mas somente na maneira como eles se relacionam com a experiência humana.[19] Uma nova espiritualidade centrada na pessoa nasceu. Paralelos com o tempo presente são fascinantes. Chegando ao final do século 20 depois do assim chamado Iluminismo ou Idade da Razão, as pessoas estão redescobrindo os deuses, as deusas, os mitos e a espiritualidade, às vezes sob a aparência de um cristianismo revitalizado.

Foi assim no mundo antigo. Os gnósticos afirmaram um novo entendimento dos mitos. Os evangelhos gnósticos parecem ter sido escritos assim. O "Jesus vivo" revela uma sabedoria eterna que não está amarrada a qualquer momento histórico, assim dando discernimento profético e uma imaginação livre em seu curso. Irineu observa: "eles fornecem como prova uma montanha de escritos apócrifos e espúrios, os quais eles compuseram".[20] "Nenhum limite", diz um comentarista moderno, "foi colocado para uma livre representação e uma especulação teológica".[21]

Aqui estão dois dos muitos exemplos possíveis registrados pelo pai da Igreja, Hipólito:

▶ Valentino

cria que o "Criador [agiu] baseado no medo [e] isto é o que a Escritura afirma: 'O temor do Senhor é o começo da sabedoria'. Pois isto é o começo das afeições de Sofia".[22]

▶ Marcus

usando o místico sistema de numérico de Pitágoras, encontra "cada detalhe da Escritura de acordo com os números supramencionados". Eles assim tentam, diz Hipólito, "incriminar Moisés e os Profetas, alegando que falaram alegoricamente a respeito das medidas de Éons".[23]

Ecletismo: escolhendo à vontade

O que eles mesmos não escreveram eles "tomaram emprestado" de outras fontes, portanto escolhendo à vontade. O gnosticismo, observa Rudolf, "freqüentemente toma seu material das mais variadas tradições existentes, conecta-se a ele, e ao mesmo tempo organiza tudo em uma nova estrutura (...) a visão gnóstica do mundo (...) se acomoda (...) à imagens das religiões antigas, quase como um parasita prospera no solo das "religiões hospedeiras, ele pode também ser descrito como parasítico. Nessa medida o gnosticismo, estritamente falando, não tem uma tradição própria", continua Rudolf, "mas somente uma tradição emprestada. A sua mitologia é uma tradição conscientemente criada a partir de um material que lhe é estranho".[24]

Se a verdade deve ser encontrada no interior, ela pode ser encontrada em qualquer lugar, desde que concorde com a experiência subjetiva da gnose. "O Cristianismo", diz Rudolf, "inclinou-se em direção à unidade doutrinária enquanto os pensadores gnósticos aparentemente preferiram seus modos independentes. Eles parecem ter procurado e incorporado nos seus sistemas qualquer pedaço de 'verdade' ou 'conhecimento' que encontraram, sem se importar com a fonte."[25]

A questão em pauta é o tratamento gnóstico do material do Evangelho, especialmente como colocado no *Evangelho Gnóstico de Tomás,* já discutido anteriormente. Não há real interesse na História. Os evangelhos gnósticos foram somente veículos para expressar seus pensamentos, tomando o que pudesse ser superficialmente apropriado e acrescentando ao sistema deles, deixando o resto como uma casca.

Tertuliano rejeita a constante busca ilegítima pela verdade dos gnósticos:

> Fora com a pessoa que está procurando onde nunca encontrará; pois está procurando onde nada pode ser encontrado. Fora com ele que está sempre batendo à porta, pois nunca lhe será aberta a ele, pois ele bate onde não há ninguém para abrir. Fora com aquele que está sempre pedindo, porque ele nunca será ouvido, pois ele pede a quem não pode ouvir.[26]

A Hermenêutica Antiga da Resposta do Leitor

Rudolf chama o método exegético gnóstico de uma

> prática mestra (...) de extrair o máximo possível (...) [via] método interpretativo da alegoria e do simbolismo (...) uma afirmação do texto que recebe um significado mais profundo ou mesmo vários significados, para provar a própria doutrina ou mostrar a sua riqueza interior. Esse método de exegese é na gnose um modo principal de produzir as idéias de alguém sob a capa da literatura antiga – acima de toda literatura sagrada e canônica.[27]

Esse mesmo estudioso, que em sua própria teologia não é inteiramente oposto ao pensamento gnóstico, apesar disso fala de "truques acrobáticos" e "exegese de oposição".[28]

A respeito da abordagem que fazem a Gênesis, Filoramo, o erudito gnóstico italiano observa que os "editores gnósticos manipulam o texto sagrado para torná-lo apropriado aos seus propósitos (...) ao retocá-lo, acrescentar uma frase ou escolher uma tradução diferente".[29] O pai da igreja, Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) dá um exemplo da exegese da resposta do leitor. Ele menciona Epifânio, filho de Carpocrates, que cria no compartilhamento de todas as coisas, incluindo marido e mulher , e que argumentou que a imposição mosaica sobre não cobiçar os bens ou a mulher do próximo "tornou o que [originalmente] era comum em propriedade privada".[30] Novamente Irineu é direto em sua denúncia do método deles: "Eles violentam as boas palavras [da Escritura] ao adaptá-las às suas maquinações malignas". Ele também despreza a distorção inteligente dos textos deles. Em "alegorias [que] foram faladas e podem ser feitas para significar muitas coisas, o que é ambíguo eles inteligente e maldosamente adaptam às suas invenções por meio de explicações estranhas". Finalmente, Irineu observa que, para ajeitar suas próprias questões teológicas e respostas, "eles dividem as profecias em várias classes: eles crêem que uma parte foi feita pela Mãe, uma outra pelo filhote e uma outra pelo Demiurgo".[31]

A interpretação da Comunidade

As comunidades gnósticas desenvolvidas se reuniam em volta de mestres e de programas determinados. Epifânio (315-403 d.C.) queixa-se: "os líderes da gnose, falsamente assim chamados, começaram seu crescimento maligno sobre o mundo, nominalmente chamados de gnósticos (...). Pois cada um destes (líderes) inventou sua própria seita para que adaptasse às suas paixões e desenvolveu

milhares de maneiras de mal".[32] Cada grupo tinha seu próprio ângulo sobre a "verdade" e produzia variações sem-fim dela. Elaine Pagels, historiadora moderna,[33] ela mesma uma teóloga liberal, afirma que os gnósticos mostram algo do espírito liberal do pluralismo dos dias modernos, isto é, a tolerância para com todos os tipos de expressões religiosas. Há muito tempo, Tertuliano observou que a tolerância foi muito longe: "eles não se importam quão diferentemente eles tratam os assuntos", contanto que eles se aproximem da "cidade da verdade única", isto é, a versão gnóstica do círculo monístico. A ortodoxia foi rejeitada como um erro tóxico. As suas "verdades" eram "aproximações". Pagels observa que esse compromisso com a verdade não é o mesmo que o da ortodoxia. "Os gnósticos se inclinaram a considerar todas as doutrinas, todas a especulações e todos os mitos – seus próprios assim como os de outros – como somente *aproximação* a verdade."[34]

Para os gnósticos, a verdade somente poderia ser encontrada em comunidade: ninguém pode conhecer a verdade em um sentido absoluto, mas cada comunidade deve encontrar sua própria. Assim como no multiculturalismo moderno, os antigos gnósticos estavam *absolutamente* certos de que não havia uma verdade absoluta.

Com essa noção de verdade particular e comunal segue a idéia de iniciação e segredo. A revelação é secreta, reservada para o iniciado. Irineu observa a consciência comunal dos grupos gnósticos, que funcionavam como sociedades secretas. Como sempre, todos tinham seu preço.

> eles não [estão] desejosos de ensinar estas coisas para todos em público, mas somente àqueles que podem pagar muito por tais mistérios! (...) são mistérios ocultos, impressionantes e profundos, adquiridos com muito sofrimento pelos amantes da falsidade.[35]

A Hermenêutica da Suspeita Gnóstica

Alguns especialistas dos dias modernos concordam em que a interpretação gnóstica da Bíblia é um exercício de subterfúgio e uma reinterpretação para auto-satisfação. Um deles diz:

> Se o ponto de partida do mito gnóstico é a exegese do Livro de Gênesis, não é uma exegese inocente. Ao contrário, a exegese muda, constante e sistematicamente, as interpretações aceitas da Bíblia. Uma "exegese invertida" pode ser destacada como o princípio hermenêutico principal dos gnósticos.[36]

Nessa exegese invertida, "o conteúdo da Bíblia não é tomado pelo seu valormanifesto, mas à luz da informação anterior que contribui para o aumento de uma 'hermenêutica da suspeita' (...) da qual os gnósticos parecem ser os representantes sistemáticos mais antigos".[37] Embora o texto seja sobre a inocência original, não há inocência nas interpretações gnósticas forçadas.

Um caminho que essa "exegese invertida" toma é que "tudo que a Bíblia chama de bom é tomado como mal, e vice-versa". Na *Paráfrase de S em,* os sodomitas são os membros corretos da raça de Sete e é por isso que eles incorrem na ira do Demiurgo.[38] Esses descendentes de Sete naturalmente afirmaram que a narrativa deles sobre a criação forma a Bíblia verdadeira e que as narrativas bíblicas são falsas, distorções enganosas.[39]

Em *On the Origin of the World* é demonstra como a história da costela de Adão é uma clara mentira:

> Mas nós não falaremos disso a Adão, pois ele não é um dos nossos. Vamos, em vez disso, fazê-lo dormir profundamente e mostrar em seu sonho que ela veio a existir da sua costela, para que a sua esposa seja submissa e ele seja o mestre sobre ela.[40]

Da mesma forma, o *Apócrifo de João* mostra uma suspeita radical da narrativa de Gênesis:

> e ele fez Adão dormir. E eu disse ao salvador, "O que é o sono?" E ele disse, "Não é como Moisés escreveu e você ouviu". Então a Epinóia da luz escondeu-se nele (Adão) e o líder dos Arcontes desejou trazê-la para fora pela costela. Mas a Epinóia da luz é inalcançável. Enquanto as trevas a perseguiram, foi incapaz de pegá-la, e ele lançou fora uma porção de seu poder, de si mesmo. E ele fez uma outra criação em forma de uma mulher, à semelhança de Epinóia, que foi revelada a ele. E ele pôs a porção de poder que havia tomado do poder do homem na criação feminina, e não, de acordo com Moisés, na "sua costela".[41]

Quatro vezes nesse pequeno texto o autor exibe sua profunda suspeição da narrativa bíblica ao repetir "não como Moisés disse". Ao mesmo tempo, a sua interpretação absurda deve estar certa, pois concorda com a teoria gnóstica.

A. F. J. Klijn, o erudito holandês e autoridade em gnosticismo diz, "Finalmente nós temos que concluir (...) que os elementos judaicos [o uso de Gênesis] foram totalmente reinterpretados ou invertidos no gnosticismo (...) [e que] o gnosticismo tinha um desdém total pelas fontes que usou somente para seus próprios objetivos".[42]

O Êxodo Gnóstico de Javeh

Eruditos radicais modernos no final do século 20 (e início do 21) procuram levar os leitores a um êxodo do patriarcado e do grande Patriarca, o Deus da Escritura. Mestres gnósticos antigos convidaram os crentes a deixar sua escravidão / submissão ao grande Arconte, o Deus bíblico, Criador dos Céus e da Terra. O *Primeiro Apocalipse de Tiago* pesquisa as poderosas obras da criação e, com um pouco de ajuda da astrologia antiga, enumera 72 céus. Mas o autor reafirma ao crente gnóstico, que apesar dessa tremenda demonstração de poder, o Criador é inferior ao Deus verdadeiro, Aquele que É. De fato desde que todos os gnósticos tornam-se "Aquele que É", eles também são superiores ao Criador dos Céus e da Terra.[43] Da mesma forma, no texto gnóstico *Diálogo do Salvador*, Judas diz a Jesus: "Olhe, os Arcontes estão no céu; certamente, então, são eles que governam sobre nós". Mas Jesus responde: "Vocês regerão sobre eles".[44]

Assim, todo o sistema da criação, por impressionante que seja, desmorona na mega interpretação gnóstica da realidade e da Escritura. Intérpretes modernos da Bíblia argumentam que a adoração ao Deus da Bíblia é uma idolatria, pois Javeh não é mais do que uma construção intelectual da opressão masculina, e o verdadeiro Deus está além das palavras humanas. Os gnósticos viram o Deus da Escritura como um usurpador a ser desprezado e o Deus verdadeiro como um Deus desconhecido que somente foi conhecido na centelha divina dentro da alma humana. O "deus" antigo pertence ao domínio das trevas que também é criação, matéria, o corpo, os planetas, e o destino – uma prisão de onde não há escapatória. O Deus verdadeiro, o "Deus desconhecido" que vai além de tudo que é visível ou sensível, que incorpora uma "totalidade" (pleroma) dos seres celestiais, habita no reino da luz. Mestres gnósticos antigos da Bíblia foram capazes de "desconstruir" o ensino fundamental da Bíblia sobre Deus para fazer vibrar um caminho de liberdade ao Deus desconhecido além da Bíblia. A exegese da libertação era deles, mas o êxodo do Deus da Escritura não conduziu à terra prometida, mas à escravidão diabólica.

A Unidade Final: O Monismo Pagão

Por trás da grande diversidade do gnosticismo antigo está uma ideologia coerente, profundamente oposta ao teísmo cristão, mas capaz de abraçar as opções de outras religiões. Desde que o Deus verdadeiro era desconhecido, exceto por meio do coração humano, todos os caminhos de interpretação que passam pela experiência do "conhecimento espiritual" conduzem a Deus. Embora seja comum descrever o gnosticismo como dualista, que rejeita a carne e abraça o espírito, o reconhecido especialista, Kurt Rudolf, descreve o movimento como "um dualismo que acontece em um palco monístico".[45] O monismo, seja o antigo quanto o novo, dá as boas-vindas todos os caminhos que conduzem ao "mistério final" – a todos exceto a um, o sentido puro da Escritura, e do Deus da Bíblia.

Conclusão

No século 2º, Irineu, que dedicou a sua vida à leitura, à avaliação e finalmente à denúncia do ensino gnóstico como herético, viu que um elemento essencial daquele pernicioso ensino, que auxiliou na sedução de cristãos, envolvia a manipulação da Escritura para se encaixar às suas próprias finalidades. Ele chamou o método de estudo bíblico deles de "mal uso da Escritura" que produzia uma "exegese distorcida". O procedimento era, para ele, muito óbvio: "Após terem fabricado inteiramente seu próprio sistema, eles reuniam ditos e nomes de lugares diferentes e os transferiam, como já dissemos, de um significado natural para um não-natural".[46]

Na interpretação bíblica a História também se repete. Seja da sexualidade e moral até métodos de estudo bíblico, o "não-natural" uma vez mais afirma ser "natural". Um sistema fabricado de libertação, apoiado por novos mitos e verdades "auto-evidentes", afetou o texto bíblico, desviando seu sentido óbvio natural.

Os pergaminhos do gnosticismo estão abertos diante de nós em nossa mesa de estratégia. Esses planos já foram usados antes, e os pais da igreja nos mostraram táticas defensivas eficazes. A vigilância deles contra as heresias tanto nos alertam quanto nos armam em nossa própria defesa da Fé. Os cristãos de hoje permanecerão ignorantes do passado arriscando a si mesmos e a seus filhos. A história da Igreja nos ensina que as Escrituras declararam: a defesa inclui ataque. Se nós não denunciarmos e rejeitarmos as técnicas de estudo "gnóstico" da Bíblia, os fundamentos da igreja cairão.

Capítulo 10

UM NOVO DEUS PARA UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

[Deus] não [é] transcendente – esta orgia de auto-alienação dos pais – mas imanente, deus agindo o próprio ego dele em tudo.

- Rita Nakachima Brock

Deus *versus* Deusa

"Deus" não é uma palavra comprida, mas engloba a mais tremenda das noções. Representa o poder final e a verdade suprema. Os níveis do debate atual sobre a natureza e a pessoa de Deus não poderiam ser mais altos.[1] Quem quer que defina a Deus está fazendo o papel de grande Regente para a sociedade humana de amanhã. Longe de ser secular e humanista, o futuro será, de acordo com muitos entendidos observadores, "hiper-religioso".[2] O "novo mundo" não está satisfeito com os acordos internacionais de comércio, com o desarmamento e com as inovações políticas planetárias. Tal ordem deve desenvolver uma ética global, uma religião sincretrista com um novo deus no trono. Cada civilização já teve seu deus. A Era utópica de Aquário coroará um deus aquariano. "O surgimento de um novo paradigma cultural",[3] exige uma nova

visão de mundo.[4] Madeleine L'Engle julga que a nova visão de mundo necessita um novo deus "que seja grande o suficiente para a era atômica" pois o Deus da época de Cristo "já se deteriorou".[5]

Joseph Campbell, o guru da TV da nova espiritualidade, faz uma aposta similar por um novo mito, um novo deus:

> A história que nós temos no Ocidente, na medida em que é baseada na Bíblia, é baseada em uma visão de universo que pertence ao primeiro milênio a.C. Não concorda com nosso conceito tanto de universo quanto de dignidade do homem.[6]

Jornalista e ministro da Igreja Batista do Sul, Bill Moyers entusiasticamente concordou. Desde que suas séries de entrevistas foram um tremendo sucesso na Televisão Pública (onde está a separação entre Igreja e Estado?), pode-se somente imaginar a influência que eles tiveram no modo de pensar contemporâneo da América sobre Deus. Caroul Christ, teóloga e líder feminista, declara:

> nós estamos vivendo em uma época revolucionária, quando novos símbolos religiosos estão sendo formados por um processo de sincretismo e criatividade (...). O trabalho que as feministas estão fazendo para transformar a imagem de Deus tem profundas (...) conseqüências para a vida social.[7]

Assim, se você está realmente procurando por um novo deus com poder transformador,[8] você certamente precisa encontrar Sofia.

Conheça Sofia

Sofia é um novo deus para o novo mundo, o novo mito para a Era de Aquário. Numa tendência estranha e desorientadora no poder sedutivo feminino, é "Sofia, (...) o Logos, (...) o próprio Cristo", de acordo com a "evangélica" Virginia Mollenkott, que fará todas as coisas novas e todas as cosas possíveis. Ela dará a luz à "Nova Humanidade".[9] Sem ela, o planeta implodirá e a gloriosa história humana nunca chegará ao encontro final do destino com a evolução. A irmã Madonna Kolbenschlag, a ex-freira e militante feminista muito influente da Igreja Católica Romana, vê no movimento da

deusa um "estágio, necessário para alguns, de um processo evolucionário que está movendo a humanidade – e o 'Deus-que-está-vindo-a-ser' – para a transformação em uma 'Nova Fé'".[10]

Sofia: O Divino Retorno ao Lar da Rainha de Minneapolis

Muitos encontraram Sofia pela primeira vez nas terras luteranas de Minneapolis, em Minesota no outono de 1993.[11] Ela era a convidada de honra da *Conferência RE-imaginando*, organizada por protestantes cristãs feministas. Na primeira sessão, os participantes repetiram a liturgia: "é hora de (...) sonhar loucamente sobre o que queremos ser no futuro por meio do poder e direção do espírito de sabedoria a que damos o nome de Sofia".[12] Como um coro na reunião do *Youth For Christ* [Juventude para Cristo], a seguinte linha foi constantemente repetida: "Agora Sofia, envisione, compartilhe a sabedoria que está lá dentro no interior".[13] A literatura do programa declarava: "A voz de Sofia ficou muito tempo muda.[14] Deixe-a falar e nos abençoar por todos estes dias". Embora os organizadores afirmassem que Sofia era a *Sabedoria* personificada (*sophia* em grego) de Provérbios 8, o seu ensino em Minneapolis foi no máximo o ensino da Dama Estupidez, no mínimo um paganismo associado com a adoração à deusas antigas.[15] Várias definições de Sofia brotaram: "Sofia é a energia divina nas mulheres sendo liberada pelos rituais das deusas". "Sofia é o lugar em você onde todo o universo reside."[16]

Conferencistas escolheram as alternativas. Aruna Gnanadason, uma feminista indiana da Igreja do Sul da Índia, e Diretora da sub-unidade WCC da Women in the Church and Society [Mulheres na Igreja e na Sociedade], em Genebra, explicou que o ponto vermelho que usava era um protesto contra aqueles que viam a testa como um lugar para o sinal da cruz. Para ela, era o sinal "do divino em cada um". Naturalmente, todos os participantes desenharam um ponto vermelho na própria testa.[17] Rita Nakashima Brock, professora auxiliar da Hamline University em St. Paul, Minnessota, declarou , em termos rememorativos do gnosticismo herético antigo:

> Embora (...) ele [Javeh] refira-se a si mesmo no plural (...) (ele) inadvertidamente nos relembra, das *deusas e da terra de onde ele veio* [ênfase minha].[18]

Elizabeth Bettenhausen, coordenadora do Programa de Estudo / Ação no Women's Theological Center (Centro Teológico das Mulheres) em Boston, Massachussets, e membro da Igreja Evangélica Luterana na América, declarou: "Nós temos que [re]imaginar a doutrina da criação". Rejeitando a visão bíblica da criação da terra, ela fez uma afirmação impressionante: "As mulheres, não Deus, são as verdadeiras criadoras".[19]

Esta Sofia é a antítese da Sabedoria na Bíblia, pois nega a mesma legitimidade da criação das mãos de Deus. Ao contrário, Provérbios mostra a Sabedoria "ao seu lado" enquanto Deus fazia os Céus e a Terra. Como o Novo Testamento revela, a Sabedoria ao lado de Deus era Cristo, o eterno Filho e a Sabedoria de Deus, pelo qual e por meio de quem todas as coisas foram criadas.[20] O uso desse texto é um pretexto para importar noções estranhas para dentro da igreja cristã, e debochar do Deus Criador. Não há um relacionamento entre a Sabedoria personificada na Sagrada Escritura e a divindade debutante de Minneapolis. Quem é Sofia? Por que uma enorme cabeça de uma besta sem nome foi exibida quatro vezes ao dia na conferência em Minneapolis?

O verdadeiro programa da conferência responde esta pergunta: "Seja especulativo, não há 'resposta'. Nós não podemos imaginar como Deus é. Estarmos juntas em nossas próprias imagens é a finalidade". Um astuto observador percebeu que essa imprecisão era parte do programa:

> Sofia é a resposta às orações de um mundo multicultural e terapêutico (...). [Ela] serve aos "reformadores" desta classe como uma *tabula rasa* sem valor. A ignorância dos partidários de Sofia – longe de ser um obstáculo – é essencial para o projeto de moldar uma nova religião enquanto retém ligações frágeis e de interesse com a fé cristã.[21]

A ligação é de fato frágil. Mas os crentes precisam encontrar e reconhecer Sofia, o deus do mundo aquariano que nossos filhos herdarão.

Sofia: Deusa do Paganismo Antigo

Uma das brilhantes teóricas do movimento feminista de "reimaginação", Rosemary Radford Ruether, afirmou já em 1983: "Um

novo Deus está nascendo em nosso coração".[22] Esse é um estranho lugar para um deus começar, mas Ruether parece conhecer o assunto. Um nascimento tão incomum como esse está ocorrendo por causa de uma nova força, "nosso poder para nomear a nós mesmos (...) e a Deus".[23] Seu livro, *Women-Church* [Igreja-mulheres] serve como um modelo para muitos dos representantes e encorajadores no séquito de Sofia. Esse credo da "igreja" não faz menção ao Deus da Escritura ou a Cristo.[24] Ruether vê o avivamento espiritual como um "uma nova aproximação" entre o Cristianismo e o paganismo.[25] Num *Rite of Healing From Rape* [Rito de cura do estupro], os adoradores em *Women-Church* usam seus poderes para nomearem a nova deidade cristã-pagã: "O Espírito-Mãe de Bênção Original te envolve, te sustenta de todos os lados, flui de todas as direções em você, te acaricia, te ama, e te faz completa".[26]

Sofia: Uma Pagã Encantadora

Caitlín Matthews é uma sacerdotisa ordenada no antigo culto egípcio para a adoração da Deusa Ísis, Rainha das Bruxas. Não dá pra ser muito mais pagão do que isso. Em 1992 ela publicou um livro em louvor de sua deusa entitulado *Sofia, Deusa da Sabedoria.*[27] Essa neo pagã observa que "Sofia aparece em quase todas as culturas e sociedades", e que "as conexões entre Ísis e Sofia são muito significativas e mostram-nos as fortes ligações de Sofia com a tradição das Deusas antigas".[28] Em outras palavras, há muito a conectar Sofia com Ísis, a Deusa egípcia da mágica e da bruxaria. Ísis, "a deusa de Mil Nomes na Inteireza de Sua Majestade"[29] tem um nome em particular – Sofia.

Os participantes da conferência em Minneapolis invocaram a seguinte bênção sobre os elementos leite e mel em sua simulação blasfema da Ceia do Senhor: "Nossa criadora, Sofia, somos mulheres em seu espírito".[30] Sofia não é um princípio feminista abstrato. Como Criadora, ela tem os atributos da deidade. O tema "inocente" de Sofia, desenvolvido por mulheres "cristãs" imaginativas e criativas em Minneapolis é uma religião pagã, como muitas alegremente admitem.

Sofia: Garota Totalmente Americana

A espiritualidade da deusa na América no final do século 20 ? Vinte anos atrás, a mesma idéia seria um absurdo. Hoje é uma

realidade poderosa na vida de muitas seguidoras e incentivadoras feministas. A recente re edição de *The Politics of Women's Spirituality* [A política da espiritualidade das mulheres][31] (1982) mostra como o poder e a espiritualidade da deusa se juntaram nos nossos dias. Quarenta e cinco pensadoras feministas, incluindo Charlene Spretnak, Gloria Steinem, Mary Daly e Naomi Goldenberg fazem um pedido comovente para a redescoberta da espiritualidade das mulheres mediante a deusa. Alguns dos artigos merecem uma nota particular, especialmente os seguintes: "A Grande Deusa: Quem Foi Ela?", "A Origem da Música: Adoração da Deusa das Mulheres", "Bruxaria como Religião da Deusa", "Por que as Mulheres Precisam da Deusa: Reflexões Fenomenológicas, Psicológicas e Políticas". Esses e muitos outros artigos foram escritos por mulheres extremamente inteligentes do Ocidente no final do tão sofisticado século 20. Nós estamos cientes da espiritualidade cristã e a não-espiritualidade de intelectuais ocidentais que brincam com um humanismo ateístico e com a filosofia marxista. Esses pensadores contemporâneos sustentam a espiritualidade, mas uma espiritualidade que salta os milênios para encontrar apoio nas tradições perdidas da adoração da deusa. Tal pensamento não é mais a especulação de extremistas lunáticos. Muitas das mulheres mencionadas são líderes da sociedade contemporânea e nas maiores igrejas. Além disso, a presença da palavra "política" indica um movimento que não está contente com as sociedades secretas e as fantasias particulares. Nós já estamos vendo os primeiros sinais desse paganismo renovado na legislação, nas questões de gênero, na mídia e na educação. O poder *espiritual* da deusa ameaça tomar o poder *político* à medida que entramos na Era de Aquário.

A entidade espiritual, Lazaris, falando por intermédio de um ex-vendedor de seguros da Califórnia, confirma o lugar da deusa na América moderna:

> Embora Ela nunca tenha ido embora, a Deusa está retornando para você (...) e Ela traz uma Luz (...). Sua é a Grande Obra: Recebendo e então doando Sua Luz para um mundo aparentemente cada vez mais escuro. Ela está retornando para você e Ela traz presentes e tesouros que são generosos e sem limite (...). Como Ela retorna, você pode vir a conhecer a Deusa e você pode conhecer Deus. E (...) você pode vir a saber quem você é.[32]

A introdução de Sofia no culto "cristão" é, na verdade, como um título de um livro recente sugere, a "Restauração da Deusa ao judaísmo e ao Cristianismo".[33] A deusa sendo restaurada é a divindade encontrada "na intercessão do Cristianismo com o paganismo", a divindade fêmea gnóstica Sofia, revelada em um texto gnóstico como "Perfeita Mente de Trovão".

> Perfeita Mente de Trovão (...) parece estar em todos os lugares e engloba todas as coisas: (...) Ela é tudo e todos e seu oposto. Ela é fêmea e dentro dela está a amplitude total de vida feminina desde o nascimento até a morte, da mulher mundana no mundo até a Sabedoria divina do Céu. Ela mostra para mim que não há desunião entre algo e seu oposto. Uma totalidade inclui todos os aspectos. Divisões lineares e dualistas não existem (...). Asherah e Ashteroth foram chamadas prostitutas, abominação e morte, por aqueles que as odeiam. Hochma [Sofia em Hebraico], sua irmã e descendentes, foi chamada a árvore da vida (Provérbios) antes que ela fosse desvestida de sua forma feminina. Eu vejo em "Trovão" a visão de uma deusa humana e divina que fala novamente. As suas palavras são controladas pelas mais novas religiões de tendência masculina. "Sou a primeira e sou a última", é uma descrição de Deus e de Cristo (Ap. 21.6, 22.13); não só relembra "Trovão" como a egípcia Ísis.[34]

Aqui Sofia é claramente identificada com a forma de monismo pagão que une todos os opostos na deusa pagã mãe do Egito, Ísis, deusa patrona das bruxas. "hoje as mulheres estão redescobrindo Ísis", diz a feminista radical Alexander-Berghorn. Ela continua:

> O ressurgimento de Ísis como uma fonte de inspiração para as mulheres contemporâneas é exemplificado pelo ministério de cura de Selena Fox, co-fundadora e Sumo sacerdotisa do Santuário do Círculo próximo a Madison, no Estado de Wisconsin. Todo mês na lua nova, Selena realiza um Círculo de Cura espiritual centrado ao redor de um Altar de Cura de Ísis (...) cada um de nós pode pessoalmente experimentar a presença curativa da Deusa dentro de nós. Todas as mulheres são Ísis e Ísis é todas as mulheres.[35]

Há mais sobre Sofia do que os olhos podem ver. Sofia é tanto a sabedoria de Deus quanto a sabedoria de ídolos. Jesus disse, "a sabedoria [sofia] é justificada por suas obras".[36] As atitudes de Sofia como a nova deusa para a Era de Aquário revelam o seu coração pagão. A humanidade fecha as portas para a Era de Peixes, do signo de peixes. Com um movimento impaciente, retira os valores cristãos na sociedade, o patriarcado, e o Deus masculino da Santa Escritura. Com esperança, olha abaixo para um corredor de luz da Nova Era de Aquário, a era da deusa, da intuição feminina e do monismo. Sofia é a Deusa da Era de Aquário. O futuro pertence a Sofia.

Sofia: Rainha das Bruxas

A bruxaria é a onda do futuro. Ao repensar a bruxaria, "a religião feminista do futuro está atualmente sendo formada".[37] Essa afirmação programática vem de Miriam Starhawk, uma importante teórica da adoração da deusa e da bruxaria, uma sacerdotisa/ministra licenciada do segmento de Wicca (a bruxa) da aliança da Deusa, e professora no Instituto Matthew Fox para Cultura e Espiritualidade da Criação na Faculdade Holy Names em Oakland, Califórnia. Ela encontra na bruxaria o perfeito contraste ao "absolutismo divisivo" da tradição judeu-cristã, e uma excelente ponte para a noção de polaridades equilibradas em muitas religiões orientais. Esse equilíbrio *yin* e *yang* mina a idéia de que algo poderia ser "errado". Tudo é útil. Antipatias aparentes puxam e empurram para uma ascendência, produzindo uma renovação. A explicita espiritualidade oriental sugere a Strahawk o desenvolvimento de uma "nova visão de mundo".

> O desejo por uma consciência expandida tem levado muitas de nós a uma "jornada ao Oriente" espiritual, e os conceitos hindu, taoísta e budista estão se infundindo na cultura ocidental com novos entendimentos. O diálogo Ocidente-Oriente tem se tornado a maior influência na *evolução para uma nova visão de mundo.* As religiões orientais oferecem um abordagem radicalmente diferente à espiritualidade do que as tradições judeu-cristãs. Elas são experienciais e não intelectuais; elas oferecem exercícios, práticas e meditações, em lugar de catecismos. A imagem de deus não é a antropomórfica de um

> Deus-Pai barbudo no céu – mas o fundamento abstrato, desconhecido da própria consciência, o vazio, o Tao, o fluxo. O objetivo deles não é *conhecer* a Deus, mas *ser* Deus. De muitas maneiras, as filosofias deles estão muito perto da bruxaria.[38]

Starhawk agrupa na bruxaria todos os interesses do Movimento da Nova Era – uma nova religião mundial para um novo mundo, uma nova ecologia e uma nova ciência baseada na espiritualidade da deusa / Mãe Natureza, uma transformação consciente por meio das técnicas "mágicas" – e acrescenta um sabor de escatologia feminista – uma salvação final por meio da mulher. Para muitas feministas, a libertação das mulheres é a chave para uma nova era de liberdade. Com a libertação das mulheres, virá o fim da pobreza, da discriminação racial e sexual e da atividade exclusivamente masculina da guerra.[39]

"Fora do Armário das Vassouras"

O título acima apareceu na primeira página do jornal da minha região. O artigo em favor do retorno da bruxaria apóia a tentativa de encontrar um prédio de "igreja" onde "pais possam levar seus filhos para aprender sobre a tradição antiga [de Wicca a bruxa]".[40] Homossexuais não são os únicos que estão saindo dos armários e se expondo ao mundo. Nossa era multicultural tolera quase qualquer coisa. As bruxas ganharam posição oficial no *Parlamento das Religiões do Mundo* em Chicago em 1993; estudiosos estão reescrevendo suas histórias, especialmente a história da famosa caça às bruxas como "purificação étnica (...) de mulheres independentes na Reforma da Europa"[41] Virginia Mollenkott inclui a bruxaria como uma expressão válida da busca atual pela espiritualidade autêntica;[42] uma importante feminista católica, irmã Madonna Kolbenschlag em seu livro *Kiss Sleeping Beauty Goodbye* [Dizendo adeus à Bela Adormecida], aprova a bruxaria;[43] assim como Madeleine L'Engle;[44] a feminista "cristã" e teóloga Rosemary Radford Ruether promove rituais em seu *Women-Church* [Igreja-mulheres] tais como uma cerimônia de Halloween (da noite das bruxas) em memória das bruxas perseguidas.[45]

O Cristianismo, com sua distinção entre Deus e a criação, certo e errado, homem e mulher, é abandonado com alegria como a essência de uma visão de mundo obsoleta que produziu "inquisições, caça a bruxas, assassinatos em massa, execuções, censura e campos de concentração". No Bravo Mundo Novo dessa

visão apocalíptica, "a Deusa é eu mesmo *e* o mundo". Todas as distinções são eliminadas e tudo vai assim como "nossa cultura como um todo (...) desenvolve-se em direção à vida".[46]

> A Deusa Mãe está ressurgindo e nós podemos começar a recobrar nosso direito de nascimento original, nossa completa alegria de estarmos vivos. Nós podemos abrir nossos olhos e ver que não há nada de que ser salvo (...) não há Deus fora do mundo para ser temido e obedecido.[47]

Antecipando o que foi publicado em Minneapolis em 1993, Starhawk disse em 1979: "Hoje as mulheres estão criando novos mitos, cantando uma nova liturgia, pintando seus próprios ícones, e tirando forças dos novos-velhos símbolos da Deusa, da 'legitimidade e beneficência do poder feminino'".[48] Antes da *Conferência RE-Imaginando*, a teóloga cristã Mary Elizabeth Moore, da Escola Claremont de Teologia e Escola Graduada Claremont afirmou que muitas mulheres consideraram o trabalho de Starhawk "compatível – ou ao menos adaptável – com o ensino cristão".[49]

Por meio do feminismo e da religião da deusa, a bruxaria é "adaptada" ao Cristianismo. Não podemos mais empurrar a bruxaria para o lado como um movimento radical lunático do feminismo longinquo.[50] Mesmo que negue a conexão com o Satanismo,[51] a bruxaria é no mínimo uma forma fatal de paganismo oculto, que se coloca que se no pólo oposto do teísmo cristão.

O que é uma Bruxa?

Zsuzsanna E. Budapest, uma bruxa "feminista" cuja mãe era médium e bruxa praticante em Budapest, Hungria, dá uma descrição muito simples e clara de uma bruxa: "Uma bruxa é uma mulher ou um homem que considera a terra um ser vivo, respirante e consciente – parte da família do vasto universo – que deve ser considerada e respeitada como o próprio Deus (Deusa). Para ser uma bruxa, você tem que ver a si mesma como parte de Deus, que está presente interiormente, não separado de nós e de todos os seres vivos".[52] De fato, pareceria que há muito pouco para distinguir entre bruxas dos dias atuais e outras pessoas espiritualmente sintonizadas da Nova Era tais como curandeiros e médiuns. No mínimo, todos eles afirmam se conectar ao poder espiritual da terra, e se distanciam do Deus bíblico, distinto da terra que criou. A jornalista católica-romana

Donna Steichen documenta, com uma precisão fria, como a bruxaria engendrou uma tomada progressiva de uma porção substancial da Igreja Católica nos Estados Unidos. Ela mostra como a bruxaria varreu os conventos da América e dizimou muitas ordens. O seu julgamento estudado é preocupante: "A maioria da cultura católica antiga foi devorada por insetos espirituais, deixando para trás uma estrutura que parece sólida aos olhos, mas que se desmorona ao toque".[53]

Ísis, o "grande protótipo de todas as deusas"[54] chamada de a "Poderosa em Mágica", a rainha das bruxas, foi uma das antagonistas principais do Cristianismo durante os três primeiros séculos da era cristã. Como mostraremos a seguir,[55] Ísis já apareceu como Sofia no Cristianismo herético do gnosticismo antigo. O Cristianismo moderno, para concordar com seu antepassado na fé, terá que resistir a esta mesma oculta mágica da bruxaria que se centraliza na Deusa.

Sofia: Artista de Mudança Rápida

Você já encontrou um politeísta, alguém que crê na existência de muitos (*poli*) deuses (*teos*)? Você talvez pense em lugares exóticos como a Polinésia onde todos vestem saias feitas de folhas e as pessoas dançam ao som de tambores nativos. David Miller é um homem que usa óculos, o protótipo da classe média urbana da América. Ele é professor de Religião na Universidade Syracuse e um candidato recente à presidência da Academia Americana de Religião, a respeitosa sociedade profissional de professores de religião na América do Norte, que se encontra a cada ano com a Sociedade de Literatura Bíblica. David Miller é, no entanto, um politeísta.

Sofia: Nascida das Cinzas de Deus

> Usar os títulos Deusa e Deus a Mãe é provavelmente o único modo de destruir a posição de um Deus masculino da idolatria na psique.
>
> - Nelle Morton[56]

Antes de se tornar politeísta, Miller fazia parte do movimento da "morte de Deus" dos anos 60. Teólogos radicais liderados por William Hamilton e Thomas Altizer declararam Deus morto. Com a maturidade, o homem não necessitava mais de uma divindade externa. Quando o movimento fracassou, Altizer terminou ensinando literatura americana em uma universidade estadual. Uma outra tese radical e escandalosa, não mais inteligente do que uma manchete de jornal, havia passado. Ou parecia que havia.

A Princesa Elizabeth da Inglaterra voou da Austrália para casa apressadamente quando seu pai, George VI, morreu em 1952. Quando ela pisou na pista do aeroporto em Londres, um oficial a saudou com a frase que eu ouvi quando era garoto: "O Rei é morto; longa vida à Rainha". Uma década depois de George VI encontrar seu Criador, William Hamilton poderia ter dito: "Deus é morto, longa vida à Deusa". Ele na verdade disse: "A revolução não se parece com um monoteísmo cristão ou pós-cristão. Ela se parece mais com o politeísmo".[57] A análise de Hamilton foi precisa, apesar de Nixon, Reagan, Bush e dos direitos religiosos que estavam surgindo.

Em 1974 David Miller reconheceu que "o anúncio da morte de Deus era o obituário de uma norma inútil, ingênua e unidimensional de uma civilização que tem sido predominantemente monoteísta, não somente em sua religião, mas também na política, na história, na ordem social, na ética e em sua psicologia. Quando desvencilhado do imperialismo tirânico do monoteísmo pela morte de Deus, o homem tem a oportunidade de descobrir novas dimensões escondidas nas profundezas da história da realidade".[58] No funeral do Deus da Bíblia, Miller anunciou "o renascimento dos Deuses e Deusas". Tal experiência, a experiência do paganismo, ele considerou ser "libertadora". Ele encontrou liberdade nos "padrões múltiplos do politeísmo [que] dão espaço para vaguear-se através de um universo pluralista. Eles libertam alguém para afirmar a pluralidade radical do ego, uma afirmação que dificilmente se tem conseguido dominar por causa da culpa ao redor das traiçoeiras implicações do monoteísmo que diz que temos que "juntar tudo".[59]

Quando proclamou solenemente a morte de Deus, Miller orgulhosamente declarou: "Os Deuses e Deusas da Grécia são nossa herança. Mais cedo ou mais tarde serão eles que reaparecerão".[60] O paganismo politeísta não atrapalha a carreira de ninguém, especialmente quando inclui um ângulo feminista. David Miller agora exerce influência considerável tanto na Academia Americana

de Religião, e ironicamente, como membro da diretoria de publicações da Sociedade da Literatura Bíblica, uma prestigiosa sociedade profissional de professores da Bíblia.

As deusas voltaram. O feminismo secular desenvolveu uma psicologia de mulheres baseada nos modelos de deusas gregas. A faculdade de nossa região oferece um curso noturno para garotas de 8 a 13 anos projetado para ajudá-las a desenvolverem identidade por meio do estudo de seis deusas gregas. Feministas "cristãs" radicais não estão muito atrás. A redescoberta de Sofia data do movimento da "morte de Deus" nos anos 60. Mas será algo legítimo associar Sofia com o politeísmo?

Sofia: Legião

Sofia é o portão de passagem para o politeísmo para aqueles ainda a prisionados pelo monoteísmo bíblico. Na *Conferência RE-Imaginando,* Chung Hyun Kyung, professora-assistente de Teologia da Universidade das Mulheres Ewha, em Seul, na Coréia, falou sobre três deusas – Kali (hindu), Quani (budista) e Enna (animista) as quais ela integra com o Cristianismo para produzir uma "mudança de perspectiva" e a "fusão de diferentes horizontes".[61] Virginia Mollenkott concordou.[62] Assim a fusão das deusas conduz à fusão das religiões, que deve ser esperada já que todas as religiões pagãs começam com o homem e não com Deus. A aceitação do politeísmo lança a rede longe.

Lois M. Wilson, chanceler da Universidade Lakehead em Thunder Bay, Canadá também é uma ministra ordenada na Igreja Unida do Canadá e ex-presidente do Concílio Mundial de Igrejas e do Concílio das Igrejas do Canadá. Baseando-se na passagem de Atos dos Apóstolos, "Eu derramarei do meu espírito em toda a humanidade", ela disse em Minneapolis, "ele quer dizer os neo pagãos, as bruxas, os sikhs, os muçulmanos, os hindus, os homens e as mulheres?"[63] Um ritual na *Conferência RE-Imaginando* incluiu uma música litúrgica que cita nomes para Deus, de diferentes tradições religiosas:

> ancestral divino, Deus Mãe, Deus Pai, Elohim, Adonai, Espírito, Ruach, mistério, amante, bondade eterna, alfa e ômega, fogo de amor, presença viva, ela que é eterna, ela que será, Sofia, Mãe

> Terra, espírito mulher, a que é, ninjan, máximo cósmico, Deus de união, alegria transformadora, ventre da criação, poder superior, yin e yang, Deus desconhecido, Deus inominável, santo de bênção.[64]

As bruxas e os adoradores da deusa dizem o mesmo. Starhawk fala da "deusa [que] tem aspectos infinitos e milhões de nomes".[65] As bruxas Sjoo e Mor descrevem "a Grande Deusa de Todo Vivente [que] deu à luz a si mesma e a todo o cosmo – ela é o ovo-mundo, que contém o yin e o yang (...) [ela é] Kali [a deusa hindu da vida e da morte] dançando para trazer o universo à existência e depois para destruição e morte".[66] David Miller profetizou: "Uma teologia politeísta será uma teologia feminina, mas ao modo de todas as deusas – as milhares de filhas de Oceanus e Tethys, só para nomear algumas. Por serem muitas, essas Deusas evitam uma visão monoteisticamente chauvinista do feminino".[67]

Hoje existe em muitas igrejas um politeísmo modificado, primeiro sugerido por uma das grandes ancestrais feministas, Elizabeth Cady Stanton, a mentora por trás da *Women's Bible* [Bíblia das mulheres] de 1895. Cady Stanton viu no plural de Gênesis 1, não uma amostra da Trindade Cristã, mas uma trindade do Pai Celestial, da Mãe e do filho.[68] Ela continua: "O primeiro passo na elevação das mulheres (...) é o cultivo (...) pela geração que surge (...) de uma Mãe Celestial ideal, para quem as suas orações deveriam ser endereçadas". Tal entendimento de Deus, ela afirmou (corretamente), é "testemunhado nos livros santos de todas as religiões".[69] Hoje, esta visão é tomada pelas feministas "cristãs" tais como Virginia Mollenkott. "Nós estaríamos melhor", disse Mollenkott, "se tivéssemos *muitos* nomes" pelos quais se referir a este Deus que é nossa forte Mãe assim como nosso delicado pai, um "Deus jovem em desenvolvimento" assim como um "velho Deus com dores", um "grande Deus vivo" que "nunca é totalmente conhecido" mesmo que Ela esteja mais perto do nossa respiração".[70]

Essa solução parece menos drástica do que a erradicação de Deus o Pai e a adoção do politeísmo da deusa. Procura "equilibrar" nossa idéia de Deus com tal fórmula litúrgica como "em nome do Pai e da Mãe, e do Filho e do Espírito". Mas dificuldades enormes logo surgem. Tais formulação forçam os cristãos a uma de duas soluções:

◈ aumentar a Trindade com a adição da Deusa Mãe. Mas para permanecermos cristãos, nós não podemos aumentar a Trindade.

A busca aparentemente inocente por muitos nomes conduz à inclusão de nomes de deuses pagãos e à eliminação dos nomes (Pai, Senhor, Rei) pelos quais o Deus verdadeiro se revelou;

◈ produzir um Deus Trinitariano, no qual uma das pessoas se torna um "pai" andrógino, "Deus Mãe / Pai",[71] um ser que não se assemelha com qualquer coisa que nós conhecemos na realidade criada. Com essa noção, a personalidade de Deus é sutilmente dissolvida em símbolos não-pessoais, que finalmente conduzem ao impessoal Tudo do monismo oriental. Isso é claro em Cady Stanton. O seu profundo entendimento de Deus é "nossa causa ideal, o 'Espírito de todo Bem,'" testemunhado nos "livros sagrados de todas as religiões".[72]

Sofia: O Símbolo Feminino do Tudo Monístico

Sofia apóia o monismo em Minneapolis. Mollenkott, uma importante palestrante na conferência, disse:

> tudo que vive é santo (...) a presença divina única (...) em todos (...) o monismo de que estou falando entende que deus é tão inclusivo que ela está envolvida em cada célula daqueles que são pensamentos em sua mente (...) como Jesus, nós e a fonte somos um.[73]

Pensar em Deus no sentido específico da Escritura como o Deus transcendente que pode nunca ter se identificado com a substância da criação que ele criou é agora descartado como um "mito literal", crença de "escola primária".[74] Crentes "cristãos" devem se transferir para o "estágio Universalizante" da unidade com o divino,[75] e entender o mundo como "corpo de Deus".[76]

Estas noções sobre Deus trazem consigo estranhos companheiros. A Sociedade Teosófica do final do século 19, precursora do Movimento Nova Era, foi uma minoria elitista minúscula dedicada a erradicar o Cristianismo e a promover tanto o oculto quanto uma forma ocidental do misticismo hindu. A visão da sociedade deu enormes passos. Em 1994, a Teosofia foi adotada como uma seção reconhecida do encontro anual da Academia Americana de Religião. A Sociedade Teosófica

declarou válidas as noções místicas contemporâneas de unificação e convergência assim como qualquer outras idéias sobre Deus encontrada em todas as religiões do mundo – todas menos uma, o monoteísmo bíblico/cristão. Como a propaganda da sociedade afirma:

> Filosofia Esotérica [leia pensamento proto-Nova Era] reconcilia todas as nações, despe todos de suas vestimentas, e mostra aque a raiz de cada uma é idêntica àquela de qualquer grande religião. Prova a necessidade de um Princípio Absoluto Divino na Natureza. Nega a Deidade assim como nega o sol. A Filosofia Esotérica nunca rejeitou Deus em Natureza, nem a Deidade como absoluta e abstrata. Somente se recusa a aceitar qualquer dos deuses das famosas religiões monoteístas, deuses criados pelo homem em sua própria imagem e semelhança, uma caricatura blasfema e triste do Jamais Conhecível.[77]

O "Princípio Divino Absoluto" do monismo está finalmente tão difuso e indefinível que "deus" perde toda identidade específica. O mais alto título que o monismo pode dar a este deus é "a Deidade, *que está além de todo nosso conhecimento*".[78] Que os pensadores "cristãos" contemporâneos adotem tal "Deus", prova quão bem-sucedido é o projeto para eliminar o Deus monoteísta revelado da Escritura.[79]

Em direção ao apogeu da revolução cultural dos anos 60, o analista cultural Os Guinness previu a probabilidade de que o Hinduísmo procuraria por meio de um "abraço fraternal" especialmente dirigido ao liberalismo popular, "estrangular" o Cristianismo. Guinness argumentou que a tolerância oriental, que tem sido adotada amplamente como um valor "democrático" inquestionável em nossos dias, é na verdade o "beijo da morte". O Hinduísmo abraçou o Budismo ao declarar que Buda era uma revelação posterior de Krishna. Alguns gurus hindus falaram da mesma maneira sobre o "Abençoado Senhor Jesus Cristo" como uma expressão do Hinduísmo. Guinness predisse: "Provavelmente a mesma abordagem será feita abertamente à teologia cristã nos próximos anos. O liberalismo já está mostrando sinais de resposta antes de as propostas serem feitas".[80] Guinness estava certo.

Sofia: Cada Mulher

"Ei, nós somos Deus". Tal é a avaliação de uma escritora do resultado da minissérie de televisão de Shirley Maclaine chamada Out On A Limb.[81] Seu livro afirma a mensagem claramente.

> Deus está no interior, e, portanto cada um de nós é parte de Deus. Desde que não há separação, nós somos como Deus, Deus está em cada um de nós (...). Nós somos literalmente feitos da energia de Deus, portanto nós podemos criar o que quisermos na vida porque nós estamos co-criando com a energia de Deus – a energia que faz o próprio universo.[82]

Recentemente, MacLaine afirmou que a influência principal tinha se tornado "nova era". Quão certa ela está. Virginia Mollenkott diz: "quando Shirley MacLaine ensina as pessoas a repetir 'Eu sou Deus', ela está certa".[83]

Há uma surpresa final. A *Conferência RE-Imaginando* já nos ensinou que Deus é incognoscível, e que a Humanidade é Deus: "Nós não podemos imaginar como Deus é. *Estar juntos em nossas próprias imagens é a finalidade*".[84] A sexualidade perversa na conferência sublinha a natureza de sua teologia. De acordo com o Apóstolo Paulo, quando o ser humano adora a criatura em lugar do Criador e troca a verdade de Deus por uma (imaginária) mentira Deus os entrega a impurezas sexuais.[85]

Mas a blasfêmia suprema pode surpreender mesmo alguns da conferência. O ponto final da redução de Deus, como o gnosticismo antigo eloqüentemente mostra, não é a identificação de Deus como impessoal, uma Força incognoscível, nem mesmo a elevação de Homem como Deus. A blasfêmia final é fazer de Satanás Deus. Pois atrás da Força e da humanidade divinizada está a fonte pessoal suprema do mal, o Diabo.

Sofia: Satanás

Esta vida está imitando a arte ou a arte está imitando a vida? O teatro feminista religioso radical interpreta em verde-vivo a natureza verdadeira de Sofia. Nessa visão, a serpente era Lilith, um

espírito feminino, que, de acordo com as orientações do palco desse drama feminista "de corpo maquiado de verde ou com roupa verde, escorrega em cena ao redor de uma árvore". Com movimento de "serpente" "ela escorrega ao redor da árvore novamente, e reaparece imediatamente com um maçã vermelha na mão, a qual ela oferece a Eva", e pronuncia as clássicas palavras: "E então, Eva?"[86]

A feminista judia Alix Pirani, cujo livro tenta devolver a Deusa ao judaísmo e ao Cristianismo, explica quem Lilith é. Embora o termo apareça somente uma vez na Bíblia e signifique "criatura da noite",[87] as modernas feministas religiosas, seguindo algumas especulações de rabinos medievais,[88] ressuscitaram o mito. A própria Pirani afirma que Lilith aparece a ela em seu estudo,[89] e que ela é uma manifestação da deusa.[90] Em particular, as modernas feministas identificam Lilith com a Serpente de Gênesis.[91]

> Lilith apareceu a ela [Eva] em forma de serpente no jardim do Éden e tentou-a para negar a Deus ao morder a maçã da árvore do conhecimento do bem e do mal[92] (...). Saturno é também Satanás e o anjo caído Lúcifer, que desce à terra vestido de imortal serpente de luz Satã. Quando Deus negou a Adão e Eva o fruto da árvore do conhecimento para mantê-los ignorantes, foi Lúcifer, em forma da serpente Lilith, que ofereceu-lhes a "luz" da consciência.

Pirani não perde o relacionamento com o gnosticismo, o qual ela aprova.[93] Assim esta "Deusa antiga que apareceu em forma de serpente está agora insistentemente exigindo a restauração de sua posição de direito – a de Grande Deusa Mãe que é doadora da vida assim como uma Poderosa Rainha do Outro Mundo. Por outro lado nós devemos continuar a sofrer as conseqüências: a maldição de Lilith".[94] Não é, pois necessário dizer que a maldição de Lilith é a fé cristã.

Quem é Sofia? Sofia é Lilith, a expressão feminina de Satanás. A cabeça da besta exposta em Minneapolis tinha um nome. Seu nome era Sofia.

Sofia: o Futuro do Planeta

As muitas faces de Sofia representam a continuação do pensamento pagão dentro da sociedade atual e muito da igreja cristã.

Nem todos apóiam toda a filosofia. Alguns podem não enxergar as ramificações. Mas o apoio a Sofia está aumentando. Ela é uma alternativa atrativa ao Deus da Escritura, pois ela se encaixa nas aspirações da Era de Aquário. Ela é a nova estrela no panteão dos deuses, a divina Tinkerbell sobre quem as esperanças e os desejos do mundo moderno repousam. Em sua pessoa ela expressa a "múltipla sabedoria" da agenda pagã:

A Nova Evolução:[95]

Como o espírito criador, Sofia dá voz à crença utópica de que o próximo estágio de evolução será humano e espiritual. Esta é a escatologia intoxicante da auto-redenção do homem. Nesta era de re-imaginação teológica, a humanidade está às margens de uma volta evolucionária para uma nova consciência onde todos os problemas são resolvidos. Sofia é o perfeito símbolo do futuro que a humanidade criará;

A Nova Popularidade da Teologia do Processo:[96]

Como a estrela nascente do novo politeísmo, Sofia é Deus-que-está-vindo-a-ser. Popular em muitos departamentos de religião e seminários teológicos, a teologia do processo é uma forma teológica da evolução espiritual. Ela diz que Deus está evoluindo com a sua criação, de maneira que toda experiência criativa que produz movimento e processo está também ajudando no processo de amadurecimento de Deus;

A Rejeição do Patriarcado:[97]

O patriarcado é julgado como o maior de todos os males, e o Deus da Escritura é o Deus da lei, da guerra, da racionalidade, da hierarquia e da violência masculina.[98] Tal Deus é uma mera projeção do poder masculino lançado sobre a tela dos mitos humanos. Sofia, a deusa, é a suave e envolvente divindade do amor, da inclusividade e da intuição;

A Nova Visão da Democracia:

Sofia é o símbolo perfeito da tolerância, da inclusão e da sociedade *pró-escolha* de amanhã, capaz de receber todas as formas de religião,[99] todas as expressões de sexualidade e todas as escolhas éticas. Seu abraço monístico engloba o bem e o mal em uma síntese superior que será boa para todo mundo; bem, para quase todo mundo;

A Nova Visão Religiosa Global:

A democracia emergente será global, com um centro religioso comum. A deusa multifacetada, Sofia, é capaz de unir as muitas crenças e nações do mundo em uma nova unidade monística;[100]

A Nova Ecologia:

Uma das faces de Sofia é Gaia, a Terra Mãe, o divino espírito que vitaliza o mundo natural. Sofia / Gaia alivia a ansiedade que rodeia a morte do sistema ecológico. Sofia tanto necessita de nossa ajuda quanto nos conduzirá para fora de todas as catástrofes feitas pelo homem e pelo deus masculino para um mundo livre do nuclear de população zero. No entanto, nem sempre é lembrado que Sofia tem uma outra face. James Lovelock, criador da hipótese Gaia de acordo com a qual a terra é uma deusa, nos avisa que "Gaia não é uma Mãe tolerante (...). Ela é cruel ao destruir quem quer que transgrida" sua lei. Eles "serão eliminados sem piedade".[101] Nesta crueldade, lembramo-nos da deusa hindu Kali, uma outra face de Sofia.

A Nova Visão de Autoridade:

Sofia representa, apesar de sua violência, o desejo por uma religião mais suave, mais personalizada, que retira a noções tais como posição, hierarquia e autoridade[102] e as substitui por motivação interior e estruturas igualitárias;[103]

A Nova Psicologia:

Muitos crêem agora que o politeísmo se encaixa melhor com as personalidades múltiplas e "os aspectos mutuamente exclusivos do eu".[104] A nova sociedade da liberdade pessoal, do pluralismo e da diversidade tem seu oposto psicológico nas muitas opções do eu, que capacitam as pessoas a manterem suas opções abertamente sem serem consideradas doentes. Virginia Mollenkott, em um capítulo que lida com a "Sabedoria da Própria Deus" faz uma interessante afirmação que "uma de minhas identidade é a de uma lésbica evangélica feminista".[105] Com sua nova espiritualidade da deusa monística, Virginia Mollenkott tem uma conexão muito mais livre com Virginia Mollenkott. "Eu sou um eu sem pecado viajando através da eternidade e temporalmente tendo experiências humanas em um corpo conhecido como Virginia Ramey Mollenkott"[106]

A Nova Ética Pró-escolha:[107]

Desde que o novo mundo em que Sofia dá voltas é circular, não há verdade absoluta e não há certo ou errado. O yin une-se ao yang, unindo opostos para aumentar a escolha pessoal e a satisfação.[108] O mundo de Sofia não proíbe nada. Sob a bandeira de Sofia, vários elementos podem ser unidos. Em *Gay e Gaia,* Daniel Spencer, professor de Filosofia e Religião, procura normalizar a homossexualidade ao mostrar que a ética, a ecologia e o erótico se unem na nova síntese do mundo. Esta é a sabedoria da terra digna da nova Sofia;[109]

O Novo Entendimento de Jesus:

A nova resposta, dada por muitos dos eruditos Bíblicos contemporâneos no contexto da reabilitação da heresia gnóstica antiga, é: Jesus é "o enviado mais confiável de Sofia",[110] "O filho de Miriam", "Profeta de Sofia",[111] "Verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem",[112] uma epifania de Deus, "uma 'revelação' (...) de Deus", mas "existem muitas figuras em cada cultura que experimentam o 'outro mundo'"[ênfase minha].[113] Jesus é interessante – ele era um profeta, "um curandeiro carismático, um sábio diferente, fundador de uma comunidade alternativa (...). Ele é claramente uma das mais destacáveis figuras que já existiram"[114] – mas ele não é único. Uma confiança enganadora digna de Houdini leva Jesus Cristo para longe das confissões históricas da fé e recria-o como um guru místico fundador de um grupo de doutrina e anomalia sexual. Nosso Senhor não é mais o exclusivo e único Deus e Salvador cuja morte na cruz lida de uma vez por todas com todos os pecados. Sua obra final é a de um companheiro. Assim como Osíris morre e ressurge, para sempre dependente de sua Senhora Ísis, Jesus Cristo é agora revelado nestes últimos tempos como "o enviado mais confiável de Sofia", o último Adão para sempre subserviente à Eva escatológica.

A Nova Espiritualidade:

Sofia oferece para um mundo orientado pela experiência a imediatez da espiritualidade, mas a oferta é tão grande que merece seu próprio capítulo.

Essas são apenas algumas razões pelas quais o futuro do "novo" deus na vizinhança parece brilhante. Será que algo pode barrar o retorno trovgante de Sofia?

Capítulo 11

O DEUS DO GNOSTICISMO ANTIGO

Eu sou a prostituta e a venerada
Eu sou a esposa e a virgem...
Eu sou aquela cuja imagem é grande no Egito.
- thunder, Perfect mind

Sofia na Perspectiva Histórica

O que ocorreu em Minneapolis em 1993 não foi a primeira mostra de Sofia em círculos cristãos. Ela havia aparido anteriormente nos escritos gnósticos heréticos dos primeiros séculos da história da igreja. As mulheres em Minneapolis imaginaram que estavam criando novas imagens do divino *ex nihilo* (do nada). Mas as reflexões gnósticas de 1500 anos atrás dão suas imaginações vãs, na inesquecível frase de Yogi Berra, uma surpreendente aura de "*déjà vu tudo de novo!*"

Sofia apareceu entre os gnósticos como uma deusa jovem com fascinantes idéias novas que a colocaram em situações problemáticas, mas trouxeram redenção.[1] Para aqueles cansados do Deus masculino da Bíblia, ela prometeu libertação e liberdade radical. A sua sabedoria ultrapassa a sabedoria bíblica de Provérbios, pois sob

seu manto misterioso e sedutor estão escondidos ambas as pérolas da Senhora Sabedoria e os segredos sombrios da Dama Estupidez. Esta oração gnóstica para Sofia teria sido bem recebida em Minneapolis: "Que a que está diante de todas as coisas, a Graça incompreensível e indescritível, vos encha no interior, e faça crescer em vós o próprio conhecimento dela".[2]

Sofia no gnosticismo

Sofia é o primeiro Pensamento de Deus. Ela se torna uma sabedoria "caída"[3] porque, por causa de sua curiosidade, [como a de Eva], o mundo físico finalmente passou a existir. Ialdabaoth (Jahweh), o seu feto abortado, nascido de seu desejo de conhecer, cria o mundo físico. Como ela reconhece seu erro, Sofia "não perde a oportunidade de burlar os Governantes, [nominalmente Deus e seus anjos] para ajudar [a humanidade]".[4] A sua missão de auto-redenção é dupla: expor a natureza verdadeiramente maligna do Deus da Bíblia, e mostrar à humanidade o verdadeiro Deus por trás do Criador e o mundo opressivo visível que ele imprudentemente criou.

Sofia é boa notícia e má notícia. Há um lado negativo e um positivo na função de Sofia, de acordo com a teoria gnóstica. Negativamente, a sua revelação "desconstrói" o Criador dos Céus e da Terra e todas as suas obras, assim limpando o caminho para sua função positiva, a de revelar a verdade, o desconhecido Deus de quem ela emana. Essas duas funções devem ser vistas para que seja visto quão extremo é o ataque gnóstico "cristão" contra a ortodoxia. Enquanto a feminina Sofia evoca noções de tranqüilidade e criatividade, sua verdadeira obra é a de um golpe mortal no Deus cristão. Essa é a razão pela qual nós precisamos conhecer esses textos antigos, pois eles podem nos dizer algo sobre nosso próprio futuro.

Sofia derrota Deus

Especialistas reconhecidos do gnosticismo têm insistentemente enfatizado a natureza verdadeiramente radical do sistema gnóstico. Kurt Rudolf observa, por exemplo, que o *Evangelho de Filipe* produz uma "reavaliação fundamental das coisas e dos nomes – os nomes deste mundo pertencem ao erro, introduzido pelos arcontes".[5] De acordo com Rudolf, o conceito gnóstico de Deus é "completamente revolucionário".[6] Hans Jonas, o grande entendido

alemão do gnosticismo argumentou, nos anos 50, que a tendência sincretista nos círculos gnósticos não era "sem direção" mas tinha um propósito distinto – colecionar e usar "qualquer material que pudesse preparar a cena em um mundo diferente deste", isto é, em um mundo outro que não o mundo feito da ordem criado pelo Criador dos Céus e da Terra.[7]

Pensadoras feministas recentemente descobriram o caráter revolucionário do gnosticismo quando aplicado ao gênero e à civilização patriarcal. Uma delas diz, "o gnosticismo está se tornando uma poderosa influência na pesquisa feminista na queda do masculino divino".[8] Uma visão igualitária, não-patriarcal, constitui a agenda da teologia moderna, da sociologia e da política global no Ocidente. O gnosticismo e o feminismo antipatriarcal são uma combinação feita nos céus desde que a missão da divina Sofia foi [e aparentemente ainda é] a de derrotar Jahweh. O papel-chave de Sofia na destruição do patriarcado nem sempre foi reconhecido nas análises das heresias dos séculos 2º e 3º. Mas as preocupações atuais com a libertação do gênero fazem a natureza de sua missão aparecer claramente nas páginas antigas. A destruição de Deus por Sofia é alcançada da seguinte maneira:

Sofia Prova que Jahweh é um Tolo

Assim como um grito bruto de um macho que pensa que porque ele é masculino ele conhece tudo, o protótipo celestial de toda opressão patriarcal, Jahweh, tolamente pensa que ele é o criador de todas as coisas. Ele está errado. Sofia é a Criadora.[9] De acordo com Ptolomeu, um teólogo gnóstico do século 2º, ela é a verdadeira origem da criação:

> Eles dizem que o Demiurgo [o Criador] acreditava que havia criado tudo por si mesmo, mas de fato ele fez tudo porque Achamoth [um outro nome para Sofia] o havia comandado.[10]

Como Deusa da Sabedoria, Sofia é sábia, simplesmente trasbordante do vigor intelectual, enquanto o nome clássico gnóstico para o Deus masculino da Escritura é Samael, o "cego". Sofia é a "Mãe do Universo".[11] A iluminação espiritual deve ser desejada, enquanto a obra de Jahweh da criação pelo processo de nascimento deve ser lançada fora, como sendo rude e animalesca. Assim o Jesus vivo do *Evangelho de Tomás declara:* "Minha mãe [deu-me mentiras],

mas [Minha] verdadeira [Mãe] deu-me vida".[12] Enquanto Sofia instrui em sabedoria, Ialdabaoth (Jahweh) está em uma confusão terrível. Um texto gnóstico diz: "[Ialdabaoth] saiu das águas, à semelhança de um leão e gynandrous [uma mistura de feminino e masculino], possuindo grande autoridade em si mesmo, mas não sabendo de onde ele tinha vindo à existência". A única autoridade que ele tem é a "autoridade da matéria",[13] que, é claro, para os gnósticos, era a autoridade que não importava! Mesmo os seres humanos sabem mais do este divino tolo. Adão diz a Sete, "E nós somos como os grandes e eternos anjos, pois fomos maiores do que deus que nos fez e os poderes que estavam com ele".[14] *O Apócrifo de João* fala da sabedoria do homem como o fazendo "maior do que aqueles que o fizeram, e o fizeram mais forte do que o primeiro arconte [Jahweh.]"[15] Assim a afirmação de Paulo em 1 Coríntios 2.9 é colocada contra o Deus de Paulo. Ao crente gnóstico é prometido o que nenhum "olho de anjo" viu e o que nenhum "Arconte ouviu".[16] (Arconte, "governante", é um título depreciativo para o Deus da Bíblia). O crente gnóstico vê e ouve mais do que o Deus da Escritura. *Sola Scriptura* não era uma expressão importante para os gnósticos.

Assim como as almas na morte retornam à sua origem divina, encontradas pelos Arcontes (Jahweh e seus anjos) que procuram trazê-las sob seu poder, o Jesus gnóstico nos relembra de que o poder a que elas devem clamar é o poder de Sofia, "mestra das [almas]". Por esse poder os crentes gnósticos farão Jahweh e suas hostes bater em retirada.[17]

Para resumir, o Deus da Escritura, mais conhecido como Ialdabaoth, um aparente jogo de palavras com Jahweh e Sabaoth, que provavelmente signifique "Filho da Vergonha",[18] é apresentado como "ignorante, arrogante,[19] presunçoso, desdenhoso, estúpido, louco,[20] assassino (...) um louco com aparência de leão que exercerá seus talentos ridículos à custa do ser humano (...) um perfeito objeto para o ódio e desprezo gnóstico".[21] Com um tão desprezível deus masculino como este, quem não seria atraído pela sabedoria sedutora da sofisticada Sofia?[22]

▶ Jahweh Confuso sobre Seu Gênero

A crítica gnóstica implica a tolice de imaginar Deus em termos puramente masculinos. É a mesma crítica que ouvimos hoje, mesmo entre conservadores "progressistas". Os gnósticos tentaram eliminar o Deus da Escritura ao apresentar uma confusão de gênero em Deus.

Hoje em dia programas de inclusão em muitas igrejas cristãs mudam hinos, liturgias, e mesmo textos bíblicos para se conformarem com a imagem divina de "gênero-inclusiva".

O *Apócrifo de João* propõe uma nova revelação da divindade que é tão inclusiva como a jóia da correção política: A realidade divina revela a si mesma a João por meio de Barbelo [Sofia] como alternadamente um jovem, um homem velho e um servo, e então como Pai, a Mãe e o Filho.[23] Similarmente, nos *Evangelhos dos egípcios*, nós lemos: há três poderes que vêm do completo e incognoscível Deus; o Pai, a Mãe e o Filho.[24] Sofia mostra em sua natureza múltipla a transformação de gênero, expondo o caráter binário e limitado do macho Jahweh. Tal redução de Deus a metáforas exclusivamente masculinas merecem zombarias, e aqui estão:

▶ Jahweh, a piada

O Deus masculino da Bíblia e a história patriarcal bíblica merecem zombaria e escárnio. Tudo no Antigo Testamento é "alvo de riso" desde Adão até o Principal Arconte. A criação e a teologia bíblica são rejeitadas *en bloc* [em bloco]. Tudo é uma grande piada.

Para os de fala grega, o nome "Demiurgo" em relação a Jahweh era uma forma de zombaria. Em Platão e Aristóteles o "demiurgo" é um artesão que meramente segue as idéias de outros [artistas], mas é incapaz por si mesmo de uma criatividade verdadeira. Assim quando o Demiurgo apresentou-se a si mesmo como Senhor da Criação, sua tolice e seu orgulho eram óbvios para todos que conheciam grego.[25]

A zombaria se torna muito menos sutil. De acordo com o *Segundo Tratado do Grande Sete*, o criador do mundo é zombado porque ele afirma: "Eu sou Deus e não há outro além de mim".[26] Sete, a figura de Cristo nessa versão do gnosticismo, com risadas, chama isso de "glória vazia". Quando Deus pergunta, "Quem é o homem?"[27] todos os anjos ficam sem entender a pequenez do conhecimento de tal Deus.

▶ Ortodoxia: Boa para uma Risada

Essa zombaria começa com o criador, passa pela criação, por toda a história da redenção, até à cruz. O *Apocalipse de João* zomba da inteira estrutura sabática da criação ao identificar os sete dias da criação com sete poderes perversos. Assim como as faces de animais ameaçadores, os nomes bíblicos de Deus são distorcidos de forma ridicularizante: "o primeiro, Athoth, que tem o rosto de

ovelha. O segundo, Eloaiou, que tem a face de burro. O terceiro, Astaphaios, que tem a face de hiena. O quarto, Iao, tem a face de serpente com sete cabeças. O quinto é Sabaoth, que é a face de um dragão. O sexto é Adonin, que tem cara de macaco. O sétimo é Sabbede, que tem uma face luminosa de fogo. Estes são os sete dias da semana".[28] De acordo com o *Grande Sete*, Adão é alvo de risadas desde que foi criado por esse criador tolo; Abraão, Isaque e Jacó foram alvo de risada, pois receberam seus nomes de Deus; Davi foi alvo de risadas, pois era amigo desse Deus. Salomão foi alvo de risadas, pois, com a vaidade do Criador, ele tomou a si mesmo para ser Cristo; os doze profetas foram alvos de risadas, pois foram na verdade falsos profetas apontados pelo Criador; Moisés é um alvo de risadas porque ele foi amigo desse Deus impostor.[29] Finalmente o Cristo/Sete verdadeiro ri da ignorância daqueles que pensaram que ele (Cristo) havia morrido na cruz. Foi um outro, não Cristo que foi pregado na cruz, que bebeu ervas amargas, e em quem a coroa de espinhos foi colocada. Enquanto tudo isso estava acontecendo, Sete, olhando para baixo, estava se regozijando e rindo da ignorância deles.[30]

A revelação bíblica da criação, queda e redenção é transformada aqui em digna somente de zombaria – como acontece na teologia liberal pós-moderna. A zombaria está de volta. Na *Conferência RE-Imaginando*, a audiência começou a rir e a aplaudir quando um palestrante destacou que nem Deus o Pai nem Jesus Cristo haviam sido mencionados no culto que realizaram.

Por trás das risadas, Sofia se levanta sorrindo.

Jahweh é um Demônio

Não é caso para se rir. Quando a risada pára, a vaia começa. Não há um terreno neutro. Deus o criador, Jesus crucificado e todos aqueles que estupidamente os seguem devem ser denunciados como diabólicos.

Os textos gnósticos antigos explicam que Sofia, para desfazer a atividade maligna de seu feto abortado, Ialdabaoth (Jahweh), envia a [boa] serpente para "seduzir Adão e Eva a quebrarem o mandamento de Ialdabaoth".[31] Nessa exegese reversa, a serpente se tornou não somente sábia, mas boa. Deus se tornou tanto um tolo quanto a personificação do Maligno. De várias maneiras, Deus é mostrado como o Maligno:

A Obra da Criação de Deus é Diabólica

O *Apócrifo de João* pinta uma imagem diferente do Éden, diferente daquela encontrada nas páginas da Bíblia:

> E eles, os Arcontes, o pegaram,
> e o puseram no paraíso, e o convidaram,
> "Coma, pois isto é agradável", pois o agradável deles é amargo
> e a sua beleza é pervertida.
> Mas o agradável deles é a mentira e suas árvores são maldade
> e o fruto é uma toxina fatal e seu juramento é a morte.
> E eles põem a árvore de sua vida no meio do Paraíso.
> mas eu te ensinarei tudo o que é o segredo da vida deles,
> que é o conselho que tomaram juntos,
> esta é a imagem do espírito deles.
> A sua raiz é amargura e seus ramos são morte,
> ódio é a sua sombra e decepção está em sua folhas,
> e sua flor é o ungüento do mal
> e seu fruto é a morte e a sensualidade é sua semente.
> E seus frutos são produzidos na escuridão.
> Aqueles que o experimentam têm seu lugar no Hades
> e o lugar de descanso deles são as trevas.[32]

Entre os associados de Deus está o Diabo

Ialdabaoth, o "primeiro arconte" produziu autoridades para si mesmo. Algumas dessas autoridades têm os vários nomes bíblicos de Deus tais como Adonaiou e Sabaoth, mas uma é Belial "que está sobre o abismo de Hades".[33]

Um outro texto gnóstico antigo, o *Evangelho dos Egípcios*, faz a mesma associação: Sakla (um nome depreciativo para Jahweh, que em hebraico significa "louco") se une com o demônio Nebruel e produz espíritos assistentes, dois dos quais são Adonaios e Sabaoth.[34]

Deus se parece com o Diabo

O Deus da bíblia, Ialdabaoth, é pintado como uma criatura com uma cabeça de leão nascida de uma confusão, que é chamado Ariel (do termo hebraico "ari" que significa"leão"). Essa forma de animal selvagem arrogante chama-se Sakla, "o louco", e aparece como "uma serpente com face de leão com olhos penetrantes de fogo".[35]

Deus é o Diabo

Finalmente em destaque, uma blasfêmia inimaginável: Deus é o Diabo. A "exegese invertida" gnóstica praticada nos "versos satânicos" de Gênesis é agora usada na Epístola de Paulo aos Efésios. O Deus da Escritura do Antigo Testamento, a quem Paulo identifica como o Deus de Israel e o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo[36] é identificado com os principados e potestades e com o Diabo que lança os dardos flamejantes. Em *Trimorphic Protennoia* [Protenóia de três formas] Deus o Criador aparece sem distinção como o grande Demônio que governa as partes mais baixas do submundo, isto é, o Inferno. O texto o chama de "Ialtabaoth" (Jahweh e Sabaoth), e para que não haja nenhuma dúvida a quem se refere, ele é chamado de "Arquigenitor" (o Criador Principal), aquele que com um orgulho falso diz, "Eu sou Deus e (...) não há nenhum outro além de mim".[37]

De semelhante maneira blasfema, o *Apocalipse de Pedro* inclui Jesus crucificado, Elohim e a cruz com os demônios:

> E ele [o salvador] me disse [Pedro], "fortaleça-se, pois foi a você que estes mistérios foram dados, para percebê-los por meio da revelação, que este a quem eles crucificaram é o primogênito, e a morada dos demônios, e o vaso de pedra (?) no qual eles vivem, de Elohim, da cruz que existe sob a Lei.[38]

Sofia manda Jahweh para o Inferno

Jahweh recebe o que qualquer demônio merece – o Inferno. Aquele que ria deixou de rir há muito tempo. As coisas são muito sérias. Empurrando a interpretação invertida até a incrível, mas lógica conclusão, tão audaciosa como uma amostra de uma exegese "contra o sentido", Sofia manda o Deus da Escritura para o fogo destruidor do Inferno.

O especialista italiano G. Filoramo reconhece que o gnosticismo empurra seu sistema para uma conclusão lógica: os Arcontes e os Demiurgos são derrotados e destruídos em um incêndio universal.[39] Não há sequer necessidade de apoio erudito para isso. Os textos são claros como cristal. *The Hypostasis of the Archons* afirma o triste fim de Jahweh em termos exatos. Ialdabaoth, por causa de sua arrogância cega ao pensar que ele é o único Deus,

é censurado pela deusa feminina, Zoé, filha de Pistis Sofia. "Ela soprou em sua face, e seu sopro se tornou em um anjo de fogo e este anjo acorrentou Ialdabaoth e o lançou no Tártaros [Inferno], sob o abismo".[40]

De acordo com *On the Origin of the World*, no final do mundo, Sofia perseguirá os caóticos seres divinos destruidores, os quais ela criou, juntamente com o Primeiro Pai e os lançará no poço onde eles se devorarão uns aos outros. Finalmente o Primeiro Pai (Jahweh), quando os tiver destruído, se autodestruirá.[41]

Essa é a obra destrutiva radical de Sofia – pôr um fim a Deus. Isso deve ser tomado com muita seriedade. Esse é o ponto escondido de uma apostasia antiga sendo promovida agora, geralmente mediante seus elementos menos assustadores como uma expressão alternativa, válida, do Cristianismo primitivo e como a nova forma de Cristianismo para o terceiro milênio.

Sofia Revela o Verdadeiro Deus incognoscível do Monismo Pagão

O que sobra quando Jahweh é banido para o Inferno? Ao "desconstruir" o velho e cansado Deus da ortodoxia, Sofia toma seu papel "positivo" como reveladora do "verdadeiro" deus. Assim como no sonho da Bíblia vazia que precisa ser reescrita, nós agora temos misteriosamente céus vazios que precisam ser ocupados. Bem limpinho, o cosmos espera novos habitantes. O deus que Sofia revela é um desconhecido e incognoscível deus do monismo pagão, "o qual" têm uma semelhança notável com o deus da espiritualidade aquariana.

Conhecendo o Deus Desconhecido

Deus, no sistema gnóstico, é o "Deus desconhecido" além de tudo o que é visível ou sensível, que incorpora a "totalidade" (pleroma) dos seres celestiais.[42] De acordo com os pais da igreja, os teólogos gnósticos se agradavam em descrever o indescritível. Marcião (150 d.C.), o proto gnóstico, chamou a sua pregação de "evangelho do Deus estrangeiro". Basilides (século 2º) falou a respeito do "Deus original não-existente". Valentino (século 2º), talvez o maior dos teólogos gnósticos, afirma com eloqüência este pilar do pensamento gnóstico:

> há nas alturas invisíveis e inefáveis um pré-existente perfeito éon, a quem eles chamam pré-começo, patriarca e Fundamento Original, isto é, inconcebível e invisível, eterno e não-criado e que existia na grande paz e no grande sossego em espaços sem-fim (éons).[43]

Os textos recentemente encontrados confirmam o testemunho dos pais da Igreja sobre o ensino gnóstico – Deus é tudo e nada:

> Ele [não] está no fim, nem na felicidade,
> nem na santidade, mas ele é muito mais do que isso.
> Ele não é corpóreo nem incorpóreo.
> Ele não é nem grande nem muito pequeno.
> [Não há] como dizer,
> 'Qual é a sua quantidade?' ou 'O que [em sua qualidade?'],
> pois ninguém é capaz de [conhecê-lo].[44]

O *Evangelho dos egípcios* o descreve como:

> o grande Pai não-visto [espírito], o nome de quem não se pode falar, [é ele que veio] dos lugares mais altos da luz [completa] dos [éons de luz], a luz [sossegada] da premeditação e o pai do silencio, a [luz] da palavra e da verdade, a luz [da Incorrupta] luz sem limites, o brilho, da luz dos éons que não podem ser repelidos, indistinguível, eterno, improclamável, o éon dos éons, autônomo, o estranho, o éon verdadeiramente autêntico.[45]

Assim como os eruditos protestantes Fewell e Gunn, citados anteriormente, afirmam que o Deus da Bíblia é uma construção masculina humana que não deve ser tomada como o Deus verdadeiro, assim os gnósticos argumentam que o Deus verdadeiro está além de toda a representação, bíblica ou não-bíblica. Assim como Fewell e Gunn, os gnósticos, a julgar pela seguinte citação de *Allogenes*, sem dúvida teriam dito que a adoração do Deus do Antigo Testamento era idolatria. Na prosa rememorativa do anarquismo budista, nós lemos:

> Ele não é nem como deus, nem é ele um ungido, nem um perfeito, mas é (a trindade) uma entidade dele da qual nada pode ser conhecido, não do que é característico dele, mas ele é um outro, que é superior ao ungido e sendo como deus ou perfeito. Ele não

> é perfeito, outro é, algo superior (...). Nem é ele algo que alguém possa vir a conhecer. Mas ele é outra coisa em si mesmo que é superior, que não se pode conhecer (...). Ele é sem limites e impotente e não-existente.[46]

Para os gnósticos, descrever Deus é prova de percepção espiritual inferior. Assim Jahweh já é revelado inferior porque ele é conhecido. A complacência graciosa do Senhor da glória ao revelar a si mesmo na criação é lançado de volta na face de Deus. No *Ensino de Silvano* a comparação é feita entre o Deus inferior, o Criador, que é fácil de conhecer, e o Deus verdadeiro que é impossível de compreender.[47] O próprio caráter do Deus Escritural como Deus que vai até seu povo e se faz conhecido é uma causa para zombaria no sistema gnóstico.

Esse princípio espiritual final não é uma trindade de pessoas divinas, mas uma só, uma causa impessoal referida como "O Pai das Totalidades",[48] ou o "Tudo".[49] Nós desenhamos o círculo completo. No final do século 20, a nova espiritualidade refere-se agora a Deus de modo inclusivo, politicamente correto como "o Deus / Deusa / Tudo o que há". Nessa terminologia empacotada tudo está incluído – exceto uma divindade de personalidade individual.

Gnosticismo: Dualista ou Monista?

Diz-se geralmente que o gnosticismo é dualista.[50] Em um certo sentido isso está correto. Se o gnosticismo rejeita a matéria e abraça o espírito, o que ele faz de fato, como pode ter um sistema que inclui tudo no círculo monístico? Há razões para pensar que o gnosticismo é, em última análise, monista. Assim como outras formas de panteísmo, vê Deus em todo lugar, mesmo na matéria. Enquanto o teísmo separa Deus de seu criação, o gnosticismo nega a Deus qualquer identidade específica. Deus é tão difuso que ele não está em parte alguma.[51]

Conquanto haja uma ênfase anti cósmica, a oposição gnóstica essencial ao mundo é a oposição a Deus o Criador e sua ordem criada. A visão cristã de Deus e da criação concebe um deus pagão monista que está em todos os lugares, mas é incognoscível. O famoso *Evangelho de Maria* mostra esse panteísmo pagão quando prediz que todas as coisas "existem em outros e com outros", e

"serão decididas novamente em suas próprias raízes".[52] Isso não é anti cósmico. É anti criacional, rejeitando as coisas do modo como são agora. O Jesus vivo no *Evangelho de Tomás* expressa um sentimento monístico semelhante:

> Jesus disse, "Eu mesmo sou a luz acima de tudo. Eu mesmo sou tudo. Tudo saiu de mim e estende-se para mim. Rache um pedaço de madeira, eu estou ali. Levante a rocha e lá eu serei encontrado".[53]

Esses textos tiram a matéria do Deus da Escritura e a dão ao deus monístico por trás de todas as coisas. De fato, em um texto (e muitos outros implicam o mesmo) a matéria não provém de Jahweh, mas de sua mãe Sofia: "Ele fez os céus sem conhecer o céu; ele formou o homem sem conhecer o homem; ele trouxe luz à terra sem conhecer a terra. E em cada caso, eles dizem, ele era ignorante das idéias das coisas que ele fez, e mesmo ignorante sobre sua própria mãe, e imaginou que ele sozinho era todas as coisas".[54]

Até a declaração infame de Jahweh de que criou o mundo, não é dele, e foi apresentada ao domínio das emanações divinas como a obra de Sofia. Mesmo o mundo físico não pertence a Ialdabaoth, mas é usado pelo deus verdadeiro e final como um veículo pelo qual ele pode ser conhecido.

Sofia Gnóstica: Epítome de uma Deidade Pagã Monística

O poder divino final é geralmente descrito na imagem masculina do Pai incognoscível. Os gnósticos afirmam que o poder divino conhecível, revelador e ensinador é feminino.[55] (O equivalente na terra é Eva ensinando Adão como uma Instrutora sábia). Deus é tão desconhecido e distante que se pode falar de uma existência sem ser. A força dinâmica que coloca alguém face a face com o desconhecido é feminina. Sofia é o elemento divino que passa por cima tanto da física quando dos mundos espirituais e une os opostos na existência terrena numa unidade mística. *Trimorphic Protennoia* [Protenóia de três formas] descreve "três descendentes da protenóia redentora celestial gnóstica, que, na verdade, é Sofia. Ela é o Primeiro Pensamento do Pai (...). Ela habita em todos os níveis do universo".[56] Observe

como Sofia toma o lugar do Filho Eterno na Trindade divina. A revelação de Sofia é um monismo panteístico. Ela está em todo lugar, declarando:

> Eu sou revelada no imensurável e no que não se fala. Eu sou além da compreensão, eu vivo no incompreensível. Eu me misturo em toda a criação. Eu mesma sou a vida de minha Concepção que existe em todo o poder e se mistura em cada movimento eterno, e nas Luzes jamais vistas e nos Arcontes e Anjos e Demônios e em cada alma que existe em [Tatatros] e em cada alma feita de matéria. Eu existo naqueles que vieram à existência.[57]

Uma Previsão do Tempo Mística: Trovão Por Todos os Lados

Trovão, Perfeita Mente, um nome misterioso para Sofia, revela que, enquanto nós nunca podemos conhecer a fonte de toda a unidade (Deus), tudo está unido no círculo cósmico de Sofia.[58] Sofia é a expressão perfeita da espiritualidade pagã. Ela desconstrói as categorias racionais em uma união monística dos opostos:

> Pois a primeira e a última eu sou.
> Eu sou a adorada e a desprezada.
> Eu sou a prostituta e a venerável.
> Eu sou a esposa e a virgem.
> Eu sou a mãe e a filha (...).
> Eu mesma sou o silêncio que vai além do entendimento
> e a concepção cujos pensamentos são numerosos.
> Eu sou a voz, o som do que é miríade
> e a palavra (logos), cuja aparência é multiforme (...).
> Eu sou a vergonha e a audácia.
> Eu não tenho vergonha; Sou envergonhada (...).
> Eu não tenho mente e sou sábia (...).
> Pois eu mesma sou a sabedoria do grego e o conhecimento dos bárbaros.
> Eu mesma sou o julgamento dos gregos e dos bárbaros.
> Eu sou aquela cuja imagem é grande no Egito (...).
> Eu sou aquela que tem o nome de vida e que vocês chamam de morte.
> Eu sou aquela chamada lei e a que vocês têm chamado sem lei...
> Eu, eu mesma sou infiel, e

sou eu cujo Deus é multifacetado (...).
Eu sou a essência imutável e aquela que não tem essência imutável (...).
Eu sou a união e a dissolução (...).
Eu, Eu mesma sou sem pecado e
a raiz do pecado tem origem em mim (...).
Sou eu quem é chamada verdade e ilegalidade (...).

Esse texto, de acordo com o editor original do documento, não possui temas distintivamente gnósticos.[59] Mas feministas contemporâneas não acreditam nisso. O texto têm alguma semelhança com a personificação da Sabedoria em Provérbios 8, mas a diferença em conteúdo é radical. Em provérbios, a Dama Sabedoria e a Dama Estupidez são colocadas em oposição. Aqui a sabedoria e a estupidez pertencem ao mesmo princípio divino. Essa reveladora feminina se assemelha não à sabedoria bíblica, mas à deusa hindu Kali[60] ou à egípcia Ísis. Não é de se admirar que Trovão-Sofia seja tão bem-recebida no panteão religioso feminista:[61]

> Uma outra divindade feminina que convoca as mulheres e nos confirma nossa divindade e nosso poder é a não-nomeada Perfeita Mente de Trovão. Ela parece estar em todo lugar e envolve todas as coisas: (...) Ela é tudo e todas as pessoas e seus opostos. Ela é feminina e dentro dela há uma gama de vida feminina do nascimento à morte, da mulher mundana no mundo à divina Sabedoria do Céu (...). Eu vejo no "Trovão" a visão de uma deusa humana e divina que fala novamente (...). [do modo da] Ísis egípcia.

Sofia Manda Saudações do Egito

Essa autora feminista coloca seu dedo na origem pagã de Sofia como uma expressão da Deusa egípcia, Ísis. É claro que o texto em si mesmo claramente faz essa conexão quando Trovão-Sofia declara: "[Eu] sou aquela cuja imagem é grande no Egito". A conexão é apropriada já que Ísis era a Deusa egípcia da Sabedoria.[62] É dito de Ísis que ela é "o ponto fixo do mundo em movimento"[63] que proclama: "Eu sou a natureza, a Mãe Universal (...) a manifestação única de todos os deuses e deusas sou Eu".[64] Assim como Trovão-Sofia, Ísis une todas as coisas dentro de seu círculo inclusivista. E cito novamente a descrição de sua sabedoria de um estudioso sobre Ísis:

> Curiosamente, (...) os egípcios [quando caracterizando Ísis por sua sabedoria] a chamaram "grande em poder mágico". [Para eles a] sabedoria real consistia de visão dos mistérios da vida e da morte (...). Assim a sabedoria era para os egípcios equivalente à capacidade de exercer um poder mágico.[65]

Isso é também afirmado numa linguagem mais técnica por Caitlín Matthews, a sacerdotisa de Ísis dos dias modernos e especialista na história de Sofia. "A experiência greco-egípcia (após a vitória de Alexandre o Grande sobre o Egito) é verdadeiramente catalizadora no estudo da Sabedoria, pois o caráter forte de Ísis a Deusa tornou-se o critério de Sofia do (...) gnosticismo".[66] Aqui é afirmado sem ambigüidade por uma sacerdotisa pagã que o gnosticismo serve como uma ponte para o paganismo se infiltrar no Cristianismo.

A iniciação nos mistérios de Ísis e o segredo das experiências estáticas em seus templos deram aos adeptos uma idéia da transformação na imortalidade.[67] Ísis era assim a doadora da magia, do conhecimento oculto e da sabedoria por meio da qual, como Sofia, ela revelou o distinto e desconhecido Deus egípcio por trás de todas as coisas, o Deus Re.[68] Ísis "Re-Imaginada" como Deus para seus seguidores!

Que os "cristãos" gnósticos a tomaram emprestada do paganismo é aqui muito óbvio – como portanto deveria ser a natureza pagã das especulações dos dias atuais sobre Sofia. A Sofia que fez uma breve aparição em Minneapolis não voou de Jerusalém e traços de sua identidade não podem ser encontrados na Bíblia. Ela veio do Egito pagão via gnosticismo "cristão" e seu passaporte leva seu nome verdadeiro – Ísis.

Protennoia, que significa "Primeiro pensamento", uma outra manifestação de Sofia nos textos gnósticos antigos, revela na mais completa terminologia a união dos opostos em uma unidade não-racional tão essencial ao pensamento pagão antigo quanto moderno:

> Eu sou gynandrous [Eu sou Mãe, eu sou] Pai [eu] [tenho coito] comigo mesma. Eu [tenho coito] comigo mesma [e com aqueles que] me [amam e] eu sou aquela por quem o Todo [permanece]. Eu sou o útero [que dá forma] ao Todo por meio do nascimento da Luz que [brilha em] glória.[69]

O texto continua a explicar a revelação acima e o andrógino ou gynandrous ajuntamento de toda dualidade é o mistério final, um mistério chamado "o Som da Mãe", escondido dos "Éons e do Arquigenitor, mas revelado aos Filhos do Pensamento".[70] Em outras palavras, Sofia traz uma nova revelação da divindade que vai além de qualquer coisa que o ignorante Deus da Escritura poderia imaginar. É este o "som" da experiência mística monista de conexão com todas as coisas no cerne daqueles que sabem.

Por meio da confusão de gênero que Sofia traz, ela desconstrói o Deus da Bíblia. Mas sua função final é destacar, além do gênero feminino, o estado andrógino do verdadeiro monismo. Pois, como um especialista gnóstico observa, no gnosticismo "a imagem final da salvação não é masculina ou feminina, mas a unidade restaurada de uma Mãe-Pai andrógina, que ultrapassou a diversidade".[71] Este fato histórico, observado por um especialista gnóstico, é o mais interessante à luz da promoção contemporânea das versões inclusivistas da Oração do Senhor que se dirige a Deus como "Nosso Pai-Mãe no Céu",[72] assim como interpretações igualitárias radicais de Gálatas 3.28.

O Coração do Gnosticismo é o Coração do Paganismo: O Homem é Deus

Sofia traz à luz a essência desta revelação diabólica – não há Deus diferente do Homem. Como o especialista gnóstico Filoramo observa, "Deus é, de fato, Antropos, Homem-humano, ou antes o arquétipo andrógino". No gnosticismo, ele acrescenta, "o ser humano tornou-se agora o predicado do divino. A manifestação de Deus a si mesmo: este é o coração do mito Gnóstico"[73] É também o coração da mentira original do Diabo: "Vocês serão como Deus".[74]

Irineu, o pai da igreja do século 2º, viu a destruidora conseqüência do ensino gnóstico. Ele relata que os gnósticos setianos chamavam Deus de Homem:

> Ialdabaoth, tornando-se arrogante em espírito, se engrandeceu sobre todos aqueles que estavam abaixo dele, e explicou, "Eu sou pai, e Deus, e acima de mim não há ninguém". Sua mãe, ouvindo suas palavras grita contra ele: "Não minta, Ialdabaoth; pois o pai de tudo, o antropo inicial, está acima de você; e assim é o Antropos, o filho do Antropos".[75]

Essa versão da história do começo de tudo declara que o homem é Deus. Na terra, o antítipo de Sete, Jesus, revela que quando Tiago alcança aquele que é "não mais será Tiago; antes *Aquele que Existe*".[76] Essa é certamente a mais perniciosa forma de humanismo, humanismo divinizado. Hoje o humanismo ateístico está acabando. O novo inimigo é a visão espiritualizada do homem. Ele não é mais simplesmente a medida de todas as coisas, como defendido pelo racionalismo: o Homem é agora também a medida de Deus, pois o homem é Deus. Esta nova espiritualidade é a expressão final da idolatria porque não é somente uma desobediência à lei de Deus: ela substitui o divino pelo humano.

Em Minneapolis a mesma transação aconteceu. Os organizadores disseram aos participantes, como já observado acima: "Sejam especulativos (...) não há 'resposta'. Nós não podemos imaginar como Deus é. *Estar juntos em nossa própria imagem é o princípio fundamental* [ênfase minha]. "[77]

Inevitavelmente, uma vez que a distinção ontológica entre o Criador e a criação desaparece – o que acontece no monismo pagão – a humanidade é divinizada. Tudo parece estar bem, exceto que o pecado humano não foi erradicado. Aliás, a História é cheia de exemplos de que deuses *pecaminosos* são extremamente perigosos!

Os pedaços se encaixam. *A desconstrução Filosófica* elimina o pensamento racional (cérebro esquerdo masculino), deixando somente a intuição e a preferência pessoal. *Uma Erudição Radical do Novo Testamento* reconstrói Jesus, o enviado de Sofia, como um projeto para uma sociedade igualitária misericordiosa, tolerante, politicamente correta, multicultural, multissexual, feminista, liberta das noções do pecado, da culpa e da Teologia do Novo Testamento a respeito da Cruz. *O feminismo radical religioso* adora a deusa Sofia, rejeitando todas as indicações da ortodoxia do Cristianismo. Tanto os estudiosos quanto o feminismo restauram o ensino gnóstico sobre o mesmo tema. Ao mesmo tempo, o *pensamento da Nova Era* espera uma transformação global baseada na redescoberta do feminino, do lado direito do cérebro, a intuição "yin" da Era de Aquário. Despreza o racional, as teorias inspiradas masculinas "yang" "da expiação" da Era de Peixes. Tudo isso é apoiado por uma heresia antiga que dá a esse movimento os textos antigos e uma semelhança de veracidade histórica. Esse movimento diferente se une para substituir a confissão histórica do Jesus crucificado como a

sabedoria verdadeira de Deus e o único modo de redenção com a confissão de um deus humano novo em folha (na verdade bem velho), que nos salvará a todos aqui e agora.

Um Deus-homem como este é a Boca de Satanás

Muita gente inocentemente livra a si mesma de uma idéia patriarcal e re-imagina o divino de maneira mais adaptada aos humanos. É simples trocar um grupo de idéias mitológicas por outro. Trocar Deus pelo Homem, e trazer o céu para a terra no estabelecimento de uma nova utopia. Mas há um elemento esquecido na equação, um terceiro jogador no jogo cósmico pela alma – o discreto e escorregadio Satanás. O coração humano não é um lugar autônomo de bondade espiritual. É sim uma tábua sobre a qual ou Deus ou Satanás escreve.

Sofia não substituiu o Jahweh fracassado com uma terceira opção otimista. Sofia, a deusa da sabedoria oculta, é de todas as maneiras oposta à sabedoria de Deus. A nova espiritualidade que ela oferece, ela já ofereceu antes. A sua sabedoria centrada na terra e sua iluminação leva os seguidores não desconfiados e espiritualmente famintos para o vestíbulo do reino de Satanás. A sua voz é a dele. Nosso mundo treme na borda da grande ilusão. Se ignorar o aviso que a apostasia gnóstica antiga dá, o nosso bravo mundo novo se abalará, bêbado, na euforia produzida pela fascinante falsa promessa de uma humanidade liberta e uma andrógina sexualidade desinibida.

Capítulo 12

A NOVA SEXUALIDADE

Os tempos e as modas de fato mudam e o unissex está inquestionavelmente em moda.

- Juiz Antonin Scalia[1]

Deus e o Sexo no Terceiro Milênio

Psiu... Você quer invadir a França? O melhor momento é em agosto, lá pelas duas da tarde. Aqueles que não estão em férias, estão cochilando. Você quer conquistar uma civilização? Mude as idéias a respeito da sexualidade. Embora alguns pratiquem a espiritualidade oriental da Nova Era com chakras, cristais, viagens astrais e mediunidade, todos são homem ou mulher. A sexualidade mantém uma civilização funcionando. Traiçoeiramente, uma nova definição de sexualidade afinada com o monismo liberal da Nova Era dirige nosso mundo, prometendo libertação para o oprimido, justiça ao desprovido e paz na terra.

Sexo e religião fazem um par formidável. A sexualidade nunca pode ser separada da busca religiosa. Por meio de uma nova sexualidade o liberalismo transformará a religião e o planeta.

"Nós estamos condenados como espécie e como planeta", profetiza uma religiosa feminista, "a menos que nós tenhamos uma mudança radical de consciência."[2] A liberação da sexualidade acompanha uma mudança da consciência planetária e o reavivamento da espiritualidade pagã no despontar do milênio "aquariano".

O programa para uma revolução sexual segue a mesma progressão lógica mencionada nos capítulos anteriores: crise, desconstrução e reconstrução. Tome como exemplo o programa para unidade das religiões do mundo. Primeiro vem uma descrição da crise ecológica, depois uma chamada para desmantelar a visão cristã da criação. Finalmente o sincretismo teológico brilha. No caso da sexualidade, a crise é devida às maldades do patriarcado; a desconstrução destrói a visão cristã do sexo e dos papéis dos gêneros; e das cinzas se levanta uma fênix monística: o novo ideal andrógino.

A Crise - O Patriarcado

A Retórica Raivosa Cruel de Rosemary Radford Ruether

No universo teológico "cristão" de Ruether, o patriarcado tomou o lugar do pecado.[3] Desde que essa afirmação não pode ser estabelecida com base em Gênesis 3, esses textos encontrados se tornam os mitos adotados da religião patriarcal. De acordo com Ruether, o patriarcado é obra do Diabo, a Marca da Besta, a Grande Babilônia, a terra má da escravidão egípcia de onde a igreja deveria organizar um êxodo dos dias modernos, a realidade interior da qual a prostituição é a expressão externa. "Estupradores são as tropas de choque do patriarcado, enquanto os espancadores de esposas são o exército de ocupação". A essência da igreja contemporânea é a libertação do patriarcado[4] – o novo réu para ser eliminado na luta das classes pela justiça social, identificado como o inimigo na luta contra os poderes e potestades, o ídolo da masculinidade, da regra do pai, o ídolo mecânico com olhos brilhantes e narinas fumegantes que expele blasfêmias nos templos do patriarcado e que está a ponto de consumir a terra, o grande Leviatã da violência e da miséria cujos "poderes maus entraram nas camadas profundas de nosso inconsciente" do que precisamos ser batizados. Como no pós-modernismo em geral, quanto mais altos os gritos, mais alta a consciência feminista é elevada.[5]

O Grande Mal

Os pagãos podem bem rejeitar a estrutura patriarcal da criação[6] (embora muitos não o façam), mas e os cristãos? Estendendo a denúncia evangélica do patriarcado, Virginia Mollenkott culpa o "*hetero*patriarcado" pela maioria das doenças sociais, incluindo o racismo e o classicismo. "É vital que entendamos os modos pelos quais os conceitos distorcidos da sexualidade humana bloquearam a liberdade humana e os relacionamentos saudáveis e, assim, reduzindo qualquer possibilidade de que nos sintamos totalmente vivos. Somente após um diagnóstico detalhado sobre o que está nos molestando podemos esperar por uma cura adequada". Ela define o "*heteropatriarcado*" como:

> os modos hierárquicos de organização pelos quais tudo e todos são posicionados e que qualquer coisa que seja macho e branco tende a obter posição superior. As pessoas e as coisas não podem simplesmente ser *diferentes* umas das outras: um modo de ser, fazer e pensar, deve sempre ser a norma, o restante sendo *a*normal (...). O patriarcado é um sistema social profundamente errado, que tem causado sofrimento a milhões e poderia ainda causar a destruição do ser humano e do planeta que compartilhamos.[7]

Como lésbica praticante, Mollenkott acrescenta: "a heterossexualidade obrigatória é a espinha dorsal que mantém o patriarcado em pé".[8] A homossexualidade quebrará essa "espinha". "Se a sociedade mover-se para fora do patriarcado e for para a parceria" nós aprenderemos que as questões lésbicas, bissexuais e *gays* não são somente assuntos restritos ao do quarto de dormir, de praticar qualquer coisa que excita alguém". São assuntos "empurrados para dentro da super-estrutura do sistema heteropatriarcal". Mollenkott repete a visão pagã de Kate Millet: "uma mulher é chamada lésbica quando ela funciona autonomamente. A autonomia das mulheres é do que a libertação das mulheres está tratando".[9]

A revolução diz respeito ao poder pessoal ser autônomo de todas as estruturas e relacionamentos. É o poder da liberdade radical de fazer o que lhe agrada. Esse é um programa pagão, mas de boa fé muitos cristãos tentam extrair algo bom da revolução ao "cristianizá-lo" como o objetivo atual para a fé cristã. A liberdade gloriosa e o chamado superior da homossexualidade levam alguns cristãos

liberais a denunciar o "pecado do heterossexismo". Duas eruditas cristãs, uma leiga católica romana, a outra ministra luterana, desafiam a Igreja a não somente "aceitar" a homossexualidade com uma tolerância cristã, mas a enxergarem que é um "dom" normativo. Não somente a ética heterossexual judeu-cristã não é mais útil, mas o insistir nela é um pecado.[10]

Em um nível menos radical, o feminismo igualitário evangélico toma uma posição semelhante. Uma teologia sistemática publicada pela editora InterVarsity Press, (a editora de uma organização estudantil paraclesiástica ortodoxa), expressa uma rejeição inclusiva do patriarcado, muito comum do feminismo radical: "a teologia feminista prestou um bom serviço à comunidade cristã ao destacar os males do androcentrismo, do patriarcado e da misoginia".[11] A misoginia certamente e talvez também o androcentrismo em algumas formas poderiam ser descritos como malignos – mas e o patriarcado, que é a base da Escritura e da civilização ocidental? Gretchen Gabelein Hull, membro da diretoria do Conselho para Igualdade Bíblica, fala a respeito do "pecado do patriarcado (...). Cristianizar o patriarcado significa acabar com ele".[12] Não se pode reformar o patriarcado à luz da revelação cristã de Deus como Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.[13] Pode-se somente eliminá-lo! O igualitarianismo é o primeiro passo para o individualismo autônomo, assim como o a relativização das diferenças sexuais é o primeiro passo para a confusão dos gêneros. O novo liberalismo é feminista até a medula, como foi o *Parlamento das Religiões do Mundo.*[14] Os evangélicos abraçam o feminismo igualitário como uma descoberta teológica-exegética da gloriosa liberdade do Evangelho? Ou eles são encorajados por pressões sociais, ideológicas e econômicas e uma fé simplória no processo democrático?[15]

A feminista judia Naomi Goldenberg não é tão simplória. Ela acusa Deus o Pai da Escritura judeu-cristã como o arquiteto da sociedade patriarcal. Assim como o patriarcado, este Deus tem de ir embora, como diz o título de seu livro, *Changing of the Gods* [A mudança de deuses], em que ela afirma:

> A nova onda de feminismo desesperadamente necessita ser não somente multifacetada mas cósmica e religiosa em sua visão. Isso significa alcançar exterior e interiormente o Deus além e abaixo dos deuses que roubaram nossa identidade.[16]

As palavras de Goldenberg soam com uma certeza misteriosa: "Nós mulheres daremos um fim a Deus".[17] Como elas estão fazendo isso?

DESCONSTRUÇÃO:
A Desconstrução da Visão cristã do Sexo e dos Papéis dos Gêneros na Sociedade Contemporânea

É fortuito que a conversão do liberalismo à espiritualidade monística coincida com as maiores mudanças nas práticas sexuais, nos papéis de gêneros e nas estruturas da família? A sexualidade da civilização ocidental foi desconstruída em somente uma geração. O papel das mulheres mudou drasticamente, o que representou uma tremenda virada nas percepções da sexualidade humana. O feminismo abriu as portas para muitas outras mudanças. Estranhamente, muitos não consideram o feminismo como a força motriz do neopaganismo ideal,[18] embora radicais afirmem isso em todas as oportunidades que têm.

Revolução e Nada Menos

O Movimento das Mulheres, de acordo com suas teóricas mais importantes, "não é um movimento reformista, mas um movimento revolucionário".[19] Sacerdote católico romano dissidente e professor de Sociologia, Andrew Greeley profetizou mudanças enormes na igreja no futuro próximo. O seu artigo, publicado em uma revista da Nova Era, afirma:

> o poder do Papa definitivamente diminuirá. Hoje estamos experimentando o último suspiro de uma ordem em processo de morte, e no máximo em vinte anos a maior parte dela estará acabada (...). As mulheres refarão a religião.[20]

Alguns acham esta revolução regozijante, a melhor coisa a acontecer para as mulheres, e especialmente para as donas-de-casa, desde a invenção do pão de forma. A revista *Time*, assim como Greeley, está cheia de otimismo, especulando se esse movimento constitui uma "Nova Reforma".[21] Os radicais riem diante de tal ingenuidade, desprezando a própria idéia de "reforma" que implica

um retorno ao puritanismo de alguma forma perdido. Elas preferem ver o movimento das mulheres como uma "mudança de paradigma" de "ramificações muito extensas",[22] uma "nova dispensação" ou uma "nova revelação". A chegado do "ser" que faz tudo o mais diante dele "nada",[23] é uma "conversão radical para uma nova consciência".

Alguns estão apavorados. Uma jornalista católica romana, Donna Steichen, em seu documentário sobre o progresso do feminismo na Igreja Católica Americana, intitulado *Ungodly Rage* [Ira ímpia], diz o seguinte na introdução a respeito do feminismo:

> Este livro é sobre trevas. As suas páginas documentam uma das mais devastadoras epidemias religiosas de nossa época ou de qualquer outra época.[24]

Esses autores, tanto a favor ou contra, concordam em uma coisa: o feminismo é uma força de poder revolucionário. Seu progresso incrível em somente uma geração não pode ser percebido como um andamento normal do processo democrático, o próximo passo na civilização do planeta. Algo mais está acontecendo.

Uma Onda Social Uma Milha Longe da Costa

Enquanto os sociólogos, em 1993, não viram quaisquer mudanças culturais importantes no horizonte religioso que alterasse a face das principais igrejas,[25] uma feminista judia predisse nos anos 70 uma onda de mudança revolucionária: "Quando as feministas tiverem sucesso em mudar a posição das mulheres no Cristianismo e no judaísmo, elas abalarão essas religiões em suas raízes".[26] De 1971, quando ela encontrou pela primeira vez as feministas, ela se lembra ter pensado: "Essas mulheres mudarão o mundo".[27] As profecias de Naomi Goldenberg são incomumente perceptíveis uma vez que muitas feministas agora passam a adorar a Deusa e praticar a bruxaria. De fato, a própria Goldenberg se tornou uma bruxa.[28] Pelo uso de imagens femininas poderosas tais como a Deusa, a górgona, ou a amazona, feministas radicais planejam fazer uma "mudança grandiosa de consciência, uma nova transformação simbólica".[29] Uma transformação em uma sociedade do *marketing* é algo que pode ser feito rapidamente. Propagandas no supermercado do meu bairro convidam garotas de 8 a 11 anos a aprenderem autocapacitação pelo estudo de seis deusas pagãs. Nas escolas e creches, aparentemente programas inocentes sobre "educação da

igualdade dos gêneros", que têm custado milhões de dólares aos contribuintes, asseguram que o ensino bíblico sobre sexo e distinções de papéis sejam apagados da consciência coletiva da geração futura – com a aprovação silenciosa da maioria das pessoas.

Quando, em 1996, a Suprema Corte, ao legislar sobre o fato de só homens serem aceitos para estudar no Instituto Militar de Virginia (VMI), decidiu com sete votos contra um que a educação somente para um gênero, patrocinada pelo Estado, era inconstitucional, declarou essencialmente como lei da terra a inconstitucionalidade dos papéis dos gêneros e as distinções. Na única opinião divergente, o juiz Antonin Scalia observou que essa decisão era, no final das contas, um ataque contra o "antigo" conceito da "honra masculina" incorporado ao código da VMI do comportamento "cavalheril". A autoridade suprema da terra declarou o "patriarcado" não-americano. "Eu não sei", observa Scalia com pesar , "se os homens da VMI viviam por esse código. Mas (...) eu não acho que qualquer de nós, mulheres inclusive, nos daremos melhor com a destruição dele".[30]

O novo entendimento da sexualidade encontra um solo fértil nas realidades econômicas e sociais do Ocidente pós 60. Um sociólogo da Universidade da Califórnia observa que 75%das mulheres que nasceram a partir de 1946 estão trabalhando em tempo integral ou parcial. Esses números se referem tanto às necessidades e aos desejos financeiros quanto às novas expectativas culturais. "Igualdade de gêneros e oportunidades de carreira para as mulheres são valores profundamente enraizados nesta geração".[31] "Esta geração" é a geração mais afetada pela revolução sexual dos anos 60. As realidades econômicas e culturais se traduzem em opinião teológica. Oito de cada dez mulheres "*boomer*" católicas são favoráveis à ordenação de mulheres. A porcentagem é ainda mais alta entre as mulheres protestantes. Mais da metade das mulheres "*boomer*" conservadoras e três quartos dos homens "*boomer*" conservadores são favoráveis à ordenação de mulheres.

Estas realidades têm revolucionado os seminários. De acordo com a documentação detalhadamente feita pela Gale Research Inc., "Em 1986 havia uma estimativa de 20.730 mulheres clérigas nos Estados Unidos, um aumento de quase cem por cento desde 1977 (...). Durante a mesma época, o número de mulheres matriculadas em programas de seminários com vistas à ordenação aumentou cento e dez por cento".[32] Gary L. Ward, o autor desse relatório, diz:

> A velocidade e a magnitude dessas mudanças não mostram sinal de redução ou alteração à medida que nos movemos para os anos 90, e há toda indicação de que mais e mais denominações abrirão suas ordens santas para as mulheres. Esta geração está testemunhando as mudanças que, tanto literal quanto figurativamente, estão mudando a face da religião.[33]

Os efeitos são confusos. A reconsideração do lugar da mulher na sociedade e na igreja, e a busca criativa para usar os dons das mulheres são salutares e benéficos. No entanto, "a verdadeira espiritualidade", descaradamente agora lança fora a revelação bíblica de Deus como Pai; a sexualidade criacional e a moralidade bíblica se tornam a expressão máxima da opressão maligna. Madeleine L'Engle sente-se moralmente autorizada a chamar o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo de "Deus porco chauvinista paternalista macho do Antigo Testamento".[34] O novo hino da Igreja Unida de Cristo vai além ao invocar os nomes de Deus. Simplesmente os elimina. O Sínodo Geral deles "purificou" os hinos das noções patriarcais inaceitáveis como "Pai" e "Rei".[35] O relacionamento Pai-Filho que é o coração do Evangelho é "desconstruído" e o sangue do que Goldenberg chama a "execução lenta de Jahweh e Cristo" está nas mãos das principais denominações "cristãs". Em certas faculdades evangélicas é apropriado chamar Deus de "Pai-Mãe" para evitar o termo opressivo e sexista "Pai".

Porcaria Bíblica

Era somente uma sala de espera. Cerca de quinhentos a seiscentos eruditos, teólogos e professores de religião enchiam a sala de palestras e parte do corredor de um hotel no centro da cidade de San Francisco, em novembro de 1992, para ouvir as últimas revelações de uma feminista lésbica, bruxa pós-cristã e professora do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta Boston, a professora Mary Daly. No meio do encontro anual conjunto da Academia Americana de Religião e da Sociedade de Literatura Bíblica, no meio de sua descrição da grande reunião intergaláctica das heroínas feministas do passado e do presente que está ocorrendo "do outro lado da lua", Daly repentinamente parou. Com ponderação, ela olha para sua audiência de cima a baixo. Então, erguendo seus braços em forma de uma expressão profética, e em uma voz entre uma gargalhada

e um berro, ela revelou: "O que é toda esta porcaria bíblica?" No final de sua palestra, os eruditos "bíblicos" bateram palmas entusiasmadas para ela. A "teologia" foi bem longe – de volta à rejeição da Escritura e do Deus da Escritura.

Se publicações, críticas e endossos públicos são influências importantes, há milhares de professores nos departamentos de religião das universidades e nos seminários teológicos que ado-taram alguma forma desse programa humanístico de libertação ética, espiritual e sexual.[36] A teologia liberal pode abranger desde o branco e puritano professor de Teologia de Harvard até a bruxa eco feminista lésbica que cortou todas as ligações com o Cristianismo bíblico. Mas os dois de fato se encontram. Mary Daly que grita blasfêmias em virtualmente todas as páginas de seus recentes livros, promovendo a bruxaria e o lesbianismo "espiritual" erótico recebe o louvor de Harvey Cox, um teólogo liberal respeitado, Victor S. Thomas, professor de Divindade da Harvardy Dininity School. Mary Daly desconsidera a encarnação do Filho eterno, como se fosse a "legitimação simbólica do estupro de todas as mulheres e toda a matéria", e descreve como "uma porcaria, o credo dos apóstolos".[37] Cox a considera uma "mulher que faz uma Grande Diferença" de quem se diz "fã".

Cox, um dos trezentos eruditos que assinaram uma petição da Academia Americana de Religião, que ajudou a forçar a Faculdade Jesuíta Boston a promover Daly ao cargo de professora, mesmo tendo ela rejeitado o Cristianismo em troca do paganismo, disse, "É difícil imaginar como todo o campo dos estudos religiosos e teológicos estaria hoje sem as contribuições que ela fez".[38]

Numa das principais instituições teológicas do país, The Claremont Graduate School, duas bruxas, Naomi Goldenberg e Mary Daly, foram palestrantes convidadas em 1993 do Programa de Estudos das Mulheres em Religião. Esse programa também co-patrocinou uma conferência de quatro dias sobre "Mulheres e as Tradições da Deusa" em maio de 1992, que incluiu palestras sobre "A Deusa e o Poder das Mulheres: Uma Longa Tradição". Dentre as participantes estava a professora Emily Culpepper da Universidade de Redlands, uma ex-batista fundamentalista e agora bruxa e colaboradora de Mary Daly, que encontra força espiritual e consolação na Deusa hindu Kali.[39]

Na Harvard Divinity School os estudos são agora dominados pela perspectiva feminista. Em um artigo semi-humorístico mas bem documentado, intitulado "O que acontece na Harvard Divinity School", o comentarista social judeu Don Feder conta que o canto budista e a meditação são agora mais populares do que o cântico de hinos, e o calendário cristão é deixado de lado por causa dos feriados pagãos. De acordo com Feder, a adoração feminista da deusa é a referência pela qual a religião, a teologia cristã e a Bíblia são agora interpretadas.[40]

Bruxas e Professores Liberais

Bruxas e professores liberais de Teologia se encontram onde o ar está pesado, por causa do incenso e dos óleos orientais, a música é sonolenta e o programa pagão é um grito silencioso – na atmosfera quieta da livraria da Nova Era da vizinhança. Em frente aos cristais e óleos exóticos e os robes pretos com gorros pontudos por apenas 98 dólares cada, o espiritualmente inquisitivo pode encontrar juntas gritando por atenção na mesma prateleira púrpura, as obras de pensadores pagãos como Joseph Campbell, Ken Carey e Ram Dass, assim como obras de autores "cristãos" como Matthew Fox, Elaine Pagels e James Robinson.[41] Embora quanto aos últimos, não se possa dizer com certeza, pelos seus títulos, se são verdadeiros ou não, o afinado olfato comercial – chame-o de "em-senso" – da livraria de não não-senso da Nova Era capitalista sugere que, numa grande escala, tal coleção híbrida não é acidental. Aos leitores deve-se dar o que os leitores querem. A dura realidade do suprimento e da demanda econômica é surpreendentemente um indicador objetivo de uma coerência ideológica entre esses aliados suspeitos . No final, como dizem, o cliente está sempre certo!

Um crescente número crê que as mulheres serão instrumentais na realização de uma humanidade unificada e de uma religião global. Mas o feminismo tem relação, certamente, somente com as condições sociais e os direitos democráticos, não com religião! Errado. As feministas vêem a si mesmas como chamadas para transformar tanto a sociedade quanto a religião. Dois exemplos:

O teólogo católico romano Paul Knitter é um pensador comprometido com o desenvolvimento de uma religião universal. Ele é também o editor geral da série *Faith meets Faith* [A fé encontra a fé] cujo recente lançamento é intitulado *After Patriarchy: Feminist*

Transformations of the World Religions [Após o período do patriarcado: transformações feministas das religiões do mundo].[42] Esse livro argumenta que desde que o "*status* de segunda classe, se não uma opressão externa, das mulheres (...) [está] fundamentada nas teologias[...] das religiões do mundo", é uma visão globalizada do feminismo do gênero e da libertação sexual que transformará todas as religiões do mundo. Neste ponto, a emancipação será obtida por todos.

Virginia Mollenkott vê na revolução sexual a possibilidade religiosa de uma nova humanidade. "Nós sabemos que todas as mulheres e homens que entrarão em um pacto de cuidado expressam a natureza de Sofia, do Logos, do próprio Cristo, a Nova Humanidade".[43] Não confundam as coisas, o programa do feminismo, da revolução sexual é um programa religioso, que vai muito além das questões de direitos civis – e muito além do feminismo.

Somos *Gays*

A prova dessa mudança gigantesca e das implicações radicais é o aumento da aceitação e do poder da comunidade homossexual. "Não estamos mais procurando somente o direito à privacidade à proteção contra a injustiça, diz um representante do movimento. "Nós temos o direito (...) de ver o governo e a sociedade confirmar nossa vida".[44]

O projeto está claramente tendo sucesso nos dias modernos na América, apesar dos milhões de americanos que, sem dúvida, se opõem a isso. Em 1975 a venerável instituição da *Time Magazine* se opôs a essa agenda: "Remover a discriminação legal contra os homossexuais é uma coisa, outra coisa é dar um mandato de aprovação".[45] Em 1992 a *Time* convidou seus leitores a aceitar a homossexualidade da mesma forma que aceitaram os negros americanos, as mulheres votantes ou os caixas eletrônicos.[46] As fronteiras são mudadas todos os dias. Hoje um dos maiores debates é o lugar dos grupos *gay* nos *colégios*.[47] Recentemente, o Distrito da Escola Unificada de Los Angeles patrocinou um baile de fim de ano para estudantes *gays*. A graciosa reportagem do *Los Angeles Times* pediu para os leitores crerem que não há nada mais natural para o progresso da democracia norte-americana do que um menino em sua adolescência fazendo um vestido de renda para o baile do final do ano.

Assim como a ideologia feminista, o programa homossexual foi escrito dentro da lei da terra. Poucas semanas antes da decisão da Academia Militar de Virginia (VMI), a Suprema Corte em 20 de maio de 1996, ao derrubar a emenda 2 de Colorado, decidiu que os

homossexuais são minoria legalmente reconhecida e que, portanto, podem procurar todos os benefícios de proteção estadual das minorias – incluindo casamento entre pessoas do mesmo sexo e a promoção geral do sexo *gay* como aceitável, e um estilo de vida reconhecido pelo Estado. As coisas estão mudando. Há dez anos, a Corte reconheceu a constitucionalidade de leis anti-sodomia. Tom Minnery, da organização cristã *Focus on the Family* disse em uma conversa pessoal: "Estamos confusos diante da decisão da Corte de proteger um grupo de pessoas cuja única tendência identificável é um comportamento que a própria corte permitiu que os Estados criminalizassem anteriormente". Muitos que criam que a democracia (o poder do povo) era sua grande defesa contra a tirania ideológica estão igualmente confusos. Seis juízes não-eleitos, a serviço da nova definição sem deus da realidade, conseguiram elevar a desconstrução da sexualidade tradicional-criacional a uma necessidade constitucional.

É isso uma preparação do futuro liberado para o qual nos dirigindo com um entusiasmo sem barreiras? Parece mais como um filme de Fellini sobre os últimos dias orgiásticos de um império romano decadente. De fato, assim como Fellini, Hollywood está engajado, tendo já produzido em 1993 o primeiro grande filme sobre o assunto, *Filadélfia*, cujo principal personagem ou herói é um homem *gay*. Mas os *gays* ainda não estão satisfeitos. Eles querem agora que Hollywood dê ao público em geral cenas de amor entre *gays* totalmente nus por tempo igual às cenas de sexo entre parceiros heterossexuais em filmes eróticos.[48] Se o distrito escolar de Los Angeles pode nos dar bailes gays, será somente uma questão de tempo para Hollywood nos dar sexo gay colorido no cinema mais próximo de nós.

Na academia, o feminismo e a homossexualidade têm encorajado um ao outro a posições mais e mais radicais, como o artigo muito bem pesquisado e intitulado, "Coming Out Ahead: The Homosexual Moment in the Academy" [Indo em frente: o momento homossexual na Academia] demonstra.[49] O autor relata que "em muitas faculdades, as associações *gays*-lésbicas-bissexuais de estudantes são as mais ativas (...) nos câmpus, sustentadas por taxas estudantis e por fundos institucionais do Escritório de Multiculturalismo da Universidade". Ele observa que em Harvard cada alojamento tem o seu tutor *gay*; na Universidade de Columbia, o professor da cadeira do departamento de inglês é comprometido a "contratar e

trabalhar com" profissionais *gays* e lésbicas; muitas universidades, incluindo Stanford, Chicago, Iowa e Pitzer, oferecem benefícios para companheiros homossexuais de membros do professorado.[50]

O programa homossexual progride ao sugerir que a democracia é a fonte da moralidade, e muitos não homossexuais estão aceitando isto.

Lésbica/*Gay*/Bissexual com muito orgulho

A sociedade americana alcançou uma vertente em 1993 quando 27 *gays* e lésbicas praticantes foram nomeados para postos na administração Clinton. Para Bruce Lehman, apontado por Clinton para o Departamento de Comércio, esse gesto corajoso é "a primeira vez na história da humanidade [que] um presidente procurou quebrar o tabu em relação a essas pessoas gentis".[51] Essas gentis pessoas têm um programa não tão gentil. Isso foi claramente afirmado na plataforma *gay* da Marcha sobre Washington em 1993. As suas demandas incluíam: um projeto de lei de direitos civis *gay*; adoções homossexuais e a redefinição da família; currículos *gays* nas escolas; um fim à disforia de gênero como uma doença psiquiátrica; a poligamia homossexual; a diminuição da idade de consentimento sexual para crianças;[52] a obrigação de forçar que todas as organizações, incluindo os escoteiros (Boy Scouts) aceitem gays; seguro médico para cirurgias de troca de sexo; admissão de imigrantes infetados com a AIDS; passagem de ERA; a legalização de "casamentos" homossexuais.[53] O poder e a influência no pensamento e na prática da América "cristã" de um grupo representativo de não muito mais do que um ou dois por cento da população desafia a crença.

Até recentemente a sociedade ocidental portava o nome de Cristandade, o que implica um entendimento judeu-cristão do homem e da mulher. A desconstrução radical favorece a confusão de gênero do neo paganismo em um ideal andrógino. Para ter sucesso, o programa deve erradicar os últimos vestígios do Cristianismo da sociedade ocidental. O patriarcado e a heterossexualidade normativa devem acabar. O amplo programa liberal por trás dessas mudanças sociais aponta para uma religião monística totalmente inclusiva. As pessoas são profundamente religiosas.

RECONSTRUÇÃO
O Ideal: Nem Macho Nem Fêmea,
mas um Super-humano Andrógino

Homo Noeticus – O Novo Humano Espiritual

Em algum lugar do outro lado do arco-íris, na esquina, no terceiro milênio, a terra deverá se inclinar sobre seus eixos, e uma convergência de crentes de mesma opinião trarão o salto final no progresso evolucionário. Uma estrela nascerá. Uma nova humanidade desenvolverá asas e voará para seu destino final de unidade com o Todo. Esse tipo de evolução é uma religião, não ciência, como muitos agora reconhecem. "A religião", diz o seguidor da Nova Era e sub-secretário das Nações Unidas, Robert Muller, e figura central na recente *Parlamento das Religiões do Mundo* "cooperará no sentido de trazer alturas sem precedentes a um melhor entendimento dos mistérios da vida e de nosso lugar no universo."[54] Esse futuro religioso cor-de-rosa na terra acontecerá porque, de acordo com Muller, "uma nova e superior forma de humanidade [está tomando] o controle do planeta (...) *homo noeticus* é o nome que eu dou à forma emergente de humanidade".[55] *Homo Noeticus* – o novo ser humano racional-espiritual. Este é o salvador da Nova Era. Clonado aos milhares, à medida que as pessoas alcançam estados alterados de consciência por meio da meditação, este Novo Homem espiritualmente capacitado salvará a humanidade e o planeta.[56]

O ouvinte cético sorri em descrença. Milhões de anos de história humana não produziram um renascimento. Mas amanhã é sempre um novo dia, e a revolução aquariana *será* diferente porque o ser humano será diferente.

O Ideal Andrógino – Tudo que você quiser ser

O Novo Homem (macho e fêmea) do monismo pagão é um indivíduo atraente. Como um híbrido do monismo ocidental e oriental, ele não é o guru emancipado das ruas de Calcutá. Isso dificilmente venderia na Avenida Madison. Ele é um otimista que pode realizar todos os seus sonhos e estar onde quer que ele queira estar. Ele pode fazer "todas as coisas", isto é, todas as coisas dentro do círculo monístico. Ele não é mais limitado pela separação dura e rápida da realidade do certo e errado, verdade e falsidade, macho e fêmea. Seu objetivo final é a união com o Todo, e no plano sexual, a androginia.[57]

Alquimia Sexual para o Novo Homem Aquariano

Nós imaginamos os alquimistas medievais como os mágicos da Disney, que transformam qualquer coisa em ouro, assim como a Disney faz em seus parques temáticos (exceto, é claro, em Paris).[58] Na verdade, os alquimistas eram sérios teólogos místicos – gnósticos medievais, que criam que o objetivo da vida era unir todos os opostos que o Cristianismo haviam separado. A busca deles pela famosa pedra filosofal era a busca, não por ouro, mas por uma fórmula que uniria os opostos, criando uma unidade fundamental. Eles eram monistas clássicos.

Uma professora de uma universidade católica muito respeitada[59] dá à busca mística dos alquimistas um toque sexual. A professora Frederica Halligan percebe na busca alquímica por "deus" um projeto para o futuro do planeta. Os alquimistas eram tanto supostos cientistas quanto místicos, que praticavam meditação bem antes dos indianos que, com sua ioga do século 20, fizessem disso uma indústria multimilionária no Ocidente. É muito impressionante que os sete estágios de suas meditações se assemelhem aos sete chakras do Hinduísmo e sua adaptação moderna da Nova Era. O conceito hindu de energia sexual chamada *kundalini,* na qual uma serpente da paixão está enrolada na base da espinha, até ser estimulada e incitada a subir através do corpo pela meditação, se compara com a noção dos alquimistas medievais da *libido. Libido,* é claro, era o termo que Freud usou para a energia sexual.

De acordo com Halligan, o estágio número sete, o último que é chamado *conjunction* ("união") é uma "nova realidade", a união final de todos os opostos, que produz "ouro", isto é, ouro espiritual, isto é, "um tremendo e profundo sentimento de união com tudo (...). A unificação de todos os opostos dentro de uma só pessoa".[60] A definição final de Halligan do *conjunction* é clara: "Além das diferenças de gêneros de agora, os místicos das tradições tanto ocidentais quanto orientais descrevem o brilho do amor perene".[61] Assim os hermafroditas, mas também as lésbicas e os homossexuais têm em algum sentido alcançado o alvo do *conjunction*, pois na homossexualidade machos agem como fêmeas e no lesbianismo fêmeas agem como machos.[62]

A prova dessa conclusão vem da própria esquerda, radical, tanto feminista quanto homossexual. Para Mary Daly, o modo com que Deus lidará com a raça humana no futuro será pela libertação feminista e da criação de um "misticismo das mulheres". A sua

visão escatológica para o futuro da humanidade está resumida nas seguintes passagens:

> O que está em jogo é *um grande salto na evolução humana* (itálicos meus) iniciado pelas mulheres (...) para uma intuição de ser que (...) é uma intuição da integridade humana ou do ser andrógino.[63]

No feminismo de hoje, não somente as bruxas confessas pagãs abraçam tais crenças. Uma das líderes do movimento feminista "cristão", Rosemary Radford Ruether, rejeitou o catolicismo ortodoxo logo no início de sua carreira para seguir o paganismo".[64] "Muito mal foi feito em nome de Cristo", ela escreveu, mas "nenhuma cruzada ou massacre foi feito em nome de Baal, Ísis ou Apolo".[65] Rejeitando o judaísmo e o Cristianismo como religiões "lineares" que vêem a História como volvendo do passado para o futuro, ela é atraída pelo caráter cíclico das "religiões da natureza e da fertilidade, religiões pagãs". Em sua espiritualidade, o que é importante é celebrar "os ciclos do dia e da noite, os ciclos das estações, o ciclo mensal de nosso próprio corpo, nossos próprios ciclos da vida (...). A natureza se recria a si mesma por meio dos ciclos, e isso significa que nós devemos ser positivos tanto a respeito da morte quanto a respeito da ressurreição no ciclo. Rituais podem incorporar observadores da opressão social, tais como uma cerimônia Halloween lembra a perseguição das bruxas".[66] O monismo pagão de Ruether é somente menos radical por estar parcialmente vestido, como o gnosticismo antigo, em roupas cristãs.[67] O efeito é o mesmo. Não é surpresa que para Ruether o ideal também seja a sexualidade andrógina.[68]

A teoria sustenta que não existe diferença essencial entre os sexos (excluindo certos aspectos biológicos); que não há base para diferenças de papéis, excluindo o condicionamento social para uma sexualidade diferenciada dentro da sociedade; e que tal diferenciação deve, portanto, ser eliminada. Esse ideal conduz o movimento da espiritualidade mística. Mircea Eliade, especialista em Religiões Comparadas e certamente um dos arquitetos da nova espiritualidade, lembra uma representação de Cristo na basílica de São Marco como um jovem sem barba de uma beleza incomparável na qual estava contida o mistério da androginia.[69] A ilustração na capa do livro de Matthew Fox, *The Cosmic Christ* [O Cristo cósmico], representa "Cristo" como um jovem adolescente nu e de sexo

indefinido acima do título "Sabedoria Santa". Essa Sofia é certamente andrógina, como é o "ser superior" de Shirley MacLaine. MacLaine questiona audivelmente se "o ponto central da vida" é "equilibrar tanto o masculino quanto o feminino em nós mesmos (...). Então nós teremos espiritualizado o material e materializado o espiritual" para expressar a nós mesmos "para o que nós realmente somos – andróginos, um equilíbrio perfeito".[70] De acordo com Eliade, o ser andrógino reúne o próprio objetivo da busca monística mística: "no amor místico e na morte integra-se completamente o mundo do espírito: todos os opostos caem. A distinção entre os sexos é apagada: os dois se unem em um todo andrógino. Em resumo, no centro a pessoa se conhece, é conhecida e conhece a natureza da realidade".[71]

Para a maioria das pessoas, a androginia é um estado mental e não físico.[72] Poucos seres humanos nascem com os dois órgãos sexuais. O mais perto que a maioria chega da androginia é a homossexualidade e a bissexualidade, pois em ambos, como já observamos, homens *gays* e mulheres lésbicas fazem o papel de ambos os sexos. O apoio para essa idéia vem do psicólogo Carl Jung que sugeriu que a "homossexualidade preservava um arquétipo da pessoa original andrógina".[73] Os homossexuais são assim os verdadeiros monistas, que tiveram êxito em transformar a teoria espiritual em realidade física. Eles são os protótipos do *Novo Homem* aquariano do século 21.

Xamãs Homossexuais para a Espiritualidade na Nova Era

> A história do ocultismo na história do mundo é também uma história de homossexualidade (...). Em culturas pagãs, os homossexuais geralmente têm uma posição elevada na religião e na sociedade. Quando as civilizações pagãs governavam o mundo, a homossexualidade e a pederastia eram práticas amplamente aceitas.[74]

O avanço do feminismo radical para a homossexualidade é tão rápido quanto lógico. O feminismo desconstruiu a sexualidade da criação do teísmo cristão. A homossexualidade reconstrói de acordo com as normas do monismo pagão. Uma feminista "evangélica" de longa data, Virginia Mollenkott, anunciou recentemente sua homossexualidade. Descobrir e praticar sua

homossexualidade foi para ela um momento de profundo auto-entendimento. "Viver no gênero que eu prefiro: esta forte afirmação me fez pensar sobre os nativos americanos xamãs que podiam viver e se vestir como o outro sexo se vestia sem estigmas e com um grande respeito por seus poderes espirituais".[75] Tal descoberta levou Mollenkott ao monismo espiritual. Sua nova "espiritualidade sensual" inclui a comparação de sua própria experiência com a dos xamãs homossexuais pagãos assim como a sua adoção do pensamento e da prática da Nova Era.[76] Isso é monismo espiritual porque é fundamentado sobre a união dos opostos da ideologia pagã clássica.

É bem documentado que a religião pagã sempre defendeu um lugar especial para a androginia-homossexualidade. Mircea Eliade viu a androginia em muitas religiões tradicionais como:

> uma fórmula arcaica e universal para a expressão do todo, a co-existência dos contrários, ou *coincidentia oppositorum* (...) simbolizando (...) perfeição (...) e o ser total.[77]

Sexo e religião são claramente uma dupla dinâmica inseparável, mas não qualquer sexo para qualquer religião.[78] A androginia é expressiva da visão monística assim como a heterossexualidade expressa o mistério do teísmo. O indivíduo autônomo andrógino simboliza o Espírito divino sem face que habita o Todo indiferenciado, assim como a heterossexualidade reflete tanto a unidade e a distinção pessoal do Deus trino cristão, e o relacionamento entre Cristo e sua igreja.[79] Em nossos dias a confusão reina. Uma nova sexualidade, estranha a tudo que a igreja conhece, está se pressionando contra a religião cristã. O teólogo dominicano "cristão", Matthew Fox, diz que "de alguma maneira, a homossexualidade é superior à heterossexualidade. Não há melhor método de controle de natalidade (...) e há um mérito cosmológico no fato que não é produtivo; há muito mérito em redescobrir a sexualidade como um jogo".[80] O bispo episcopal radical Spong afirma: "O feminismo e a homossexualidade estão no coração e na alma do que o Evangelho retrata".[81] Esse novo "evangelho" não é o anúncio da libertação do pecado, mas uma incitação ao pecado.

Na tradição monística, as mesmas afirmações religiosas são feitas para a homossexualidade e para a androginia. "Pessoas

lésbicas-*gays* sempre tiveram (...) uma função xamanística e um ofício cerimonial (...) em cada sociedade".[82] Os homossexuais vêem a si mesmos como sumo sacerdotes da nova religião vindoura.

O leitor é convidado a dar um passo para trás por um momento e fazer o que uma primeira olhada não parece ser uma conexão óbvia. O que Bill Moyers e Huston Smith têm em comum com médiuns *gays* do ocultismo? Smith é professor na Universidade da Califórnia em Berkeley. Bill Moyers é ministro da Igreja Batista do Sul e respeitado jornalista da televisão pública. Ambos são sincretistas religiosos e crêem "no entrelaçamento dos opostos, que é a chave para entender o Confucionismo, o Taoísmo e o Budismo".[83] Essa mesma espiritualidade de unir os opostos, quando estendida à esfera da sexualidade, é o princípio por trás da prática homossexual religiosa.

Isso é claramente ilustrado na religião dos índios americanos onde os machos travestidos funcionam como xamãs.[84] Os exemplos são muitos, mesmo perto de casa. Emily Culpepper, a bruxa ecofeminista lésbica com um diploma de mestre em divindade e Ph.D. da Harvard Divinity School, já foi uma "piedosa batista do sul", uma cristã evangélica "muito envolvida". Mesmo agora, enquanto se autodenomina de "amazona, pagã, estranha e 'Naggnóstica'", Culpepper honestamente admite que o "canto dos hinos do culto de domingo à noite ainda ecoam em meu ouvido". Apesar dessa interferência, ela vê os *gays* e as lésbicas como "xamãs para a era futura".[85] O que é um xamã? Um xamã é uma pessoa "poderosa, que inspira reverência, e mesmo medo que corre riscos ao entrar em outros mundos".[86] Uma definição mais completa não deixa muito para a imaginação: "O poder e a eficácia dos xamãs – bruxas, profetisas, druidas – emerge da sua habilidade de se comunicarem com o *não-humano*: as forças extraterrestres e subterrâneas e o mundo espiritual dos mortos".[87] *The Encyclopedia of New Age Beliefs* [A enciclopédia das crenças da Nova Era][88] documenta o profundo relacionamento espiritual entre o xamanismo e a homossexualidade. Os xamãs são guiados pelos "espíritos guardiões" que geralmente tomam a forma de "animais poderosos" ou de "familiares". Isso certamente aconteceu no caso da ex-evangélica Emily Culpepper, cujo gato preto se tornou para ela a encarnação da sanguinária deusa hindu Kali.

> Essa encarnação de Kali se tornou minha companhia sábia por dezoito anos, ensinando-me muito (como os familiares de bruxas o fazem), sobre os mistérios da vida e da morte (...).Meu gato me ensinou que as simetrias temíveis da natureza (...) incluíam a sua beleza resplandecente, sua doce amizade e jovialidade, e seu gosto por caçar e matar.[89]

O gato de Culpepper a ensinou como viver "além do dualismo",[90] isto é, unir os opostos tanto no corpo quanto na mente. A profunda comunhão espiritual entre essa mulher e seu gato comprovaas afirmações dos entendidos a respeito do xamã. Do "animal de poder" o xamã "deriva suas habilidades psíquicas, sua assistência espiritual (...). Basicamente, o poder animal se torna o *alter ego* do xamã". Da mesma forma, o xamã "permanentemente encarna esses espíritos em seu próprio corpo".[91] Em uma tentativa de unir os opostos, não somente as diferenças sexuais são eliminadas, mas a distinção entre humano e animal é virtualmente perdida.

Parte da iniciação do xamã é uma perversão sexual. "Muitos xamãs se tornam andróginos, homossexuais ou lésbicas por insistência de seus guias espirituais.[92] A homossexualidade parece ser não somente uma condição física, mas um compromisso espiritual. Um livro recente traça a história da espiritualidade *gay* masculina, e argumenta que "homens de gênero mudado tem cumprido um papel sagrado através dos milênios". Exemplos contemporâneos incluem os sacerdotes homossexuais da religião Yoruba em Cuba e "jovens bruxos *gays* em Manhattam".[93] Em termos mais familiares, mas estranhamente comparáveis, Virginia Mollenkott, que chama a si mesma "uma lésbica evangélica feminista", fala para *gays* e lésbicas, quando diz, "Nós somos embaixadores de Deus".[94] De fato, Mollenkott afirma que ela "ouviu" de seu "anjo da guarda", um Espírito Guia, o Santo Espírito ou Jesus [ela não tem certeza]: "Uma grande mudança está ocorrendo no mundo, e você é parte desta mudança".[95] Similarmente, Judy Westerdorf, uma clérica da igreja Metodista Unida, declarou triunfantemente aos delegados na Conferência pagã-"cristã" feminista *RE-Imaginando* em Minneapolis (1993) que a "igreja tem sempre sido abençoada pelos *gays* e lésbicas (...) bruxas (...) [e] xamãs".[96] Alguns vêem um grande novo mundo de pluralismo sexual onde todos são livres para seguir suas próprias tendências. Um andrógino será o líder espiritual e a heterossexualidade será tolerada, como na Grécia antiga.[97]

Homofobia

Os cristãos são exortados a amar os pecadores mas a odiar o pecado. Embora os revolucionários sexuais rotulam de homófobo qualquer um que se oponha à homossexualidade, os cristãos teístas têm razão em resistir à aceitação da homossexualidade na sociedade ocidental. Conquanto nem todos os homossexuais sejam evidentemente anti cristãos – na verdade alguns afirmam ser cristãos – não se deve subestimar o papel da teoria homossexual na normalização do paganismo no Ocidente cristão.

Friedrich Nietzche foi o filósofo do século 19 que pediu a total destruição do Cristianismo, a transposição dos valores [isto é, chamar o bem de mal e o mal de bem] e a redescoberta do politeísmo. Alguns crêem que ele era homossexual.[98] O reavivamento do paganismo contemporâneo reverencia Nietzsche como um dos grandes santos do movimento cujo tempo já chegou.[99] Se a homossexualidade é para o monismo o que a heterossexualidade é para o teísmo, então a transposição dos valores sexuais conduzirá ao paganismo. A sexualidade e a espiritualidade são profundamente relacionadas. Harry Britt, ativista *gay*, supervisor e ex-ministro metodista de San Francisco, recentemente admitiu isso ao descrever a luta pela libertação *gay* como uma "batalha espiritual".[100]

Não é de se admirar que uma importante voz na desconstrução contemporânea do Cristianismo ocidental fosse um homossexual francês, Michel Foucault. Foucault procurou desconstruir o sistema de valores da heterossexualidade ao argumentar que a verdade é somente poder e que os valores heterossexuais são um jogo de poder que a maioria impõe sobre a minoria homossexual. Reduzir a verdade e a moral ao poder tem criado para os ho,essexuais um lugar na guerra das culturas. O ataque aos *gays* é um crime horrível, mas assim também são as teimosas táticas homossexuais. Um poder indisfarçado descreve a constante e violenta perseguição de um pastor protestante, Charles McIlhenny e sua família, que por vários anos tem se oposto ao poder *gay* que controla o governo da cidade de San Francisco (o departamento de polícia, o de bombeiros, a delegacia de ensino, o departamento de saúde e muito da comunidade religiosa).[101] O testemunho simples e perturbador de McIlhenny intitulado *When the Wicked Seize a City: A Grim Look at the Future and a Warning to the Church* [Quando o ímpio toma uma cidade: uma visão sinistra do futuro e um aviso para a igreja] deveria alertar a todos sobre o tipo de "ética" que os *gays* no poder finalmente usarão. Quaisquer métodos são

válidos para lirar a Sodoma ocidental moderna desse intrometido sacerdote. “A sociedade correta”, diz McIlhenny, “está agora sem poder (em San Francisco) e sem influência – e vivendo às margens da sociedade”.[102] Ele teme que San Francisco seja uma amostra do que a América se tornará.

A rejeição dos valores tradicionais encontra uma certa expressão na autora “evangélica” Virginia Mollenkott que, como lésbica praticante confessa e com um novo código moral, está agora comprometida com a mentira e a enganação a fim de derrubar a cultura heteropatriarcal.[103] Apesar de suas frases cristãs, ela se tornou uma pagã monista, e no círculo monístico, onde o mal é meramente o lado escuro da força, tal poder “sinistro” pode ser usado para promover a nova moralidade. Afinal de contas, “bem” e “mal” são somente pontos relativamente fixos no círculo monístico revolvente onde tudo é um e um é tudo.

Feminismo: Uma Base para o Paganismo na Igreja do Terceiro Milênio?

Nos textos gnósticos encontrados em Nag Hammadi, o tema dominante é o ascetismo, a rejeição de toda a sexualidade (ver capítulo 13). Isso tinha a aparência de santidade cristã, apelava aos cristãos que viviam no dissoluto mundo pagão greco-romano. Kurt Rudolf argumenta que foi pelo ascetismo que o gnosticismo ganhou apoio na igreja confiante.[104] Pode-se bem pensar se em nossos dias, por meio das noções aparentemente cristãs da libertação do gênero e do direito igualitário para todos, o liberalismo neo gnóstico da Nova Era está tendo êxito ao fazer o mesmo em uma igreja onfiante do século 20.[105]

Estranhamente, muito da literatura cristã que procura avaliar a Nova Era e o novo paganismo, evita um de seus mais fundamentais temas, a transformação da sexualidade e a promoção da mulher como figura salvadora autônoma da raça.[106] Como a igreja se dobrou às pressões da sociedade e incorporou um certo tipo de feminismo, parece cega diante dos riscos dessa revolução social.[107]

Sem planos

Um membro da brigada sobre sexualidade da Igreja Luterana Evangélica da América, que defende a aceitação declarada da

masturbação e o "casamento" entre pessoas do mesmo sexo, disse, e sem dúvida muito sinceramente: "Nós não estamos chegando com um plano".[108] Que a maioria das pessoas não veja qualquer plano é tão preocupante quanto o próprio plano. Muitos igualitarianos cristãos crêem de boa fé que eles podem evitar ser contaminados por essa religião nova enquanto usam a crítica feminista para eliminar a fé do abuso androcêntrico e do patriarcado opressivo. Eles querem eliminar a casca patriarcal do Cristianismo e preservar o cerne igualitário. A feminista radical judia Naomi Goldenberg não está convencida.

> O movimento feminista na cultura ocidental está envolvido na execução lenta de Cristo e de Jahweh. Mesmo assim, pouquíssimas mulheres e homens que agora trabalham para uma igualdade sexual dentro do Cristianismo e do judaísmo entendem a extensão de sua heresia.[109]

"Feministas" cristãs estão corretamente preocupadas em perguntar qual é o ensinamento eterno da Escritura sobre os relacionamentos homem-mulher, e como o evangelho cristão transforma homens e mulheres pecadores. Sem dúvida a igreja tradicional tem muitas perguntas a fazer a si mesma. Eu entendo que Goldenberg está errada e meus irmãos e irmãs feministas estão certos. Mas o perigo de jogar a criança fora junto com a água do banho é enorme, especialmente para as gerações vindouras.[110] Esta questão não deve ser decidida com base na "certeza interior" ou em "um sentimento de chamado" ou "a tendência da História" ou no "progresso social democrático". Os gnósticos afirmavam tudo isso e a História tem mostrado que eles estavam profundamente errados. A questão só pode ser decidida pela exegese sólida da Escritura Sagrada, e, aliás, disso há uma grande carência. Assim, o perigo é grande que, em vez de uma recuperação da sexualidade bíblica, o resultado seja confusão sexual e teológica, e uma falha em ver os compromissos com o paganismo em amplos setores da igreja. Os cristãos devem entender que o movimento religioso feminista carrega em si um ataque frontal à normatividade da heteros-sexualidade criacional e, além disso, ao próprio Deus como o Criador.[111] Seu fruto "libertador" só pode ser destrutivo, tanto para homens quanto para mulheres.

Há um programa: o ideal teórico do Novo Homem do liberalismo aquariano, andrógino e sexualmente livre. Em sua

pureza primitiva, somente uma tendência radical seguida por uma elite cultural e intelectual de fato crê e a promove como tal. Ela é de preferência promovida por meio das noções democráticas emotivas da liberdade e dos direitos civis e da liberdade pró-escolha. Mas por trás dos debates populares sobre o lugar das mulheres nas academias militares, sobre banheiros e prisões conjuntas, e sobre a determinação da Administração de Clinton (por meio de seu Departamento de Justiça) para eliminar quaisquer distinções reconhecidas pelo Estado entre homens e mulheres, se esconde uma nova definição de sexualidade que bate na face do Deus Criador da Escritura. Enquanto as feministas radicais partidárias gritam, "Novas Mulheres, Nova Terra",[112] nós testemunhamos os primeiros movimentos de uma revolução que recriará o mundo.

Talvez essa ideologia seja um modismo passageiro da elite cansada.[113] No entanto, a exposição da igreja primitiva às heresias gnósticas é desencorajadora. Como um erudito disse sobre o gnosticismo, "este tipo de *gnose* (conhecimento) estava no ar que eles respiraram e um pouco dele entrou em seus pulmões".[114] Qualquer um de Tóquio lhe dirá que algumas gotas de veneno podem colocar uma nação de joelhos. Há uma razão para pensar, como a situação Evangélica Luterana indica, que o programa já está dentro das principais denominações. Talvez um por cento dos radicais possa infectar uma sociedade inteira e, com ela, grandes seções da igreja cristã.[115]

Capítulo 13

SEXUALIDADE GNÓSTICA

As feministas (...) mantêm diálogo fora da tradição [judeu-cristã], o que nunca antes fora permitido por ela [isto é], um diálogo com as heresias (...) um diálogo com a religião pré-cristã e pré-bíblica.
- Rosemary Radford Ruether[1]

Uma Libertação Radical do Deus da Bíblia

A imagem é inesquecível. Quando o crente gnóstico sai da câmara nupcial do sacramento, tendo passado pela iniciação sagrada do casamento espiritual, ele mostra o punho fechado contra o Deus da Escritura, o Criador e Doador da Lei, e declara-se a si mesmo livre de sua autoridade.[2] Ele faz isso para seguir a "Cristo", aquele que lidera essa rebelião final contra "o Poderoso do Caos" o "principal Progenitor [ou Arquiprogenitor] que é chamado Ialdabaoth"[3]:

> Mas eu [Cristo] vim para conduzi-los [a raça humana] da cegueira para que eu possa educá-los em tudo sobre o Deus que está acima de toda a criação [o espírito máximo superior incognocível]. Portanto pisa em suas [os Arcontes – o Deus

> criador e seus anjos] sepulturas e humilha seus desígnios maus, e quebra seu jugo e faz levantar os que são meus. Pois eu lhe dei autoridade dos Filhos da Luz sobre tudo para esmagar o poder deles sob seus pés.[4]

The Masterless [O sem mestre]: Esse título de um livro recente sobre história norte-americana, expressa a crença do autor de que a história da civilização no Novo Mundo foi marcada, por um lado, pela erosão do poder das instituições familiares e locais e, por outro lado, pela ascensão do poder federal e do cidadão autônomo. Os norte-americanos são *Os sem mestre*.[5] Estranhamente, essa era a autodesignação favorita dos antigos gnósticos.

Esse movimento antigo de libertação tornou-os livres das estruturas existentes e tradições, especialmente do Deus da Escritura. A observação de liberdade *autônoma* é fundamental para o auto-entendimento gnóstico. Eles se orgulham de ser uma "geração sem rei", não presos a pessoa, instituição ou tradição alguma.[6]

O sexo entra, como sempre acontece quando a teologia está envolvida. "O sexo (...) é o meio pelo qual a escravidão aos poderes é perpetuada", diz Douglas M. Pattot, um dos tradutores dos textos de Nag Hammadi.[7] Um programa de libertação sexual é portanto parte integral do sistema gnóstico. A libertação da escravidão é também a adoção da sexualidade da religião pagã, especialmente aquela expressa nos cultos da deusa mãe, ou na total rejeição da sexualidade.

O Sexo Pagão Para uma Heresia: Sacerdotes Homossexuais da Deusa Mãe

Os gnósticos levaram a adoração da deusa e a homossexualidade para dentro do "Cristianismo".[8] Essa eloqüente distorção da crença ortodoxa é instrutiva em nossos dias quando os mesmos incríveis fenômenos estão ocorrendo mais uma vez.

Hipólito (170-236 d.C.) relata que a adoração à serpente, celebrações que os gnósticos naasenes freqüentavam, eram celebrações de mistérios da Grande Mãe para o entendimento do "mistério universal".[9] Assim como os sincretistas modernos, os gnósticos acreditavam que a verdade era uma, que poderia ser encontrada em todos os lugares. Hipólito denuncia como erro fundamental a tentativa naasene de cristianizar e espiritualizar uma perversão

pagã da ordem criada. A seus olhos, e ele não estava sozinho em suas opiniões,[10] a espiritualização de tal pensamento e prática humanista de maneira alguma torna esse empréstimo uma opção cristã aceitável.

Uma testemunha independente, o poeta latino do século 1º, Catulo freqüentava práticas cúlticas pagãs de adoração à deusa como aqueles cultos que os gnósticos freqüentavam. Ele descreve graficamente a autocastração de Attis, amante da deusa Cibele,[11] por quem ele se torna uma "falsa cópia de uma mulher". O poeta retrata a situação e seus resultados:

> Attis, (...) exaltado por uma ira amorosa, fora de si, (...) corta seus testículos com um pedra afiada.
> Ela (a castrada Attis) então, ciente de sua amputação, enquanto o chão ainda estava manchado com sangue fresco (...) [expressando arrependimento pelo que ele / ela acabou de fazer, diz]:
> Não há nada para mim além da miséria.
> Que forma há que eu já não tenha sido?
> Uma mulher agora, eu fui homem, um jovem, um garoto;
> Eu fui atleta, o lutador (...)
> Serei eu uma empregada dos deuses, escravo de Cibele?
> Eu um Maenad, eu uma parte de mim mesmo, eu impotente? (...)
> Eu me arrependo agora, agora, [do] que fiz, eu me arrependo, agora!

Tal equívoco revolta Cibele:

> Cibele, soltando os seus leões
> E instigando a besta com sua mão esquerda,
> Disse, "Continue, seja mau, deixe-o muito nervoso;
> Faça-o o mais raivoso possível para que retorne à floresta;
> Ele tem a impertinência de querer estar fora de meu poder (...) "

O poema termina com a seguinte estrofe de três linhas:

> Grande Deusa, Deusa Cibele, Deusa senhora de Dindymus,
> Que toda a sua fúria esteja longe de minha casa.
> Provoque outros, vá. Enraiveça outros homens.[12]

Uma outra forma dessa espiritualidade cúltica é encontrada na Síria, onde Cibele é chama Rhea. De acordo com essa versão, Rhea castra

Attis, que, a partir desse momento adota um estilo de vida feminino, veste roupas de mulher e viaja pelo mundo antigo cantando louvores a Rhea.[13] Os *Galli* ou sacerdotes itinerantes efeminados de Rhea imitavam exatamente as obras da Attis mitológica.[14]

Os rituais de iniciação ao culto de Cibele incluíam o batismo no sangue de um boi ou bode morto. Isso acontecia em um poço ou *taurobolium*. No final da cerimônia, às vezes certos "poderes" do boi sacrificado, sem dúvida a genitália do animal, eram oferecidos para a Mãe dos deuses, novamente um símbolo poderoso da castração masculina diante da divindade feminina.[15] As óbvias intenções e resultados de tal prática e mitologia cúltica era a feminização e castração dos homens sob o poder da deusa. É possível imaginar o que o reavivamento da adoração da deusa em nosso tempo, em nome do Cristianismo, poderia fazer com a nossa civilização.

Essas práticas grotescas e pervertidas do paganismo *não-cristão* não são aqui citadas para sensacionalismo, mas porque elas constituem um exemplo particularmente claro de como o paganismo foi introduzido no Cristianismo. Hipólito explica o procedimento naaseno. Como afirmavam que "tudo é espiritual", *os naasenos não se tornaram* Gallis *fisicamente, mas só espiritualmente:* "eles somente fazem as funções daqueles que são castrados pela abstinência de relações sexuais".[16] A história mitológica da castração de Attis levou os naasenos a concluir que a imagem da castração era um símbolo de salvação.[17]

Assim, conclui Hipólito, os gnósticos naasenos imitavam os *Gallis*, os sacerdotes castrados de Cibele. "Pois eles insistem muito severa e cuidadosamente que se deve abster, como aqueles homens (os *Galli*) fazem, de relações sexuais com mulheres; seu comportamento por outro lado (...) é como o do castrado".[18] Hipólito indica que Naas era associada tanto com o adultério quanto com a homossexualidade, desde que foi dito à Serpente para ter relações com Eva e com Adão.[19] É portanto possível que os naasenos, que adoravam a Serpente, teriam praticado alguma forma de sexualidade depravada.

Gnosticismo e Homossexualidade pagã

Nos textos Nag Hammadi, têm-se de ler entre as linhas para se encontrar sugestões de homossexualidade. A *Paráfrase de Sem* fala

de Sodoma como o lugar de revelação do Espírito,[20] e o *Evangelho dos Egípcios* traça a origem da semente de Sete o Revelador até Sodoma e Gomorra.[21] O louvor constante da homossexualidade "espiritual" [androginia] como o estado "sexual" preferido além das diferenças de gênero, certamente faz a predisposição da prática homossexual entre alguns grupos radicais gnósticos uma possibilidade.

Epifânio, pai da igreja, que parece ter conhecido os grupos radicais gnósticos melhor do que qualquer um, sem dúvidas afirma a prática da sodomia em algumas expressões do gnosticismo.

> Estas pessoas [os caspocratas gnósticos] praticam tudo o que é ilegal e indizível, que não é certo mencionar, e todo tipo de ato homossexual e intercurso carnal com mulheres, com cada membro do corpo.[22]

Essa acusação ele também faz com respeito aos nicolaítas gnósticos[23] e os borboritas.[24]

A narrativa de Hipólito da adoção naasena e a espiritualização das perversões sexuais do culto da deusa Cibele ou Rhea mostra a que extensão o gnosticismo "cristão" era uma variante do paganismo não-cristão. Os especialistas gnósticos principais de uma geração atrás teriam concordado com isso.[25] A agenda teológica por trás dessa negação da sexualidade é a transformação da criação. Por meio dos mistérios da Grande Mãe revelados aos egípcios e aos frígios, estes então chamados gnósticos cristãos vêm a entender o "mistério universal", a saber, o que é verdade em todas as religiões, ou seja, "o processo de mudança é apresentado pelo inefável, inimaginável, inconcebível, ser sem forma que transforma a criação".[26] Pela perversão sexual pagã os gnósticos descobrem o divino, que é a incognoscível e inefável Força espiritual do monismo, e não o Criador e Redentor das Escrituras.

O exemplo de 1800 anos de idade de Hipólito ilumina nossa situação atual.[27] Muitos procuram recuperar a espiritualidade pagã da deusa para criar um Cristianismo com uma "nova aparência" em cadência com uma sociedade "ecofeminista" e pós-patriarcal. O Deus das Escrituras é trocado pelo espírito divino em todas as coisas.

Os pais da igreja viram a profunda lógica na ecologia desconstrucionista do gnosticismo com respeito à sexualidade. Devemos fazer o mesmo. A lógica constrói:

- a rejeição de Deus o Criador e o estabelecimento da independência humana;
- a denúncia da sexualidade criacional;
- uma elaboração de várias formas de androginia.

A Rejeição de Deus o Criador: Antes Autoridade Agora Patriarcado, Sempre Déspota

O sistema gnóstico alcança independência humana ao eliminar o Deus Criador, o assim chamado governador do mundo ou Arconte. A veemência da rejeição dessa antiga heresia é comparável à predominante rejeição feminista do mesmo Deus "patriarcal" do Antigo Testamento.[28] De fato, os paralelos são surpreendentes. O termo "patriarcado" é composto de duas palavras gregas – *pater* (pai) e *arconte* (autoridade-governador). Para os gnósticos antigos, a libertação vem quando alguém mostra a mão fechada contra o patri-arconte; para as feministas modernas, libertação vem pela rejeição do patriarc(onte)a. Hoje o grande "mal" do patriarcado é identificado como a estrutura pecaminosa que proíbe a verdadeira liberdade da humanidade. O gnosticismo identificou os arcontes (Deus e seus anjos) como o grande obstáculo para uma existência autêntica e livre do crente gnóstico, que "se levanta sozinho" (*monachos*)[29]. Este "levantar sozinho" ou autonomia (uma lei para si mesmo) produz um despotismo (dirigido por si mesmo).

Tal despotismo autônomo é uma rejeição antiga das estruturas criacionais do patriarcado. A eliminação tanto de Deus o Pai quanto da paternidade biológica e reprodução foi uma poderosa polêmica contra o patriarcado, exatamente como qualquer "discurso" feminista moderno.

Como um contraponto a este tema da "autarquia" (governo próprio) veio o tema do "super-homem" *(hyper anthropos).*[30] De acordo com o *Apócrifo de João,* Adão é superior ao Deus que o criou.[31] Superior ao Arconte macho, essa "criatura" pensa ser um "solitário", isto é, alguém que se levanta sozinho, que possui poder autônomo, relacionado somente ao deus desconhecido interior. Essa autonomia teológica fundamental deve ser entendida sexualmente.

A Condenação do Sexo Criacional: Maternidade Desprezada, Torta de Maçã Ameaçada

O *Evangelho de Tomás* toma o ensino de Jesus que coloca todos os relacionamentos familiares em *subordinação* à demanda eventual do reino de Deus, e faz dele um princípio gnóstico para a absoluta *rejeição* dos laços naturais de família.[32] O gnóstico é *monachos*, "alguém que se sustenta sozinho", com respeito à família e aos laços sexuais. Muitos afirmam que *Tomás* não é uma expressão radical do gnosticismo, mas, neste assunto, esse evangelho apócrifo é notavelmente extremo. No dito 105, Jesus ensina: "Aquele que se achega para com o pai e a mãe será chamado o filho de uma prostituta". No dito 101, o Jesus vivo nega qualquer valor aos pais e mães físicos, e opta por sua "mãe espiritual".[33]

O gnóstico *Apócrifo de João* ensina que a relação sexual é maligna: "até hoje o intercurso sexual continuou devido ao Primeiro Arconte".[34] O *Livro de Tomás o Contendor* ensina que relações sexuais produzem bestas, e que o eleito deve "abandonar a bestialidade".[35] "Ai daquele", o texto continua, "que ama relações sexuais com mulheres e pratica intercurso com elas".[36] No *Diálogo do Salvador*, Mateus lembra um dos mandamentos de Jesus: "Aniquilem as obras que pertencem à mulher [isto é, a gravidez] (...) para que [estas obras] possam parar".[37] O *Ensino Autoritativo* denigre o corpo: "o corpo veio do desejo sexual e o desejo sexual veio da (...) matéria".[38] *A paráfrase de Sem* fala da Natureza e sua "impura feminilidade", a "vagina negra" da Natureza",[39] e o "intercurso das Trevas" que será destruído no fim dos tempos". *Zostrianos* diz ao crente gnóstico: "Fuja da insanidades e algemas da feminilidade, e abrace em lugar dela a salvação da masculinidade".[40]

Essas citações, de uma grande variedade de documentos gnósticos, não são expressões de chauvinismo masculino (embora sem dúvida existisse um pouco disso) mas são condenações da ordem criada da heterossexualidade e da gravidez. Embora *aparentemente* derivando de um programa completamente diferente, o resultado final está em profundo acordo com a rejeição atual da heteropatriarquia, da maternidade, da família tradicional e da existência do direito ao aborto – porque eles fluem da mesma fonte espiritual.

Uma Elaboração da Androginia: Casamento Espiritual

Ao negar a sexualidade criacional, os gnósticos a substituíram por um novo tipo de sexualidade, simbolizada pelo sacramento da "Câmara Nupcial".[41] No santo matrimônio com o novo "Cristo", o crente gnóstico jura destruir tudo o que Deus criou. Em particular ele jura unir o que Deus separa e assim destruir o Criador com suas obras, em particular, a obra da sexualidade criada.

O *Evangelho de Filipe* identifica a distinção sexual como a causa da morte.

> Quando Eva ainda estava em Adão, a morte não existia. Quando ela se separou dele, a morte veio a existir. Se ela retornar para dentro novamente, obtendo sua forma anterior, a morte não mais existirá.[42]

Estabelecer essa inteireza é o motivo da vinda de Cristo. "Para este propósito, Cristo veio para reverter a divisão que era desde o começo e novamente unir os dois, e dar vida àqueles que morreram como resultado da divisão e uni-los. Mas a mulher é unida ao seu marido na câmara nupcial. De fato, aqueles que se uniram na câmara nunca mais se dividirão".[43]

Embora externamente menos radical, *O Evangelho de Tomás* é similarmente dirigido pelo ideal andrógino e a recusa da feminilidade e da maternidade. Sem dúvida representando o objetivo do evangelho, o último dito, o de número 114, esconde do crente a obtenção de um estado sem sexo ou andrógino.

> Simão Pedro lhes disse: "Maria deve ir embora, pois as mulheres não merecem a vida". Jesus disse, "Eu mesmo a conduzirei para fora, para que se torne homem, para que ela também venha a se tornar um espírito vivo que é como o de vocês homens. Pois cada mulher que se tornar homem entrará no reino dos céus".

O dito número 114 deve ser entendido à luz do dito 22: "Jesus lhes disse, 'Quando você faz dos dois um, e quando você fizer o interior como o exterior, e o exterior como o interior, e o superior como o inferior, e quando você fizer o macho e a fêmea um e o mesmo, para que o macho não seja macho e a fêmea não seja fêmea; (...) então você entrará [no reino]". Ambos os ditos sugerem a "neutralização"

da sexualidade pois o ideal para os gnósticos é se tornar sem sexo.[44] *Tomás* não é um ataque machista às mulheres, como Pagels vê.[45] É a rejeição da sexualidade criacional, uma recusa radical da diferenciação sexual, como apresentado na narrativa de Gênesis.[46]

Quando *Tomás* diz que as mulheres primeiro se tornarão homens para que então se tornem "espíritos vivos", ele está falando sobre uma "criação ao avesso", que desfaz a ordem original: da costela fêmea dentro do Adão macho, de volta para o "espírito vivo".[47] Assim as mulheres gnósticas se tornam "machos autônomos",[48] e junto com os machos, se tornam "espíritos vivos" além da diferenciação sexual. Nessa implosão da criação, os dois se tornam um pela destruição da diferenciação num retorno à unidade: o ideal monístico.

O Jesus vivo do *Evangelho de Tomás* declara que somente o "solitário [*monachos*] entrará na câmara nupcial".[49] Em outras palavras, somente seres igualitários autônomos podem encontrar a verdadeira espiritualidade. Esse ensino do Jesus de *Tomás* é claro em seu ensino a Salomé. Para ela ele declara ser aquele que "existe a partir do Todo (ou o não-Dividido)". Salomé responde com a confissão, "Eu sou sua discípula", ao que Jesus replica com uma afirmação do puro princípio gnóstico: se ele [o discípulo gnóstico] é [inteiro ou destruído], ele será preenchido com luz, mas se ele se tornar dividido, ele será preenchido com trevas".[50]

Salomé fez o que *Zostrianos* recomendava, como observado acima: "Fuja da insanidade e das algemas da feminilidade, e abrace em seu lugar a salvação da masculinidade".[51] Salomé é a discípula ideal, a liberada, autônoma, gnóstica igualitária, livre pelas distinções sexuais da criação original. "Levantando-se sozinha" ela se moveu para além da prisão de seu sexo. Ela se tornou espiritualmente andrógina.

Androginia: Super-homem/mulher: Nem Masculino, Nem Feminino, Muito pelo Contrário

O gnosticismo não foi simplesmente um movimento de liberdade sexual. Em um nível mais profundo, foi a introdução do pensamento monístico pagão a respeito de Deus no teísmo cristão. O notável erudito Giovanni Filoramo fala do "deus andrógino dos gnósticos", que expressa o "conceito de *coniunction oppositorum*, ou a união dos opostos, para incorporar a conquista de toda a dualidade".[52] Há muitos textos que retratam esse monismo

gnóstico.[53] Da mesma maneira, o feminismo contemporâneo não diz respeito somente à sexualidade. O novo feminismo religioso procura reduzir Deus o Pai a uma deidade andrógina bissexual imaginária ao "reintroduzir a imagem de Deus como feminino para completar a imagem masculina de Deus".[54] A androginia tem profundos significados religiosos, e os textos gnósticos tratam continuamente, mas de maneiras diferentes, desse tema misterioso. Em *On the Origin of the World*, Sofia (Sabedoria), usando de esperteza, leva a melhor sobre Jahweh e seus anjos ao criar um homem que instruiria as criaturas desprezíveis do deus que as criou (Jahweh) e assim escapar de suas garras. Após doze meses ela produziu um "homem andrógino (...) o qual os gregos chamam Hermafrodita". Ele deveria ser o "Mestre". Este "filho" de Sofia é chamado "a besta" por Jahweh e suas hostes, mas ele é "mais sábio do que todos eles".[55] Em outras palavras, Cristo, o filho andrógino, apareceu primeiro como o mestre-serpente de Gênesis 3.[56]

Nós já vimos em *Thunder, Perfect Mind* que a própria Sofia é um ser andrógino que une o masculino e o feminino – e tudo o mais também, incluindo a verdade e a iniqüidade. Essa é a perfeita expressão do monismo.[57] Observe como *Sofia* une não só os opostos da sexualidade, mas todos os aspectos da existência. A androginia é assim a expressão sexual de um programa profundamente religioso, que é o monismo pagão.

Sofia faz uma afirmação sexual ainda mais explícita sobre a androginia em um texto já citado, *Trimorphic Protennoia* [Protenóia de três formas].[58]

> Eu sou gynandrous (ou andrógina) [eu sou Mãe, eu sou] Pai desde que [eu] [tive um coito] comigo mesma. E [tenho coito] comigo mesma [e com aqueles que] me amam e eu sou a por quem o Todo [permanece]. Eu sou o útero [que dá forma] ao Todo ao dar à luz a Luz que [brilha na] glória.[59]

A androginia é assim o ideal, assim como na nova humanidade atual aquariana. Ao zombar do Deus que criou a heterossexualidade, os gnósticos propuseram opostos como um ato de desacato. A rebelião sexual no gnosticismo é completa – desde a negação da sexualidade e feminilidade, especialmente a gravidez e a maternidade (como parte das obras e ostentações do Arconte),[60] à licença heterossexual,[61] e mesmo, talvez à homossexualidade. A destruição da sexualidade criacional normativa tem como seu objetivo final a união dos opostos

na androginia, como *O Apocalipse de Tiago* tão eloqüentemente o coloca: "O perecível se tornou imperecível e o elemento feminino se uniu ao elemento masculino".[62] Esse é o retorno ao suposto estado original andrógino de Gênesis 1, onde Deus criou o Homem, macho e fêmea, um ser andrógino.[63]

Da Teoria para a Prática: O Lugar das Mulheres Gnósticas

Seja de forma extremada ou suave, a prática gnóstica é uma extensão lógica de sua teoria. Se cada gnóstico, macho ou fêmea, é autônomo, e se a sexualidade diferenciada é algo não-espiritual, então um igualitarismo radical é o resultado necessário. Se a hierarquia do gênero e a subordinação são os trabalhos malditos dos Arcontes maus, eles devem ser eliminados. Epifânio, um antigo mestre gnóstico, propõe um comunismo igualitário extremo .

> A justiça de Deus é uma comunhão com a igualdade, pois o céu, igualmente esticado por todos os lados como um círculo, abraça toda a terra (...) Deus não faz distinção entre (...) macho e fêmea (...) ele declarou a justiça como sendo a comunhão com a igualdade (...) que ele (o legislador judeu) tenha dito "não cobiçarás" é algo engraçado (...) que ele tenha dito "a esposa de seu próximo" é ainda mais engraçado, pois ele força o que era possessão comum a se tornar propriedade privada.[64]

A visão igualitariana dos sexos e da ética em geral, de acordo com Rudolf, leva os gnósticos a uma "inversão de valores" e à remoção das distinções terrenas.[65] Tertuliano denuncia uma forma muito menos extrema de rejeição das distinções que teve implicações práticas na vida da igreja:

> Eles defendem uma [eclesiástica] harmonia com tudo, sem distinção. Na verdade, ela [a harmonia] existe entre eles, embora eles sustentem doutrinas diferentes enquanto travam uma batalha comum contra uma coisa, a verdade [ortodoxia]. Eles são todos inchados, cheios de promessas do "conhecimento". Seus catecúmenos são perfeitos antes de serem ensinados. Mesmo a mulher herege (...) se atreve a ensinar, discutir, exorcizar, prometer curas e talvez também batizar.[66]

Os historiadores observam que as mulheres freqüentemente ocuparam posições de liderança como professoras e profetisas, ou tiveram um papel importante em cerimônias cúlticas.[67] O Marcos gnóstico praticava não somente a ordenação profética de mulheres, mas as tinha também como sacerdotisas.[68] A função autoritativa do professor é dada às mulheres pela inversão da narrativa de Gênesis onde Eva é representada como a professora de Adão.[69] É por isso que Paulo insiste em que a mulheres não deveriam ensinar os homens na Igreja?[70] Essa exegese invertida, colocada em prática no *Evangelho de Maria* de Nag Hammadi, instrui a Pedro e aos outros apóstolos com um conhecimento oculto do Senhor revelado somente a ela.[71] Maria se levanta e exige que todos louvem à grandeza do Senhor, pois ele "nos preparou [e] nos fez homens".[72] André identifica o que Maria diz como "idéias estranhas" (17:15), e Pedro não pode acreditar que o Senhor falaria em particular com uma mulher (17:19). Levi afirma que "o Salvador a conhece muito bem, por isso ele a amou mais do que a nós". Então Pedro implora a Maria para lhe dizer as palavras do Salvador, e Maria responde que revelará a Pedro o que estava escondido.[73] Nessa linha de gnosticismo, Cristo está edificando a sua igreja não em Pedro, mas em Maria Madalena.

Tanto Kurt Rudolf quanto Elaine Pagels, teólogos liberais e reconhecidos especialistas no campo do gnosticismo antigo, afirmam que a *prática* gnóstica era uma aplicação consistente da *teoria* gnóstica. "Muitos cristãos gnósticos", diz Pagels, "combinam suas descrições de Deus tanto em termos masculinos quanto femininos com uma descrição complementar da natureza humana (...) [e] geralmente tomam o princípio da igualdade entre homens e mulheres [com base na noção andrógina da criação] dentro das estruturas sociais e políticas de suas comunidades".[74] Rudolf argumenta que o domínio das deidades femininas na história gnóstica se traduz em poder religioso feminino nas igrejas gnósticas.[75] A mesma teoria gnóstica está de volta. Há alguma razão para estarmos surpresos que a prática gnóstica esteja de volta também?

Capítulo 14

A NOVA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL

Não existe ajuda vinda de dentro – sem o sobrenatural o natural é um poço de horror.

- John Updike[1]

No Começo Era a Experiência: Envolvido Pela Luz

"Qualquer coisa que o excite" expressa apropriadamente a moderna tolerância de experiência, em termos reminescentes de um usuário de droga LSD. As drogas acenderam as luzes das pessoas nos anos 60, e ainda fazem isso. De acordo com Marilyn Ferguson, ps pesquisadores podem produzir experiências místicas, quase que à vontade. Após se submeter a um "Aparelho de Indução ao Estado Alterado de Consciência" (em inglês, a sigla é ASCID – aparentemente o jogo de letras é intencional), uma cobaia humana voluntária descreve a viagem em termos apaixonantes:

> Havia uma tremenda explosão em câmera lenta e a energia se elevava e desaparecia por todos os lados e do ponto onde a luz desaparecia. Era incrível. Então o círculo crescia e crescia em

> proporções infinitas dentro de mim, e todo o som era branco. Era uma sinfonia silenciosa de Beethoven soando por todos os lugares (...). Eu me tornei enorme e transparente, cheio da luz e do fogo. E pensei: Meu Deus é um Deus de Amor e ele vive dentro de mim.[2]

Betty Eadie, autora de *Embraced by the Light* [Envolvida pela luz], agora um best-seller mesmo entre os cristãos, descreve sua experiência "de quase-morte" de maneira impressionantemente semelhante:

> Eu vi um ponto de luz a distância, (...) e me senti viajando (...) a uma velocidade ainda maior, correndo em direção a ela (...). à medida que me aproximava dela, percebi a figura de um homem [Jesus Cristo] de pé nela (...). Quanto mais perto eu chegava, mais a luz se tornava brilhante (...) indescritivelmente, muito mais brilhante do que o sol (...) uma brancura brilhante e magnificente que se estendia por uma certa distância. Eu senti a sua luz se misturando com a minha (...) E quando nossas luzes se misturaram, (...) eu senti uma explosão final de amor.[3]

Todos querem uma experiência como essa. Aparentemente, tanto os seguidores da Nova Era quanto os cristãos podem tê-la. Quem optaria pela *fé* se pudesse genuinamente ter um *conhecimento* como esse? O sentimento de voar através das nuvens em uma êxtase da explosão da mente, sem sombra de medo, em contato com Deus e nosso eu verdadeiro (...). Soa como o céu na terra. Se a fórmula pudesse ser engarrafada, as possibilidades de negócios explodiriam. Na verdade as pessoas têm feito isso. "Formule um desejo ao ver uma estrela" fez muito bem para Disney, mesmo se o Tinkerbell voador do Anaeheim esteja com sessenta e poucos anos. Com muito mais eficácia, o negócio bilionário das drogas alimenta "viajantes" famintos por uma fantasia com momentos passageiros de gloriosa felicidade. O verdadeiro, vendido pelos gurus, é muito melhor – e (quase) de graça. Só é necessário um pouco de trabalho, muito compromisso espiritual e 350 dólares por fim de semana.

Na nova religião *tudo* existe para criar essa experiência, como a ala feminista concede com uma clareza característica. "Mulheres Selvagens" falam da descoberta de uma "tradição espiritual como mulheres", que elas encontram / criam "em novas traduções, novas interpretações, nova linguagem (...) novos nomes do santo (...) expressos em uma vasta exibição de formas religiosas (...) [e] novas

imagens de Deus".[4] As idéias que já estudamos – a nova Bíblia e o novo método de estudo da Bíblia, a nova humanidade e o novo Deus – foram criados com base em uma nova experiência. Tudo produz um "novo paradigma teológico" que tanto cria quanto perpetua a experiência.[5] O novo paradigma conduz a uma "mudança de paradigma", um salto para uma nova percepção da realidade por causa de uma "nova experiência espiritual". Ao descrever pagãos antigos, David Wells observa que eles "partiam da base de suas *experiências* para entender o sobrenatural".[6] Assim também acontece com a busca religiosa de nosso mundo moderno. A *experiência* contemporânea de libertação é uma "revelação" e "verdadeiramente (...) redentiva".[7] Essa experiência é, em essência, uma redescoberta da espiritualidade do paganismo antigo, como uma irmã católica romana "gentil, sorridente e com cabelos brancos" explicou.

> A palavra [pagão] está tomando um novo significado, [está] sendo redimida (...) Não é a crença que condenamos no passado (...) Eu creio que isso é o que Jesus queria dizer (...) Nós *somos* parte da terra, e nós devemos trabalhar nossa evolução em novos seres em que devemos nos tornar, em harmonia com a terra.[8]

A experiência pessoal é elevada a um princípio filosófico formal pelos teóricos da bruxaria pagã: "A subjetividade, devemos saber, é o único estado de experiência no universo. O único estado do ser é quando o sujeito experimenta a si mesmo e o mundo, de dentro".[9] Todos os blocos se encaixam para fortalecer este "novo" modo de encontrar o divino, ainda que Jesus se torne um pagão. Porque, em nossos dias, assim como no auge do paganismo, a experiência é rainha.

O Apelo da Nova Experiência Religiosa
Realidade Espiritual Virtual

Irmã Madonna, uma freira feminista, vê a nova espiritualidade como criadora do mundo:

> O sinal da experiência religiosa final será certamente (...) seu poder em libertar energias espirituais verdadeiramente redentoras (...). Nesta Nova Fé "verdadeiramente católica" (...) a igreja

> desaparecerá, tornada desnecessária pela direta iluminação de "uma criativa Presença Espiritual que vem de *dentro* deles assim como do *além*."[10]

A irmã Madonna primeiramente rejeita "a espiritualidade deste 'falso deus' [Deus Pai da Bíblia]" que "criou o mundo em que vivemos (...) uma espiritualidade de um tipo diferente criará o mundo em que nós queremos viver".[11]

A autofocada experiência religiosa que salvará o mundo, vista à luz de suas raízes pagãs, é espantosa. Muitos modernos, ignorantes do passado, acham essa espiritualidade atraente. Os que nasceram na época do café e do purê de batatas instantâneos, do entretenimento instantâneo ao pressionar de um botão de um controle remoto e da satisfação instantânea na realidade virtual, acharão a espiritualidade extasiante da nova religião muito atrativa. Ainda mais, ela oferece sucesso imediato para os problemas de nosso mundo cheio de estresse.

Alguns entendidos da área de saúde prevêem a vinda da "Era da Ansiedade" – criada, ironicamente, pela "era da terapia". O Instituto Nacional da Saúde Mental estima que 24 milhões de pessoas sofrem de ansiedade e vêem nas técnicas espirituais mais novas, como a massagem e a ioga, maneiras significativas de evitar o "monstro do estresse".[12] A redução de estresse é poder. O poder faz de vítimas vencedores, e é, ao final, religioso. Poder religioso instantâneo é um produto de consumo que está sendo lançado agora.

A nova espiritualidade promete o apocalipse agora, êxtase agora – você pode ter isso tudo e pode ter agora mesmo. O prazer futuro saiu de moda com Woodstock e Roe *versus* Wade. No filme de TV *Thorn Birds [Pássaros Feridos*, no Brasil], todos concordam com a justificativa dada ao seu bispo pelo clérigo romano pego com as calças no joelho: "Eu nunca senti tanto êxtase como senti com ela".

O estudo de Roof sobre os *boomers* mostrou que somente quatro por cento eram ateus ou agnósticos. Esses produtos da revolução dos anos 60 não querem um estilo de vida sem um "símbolo transcendente", sem "uma 'sagrada cobertura'" que usa a terminologia sociológica.[13] A "geração eu" dos anos 60 encontra regeneração na nova espiritualidade, a qual um observador chama de "narcisismo transformado" pelo qual Deus e o eu se tornam intercambiáveis. Há "uma nova ênfase em Deus – [mas] como o 'eu acessível'". "A acessibilidade deve envolver modos alternativos de

experimentar o sagrado (...) [porque] cada um de nós acessa a Deus de forma diferente".[14] O envelope pró-escolha para a religião se expande para incluir o sincretismo e o politeísmo.

A perda da Fé Tradicional

Quando estudante, eu era irremediável em matemática e ciências. Eu continuo assim, como minha família pode confirmar. Há uma lei científica de que eu ainda me lembro, no entanto: a natureza abomina o vácuo. Parece que o espírito também. A perda da fé tradicional e a experiência religiosa cria um vácuo que faz da nova experiência religiosa algo atraente. O mundo oriental, que invadiu o Ocidente desde os anos 60, enche o vazio. Ele ensina que o mundo criado é uma ilusão. A sua expressão clássica é o hinduísmo,

> *Maya* é o poder de Deus, que cria a ilusão de um universo diferenciado e concebe a unidade divina por trás das aparências, enquanto a ignorância cria o aparente eu separado em nível individual.[15]

Isso é um monismo inalterado, que se encontra igualmente no feminismo moderno, na bruxaria e no pensamento "cristão" e pagão da Nova Era. Sua promessa brilhante, mas falsa, é reconectar nosso eu fragmentado com nosso eu superior e melhor e nos reconectar ao cosmos fragmentado. Esta é uma mistura emocionante para o espiritualmente sedento que perdeu a conexão com a fé tradicional.

Bruxas, Freiras, Gurus e Evangélicos

Se Deus não é uma realidade fora de nós mesmos, a boa-nova é: o único deus para se conhecer, a única vontade divina para se obedecer, o único imperativo espiritual para prestar atenção é encontrado dentro da alma humana. Afirmações claras dessa visão monística são abundantes, de todo o tipo de fontes disparatadas:

◈ **de proponentes pagãos modernos da bruxaria:**

A verdade é que "Deus" não está em um livro – "santo", dourado, ou qualquer outro. Deus não está em uma igreja, uma catedral, uma sinagoga, um mosteiro (...) Deus é o universo. Nós estamos agora mesmo vivendo dentro do corpo de Deus. Não há lugar para ir, nós já estamos lá. Não há para onde ir para sair de Deus; há somente

um esquecimento dessa verdade. É impossível não estar vivendo, agora mesmo e sempre, dentro do corpo de Deus. O que é possível é estar ciente ou não desse fato.[16]

◈ **de duas destacadas freiras católicas:**
Nós não podemos procurar Deus como um objeto separado de nosso mundo, fora de nossa experiência vivida (...) Deus é experimentado não tanto como um ser separado, mas Deus é sentido como a dimensão mais profunda de nosso ser. O que nós descobrimos não é Deus mas *nós mesmos (...)* O processo de autoconhecimento é o processo de conhecer a Deus.[17] Deus, que foi impresso em nossa mente como um absoluto transcendente, deve de alguma maneira ser recobrado em um epifania de imanência, de auto-revelação divina.[18]

◈ **de um seguidor liberal "cristão" da Nova Era:**
Desde que o inconsciente é Deus o tempo todo, nós podemos definir o objetivo do crescimento espiritual como sendo a ligação da divindade ao eu consciente. O indivíduo deve se tornar totalmente e holisticamente deus.[19]

◈ **de um seguidor "evangélico" da Nova Era:**
O próprio Deus Sagrado, Final, Verdadeiro está em todos os lugares, no cerne de tudo e em todos (incluindo a mim mesmo).[20]

A estrutura teórica da nova espiritualidade é a redução de Deus ao eu humano. A teoria nunca é neutra, e esta teoria tem como seu objetivo a salvação da humanidade e do planeta.

O Objetivo da Nova Experiência Religiosa

O objetivo da salvação contém vários aspectos – utopia, poder, conhecimento e transformação. Para entender o apelo e o trabalho dessa espiritualidade, é necessário compreender como esses aspectos funcionam no sistema.

Utopia:

A nova experiência religiosa é dirigida por um objetivo nobre, a erradicação da opressão e o estabelecimento de uma sociedade

humana justa. Quem nunca imaginou um futuro rosado e sossegado, sem medo, sem morte, sem inferno, sem choro, sem opressão, sem regras ou limites, sem o Imposto de Renda, sem limites de velocidade e sem seguro de saúde (ninguém nunca ficaria doente)? Mas cuidado. Pinóquio acreditou e se transformou em um jumento.

John Lennon nos pediu para imaginar um paraíso na terra sem céu ou inferno; esse é o refrão dos novos gurus ocidentais que crêem que a nova ordem mundial virá à medida que mais pessoas se interessarem pelo poder espiritual.

Poder: Mestres de Nosso Próprio Destino

Os gurus da nova experiência religiosa não fazem mistério sobre a tomada do poder: "Nós nos tornamos ou não, tudo o que podemos ser depende de nós. Oportunidades e facilidades nos têm sido dadas. Mas o domínio de nosso próprio destino também nos tem sido dado."[21]

Morrison dá o nome certo: " '*Domínio de nosso próprio destino.*' Aqui nós temos a origem de todo o ensino gnóstico – os parafusos e as porcas da 'Iniciação Satânica' que nossos primeiros pais receberam no Jardim do Éden".[22] O primeiro pecado, que determina todos os outros, é o desejo pela independência, a existência autônoma longe da palavra de Deus. O gosto pelo poder ilegítimo é intoxicante. Virginia Mollenkott diz:

> A espiritualidade se refere a nossas maneiras de crer, pertencer e responder ao poder e à presença da Divindade, Santidade e Poder Superior, Aquele Todo-inclusivo que nos conecta espiritualmente uns aos outros e com todo o ecossistema. A experiência de conectividade é muito energizante e entusiasmante para ser deixada por qualquer razão.[23]

Conhecimento: Você tem que Servir a Alguém

Poder é *conhecimento.* Conhecimento é poder. No final, Oppenheimer, o cientista que inventou a bomba atômica, era muito mais poderoso do que o governo norte-americano que pegou a bomba de suas mente e a lançou sobre Hiroshima. No Éden, Satanás oferece uma fonte de conhecimento alternativa, que lhes diz o que querem ouvir. Mas se Deus "realmente não disse", quem fala algo sábio?

Os gnósticos antigos tinham a resposta. A Serpente sussurra o conhecimento verdadeiro, o qual é inato ao coração humano. Você o encontra quando o busca interiormente. Essa fórmula antiga tem

um toque decididamente moderno. De fato "buscar no interior" é a grande descoberta da nova era, embora a nossa era tenha sido bem preparada. O influente psicólogo Carl Jung afirmava que "*o inconsciente é a única fonte acessível de experiência religiosa*".[24] Jung era um grande admirador dos gnósticos, e os seguiu até o ocultismo. Os gnósticos radicais criam que nem mesmo o eu é a fonte do conhecimento verdadeiro. Se Deus não fala sabedoria, então a serpente fala. A verdade é que quando as pessoas procuram dentro de si mesmas pela sabedoria, elas somente encontram a mentira diabólica. Como Bob Dylan cantou: "Você tem que servir alguém (...). Pode ser o Maligno ou pode ser o Senhor".

Este conhecimento oculto, obtido ao se buscar o interior e portanto ao se buscar a serpente, é proibido na Escritura.[25] O interesse renovado tanto na deusa, geralmente descrito como a serpente como na meditação hindu *kundalini*, que descreve a energia espiritual pessoal como uma serpente enrolada na base da espinha (ver a seguir), mostra quanto a fascinação pelo conhecimento diabólico tem retornado. Isso é particularmente evidente na "redescoberta" do xamanismo, a ciência de contato com o conhecimento espiritual.

Eu tenho em minha mesa uma brilhante revista chamada *Shaman's Drum: A Journal of Experimental Shamanism* [O tambor do Xamã: Um Jornal do Xamanismo Experimental]. O seu conselho editorial tem dezoito membros, catorze dos quais têm doutorado. Essa prática oculta antiga está fazendo sucesso no mundo acadêmico sofisticado da América "cristã". O xamanismo facilita o contato com o mundo do espírito, e a espiritualidade crescente é poder. Agora, o domínio do poder xamanístico do doutor-bruxo está disponível para todos – por uma pequena taxa (aceita-se cartões de crédito). Lazaris, guru da Nova Era e médium, promete um significativo retorno para seu investimento: "Poder Enfeitiçante: Empregando e Inscrevendo os Elementos" é o que seu dinheiro compra. A sua propaganda explica:

> Nós procuramos uma espiritualidade mais profunda e mais bonita (...). Conjurar poder, uma ferramenta antiga do xamanismo e xamã, um segredo antigo do místico e do mágico, é uma arte perdida nos dias de hoje. Isso parece muito estranho, muito "oculto" ou muito velho para muitos de nós. [Mas] Lazaris levantará a essência do que era e nos mostrará um incrível modo novo. Uma arte perdida pode se tornar uma nova ferramenta

> vibrante em nossa vida e em nosso mundo moderno onde a "prática está acabada".[26]

"A prática está acabada". A guerra começou. O poder oculto é nada menos do que a mentira sedutora da Serpente. A mentira se recusa a revelar às pessoas a verdade sobre elas mesmas, e se exibe, em particular, como conhecimento da deusa, que apresenta uma promessa reluzente de transformação pessoal.

> Xamanismo, inspiração, mistérios da bebedice, visão, loucura, êxtase conduzindo a expansões da consciência – estes são os processos de transformação da Deusa.[27]

Transformação: "Sem Medo"

Esse conhecimento oculto, proibido, não é uma fraca ilusão. O mal é difícil de explicar, mas ninguém tem dificuldade em entender a frase "o poder do mal". A *New Age Encyclopedia* [Enciclopédia da Nova Era] afirma que

> o movimento da Nova Era pode ser definido por sua experiência primordial de transformação (...). Ao experimentar uma transformação pessoal, os seguidores da Nova Era projetam a possibilidade de transformação, não somente de um número adicional de indivíduos, mas da cultura e da própria humanidade (...) [Isso também] tem se tornado um movimento para curar a terra.[28]

Rosemary Radford, uma feminista "cristã", lembra de seu "grande entusiasmo" quando um curso sobre religiões comparadas lhe deu uma "nova orientação" em direção a uma religião como uma "metáfora para a transformação interior" em lugar de uma verdade revelada.[29] O Cristianismo oferece transformação, mas *esta* transformação não é cristã. Foram as "religiões comparadas", isto é, o paganismo, que transformaram Ruether. "Você tem que servir a alguém!"

SEM MEDO!! dizem as camisetas e o os adesivos dos carros. Sem medo da vida, mas especialmente sem medo da morte. Na união com o Eu Superior e o mundo do espírito, a morte, o "monstro do estresse" final é relativizado. Como o pai no filme para crianças *Rei Leão* diz ao jovem filhote e futuro rei, assim como para milhões de americanos, a morte nem é algo amedrontador porque nós somos um com o processo evolucionário, doador da vida.

Deus mentiu. "Você não morrerá". Aqui está a promessa da Serpente sobre a vida eterna. "Coma e seus olhos se abrirão."[30] O conhecimento oculto é a transformação na imortalidade. Nesta versão, a morte não é "aguilhão" do "último inimigo".[31] Não há Inferno. A morte não é a separação eterna de Deus. É sim o "estado final de crescimento (...) o reavivamento do Eu Verdadeiro para uma realidade superior". Assim diz Elisabeth Kübler-Ross, com o auxílio de seu espírito-guia, Salem.[32] Muitos livros sobre experiências de quase-morte, incluindo versões cristãs,[33] descrevem a morte como uma experiência maravilhosa de paz, alegria e luz. Nós não precisamos mais de John Lennon para nos ajudar a imaginar a ausência do Inferno. Experiências de quase-morte provam que há somente amor e luz.

Você não precisa esperar pela morte. A imortalidade está disponível agora, em momentos extáticos do espírito puro. Elizabeth Clare Prophet, uma professora "cristã da Nova Era" de Montana diz,

> Você pode orar, meditar, contatar Deus. O Deus de muitos deuses está dentro de você. Você pode fazer contato se você desejar (...) Jesus é a porta aberta para a consciência do Cristo individual – o reino de Deus que está, mesmo agora, dentro de você.[34]

Como a *auto*transformação inclui a transformação da humanidade e do planeta, o narcisismo espiritual se torna altruísmo. A meditação no eu é altuísta. Não somente elimina o estresse, mas salva a terra. Tal é a promessa e função da nova espiritualidade, mas como ela é praticada?

A Prática da Nova Espiritualidade

Assim como a maioria das experiências humanas (com exceção da cadeira de dentista), a nova Espiritualidade é tanto comunal quanto individual. Geralmente a comunidade inicia as pessoas nos métodos secretos que elas usarão para avanço espiritual pessoal. Assim como a verdadeira espiritualidade afirma tanto a "comunhão dos santos" na igreja e a devoção pessoal ao Senhor, assim a falsa espiritualidade tem suas "igrejas" e seus "momentos de silêncio".

Ísis Visita Chicago

Eu dei um jeito de encontrar uma cadeira no canto esquerdo do fundo da sala, longe da porta, e comecei a pensar se minha coragem havia excedido a minha sabedoria. Como um observador no *Parlamento das Religiões do Mundo*, eu julguei importante observar o máximo que pudesse; então, ali estava eu em uma sessão/apresentação da Irmandade de Ísis, um avivamento moderno do culto egípcio à deusa Ísis. Uma frágil, mas intensa sacerdotisa da Inglaterra, com a tez pálida – talvez em função da entristecedora chuva da Inglaterra – agora resplandecente de branco, começou a recontar o mito de Ísis e seu consorte Osíris, como registrado no texto antigo *O Asno Dourado*. De repente ela entrou em um transe extático e falou, com poderosos tons gemidos, uma revelação em nome de Ísis. Todos então se deram as mãos (eu permaneci parado em meu canto, tentando olhar discretamente) no círculo da vida, inspirando e expirando profundamente. Foi então a vez de um jovem americano negro bem à minha frente a entrar no estado semelhante de transe e expressar sua devoção à deusa. Todos olharam para ele (e muitos para mim!). Felizmente ele foi seguido por um sacerdote japonês de Ísis fazendo o mesmo do outro lado da sala. Eu me belisquei, lembrando que estávamos no luxuoso Palmer House no centro de Chicago em 1993. Dei um jeito de sair antes que a sessão passasse da "primeira câmara", aberta para o mundo, para a "segunda câmara" que era somente para iniciados de Ísis.

Um elaborado processo, a iniciação, inclui a criação de novas histórias e novos rituais, a aceitação do politeísmo, e leva a uma experiência de conscientização que pode somente ser chamada de uma "conversão".

▶ Novas Histórias:

Mesmo a experiência pagã moderna requer histórias ou mitos para criar um contexto no qual a iniciação espiritual acontece. Alguns dos número do exemplos dados abaixo vêm do feminismo religioso radical. É assim por inúmeras razões: o feminismo fornece um encontro com a nova espiritualidade; o feminismo é um veículo especialmente poderoso para a introdução do paganismo na igreja por causa de sua crença na igualdade entre homens e mulheres; os profetas da Nova Era declaram a Idade de Aquários como sendo a era da experiência/intuição feminista, então não é uma surpresa

que as mulheres estejam liderando a cruzada para criar novas imagens. De fato, as feministas radicais afirmam um conhecimento especial; a 'consciência feminista' delas é um tipo de *gnose*, que as capacita pela primeira vez a revelar a verdade sobre os relacionamentos entre homens e mulheres;[35] as próprias feministas afirmam com alegria a liderança da nova religião;

▶ As Novas e Longas Histórias das Mulheres

Como poucos, as feministas reconhecem a importância dos novos mitos, e estão dedicando uma grande energia para criá-los. As mulheres estão "renomeando", "re-imaginando" o mundo numa perspectiva feminista. Deus, o Pai "masculino" é "exorcizado" para que a deusa tome seu lugar. A linguagem é forte, assim como o programa. Uma "transformação radical" leva as Escrituras até o nível das atitudes feministas, e dá voz às mulheres. Mulheres são encorajadas a escrever histórias bíblicas apócrifas com mulheres como heroínas nas histórias – é isso mesmo, é só inventar histórias![36] Gênesis é re-interpretado para elevar Eva ao nível de heroína, e a Serpente é celebrada como a verdadeira instrutora da sabedoria (ver capítulo 8). A criação inclui a misteriosa Lilith, conhecida nas Escrituras como "bruxa da noite" mas agora re-interpretada como o superego de Eva, que vem a ela na Serpente e a liberta do controle de Adão e de Deus.[37] As notas de um programa de uma recente conferência "cristã" convida os conferencistas a criar um novo mundo simbólico:

> JUNTAS – combinando um texto antigo e sonhos modernos (...) dança, drama e ritual, nós afastaremos uma cortina fabricada pela consciência patriarcal para revelar dentro de cada uma de nós a Deusa e a Mulher Selvagem.
> JUNTAS nós ajustaremos contas com Seu lado escuro e honraremos Seu lado brilhante. Relacionando-nos, nós canalizaremos Sua energia para dentro de nossa alma e celebraremos Seu retorno para nossa vida.[38]

Os produtos de tal re-imaginação "cristã" são geralmente expressões do paganismo radical. O seguinte é um exemplo típico, uma oração em forma poética à deusa desconhecida, sugerida como material para a renovação da adoração feminista cristã:

> Senhora, a deusa desconhecida, nós temos orado por muito tempo somente a Jahweh o deus trovão. Agora nós devemos orar para você novamente, deusa de mil nomes e faces, Ceres, Vênus, Demeter, Ísis, Diana Rainha dos Céus, seja por qual nome você possa ser conhecida.[39]

Esse ritual poético, que invoca muitas deusas, não foi composto "primariamente para mulheres que saíram das estruturas da Igreja cristã", diz o ministro anglicano William Oddie. Ele está publicado em um livro que tem como finalidade criar "materiais para oração, meditação e adoração tirados das experiências sagradas das mulheres para fornecer meios de *enriquecer a tradição cristã"*. Este material é oferecido, por mulheres com credenciais de "instituições" impecáveis (cristãs), como "um excelente material para qualquer congregação que deseja empreender a difícil tarefa de mudar a imagem de Deus em sua liturgia".[40]

Rosemary Radford Ruether oferece a nova linha clássica feminista: "Essas novas histórias não repudiam necessariamente as velhas histórias, mas elas podem nos ajudar a reconceitualizá-las".[41] Feministas presbiterianas e metodistas disseram o mesmo quando adoraram a deusa Sofia em Minneapolis em 1993. Um novo livro sobre adoração feminista experimental, da mesma perspectiva radical da *Conferência RE-Imaginando*, afirma somente estarem "revitalizando expressões litúrgicas tradicionais".[42] Mas como esse poema deixa tão claro, tal re-imaginação não estava enriquecendo a conceitualização cristã. Como a maior parte das expressões dessa nova espiritualidade, foi um exercício de um inalterado politeísmo pagão. Quando alguém une o monismo ao teísmo, o monismo vence sempre, pois o Deus do céu e da terra não compartilhará sua glória com nenhum outro.

O exagero eletrônico dos luminosos de Las Vegas e seus cassinos gigantescos desorientam a mente. Em sua atmosfera brilhante de contos de fada, de diversão constante e da luz do dia mesmo à noite, as pessoas se desequilibram. Gastar dinheiro ganho com suor apostando nas mesas da sorte se torna algo estranhamente comum.

Tal é a função das novas histórias. A nova religião procura tornar suas construções perfeitamente criveis, e tudo que vem antes dela é um pesadelo. Essa é a primeira fase da alteração da consciência. Entre na cintilante casa dos deuses, e você será levado para a iniciação oculta, feliz em deixar o dinheiro ganho com o suor da verdade revelada e a rica experiência da sabedoria criacional.[43]

▶ Paganismo Sincretista

Lá estavam eles na cerimônia de abertura – o distinto e grisalho professor protestante de teologia de um famoso seminário com seu robe preto de doutor com dragonas azuis; ; o cardeal romano, resplendente com a roupa de cor púrpura de arcebispo; o monge budista com a cabeça raspada e uma túnica amarela; a sumo sacerdotisa da irmandade de Ísis em um robe branco e um chapéu alto e fino; o guru hindu barbudo vestido em tonalidade laranja e marrom; a irmã jainista vestindo uma máscara de pano de saco para evitar engolir um mosquito – uma visão colorida da diversidade religiosa global. Uma clériga batista norte-americana pediu para que formassem um círculo; um projeto de seminário intercrenças era anunciado; uma outra mulher que conduzia a discussão, se apresentou como uma "bruxa hindu judia com formação bahai quacre".

O princípio que levou seis mil delegados de 150 religiões ao *Parlamento das Religiões do Mundo* em 1993 foi que a espiritualidade de todas as religiões é a mesma. No final, é verdade. Todas as religiões adoravam a criatura em lugar do Criador. Teólogos no Concílio Mundial de Igrejas declaram agora a era do diálogo terminada e a época da participação mútua na religião pagã como sendo a ordem do dia.[44] É irônico que "cristãos" que rejeitaram a espiritualidade da ortodoxia, finalmente se virem para a espiritualidade do paganismo. Rosemary Radford Ruether adota a espiritualidade da criação pagã de Fox, o eu superior, a cura psíquica, a meditação nos chakra e os exercícios hatha ioga.[45] Virginia Mollenkott, que se interessava por práticas pagãs da Nova Era sugere que as pessoas que estão insatisfeitas com a espiritualidade ortodoxa considerem "a união a um grupo de espiritualidade alternativa, um encontro de bruxas, um grupo de estudo de *A Course in Miracles* [Um curso sobre milagres] ou um grupo dos doze passos".[46] A espiritualidade sincretista está no ar. Observadores da busca espiritual dos anos 60 esperavam por isso:

> interesse pelo oculto, pela mágica, pela vida extraterrestre, pela Índia hindu e pelo Japão budista, pela China demonizada, pela feitiçaria, por novas formas de vida familiar múltipla, por comunidades, por "novas religiões" e por muitos outros estilos de vida alternativos e sistemas de significado que eram até agora estranhos.[47]

Eles podem não ter entendido sua subjacente coerência pagã, que agora começa a se manifestar. Feministas que buscam fazer

adições criativas à tradição cristã encontram-se a si mesmas envolvidas até o pescoço em práticas pagãs. Virginia Mollenkott "imaginou" a adoração como "inter-religiosa", sem abandonar a "Cristo" desde que o "termo provou ser aceitável às pessoas de muitas outras tradições religiosas".[48] Mas no sincretismo o Cristo das Escrituras já era!

▶ Novos Rituais

Novas histórias e abertura à espiritualidade de outras religiões produzem novos rituais. Miriam Starhawk, que ensina junto com o ex-dominicano, agora episcopal, Matthew Fox, é uma bruxa pagã adoradora da deusa. Seu livro, *Spiral Dance* [Dança espiral], contém uma descrição de um ritual *wiccan*, definido como quatro proce-dimentos: 1) relaxamento, 2) concentração, 3) visualização e 4) projeção ou manifestação.[49] Esses estágios são os objetivos dos rituais wiccan, designadas para criar estados alterados da mente e para praticar a magia. As bruxas lançam um "círculo sagrado" para criar um "espaço sagrado" ou um "templo portátil" para os procedimentos. Então eles vão para o "centro" ou "centralizam a energia", para informar as "forças do universo" que elas estão sendo chamadas. Isso é seguido pelo "elevar da energia", conduzindo-a da terra através de uma "meditação guiada", dança ou gritos. Mais tarde, a "energia" é "dirigida" por meio de um "cone de poder" para o "objeto mágico".[50] Essa bruxaria pagã é um aspecto importante de muito do feminismo religioso radical contemporâneo.

Devemos observar no próximo capítulo que os gnósticos antigos freqüentavam os cultos de mistério para compartilhar dos rituais pagãos e descobrir a experiência pagã da espiritualidade. Nós observamos o mesmo fenômeno hoje. Um importante exemplo vem da casa publicadora presbiteriana, a Westminster/John Knox. Em um livro intitulado *Women at Worship* [Mulheres na adoração] (1993) duas teólogas cristãs, Marjorie Procter-Smith, professora adjunta de Adoração na Escola de Teologia Perkins da Universidade Metodista do Sul, e Janet T. Walton, professora adjunta de Adoração do Seminário Teológico Union em Nova York oferecem "vislumbres da mudança de cena das mulheres na adoração" que estão afirmando uma "autoridade ritual".[51] Elas propõem à igreja, e às mulheres em particular, seleções de liturgias do judaísmo radical e do Cristianismo assim como dos rituais animistas pagãos e africanos "para o aprendizado de uma nova

linguagem ritual".[52] Antigos "cristãos" gnósticos, que participavam de cultos pagãos em busca de lições espiritualistas mais profundas claramente não é somente uma lembrança de passado.

O artigo de Wendy Hunter Roberts, uma "pagã (unitariana) universalista", intitulado: "Em nome dela: Em Busca de uma Teologia Feminista do Ritual Pagão", atrai a atenção do leitor. O ritual acontece à noite em Samhain, a clássica celebração wiccan do solstício de inverno, e começa com o lançamento do círculo sagrado e a invocação do deus e da deusa por meio do canto repetitivo:

> Mágica, mágica em todo lugar, na terra e no ar,
> Como manter a mágica aqui?
> Como elevá e trazê-la para baixo?

Então um sacerdote "invoca a Deusa (...) nas sacerdotisas", e as sacerdotisas "invocam o Senhor do Submundo para dentro de um sacerdote",[53] seguido pelas boas-vindas dos "mortos amados" – Martin Luther King Junior, Gandhi, Crooked Fox Woman, Elizabeth Cady Stanton (Criadora da *Women's Bible* [A bíblia das mulheres], 1895), Margaret Sanger (fundadora da Paternidade Planejada), e outros personagens. Roberts observa que somente um grupo de iniciados pode entrar no "santo dos santos", pois o sistema do símbolo é "sexualmente explicito" e "dá honras às trevas e à morte", "nascimento e luz", e "bem e mal".

No momento da oração, Roberts "clama por proteção dos povos da Deusa da ira dos fundamentalistas de direita e seu Deus",[54] mas relembra que, embora no passado "os errantes patriarcas" destruíram os templos e difamaram a Deusa, há grande esperança no presente. "Agora estamos retornando."[55]

Esses pagãos estão voltando para dentro da igreja também, como o aparecimento desse artigo da publicadora de uma grande denominação testifica. Para muitas feministas "cristãs", uma forma cristianizada de bruxaria caracteriza seus novos rituais, como Donna Steichen demonstrou para a Igreja Católica Romana. Ela mostra como as freiras estão agora envolvidas com leitura dos cristais, sonhos, cartas de tarô, e outras técnicas da Nova Era para sua busca espiritual.[56]

Essas técnicas podem ser lidas nas entrelinhas das liturgias praticadas na igreja de mulheres de Ruether. Em "O ritual revelado para uma lésbica", que é descrito como "novo nascimento", a lésbica louva a deusa Sofia:

> Foi a [Dama] Sabedoria que me deu um conhecimento verdadeiro de tudo o que há, quem me ensinou a estrutura do mundo e as propriedades dos elementos, o começo, o fim e o meio dos tempos, a alternação dos solstícios e a sucessão das estações, a revolução do ano e a posição das estrelas, a natureza dos animais e os instintos das bestas selvagens, a variedade de plantas e as propriedades medicinais das raízes. Tudo que está escondido, tudo que é puro, eu vim a conhecer instruída pela Sabedoria que projetou tudo isso.[57]

Todos os temas que se encontram nessa oração – conhecimento dos elementos, astrologia, animais, remédios à base de ervas, e a junção dos opostos – são encontrados na bruxaria, na qual a manipulação dos elementos é conhecida como a "Arte".

▶ Êxtase comunitário

Histórias, rituais e bruxaria produzem um êxtase comunitário. Na "primeira sala" o grupo de Ísis do *Parlamento das religiões do Mundo* já tinha alcançado níveis de êxtase espiritual que me levaram a sair dali. Um outro grupo que estava estudando novos rituais feministas insistiram para que as portas fossem fechadas. Eu saí dessa sala bem na hora. Ruether descreve o que acontece ao longo dos rituais:

> O despertar geralmente ocorre mediante experiências místicas na natureza ou com outras mulheres (...). O despertar implica a habilidade de conhecer ou ver dentro de si mesmo, uma vez que o sono é recusado (...). Para as mulheres, o despertar é (...) uma obtenção de poder (...) é uma ligação de individualidade nos poderes do ser.[58]

> Confie em si mesma, creia em si mesma. Leve essa energia mais e mais, por meio de suas raízes, para dentro de seu corpo. Deixe-a entrar através das solas de seus pés, por todo o corpo, até as pontas dos dedos. Essa energia pode lidar com qualquer coisa que vem até você. Tudo o que você precisa fazer é invocá-la. Sinta o poder dessa energia. Agora permita que essa energia envolva sua coluna vertebral, subindo (...) e então deixe a energia florescer de sua cabeça como galhos (...) Sinta sua conexão com outras mulheres no círculo (...) Esteja ciente que este círculo não está completo sem a sua energia.[59]

A experiência espiritual do poder conjunto une as pessoas, e produz conversão ou despertar ou estados alterados da consciência. "Uma vez que o indivíduo feminista passou pelo processo conhecido como 'conscientização'" diz Oddie, "particularmente ao freqüentar os grupos de mulheres cujo propósito é produzir e manter este efeito psicológico, não é meramente seu entendimento dos relacionamentos sociais que mudou, mas toda sua percepção da realidade. Ele passou por um tipo de *metanoia*, ou conversão".[60] As próprias feministas falam de "uma *conversão* a uma imagem matriarcal".[61] O poder do grupo é ingrediente essencial, mas a nova espiritualidade deve também ser um encontro pessoal e individual com a Unidade Cósmica. Isso produz oponentes formidavelmente energizados contra a fé cristã tradicional.

A pagã Roberts descreve o cerne do ritual da deusa pagã. Quando tudo está pronto, a deusa Hekate entra no círculo. A sua presença produz cura. Roberts descreve a experiência: "Eu coloco a minha cabeça em seu colo (...). Um urro se forma em minha barriga, pega em minha garganta, então rasga o seu caminho através de minhas cordas vocais. Eu sinto o aperto me deixando (...). Eu estou livre".[62]

A Experiência Individual da Nova Espiritualidade: O Cerne da Questão: Uma Experiência Não-Racional

Phil Jackson, treinador da NBA nos anos de 1995 e 1996 redescobriu a sua fé ao unir o movimento zen-budista com o Cristianismo carismático de sua juventude. Em seu livro, *Sacre Hoop* [Anéis sagrados], ele diz que o zen limpou a sua mente de toda interferência das orações cristãs e dos versículos bíblicos, alojados em seu cérebro desde a infância. Com essa nova descoberta da "iluminação intuitiva da mente e do espírito por meio da meditação", seu coração está aberto novamente.[63] Ele ensina esses princípios de vitória a Michael Jordan, Scotty Pippen e Dennis Rodman. A fórmula funciona.

Você já ouviu falar de um católico romano carismático místico hindu? Aqui está o testemunho de um deles a respeito de seu desapontamento com as formas tradicionais de devoção cristã:

> Eu comecei a achar a oração mental (meditação divagante) completamente improdutiva, e assim (...) parei de refletir nas Escrituras durante a oração (...) [que era] um imenso obstáculo para que eu experimentasse a Deus (...). Somente a passividade

> total da experiência kundalini traz a serenidade. Somente então, também, há um sentido da presença de Deus.[64]

Na nova forma descoberta de meditação "cristã" do tipo oriental, que procura entender o Verdadeiro Eu, o "Eu sou", "há um retorno à experiência cósmica da Grande Mãe, à medida que o 'eu' agora aprecia as energias da Base Dinâmica interior".[65] "Kundalini desmantela os mecanismos de defesa (...). Assim aberto à Base Dinâmica, o Ego fica desorientado e finalmente deixa suas amarras conceituais".[66]

O que é particularmente cristão nesse tipo de meditação?[67] Deepak Chopra, um médico hindu e bem-sucedido guru da Nova Era nos EUA, descreve sua experiência supra-racional de uma maneira semelhante. Na meditação, o eu superior está "em contato com o cosmos e o ser puro, além das fronteiras do pensamento racional e de todas as distinções que se originam no nada e retornam para lá".[68]

Essa experiência espiritual não-conceitual leva muitos ao aprisionamento dos espíritos, pois as bruxas têm uma espiritualidade muito semelhante, e isso indica que não se está sozinho no cosmos. Ouça um cântico wiccan:

> Conheça o mistério que aquela que se procura, não se encontra dentro de ti, tu nunca a encontrarás sem ti (...) Pois eu tenho estado contigo desde o Início. E eu te espero lá agora. Louvada Seja.[69]

Quem é o "eu" que tem estado lá desde o começo? Os canalizadores da Nova Era indicam que "entrando no interior" por intermédio da suspensão do pensamento racional é o meio perfeito para a posse do espírito. As entidades espirituais, falando através de Ken Carey, tornam suas vontades conhecidas:

> Somos incapazes de ter comunhão com humanos cujo campo de vibração esteja destorcido pelos fatores do ego, campos emocionais, conceitualização excessiva, ou orientação passado-futuro.[70]

Eles preferem mentes bem limpas de qualquer pensamento racional. Lá, na promessa vazia da iluminação, eles fazem morada. A mente que faz distinções entre certo e errado, verdadeiro e falso, bom e mal tem produzido confusão; somente uma nova espiritualidade racional nos salvará.

Meditação

A peça central da nova espiritualidade é a meditação, a autodisciplina individual que permite acesso ao oculto domínio do poder espiritual e libertação por meio das antigas técnicas da prática hindu. Ainda que o efeito das drogas atinja o mesmo resultado, a meditação passiva é menos prejudicial ao corpo. As bruxas modernas Sjoo e Mor unem a lua, o êxtase sexual [kundalini] e soma (uma droga indiana forte), mas o objetivo é o mesmo – alcançar "o centro imóvel de todos".[71] A meditação silencia a mente, permitindo que a alma escape do corpo e se torne uma com o universo. Deepak Chopra descreve a experiência como a libertação de uma prisão do tempo e do espaço (o corpo) e o passar para o conhecimento de que "você é infinito e sem limites".[72]

Para entrar em contato com uma "realidade sem limites" várias técnicas são usadas: *mantras* repetitivos (frases religiosas tais como "aum"), estímulos visuais tais como cristais, ou a meditação no chakra, que identifica sete pontos ascendentes de energia dentro do corpo, começando com a base chakra no final da espinha e subindo ao ponto acima da cabeça. Nesse ponto, a alma experimenta unidade com o todo, com Tudo no inteiro círculo da realidade cósmica, e foi alcançado o senso de tempo infinito, poder total e libertação e imortalidade gloriosa.

Chopra diz:

> Eu (...) experimento uma quietude completa onde eu sou um campo ilimitado, incondicional, onipresente de consciência que transcende o espaço e o tempo (...). Um nível de ser (...) [no qual] você está em contato com o computador cósmico (...). [A meditação] leva uma pessoa ao nível do espírito além da mente (...).Você na verdade tem o conhecimento direto que de você não está em seu corpo e você não está em sua mente: você está muito além de ambos.[73]

A deusa Lua da bruxaria oferece um sabor da imortalidade em uma experiência "mágica" da união dos opostos, que cria, assim como a experiência de Chopra, um senso de unidade com o todo:

> A imortalidade prometida pela deusa Lua (...) é a *união dos opostos* dentro da psique que traz libertação do poder final da morte, que permite à consciência pulsar de uma dimensão para outra no campo cósmico [ênfase minha].[74]

Mollenkott chama a sua experiência de iluminação

> um "instante santo" distinto [uma noção tomada do livro *A Course in Miracles* [Um curso em milagres], como ela admite] (...). Como meu Irmão mais velho, Jesus, eu sou um Eu sem pecado viajando através da eternidade e temporariamente tendo experiências humanas em um corpo conhecido como Virginia Ramey Mollenkott (...). Talvez meu Eu tenha estado na terra em outros corpos, talvez não.[75]

Novamente, há uma noção *inerrante* da unidade "natural" da humanidade com o Todo divino, destravados pelos dualísticos conceitos divisivos do pecado e da morte.[76]

A meditação funciona? É claro que sim. Seria um erro pensar que as pessoas estão meramente olhando para o próprio umbigo e se iludindo ao pensar que seu umbigo é o próprio centro do universo. Há um poder oculto lá fora, e pode dar um sentido defeituoso de bem-estar. Quando as pessoas falam da "alteração da consciência" ou "conversão", elas tiveram experiências profundas de poder espiritual. Elas foram lavadas às vezes com ódio, cheios com poder, e a vida dela não será mais a mesma. Lazaris oferece um curso intensivo de três dias intitulado "Além da Ponte da Crença: Alcançando uma Mudança Permanente". Ele se vangloria do poder para separar as pessoas de seus sistemas de crença do passado e as abrir para criar "um presente mais bonito e um futuro mais incrível (...) de possibilidades ilimitadas". "De muitas maneiras", ele declara, "nós já atingimos uma mudança permanente. *A metafísica funciona* [ênfase minha]."[77]

Sexualidade e a Nova Espiritualidade

Sexo e a Mulher Espiritual

Por que duas mil mulheres, em sua maioria de meia-idade, de classe média, pertencentes às principais denominações cristãs terminam sua conferência sobre espiritualidade imaginativa abençoando o leite e o mel de um tipo de Ceia da Senhora, com um hino à deusa que se aproxima da pornografia homossexual? Leia e confira:

> Sofia nossa criadora, nós somos mulheres à sua imagem;
> com o sangue quente de nosso útero nós damos forma à nova vida.
> Com a coragem de nossas convicções nós derramamos o sangue da vida pela justiça [uma referência ao aborto?];

Sofia nossa Mãe, nós somos mulheres à sua imagem;
com o leite de nossas mamas nós amamentamos as crianças;
com o conhecimento de nosso coração nós alimentamos a humanidade;
Nossa doce Sofia, somos mulheres à sua imagem;
com o néctar entre nossas coxas nós convidamos um amante, com o nascimento uma criança:
com os fluidos quentes do corpo nós lembramos ao mundo de seus prazeres e sensações;
Nossa guia, Sofia, nós somos mulheres à sua imagem:
com um beijo de nossa boca úmida nós apagamos uma lágrima, nós sorrimos encorajando:
com o mel da sabedoria em nossa boca, nós profetizamos uma completa humanidade para todos os povos;
Nós celebramos a vida sensual que você nos deu:
nós celebramos o suor que escorre de nós quando em trabalho de parto:
nós celebramos as pontas dos dedos vibrando a pele de um amante.
Nós celebramos a língua que lambe uma ferida ou umidece nossos lábios:
nós celebramos nossa corporalidade, nosso físico, a sensação de prazer, nossa unidade com a terra e com a água.[78]

Conquanto a Bíblia alegremente celebre a sexualidade dentro do casamento, não há absolutamente nenhum equivalente disso nas Escrituras hebraicas ou cristãs como uma descrição de Deus, assim isso é "imaginação" com um "i" maiúsculo. Como pessoas aparentemente equilibradas podem ir a tais extremos? Como Donna Steichen mostrou, os protestantes "descobriram" esse tipo de espiritualidade somente porque grupos ortodoxos nas igrejas presbiterianas e metodistas sopraram o apito.[79] Mas tem sido uma característica de grupos religiosos feministas desde o começo dos anos 80.[80] Por algum tempo Matthew Fox tem defendido a sexualidade, e em particular, a homossexualidade, como uma adoração prazerosa.[81] Para Fox, "não pode haver renascença sem um despertar sexual místico". Numa prosa digna de D. H. Lawrence, esse teólogos da "espiritulidade da criação" acrescentam: "Camas de amor são altares. As pessoas são templos encontrando os templos (...). Asas de Querubins e Serafins batem com gemidos e paixões de amantes humanos".[82] Alguém disse que quando as camas se tornam altares, os altares rapidamente se

tornam camas, assim como as orgias pagãs antigas facilmente ilustram esse fato. Mas essas noções estão voltando à sociedade americana contemporânea e à igreja. A bruxa moderna Miriam Starhawk, falando em nome da deusa, diz: "*Todos os atos de amor e prazer são meus rituais*".[83] O livro de Virginia Mollenkott, *Sensuous Spirituality* [Espiritualidade sensual], defende a espiritualidade da expressão sexual ilegítima, enquanto vários palestrantes na *Conferência RE-Imaginando* em Minneapolis defendiam sexo para crianças e o sexo como uma diversão entre amigos como normativo e saudável. Esses exemplos são somente a ponta do *iceberg*, um tipo de justificação religiosa-teológica para a liberação sexual dos anos 60, e isso continua. Embora a igreja Presbiteriana Americana em sua Assembléia Geral de 1994 tenha denunciado a *Re-imaginando*, uma conferência similar em junho de 1994, na Catedral Episcopal da Graça em San Francisco soou a mesma nota, quando conferencistas foram orientados a "descobrir e cultivar o Eros sagrado em todas as suas conexões de êxtase".[84]

Nós alcançamos uma época em que as "vãs imaginações do bárbaro" são mascaradas como sabedoria divina no templo de Deus. Uma sexualidade perversa do êxtase sempre foi parte da espiritualidade pagã. Na bruxaria pagã antiga, como os adeptos modernos reconhecem, "a mágica sexual era praticada, não por razões de fertilidade, mas para autotranscendência extática, uma fusão sexual-espiritual do humano com o Todo cósmico".[85] "Xamanismo, inspiração, mistérios de bebedice, visão, loucura, êxtase conduzindo a expansões da consciência – esses são os processos transformativos da Deusa".[86] Se os seres humanos são divinos, então a energia sexual especialmente é energia divina, em qualquer forma que seja expressa. Êxtase sexual é mais um poderoso modo de acessar a experiência não-racional do conhecimento oculto, em que a mente e a consciência ficam suspensas. E se o orgasmo cria uma fusão do humano com o todo cósmico, há qualquer razão por que o sexo pervertido não deva incluir o bestialismo?[87] Essa é a conclusão lógica do discurso de Matthew Fox contra o "dualismo" que "se opõe não somente à distinções entre a mente e corpo, mas também àquelas entre criatura e Criador. E entre o homem e o animal?"[88]

Serpentes e Víboras

A adoração à deusa é um *continuum*. Os moderados somente começaram a brincar com essa "nova" fé, enquanto radicais foram às suas profundezas. No fim lógico do processo está um relacionamento estranho, mas inquestionável, entre a deusa e a serpente. Uma expressão impostante do gnosticismo antigo que adotou a adoração à deusa, levou o nome de naasenos (a palavra hebraica *naas* significa serpente), "os adoradores da serpente".[89] Também, um símbolo gnóstico monístico é um círculo feito de um serpente com seu rabo em sua boca – a Uroboros, ou serpente do mundo.[90] Geralmente, como Sjoo e Mor destacam,

> Grandes serpentes vivas eram mantidas em todos os lugares em templos da Deusa durante o Neolítico (...) ela é representada carregando serpentes em seus braços ou enroscadas ao seu redor. Ou, ela era imaginada como a própria serpente, com corpo de mulher e cabeça de serpente (...). A deusa sumeriana era conhecida como a Grande Mãe Serpente do Céu (...). Em todo lugar (...) a Deusa-Creatrix era acasalada com a serpente sagrada (...). Na Austrália, Venezuela, e no antigo Oriente Médio (...) [nas] ilhas do Pacífico Sul (...). As antigas Deusas Teutônicas e Célticas eram envolvidas com serpentes – assim como na China e no Egito.[91]

A serpente simboliza os "maliciosos mistérios rebeldes" da deusa, ou seja, "ioga, *kundalini* e iluminação espinal",[92] assim como vida eterna.[93] "À serpente era atribuído um poder que podia mover todo o cosmos". As bruxas Sjoo e Mor acrescentam: "E [ainda] pode".[94] Em todo lugar "a serpente no paraíso é pintada com uma cabeça de mulher e com seios".[95] Será isso possivelmente parte do significado da misteriosa cabeça de uma besta exposta ao longo de toda a *Conferência Re-imaginando* em Minneapolis?

Uma feminista judia radical recentemente publicou um livro com um título estranho: *The Absent Mother: Restoring The Goddess to Judaism and Christianity* [A mãe ausente: devolvendo a deusa ao judaísmo e ao Cristianismo].[96] Ela devolve Lilith, (ver abaixo) a quem ela descreve como

> a serpente transformadora enrolada na Árvore – a criatura do abismo – guardiã do conhecimento escondido [que conhecia o nome secreto de Deus] (...) [que] faz a ponte entre o inefável e o eterno.[97]

A bruxaria moderna também reabilita a serpente como a fonte de energia espiritual e sexual.

> Negar as raízes da árvore do mundo é negar as raízes da serpente da espinha. E de fato os hebreus bíblicos se colocaram contra a serpente; ao fazê-lo eles estavam deliberadamente se opondo ao poder *kundalini* na espinha, o sexo *chakra* e o antigo cérebro central.[98]

As energias geradas por essas técnicas se tornaram poder usado para o benefício de todos – que é o único modo em que o poder pode ser usado com segurança. Lendas antigas falam da "alada radiação daqueles que ativaram o equilíbrio dinâmico, a união extática das correntes" – que é a descrição daqueles que fixeram subir uma energia evolucionária, na forma de *kundalini*, a serpente cósmica, subindo na espinha da árvore do mundo de todo ser manifesto, até que alcance o mais alto *chakra* da mente humana, tornando-se uma iluminação alada.[99]

O amálgama de imagens de Gênesis e das técnicas da meditação hindu podem não ser familiares, mas a nova espiritualidade está muito interessada na "iluminação alada". A meditação kundalini deriva da ioga hindu tântrica, que identifica os sete pontos do chakra com a energia sexual, conhecida como energia da Serpente. Uma serpente de energia sexual, enrolada na base da espinha, é excitada por meio da meditação; ela sobe pela espinha por meio do êxtase sexual, levando a pessoa a uma consciência cósmica.

Kundalini e o Espírito Santo são identificados como o Oriente encontrando o Ocidente na base da espinha.[100] Um escritor explica o processo: a. um sentido de energia pulsando entre os genitais e a base da espinha, e indo ao cérebro através do fluído cérebro-espinhal; b. um desenrolar de nós de energia nos ouvidos; c. uma sensualidade aguda e inteligente; d. um corpo interior de energia vivendo em harmonia com o corpo físico, isto é, a percepção do Eu Verdadeiro, "eu" [autoconsciência] "sou" [Cristo]".[101]

Os sinais da kundalini trabalhando são uma "sensação de energia elétrica ondulada através dos órgãos reprodutivos, e a inabilidade de ficar concentrado na consciência conceitual lógica (...) [assim como] uma resistência interior de conceitualização".[102] Na experiência espiritual verdadeira, "a energia sexual se torna genitalmente diminuída e mais difundia por todo o corpo".[103] Claramente uma mente que, por meio do sexo, vai além de todo

dualismo das distinções sexuais e considerações morais racionais, também vai além da noção limitadora do pecado.

Um artigo recente na revista *Psichology Today*, a "bíblia" popular dos terapeutas bem-informados, oferece conselhos para a sexualidade suspensa: "Lançar fora o livro de regras e se apoiar em si mesmo pode ser considerado como crer no Deus interior, crendo que há uma boa parte de você lá dentro. O quarto se torna um lugar para a espiritualidade emergir. A espiritualidade é a aplicação da fé à vida diária, incluindo o momento em que você está sem as roupas de baixo".[104] É claro que, sem um livro de regras, não há limites e não há pecado.

Pecado e Espiritualidade

> Não considerar nada errado era a forma mais alta de devoção religiosa entre eles.[105]

Essa afirmação de um membro arrependido do culto a Baco, preservada pelo historiador romano Lívio, no começo do século 1º d.C., poderia ser aplicada sem exagero à nova espiritualidade do final do século 20. Assim como no Cristianismo ortodoxo, há uma conexão profunda entre espiritualidade e santidade – o Espírito Santo é o Espírito da santidade – assim, em um tipo de imagem destorcida, pervertida de um espelho, a nova espiritualidade está atada ao pecado.

Se o pecado foi banido da Catedral de Cristal de Anahein – como você pode falar sobre pecado a alguns quilômetros da Disneylândia? – não devemos nos surpreender de o pecado ter sido eliminado da nova fé "evangélica" de Virginia Mollenkott. Depois de usar vários métodos pagãos de espiritualidade, ela declara:

> A ênfase tradicional cristã sobre o pecado, a culpa e a retribuição, está acabada; em vez disso, nós somos fortalecidos em direção a uma co-criação, recebidos em um renovar continuo de um contínuo Grande Dia de Não-Julgamento.[106]

Isso soa como um exemplo notável de "gol instantâneo". Você está com dificuldades em fazer gols? Redefina as traves do campo como o lugar onde você está, e pronto, você venceu o jogo. Sem o pecado, não há culpa para as atividades lésbicas de Mollenkott, que de repente se tornam "espiritualidade sensual". Ela não condenará aqueles que participam de "relações sexuais promiscuas ou sexo

casual",[107] nem as mulheres que abortam.[108] Mas a nova espiritualidade vai além da recusa em julgar os outros e a si mesmo. Na verdade, ela promove o pecado.

Em seu livro, *Pure Lust* [Cobiça pura], Mary Daly, professora de Teologia no Boston College, e talvez a principal porta-voz da bruxaria lesbiana, em uma seção intitulada "Coragem para pecar", destaca que "pecado" deriva da palavra Latina "ser". Para ela, em outras palavras, existir é pecar. Daly está reescrevendo a língua inglesa para criar sua própria língua do mundo pecaminoso. Em uma anotação em seu *Wickedary*, "sinarticulate" é definido como a habilidade de pecar. Para feministas radicais como ela, "A tragédia do cristianismo é que manteve milhões de pessoas longe do pecado, isto é, de conhecerem a própria alma".[109]

Esta nova espiritualidade finalmente demanda um comprometimento total em cometer ações pecaminosas, especialmente de natureza sexual. Nossas ações determinam o que nós nos tornamos, e a desobediência nos aprisiona em estruturas pecaminosas. Conquanto nem todas as feministas sejam lésbicas, o feminismo radical conduz ao lesbianismo da mesma maneira que o monismo em geral conduz à androginia e à homossexualidade. Daly crê que o lesbianismo é "quase requerido pelo feminismo radical", e admitiu que "tudo que eu escrevo é um convite ao [lesbianismo]".[110] O jornalista católico romano e autor E. Michael Jones[111] relata um encontro de freiras com o propósito de promover a ordenação de mulheres que terminou com as freiras ungindo os seios umas das outras com jasmim.[112] Janie Spahr, uma ministra presbiteriana lésbica, em sua palestra na *Conferência RE-imaginando* afirmou que sua teologia é primeiro e acima de tudo inspirada ao "fazer amor com Coni", sua parceira lésbica. Ela continua: "Sexualidade e espiritualidade se uniram e nós ensinaremos isso à igreja"[113] Esse pensamento é expresso por uma freira lésbica no começo dos anos 80:

> Minha espiritualidade mudou aolongo dos anos (...) minha experiência com a espiritualidade feminista e com a Deusa tem afirmado minha intuição de que o espírito e o corpo são inseparáveis (...) Agora minha intimidade com Maria envolve todo meu eu espiritual-sexual.[114]

Esse tipo de pecaminosidade sexual pode somente conduzir à escravidão, "ser entregues à imundícia, pelas concupiscência de seus

próprios corações, para desonrarem os seus corpos entre si".[115] Pecados sexuais são chamados "pecados contra o próprio corpo",[116] sem dúvida porque pecam contra a imagem de Deus no corpo que Deus criou para uma relação heterossexual monogâmica.

A redefinição de pecado não envolve somente pecados sexuais. O aborto, a matança de crianças indefesas no útero da mãe, é redefinido como um ato nobre e necessário do fortalecimento feminino, que põe o sangue nas mãos de muitos e os força a uma espiritualidade que pode justificar esta "matança moderna de inocentes". A citação a seguir do feminismo radical dá a explanação final do que geralmente está em jogo na questão do aborto – o poder espiritual:

> Se não é tarde demais para todas nós, todas as mulheres – numa escala global[117] – temos de obter novamente nosso poder ontológico antigo – e uma habilidade intuitiva – para tomar decisões de vida e de morte (...). Esse é o desafio real apresentado pelas questões feministas, incluindo o direito ao aborto (...). Quando as mulheres começam a redefinir a própria vida, incluindo ser ontologicamente responsáveis por cada vida que escolhemos dar ou não à luz, ao mundo, então as mulheres se tornarão totalmente e funcionalmente *definidoras do mundo*. E então nós seremos totalmente responsáveis pelo tipo de mundo, da qualidade espiritual e física do mundo, a qual nós trazemos nova vida.[118]

A nova mulher espiritual afirma o direito de determinar a vida futura neste planeta. Ela adota uma visão monista da realidade na qual não há absolutos e não há bem e mal claramente definidos. Para ela, a vida não começa no útero, mas sempre é e vem dos longínquos retiros do universo. Relaciona-se com o poder místico da vida e da morte.

> As mulheres descrevem as experiências de estar grávidas, de conhecer e sentir e crer que não era a hora certa ou circunstância para ter uma criança; elas falam de entrar em meditação, ou em sonhos, e falar com o feto como de um sagrado ser para outro. Esta não é a hora certa ou o espaço para nós estarmos juntos. Por favor me deixe agora. Na hora certa nós nos encontraremos novamente.[119]

Aqui está. O conhecimento oculto que afirma definir bem e mau, mata um bebê a sangue frio em nome da saúde espiritual.

Esta é a face verdadeira da nova espiritualidade, embora as pessoas percebam ou não, que, por meio da *gnose* mística une os opostos,[120] se coloca acima de morais absolutos de certo e errado, e cria um genocídio. O rebanho segue as linhas de alimentação como "direito de escolha", "direito de privacidade" e "a população bomba-relógio".

Se a nova espiritualidade, por trás da cobertura confortável, faz seu sangue correr frio, é normal.

A Remordida Escatológica da Maçã

Inevitavelmente, essa espiritualidade de pecado desenvolve seus próprios sacramentos que, com praticamente nenhuma tentativa de sutileza, muda a noção bíblica do pecado ao avesso. *Women-Church* [Mulheres-igreja] praticam um novo batismo onde "o iniciado desce sem roupas" às águas.[121] O simbolismo aqui, como no gnosticismo é tanto celebrar o erotismo quanto afirmar a inocência humana. Mas o revisionismo sacramental fica muito mais explícito. Em uma vívida encenação da rejeição do "mito do pecado original" patriarcal e o lugar da "vitimada" Eva dentro dele, a comunidade *Women-Church* celebra a "bênção da maçã", dizendo:

> Esta é a maçã da conscientização. Deixe as escamas da falsa consciência caírem de nossos olhos, para que nós possamos nomear retamente a verdade e a mentira, o bem e o mal.[122]

Aqui está a "transposição de valores", de Nietzsche, pela qual o mal se torna bem e o bem se torna mal. Incrivelmente, o próprio ato do pecado original no Jardim do Éden é agora elevado como sacramento de libertação do gênero. Sob o pretexto da liberdade cristã, o pecado e a espiritualidade são ritualmente casados. Na *Conferência RE-imaginando,* uma das palestrantes segurou uma maçã, mordeu-a, e então com aplausos da audiência perguntou, "Que tabu você quebrou hoje?"[123]

Foi um gesto "semi-imaturos", como um comentarista condescendente sugeriu?[124] Nem um pouco. Em sua rebelião, essas mulheres, especialmente as líderes, não são iniciantes. Seu sacramento experimental se levanta como uma expressão simbólica precisa da apostasia neognóstica feminista do Cristianismo bíblico que está destruindo muitas igrejastradicionais, da qual as igrejas americanas podem nunca se recobrar. Nunca estivemos em uma situação de precisar tanto das lições do gnosticismo antigo.

Capítulo 15

ESPIRITUALIDADE GNÓSTICA

Qualquer um que "vestiu a carne" não será salvo, mas aqueles que "conhecem a si mesmos" entrarão no reino dos céus.

Apócrifo de Tiago[1]

Morte: A Melhor Amiga dos Gnósticos

A morte não é o último inimigo. É a melhor amiga dos gnósticos. Um Kevorkian cósmico, a Dra. Morte vem como um "seguro saúde" *espiritual* para pôr um fim a um corpo físico indesejado. No sistema gnóstico a morte é uma vitória,[2] o triunfo final do espírito sobre a matéria, o cancelamento final da obra maligna de Deus o Criador. A morte é o corredor luminoso para a liberdade radical de espíritos desencarnados que se libertaram do poder aprisionador do corpo físico. Kurt Rudolf, um especialista em gnosticismo, diz

> a redenção (...) é primeiro percebida pelo gnóstico na hora da morte, porque nesse momento ele encontra o eterno fato, reanimador, da liberdade das algemas do corpo, e pode começar o seu caminho para seu verdadeiro lar.[3]

Os Mandeans, um grupo particular de gnósticos, chamavam a morte de "o dia da fuga" (ou "libertação").[4] Na morte a chama divina se livra dos obstáculos do corpo e retorna para seu lugar de origem no Ser divino.[5] Um texto gnóstico diz: "Quando todo eleito deixar a bestialidade de lado (existência corporal) então esta luz retrocederá até a sua essência"[6] Esse momento de libertação não é simplesmente uma esperança futura. O que a alma experimenta na morte é o pagamento total do que o gnóstico já conseguiu em vida por meio da gnose – conhecimento.

Gnose

Você percebeu? Quando se pronuncia a palavra "gnose" está-se no centro do sistema gnóstico.[7] O gnosticismo é um movimento centralizado no *conhecimento*. É claro, todos os sistemas de pensamento afirmam o conhecimento, mas o conhecimento gnóstico não é técnico, cientifico, lógico ou filosófico. O *Tripartite Tractate* [Tratado tripartite] adverte contra o conhecimento grego da "filosofia (...) tipos de medicina (...) retórica (...) música ou (...) lógica (...) [que levam a] confusão."[8] Esse texto ensina que as pessoas são *incapazes de conhecer* a verdade porque elas param na linha do visível – tanto os filósofos pagãos como os judeus nunca vão além da fé no Demiurgo (o Criador) porque "os poderes em si mesmos parecem atrapalhá-los (como se fossem a Totalidade)"[9] Em outras palavras, o Deus da criação engana as pessoas ao fazê-las pensar que não há nada além de sua esfera de autoridade. O resultado desse subterfúgio é que a maioria das pessoas nunca experimentou o conhecimento verdadeiro.

A *gnose* gnóstica abre os céus. Ela transforma, redime e liberta o ser humano do mundo encaixotado do corpo para vôos cósmicos de êxtase espiritual. Esse conhecimento não é uma teoria estéril. É uma experiência religiosa.[10] Como o *Evangelho da Verdade* afirma sobre o verdadeiro crente:

> se ele tem conhecimento (*gnose*), ele é do alto. Se ele é chamado, ele sempre ouve, responde e enfrenta aquele que o chama, e sobe para ele. E ele sabe de que modo ele é chamado. Possuindo conhecimento, ele sempre faz a vontade daquele que o chamou, ele deseja ser agradável a ele. Ele recebe descanso. Os nomes de cada um vão a ele. Aquele que tem conhecimento assim saberá de onde ele é, de onde vem e aonde está indo.[11]

Este é o conhecimento da verdade realmente espiritual – o conhecimento sobre para onde se está indo.

É também o conhecimento de si mesmo. O "Jesus" do *Apócrifo de Tiago* revela o conhecimento da verdade para os discípulos. Qualquer um que "vestiu a carne" não será salvo, mas aqueles que "conhecem a si mesmos" entrarão no reino dos céus.[12]

De acordo com o *Evangelho da Verdade,* o autoconhecimento e o conhecimento de Deus são a mesma coisa. Aqueles que conhecem o Pai, o incompreensível e inconcebível Deus, o descobrem em si mesmos.[13]

Aristóteles disse sobre a iniciação nos mistérios pagãos de seus dias que no estágio final não haveria mais "aprendizado" mas somente "experiência", que produziria uma mudança no estado da mente.[14] Um entendido nos mistérios pagãos antigos que formavam o modelo para a espiritualidade gnóstica, também vê a importância da transformação. "Mistérios eram rituais de iniciação de um caráter secreto voluntário e pessoalque objetivavam uma mudança de mente por meio da experiência do sagrado."[15] Isso é o que os religiosos pagãos romanos e gregos obtinham de seus rituais de mistério. Um observador contemporâneo, o historiador romano Dio (c. 155-229 d.C.) dá alguma indicação das expectativas espirituais que acompanhavam uma iniciação: "alguma coisa deve necessariamente acontecer na alma". Assim a "confusão inicial dos candidatos ransforma-se em maravilha, e a aceitação da razão".[16] Isso é claramente *gnose* como transformação.

Um escritor popular sobre Nova Era, sem qualquer referência explícita ao gnosticismo antigo, descreve o movimento contemporâneo da espiritualidade mística da mesma maneira: "a salvação, para o seguidor da Nova Era, é equiparada à *gnose* (conhecimento experiencial). É a autopercepção ou a percepção de que o nosso Eu verdadeiro é Deus".[17]

A Bíblia distingue fé e pecado; submissão e rebelião. O gnosticismo coloca a *gnose contra* a fé. A *Paráfrase de Sem* fala da "prática impura da fé".[18] De acordo com Rudolf "a fé só tem um papel provisional (...) relativo ao conhecimento".[19] O gnosticismo deseja a *gnosis* assim como Eva desejava o fruto proibido e o conhecimento oculto que a faria como Deus – assim a fixação gnóstica em Gênesis 3 e suas leituras contrárias. Ela se recusou a ter fé na palavra de Deus, e foi seduzida pela promessa do conhecimento direto, pelo qual o mundo seria reconfigurado – não

de acordo com a ordem de Deus, mas de acordo com a pretensão inspirada diabolicamente para o egoísmo imortal.

Desconsiderando a revelação bíblica e sua criada divina, a razão humana, esta *gnose* põe o crente em contato com os mistérios ocultos que dormem dentro da alma.

O Objetivo da Espiritualidade Gnóstica: A União com o Divino

> E isso [o fim] é a recepção do conhecimento a respeito dele que está escondido, que é Pai. De quem veio o começo e para quem tudo que procedeu dele retornará.[20]

O gnosticismo usa os termos clássicos do monismo, enquanto mantém a possibilidade da identificação total e união com o divino. Uma expressão muito empregada para evocar a realidade divina é "a Totalidade", e Deus é referido como "o Pai da Totalidade". O alvo da existência, de acordo com o *Testimony of Truth* [Testemunho da verdade] é o "conhecimento de Tudo.[21] Tal conhecimento conduz da multiplicidade à unidade,[22] e, assim, à união com o Pai desconhecido. "A ordem total dos éons", diz o *Tripartite Tractate* [Tratado tripartite], "tem um amor e um desejo pelo perfeito, pela total descoberta do Pai e isso é sua união ininterrupta."[23]

Além das Polaridades

A própria essência dessa heresia antiga é a confusão bem-aventurada entre Deus e o Homem. Assim, na união com o Todo, simultaneamente a pessoa encontra a si mesma, pois o ego, como vimos, é Deus. Hans Jonas fala da "identidade ou consubstancialidade do mais intimo do homem com o supremo e transmundano Deus, ele mesmo em geral chamado 'Homem'."[24] Em outras palavras, a busca por Deus é a busca por si mesmo. No entanto, o *Evangelho da Verdade* indica o que acontece quando o eu finalmente encontra o Deus gnóstico. Tal união é pessoal, física e, sem dúvida, uma *dissolução* individual:

> Finalmente a Unidade completará o espaço. Cada um alcançará a si mesmo dentro da Unidade, ele se purificará a si mesmo da numerosidade dentro da unidade pelo conhecimento, sua substância interna sendo consumida como pelo fogo (...). Mas

> dessa época (da morte) em diante, a forma exterior não mais aparecerá, mas se apagará na união da unidade, porque agora suas obras estão espalhadas.[25]

Esta desintegração do *muito* no *um*, a aniquilação da diferença e da individualidade é um tema clássico do monismo místico. Por que ela está no famoso sistema dualístico do gnosticismo?

O atual bispo da Igreja Gnóstica de Los Angeles, Steven Hoeller, um gnóstico do século 20, afirma o caráter monístico de sua fé, descrevendo a experiência espiritual que o gnosticismo oferece como comunhão no "escuro mar da consciência profunda".[26]

Os Elementos da Espiritualidade Gnóstica

Destruição da Ordem Criada

Todo desvio do desígnio criador Deus deve desconstruir a ordem "natural" e recriar a vida em termos de seus próprios desejos. Assim, em nossos dias, os homossexuais têm influência muito além de seu número nos círculos intelectuais, na mídia e nas artes. Nesses campos, que ajudam a definir a realidade, há a oportunidade de recriar o mundo ao derrubar a "heteropatriarquia" e tornar normativa a visão homossexual da vida. Um programa semelhante é apoiado por feministas radicais. Esta atividade desconstrutiva e recriativa encontra recursos espirituais na nova espiritualidade na qual marginais vêem a si mesmos como "xamãs". Não é de se surpreender que um programa semelhante caracterize a espiritualidade do gnosticismo antigo.

O escritor contemporâneo Phillip Lee crê que o gnosticismo voltou em nossos dias para desfigurar o Cristianismo. Ele observa que

> para a personalidade gnóstica, o conhecimento religioso [conhecimento de Deus] nunca poderia ser descoberto em termos de peregrinação na terra. O conhecimento de Deus requeria o oposto exato, *um retirar-se deste mundo.*[27]

Rudolf diz que o programa espiritual negativo do gnosticismo antigo incluía "a eliminação progressiva de tudo que fosse associado ao corpo terreno".[28] Lee vê os pais da igreja como um modelo escritural do Cristianismo verdadeiro:

> Os Pais (...) não eram menos espirituais do que aqueles que afirmavam uma espiritualidade superior; o que tão radicalmente os distinguia de seus oponentes era sua determinação para ver o eterno mediante dons divinos temporais da criação.[29]

Para a espiritualidade gnóstica florescer, os dons temporais ordenados por Deus, e em especial a racionalidade, têm de acabar. A *gnose* deu ao gnóstico um entendimento do Deus "não-existente" além do mundo visível.[30] O futuro para a alma iluminada, de acordo com o *Tripartite Tractate* [Tratado tripartite], seria

> uma entrada no silencioso, no lugar que não precisa de expressão nem para compreender nem para formar um conceito nem para fazer a luz, mas [onde] tudo é luz enquanto eles não têm necessidade de serem iluminados.[31]

Se isso é verdade a respeito da existência após a morte, é verdade a respeito da vida espiritual do gnóstico na terra, como o "Jesus" do *Apócrifo de Tiago* ordena a seus discípulos: "Encheivos do Espírito, mas esvaziai-vos da razão (logos)".[32] Espiritualidade não-racional é uma antecipação do céu gnóstico. O curto-circuito conveniente da razão é baseado na afirmação gnóstica da experiência supra-racional. Isso explica a natureza mística dos escritos gnósticos assim como a importância das técnicas mediativas místicas como componente essencial da espiritualidade.

Como já observamos, a rejeição da razão é parte da rejeição geral da existência corporal. Rudolf observa corretamente: "o gnóstico deve provar que é um gnóstico pela rejeição do corpo antes que possa conhecer a redenção final".[33] Alguns gnósticos eram vegetarianos por essa razão.[34] Muitos eram ascéticos, como os textos de Nag Hammadi mostram. Alguns se envolviam em rebeldia sexual, como documentam os pais da igreja, como um modo de provocar o Criador da sexualidade normativa. Aí, claro, é onde a sexualidade e a espiritualidade se sobrepõem.[35] Os gnósticos dizem isso muito claramente.

Não é assim em nossos dias. A maioria das mudanças em normas e práticas sexuais, estimuladas por um programa massivo do monismo pagão / religioso, é furtivamente justificada, não como questões de religião (que seria proibido pela lógica da separação Estado / Igreja), mas como questões não-religiosas dos "direitos

civis". Muitos inconscientemente escorregam para dentro de uma redefinição *religiosa* da existência por causa de sua aceitação "política" de uma visão igualitária, antipatriarcal e pan-sexual. O programa religioso oculto da sexualidade sem diferencia-ção é na verdade a união monística dos opostos dentro do divino impessoal.

Tecnologia Espiritual Atual

Uma antecipação dessa união na imortalidade é experimentada no presente, na existência física, como um "chamado". "Assim, se [o crente gnóstico] tem conhecimento", diz o *Evangelho da Verdade*, "ele é do alto. Se ele é chamado, ele sempre ouve, responde e enfrenta aquele que o chama, e vai até ele."[36] Essa escalada de união é antecipada mesmo no feto abortado do corpo de alguém. Phillip Lee observa, corretamente, que "Os gnósticos eram capazes, ao menos para satisfação própria, de fazer como Houdini (o mágico) uma saída bem-sucedida do cosmos antes da morte física".[37] Filoramo identifica a "experiência fundamental" do gnosticismo como "momentos visionários de êxtase (...) [da] realidade divina [a qual] não pode ser conhecida por meio das faculdades comuns da mente".[38] Experiências extáticas, tanto conjunta quanto individuais, preparam o gnóstico para aquela libertação final do corpo e elevação ao pai das Totalidades.

Êxtase Comunal: Os Sacramentos Gnósticos

Assim como as religiões pagãs de mistério que eles freqüentavam e estudavam, os gnósticos se envolviam em cerimônias de iniciação altamente codificadas, com detalhes que são somente sugeridos pelos nossos textos. Os autores do recente livro, *Ancient Christian Magic* [Magia cristã antiga] (1994) chamam esses sacramentos de "rituais de elevação" nos quais os gnósticos desenvolveram suas "práticas de ritual de poder".[39] "As iniciações em geral," diz Burker, falando amplamente dos cultos de mistério pagãos, "têm sido definidas como 'dramatização de *status*' ou "mudança ritual de *status*".[40] O objetivo da iniciação sacramental, em outras palavras, é uma transformação espiritual e mística. Irineu observa que no gnosticismo "há tantas redenções [sacramentos de iniciação] quanto há mestres de mistério desta doutrina".[41] O *Evangelho de Filipe* enumera cinco desses sacramentos: "um batismo, uma unção, uma eucaristia, uma redenção e uma câmara nupcial".[42] A própria existência dos cinco sacramentos consecutivos sugeria

uma elevação progressiva nas profundezas do mistério. Nada se sabe a respeito do sacramento da redenção, assim devemos fazer comentários somente sobre quatro sacramentos.

▶ Batismo na Perfeição

O batismo em questão não é o batismo cristão, que representa a remoção dos pecados, por meio da morte de Cristo. Os gnósticos inventaram um outro batismo, baseados nas palavras de Jesus "Eu tenho outro batismo para ser batizado".[43] Isso eles afirmavam ser um segredo, um batismo místico de perfeição entregue a Cristo em Jesus,[44] e revelado somente a seus verdadeiros seguidores. Por essa razão, eles argumentaram, não se poderia encontrá-lo descrito nas páginas da Bíblia.

▶ A unção

Além do batismo espiritual "na perfeição", o *Evangelho de Filipe* menciona o sacramento da crisma (unção) que é superior ao batismo, pois é da palavra "crisma" que veio a designação de "cristãos".[45] Embora não nos seja dito muito a respeito, essa unção com óleo servia como uma cerimônia de redenção especial e funcionava como um pré-requisito para a divisão da refeição comunal e a entrada no *pleroma,* o mais alto mistério de todos, "O Santo dos Santos", a câmara nupcial.[46]

▶ A Ceia do Senhor Com Um "Desvio"

Não é de surpreender que os gnósticos também tenham modificado o sacramento central da ortodoxia, a Ceia do Senhor. Como é interessante que hoje nós descobrimos um desejo renovado para falsificar a Ceia do Senhor. No *Evangelho de Filipe,* a carne e o sangue de Cristo, uma parte da criação tão detestada pelos gnósticos, foram reinterpretados como "a palavra" e o "Espírito Santo" dados aos gnósticos perfeitos que tinham conseguido a unidade com o divino.[47] Em um texto gnóstico não encontrado na Biblioteca Nag Hammadi, os *Atos de Tomás*[48] a oração na mesa eucarística invoca uma "compaixão perfeita (...) um intercurso com o masculino (...) e [a] Mãe oculta".[49] Isso é falsificação teológica. Alguns gnósticos, usando a mesma teologia, foram a extremos muito radicais.

Epifânio conta sobre a versão da Ceia do Senhor de Ophite / Naasenos (os adoradores da serpente):

> Eles têm uma serpente que mantém em uma caixa; na hora em que fazem seus mistérios, eles atraem-na para fora do buraco, e enquanto colocam pão sobre a mesa chamam a serpente para frente.
>
> Quando o orifício é aberto, ela sai (...) se arrastando sobre a mesa e rolando sobre o pão; isso, dizem eles, é a "oferta perfeita". E é também por isso, eu ouvi deles, que não somente "partem o pão" sobre o qual a serpente passou, mas o oferecem aos participantes; todos beijam a serpente na boca, uma vez que a serpente foi encantada pela bruxaria (...). Eles se prostram diante dela e chamam isso de "ações de graça" (eucaristia).[50]

Para os ouvidos modernos, tal cerimônia parece grotesca, mas um dos grandes pais da psicologia moderna, Carl Jung, via na serpente uma representação da "qualidade extra-humana no homem (...). A serpente, cruel e de olhar fixo, expressa o temor do homem do não-humano e sua reverência para com o sublime, do que está além do alcance humano".[51] Versões modernas da Eucaristia não incluem as serpentes, mas sim a "repetição do comer da maçã" no final da Ceia em *Women-Church* [Mulheres-igreja] de Rosemary Radford Ruether, em sua inversão gnóstica da narrativa de Gênesis, em que revela uma teologia que é potencialmente tortuosa como uma serpente.

▶ Antigos Degenerados:[52]

O testemunho de Epifânio, pai da igreja do século 4º, a respeito da celebração da "eucaristia" dos borborianos, é geralmente mal entendido como um exagero, fantasia e uma cruel difamação.[53] Isso é possível. A seu favor ele expressa um forte senso de piedade cristã e santidade pessoal, e afirma ter sido forçado a freqüentar tal iniciação quando jovem, na idade de 20 anos, em uma visita ao Egito. Em resumo, ele professa ser uma testemunha ocular, e algumas testemunhas independentes apóiam seu testemunho.[54] De acordo com Epifânio, os borborianos começavam sua celebração da Ceia com uma festa do ágape, uma abundante refeição regada a muito vinho. Então seguia-se o "ágape com o irmão," no qual casais casados se dividiam e tinham relações sexuais com outros membros do grupo. Desde que a concepção seria um aprisionamento nas estruturas do Criador, o *coitus interruptus* era praticado. A ejaculação masculina era então dirigida para o céu com a oração: "Isso é o corpo

de Cristo", e então comida. Se uma mulher ficasse grávida, o feto era abortado, e comido, acompanhado da oração: "Nós não fomos ridicularizados pelo arconte da luxúria, mas ajuntamos os erros do irmão". Isso era chamado de "a Páscoa perfeita".[55]

Novamente, o leitor moderno fica chocado. Mas hoje nós adoramos um deus de liberdade humana ilimitada por meio do *coitus interruptus* com o auxílio da camisinha. A matança de fetos de proporções holocáusticas é o maior dos desastres ecológicos que o mundo jamais viu. Nossa devoção neognóstica só não tem uma terminologia eucarística cristã – e sem dúvida isso virá. Nós, também, fazemos sinais provocativos juntamente com nossa tecnologia tortuosa na face do Deus da criação, desfigurando *radicalmente*, com os dons que ele nos deu, o mundo que ele fez.

▶ A Câmara Nupcial: Espiritualidade e Pecado

O que acontecia na câmara nupcial, assim como nos cultos de mistério pagãos em geral, era um segredo muito bem guardado. Rudolf cria que os valentinianos preparavam uma câmara nupcial "conforme a imagem das uniões" (sizígio – [a união dos opostos]) que acontecia em contraste com o casamento normal como o "casamento imaculado".[56] Nessa união a alma retorna aos "braços de seu parceiro ou protótipo ideal (...) [que] é o evento decisivo no final dos tempos".[57] Sem dúvida, algumas formas de representação dessa união final aconteciam na câmara.[58] Filoramo fala da pessoa gnóstics sendo "reconstruída em uma unidade andrógina" na câmara nupcial.[59]

Em um nível, essa espiritualidade parece ascética e parece negar o mundo. Um "casamento não poluído", diz *Filipe*, "(é) um mistério verdadeiro. Não é da carne, mas puro. Não pertence ao desejo, mas antes à vontade. Não pertence às trevas ou à noite, mas antes ao dia e à luz".[60] Apesar dessa afirmação da pureza, o que acontecia dentro da câmara nupcial é de se imaginar. Esse, o leitor se lembra, é o Evangelho de Filipe, que relata que Jesus muita vezes beijava Maria Madalena, a prostituta arrependida, na boca.[61] A frase, "Cobrir-se-á nesta luz sacramentalmente na união", implica nudez espiritual e talvez física.[62] Se as únicas vestes usadas eram "a perfeita luz", e o contato físico com uma mulher é apoiado como o modelo que Jesus que deixa a seus discípulos, então a alegação dos pais da igreja faz muito sentido.

Como visto acima, *Filipe* declara que a câmara nupcial é reservada para "homens livres e virgens". Em outras palavras, assim

como os mistérios pagãos não-cristãos, essas iniciações são secretas e particulares.[63] Dio, o historiador Romano, também observa o elemento secreto dos mistérios pagãos. "Na melhor das hipóteses", diz ele, "nós estamos na situação de bisbilhoteiros, de estranhos no portão"[64] – ou, em termos modernos, de detetives.

Assim, quem eram as "virgens"? Epifânio, em sua descrição dos borborianos, chamava de virgens as "mulheres que nunca tinham chegado ao ponto da inseminação (...) mas estão sempre tendo intercursos e cometem fornicação."[65] Admitidamente os borborianos, que uniam os dois "sacramentos" da eucaristia e da câmara nupcial, eram sem dúvida os mais radicais. Mas alguma forma de compromisso sexual não parece fora de questão, dado o contexto da teologia gnóstica em geral. Seria isso limitado somente ao grupo extremo radical? Epifânio também nota que grupos menos radicais como os seguidores de Basilides também praticavam "relações promíscuas".[66] Irineu e Hipólito também pensam assim. E é claro, tal atividade começou com um dos mais antigos heréticos gnósticos, Simão o Mágico.[67]

Essa triste informação não é apenas para chocar. Ela ilustra o programa de desconstrução da sexualidade normativa, marital e para a reprodução humana. Na verdade, essa desconstrução é servida tanto pelo ascetismo radical quanto pela promiscuidade. Sem dúvida que alguns grupos gnósticos eram ascéticos, particularmente o grupo que guardava os textos de Nag Hammadi.[68] Talvez a maioria deles fosse ascética. Mas outros, de acordo com os pais da igreja, caíram no excesso sexual.[69] Esta última opção serve a duas funções. Insulta Deus o criador, e reproduz o êxtase por meio do orgasmo sexual, que é uma prática religiosa pagã bem-documentada. Epifânio diz dos borborianos : "Eles nunca se cansam de copular; quanto mais indecente um de seus homens é, mais ele é elogiado".[70] Alguns gnósticos que, como afirma Hipólito, se uniram nas religiões de mistério pagão, provavelmente competiram em excessos sexuais. O historiador romano Lívio, relata orgias sexuais comparáveis nas cerimônias de iniciação de Baco. Ele cita o princípio justificador deles: "Não considerar nada errado (...) era a forma mais alta da devoção religiosa".[71] Quão incrível é que um grupo que afirmava ser cristão não tenha tido nenhuma dificuldade em dizer "amém" a essa noção pagã radical. De fato, o grupo gnóstico chamado cainitas disse o mesmo, de acordo com Irineu:

> Ninguém pode se salvar a não ser passando através de cada ação, assim como também Carpocrates ensinou (...) Em cada ação pecaminosa e vergonhosa um anjo está presente, e quem comete o pecado (...) se dirige a ele pelo seu nome e diz, "Ó anjo, eu faço vossa obra! Vosso Poder disto e daquilo, eu faço vossa obra!" E esse é o conhecimento perfeito, sem medo de cair em tais ações cujos próprios nomes não podem ser mencionados.[72]

Que exemplo poderoso, em um texto antigo, da união do pecado com a espiritualidade que achamos tão comum nos dias de hoje.

Irineu então observa que

> De acordo com os escritos deles, antes da partida a alma deve estar certa de cada aspecto da vida e não deve ter deixado de praticar nada antes de partir: senão, será novamente enviada para outro corpo por não ter praticado tudo para obter a liberdade.[73]

Ascética ou libertina, tal liberdade vem da rejeição de Deus como Criador e Legislador, e de um compromisso radical em destruir as estruturas da criação. O apóstolo João, que conhecia alguma forma de gnosticismo antigo, emite um julgamento destrutivo contra todas essas pessoas enganadas: "Todo aquele que permanece nele não vive pecando; todo aquele que vive pecando não o viu, nem o conheceu".[74] O gnosticismo afirmava o oposto. Suas experiências religiosas são na verdade *geradas* pelos atos de pecado. João nomeia isso também. "Aquele que pratica o pecado procede do diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo."[75]

Se o êxtase sexual era parte de cada cerimônia gnóstica da câmara nupcial, um êxtase de uma natureza mais espiritual (a união dos opostos) parece ter sido produzido na câmara, talvez pelo canto de *mantras* estranhos. De acordo com Irineu, as seguintes palavras são pronunciadas na cerimônia de casamento:

> [Eu te batizo] no nome do Pai desconhecido do universo, na Verdade, a Mãe de todos, naquele que desceu sobre Jesus, na união e redenção e participação dos poderes.

Então se segue uma repetição de palavras bizarras: "Basyma cacabasa eanaa irramista diarbada caëota bafabor camelanthi (...). Messia ufar magno in seenchaldia mosomeda eaacha faronepseha Iesu Nazarene".[76]

▶ Redenção: Estágios/ascensão por meio da Meditação

Os mantras são elementos importantes da meditação mística individual. *Gnose* era também uma questão intencional pessoal . O desafio da espiritualidade é imenso. Os gnósticos viam a si mesmos aprisionados em um corpo físico e então rodeados por ao menos sete[77] círculos concêntricos que se alargavam para fora em direção ao cosmos diante deles, cada um representando vários níveis de autoridade ilegítima das potestades e poderes instituídos pelo grande Arconte / Governador, o Deus da Criação. De acordo com a teoria, a alma está acompanhada por seres de luz, e vai atravessando os sete domínios horríveis onde cristãos, monges, mandeans apóstatas e outros desvalorizados ficam, até alcançar o mundo da luz.[78] "Ao partir deste mundo", reconta Epifânio, "a alma faz sua trajetória por meio desses arcontes, mas ninguém pode atravessá-los a não ser que seja perfeito neste conhecimento."[79] O conhecimento serve como uma senha, na passagem de cada círculo, ou éon. Irineu descreve a jornada da alma: "quando elas vão até os Poderes, elas devem falar assim: 'eu sou filho do Pai, do Pai que é preexistente. Eu sou filho do Preexistente. Eu vim para ver todas as coisas que pertencem a mim e aos outros'".[80] Cada alma tem seu próprio "ajudador" ou "relativo" espiritual que confirma a ascendência, que é uma vestimenta de luz.[81] Obviamente, os espíritos guias não são uma invenção da Espiritualidade da Nova Era.

O Processo: Experimentando a União Monísitica Agora

Perguntamos novamente, esta última jornada através das estrelas é a única jornada da alma? Certamente a reencarnação está presente nos textos gnósticos, de maneira que almas imperfeitas a fazem repetidas vezes.[82] No entanto, à luz da espiritualidade contemporânea da Nova Era, que oferece ampla documentação a respeito da experiência mística terrena, pareceria que a alma gnóstica, *já nesta vida*, por meio da meditação, fez a "viagem", mesmo que imperfeitamente. Na meditação hindu e na da Nova Era, o leitor

lembrará, que isso também procede do número sete – *sete* pontos chakra no corpo, por onde o espírito / alma sobe e sai regularmente das limitações da existência física para um oitavo domínio de libertação espiritual.

No texto Nag Hammadi *Zostrianos*, um documento profundamente influenciado pelo misticismo mágico oriental do Zoroastrismo,[83] o mestre, Zostrianos, "apresenta uma série de revelações feitas por seres exaltados a respeito da natureza da esfera celestial".[84] Zostrianos avança de um estágio para o próximo por meio dos batismos iniciatórios, progredindo em visão espiritual através de *sete* estágios e então entra no oitavo e finalmente no nono do conhecimento perfeito. Ele relata a sua experiência da ascendência da alma, mas no tempo passado. Muitas afirmações fascinantes têm um toque moderno da Nova Era. "Ele (o poder de um espírito santo superior a Deus o Criador) veio somente sobre mim ... eu vi a criança perfeita [um *superego?*]." Cada um dos sete batismos nos coloca no "caminho do Autocriado". Próximo do final do processo, Zostrianos afirma, em termos similares às afirmações daqueles que penetraram com sucesso no mundo do espírito por meio da meditação: "Eu fiquei acima de meu espírito, orando fervorosamente para as grandes Luzes". Ele finalmente chega na "simplicidade do Espírito invisível dentro da nona unidade". No fim dessa jornada, Zostrianos declara: "Eu vi como tudo isto (o Éon Oculto, Barbelo / Sofia) e o Espírito Desconhecido habitam em alguém".[85] Em uma palavra, a experiência mística não é nada mais do que a divinização: "Eu me tornei divino".[86]

Para reproduzir o processo, os mestres conduzem os discípulos em um canto / oração de vogais e palavras sem sentido: Zoxathazo a oo ee ooo eee oooo ee ooooooooo ooooo uuuuu ooooooooo ooo Zozazoth.[87] Depois disso, segue-se um estado de êxtase e uma visão do divino mediada pelo mestre. "O Discurso se encerra quando o mestre instrui o aluno a escrever a sua experiência em um livro (...) para guiar outros que irão "passar pelos estágios, e entrar no caminho da imortalidade (...) no entendimento do oitavo que revela o nono."[88]

Um uso semelhante de técnicas místicas, mantras e selos é encontrado no *Segundo Livro de Jeú*, um texto gnóstico não encontrado em Nag Hammadi. O adepto é iniciado em um "batismo pelo fogo" ao dizer a seguinte oração: "Que Zorokothora Melquisedeque venha secretamente e traga a água do batismo do fogo da virgem da luz, a juíza. Sim, ouça-me, meu pai, quando eu invoco seus nomes

imperecíveis". Então, segue-se uma lista de nomes místicos indecifráveis para Deus: "Azarakaza A... Amathkratitath, Yo Yo Yo Amem Amem Yaoth Yaoth Yaoth Yaoath Phaoph Phaoph Phaoph etc".[89] Esses nomes esotéricos, e há muitos mais, parecem representar um desligamento da fala racional, e assim ajudam no processo de elevação por meio da meditação. Esse método de espiritualidade não é cristão. De fato, é especificamente repudiado por Jesus em seu ensino sobre a oração.[90]

Essa jornada da alma através dos céus, semelhante àquela de Paulo dos textos gnósticos chega ao *sétimo* céu e além,[91] e se torna a base para a exortação a todos os crentes gnósticos para que sigam o mesmo caminho.[92] "Libertem-se e o que os estiver prendendo será dissolvido". Parece muito provável que a jornada da alma na morte seja portanto a experiência final da alma em vida, que viu por meio das iniciações e meditações o a fuga das limitações da carne, mesmo que somente por períodos limitados.[93]

Essa Espiritualidade mística da fuga presente, temporal e final do corpo é a antítese da espiritualidade cristã. Como Phillip Lee observa corretamente sobre o discipulado cristão: "Absolutamente nenhuma fuga deste mundo tangível das percepções sensoriais é permitido. A salvação do mundo por qualquer outro caminho diferente daquele por meio do mundo será chamada de fraude".[94]

Magia Mística

Se essa espiritualidade não é cristã, quais são suas origens? Nós temos notado que os gnósticos "cristãos" freqüentavam cerimônias dos cultos de mistério pagãos, adotando e/ou espiritualizando as perversões sexuais dos cultos da Deusa.[95] Hipólito diz que:

> Todo o sistema de sua doutrina [dos gnósticos setianos] (...) é [derivado] dos teólogos antigos [greco-pagãos] Musaeus, Linus e Orfeu, que explicaram especialmente as cerimônias da iniciação, assim como os próprios mistérios. Pois a doutrina deles a respeito do útero é também a máxima de Orfeu; e a [idéia] do umbigo (...) é [para ser percebida como tendo] o mesmo simbolismo associado nas orgias bacanais de Orfeu.[96]

Isso é confirmado por Irineu:

> o mais perfeito entre eles desavergonhadamente faz todas as coisas proibidas (...). Comida sacrificada aos ídolos (...) eles são os primeiros a se reunir nos festivais bárbaros feitos em honra aos ídolos em função do prazer.[97]

Muito do gnosticismo "cristão", mediante seu contato com os cultos de mistério greco-romanos, era uma variação consciente do paganismo místico não-cristão. "O pensamento místico", diz o politeísta moderno David Miller, descrevendo sua história antiqüíssima:

> começa com a matemática mística de Pitágoras, move-se contraculturalmente através das teologias metafísicas e por muitas heresias [gnosticismo de vários tipos], manifesta-se no pietismo após a Reforma, e termina em várias formas de romanticismo, de algumas literaturas do século 19 na Inglaterra e Alemanha para homens e mulheres fascinados pelo treinamento sensível, Don Juan, o feiticeiro Yaqi e o *I Ching* [confucionismo].[98]

Hipólito e Epifânio acusam inúmeros sistemas gnósticos de terem tirado suas teorias e especulações místicas do místico matemático Pitágoras (581-497 a.C.).[99] Crê-se que Pitágoras esteve na Índia onde foi iniciado nas idéias espirituais do Hinduísmo, e na noção de que o verdadeiro ego era "um ego oculto".[100] Por meio de Pitágoras, em particular, e sem dúvida por muitas outras conexões,[101] a espiritualidade gnóstica inclui o ingrediente crucial do Hinduísmo monístico pagão.

O outro elemento significante é a mágica da deusa egípcia. Como já vimos, Trovão / Sofia, o princípio da revelação feminina, declara: "[eu] sou aquela cuja imagem é grande no Egito". A conexão é apropriada desde que Ísis era a Deusa egípcia da Sabedoria,[102] isto é, a Deusa da magia.[103] Um estudioso de Ísis observa que a magia de Ísis é uma "sabedoria real", pois consistia da "visão no mistério da vida e da morte (...). Assim, a sabedoria era para os egípcios o equivalente à capacidade de exercer poder mágico."[104] A iniciação em seus mistérios e as experiências nos segredos extáticos em seus templos deu aos adeptos uma antecipação da transformação na imortalidade.[105]

Nós possuímos unicamente um texto (já citado) do mundo antigo que descreve a iniciação no culto pagão de Ísis. No romance satírico escrito por Apuleio, intitulado *Metamorfose ou O Asno Dourado* (século 1º d.C.), o herói relata:

> E eu me aproximei da fronteira da morte, e coloquei o pé na entrada da porta de Perséfone [morte], eu viajei através de todos os elementos e voltei, e vi à meia-noite o sol, brilhando em branca luz, eu cheguei perto dos deuses do mundo superior e inferior e os adorei bem de perto.[106]

Essa descrição tem todos os ingredientes das experiências contemporâneas da "nova era" – luz, união com o todo, experiência próxima à morte.[107] Essa espiritualidade oculta tangível, que parece ser o próprio centro da espiritualidade gnóstica, está brincando com um tipo de magia manipulativa pagã.

O Testemunho dos Contemporâneos

Tertuliano acusou os gnósticos de intrometerem-se com mágica. "Eles têm relações sexuais com mágicos, charlatões, astrólogos e filósofos e a razão é que eles são homens devotados a questões curiosas (*curiositati*)".[108] Anteriormente, Irineu havia feito a mesma acusação contra os simonianos. Os "sacerdotes do mistério" e cada membro da escola de Simão "praticavam feitiçarias":

> Eles praticavam exorcismos e encantamentos, faziam poções do amor e mágica erótica, invocavam espíritos familiares e faziam indução de sonhos, evocando aqueles demônios companheiros (típicos da magia grega) que enviavam sonhos, e qualquer outra coisa oculta existente são zelosamente cultivadas entre eles.[109]

Conquanto esteja em moda hoje em dia acusar os pais da igreja "caçadores de heresia" de exagerarem, o apoio para as alegações deles vem de uma fonte não usual, o filósofo pagão Plotino (205-270 d.C.), que estava escandalizado de que os gnósticos usassem "exorcismos", "discursos apropriados", "melodias", "gritos", "sussurros e assobios com a voz".[110] Muitos gnósticos, diz Rudolf, "apoiavam um culto de imagens, e mesmo possuíam estátuas de deuses tais como aquelas encontradas nos destroços arqueológicos dos cultos de mistério".[111] Devemos concluir que os pais estavam certos e que a magia pagã

era uma parte significativa da espiritualidade gnóstica. À medida que o gnosticismo é reabilitado como Cristianismo autêntico, nós não deveríamos nos surpreender em ver uma espiritualidade semelhante à magia e o retorno dela à igreja, em particular por meio da deusa da sabedoria pagã.

Conclusão

A revolta gnóstica contra o Deus da Escritura e a resultante busca por uma nova espiritualidade finalmente conduziram muitos pretensor cristãos para dentro de um paganismo oculto religioso inspirado pelo demônio. Arrancar o Deus do Antigo Testamento do Cristianismo do Novo Testamento não encheu a igreja com o Espírito de Cristo, mas abriu suas portas para o programa religioso pagão do êxtase sexual, da idolatria e da magia inspirada pelo espírito – sobre o que o silenciado Antigo Testamento tem muito a dizer. Em uma visão que lembra o que agora acontece ao vivo e a cores na Catedral de São João, o Divino, na cidade de Nova York, e em muitos outros lugares de adoração "cristã", o profeta Ezequiel é levado ao Templo de Jerusalém[112] onde ele vê:

- na entrada norte do portão do altar, a estátua de um deus pagão provocando a Deus;
- próximo ao portão do pátio do Templo, em uma sala secreta, setenta anciãos leigos, os representantes oficiais da casa de Israel, usurpando a função dos sacerdotes, envolvendo-se em práticas esotéricas da adoração pagã de ídolos imundos;
- no portão norte, uma mulher prostrada ante o deus babilônico da natureza, Tammuz;
- no santuário, entre o lugar santo e o altar das ofertas queimadas (um lugar tradicional de penitencia), 24 sacerdotes,[113] de costas para Deus, olhando para o Oriente, adorando o Deus pagão Sol.[114]

Não há nada novo debaixo do sol. Esta adoração de ídolos no próprio Templo de Jahweh, esta busca por luz do Oriente, diz o comentarista do Antigo Testamento Walter Zimmerli, representa a "blasfêmia máxima",[115] contra a qual a ira de Deus inevitavelmente se manifesta com uma severidade eterna.[116] A esses idólatras que conhecem a verdade, e deliberadamente a rejeitam, Deus pronuncia

um julgamento triste: “Pelo que também eu os tratarei com furor; os meus olhos não pouparão, nem terei piedade. Ainda que me gritem aos ouvidos em alta voz, nem assim os ouvirei”.[117]

Assim como no Israel antigo, assim também na igreja primitiva, a espiritualidade mística pagã do gnosticismo prometeu aos crentes um conhecimento oculto e uma liberdade humana. Quantos, lá e aqui, foram seduzidos pelas atraentes meias-verdades da salvação sem sacrifício, uma redenção sem arrependimento, um triunfo sem a crucificação. Quantos, lá e aqui, caíram consciente ou inconscientemente no poder do grande sedutor, “aquele mais sábio que eles todos”, cuja sabedoria esconde uma mentira de proporções cósmicas que conduz seus adeptos à morte e à destruição. Quantos se levantarão agora e avisarão nossa geração espiritualmente otimista sobre sua direção perdida e seus caminhos tolos – antes que seja tarde demais?

Capítulo 16

CONCLUSÕES

Nada irá impedir a segunda vinda da Deusa.
- Caitlín Matthews, sacerdotisa pagã[1]

Um Futuro Próximo – O Milênio de Sofia

O Deus da Bíblia envolvido no combate mortal pelas almas dos homens contra a deusa do paganismo reavivado – quem teria imaginado tal cenário na América cristã civilizada do final do século 20? Nos últimos trinta anos, tantos líderes na mídia, no entretenimento, nos negócios, na política internacional e nacional, no poder judiciário, na academia e mesmo na igreja, têm se voltado para uma renovação de uma espiritualidade que pensam ser compatível com o passado deles, mas que nos principais pontos é diametralmente oposta ao cristianismo. Forças anticristãs sempre seguiram as rotas terrenas da igreja, mas raramente o paganismo religioso entrou no templo de Deus com tal vanglória e virulência como em nossos dias – exceto, talvez, na época do gnosticismo.

O que pode barrar o triunfo rápido dessa religião pagã tanto em sua forma cristã quanto não-cristã, com seu programa de paz planetária e tolerância para todos? Poucos na igreja e na cultura popular imaginam a grandiosidade da revolução que está acontecendo ao nosso redor. A Era de Aquário, caso acreditássemos na principal porta-voz deste movimento, é nada menos do que a "Segunda Vinda da Deusa", ou o Milênio de Sofia, a era da bênção e da adoração da deusa quando todas as pessoas e crenças serão unidas ao redor do Feminino Divino. "Pode ser", diz a sacerdotisa de Ísis, Caitlín Matthews, "que Sofia seja entendida quase que da mesma maneira que ela foi entendida no século 1º em Alexandria: como um guia para cristãos, judeus, gnósticos, pagãos e outros".[2] Sofia é a divina Salvadora que conduzirá a humanidade para uma outra civilização , mais pacifica e amorosa porque ela nos conduzirá para fora da "enganação da dualidade" e para "o casamento da humanidade com a Natureza" e, finalmente, para casamento com o Divino.[3]

O momento para esse programa é agora. De acordo com Matthews, "Sofia tem avançado devagar para dentro da consciência popular por toda a última metade do século 20". Ele continua: "Aqueles nascidos neste século são agora futuros cidadãos da Nova Era (...) na qual a ortodoxia espiritual será substituída pela aventura espiritual [e] (...) na qual o Divino Feminino liderará o caminho e na qual as mulheres redescobrirão seu poder e entrarão nele".[4] Isso, argumenta Matthews, já está acontecendo nas mudanças que afetam os papéis dos gêneros e a espiritualidade na sociedade ocidental atual.

Mesmo sem a aparente ajuda da espiritualidade da deusa, programas nacionais pagos com dinheiro de impostos em todos os níveis da sociedade desconstroem o "estereótipo" tradicional de gênero e produzem uma visão nova e profundamente igualitária do sexo, pela qual, um dia, as mulheres tomarão o poder. Quando isso acontecer, o Deus bíblico macho desaparecerá como um anacronismo arcaico reverenciado somente pelos primitivos marginais de direita. Sofia tomará o poder, sem oposição.

Milênio Homossexual

Uma variação de menor importância na era vindoura de bem-aventurança é o milênio de Sofia visto pelos olhos de um homossexual. A Rev. Nancy Wilson, pastora da igreja da Comunidade Metropolitana Homossexual em Los Angeles, que se intitula uma

"lésbica ecuterrorista" (*ecu* de *ecu*mênica), proclama uma "teologia homossexual" que justifica todas as escolhas sexuais, que pode conduzir cristãos, *gays*, lésbicas, e heterossexuais para o próximo milênio homossexual.[5] Virginia Mollenkott, a lésbica "evangélica", aplaude seu trabalho como sendo "impressionantemente importante, tanto para nossa tribo [*gays* e lésbicas] quanto para qualquer pessoa, igreja ou organização que procure ser completa".[6]

De um modo ou de outro, a estrela da Religião da Esquerda, com um programa social atraente em seu ensino, e o apoio de muitas organizações internacionais, é predominante na sociedade contemporânea norte-americana. Um dos grandes historiadores seculares do mundo, sir Arnold Toynbee, no meio do século, durante a guerra fria e a expansão do comunismo, fez uma profecia surpreendente. Ele predisse que o século 20 seria lembrado como o tempo da primeira aparição da grande religião universal do terceiro milênio, misturando religiões orientais e o Cristianismo.[7] Cristãos descansando na moderna Sião deveriam perceber que há uma tendência na História moderna e que não parece estar indo na direção em que eles se encontram.

Uma Nova Criação ou uma Nova Queda? Nenhuma das Anteriores

Enquanto estamos no limiar do novo milênio, estamos nos movendo para uma "nova criação?" Estamos indo na direção de uma repetição da Queda? Ou a História continuará com seus altos e baixos sem qualquer mudança significativa de intensidade? O exemplo do gnosticismo antigo sugere que, à medida que entramos na Era de Aquário, a Eva escatológica aparece silenciosa mais uma vez diante da árvore do conhecimento proibido, seduzida pela "sabedoria" da Serpente por meio da qual fala a Deusa. Lilith, a Sofia em forma de serpente, balança diante da mulher moderna um fruto estimulante de uma liberdade autônoma e poder quando o Adão moderno, como o primeiro, apenas observa em silêncio, com medo de dizer uma palavra.[8]

Numa das afirmações mais politicamente incorretas de todos os tempos, o inspirado apóstolo Paulo declarou: "Adão não foi iludido, mas a mulher sendo enganada, ...".[9] Paulo certamente não queria dizer que Eva era intelectualmente inferior, moralmente fraca

e espiritualmente imatura. Antes, ele vê que em seu papel, tão essencial para o projeto da civilização,[10] e em sua função como "auxiliadora", tão crucial para a revelação do Deus trinitário, Eva foi exposta com particular força à enfeitiçante promessa da autolibertação.

Quão inteligentemente o Tentador abusa da Escritura! O mesmo acontece em Hollywood. Em seu CD *It's a Man's World: Oh, Really* [É um mundo do homem: Ah, não e mesmo?] a cantora popular Cher se ajoelha em uma pose sedutora, o seu cabelo negro entrelaçado com uma serpente verde que sedutoramente se enrola por todo o seu corpo e segurando uma maçã vermelha com seus longos dedos. A Eva moderna come, convencida de que está aclarando as verda-deiras intenções do Evangelho para uma libertação radical. Mas, se o som original da mordida reverberou pelos corredores cavernosos do universo, indicando a Queda iminente do paraíso, o que significará o som da mordida litúrgica feminista da escatológica "'re-mordida' da maçã", se não a desobediência catastrófica final e a desconstrução da raça?

Sonho Americano ou Pesadelo Planetário?

Muito além das guerras culturais e das guerras dos gêneros estão as *Guerras Espirituais.* Nesta luta final pelo domínio, a deusa pagã Sofia procura usurpar o lugar de Deus o Criador e redentor. Isso não é uma hipérbole colorida. O conflito é real, os protagonistas, irreconciliáveis. Sofia é exatamente o oposto do Deus da Bíblia. Ela representa um monismo como Deus representa um teísmo. Seu útero que circunda tudo dá expressão à noção pagã da divindade de todas as coisas, enquanto seu nome, Sofia, alardeia a reivindicção humana à sabedoria. Com uma sutileza requintada ela seduz a mente moderna ao afirmar ser tolerante e não dogmática. De fato, ela não é nem um nem outro, porque atrás da luva de veludo está um punho de ferro; atrás da rejeição neopagã da doutrina está um compromisso firme com uma crença dogmática não-negociável na unidade de todas as coisas a que a humanidade e o planeta estão inevitavelmente se dirigindo; e por trás da tolerância está um sistema global de possibilidades totalitárias inimagináveis que não pode tolerar a voz discordante do teísmo bíblico.

O pensamento utópico e a experiência espiritual pagã em que é baseada a destruição da verdade obscurece a verdade de que há um

conflito cósmico, que há uma profunda antítese entre a lei de Deus e os caminhos do homem caídos . A nova escatologia vê a História se dirigindo a ponto de encontro evolucionário com a libertação humana e uma "redenção". Ajudada por um salto na consciência, a humanidade evolverá de sua presente imaturidade para uma nova ordem mundial de paz e amor. É claro, as pessoas que alcançam um "salto na consciência" cessam de perceber a necessidade por uma salvação objetiva. A salvação virtual por meio da engenharia humana e a espiritualidade pagã resolverá tudo. Em tal utopia, quebrar o encanto pela pregação da Cruz não será tolerado.

O monismo pagão é, por sua própria natureza, um movimento totalmente inclusivo e totalitário cujo sucesso depende da total conformidade com sua visão de paz. Sua visão de um mundo tolerante, inclusivo, não pode tolerar aqueles que crêem em uma verdade absoluta, no certo e no errado, e nas estruturas diferenciadas da criação. Na "utopia" futura não haverá "lugar para a verdade". Pesquisando a posição totalitária da ortodoxia politicamente correta nos *câmpus* das universidades, onde discórdias a respeito da linha oficial não é tolerada, Philip Johnson pergunta a si mesmo se nós não estamos tendo uma pré-estréia deprimente de uma era de "intimidação farisaica".[11] Com pouca ameaça, os meninos valentões da escola controlam o parquinho; os valentões adultos, bem-vestidos, podem mudar uma democracia para um estado de polícia, e causar um dano inimaginável aos seus companheiros seres humanos. A "patrulha do karma" de hoje poderia ser a Grande Inquisição da Era Aquariana de amanhã.

Enquanto a administração de Clinton na Casa Branca descreveu 27 membros homossexuais publicamente praticantes como "pessoas gentis", há um outro lado mais amedrontador desta revolução sexual no palácio. Em um artigo que circulou amplamente, chamado "Revolucionário *Gay*", o autor anônimo, "Michael Swift", adverte a comunidade não-homossexual numa linguagem que causa acalafrios:

> Nós devemos ser vitoriosos porque estamos cheios da amargura feroz do oprimido que tem sido forçado a participar muito pouco de seus tolos, *shows* heterossexuais através dos tempos (...). Nós também somos capazes de usar armas e equipar as barricadas da revolução final (...). Tremam heterossuínos, quando aparecermos diante de vocês sem nossas máscaras.[12]

A psicóloga Peg Thompson, autora do livro *Finding Your Own Spiritual Path* [Encontrando seu próprio caminho espiritual], após documentar o que ela chama de movimento contemporâneo de "individualismo espiritual" conclui desejando poder ficar por aqui mais cem anos "para ver como as coisas acabarão".[13] Sua curiosidade inocente, como o otimismo de muitos dentro e fora da igreja, não denuncia o menor medo de que um retorno do paganismo poderia produzir uma das mais radicais e caras revoluções na história humana. Pois quando o povo declara a libertação de Deus e de suas leis como bem supremo, eles se tornam escravos da mentira. Isso se torna óbvio nas expressões radicais do movimento. Diana Beguine, ex-cristã e agora bruxa, celebra sua liberdade do Evangelho da Cruz e da lei de Deus, ao cantar "Uma Confusa Graça (...) que salvou uma Bruxa como eu. Eu estava perdida, encontrei a mim mesma, estava presa, mas agora estou livre".[14] Essa liberdade conduz a cadeias diabólicas.

Há um outro lado da figura da gentileza, da paz e do amor. O orgulho arrogante que tenta salvar o eu, ao zombar das leis do Criador, conduz de fato à escravidão ao mal. Uma ex-integrante arrependida de um grupo Wicca descreveu suas experiências em termos que eliminam qualquer ilusão de uma liberdade genuína e pacífica:

> Quando eu era bruxa, eu praticava rituais. Eu invocava espíritos. Eu chamava entidades. Eu lançava maldições, queimava velas, fazia poções (...). Mas para onde isso tudo me conduziu? Para as trevas, a depressão e a criação de uma aura de trevas ao meu redor. Eu estava freqüentemente sob ataques demoníacos. A casa onde eu vivia estava viva com atividades demoníacas (...) devido a restos dos "visitantes" dos rituais. Meus amigos e família tinham medo de mim. Eu sabia que eu não tinha um futuro; tudo o que eu tinha era um presente escuro. Eu me sentia sempre carente. Não era culpa de Satanás. Ele não existia – ou assim eu pensava. Eu desisti de tudo, e fui até Jesus de joelhos (...). Ele me libertou da opressão e me deu de volta a minha alma – aquela que eu havia entregue tão tolamente ao mal em troca de poder (...). Nossa salvação foi comprada a um grande preço e tudo o que temos a fazer é buscá-la. Mas não podemos servir a dois mestres.[15]

A nova espiritualidade contém poder, e para aqueles suficientemente comprometidos com ela, é um poder que prende – com grandes cadeias. Talvez a mais significativa matriarca da nova

espiritualidade seja Madame Helena Blavatsky, uma princesa russa que, no final do século 19, procurou unir o ocultismo ocidental com a espiritualidade oriental, e afirmou estar em contato com "mestres elevados". Madame Helena Blavatsky, cujo principal trabalho, interessantemente, é intitulado *Isis Unveiled* [Ísis revelada], deixou a Rússia em direção aos Estados Unidos onde estabeleceu a Sociedade Teosófica em Nova York em 1875, e então montou um *ashram* (lugar sagrado hindu) na Índia. Em 1884, aliviando a sua alma com uma velha amiga russa, Vsevold Soloviev, a quem encontrou em Paris, ela disse as seguintes palavras:

> Eu retornaria de bom grado, eu de bom grado seria russa , cristã, ortodoxa. Eu desejo isto. Mas não há retorno; eu estou em cadeias; eu não mim mesma.[16]

O problema com esta liberdade é que ela é escravidão aos poderes do mal. Suas promessas atraentes são velhas mentiras. Seu lucro conduz à destruição pessoal e à morte. Mas é uma *mentira real*, dita pelo Pai das Mentiras. Aqueles que esperam explorá-la para servir a fins ideológicos são, de acordo com a poderosa imagem de Donna Steichen, como crianças tolas, perversas e vulneráveis, brincando com explosivo plástico como se fosse massa de modelar infantil.

A Grande Conspiração

Este livro não é uma "teoria de conspiração". Não tem como objetivo acusar ninguém, sejam liberais ou conservadores progressistas, de estar orquestrando uma trama diabólica. Se há uma conspiração, é bem maior do que qualquer pessoa ou grupo de pessoas pode imaginar. Antes, as páginas anteriores têm como objetivo colocar lado a lado as várias plataformas "progressistas" (cujos proponentes podem nem ver as conexões), para mostrar sua profunda compatibilidade e então comparar o resultado com o sistema gnóstico antigo para uma confirmação independente. Sob a luz do escrutínio, uma profunda coerência aparece na estrutura multicor da diversidade: um monismo pagão. Esse padrão amplo não é responsável por tantas particularidades, qualificações e inconsistências de qualquer dada posição. Mas em uma época de confusão moral, espiritual e teológica há uma necessidade de ver a imagem maior e tudo o que está em risco.

Um Papa da Nova Era?

Um estudioso do Vaticano, Malachi Martin, consegue ver isso de dentro de sua perspectiva da igreja católica romana. Em um trabalho de ficção, *Windswept House* [Casa exposta ao vento],[17] Martin descreve uma "aliança não revelada" entre forças liberais no Vaticano (que se equiparam aos tradicionalistas na Cúria, mas mantêm as posições de poder) e organizações humanistas internacionais como as Nações Unidas. O desejo deles é mudar a doutrina da igreja sobre divórcio, contracepção, mulheres sacerdotes, aborto e homos-sexualidade. Essa poderosa aliança está se preparando para eleger um papa que compartilhe suas idéias liberais e globalistas. Martin nega a noção de conspiração. É apenas um fato que essas pessoas de dentro e de fora da igreja compartilhem a mesma visão liberal para o planeta. É também fato, admite Martin, que na verdade seu romance não é uma ficção.[18]

No fundo, a questão que está destruindo nossa civilização não é o "compromisso com a mudança" *versus a* "nostalgia pelo passado", nem mesmo o conflito entre os proponentes da heteros-sexualidade e aqueles que promovem a pansexualidade. Antes, se relaciona com a velha antítese entre a mulher e sua semente e a Serpente. Porque a "feroz amargura" das feministas e dos *gays* é acima de tudo dirigida não contra os "héteros", mas contra Deus, o Criador dos céus e da terra que fez o ser humano macho e fêmea. Nós nos lembramos das palavras de Abraão Kuyper sobre a profunda antítese dentro da história humana: "Não esqueça que o contraste fundamental sempre foi, e ainda é, e será até o fim: Cristianismo e paganismo, os ídolos ou o Deus vivo".[19]

Enquanto cobre seu corpo anêmico com uma falsa túnica de Cristo, Sofia começa a se parecer mais e mais como a meretriz do Apocalipse,[20] aquela impressionante imagem de uma igreja apóstata, fornicando com os reis da terra, bêbada com o sangue dos santos e dos mártires de Jesus. À beira do terceiro milênio, as *Guerras Espirituais* começaram com vigor mortal, embora agora nós vemos somente a luta inicial. Sofia está somente no começo de seu reino.

O Futuro a Longo Prazo

Cheguei ao fim. Este foi um livro difícil de escrever. Sem dúvida eu andei nas pontas dos pés e desnecessariamente ofendi

pessoas bem-intencionadas, às quais eu humildemente peço perdão. Mas não pude evitar colocar a caneta no papel. Por cinco anos desde que me mudei para os Estados Unidos, tenho sentido a opressão do erro mascarado como verdade em uma terra que por tanto tempo tem sido uma fortaleza para o Evangelho. A necessidade de advertir meus irmãos e irmãs tem pesado sobre mim e me manteve em minha escrivaninha por mais tempo do que qualquer pessoa deveria ficar em uma escrivaninha. E creio firmemente, embora ore para que esteja errado, que estamos testemunhando os primeiros sinais de um ataque contra a verdade de Cristo, de uma forma que a igreja nunca viu antes. A fé cristã ortodoxa, em vez de ser celebrada como a espinha dorsal do Ocidente, é agora como uma crença de pessoas fanáticas. À medida que a civilização ocidental, com a América do Norte na liderança, abandona seu ancoradouro espiritual, aquilo que constituiu seu centro por tanto tempo é agora, em nossa geração, deixado de lado como um extremismo vergonhoso.

O objetivo deste livro é expor a crescente apostasia ao nosso redor. Neste sentido, é um toque de alvorada. Eu não dei muitas respostas, pois acho que não ouvimos todas as questões ainda. Agora não é com certeza um momento para soluções rápidas. Eu não preparei alternativas cristãs.[21] Antes, procurei olhar no "abismo da loucura", para usar as palavras de Irineu, para descrever como tantos cristãos professos parecem estar inclinados ao inferno ao conduzir a noiva de Cristo para o colo de Satanás. Tenho tentado fazer minhas as motivações de Hipólito, pai da igreja, que procurou expor a heresia do gnosticismo por duas razões:

▶ para mostrar aos cristãos o que é verdade e o que é erro:

Ele organizou as crenças heréticas para que os crentes:

> fossem auxiliados pelo nosso discurso a tornarem-se mais inteligentes, quando aprendessem os princípios fundamentais das heresias (...) [e que] estiverem em guarda contra aqueles que permitem a si mesmos se tornarem vítimas dessas ilusões.

▶ para ganhar aqueles que estão ensinando heresias:

> ao proclamar a tolice daqueles que são persuadidos por [esses princípios heterodoxos], nós devemos prevalecer obre eles para reconstituir o curso deles para o sereno lugar da verdade.[22]

Hipólito entendia o coração do Deus da Bíblia. Ao chamar o Israel apóstata a abandonar seu "adultério com pedras e árvores ", o Senhor, com um amor muito sofrido convida esta nação perversa a se converter e a se arrepender.[23]

Post tenebras lux

O lema de nossos ancestrais na fé, "Depois das trevas, luz", deveria encorajar os cristãos a crer que a luz sempre triunfará sobre as trevas, e que os portões do Inferno não prevalecerão contra a igreja.[24] Os cristãos devem lembrar-se de que o reino de Deus não virá pela violência física e pelo uso da espada. Na guerra dos espíritos, as armas também são espirituais. E entre essas armas está o amor aos nosso inimigos. Esse foi o modo pelo qual Jesus prevaleceu. Esse é o modo pelo qual sua igreja prevalecerá.

A mensagem deste livro é acima de tudo encorajadora. Há sim grandes trevas na igreja hoje. Ela desconsidera as Escrituras, ela arrasta o nome do Deus Pai na lama, ela zomba da obra redentora da graça do eterno Filho, despreza-a e faz do pecado o princípio da vida.

Mas a mentira sedutora não está no controle da situação. Por sua própria natureza, como decepção e imitação, ela não pode senão deixar brilhar a luz da verdade com um resplendor maior. Olhar para ensinos falsos torna o Evangelho ainda mais convincente, e examinar a mentira faz com que a verdade brilhe em toda a sua força, e com maior intensidade. Deus promete isto ao seu povo: "Ao justo, nasce luz nas trevas".[25]

Esse é o desafio para os cristãos que viverão e testemunharão na Era de Aquário. Este é um programa de *ação* para o povo de Deus no começo do terceiro milênio – o de se engajar em um ato de profundo entendimento sobre a natureza da verdade e da falsidade em nossos dias, e serem fiéis Evas e amorosos Adãos que encarnam obediência ao Deus da Escritura, o Criador e Redentor, e que pelo

poder do Espírito celebram a presença do Reino vindouro em famílias fiéis, vidas santas e um evangelismo perseverante, pois, nas palavras de Hipólito, aqueles que "aprenderam os princípios fundamentais das heresias", são os que se levantarão firmes nas trevas. Eles serão capazes de "advertir o pecador de seus maus caminhos".[26] Eles serão como atalaias nos muros. Eles manterão a chama do Evangelho queimando com fulgor em uma hora de grande apostasia,[27] até que, na hora determinada por Deus, no encontro do Filho com as nações, a verdade resplandecerá, por todo o planeta e todo o cosmos, na palavra final da confissão universal – em termos paternais, de fato patriarcais – que "Jesus Cristo é Senhor para a glória de Deus Pai".[28]

> Venha o teu reino e assim cesse o desespero da terra
> Sob a sombra de sua paz curativa:
> Levante bem alto a cruz, o amor de Cristo proclame,
> Até que todo o mundo adore seu sagrado nome.[29]

Notas

Prefácio

1 John Lennon, *Skywriting by Word of Mouth,* San Francisco: Harper e Row, 1986, 35. Devo muito a Alan Morrison, *The Serpent and the Cross: Religious Corruption in an Evil Age,* Birmingham, UK: K&M Books, 1994; 67, para esta referência.

2 Um editorial no *The New York Times* reproduzido no *Times Advocate* de Escondido, Califórnia, em 8 de julho de 1994, A-7.

3 *The Los Angeles Times,* 6 de julho de 1994.

4 Gênesis 3.15.

5 O título de um livro recente: *After Patriarch: Feminist Transformations of the World Religions, org. por* Paula Cooey (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1991).

Capítulo 1

1 Marilyn Ferguson, "Aquarius Now... Making it Through the Confusion Gap" *Visions Magazine,* julho de 1994, 7.

2 Citado em Morrison, *The Serpent,* 119.

3 A severa correção nas eleições do meio do ano de 1994 foi somente uma onda na superfície. Alguns de políticos estão felizes por serem identificados como *fisicamente* da ala direita, mas poucos, mesmo no Partido Republicano, estão dispostos a se chamarem *socialmente* da ala Direita. Em 1996, um terço do Partido Republicano se opôs à posição Republicana tradicional contra o aborto, e mais 25 por cento não tomaram posição. É aqui, é claro, onde a verdadeira revolução tem acontecido – na sociedade e nos valores humanos morais.

4 Em seu controvertido livro *Unlimited Access: An FBI Agent Inside the Clinton White House* (Regnery, 1996), o agente aposentado do FBI Gary W. Aldrich, responsável pela segurança da Casa Branca durante o primeiro mandato da administração Clinton pinta um quadro de um novo tipo de *staff* presidencial. Ele despreza os protocolos do passado e é aberto ao uso de drogas. (Alguns membros do *staff* têm histórias de sério uso ilegal de drogas – ver *Human Events,* de 12 de julho de 1996, 1. Simbolicamente, a Casa Branca aboliu o departamento de drogas durante o primeiro mandato da administração de Clinton – *ibid.,* 20). O *staff* também rejeita os procedimentos de segurança do FBI sobre a investigação do passado pessoal e do uso de documentos classificados. De acordo com Aldrich, William Held Kennedy III, Conselheiro Associado da Casa Branca, ao explicar a Aldrich porque encontrou tal resistência às investigações do passado dos empregados da Casa Branca, disse: "Essas pessoas são um pouco diferente daquelas com quem vocês costumam lidar. Elas não gostam de dizer a estranhos sobre seus aspectos

pessoais particulares. Entendem que isso seria intromissão" (Ver excertos publicados em *Human Events,* de 5 de julho de 1996, 12-14). Uma forte apoiadora de Clinton, Eleanor Clift, correspondente de Washington para a revista *Newsweek,* disse no *show* de Larry King de 1º de julho de 1996, corroborando com a imagem que Aldrich pinta da administração Clinton: "nós todos sabemos que houve centenas de assistentes que não conseguiram liberação. Esta era uma nova geração, alguns deles não tinham um histórico de drogas, e eles foram displicentes quanto a uma verificação a respeito do assunto" – citado *ibid*., 3.

5 Parte do título de um estudo sociológico de Annie Gottlieb – *Do You Believe in Magic? The Second Coming of the 60s Generation* (Nova York: Times Books, 1987).

6 Essas são as palavras bem-elaboradas de Cal Thomas, ver *World,* de 23 de abril de 1994, 12. É claro que o que eu digo neste capítulo a respeito do Presidente Clinton não deve ser visto como motivado politicamente ou pessoalmente. Como pessoa, Bill Clinton é um filho de sua época, e o que é verdade sobre ele é verdade sobre muitos de sua geração. Por exemplo, o jovem Clinton em 1972 participou da campanha de George McGovern em Arkansas, o candidato presidencial de quem os Republicanos naquela época ridicularizada como "o candidato dos três 'As': ácido (LSD), anistia e aborto". Em 1972, com a nomeação de McGovern, o novo esquerdista da revolução dos anos 60 assumiu a máquina do Partido Democrático. Suas tentativas falharam, mas foram bem-sucedidas vinte anos mais tarde. Em 1992, finalmente um daquela geração "com seus valores" entrou na casa Branca – ver Thomas J. Herron, "Aids Awareness as Established Religions", *Fidelity* vol. 14-10 (outubro de 1995), 26, 29. Que isso não é uma observação política é provado pelo fato de que o palestrante principal da Convenção do Partido Republicano em San Diego, em 1996, foi Susan Molinari, congressista de Nova York que é pró-aborto e admitiu ter usado drogas quando era estudante.

7 Marilyn Ferguson, *Aquarius Now*, 7.

8 Conquanto uma pesquisa feita pelo People for the American Way em 1994 tenha mostrado que mais da metade do povo americano acreditava que a raiz dos nossos problemas estava no declínio dos valores morais, e que 74 por cento estariam mais propensos a votar em um candidato que desse prioridade ao retorno dos valores tradicionais, é também verdade que setenta por cento dos americanos não acreditam mais em uma verdade absoluta, de maneira que um retorno aos valores tradicionais é estritamente impossível – *World* (24 de setembro de 1994), 8.

9 Como exemplo, a *Meta 2000* do governo, que propõe a agenda para a educação pública até o ano 2000, inclui objetivos notáveis como: "Todas as crianças da América começarão a escola prontos a aprenderem", e "Os alunos dos Estados Unidos serão os primeiros no mundo em matemática e em ciências". Infelizmente, esses objetivos e os outros da lista pressupõem uma família saudável composta de pai e mãe, e este não é o caso da maioria das crianças.

10 O humorista Fran Lebowitz, citado por Suzanne Garment, jornal *L. A. Times* de 24 de janeiro de 1993.

11 Garry Wils, jornal *L.A. Times* de 24 de janeiro de 1993.

12 De acordo com Ram Dass (Richard Alpert) em uma palestra pública em San Diego em 18 de maio de 1993.

13 Marianne Willianson, *A Return to Love: Reflections on The Principles of 'A Course*

in Miracles' (Nova York: HarperCollins, 1992).

14 De acordo com o jornal *Chicago Tribune,* de 20 de dezembro de 1994, 2.

15 *Parliament of the World's Religions: Program Catalogue* (Chicago: 1993), 119-120. Em sua palestra, Jean Houston descreveu seus encontros regulares durante sua adolescência com Pierre Teilhard de Chardin, um sacerdote jesuíta que é considerado um dos pensadores originadores da espiritualidade da Nova Era.

16 Bob Woodward descreve este incidente em seu livro, *The Choice,* recomendado para leitura pela Casa Branca. Ver Sonya Ross, "White House Defends First Lady's Use of Spiritual Advisers", *Associated Press,* relatado no jornal *San Diego Union Tribune* (23 de junho de 1996).

* *Pro-choice* - Movimento que apóia o direito legal de mulheres e garotas escolherem entre ir até o fim da gravidez ou abortar.

17 Gillian Russell Gilhool, "more on Beijing", *Wellesley* (primavera de 1996), 1.

18 *Associated Press* relatou no *San Diego Union Tribune* (17 de julho de 1996). Em uma audiência diante do Comitê de Reforma e Governo da Casa, vários agentes do FBI testemunharam que em 1993 de trinta a quarenta pessoas do *staff* da Casa Branca, da administração Clinton, haviam usado drogas, incluindo cocaína, alucinógenos e *crack,* de acordo com *Human Events* (26 de julho de 1996), 1. Esse fato sugere um relacionamento com um outro fato. Um relatório recente (agosto de 1996) indica que durante o período de 1992-1996, o uso de drogas por adolescentes cresceu 78 por cento. Uma administração que usa drogas não eliminará a praga da droga.

19 Michael Lerner, freqüentemente visto em Washington nestes dias como um dos gurus ideológicos do Sr. Clinton, foi o líder do SDS de Berkeley nos anos 60. Este radical judeu reapareceu no final de 1995 como parte de um protesto evangélico de esquerda contra o projeto Republicano para balancear o orçamento Federal ao simplificar o sistema de assistência social. Pressionando sobre a noção de co-hostilidade a novos níveis de compromisso, tanto ele quanto Tony Campolo foram presos pelo mesmo detalhe policial!

* *Baby-boomers* – De "baby-boom", ou "explosão de bebês". Refere-se a grande quantidade de crianças nascidas entre 1947 e 1961 (após o fim da Segunda Guerra Mundial), nos EUA.

20 Peter Collier e David Horowitz, *Destructive Generation* (Nova York: Simon e Schuster, 1990), 304.

21 Ken Carey, *The StarSeed Transmissions* (Harper, 1982), citado em Morrison, T*he Serpents,* 155.

22 Marilyn Ferguson, "Aquarius Now", 7.

23 A frase é de Roger Kimball, *Tenured Radicals* (San Francisco: Harper e Row, 1990).

24 Michael Bauman, "The Chronicle of na Undeception", C*ulture Wars* 1-7 (dezembro de 1995), 17.

25 Isso não deveria de maneira alguma ser tomado como uma defesa do mau uso do poder patriarcal, mas o mau uso do poder judicial não significa

necessariamente a queda do sistema judicial, que é a nossa única defesa contra o caos da falta de lei.

26 Como relatado no *World*, de 2 de julho de 1994, 19.

* Desconstrução - Um movimento filosófico de crítica literária que questiona as afirmações tradicionais sobre certeza, identidade e verdade, afirmando que as palavras podem se referir somente a outras palavras, e tenta demonstrar como as afirmações sobre qualquer texto subvertem os seus próprios significados.

27 Veja duas excelentes discussões a respeito da desconstrução: Gene Edward Veith, *PostModern Times: A Christian Guide to Comptemporary Thought and Culture* (Wheaton, IL.: Crossway, 1994), 47-70, e Charlene Spretnak, *States of Grace: The Recovery of Meaning in the PostModern Age* (San Francisco: Harper, 1991), 233-244.

28 Jerry Rubin, *Do It* (Nova York: Simon e Schuster, 1970), 249.

29 A revolta "Stonewall" de 1964 em Greenwich Village em que os homossexuais resistiram a uma *blitz* da polícia no bar desse famoso *gay*, é reverenciada como um momento marcante para o movimento homossexual.

30 Em seu livro, *The Politics of Meaning: Restoring Hope and Possibility in an Age of Cynism* (Nova York: Addison-Wesley Publishing Company, 1996), Lerner mostra-se como sendo um verdadeiro pós-moderno quando ataca a modernidade e o liberalismo da Esquerda e do "alto" patamar da nova espiritualidade.

31 O jornal *The Los Angeles Times* (6 de julho de 1994) apela aos leitores para se deixarem levar pela luxúria de verão, pois isso é natural.

32 *Playboy*, que Hugh Hefner começou nos anos 50, é agora uma das mais conservadoras e principais literaturas pornográficas disponíveis hoje.

33 NAMBLA (Associação Norte-americana de Homens e Garotos Amantes) em 1994 conseguiu ser incluída na parada *gay*-lésbica Stonewall 25, patrocinada pela Cidade de Nova York. Enquanto isso, um juiz da Corte Superior de San Diego decidiu que os escoteiros não podem impedir homossexuais de se tornarem líderes dessa organização (ver *San Diego Union-Tribune,* de 8 de julho de 1994).

34 Gênesis 15.16. Eu sou agradecido ao Rev. Steve Schlissel por esta idéia.

35 Gary L. Bauer, Presidente do *Family Research Council*, em uma circular de 7 de fevereiro de 1994.

36 Veja a excelente descrição desta pesquisa religiosa em Os Guinness, *The Dust of Death: A Critique of the Establishment and the Counter-Culture – and a Proposal for a Third Way* (Downers Grove, IL: IVP, 1973). Ele registra (284) que voltar-se para o Oriente abriu o Ocidente para o oculto novamente. Em particular ele observa que "Os anos 60 foram uma década que marcou um crescimento dramático do ocultismo. De fato, 1966 pode ser tomado como o ano que o movimento ganhou popularidade. Muitas das mais famosas Igrejas de Satanás, Círculos Mágicos e Congressos de Bruxas foram fundada nesse ano".

37 Ken Kesey, um dos bardos do movimento disse: "Por um ano eu estive no Jardim do Éden. O LSD abriu a porta para o paraíso. Foi o Jardim do Éden e a inocência e uma bola". – citado em Guinness, *The Dust Of Death,* 232. Guinness, (*ibid*., 233), em relação à busca espiritual da cultura da droga, também cita o comentário de Aldous Huxley de que "o desejo de transcender a própria consciência

e o eu é um dos principais apetites da alma". Guinness falou de drogas como tendo "alcançado uma importância quase sacramental, virtualmente o pão e o vinho da nova comunidade" (*ibid.*).

38 Palestra pública em San Diego, em 18 de maio de 1993.

39 David Miller, *The New Polytheism: Rebirth of the Gods and Goddessess* (Nova York: Harper e Row, 1974), 11.

* Chakras – os sete centros de energia espiritual no corpo humano, de acordo com a filosofia yoga.

* Kundalini – Energia que fica dormente na base da espinha até que seja ativada, pela prática da yoga, e canalizada para cima através dos chakras no processo de aperfeiçoamento espiritual.

40 Citado em Morrison, *The Serpent*, 228.

41 Charles H. Simpkinson, "Civility and Building Community: Interview With M. Scott Peck", *The Light Connection*, julho de 1994, 12.

42 Gary Bauer, presidente do *Family Research Council*, em um artigo "American Family Life: Worth Exporting?", *Focus in the Family*, julho de 1994, página 2 e seguintes. Ver também William J. Bennett, *The Index of Leading Cultural Indicators: Facts and Figures on the State of the American Society* (Nova York: Simon e Schuster, 1994), 59: "Os Estados Unidos têm a maior taxa de divórcio no mundo. Tendo como base os números atuais, aproximadamente metade de todos os casamentos do país pode terminar em divórcio". Isso, é claro, não é uma maneira de construir uma cultura sólida, pois famílias instáveis criam um povo instável. Certamente não haverá um futuro, apesar da enorme perícia técnica, para uma civilização construída em bases que não são firmes.

43 Citado por Bauer, *ibid.*

44 O colapso da família tem tido um impacto enorme no resto da cultura – ver William J. Bennett, *op. cit.* Em particular, o colapso da família é incentivado pelo crescimento do governo. A "Grande Sociedade" de Lyndon B. Johnson foi parte da resposta dos anos 60 para os problemas da sociedade, mas o julgamento de Bennett é condenatório: "Nunca antes o alcance do governo foi tão amplo ou a sua bolsa tão grande – e nunca antes as nossas patologias sociais foram piores". Ver *ibid.*, 12.

45 *Ibid.*

46 Estes são fatos do Bureau do Censo como relatado no *Times Advocate* (de Escondido – Califórnia), de 29 de julho de 1994.

47 *Ibid.*

48 Alvin P. Sanhoff, "The core of the matter", *U.S. News & World Report* (25 de março de 1996), 57-58.

49 *ibid.*, 58.

50 George Gilder, M*en and Marriage* (Gretna, LA: Pelican, 1986), 79ss.

51 Nenhuma época tem expressou verdadeiramente a fé cristã em um sentido radical e consistente. Sem dúvida, o apelo para o fim do preconceito racial deu à

revolução dos anos 60 uma aparência de pureza moral que, em parte, explica a longevidade de sua popularidade. Houve elementos a serem criticados no cristianismo americano antes dos anos 60, não sendo fácil a aceitação da segregação racial. Mas os anos 60 não foram um movimento reacionário que denunciou inconsistências, insistindo no retorno às origens. Ele se desviou dessas origens, encontrando respostas no paganismo oriental.

52 O título do estudo sociológico de W. C. Roof, *A Generation of Seekers: The Spiritual Journeys of the baby Boom Generation* (San Francisco: Harper, 1993).

53 W. C. Roof, *ibid*., 126.

54 Sobre isso ver W. C. Roof, *ibid*. Robert Wuthnow, fazendo a crítica do livro diz: "Um livro importante que trata das lutas de uma geração inteira para encontrar a si mesma e *definir a espiritualidade de uma nova maneira* [itálicos meus]". Ver *Harper's Torch Letter* (San Francisco: Harper, abril, 1994), 32.

55 Como Roof, *op. cit*., 249-50, observa, "A contracultura veio e se foi, mas muitos dos valores associados a ela (...) aspirações libertadoras, igualitarismo maior, consciência ecológica e um desenvolvido interesse no ego estão agora profundamente impregnados na vida americana (...). O que antes estava na margem da cultura, agora permeia as partes principais da cultura".

Capítulo 2

1 Romanos 1.25.

2 Para partes desta análise, eu estou em débito com o professor Jeffrey Haddon do Departamento de Sociologia da Universidade de Virgínia, em uma palestra pública sobre as principais características do movimento Nova Era. Sobre o monismo oriental ver Guinness, *The Dust os Death*, 211-225.

3 O exército americano recentemente removeu a cruz da insígnia usada pelos capelães. No lugar da cruz colocaram um sol com seus raios, simbolizando o divino em todas as coisas – ver Chris Murray, *Army Times*, 17 de janeiro de 1994, 12, citado no boletim circular mensal de James Dobson de fevereiro de 1994. Uma outra versão do círculo, o mundo ovo, apareceu como a peça central das cerimônias de abertura das olimpíadas de inverno em Lillehammer, Noruega, em fevereiro de 1994, onde os organizadores, em um país que tem sido descrito como de 95 por cento de luteranos, propuseram ao mundo que os assistia um programa que exaltava o paganismo norueguês antigo.

4 Asphodel P. Long, *The Absent Mother:Destoring the Goddess to Judaism and Christianity*, org. por Alix Pirani, (Londres: Mandala, 1991). Não pode haver heresia em um universo como este, exceto a heresia que nega sua validade total.

5 Ver David F. Wells, *No Place for Truth; or, Whatever Happened to Evangelical Theology?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1993).

6 Arthur L. Johnson, *Faith misguided: Exposing the Dangers of mysticism* (Chicago: Moody Press, 1988), 32. Johnson mostra a natureza mística desta tolerância: "Ele pode argumentar que, desde que o não-místico não tenha tido a experiência que

ele teve, o não-místico não é portanto qualificado para julgá-lo (...). De qualquer forma, os místicos religiosos afirmam ter experimentado Deus e ter recebido revelações especiais (...). O resultado prático de tudo isso é que é quase impossível discutir com qualquer místico convicto". Para uma boa discussão a respeito deste assunto, ver James W. Sire, *The Universe Next Door* (Downers Grove, IL: Inter Varsity, 1976), 178-183.

7 Para um relatório sobre este parlamento ver Peter Jones, "Curb Your Dogma: In the midst of a Gloomy Week, One Bright moment", *World 8-17* (18 de setembro de 1993), 22

8 Ver Arthur L. Johnson, *Faith misguided, 35-36.*

9 Como o grande gnóstico moderno, C. G. Jung, disse: "O eu é um círculo cujo centro está em todo lugar e cuja circunferência não está em lugar algum" – ver Miguel Serrano, *C. G. Jung and Hermann Hesse: A Record of Two Friendships*, trad. Frank MacShane (Nova York: Schoken Books, 1968), 50, 55.

10 O Cardeal Bernadin, altamente visível no esplendor episcopal e nas vestimentas nas cerimônias de abertura, nunca sequer exercitou sua função como professor e pastor, e permaneceu em silencio com respeito ao Cristianismo histórico teísta.

11 *The Light Connection*, julho de 1994, 14.

12 James Davidson Hunter, *Before the Shooting Begins: Searching For Democracy in American's Culture War* (Free Press, 1994).

13 Martin Marty, *The public Church: mainline, Evangelical, Catholic* (Nova York: Crossroad, 1981), citado em James W. Fowler, *Weaving the New Creation: Stages of Faith and the Public Church* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1991), 14.

14 14. J. M. Robinson, "How my mind Has Changed", *SBL 1985 Seminar Papers* (Scholars Press, 1985), 486.

15 Roberto Funk (org.) (Nova York: Macmillan, 1993).

16 Este é o termo usado para Deus em toda a literatura promocional e palestras. Um de seus seminários é intitulado "Pelos Olhos de Sua Alma: Utilizando os Dons e os Tesouros de Deus / Deusa / Tudo o que é". Ver *1994 Concept: Sinergy*, P.O.Box 3285, Palm Beach, Flórida, 33480.

17 O jornal grátis da "Nova Era", *The Light Connection* (San Diego, abril de 1994), que está parecendo mais e mais como Good News, ETC., sua contraparte cristã.

18 Gary Bauer, diretor do Concílio de Pesquisa sobre a Família, admitidamente disse que "não é por natureza um proclamador de destruição". Bauer é antes um *polido político* de Washington, mas em seu boletim mensal de 7 de fevereiro de 1994 ele afirma que a família está "lutando por sua própria vida".

19 Ver *World*, de 2 de abril de 1994, 24.

20 20. *Christianity Today*, de 7 de março de 1994, 45.

21 De acordo com um informativo recente do *Family Research Council* (7 de junho de 1994), um casal cristão foi encorajado por médicos a abortar a criança que eles ansiavam tanto porque a mulher entrou em trabalho de parto no quinto mês de gravidez. Embora o bebê não fosse maior do que a mão de seu pai, pesasse "não mais do que meio litro de leite", e tivesse uma pele transparente avermelhada, a

tecnologia pré-natal salvou a sua vida, e agora ela está bem e sem anormalidades.

22 A Corte Suprema da Califórnia, como relatado no *Southern California Christian Times,* de junho de 1994, decretou como assassinato a morte de um feto de sete a oito semanas de idade. Neste ponto o feto é do tamanho de um amendoim, mas este precioso amendoim é protegido pela lei – exceto, é claro quando a mãe decide matá-lo.

23 *The Times Advocate,* de 17 de junho de 1994.

24 Ver "Coluna Um", *Los Angeles Times,* 5 de julho de 1994.

25 Em seu livro, *The Awakening Earth: The Next Evolutionary Leap,* um livro didático padrão da Nova Era, citado em Morrison, *The Serpent,* 135, 138.

26 "The Manson Murders: Twenty Five Years Later", *Los Angeles Times,* de 6 de agosto de 1994.

27 Marilyn Ferguson, *Aquarius Now,* 13, refere-se ao modelo de Ilya Progogine de estruturas dissipativas.

28 Robert L. Wilken, o Willian R. Kenan Júnior, professor de História do Cristianismo da Universidade de Virgínia, parece concordar com este julgamento quando diz: "As mudanças que estamos testemunhando [em nossa civilização] não são alterações inevitáveis pelas quais os modos mais antigos se adaptam às novas circunstâncias. Eles são o resultado de um desmembramento sistemático, uma destruição de nossa cultura que é 'intencional, não acidental', como Myron Magnet o coloca em seu recente *The Dream and the Nightmare".* Ver Wilken, "No Other Gods", *First Things,* dezembro, 1993, 13. Por outro lado, John S. Hawley, organizador do livro *Fundamentalism and Gender* (Nova York: Oxford University Press, 1994), 10-12, de modo simplista nega que a oposição ao feminismo seja uma nostálgica fixação à discliminação masculina / patriarcal do passado. Os autores não incluem em sua "sábia" análise a redefinição radical da sociedade que ocorrem como resultado da influência de uma nova visão pagã de mundo.

29 *The Times Advocate,* sábado, 21 de maio de 1994. A 1.

30Robert Wilken, "No Others Gods", 14. Um outro autor que vê um ataque do paganismo é Stephen Smith, "Worldview, Language and Radical Feminism: Na Evangelical Appraisal", Alvin F. Kimel Jr., org., *Spealsing the Christian God: The Holy Trinity and the Challenge of Feminism* (Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1992), 258-275. A análise de Smith é ainda mais precisa, e emprega os termos usados em minha própria análise aqui.

31Ver Alan David Boom *The Closing of the American Mind: How Higher Education Has Failed Democracy and Impoverished the Souls of Today's Students* (Nova York: Simon e Schuster, 1987). Para uma visão mais profunda ver George M. Marsden e Bradely J. Longfild, *The Secularization of the Academy* (Nova York-Oxford: Oxford University Press, 1992). No artigo de Robert Wood Lynn, "The Survival of Recognizably Protestant Colleges' : Reflections on Old-Line Protestantism, 1950-1990, " 171, o autor fala de "reconhecidas faculdades protestantes" como sobrevivendo somente como "minorias cognitivas" relativa a sua posição uma vez dominante na educação americana. Refletindo sobre Harvard de 1945, *General Education in a Free Society,* que afirmava que o Cristianismo não "era mais uma fonte viável de unidade acadêmica", Lynn observa que nos meados do século, "A América era rebeldemente

pluralista" (176). Essa rejeição acadêmica do Cristianismo saiu às ruas nos anos 60.

A sementeira dos anos 60 é uma outra fascinante história, a qual eu só posso insinuar no que se segue. Ver David Halverstam, *The Fifties* (Nova York: Fawcett Columbine, 1993).

32 Para uma excelente documentação, ver Michael Medved, *Hollywood Versus América: Popular Culture and the War on Traditional Values* (Nova York: Harper Colins, 1992).

33 Ver George Grant, *Grand Illusions: The Legacy of Planned Parenthood* (Franklin, TN: Adroit Press, 1992).

34 De acordo com o pesquisador George Barna, relatado em *World* de 5 de março de 1994. Essas estatísticas apóiam as descobertas de W. C. Roof, *Generation of Seekers, 130,* que descobre que os *boomers* seguidores da Nova Era *e* os evangélicos têm aspirações espirituais autocentralizadas muito semelhantes, que enfatizam muito mais a saúde psicológica pessoal do que um "grupo de comportamentos externos, de dogmas e formas associadas com a religião organizada".

35 Stephen Sith, "Worldview, Language, and Radical Feminism", *Speaking the Christian God,* 275.

36 Os Guinness, *The Dust of Death,* 209.

Capítulo 3

1 Friedrich Nietzsche, "The Greatest Utility of Polytheism", *Joyful Wisdom,* traduzido por Thomas Common (Nova York: Ungar Publishing Co., 1960), 178-180.

2 A fatiga às vezes leva ao pânico. Ver Walter Brueggemann, "On Writing A Commentary ... An Emergency?" *ATS Coloquy* (setembro/outubro de 1992), 10-11. Brueggemann questiona o que acontecerá quando o método científico antigo, conhecido como "histórico-crítico" for abandonado, e os eruditos tornarem-se defensores de qualquer coisa que lhes chamar a atenção. Ver capítulo 8.

3 De uma teologia liberal popular recente, Carl A. Raschke *The Bursting of New Wine Skins: Reflections on Religion and Culture at the End of Affuence* (Pittsburgh: Pickwick Press, 1978), 51, diz: "a teologia liberal popular pregava a salvação do indivíduo, enquanto desprezava o significado e o valor das pessoas". Ele vê esta mesma teologia como tendo "abusado da nova teologia que rompeu com suas próprias raízes e, portanto, murchou por falta de nutrição" (24-25). Ver também David Walsh, *After Ideology: Recovering the Spiritual Foundations of Freedom* (San Francisco: Harper, 1990), 1, que fala de uma "mudança de um significado amplo (...) atualmente acontecendo dentro da civilização ocidental (...). Uma impressionante abertura da alma está acontecendo, à medida que nós cada vez mais entendemos que não somos o solo auto-suficiente para nossa própria existência. Bem no coração da civilização contemporânea secular, está surgindo o reconhecimento de nossa participação em uma ordem de estar completamente além de nosso controle". Walsh fala a respeito de "arrogância" da modernidade e o "fim sem saída" da modernidade (9). A modernidade é a ideologia secular da qual a teologia liberal é a versão "cristã".

4 W. C. Roof, *Generation of Seekers,* descobriu que somente quatro por cento dos *baby-boomers* eram ateístas ou agnósticos (126). Ele observa que esse estilo de vida não-espiritual tem falta de "símbolos transcendentais", qualquer "'cobertura sagrada' em forma de arco" (127). Tais pessoas não estavam satisfeitas com seu mundo não religioso e a sua visão da vida: "secularistas com quem nós conversamos expressaram geralmente a falta de uma estrutura delimitadora ampla para interpretar suas vidas e um desejo de poder expressar seus mais profundos sentimentos sobre a vida" (*ibid*., 127).

5 Benton Johnson, Dean R. Hoge e Donald A. Luidens, "Mainline Churches: The Real Reason for Decline", *First Things* 31 (março de 1993), 13. Ver também Milton J. Coalter, *et al*, org., dois volumes: *The Presbyteian Predicament: Six Perspectives* e *The Mainstream Protestant "Decline": The Presbyterian Pattern,* ambos de Louisville, KY e de Westminster / John Knox Press, 1990.

6 Edward W. Farley, "The Presbyterian Heritage as Modernism", M. J. Coalter, *The Presbyterian Predicament,* 64.

7 Arthur Matthews, "Emptying the Box", *World* (30 de outubro de 1993), 28, dá os detalhes. Os escritórios centrais da Igreja Presbiteriana Americana e a Igreja Unida de Cristo, antes localizados no "God Box", 475 Riverside Drive, Nova York, fugiram para a área central; a Igreja Unida de Cristo foi para Cleveland, Ohio, e a Igreja Presbiteriana Americana para Louisville, Kentucky.

8 *Ibid*., 14-15.

9 *Ibid*., 18.

10 Isso é surpreendente uma vez que Dean Hoge, um dos autores desse relatório, fora o palestrante na principal conferência patrocinada pelo grupo católico-romano Consultores do Tempo. A conferência, que aconteceu em Milwaukee em 1990 tratou do futuro da Igreja Romana durante a qual a proposta radical feminista da Nova Era foi levada por líderes de Mulheres-Igreja, incluindo Rosemary Ruether. Isto é relatado por Donna Steichen, *Ungodly Rage: The Hidden face of Catholic Feminism* (San Francisco: Ignatius Press, 1991), 190-191. Steichen afirma que "na competição para o controle do feminismo católico, Mulheres-Igreja foram claramente as vitoriosas". Onde Hoge não vê nenhuma "mudança cultural importante" no horizonte, Steichen vê "muito da Igreja Católica Americana (...) ocupado pelas forças do inimigo". E o que é verdade sobre o Catolicismo Romano é certamente verdadeiro sobre as principais igrejas protestantes liberais.

11 L*ambra Report* (setembro de 1993), 10.

12 Thomas Oden, *After Modernity… What?* (Grand Rapids, 1990), 39.

13 David A. Noebels, autor de uma profunda crítica do humanismo secular em todas as suas formas, U*nderstanding the Times* (Manitou Springs, CO: Summit Press, 1991) espera ver o "liberalismo (humanismo secular) cair como seu irmão gêmeo (o marxismo) caiu na antiga URSS". Filosoficamente, há muita evidência para pensar que isso a princípio já aconteceu. Isso não indicará o fim do liberalismo.

14 Stephen Carter, *The Culture of Disbelief: How American Band and Polictis Trivialize Religions Devotion* (Nova York / San Francisco: HarperCollins, 1992). A análise de Carter é excelente, mas seu pluralismo episcopal "suave" não é páreo para os pagãos.

15 Spretnak, *States of Graces,* 5.

16 Este termo é agora usado por Mary Daly, a bruxa feminista radical – ver *beyond Godthe Father: Toward a Philosop* (Boston: Beacon Press, 1985), 100, longes de estarem mostra que novamente que as idéias de Nietzche estão mortas.

17 Interessantemente, a feminista Gloria Steinem considera o monoteísmo muito opressor e fechado, a expressão do "imperialismo na religião" esposado pelo "tipo de pessoas dos quais nossos ancestrais vieram para cá para fugir" – citado em Donna Steichen, *ungodly Rage* 156.

18 James Pinkerton, membro sênior do Instituto Manhattan, em um artigo, "The Death List has Its Roots in Philosophy", *L.A. Times* (26 de dezembro de 1993), argumenta persuasivamente que ambas teorias, a de Hegel e a de Nietzsche, foram elementos significativos na ideologia nazista. Hegel, observa ele, glorificou o Estado e o líder carismático como o meio poderoso pelo qual a História avança para a libertação espiritual. Nietzsche glorificou "o super-homem amoral, a besta loira, livre da convenção cristã tola para cumprir sua vontade inata e cruel do poder (...). Não foi um salto muito grande do nietzscheanismo para o nazismo". William E. Hughes, "The People Versus Martin Heidegger", *First Things* (dezembro de 1993), 36, argumenta que um outro grande filósofo alemão, Heidegger, que era um membro do partido nazista, apoiava Hitler desde os princípios básicos de sua filosofia: "A filosofia do existencialismo do Dr. Heidegger é o maior ingrediente do modo como nosso mundo moderno pensa".

19 Nietzsche, "A The Greatest Utility of Polytheism", págs. 178-180.

20 Para o papel de Elizabeth Nietzsche na reputação póstuma de seu famoso irmão, ver Ben Macintyre, *Forgotten Fatherland: The Search for Elizabeth Nietzsdre* (Nova York: Farrar Straus e Giroux, Inc., 1992).

21 David Miller, *The New Polytheism.* David Miller, professor de Religião na Universidade Syracuse, faz dos sentimentos de Nietzsche os seus próprios quando diz: "Preocupar-se com o renascimento dos Deuses e Deusas é uma experiência que pode ser libertadora. Os múltiplos padrões do politeísmo permitem um movimento significativo através de um universo pluralista. Eles nos libertam para afirmar a pluralidade radical do eu, uma afirmação que se tem dificuldade para fazer por causa da culpa que cerca a implicação insidiosa do monoteísmo de que nós temos que 'colocar tudo junto'" (*ibid*., ix).

22 David Cave, M*ircea Eliade's vision for a New Humanism* (Nova York: Oxford University Press, 1993), 26.

23 Steichen, U*ngodly Rage* 286.

24 Steichen, *States of Grace* 2.

25 Certos líderes da sociedade Joseph Campbell foram proeminentes organizadores do *Parlamento das Religiões do Mundo.*

26 Spretnak, *ibid*., 250.

27 David Wells, *No Place for Truth,* 66, observa esta tendência: "as novas teologias têm tipicamente uma desafeição pelas várias formas de fragmentação que a modernização produziu (...). Elas propõem unir o que foi separado, em alguns casos ao chamar para o retorno ao panteísmo ou para adorar uma visão da

imanência de Deus que equipara a atividade divina com a retificação dos erros sociais (...). Tais teologias assim reafirmam a união da natureza e da natureza humana em um todo que é religioso e que nos dá o motivo para procurar sua expressão não simplesmente como indivíduos mas em comunidade. Neste sentido, ser 'pós-moderno' é, em geral, ser oriental na espiritualidade".

28 Casandra Burrell, Associated Press, ver o *Times Advocate*, de 11 de novembro de 1994. De acordo com esse artigo, Lynne Cheney, presidente da Fundação Nacional para a Humanidade durante a administração Bush, acha que as linhas mestras são um pouco mais que propagandas antiocidentais.

29 Ver o Capítulo 8.

30 Citado por Charles Colson, "The Abolition of Truth", *World*, fevereiro de 1994. Uma citação posterior de Fish sublinha este caráter de poder nu: "alguém sempre será restringido em seguida [pela preferência / princípio de outrem], e é seu trabalho ter certeza de que esse alguém não é você".

31 Melanie Kirkpatrick, "Jesus in New York: A Church Yuppies can Have Faith In", *The Wall Street Journal* (8 de julho de 1993), tem esta leitura mais otimista sobre os *baby boomers*: "As igrejas têm crescido por todo o país à medida que os *baby boomers* redescobrem a religião".

32 Ver o relatório em *World* (outubro de 1993), 28.

33 Carl A. Raschke, *The Interruption of Eternity: Modern Gnosticism and the Origins of the New Religions Consciousness* (Nelson-Hall, 1980). Ver também James W. Fowler, da Universidade Emory, *Weavig the New Creation* 13: "Eu creio que nós estamos no meio de uma mudança na consciência cultural de grandes proporções. Diante das incertezas e das ameaças da era emergente, as pessoas estão buscando a religião, o misticismo e a espiritualidade".

34 Lynn Willeford, "Why I Went Back", *New Age Journal* (agosto de 1993), 35-40. As seguintes citações são tiradas desse breve artigo.

35 *New Age Journal* (dezembro de 1992).

36 Roof, *A Generation of Seekers* 154, toma uma posição diferente da de Benton, Hoge e Luidens, que somente vêm o declínio para as principais. "Muitos hoje", diz Roof, "estão explorando as igrejas, as sinagogas e outras instituições religiosas". Um estudo nacional, fundado pela Fundação Lilly, mostra que dois terços dos *baby boomers* que haviam abandonado a religião, voltaram para a igreja e a sinagoga – ver Sandi Dolbee, "Rediscovering Religion: Boomers Seeking a Place That Gives Moral Support to their Children", jornal *The San Diego Union-Tribune* (sexta-feira, 3 de setembro de 1993).

37 Roof, *op. cit.*, 260ss.

38 Uma carta pessoal para Constance Cumbey, citada em *Hidden Dangers of the Rainbow* (Shreveport, LA: Huntingdon House, 1983), 147. nós nos lembramos de uma observação de Lee, em *Against the Protestant Gnostics*, (Nova York: Oxford University Press, 1987) 4: "... poucos gnósticos eram encontrados fora do corpo principal da igreja. O típico gnóstico era um membro, geralmente um pilar, de uma reconhecida igreja cristã local".

39 Ken Carey, *Starseed*, ix, xi.

40 *Ibid*., xv.

41 *Ibid*., 37.

42 *Ibid*., 176-177.

43 *Ibid*., 177-178.

44 Duncan Ferguson, org., *New Age Spirituality: Na Assessment* (Louisville, KY: Westminster / John Knox Press, 1993).

45 Somente o artigo de Morton Kelsey, "The Former Age and the New Age", *ibid*., defende uma forma de Cristianismo tradicional renovado. Harmon Bro aponta para a importância da revelação "comunal e testada pelo tempo" sobre a inspiração individual (180) e Cristo fora de nós (195), mas isso é anulado pela sua aceitação da reinvidicação e de uma relativização da singularidade Cristianismo (195).

46 Na página 98 de *New Age Apirituality*, é verdade, Sprangler desaprova esta formulação como muito petulante, afirmando que ele queria dizer somente que nós precisamos encontrar tanto nosso lado escuro assim como nosso lado claro, antes que nós possamos conhecer a totalidade. O que quer que Spangler diga agora, certamente é um modo estranho de falar, e desde que Spangler realmente não desaprova o pensamento da Nova Era, deixa um cristão preocupado. Encontrar um lugar positivo para Lúcifer foi certamente uma grande preocupação dos proto-seguidores da nova Era, os gnósticos.

47 *Ibid*., 74-75, o ministro Metodista, Glen Olds, espera por um futuro positivo já que "o melhor da Nova Era e todas as nossas tradições religiosas" estão trabalhando juntos para resolver os problemas globais do terceiro milênio. Carl Raschke é também otimista. Ele vê o seguidor da Nova Era como um modelo de uma espiritualidade moderna corajosa, alguém que "não teme seguir o caminho, que outros ainda não tomaram, porque todos os caminhos se encontram no Cruzamento Final" (120). Vivienne Hull, co-fundadora do Centro de Aprendizado Chinook, perto de Seattle considera a "entrada e visão poderosa" da espiritualidade da Nova Era como a maior contribuição do movimento: "*nada agora em nossa história pode ser mais essencial*" [minha ênfase] (141).

48 Steichen, *Ungodly Rage*, 210, 213 e 232-233, destaca este mesmo fenômeno, mas argumenta, assim como eu, que apesar da negação, Fox é tão Nova Era como qualquer outro.

49 *Ibid*., 219.

50 Interessantemente, esta palavra está sendo lançada não somente sobre os ortodoxos, protestantes e fundamentalistas radicais, mas também sobre os católicos romanos ortodoxos – ver Steichen, *Ungodly Rage*, 227.

51 "Matthew Fox: 'Joy Happens'", *New Age Journal* (dezembro de 1992), 26-27.

52 Sobre este termo, ver Virginia Mollenkott, *Sensuous Spirituality* (Nova York: Crossroads, 1992), 73ss.

53 Ver capítulo 8.

54 Infelizmente o otimismo de Thomas Oden não parece ser crítico. A fascinação pelo futuro, com o que Charles Colson nomeou um dos quatro cavalos do Apocalipse moderno – a ilusão de que a utopia está por perto – não tem diminuído.

Constantemente alimentada pelo mito do progresso evolucionário, é claro que espírito do mundo hegeliano está na raiz do novo liberalismo. Questiona-se se o liberalismo, assim como o marxismo, é obrigado a enfocar o futuro porque o presente nunca corresponde as afirmações ideológicas deles. David Wells, *No Place for Truth*, 60, fala da "necessidade [na teologia liberal contemporânea] de estar em movimento, movendo-se em direção ao futuro, para saber que nós estamos deixando para trás períodos de menor alcance e nos libertando do que é obsoleto".

55 Ninian Samert e Steven Konstantine, *Christian Systematic Thology in a World Context*, (Minneaplolis, MN: Fortress Press, 1991), 143. É verdade que o futuro desempenha um profundo papel para cristão clássico e no Novo Testamento. No entanto, a esperança relaciona-se à transformação radical por Deus do cosmos pelo seu próprio poder, não um processo evolucionário causado pelos seres humanos. Entender o reino de Deus na terra sempre foi um tema da teologia liberal, especialmente no século 19. A diferença com esta nova forma é sua nota "apocalíptica".

56 Stephen Hawking, *A Brief history of Time* (Londres: Bantam, 1988), 175.

Capítulo 4

1 Mary Daly & Jane Caputi, *Webster'sFirst New Intergalactic Wickedary of the English Language* (Boston: Beacon Press, 1987), 88.

2 O título do estudo sociológico *best-selling* de James Davidson Hunter publicado em 1991 (Basic Books / Harper).

3 Significativamente, como observado acima, o último livro de Hunter tem um título muito mais sinistro, *Before the Shooting Begins.*

4 Tom William, sacerdote da Igreja de todos os Mundos, citado em Dave Bass, "Drawing Down the Moom", *Christianity Today*, abril de 1991, 17.

5 Uma pesquisa conduzida pelo Concílio de Pesquisa da Família conclui que há um "comum acordo que a cultura [americana] está decaindo [mas] parece haver uma ausência de consenso sobre o que fazer sobre o assunto" Relatado em *World* (11 de dezembro de 1993).

6 Uma companhia que sustenta uma postura pró-homossexual em sua organização e em afirmações públicas.

7 Ver *Lambda Report* 1/5 (outubro de 1993), que documenta que Radecic deu uma palestra na "S/M Leather Fetish Conference" que aconteceu durante a "Marcha sobre Washington" em 1993, no Auditório Mellon, um prédio federal na Constitution Avenue. Nesse prédio haviam estandes para venda de vários aparatos para sexo sadomasoquista como capuzes e aparelhos de torturas corporais. Em seu discurso, ela identificou-se com a comunidade do sexo sadomasoquista admiradora do couro e encorajou seus ouvintes a serem ativos na política *gay*. "Nós devemos estar na mesa da comunidade *gay*, lésbica e bissexual que estão determinando os planos". Parte do plano era se opor à censura da arte sadomasoquista homossexual.

8 Oficiais homossexuais (e lésbicas) do alto governo, junto com sua correspondente hostil "direita", estão atrás de portas fechadas nos departamentos como o da Saúde e Serviços Humanos, Justiça, Habitação e Desenvolvimento

Urbano e do Escritório da Cirurgia Geral. O que estão preparando para este país outrora cristão está para ser visto.

9 Este movimento sem dúvida tem enorme poder financeiro para poder começar uma companhia telefônica para competir com AT&T, MCI e Sprint. Esta força é sugerida pelo fato de que a última elaboração ideológica do novo liberalismo religioso, T*he Universe Story: From the Primordial Flaring Forth to the Ecozoic Era; A Celebration of the Unfolding of the Cosmos,* de Brian Swinne e Tomás Berry (San Francisco: Harper San Francisco, 1992), é dedicada a Lawrence S. Rockfeller.

10 Isso, em nível comercial, é o equivalente da nova teoria governamental da "política de significado", uma ideologia associada com Michael Lerner e o grupo dos ex-radicais dos anos 60 conhecidos como "os amigos de Hillary". Essa ideologia está em todo lugar. Um amigo bibliotecário passou-me uma publicação de uma das mais respeitadas publicadoras sobre "The Choice to Change: Establishing as Integrated School Library Media Program", de Paula Kay Montgomery (Eaglewood, CO: Libraries Unlimited, Inc, 1989). O artigo afirma que o especialista em mídia da biblioteca deve mudar a si mesmo, que "a realidade está no interior", que se deve "confiar e usar a intuição", "aprender a meditar", e "esperar milagres".

11 Citado em Harold A. Netland, *Dissident Voices: Religions Pluralism and the Question of Truth* (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 196.

12 Paul Knitter, *No Other Name? A Critical Survey of Christian Attitudes Toward the World Religions* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1986), 225.

13 Esta é a leitura otimista de Leonard Swidler, *The Meaning of Life t the Edge of the Thirt millennium* (Nova York:Paulist Press, 1993), 4 e 116. De acordo com Swidler, que é professor do Pensamento Católico e do Diálogo Inter-Religioso, da Universidade Temple, na Filadélfia, "o diálogo é a contribuição formal cristã ao mundo do Terceiro Milênio". Lionard Swidler, citadíssimo teólogo sobre Jesus como um feminista igualitário, crê que o homem moderno "não pode mais ter uma posição absoluta da verdade", e chama os cristãos para experimentar outras religiões "do interior" – ver Leonard Swidler, org., *Towards a Universal Theology of Religion* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1987), 12, 16.

14 Smart e Konstantine desejam "levar à frente" o projeto proposto por Teilhard e pelos teólogos sincretistas Wilfred Cantwell Smith, Raimundo Pannikar, John Hick e John Cobb".

15 *Op. cit.*, 144-145. Mesmo se essa terminologia for complicada e elitista, não é difícil saber o que a episcopal Ninian Smart quer dizer. Seu compromisso com a religião única do mundo é evidenciado pelo fato de que é "membro presidente do concílio" da "Federação inter-religiosa para a Paz Mundial", patrocinado pelo Rev. Sun Myung Moon, líder da Igreja da Unificação.

16 R*eligions Studies,* Harper San Francisco, catálogo de 1995, 2.

17 Tertuliano, *De Praescriptioe*, 41, citado em K. Rudolf, *Gnosis: The Nature and History of na Ancient Religion* (Edimburgo: T & T Clark, 1977), 216.

18 Matthew Fox, *The Coming of the Cosmic Christ: The Healing of Mother Earth and the Birth of a Global Renaissance*, (San Francisco: Harper, 1988), 229.

19 Fox, *ibid*., 229. "O misticismo (...) nunca foi tratado em nível ecumênico". Sob a influência de Knitter, Fox e outros, este descuido logo será sanado.

20 *Ibid*. Este tipo de espiritualidade já apareceu no Concílio Mundial de Igrejas. Na Assembléia Geral em Canberra, na Austrália, em 1991, a teóloga feminista Chung Hyun Kyung nas palavras centrais de seu discurso, incluiu uma apresentação de dançarinos coreanos e aborígines assim como um xamanístico ritual de queima de papel para expulsar os espíritos maus (o xamanismo é uma religião do norte da Ásia na qual a mediação entre o mundo visível e o invisível é feita por meio de xamãs ou médiuns). O que os grandes movimentos missionários da era moderna conseguiram erradicar está agora retornando nos mais altos concílios da Igreja.

21 Caitlín Mattews, *Sophia, Goddess of Wisdom: The Divine Feminism from Black Goddess to World-Soul* (Londres: The Aquarian Press / Harper Collins, 1992), 368.

22 Katherine Zappone, *The Hope for Wholeness: A Spirituality for Feminists* (Mystic, CT: Twenty Third Publications, 1991), 39. Um outro exemplo desse sincretismo participativo é encontrado no ensino de Joseph Campbell, que instruiu seus alunos a "ler os mitos de outros povos, e não os da própria religião (...) [que] põem sua mente em contato com esta experiência de estar vivo". Ver Joseph Campbell com Bill Moyers *The Power of Myth,* (Nova York: Anchor Books / Doubleday, 1988), 5.

23 R. H. Drummond, *Toeards a New Age in Christian Theology* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1985), 183. Ver também, sobre abertura a outras religiões, Harvey Cox, *Turning East* (NY: Simon e Schuster, 1977); Matthew Fox, org., *Western Spirituality: Historical Roots, Ecumenical Routes* (Santa Fé, New Mexico: Bear & Company, 1981); T. M. Hesburgh, *The Human Imperative: A Challenge for the Year 2000* (New Haven, CT: Yale University Press, 1974); Rodney R. Romney, *Journey to Inner Space: Finding God in Us* (Nashville, TN: Abingdon Press, 1980); S. J. Samartha, *Courage for Dialogue* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1982); do mesmo autor, *One Christ – Many Religions* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1991); L. Swidler, org., *Towards a Universal Theology of Religion* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1988); *The New Universalism: Foundations for a Global Theology* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1991); Maurice Wiles, *Christian theology and inter-religious Dialogue* (Londres: SCM Press, 1992). Muitos outros títulos poderiam ser acrescentados. Estes são somente uma seleção dentre a avalanche de materiais recentemente publicados sobre esse assunto cada vez mais popular.

24 Elizabeth Moltmann-Wendel, "Having Broken Camp, We Are Now on the Open Road", *Theology Today* 51 / 1 (abril de 1994), 73.

25 Jürgen Moltmann, "Christianity in the Third Millennium", *Theology Today* 51 / 1 (abril de 1994), 77.

26 *Ibid*., 89.

27 Uma carta geral do *Center of Theological Inquiry*, Princeton, New Jersey, de 29 de setembro de 1994.

28 Moltmann, "Christianity" 88, locais de ajuntamento como este onde os líderes religiosos podem produzir um novo consenso.

29 Fox, *Cosmic Christ* 229, diz abertamente: "Possibilidades ecumênicas profundas emergem quando nós mudamos da busca pelo Jesus histórico para a busca pelo Cristo Cósmico".

30 Ver também R. H. Drummond, *A Life of Jesus the Christ* (San Francisco: Harper e Row, 1989).

31 Drummond, T*owards a New Age*, 183.

32 Fowler, *Weaving*, 21.

33 Citado em Steichen, *Ungodly Rage*, 92. Joachim de Fiora (1132-1202 d.C.) desenvolveu primeiro a descrição das três eras da história: a era do Pai (fé do Antigo Testamento), a era do Filho (igreja cristã) e a era do Espírito, na qual não haverá igreja.

34 Rosemary Radford Ruether, *Sexism and God-Talk* (Boston: Beacon Press, 1983), 11.

35 Ferguson, "Aquarius Now", 7.

36 Chris Griscom, "Ecstasy is a new Frequency", *Light Connection* (fevereiro de 1993), 8.

37 "Co-creating Heaven On Earth", *The Light Connection* (julho de 1992), 11.

38 Ben Nova, "Future War (...) Future Peace", *Omni* (novembro de 1993), 65.

39 Joseph Campbell e Bill Moyers, *The Power of Myth*, xix.

40 O conceito da Nova Era do *homo noeticus* – o novo ser humano racional/espiritual – vem da teologia do sacerdote jesuíta Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955). Ver em particular seu livro *Le Phènomène Humain* (1955) publicado no ano de sua morte, e traduzido para o inglês como *The Phenomenon of Man* (1959). Essa obra contém a essência de suas idéias. A sua evolução cristianizada apresenta um estágio final de desenvolvimento para o ser humano chamado a *noosfera* (esfera da mente). Neste estado final o homem alcança um nível de espiritualidade que o une a Cristo, o "Ponto Omega", produzindo uma transformação radical do cosmos e o fim da História. Reinterpretando a noção bíblica de ressurreição em termos de um conceito filosófico/científico da Evolução, as idéias de Teilhard, conquanto condenadas pela Igreja Católica Romana, estão tendo uma impressionante retorno, tanto nos círculos "cristãos" quanto "não-cristãos" da Nova Era. Ver, por exemplo, Hesburgh, *The humane Imperative*, e Arcebispo Dom Hélder Câmara, *Race Against Time* (Denville, NJ: Dimension Books, 1971). É interessante que Hesburgh foi um dos presidentes honorários do *Parlamento das Religiões do Mundo*, realizado em Chicago em 1993. Teólogos protestantes e gregos ortodoxos, Smart e Konstantine, reconhecem seu compromisso com a Teologia do Processo (a idéia de que Deus, junto com o universo, sofre o processo de evolução) para o "magnetismo santo do futuro". O conceito de Teilhard da "noosfera", de acordo com esses autores, "diariamente se torna mais relevante, à medida que as várias partes do mundo estão em comunicação virtual instantânea". Ver também Harvey Cox, *many mansions: Christianity's Encounter with Other Faiths* (Boston: Beacon Press, 1988), 211-212. Cox cita a "esperança religiosa" de Teilhard. Virginia Mollenkott, a lésbica "evangélica" da Nova Era encontra muita inspiração em Teilhard – ver *Sensuous Spirituality*, 174. Mesmo o ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Al Gore, que é batista do sul, acha que ele é irresistível – ver *Earth in the Balance: Ecology and the Human Spirit* (Boston: Hughton Mifflin Company, 1992), 263.

41 Citado em Cumbey, *Hidden Dangers*. 111-112.

42 Swimme e Berry, *The Universe Story* 3-5. Thomas Berry associa-se com Matthew Fox e é conhecido como um "teólogo da criação", o que quer dizer alguém que rejeita a Queda e a necessidade de redenção, porque o cosmos é bom e auto-redentor.

Esta integração da teoria evolucionária e da religião é uma nova versão de Teilhard, cuja influência é enorme. Waldenbooks tem muitos livros da Nova Era que contêm o termo "omega" e explicitamente ou implicitamente reconhecem sua dívida para com Teilhard. Kenneth Ring, entendido em fenômenos paranormais tais como UFOs e "experiências de quase-morte", intitula seu livro, *The Omega Project* (Nova York: Morrow, 1992), 11, parte das "idéias visionárias inspiradoras de Teilhard de Chardin (...) [que viu que] a raça humana está avançando para um estado final de evolução". Um livro anterior de Ring tem o título *Heading Towards Omega* (Nova York: Morrow, 1984). Um outro autor "secular" da Nova Era, Donald Keys, é devedor de Teilhard e intitula seu livro *Earth at Omega: Passage to Planetization* (Brookline Village, MA: Branden Press, 1982). Ver também a obra erudita de dois respeitados cientistas, John D. Barrow, astrônomo da Universidade de Sussex, Inglaterra, e Frank J. Tipler, professor de Matemática e Física na Universidade Tulane, New Orleans. Em seu livro de setecentas páginas da mais técnica, matemática e cientifica informação, *The Anthropic Cosmological Principle* (Oxford: Clarendon Press / Nova York: Oxford University Press, 1986), 204, eles no entanto aceitam a teoria do "Ponto omega" de Teilhard, como "a única estrutura na qual o Cosmos em desenvolvimento da ciência moderna pode ser combinado com um significado final para a realidade".

43 John Randolf Price, *The Superbeings* (Quartus Books, 1981), 2-3, citado em Morrison, *The Serpent*, 156.

44 Citado em Morrison, *The Serpent*, 157-158.

45 Ken Carey, *The Starseed Transmissions*, 54-55.

46 James B. Irwin com William A. Emerson Jr., *To Rule the Night* (Filadélfia e Nova York: A. J. Holman, 1973), 17 e 18.

Capítulo 5

1K. C. Johnson e J. H. Coe, *Wildlife in the Kingdom Come* (Grand Rapids: Zondervan, 1993), 72.

2 Phillip Lee, *Against The Protestant Gnostics*, xi, que observa que "enquanto os conservadores são em geral abertos à minha análise de suas afinidades com o gnosticismo, os liberais, na maioria, consideram os paralelos gnósticos-liberais inventados, injustos, não-acadêmicos e exagerados".

3 Sobre outras obras a respeito deste tema, ver, em particular, Robert N. Bellah, "Civil Religion in America", *America Civel Religion* org. por Russell E. Richey e Donald G. Jones (Nova York: Harper e Row, 1974); Carl Raschke, *The Interruption of Eternity: Modern Gnosticism and the Origins of the New Religious Consciousness* (Nelson-Hall, 1980); James Hitchcock, *The New Enthusiasts and What They Are Doing to the Catholic Church* (Chicago: Thomas More Press, 1982); Donna Steichen, *Ungodly Rage: The Hidden Face of Catholic Feminism*. San Francisco: Ignatius Press, 1991); Harald Bloom, *The American Religion: The Emergence of the Post-Christian Nation* (Nova York: Simon e Schuster, 1992). Uma importante fonte é Eric Voegelin, professor de Ciência Política da Universidade de Munique, que foi um pioneiro em desenvolver a categoria do gnosticismo para a história intelectual / religiosa do Ocidente. Seria correto dizer que seu trabalho começou nos anos 30, na Universidade de Viena, e

finalmente conduziu ao surgimento de uma escola – ver Ellis Sandoz, *The Voegelinian Revolution* (Baton Rouge: Lousiana State University Press, 1981), e Eugene Webb, *Eric Voegelin: Philosopher of History* (Seattle: University of Washington Press, 1981). Um tratamento profundo e cuidadoso da contribuição de Voegelin é encontrada em David Walsh, *After Theology: Recovering the Spiritual Foundations of Freedom* (Harper San Francisco, 1990), 54-58 e *passim*. Ver também Michael Franz, *Eric Voegelin and the Politics of Spiritual Revolt: The Roots of Modern Ideology* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1992, e Stephen A. McKnight, *Sacralizing the Secular: The Renaissance Origins of Modernity* (Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1989). Deve-se também observar as importantes conexões entre o psicólogo C. J. Jung e o gnosticismo: ver J. F. Satinover, "Jungians and Gnostics", *First Things*, 46 (outubro de 1994), 41-48, e Richard Noll, *The Jung Cult: Origins of a Charismatic Movement* (Princeton : Princeton University Press, 1994).

4 Phillip Lee, *Against the Protestant Gnostics*, 84. Lee define o fundamento superior do protestante como bartianismo, e depois identifica o gnosticismo protestante como a maioria do que está a sua direita e a sua esquerda. O livro de Lee lida com o liberalismo clássico. Ele não define o que eu tenho chamado o "novo liberalismo", liberalismo com sentimento e alma e uma nova espiritualidade. Meus argumentos portanto completam os seus e levam a análise a um passo além.

5 Para uma descrição detalhada e bem-desenvolvida disto, ver H. Jonas, *The Gnostic Religion: The Message of the Alien God and the Beginnings of Christianity*, (Boston: Beacon Press, 1958), 3-27.

6 Ver W. Schmithals, *Paul and the Gnostics*, traduzido por John E. Steely (Nashville: Abingdon, 1972), que vê os gnósticos por trás das cartas de Paulo aos Gálatas, Filipenses, Tessalonicenses e Romanos: ver também *Gnosticism in Corinth: An Investigation of the Letters to the Corinthians*, traduzido por John E. Steely (Nashville: Abingdon, 1971).

7 G. Filoramo, *A History of Gnosticism* (Cambridge, MA: Basil Blackwell, 1990), 34ss, procura um abrigo na análise filosófica do gnosticismo primitivo de H. Jonas, procurando descobrir uma causa sociológica para essa explosão do pensamento religioso. Filoramo argumenta que embora os textos religiosos tenham proposto uma nova identidade espiritual, eles acharam terras preparadas e férteis na busca da humanidade por uma nova identidade social.

8 Ver as obras de especialistas gnósticos tais como U. Bianchi, "Mithraism and Gnosticism" em J. R. Hinnells, org., *Mithraic Studies: Proceedings of the First International Congress of Mithraic Sudies*, I-II (Manchester: 1975), 457-465; S. Giverson, "Der Gnostizismus und Die Mysterienreligionen", em J. P. Asmussen e J. LaessØe, org. *Handbuch der Religionsgeschichte* (Göttingen: 1975); Mcl. R. Wilson, "Gnosis and the Mysteries" em R. van den Broek e M. J. Vermaseren, org., *Studies G. Quispel* (Leiden: E. J. Brill, 1975), 451-457.

9 Ver importantes estudos de S. Angus, *The Mystery Religions: A Study in the Religious Background of Early Christianity* (Nova York: Dover Publications, 1975 – originalmente publicado em 1925); A. J. Festugière, *Personal Religion Among the Greeks*, Palestras Clássicas de Sather, 26 (Berkeley: 1954); Walter Burkert, *Ancient Mystery Cults* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987).

10 Assim como hoje nós podemos observar tanto a Nova Era / Liberalismo secular quanto a Nova Era / Liberalismo "cristão" (ver abaixo), assim no mundo antigo

Justifica-se alguém falar tanto do gnosticismo pagão quanto "cristão".

11 Não estamos tentando definir algo como um fio escarlate que passa pela História, mostrando relacionamentos diretos entre os dois. Phillip Lee, Against the Protestant Gnostics, 6-7, faz a seguinte observação positiva: "Traçar o gnosticismo desde os tempos antigos através da Idade Média até o presente seria, sobretudo, um empreendimento duvidoso. Como não é essencialmente uma fé histórica – no sentido de estar ligada a estruturas históricas particulares – pela própria natureza do fenômeno, despreza um estudo histórico ordinário (...). A ligação entre o Gnosticismo antigo e moderno pode ser estabelecida, no entanto, por meio da identificação do modelo gnóstico (...). Pelo menos, se podemos perceber um padrão gnóstico, então talvez o perigo que a antiga gnose apresentava para a igreja primitiva pode, num sentido objetivo, nos alertar para os perigos agora sendo apresentados pela gnose moderna".

12 Steicher, Ungodly Rage, 122.

13 Pagels, The Gnostic Gospels (Nova York: Random House, 1979), 25.

14 Ibid., 175.

15 Against Heresies, 1:13:6.

16 Pagels, The Gnostic Gospels, 37.

17 The Refutation of All Heresies 5:8:2.

18 Ver Birger A. Pearson, Gnosticism, Judaism and Egyptian Christianity (Minneapolis: Fortress Press, 1990), 132 para os termos em cóptico e referências à literatura Nag Hammadi. Pearson mostra que os gnósticos compartilham os atributos do Deus altíssimo, e o conceito deles de liberdade total corresponde à definição dos primeiros pais como "a Mônada [que] é uma monarquia sem nada acima dela" (Apócrifo de João 2:26-27).

19 Pagels, The Gnostic Gospels, 162.

20 Que incrível oportunidade para o Diabo que, estranhamente, é a única figura por muitos teólogos liberais contemporâneos!

21 Elaine Pagels, The Origin of Satan (Nova York: Random House, 1995).

22 Phillip Lee, Against the Protestant Gnostics, 79.

23 Rudolf, Gnosis, 53.

24 Citado em 1. Darr, The Laughing Jesus: The Discovery and Significance of the Nag Hammadi Gnostic Library (San Francisco: Harper e Row, 1976), 117, sem referências.

25 Panarion 25:2:1. Eu coleciono uma lista que não é definitiva, mas que dá ao leitor uma idéia de diversidade gnóstica: os setianos, os simonianos, os naasenes\ ofitas, os valentianos, os manqueus, os messalianos\eustatianos, também os audianos, os cainitas, os marcosianos, os melquisedequianos, os nicolaítas, os conhecidos como choreutes, adelfianos ou lampetianos, os satornilianos, o arconticí,

[34] Filoramo, A History. 37. A citação completa de Filoramo é a seguinte: "um movimento muito profundo. Strike Back), a observação aparentemente improvisada de Robinson é na verdade compartilham uma visão comum de mundo (Ver meu livro The Gnostic Empire estão evidentes na revolução social dos anos 60, e que esta Nova Era e gnosticismo Harper e Row, 1977). 1. Quando se lembrase que os primeiros sinais da Nova Era

[33] James Robinson, diretor, The Nag Hammadi Library in English (San Francisco:

[32] Citado em J. Dart, The Laughing Jesus. 132, sem qualquer referência precisa.

[31] Ibid., 34.

todos capares de passar pelas experiências de conversão e renascimento espiritual". uma possibilidade em oferecer, ao menos teoricamente, para cada um, de fato para a atrair muitos compreidores entusiastas (...). (Esta) era a tendência a tornar-se [um super-humano]. Isso se tornou agora o objetivo num debate espiritual destinado pode transcender estas barreiras [entre os céus e a terra] e tornar-se um hiperantropos suscitamente colocar: "o novo clima espiritual insistiu positivamente que alguém

[30] Como Filoramo, o italiano especialista em gnosticismo (A History. 24), muito a revolução cultural dos anos 60 criaram a teologia da libertação e a feminista dos anos recentes.

[29] Exemplos anteriores incluem: as teorias evolucionárias do começo do século 19 de Hegel e Darwin, "cristianizadas" por F. C. Baur; o otimismo social do fim do século 19, expresso por teólogos liberais como Ritschl e von Harnack como "o evangelho social"; a dependência profunda de Rudolf Bultmann do existencialismo de Martin Heidegger; os movimentos marxistas de libertação no terceiro mundo e

[28] O apelo para o fim do racismo e a busca genuína da espiritualidade, para normalmente em um grande fracasso.

terminou em um grande fracasso.

[27] Alguns líderes da Nova Esquerda que promoveram uma rebelião contra a sociedade tem tido dúvidas sobre o bem que conseguiram atingir. Collier e Horowitz, Destructive Generation, fala do utopianismo da esquerda como um "religião secular" com sua "promessa de um reino celeste terreno" (246), que

rodeia um amor ao sincretismo.

o gnosticismo, em distinção à ortodoxia cristã, compartilhava com a cultura que a identificar as deidades de vários povos e combinar seus cultos". Em outras palavras, "a principal característica da religião helenista era um sincretismo: a tendência de The Age of Syncretism (Nova York: Liberal Arts Press, 1953), xiii, no sentido de que tipo de falsidade religiosa" (ibid, 41). Ele cita Frederick Grant, Hellenistic Religions: Protestant Gnostics, 40. Lee observa que "Os gnósticos não estavam sozinhos neste

[26] Jonas, The Gnostic Religion 25. Eu observei esta citação em Lee, Against the monolítico da igreja nos primeiros séculos.

modernas. Deve ser comparada antes com o caráter muito mais unificado e Hermógenes. Esta lista segue se aproximaria da lista de denominações protestantes Marcellina, Helen, Proclus, Saturnilus, Zosttianos, Pontitus, Basilicus e Dositeus, Carpocrates, Candidus, Justino, Menander, Marsanes, Monoimus, Simão o Mago, Marcião, Basílides, Megetius, Prepon, Marko, Axionicus, Cerinthus, baematitas, os frígianos, os entiquitas, o peratae, os priscilianos, os seguidores de

universo cultural no qual o sincretismo tinha se tornado uma vestimenta ideológica, na qual o sangue oriental tinha agora sido jorrado por séculos no corpo anêmico do ocidente".

35 Rudolf, *Gnosis,* 14.

36 Paul Knitter, *The Myth of Christian Uniqueness: Towards a Pluralistic Theology of Religion* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1987), 226.

37 1 Coríntios 10.10.

38 *The International Standard Biblic Encyclopedia* (Grand Rapids, MI: Eerdmans 1956), 489.

39 Giles Quispel, *Gnostic Studies* (Istanbul: Nederlands Historisch-Archaelogisch Instituut in het Nabije Oosten, 1974), I, 12.

40 Robert M. Grant, *Heresy and Criticism: The Search for Authenticity in Early Christian Literature* (Louisville, KY: Westminster / John Knox Press, 1993), 6.

41 Citado por J. Dart, *The Laughing Savior,* 118, sem referência.

42 Ainda o trabalho padrão sobre Marcião, e ainda não traduzido para o Inglês é Adolf von Harnack, *Marcion: Das Evangelium von fremden Gott,* 2ª ed. TU 45 (1924): ver também R. S., Wilson, *Marcion: A Study of a Second-Century Heretic* (Londres, 1933), e R. Joseph Hoffmann, *Marcion: On the Restitution of Christianity: An Essay on the Development of Radical Paulinist Theology in the Second Century* (Chicago, CA: Scholars Press, 1984).

43 A. von Harnack, *Marcion,* 235, citado em P. J. Tomson, *Paul and Jewish Law: Halaka in the Letters of the Apostle to the Gentiles* (Minneapolis: Fortress Press, 1990), 10, nota 4. O louvor de Harnack a Marcião foi certamente alto: "ein Religionsstifter, ein wirklicher Reformator (...) der erste Protestant ["uma fundador da religião, um verdadeiro reformador (...) o primeiro protestante"].

44 Ver Helmut Koester, *Introduction to the New Testament: Volume 2: History and Literature of Early Christianity* (Filadélfia: Fortress Press, 1982), 330. De modo verdadeiramente liberal, Marcião argumentou que o evangelho da redenção está somente disponível no interior, e não deve ser identificado com um texto escrito, assim R. J. Hoffmann, *Marcion,* 110-11. Um erudito americano liberal também tem boas palavras para dizer sobre esses hereges antigos. Robert Grant crê que eles produziram o primeiro pensamento teológico provocativo, mantendo vivos os grandes temas de liberdade, redenção e graça" (citado em J. Dart, *The Laughing Savior,* xvi).

45 Os católicos romanos ortodoxos podem ser tentados a soprar um "amém" silencioso a esta comparação, mas seria mal colocado. Por enquanto, é verdade que Lutero, em seu zelo e retórica, às vezes foi além [ver sua rejeição impulsiva de Tiago e Apocalipse – a que mais tarde renunciou], seu amor pelo Evangelho e pelas Antigas e Novas Escrituras deixam a maioria de nós no ponto de partida.

46 Citado em R. J. Hoffmann, *Marcion,* 110-111.

47 Irineu, *Against Heresies,* 3:3:4. Se Marcião é o liberal prototipico, ele pode também ser o primeiro "moderno". E. Michael Jones, em seu fascinante estudo, *Degenerate Moderns: Modernity as Rationalized Sexual Misbehavior* (San Francisco: Ignatius, 1992), afirma que a locomotiva que puxa muito da ciência social moderna

é a produção da teoria "científica" e os dados para justificar o comportamento sexual depravado pessoal de seus criadores. Jones analisa as histórias de Mead, Kinsey, Keynes, Picasso, Freud e Jung, e argumenta que a metodologia essencial deles consistia em colocar o desejo antes da verdade e não o oposto. Neste sentido, Marcião parece ser o primeiro moderno, pelo menos em sua metodologia. De acordo com a tradição da igreja primitiva, Marcião foi originalmente excomungado por seu próprio pai por ter seduzido uma virgem – ver Helmut Koester, *Introduction to the New Testament*, vol. 2, 329. Koester entende essa tradição como um "convite polêmico malicioso", embora reconhecesse seu importante "significado simbólico". Se essa tradição fosse verdadeira, toda a obra posterior de Marcião para demonstrar que a lei e o Deus do Antigo Testamento não estavam ligados a verdadeiros cristãos espirituais, seria uma tentativa para justificar seu próprio erro.

48 O reconhecimento das diferenças religiosas na sociedade de hoje sugere as mesmas contradições radicais. Wade Clark Roof, um sociólogo da Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, em seu livro, *Generation of Seekers*. 119, fala de um "enorme golfo religioso (...) dois mundos simbólicos muito diferentes (...) pólos extremos" que ele chama "místico *versus* teísta". Embora seja sociólogo, ele demonstra uma grande percepção teológica ao ver o enorme abismo entre o monismo e o teísmo. Ele questiona, no final do estudo, se os "*baby boomers*" fazem uma ponte sobre esse abismo, em que, apesar das diferenças cognitivas, em nível emocional, há uma tendência a agir e sentir monisticamente / misticamente (256-257). No final das contas, é claro, o cognitivo sofrerá, e o monismo vencerá. Joseph Campbell entende que os dois não podem co-existir por muito tempo na mesma pessoa: "Você tem uma civilização totalmente diferente e um modo totalmente diferente de vida, se seu mito apresenta a natureza como caída ou se a natureza é em si mesma uma manifestação da divindade, e o espírito é a revelação da divindade que é inerente à natureza" (*Power of Myth*. 121).

49 Duncan Greenlees, *The Gospel of the Gnostics* (Madras, Índia: The Theosophical Publishing House, 1958), vii.

50 J. Gresham Machen, *Christianity and Liberalism* (Nova York: MacMillan Company, 1923), 2. O próprio título afirma a tese, embora Machen, como observado, foi cuidadoso em distinguir entre liberalismo e liberais.

51 *Ibid*., 160 e 172.

52 Papa Pio X, encíclica sobre o modernismo, *Pascendi Gregis* (Londres: Burns e Oates, 1907). Ver também *Lamentabile Sane*, e o "Oath Against Modernism", apêndice em Michael Davies, *Partisans of Error: St. Pius X Against the Modernists* (Long Prairie, MN: Newmann Press, 1983), citado em Steichen, *Ungodly Rage*, 257.

53 *Religious Studies News* [união de publicação da Academia Americana de religião a Sociedade de Literatura Bíblica], vol. 9, nº4 (novembro de 1994), 15.

54 "Conferência RE-imaginando: Um Relatório", Associação da Família Americana, abril de 1994, 19.

55 James M. Robinson, "Introduction", *The Nag Hamadi Library in English*, 1-25, ver especialmente 3, 6, 7, 16, 24. Além disso, nas 5 e 18 ele usa o termo "herege" de um modo semelhante.

56 Na "Conferência feminista RE-Imaginando" ocorrida de 4 a 7 de novembro de 1993, em Minneapolis, a noção de heresia foi freqüentemente uma causa para

risadas ridicularizantes. Ver *Good News,* de janeiro de 1994, uma publicação dos cristãos conservadores dentro da Igreja Metodista Unida. Embora esse tipo de heresia pareça estar bem longe da condenação dos pais da igreja, a eliminação de qualquer padrão de verdade e a adoção do gnosticismo finalmente termina no mesmo lugar. De forma interessante os textos de Nag Hammadi foram citados com a aprovação em inúmeras ocasiões na conferência de Minneapolis.

57 Como um moderado como Phillip Lee reconhece em *Against the Protestant Gnostics,* 13. Lee se pergunta se é possível falar-se de heresia em nossa época.

58 Ver "RE-Imagining Foments Uproar Among Presbyterians", jornal *The Washington Post,* junho de 1994. Alguns agora descrevem a reação conservadora como "hostilidade" e "perturbação" e se comprometem a impossibilitar essas reações.

59 Alan Morrison, *The Serpent,* 200.

60 *Op. cit*., 14. Especificamente, Lee é um bartiano, e assim, tecnicamente, de um ponto de vista ortodoxo, tem um pé no campo liberal.

61 David Remnick, "States of Mind: The Devil Problem", *The New Yorker* (3 de abril de 1995), 56.

62 *Ibid*., 63.

63 *Thunder, Perfect Mind* 13:16-21.

64 Thomas Jippling, "Agressive Activism is Legacy of Clinton Judges", *Human Events* (9 de agosto de 1996), 12.

65 Citado em uma excelente carta / ensaio curta de James Dobson, *Focus on the Family* (julho de 1996), 12.

66 *Ibid*., citando Charles Colson, "Pandora's Box", *Breakpoint,* 11 de março de 1996.

67 *Ibid*., 3, citando Russell Hittenger da Universidade Católica.

68 *Ibid*., 2, citando a discordância do Juiz Antonin Scalia.

69 Eugene North, "Partial Birth Abortion Jubilee: A Perverse Tribute to Leviticus", *Culture Wars* (julho / agosto de 1996), 6.

70 As palavras de Jesus, Mateus 24.24 / Marcos 13.22.

Capítulo 6

1 David Miller, *The New Polytheism,* 76.

2 Citado por Cal Thomas, "Manipulating the Bible for Political Ends", *Los Angeles Times,* 7 de outubro de 1994.

3 Alicia Suskin Ostriker, *Feminist revision and the Bible: The unwritten Volume* (Cambridge, MA: Blackwell, 1995).

4 James Robinson, citado por K. B. Welton, *Abortion is Not a Sin: A New Age Look at an Old-Age Problem* (Costa Mesa, CA: Pandit Press, 1987), 166.

5 K. B. Welton, *Abortion,* 67.

6 Rosemary Radford Ruether, *Womanguides: Readings Towards a Feminist Theology* (Boston: Beacon Press, 1985), ix.

7 Susan Durber, "The Female Reader of the Parables of the Lost", *Journal for the Study of the New Testament* 45 (1992), 78.

8 Ruether, *Women-Church: Theology and Practice* (San Francisco: Harper and Row, 1985) 137. Estes textos somente "provocam" as feministas evangélicas. Young Lee Hertig, professora assistente no seminário teológico Fuller em Pasadena, reclama, em um sermão entitulado, "On Liberating Theology from Sexual, Racial Bias", que, enquanto as mulheres Cristãs estão sendo arrastadas a uma visão mais progressiva sobre gênero sexual, o que ainda nos assusta são as frases como, 'As mulheres deveriam ficar quietas na igreja, ' e 'A mulher deve ser submissa ao homem' ". Ela afirma que essas frases vêm de uma "interpretação patriarcal da Escritura (...) [que] é exclusiva e culturalmente tendenciosa. Não há uma teologia livre da cultura". Ver *Los Angeles Times*, 12 de setembro de 1994.

9 Ruether, *ibid.*, 47 e 142.

10 Em uma entrevista com Terry Gross, "Fresh Air", *PBS*, Domingo de Páscoa, 1996.

11 David Remnick, "states of Mind: The Devil Problem", 64.

12 Art. cit., 63.

13 *Ibid.*

14 Campbell & Moyers, *The Power of Myth*, 40.

15 Danna Nolan Fewell e David M. Gunn, *Gender, Power and Promise* (Nashville: Abindon, 1993), 20.

16 "General Introduction", T*he New Testament and Psalms: Na Inclusive Version*, vii.

17 *Ibid.*, ix.

18 Há apenas uma geração atrás eruditos liberais estavam elogiando a revelação que Jesus fez de Deus como Pai, Aba, como a essência e exclusividade de sua mensagem: ver E. Loymeyer, "*Our Father": Na Introduction to the Lord's Prayer*, traduzido por John Bowden (Nova York: Harper and Row, 1966), 41-42, e Joaquim Jeremias, *The Prayers of Jesus*, Stidies in Biblical Theology: Second Series, 6 (Naperville, IL: Alec R. Allenson, Inc., 1967), 57.

19 James M. Robinson, "How my Mind Has Changed", *Society of Biblical Literature: 1985 Seminar Papers* (Atlanta, GA: Scholars Press, 1985), 495. Isso pode ser considerado uma das primeiras tentativas para aplicar o desconstrucionismo prático à Bíblia.

20 William Farmer, um reconhecido crítico do Novo Testamento, professor do Novo Testamento na Escola de Teologia Perkins, em seu artigo, "The Church's Stake in the Question of '*Q*'", *Perkins Journal*, 39;3 (1986), 10, reconhece que "nenhum livro foi mais influenciador ao posicionar o estágio do atual aprimoramento da pesquisa em "*Q*" do que o livro de Robinson e Koester, *Trajectories Through Early Christianity* (Filadélfia: Fortress Press, 1971). Farmer continua a afirmar que dos ensaios daquele livro, "nenhum é mais citado sobre a literatura '*Q*' do que 'LOGOI SOPHWN', de Robinson".

21 Robert Funk, "Three Tributes to James M. Robinson", *Foundations and Facets 5:2* (Polebridge Press, junho de 1989), 6.

22 Especificamente, Bultmann sentiu que não poderia entender o Novo Testamento sem o auxílio da filosofia, e a filosofia em moda nos anos 20 e 30 foi a filosofia pagã do existencialismo monístico, especialmente associada com Martin Heidegger. Bultmann reconheceu sua grande dívida com Heidegger, mas foi o pensamento pagão de Heidegger e de outros que ajudou-o a produzir a base ideológica do Socialismo Nacional. Ver William E. Hughes, "The People … ", 34-38. Embora Bultmann recusasse qualquer associação com o nazismo, o existencialismo parece tê-lo orientado em direção à importância do gnosticismo, um primo antigo do existencialismo – ver o ensaio de Jonas, "Epilogue: Gnosticism, Existencialism and Nihilism", *A Religião Gnóstica*, 320-340.

James Robinson, "Introduction", *The Future of Our Religious Past: Essays in Honour of Rudolf Bultman*, org.por James M. Robinson (Londres: SCM Press, 1971), 5, reconhece essas conexões como sendo parte da contribuição de Bultmann: "Bultmann foi capaz de penetrar através das camadas da interpretação estabelecidas do Novo Testamento para ouvir e trazer à expressão o Cristianismo primitivo como o movimento radical que originalmente era. Além disso, ele foi capaz de correlacionar o passado com o que tem acontecido em seu próprio momento histórico. Assim ele deu a um passado religioso (que para muitos parecia irrecuperavelmente perdido), um futuro com promessa em nosso tão caótico mundo". O significado das palavras de Robinson torna-se mais claro quando se entende que Robinson fala de seu próprio "abandono da ortodoxia" e identifica como positivo a rebelião contracultural dos anos 60 enquanto vê seus paralelos com a contracultura do gnosticismo antigo (ver James M. Robinson, *The Nag Hamadi Library in English*, 1). Observe também que na introdução ao livro *Trajectories*, 1, Robinson e Koester afirmam estar envolvidos com a "indigenação da tradição Bultmanniana no território americano".

23 Robinson, *Trajectories*, 1-19.

24 Eles constroem baseados na obra de Walter Bauer, com notável título *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*, tradução de Robert A. Kraft e Gerhard Krodel (Filadélfia: Fortress Press, 1971).

25 Em adição ao seu trabalho conjunto, *Trajectories*, ver Helmut Koester, "GNOMAI DIAPHOROI: The Origin and Nature of Diversification in the History of Early Christianity", *Harvard Theological Review* 58 (1965), 279-318; também "One Jesus and Four Primitive Gospels", *Harvard Theological Review* 61 (1968), 203-247; james Robinson, "LOGOISOPHWN: On the Gattung of Q", *The Future of Our Religious Past: Essays in Honor of Rudolf Bultmann* (Londres: SCM, 1971), 84-130.

26 Koester, *Trajectories*, 270, afirma no ensaio final: "As distinções entre canônico e não-canônico, ortodoxo e herético são obsoletas (...). Pode-se somente falar de uma 'História da Literatura Cristã Primitiva'". A teia cinza da confusão teológica se estende até a igreja primitiva.

27 Robinson, "Como a Minha Mente Mudou", 486.

28 *The Future of Early Christianity: Essays in Honor of Helmut Koester*, org. por Birger A. Pearson (Minneapolis: Fortress Press, 1991).

29 *Ibid.*, 473.

30 *Ibid.*, 472.

31 *Ibid.*, 474. A teóloga feminista, Elizabeth Schüssler Fiorenza, é igualmente devedora ao método da crítica histórica pelas mesmas razões: "Eu (...) experimentei a erudição histórico-crítica como libertadora, libertando-me das estruturas doutrinárias ultrapassadas e do preconceito literalista". Ela enfatiza as "conexões entre (...) questões teológicas feministas e aquelas da erudição histórico-crítica". Ver *Bread not Stone: The Challenge of Feminist Biblical Interpretation* (Boston: Beacon, 1984), 94.

32 *ibid.*, 475-476.

33 o crítico liberal Farmer vê isso em "The Church's Stake", 10. Em suas próprias palavras: "é Rudolf Bultmann lido através da obra de Walter Bauer que continua vivo em *Trajectories"*. Farmer observa que o objetivo do programa é libertar a igreja contemporânea da ortodoxia moribunda ao reabilitar os textos gnósticos de *Q* e *Tomás* (*ibid.*, 14).

34 Ver Pagels, *Gnostic Gospels,* 46 e 142.

35 *In Memory of Her: A Feminist Theological reconstruction of Christian Origins* (Nova York: Crossroad, 1988), xv. Ver também *Bread Not Stone,* 66-67.

36 Robert J. Miller, "The Gospels that Didn't Make the Cut", *Bible Review* (agosto de 1993), 21. Ver também Burton L. Mack, "*Q* e and the Gospel of Mark: Revising Christian Origins", *Semeia* 55 (1991), 31, que diz sobre a luta pela sobrevivência da comunidade *Q*: "uma certa forma de Cristianismo [ortodoxia] finalmente venceu sobre as outras". A ortodoxia venceu não porque era verdadeira, mas porque usou o poder social mais eficazmente.

37 Rosemary Radford Ruether, *Womanguides*, ix.

38 Susan Cyre, "PCUSA Funds Effort to Re-Create God", *Presbyterian Layman* 27 / 1 (janeiro / fevereiro, 1994), 10.

39 *Ibid.*, 9.

40 James M. Robinson, "*Introduction", The Nag Hamadi Library in English,* 20.

41 Caitlín Matthews, *Sophia, Goddess of Wisdom,* 338.

42 Ver James M. Robinson, *ibid.*, xiii-xv.

43 Ver Peter Jones, *The Gnostic Empire Strikes Back* (Phillipsburg, NJ: P&R, 1992).

44 Shirley MacLaine, *Going Within: A Guide for I*

nner Transformation (Nova York:Bantam Books, 1989), 29-30.

45 T. Roszak, *Where the Wasteland Ends: Politics and Transcendence in Post-Industrial Society* (Nova York: Doubleday, 1972), 262.

46 Ruether, *Women-Church, 47 e 142.*

47 K. B. Welton, *Abortion...is not a Sin,* 167, invocando o Testemunho do *Gospel of Thomas* ou *Apocryphon of John.*

48 Long, *The Absent Mother,* 53, destaca: "O gnosticismo está se tornando uma influência poderosa na pesquisa feminista a respeito da abolição do feminino no divino". Long se refere aos textos Nag Hammadi antigos onde Protennoia tem um

papel principal na divindade, mas vê uma influência mais "cristã" no gnosticismo que põe a culpa da queda aos pés de Sofia.

49 Por exemplo, a nova espiritualidade – ver June Singer, *A Gnostic Book of Hours* (San Francisco: Harper, 1992).

50 Robert J. Miller, org. *The Complete Gospels* (Sonoma, CA: Polebridge Press, 1992).

51 Robert W. Funk e Roy W. Hoover, *The Fine Gospels: The Search for the Authentic Words of Jesus* (Nova York: Macmillan, 1993). Este título aparece no Catálogo da Polebridge Press, mas é agora publicado pela Macmillan.

52 *Catálogo da Polebridge Press, o*utono / inverno de 1991-1992, 3.

53 Stephen Mitchell, *The Gospel According to Jesus* (NY: Harper Collins, 1993), 10-11 tem alguns temas claramente gnósticos – a rejeição da escatologia, a experiência do estimulante do reino interior de Deus, o jogo gnóstico com os ditos de Jesus e a censura sobre o que eles não gostam. Em nível popular, esta visão de Jesus e do Cristianismo é promovida por seminários e palestras por todo a subcultura da Nova Era e do difuso movimento da conhecida Unidade das "Igrejas". Gary Jones, deão de Educação na Escola Unity de Cristianismo, palestra sobre "O Credo de Jesus" que populariza o Jesus "científico" da erudição neo-testamentária de esquerda; Wendy Craig Purcell dirige uma série sobre "Sabedoria Antiga para os Tempos Modernos", demonstrando mais uma vez que o gnosticismo antigo retornou.

54 Bentley Layton, *The Gnostic Scriptures* (Nova York:Doubleday, 1987), xxi.

55 Irineu, *Against Heresies,* 3:9:8.

56 *Against Heresies,* Prefácio, 2.

57 Ver Siegfried Schulz, *Q: Die Spruchquelle der Evanglistisen* (Zürich: Theologischer Verlag, 1972), 13. Paul Wernle em 1899 foi o primeiro a usar a designação *Q* (*ibid.*, 14-15).

58 Um dos primeiros a se engajar nisso foi James M. Robinson, no artigo já citado, LOGOI SOPHWN. Ver Farmer, "The Church's Stake", 14, que acredita que *'Q'* tem poder permanente porque muitos hoje não estão interessados nele como uma maneira de explicar Mateus e Lucas (uma tese que tem sido constantemente questionada), mas como um modo de reconstruir a história do Cristianismo antigo.

59 A referência é construída ao tomar o nome Q e acrescentar o capítulo e versículo de Lucas onde Q supostamente ocorre.

60 Arland D. Jacobson, *The First Gospel: An Introduction to Q* (Sonoma, CA: Polebridge Press, 1992).

61 Burton L. Mack (também um membro do Seminário de Jesus), *The Lost Gospel: The book of Q and the Christian Origins* (San Francisco: Harper, 1993).

62 Esta é outra oferta de Polebridge Press – John S. Kloppenborg, Marvin W. Meyer, Stephen J. Pattersonn e Michael G. Steinhauser, *Q Thomas Reader* (Sonoma, CA: Plebridge Press, 1990).

63 Bertil Gärtner, *Theologgy of the Gospel of Thomas,* traduzido por Eric J. Sherpe (Nova York: Harper and Brothers, 1961), 30, fala de sua "forma literária (...) distinta".

64 Mesmo isso deveria ser modificado. O material do hino espalhado pelo Novo Testamento é extremamente antigo e inclui uma reflexão sobre a morte e ressurreição de Cristo – ver Fp 2.6-11 e 1Co 15. 3ss.

65 Robinson, "Jesus From Easter (...) ". 22. Sobre o relacionamento proposto entre *Q* e o *Gospel of Thomas*, ver Robinson, "LOGOI SOPHWN, 84-130, e "On Bridging the Gulf From Q to the *Gospel of Thomas* (Or Vice Versa)", *Nag Hammadi Gnosticism and Early Christianity* , org. Charles W. Hedrick e Robert Hodgson Junior, (Peabody, MA: Hendrickson, 1986), 127-176; ver também H. Koester e James Robinson, *Trajectories Through Early Relatives* (Filadélfia: Fortress Press, 1971), 186-187; H. Koester, "Q and Its Relatives", *Gospel Origins and Christian Beginnings*, org. por J. Goehring (Sonoma, CA: Polebridge Press, 1990), 49-63; ver também H. Koester, *Ancient Christian Gospels* (Londres-Filadélfia: Londres SCM Press, 1990), 86-99.

66 Stevan Davies, "*The Christology and Protology of the Gospel of Thomas*", *JBL* III / 4 (1992), 663. Stephen J. Patterson, *The Gospel of Thomas and Jesus* (Sonoma: Polebridge Press, 1993), 116, cujo livro é sua dissertação de doutorado orientada por James Robinson, que propõe uma data "próxima a Paulo". Na escola de Koester / Robinson, Tomás tem sido colocado no primeiro século e anterior a Mateus, Lucas e João.

67 *Talk of the Nation*, dirigido por Ray Suarez, em 5 de dezembro de 1993.

68 Na entrevista no rádio de Robert Funk, ele afirmou aos ouvintes que 75 companheiros de seminário não eram membros de igrejas nem mesmo cristãos convertidos.

69 Robert J. Miller, "The Gospels that Didn't Make the Cut", 15. Ver também sua introdução *The Complete Gospels*, xi, onde ele se gaba que a obra é "livre de controle eclesiástico e religioso". Será que Miller é tão inocente para pensar que Funk não juntou um grupo de eruditos com um pré-compromisso religioso?

70 A tentativa estudada de objetividade é minada pela homogeneidade ideológica dos membros do Seminário reunidos por Robert Funk, cuja maioria não se nomearia de liberal. Além disso, pode-se bem pensar o quanto esses eruditos são representantes da erudição neotestamentária mundial.

71 De fato, é seriamente questionado se Q e Tomás têm qualquer relacionamento literário – ver C. M. Tuckett, "Q and Thomas: Evidence of a primitive Wisdom Gospel: A Response to H. Hoester", *Ephemerides Theologicae Lovaniensis* LXVII / 4 (1991), 346-360.

72 Citado em Theodore Rosché, "Word of Jesus and the Future of the Q Hypothesis", *JBL 79* (1960), 210-220. A propósito, Rosché concluiu seu artigo argumentando que a lógica estava do lado da não-existência de Q (219).

73 H. H. Stoldt, *History and Criticism of the Marcan Hypothesis* (Macon:Mercer, 1980), citado em John Wenham, *Redating Matthew, Mark and Luke: A Fresh Assaut on The Synoptic Problem* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992), 1-2.

74 John Wenham, *Redating*, xxi, cita os nomes dos eruditos do passado e do presente tal como T. Zahn, H. G. Jameson, B. C. Butler, P. Parker, L. Vaganay, A. M. Farrer, A. W. Argyle, R. T. Simpson, W. R. Farmer, E. P. Sandrs, D. L. Dungan, R. L. Lindsey, M. –É Boismard e J. M. Rist. A estes nós podemos acrescentar James Hardy Ropes, Nigel Turner, Morton Enslin, Wilhelm Wilkens, Robert Mogerntahaler, M. D. Goulder, e Edward C. Hobbs. A maioria desses eruditos poderia ser chamada de liberais moderados.

75 John Wenham, *Redating, ibid.* Um grupo similar, chamado de *Projeto Q Internacional,* foi reorganizado em 1989 pela *Comissão de Publicações e Pesquisa da Sociedade de Literatura Bíblica,* sob a liderança de James Robinson e John Kloppenborg, com a presença Helmut Koester –ver James Robinson. "The International Q Project; Work Session 17 November 1989", *JBL* 109/3 (1990), 499-501. Um Projeto Q semelhante é mantido no *Instituto da Antigüidade e Cristianismo* em Claremont, dirigido por James Robinson.

76 *Ibid.* Ver também o julgamento de Hobbs em 1980: "Não há serenidade no campo das fontes do Evangelho, não há mais 'resultados certos da erudição.'"

77 Uma palestra dada na Universidade Drew em 1983, publicada como "The Sayings of Jesus: Q", *Drew Gateway* (outono de 1983), 26-38, citado em Farmer, "The Church's Stake", 15.

78 Farmer, "The Church's Stake", 15. Ver também S. Petrie, "Q is only what you make it", *Novum Testamentum* 3 (1959), citado por Wenham, *Redating, e*42. Ver P. Jones, *The Gnostic Empire Strikes Back,* 105, n. 34, onde um trecho desse artigo é citado. Em 1989 um julgamento semelhante sobre Q foi feito por Edward D. Hobbs, professor de teologia do Graduate Theological Union, e da Church Divinity School do Pacífico, Berkeley, Califórnia, "A Quarter-Century Without 'Q'", *Perkins Journal* 33 (verão de 1980), 13, que diz: "Nenhuma reconstrução de *Q* ganhou aceitação da maioria".

79 A. M. Farrer, "On dispensing with Q", Studies in the Gospels. Org. por D. E. Nineham (Oxford: University Press, 1955).

80 M. D. Goulder, um crítico radical que, apesar de tudo, acha os argumentos de Farrer ainda convincentes em 1980. Ver "Farrer on Q", *Theology* 83 (1980), 190-195, e também dele "On Putting Q to the Test" *The Testament Studies* 24 (1978), 218-234.

81 Hobbs, art. cit., 10.

82 *ibid.*, 19. No julgamento de Hobbs (numa prosa um tanto purpurina): "muitos devem a Austin Farrer. Ele está morto há dez anos; a posteridade de sua obra vive depois dele, para declarar a sua sabedoria e reunir seus sucessores para honrá-lo, como fazemos hoje". William Farmer, "The Church's Stake", 16, ainda cita o argumento de Farrer como não respondido em 1986.

83 Allan J. McNicol, com David L. Dungan e David B. Peabody, editores, *Beyond the Q Impasse – Luke's Use of Matthew* (Valley Forge: Trinity Press International, anunciado para dezembro de 1996), ver *Catálogo Outono /Inverno* de 1996, 9.

84 *Ibid.*

85 Earle E. Ellis, um artigo crítico no *Southern Journal of Tehology* 31 (1989), 66, de Hohn S. Kloppenborg, *The Formation of Q: Trajectories in Ancient Wisdom Collections* (Filadélfia: Fortress Press, 1987).

86 N. T. Wright, citado em *Time* (10 de janeiro de 1994).

87 *Ibid.*

88 Farmer, "The Church's Stake", 15.

89 Ver Kloppenborg/Vaage, "Early Christianity", *Semeia,* 55 (1991), 4.

90 Marcus Borg, *Jesus: A New Vision: Spirit, Culture and the Life of Discipleship*

(San Francisco: Harper, 1987), 8. Com um pouco mais de sutileza, Stephen J. Patterson, *The Gospel of Thomas and Jesus*, 231.

91 Esta é a mesma noção que é encontrada no *Secret Book of James* gnóstico, que está incluído entre os "Evangelhos Completos". O domínio celestial é descoberto por meio do conhecimento (...) [e o maior aspecto do documento] está no ensino de Jesus e a atribuição de uma revelação básica para uma comunidade cristã gnóstica". *Ibid.*, 324-325.

92 Burton Mack, T*he Lost Gospel*, 1.

93 Patterson, *The Gospel of Thomas and Jesus*, 234.

94 Patterson, *ibid.*, 235.

95 Ver Elizabeth Schüssler Fiorenza, *In Memory of Her*, 124, 130ss.; ver também Louise Schottroff, "Itinerant Prophetesses: A Feminist Analysis of the Sayings Source Q", *Institute for Antiquity and Christianity*, *Ocasional Papers* 21 (Claremont, CA:, Institute for Antiquity and Christianity, 1991).

96 *Ibid.*, 4-5.

97 Ver o folheto *Quality Paperback Bookclub*.

98 Apesar de que a própria Fiorenza admite que a neutralidade é impossível: *In memory of Her*, xvi-xvii.

99 Robert Funk, *The Five Gospels*, 5.

100 Marcus Borg, *Meeting Jesus Again for the First Time* (San Francisco: Harper São Francisco, 1993).

101 Marcus Borg, "Me and Jesus: The Journey Home", *The Four R* (julho / agosto de 1993), 9.

102 Sott McKnight, "Who is Jesus: An Introduction to Jesus Studies", *Jesus Under Fire: Modern Scholarship Re-invents the Historical Jesus*, org. Michael J. Wilkin e J. P. Moreland (Grand Rapids: Zondervan, 1995), 70, n. 22. O professor McKnight menciona aqui uma tese de mestrado escrita sob sua direção na Trinity Evangelical Divinity School por Dana K. Ostby, "The Historical Jesus and the Supernatural World: A Shift in the Modern Critical Worldview With Special Emphasis on the Writing of Marcus Borg", 1991.

103 A. Morrison, *The Serpent*, 568, documenta que Huston Smith é um patrocinador do Templo do Entendimento (uma organização não-governamental nas Nações Unidas dedicada ao sincretismo global), foi membro facultativo com o Secretário-Geral Assistente da ONU, Robert Muller, o Dalai Lama e Marilyn Ferguson (autora do livro *The Aquarian Conspiracy*) em uma reunião interfé em Malta em 1985 e, no mesmo ano, deu uma palestra na Sociedade teosófica da "Loja Blavatsky" em Sydney, Austrália sobre o tema "Está surigindo uma nova Religião mundial?"

104 Huston Smith, *Beyond the Post-modern mind* (Wheaton, IL: Theosophical Publishing House, 1989).

105 James Webb, *The Ocult Establishment* (La Salle, IL: Open Court, 1976), 25 e 553.

106 Borg, "Me and Jesus", 9. Em um "Programa de divulgação" da *PBS* (abril de

1996), Smith é apresentado como "um peregrino que procura uma experiência espiritual pessoal, para a qual as diferentes religiões apontam (...) Ele continua um metodista [assim como Hillary Clinton, Primeira Dama quando este livro foi escrito], a fé que conheceu de seus pais missionários na China, mas ele pratica ioga, ora cinco vezes ao dia como os muçulmanos e suportou os rigores de um monastério Zen".

107 *Catálogo Primavera/Verão de 1994 (Sonoma, CA: Polebridge Press, 1994), 3.*

108 Neil Douglas-Klotz, *Prayers of The Cosmos: Meditations on the Aramaic Words of Jesus* (San Francisco:Harper, 1993).

109 *Catálogo Polebridge Press de 1994,* 5.

110 Ver o *Vedanta Catalog 1992-1992*(Hollywood, CA:1993), 49, que argumenta que os textos de Nag Hammadi revelam um Cristianismo primitivo que tinha muito em comum com as "religiões orientais e os ensinos dos povos santos de todos os tempos". Essa é uma descrição pormenorizada do gnosticismo mas uma imagem falsa do Cristianismo primitivo. Este catálogo hindu apresenta em destaque *The Nag Hamadi Library in English,* de James Robinson e *The Gnostics Gospels* de Pagel. As livrarias da Nova Era fazem o mesmo.

111 Stevan Davies, "Christology and Protology", 663-682. O artigo afirma *Thomas* como uma valiosa fonte para o ensino de Jesus como Q "e talvez mais do que os Evangelhos de Marcos e João". Isso é descrito como um consenso novo da erudição americana, embora a maioria dos nomes citados esteja associada, de uma maneira ou de outra, com o Seminário de Jesus ou James Robinson e o Seminário *Q*.

112 *Ibid.*, 665.

113 Steve Beard, "Mainline Churches Sponsor Radical Feminist Conference: Pagan Worship Encouraged, Lesbianism Praised", *AFA Journal* (fevereiro de 1994).

114 Kurt Aland, *The Problem of the New Testament Cannon* (Londres: Mowbray, 1962), 25-26, comparar com E. Hennecke e W. Scheneemelcher, *New testament Apocrypha* (Filadélfia: Westminster Press, 1963), 372 e 391.

115 Uma Outra Abordagem é separar passagesn e idéias da Bíblia e da a elas uma conotação Nova Era. Ver, por exemplo Ronald Quillo, *Companions in Consciousness: The Bible in the New Age Movement* (Liguori, MO: Triumph Books, 1994). Quillo admite, no entanto, que em alguns pontos a Bíblia e a Nova Era nunca concordarão, então finalmente de fato a Nova Era precisa de uma nova Bíblia.

116 David Miller, *The New Polytheism*, 76.

117 Alguns eruditos liberais cristãos bem conhecidos estão associados com esta organização. Ninian Smart, professora de Estudos Religioso na Universidade da Califórnia, em Santa Barbara, e autora de *Christian Systematic Theology in a World Context* (Minneapolis: Fortress Press, 1991), é "membro presidente do concílio", e Leonard Swidler, Professor de Teologia na universidade Temple na Filadélfia, é o autor do muito citado e traduzido artigo, "Jesus Was a Feminist", *Catholic World* (Janeiro de 1971), e é membro dos "diretores conselheiros". Um dos presidentes do "Concílio Diretor" do IRFWP é Paulos Mar Gregorius, Metropolitano de Delhi, da Igreja Ortodoxa Síria, e um dos líderes no Concílio Mundial de igrejas. Claramente, ao tomar uma posição discreta, e sem dúvida gastando em excesso, os seguidores de Moon começaram a redimir-se de sua bizarra imagem crítica de

alguns anos atrás. O nome do Rev. Moon está fora de todos as diretorias e concílios honorários do movimento. Aparece, no entanto, em um modesto lembrete, onde o Boletim da IRFWP observa que o IRFWP "foi fundado em 1990 pelo Reverendo Sun Myung Moon".

118 Ver *Boletim da IRFWP* 12 (Outono de 1993), 9. O livro está agora no prelo como *World Scripture: A Comparative Anthology of Sacred Texts* (Nova York: Paragon House, 1994).

119 T*he Other Bible* (San Francisco: Harper, 1984), xvii.

120 Philip Novak, *The World's Wisdom* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 1994).

121 *Portable World Bible,* org. Robert Batlou (Londres: Penguin, 1994).

Capítulo 7

1 De acordo com Rudolf, *Gnosis,* 53, "não havia uma 'igreja' gnóstica ou uma teologia normativa, nem uma regra de fé gnóstica nem qualquer dogma de importância exclusiva. Nenhum limite foi colocado para um representação livre e uma especulação teológica (...) não houve nenhum cânon gnóstico da escritura".

2 Tertuliano, *De Praescriptione,* 38.

3 Frank Moore Cross Junior, *The Ancient Library of Qumran* (Nova York: Doubleday, 1961), 40.

4 Veja o capítulo 6.

5 Kurt Rudolf, *Gnosis,* 152. Ver também Bertil Gärtner, *The Theology of the Gospel of Thomas,* 271, que data *Thomas* ao redor de 140 d.C.

6 *Ibid*., 54-55.

7 Rodolphe Kasser, *L'Evangile Selon Tomás* (Genebra: Delachaux et Niestlé, 1961), 58. Kasser enumera vinte alusões aos Evangelhos canônicos somente neste dito. Ver também Gärtner, *Theology of the Gospel of Thomas,* 177. Gärtner mostra como a reconfiguração do material canônico expressa o mundo gnóstico e a visão da vida.

8 Irineu, *Against Heresies* 1:8:1. Esta citação é tomada de uma nova tradução de D. J. Unger, *Ancient Christian Writers* (Nova York: Paulist Press, 1992), 41. Se esta é uma referência a *Thomas,* como poderia de fato ser, então Irineu está afirmando claramente que *Thomas* é dependente dos Sinóticos.

9 Ver Mary A. Kassian, *The Feminist Gospel: The Moviment to Unite Feminism With the Church* (Wheaton, IL: Crossway Books, 1992), 182.

10 G. W. MacRae, "Introduction to Gospel of, *The Nag Hamadi Library in English,* 38.

11 Romanos 3.23.

12 *Acts of Peter* 20, citado em Gärtner, *op.cit.*, 79.

13 Irineu, *Against Heresies,* 1.14.1 cp Hipólito, *The Refutation of All Heresies* 6:42:2.

14 Liddell e Scott, *Greek – English Lexicon* (Oxford: Clarendon, 1968), 201.

15 *Ibid*., 204.

16 *Apocryphon of James* 1:1:20-30.

17 *Apocryphon of John* 31:25-32:5, tradução tomada de Soren Giverson, *Aprocryphon Johannis* (Copenhagen: Prostant Apud Munlsgaard, 1963), tábuas 70:22-80:5. Todas as citações do *Apocalypse of John* neste livro são tomadas de Giverson.

18 João 20.30-31

19 João 12.32.

20 *Apocalypse of Paul* 22:24-30, e 23:26-27.

21 William R. Schoedel, *The Nag Hamadi Library in English,* 242.

22 Charles W. Hedrick, *The Nag Hamadi Library in English,* 249.

23 *Apocalypse de Adam* 85:22-26.

24 *Apocalypse de Peter* 71:21.

25 Mateus 10.27.

26 *Gospel of Thomas,* prólogo.

27 *Gospel of Truth* 22:38-23:15.

28 *Gospel of the Egyptians* 69:6-7, 16.

29 *Zostrianos* 132:5-8.

30 *Trimorphic Protennoia* 50:22-24.

31 *Gospel of Truth* 19:34-37.

32 John H. Sieber, na introdução, *The Nag Hamadi Library in English,* 368.

33 *Ibid.*

34 Fritjof Capra, *The Tao of Physics* (Boston: Shambhala Publications, 1975), 7.

35 David L. Miller, *The New Polytheism,* viii.

36 *Ibid.*

37 Esse poderia, é claro, ser uma afirmação inocente da dependência humana de Deus, mas muitas tendências da Nova Era em seus escritos sugerem uma interpretação diferente. Ver Samantha Scott e Barbara Smith, *Trojan* Horse*: How the New Age Moviment Infiltrates the Church* (Lafayette, LA: Huntingdon House Press, 1993), 38.

38 Virginia Ramey Mollenkott, *Sensous Spirituality: Out From Fundamentalism* (Nova York: Crossroad, 1992), 21.

39 *Ibid*., 14 e 25. Nas páginas 18-19 ela descreve seu processo de escrita e se pergunta se suas idéias, que não vêm de seu ego, vêm de "meu anjo da guarda, um Espírito Guia, o Espírito Santo, ou Jesus, ou o Ego de Deus?" O Cristianismo tem uma longa história a respeito do Espírito Santo ser confundido com Espíritos Guias. O livro da primeira dama Hillary Clinton, *It takes a Village,* foi escrito por um *ghost-writer* mas também com a ajuda da guru da Nova Era, a médium Jean Houston, e por meio dela, Eleanor Roosevelt. Claramente foi necessário uma pequena e estranha vila para escrever *It Takes a Village.*

40 1 Coríntios 12.10.

Capítulo 8

[1] Burton Throckmorton, Jr. é citado por Virginia Byfield, em "The Move to Rewrite the Bible", Alberta Report (29 de abril de 1986), 36, citado em Kassian, 169.

[2] Sherry Ruth Anderson & Patricia Hopkins, The Feminine Face of God: The unfolding of the Sacred in Women (Nova York: Bantam Books, 1991), 2-3. Anderson é descrita no livro como "uma judia [da costa] oriental que se tornou uma sêria estudante do budismo". Ela dirigiu o Departamento de Pesquisa Psicológica do Instituto Clarke de Psiquiatria da Universidade de Toronto "enquanto simultaneamente servia como mestre darma no Centro Zen de Ontário. Tal formação teria dúvidas se a nova "Tora" é realmente "nova" e vazia, ou se simplesmente seria uma nova versão do paganismo monístico e orientał escrito de uma perspectiva do feminismo radical.

[3] Alicia Suskin Ostriker, Feminist Revision and the Bible (Oxford: Blackwell, 1993), 11.

[4] William Oddie, What Will Happen to God? Feminism and the Reconstruction of Christian Belief Cristã (San Francisco: Ignatious Press, 1988), 140-141.

[5] Citado em Steichen, Ungodly Rage, 147.

[6] Ibid.

[7] Elliot Miller, A Crash Course on the New Age: Describing and Evaluating a Growing Social Force (Grand Rapids: Baker, 1989), 17.

[8] David Wells, No Place for Truth.

[9] Arthur Johnson, Faith Misguided, 66.

[10] David Jobling, "The Sense of Biblical Narrative: Structural Analysis in the Hebrew Bible" II JSOTS 39 (Sheffield: JSOT, 1986), 19. Em um nível social diferente, Kimberle Crenshaw, uma feminista negra e professora de Direito na UCLA, argumenta que "gênero sexual é central nas questões que nos na comunidade negra consideramos [como] a agenda negra". Ver "A Dilemma for Black Women", Los Angeles Times, 27 de agosto de 1994, A20.

[11] Para um tratamento útil do assunto ver Veith, Postmodern Times, 49.

[12] Citado por Charles Colson, World, 19 de fevereiro de 1994, 22.

[13] David Wells, No Place for Truth, 65. Wells cita David Lehman, Signs of the Times: Deconstruction and the Fall of Paul de Man (Londres: Andre Deutsch, 1991); Brian McHale, Post Modern Fiction (Londres: Routledge, Chapman & Hall, 1987); e Linda Hutcheon, A Poetics of Post-modernism: History, Theory and Fiction (Nova York: Routledge, Chapman & Hall, 1988).

[14] Time, 11 de julho de 1994, 47.

[15] Ibid., 14 e 15.

[16] Mollenkott, Sensuous Spirituality, 167.

[17] Este método tem sido usado para justificar o aborto (estupro, incesto e a vida da mãe), e a eutanásia (câncer terminal), mas termina com milhões de abortos por "escolha do estilo de vida", e da extensão proposta da eutanásia aos paraplégicos

e todas as doenças terminais – ver Peter J. Barnardi, "Dr. Deaths's Dreadful Sermon", *Christianity Today*, 15 de Agosto de 1994, 31.

18 E. D. Hirsch, *Validity in Interpretation* (New Haven: Yale University Press, 1967) procura defender a importância do autor para estabelecer algum significado objetivo. Ele distingue entre "significado", que é a intenção do autor, e "significância", que depende do leitor e das várias perspectivas dos leitores. "O significado proposto pelo autor é o que um texto significa". Esse estudo é citado no livro de Walter C. Kaiser e Moisés Silva, *A Introduction to Biblical Hermeneutics: The Search for Meaning* (Grand Rapids: Zondervan, 1994), 30, o qual eu recomendo como uma excelente introdução aos detalhes da teoria e prática da hermenêutica moderna. Ver também V. Prythress, *Science and Hermeneutics: Implications of Scientific Method for Biblical Interpretation* (Grand Rapids: Zondervan, 1988).

19 Do qual há duas escolas, conhecidas como Novo Criticismo dos anos 40 e 50, e Estruturalismo, que veio mais tarde.

20 Kaiser e Silva, *ibid*., 29. Kaiser discute a influência decisiva de Gadamer.

21 *Ibid*., 31. Ver também um artigo programático de D. A. J. Clines, "What Does Eve Do to Help? And Other Readerly Questions to the Old Testament", *JSOTS* 94 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990), especialmente 9.

22 Silva, *ibid*., com grande equilíbrio, vê aspectos positivos mas também os perigos: "No momento que reconhecemos que Paulo escreveu algo que os leitores originais não entendiam, o texto então toma uma vida própria, sujeito a ser entendido de diferentes maneiras mesmo divergindo da intenção do autor. Esta "autonomia" do texto pode ser positiva se levar os interpretes a apreciar o caráter literário do texto: é negativa se o quadro histórico original é desconsiderado como sem importância (...). Nós não podemos evitar a posição do intérprete / leitor, tanto pela ciência quanto pela humanidade. Um intérprete vem com uma teoria que procura considerar tantos fatos quanto possível, mas dada a natureza limitada de cada interprete humano, nenhuma interpretação considera os dados exaustivamente (...). Na teoria da resposta do leitor não há um texto objetivo porque cada leitor gera um novo significado e, portanto, um novo texto. No entanto, nós não devemos recusar as contribuições inestimáveis desse movimento, que sublinha o papel do leitor, porque a Bíblia tem sido atualizada na experiência do crente por dois mil anos de história cristã (...). Se um Deus onisciente e pré-conhecedor é o autor da Escritura, então nós podemos entender que os autores humanos não estavam cientes da importância de tudo que eles escreveram (...). Minha própria posição (...) [é que] o significado de uma passagem bíblica não precisa ser identificado completamente com a intenção do autor. É uma questão completamente diferente (...) sugerir que o significado do autor é dispensável ou mesmo secundário. O que o autor queria dizer é sempre uma questão necessária" (240, 242, 244 e 248).

23 D. T. Maurina, *Reformed Believers Press Service* de 16 de junho de 1994, 2.

24 Mary Jo Weaver, uma professora adjunta de estudos religiosos da Universidade de Indiana e autora de *New Catholic Women: A Contemporary Challenge to Traditional Religious Authority* (San Francisco: Harper & Row, 1985), uma erudita que é mencionada com reverência entre feministas de Wicca, citada por Donna Steichen, *Ungodly Rage*, 145-6.

25 Steichen, *Ungodly Rage*, 168, citando Fiorenza.

26 Ruether, *Women-Church,* 3.

27 Ruether, *Women-Guides,* citado em Mary Kassian, *O Feminist Gospel,* 182.

28 Ruether, *Women-Church,* 63.

29 Elizabeth Schlüssler Fiorenza, "Changing the Paradigms", *How My Mind has Changed,* org. James M. Wall e David Heim (Grand Rapids: Eerdmans, 1991), 86. Até onde as feministas evangélicas entram no novo método, é algo que permanece oculto. Patricia Gundry, *neiter Slave Nor Free* (Nova York: Harper e Row, 1987), 77-78, afirma que uma nova e mais sofisticada ciência da hermenêutica faz da interpretação bíblica feminista uma possibilidade (77-78). Certamente, ela não será seduzida pela hermenêutica sofisticada da suspeita.

30 Para uma elaboração desta visão da História ver Riane Eisler, *The Chalice and the Blade: Our History, Our Future* (San Francisco: Harper e Row, 1987).

31 Oddie, *What Will Happen to God?* 152, observa que "é acima de tudo, do mundo irado e atormentado da luta feminista secular que a 'hermenêutica feminista da suspeita' tem sido diretamente escolhida para que possa espalhar seus dentes de dragão do ressentimento e da desconfiança no fértil solo da vida da Igreja".

32 Ver Ruether, *Women-Church,* 41, e Francis Watson, "Strategies of Recovery and Resistance: Hermentical Reflections on Genesis 1-3 and its Pauline Reception", *JSNT* 45 (1992), 81ss.

33 Fewell e Gunn, *Gender, Power and Promise* (Nashville: Abingdon, 1993).

34 *Ibid*., 18-20.

35 Oddie, *What Will Happen to God?* 142, tratando sobre Fiorenza.

36 Oddie, *ibid*., 143.

37 Stanley Fish, *Is there a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities* 1980, citado em Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 167.

38 Moisés Silva, *Biblical Hermenentics,* 249.

39 Ben Wildavsky, "Agency OKs New Policy on Diversity at Colleges" *San Francisco Chronicle,* 24 de fevereiro de 1994. Devo muito ao meu colega, Dean Dennis Johnson, por mostrar-me este artigo.

40 Fiorenza, *Bread Not Stone,* 147. Ver também 140, onde ela baseia a sua teoria em uma teoria liberal mais antiga.

41 Quando verdade é poder, mesmo a verdade sai do cano de uma arma.

42 Treze sociedades versadas incluindo AAR, patrocinaram uma grande conferência multidisciplinar sobre *O Papel da Defesa na Sala de Aula* em junho de 1995 em Pittsburgh.

43 Citado em Oddie, *What Will Happen to God?,* 40.

44 Walter Brueggemann, "On Writing a Commentary... Na Emergency", *ATS / Collapsy* (setembro / outubro de 1992), 10-11.

45 Harvey Cox, *many mansions: A Christian Encounter With Other Faith* (Boston: Beacon Press, 1988), 210-212.

46 *Ibid*., 17.

47 Cave, *Mircea Eliade,* 181. Ver também Fiorenza, *Bread Not Stone*, xxiii, que conclui, citando um outro erudito, Berstein, que "não é suficiente levantar novas variações de argumentos que mostrarão, de uma vez por todas, o que há de errado com a objetividade e o relativismo, ou mesmo abrir um caminho de pensamento que possa nos levar além do objetivismo e relativismo; tal movimento ganha 'realidade e poder' somente se nós nos dedicarmos à tarefa prática de promover o tipo de solidariedade, participação e reconhecimento mútuo que é encontrado em comunidades dialógicas". Qualquer pensamento significativo e ação para o futuro é baseado no dogma monístico da unidade do todo, sem referência a um Deus transcendente e a uma revelação especial.

48 Daly, *Wickedary*, 201.

49 Steichen, *Ungodly Rage,* 148, citando uma palestra da irmã Madonna Kolbenschlag.

50 Elizabeth Cady Stanton, *A Women's Bible* (1895), certamente uma "matriarca" significativa desta abordagem moderna; Phyllis Trible, professora de Literatura Sagrada do Seminário Union de Nova York, "Adam and Eve: Gênesis 2-3 Revead", *Woman Spirit Rising: A Feminist Reader in religion,* org. Carol Christ e Judith Plaskow (San Francisco: Harper, 1979), 74-83; Carter Heyward, professor de Teologia na Escola Episcopal de Divindade, Cambridge, MA, *The Redemption of God: A Theology of Mutual Relations* (Nova York: University Press of America, 1982), 150-152; No encontro da Academia Americana de Religião em San Francisco em 1992, Heyward se gabou, em uma palavra ao público, em ser a única lésbica, grávida [por inseminação artificial] sacerdotisa Episcopal do mundo; Francis Landy, *Paradoxes in Paradise: Identity and Difference in the Song of Songs B & L* (Sheffield: Almond, 1983); Dorothee Solle, teóloga protestante alemã e feminista, *The Strength of the Weak: Towards a Christian Feminist Identity* trad. Robert e Rita Kimber (Filadélfia: Westminster Press, 1984), 126-129; David Jobling, "The Sense of Biblical narrative: Structural Analysis in the Hebrew Bible", II JSOTS 39 (Sheffield: JSOT, 1986); Mieke Bal, *Lethal Love: Feminist Literary Readings of Biblical Love Stories* ISBL (Bloomington: Universidade de Indiana, 1987) 104-132; Anne Primavesi, *From Apocalypse to Genesis* (Minneapolis: Fortress Press, 1991); Frederica Halligan, "Keeping Faith With the Future: Towards Final Conscious Unity", *The Fires of Desire* (Nova York: Crossroad, 1992), 176-177; Francis Watson, membro do Departamento de Teologia e Estudos Religiosos, King's College, Londres, e editor do Jornal para o Estudo do Novo Testamento, "Strategies of Recovery and Resistence: Hermenentical Reflections on Genesis 1-3 and its Pauline Reception", *JSNT* 45 (março de 1992), 79-103; Susan Niditch, professora de Religião no Amherst College, "Genesis", *The Women's Bible Commentary* (Lousville, KY: John Knox / Westminster, 1992);ver também os trabalhos de certos eruditos judeus: Judith Plaskow, "The Coming of Lilith: Towards a Feminist Theology" *Woman Spirit Rising;* H. Bloom, *the Book of J* (Nova York: Grove Wiedenfeld, 1990) que argumenta, de um ponto de vista inacreditável, que a hipotética fonte "J" do Pentateuco foi escrito por uma incrível mulher do século 10 a.C. que apresenta Javeh como tendo feito um trabalho desleixado e favorece a serpente. A avaliação de Bruce Waltke sobre J como o "escritor mais blasfemador que jamais existiu" foi escrito antes da aparição de muito dessa "nova" exegese – ver Waltke, "harold Bloom and 'J'", *JETS* 34 / 4 (dezembro de 1991), 509.

51 Fewell e Gunn, G*ender, Power and Promise,* 18-19.

52 *Ibid*., 95.

53 *Ibid*., 23.

54 *Ibid*., 24.

55 *Ibid*., 25 e 67.

56 *Ibid*., 26.

57 *Ibid*., 24.

58 *Ibid*., 38.

59 Trible, citado em Mieke Bal, *Lethal Love,* 113.

60 *Ibid*., 127.

61 Landy, *Ibid*., 212.

62 Jobling, *Sense of Biblical Narrative,* 25.

63 Landy, *Paradoxes in Paradise,* 219.

64 Fewell e Gunn, *Ibid*., 33 e 168.

65 Bal, *Lethal Love,* 113.

66 Jobling, *Ibid*., 26. Isso é verdade, mas a força do texto de Gênesis é tal que sugere que Adão, em tal papel passivo, não está agindo como cabeça segundo a aliança, como ele deveria ser.

67 Phyllis Trible, *God and the Rhetoric of Sexuality* (Filadélfia: Fortress, 1978), 113.

68 Susan Niditch, *The Women's Bible Commentary*, 14.

69 Elizabeth Cady Stanton, *A Women's Bible,* republicada como *The Original Feminist Attack on the Bible,,* introdução de Barbara Welton (Arno Press, 1974), 24-25. Este com certeza é um título mais exato, pois Stanton mesmo afirma abertamente que a sua "razão tinha repudiado a autoridade divina [da Bíblia]" (*Ibid*., 12). Stanton também reconheceu os "princípios gerais de amor, caridade, liberdade, justiça e igualdade... no livro santo de todas as religiões", e adorou Deus a quem ela chamou "nossa grande e ideal primeira causa, 'o Espírito de todo Bem'" (*Ibid*., 12-13). Certamente os "igualitarianos" evangélicos cristãos, em sua pressa por abraçar essa heroína feminista do passado reconhecerão o caráter pagão de seu pensamento.

70 *Ibid*., 31.

71 Fewell e Gunn, *Ibid*., 30.

72 *Ibid*., 38.

73 *Ibid*.

74 *Ibid*., 31 cp Bal, *Ibid*., 124 e 125.

75 Bal, *Ibid*., 125.

76 Fewell e Gunn, *ibid*., 31 cp Bal, *ibid*., 125.

77 Fewell e Gunn, *ibid*., 65.

78 *Ibid* 166-167.

79 *Ibid* 32.

80 Bal, *Ibid* 122.

81 *Ibid* 122.

82 Jobling, *ibid* 26.

83 Niditch, *The Women's Bible Commentary*, 14.

84 Bal, *ibid*., 115 e 109.

85 Fewell e Gunn, *ibid*., 30 cp Landy, *ibid*., 189.

86 Bal *ibid*., 124

87 Fewell e Gunn, *ibid*., 34.

88 Landy, *ibid*., 210.

89 Bal, *ibid*., 123.

90 Niditch, *The Women's Bible Commentary*, 14.

91 Betty Eadie, *Embraced by the Light* (Goldleaf Press, 1992), 109: Frederica Halligan, "keeping Faith With the Future", 176-177. "Eva estava procurando a verdade, e foi a igreja patriarcal que a condenou".

92 Francis Watson, "Strategies of Reconvery and Resistence", 79-103 [ênfase acrescentada].

93 John Richard Neuhaus, *First Things* (junho / julho de 1994).

Capítulo 9

1 Irineu, *Against Heresies*, 41.

2 David L. Balas, "The Use and Interpretation of Paul in Irenaeu's Five Books Adversus Haereses", *Second Century* 9 (abril de 1992), 31, observa que "as especulações gnósticas parecem ser baseadas primariamente em uma exegese esotérica do Antigo Testamento e dos Evangelhos".

3 *Hypostasis dos Arcontes* 86:20-30.

4 *Ibid*., 87:24-26, 88:24-25, 89:3-16.

5 Orval Wintermute, "Gnostic Exegesis of the Old testament", em J. M. Efird (org.), *The Use of the Old Testament in the New and Other Essays* (Durham: Duke University Press, 1972) 252, mostra que isso foi justificado ao atribuir o significado aramaico ("mestre") à palavra hebraica HYH – "animal selvagem" do qual a serpente era um deles (Gn 3.1).

6 *On the Origin of the World* 114:3-4. Ver também o tratamento deste tema por Birger A. Pearson, *Gnosticism, Judaism and Egyptian Christianity*, 43ss., uma publicação do Instituto para Antigüidade e Cristianismo. No *Testimony of Truth* o termo cóptico que descreve a sabedoria da serpente é mais forte do que aquele usado na Bíblia e significa "revelador da sabedoria e do conhecimento". Nesta

literatura, a serpente é a "mestra de Eva e Eva é a 'mestra' de Adão" (ver *On the origin of the World,* 113:33 cp. *Hypostasis of the Archons* 89:32; 90:6). O gnosticismo claramente faz do papel oposto e confuso um aspecto da sabedoria gnóstica.

Neste mesmo documento a serpente / mestre é chamada "a besta' (*therion,* ver 114:3), nesse contexto, um título de nobreza. A revelação usa este termo para um ser que é a personificação do mal (11.7) o qual os habitantes da terra adorarão e que fará guerra contra os santos e os vencerá (13.7). Seu sucessor bestial receberá o número 666 (13.18).

7 Irineu, *Against Heresies* 1:27:3 (368 em *Early Church Fathers*) sugere que Marcião cria que a serpente o possuía. Marcião certamente cria na salvação que a serpente pregou pela qual Caim, os homens de Sodoma e os egípcios foram salvos, enquanto que Abel, Enoque, Noé, Abraão e os profetas pereceram. Irineu também relata uma tradição a respeito de um encontro entre Policarpo e Marcião. Marcião perguntou, "Você nos conhece?" e Policarpo respondeu, "Eu conheço você, o primogênito de Satanás" (*Against Heresies,* 3:3:3. Hipólito trata longamente dos Naasenos que adoravam a serpente. As doutrinas deles são classicamente gnósticas, como por exemplo sua rejeição do Antigo Testamento e do sistema sacrificial. "A serpente universal é (...) o discurso sábio de Eva (...) esta é a marca que foi colocada sobre Caim a qual qualquer um que o encontrasse não poderia matá-lo. Este (...) é Caim, cujo sacrifício o deus deste mundo não aceitou. O sacrifício sangrento de Abel, no entanto, foi aprovado; pois o rei deste mundo se alegra no sangue" (*The Refutation of All Heresies* 40). Ver também as discussões em Jonas, *The Gnostic Religion,* 92-95 e Kurt Rudolf, G*nosis,* 84ss.

8 *testimony of Truth,* 47:15-30.

9 Hipólito, *The Refutation of All Heresies* V: xxi.

10 *On The Origin of the World* 97:25.

11 *Ibid*., 113:21-114:4.

12 *Ibid*., 118:25-119:19.

13 *Ibid*., 120:3-6, 9-11.

14 Os seguintes textos da coleção Nag Hammadi, em adição àqueles citados, fazem uso direto da "exegese invertida" de Gênesis: *Tripartite Tractate* 78:14ss.: *Apocryphon of John* 11:15-24:31; *Sophia of Jesus Christ* 106:25-107:15; *Trimorphic Protennoia* 40:23-27; *Second Apocalypse of James* 58:2-6; *Apocalypse of Adam* 64:9-67:14; *Gospel of Philip* 75:3-9; *Letter of Philip to Peter* 136:5-14; *Second Treatise of the Great Seth* 53:19-54:13; *paraphrase of Shem* 19:26-21:18; *Concept of Our Great Power* 38:126; *Interpretation of Knowledge* 6:30-35; *A Valentinian Exposition* 37:32-38:10; *Gospel of Truth* 1:18. Na hermenêutica gnóstica em geral, ver David S. Dockery, *Biblical Interpretation Then and Now: Contemporary Hermeneutics in the Light of the Early Church* (Grand Rapids: Baker, 1992), 45-46, 56-58.

15 Vern Woolf, *Light Connection,* junho de 1992.

16 Mary Daly, *Pure Lust: Elemental Feminist Philosophy* (Boston: Beacon Press, 1984), 155.

17 Plutarco, *Def. or.* 421A, citado em Filoramo, *Gnosticism,* 47.

18 *Ibid*., 51.

19 *Ibid.*

20 Irineu, *Against Heresies* 1:20:1-3.

21 Rudolf, *Gnosis,* 53.

22 Hipólito, *The Refutation of All Heresies* 5:27.

23 *Ibid.,* 5:1.

24 Rudolf, *Gnosis,* 54-55.

25 J. Dart, *The Laughing Savior,* 132.

26 Tertuliano, *De Praescriptione 7,* 138.

27 Rudolf, *gnosis,* 53-54.

28 *Ibid.*

29 Filoramo, *Gnosticism,* 94.

30 Clemente de Alexandria, *Stromateis* 3:9:2.

31 Irineu, *Against Heresies* 1:3:6 e 1:8:1.

32 *Panarion* 25:2.1.

33 Pagels, *The Gnostic Gospels,* 137.

34 *Ibid.*

35 Irineu, *Against Heresies,* 1:5:1ss.

36 I. P. Couliano, *The Tree of Gnosis* (San Francisco: Harper, 1992), 121.

37 *Ibid.,* 124.

38 *Ibid.,* 124 e 125.

39 Conforme observa Couliano, *ibid.,* 88.

40 *The Origin of the World,* 116:20-25.

41 *Apocryphon of John* 22:20-23:5.

42 Klijn, em uma revisão crítica de G. A. G. Strousma, "Another Seed: Studies in Gnostic Mythology" *Novum Testamentum* XXVII (julho 1985:3), 278.

43 *First Apocalypse of James* 26:23-27:13.

44 *Dialogue of the Savior* 138:11-15.

45 Rudolf, *Gnosis,* 58.

46 Irineu, *Against Heresies* 1:9:1:5.

Capítulo 10

1 Este será o grande debate do século 21. Ver volume III da trilogia Spiritual Wars.

2 Martin Marty, *The Public Church* (1981), citado em Fowler, *Weaving the New Creation,* 14.

3 Fowler, *ibid*., 21.

4 *Ibid*., 20. "Mudanças de paradigmas requerem mais do que conversões da mente e do coração: requerem a mudança nas prioridades e nos recursos em instituições; elas trazem mudanças econômicas e políticas; e, acima de tudo, requerem mudanças na visão de mundo". Ver também Campbell e Moyers, *The Power of Myth*, 121.

5 S. Scott e B. Smith, *Trojan Horse*, 166: "O Deus que a maioria das pessoas está adorando nas igrejas e templos não cresceu desde os dias de Cristo. Ele está deteriorado (...). Nós precisamos de um Deus que seja grande o suficiente para a era atômica. (Madeleine L'Eigle, *Camilla* [Nova York: T. Y. Crowell, 1965], 249-250).

6 Campbell & Moyers, *The Power of Myth*, 40.

7 Carol Christ, "Symbols of Goddess", 231. Na página 250 ela fala de "conseqüências políticas e sociais enormes" do reaparecimento da Deusa.

8 Christ, art. cit., 249, Expõe o que ela quer dizer por transformação social por meio da deusa. Usar o termo deusa em lugar de Deus a Mãe ou Deus-Ela, que são "símbolos híbridos", "é uma validação mais clara da legitimidade e autonomia do poder feminino". Enquanto a Bíblia sempre promove relacionamentos humanos em pactos, o objetivo da nova espiritualidade é a autonomia.

9 Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 55.

10 Ver Steichen, *Ungodly Rage*, 92.

11 Embora muitas dessas mulheres protestantes pertencentes às principais denominações criam que estavam imaginando um novo deus / deusa *ex nihilo*, Sofia esteve em preparação por vários anos. Em 1984 em Grailville, um centro de retiros para o feminismo católico romano, em Ohio, uma das primeiras tentativas de adorar Sofia na América aconteceu. Na atmosfera ecumênica e intercrença de Grailville, um estudo, com o título: "Sofia e o Futuro da Espiritualidade Feminista", produziu uma Deusa, Sofia, que se tornou o símbolo da espiritualidade feminista intercrença / sincretista. Embora os organizadores em Minneapolis afirmassem que sua conferência era "cristã", sua origem está longe do Cristianismo. É também notável que muitas das líderes atuais, teólogas feministas – Rosemary Radford Ruether, Elizabeth Schüssler Fiorenza, Letty Russell, Mary E. Hunt, Nelle Morton, Judith Plaskow – freqüentaram regularmente Grailville nos primeiros anos, e alguns dos nomes citados acima foram figuras importantes na concepção da *Conferência RE-Imaginando*. Sobre este documento ver Patricia Miller, "Leadership at Grailville" *Women of Power* 24 (1995), 77-78.

12 Já em 1986 um grupo de mulheres da Igreja Metodista Unida do Calvário em Filadélfia realizou celebração alternativa da Semana Santa na qual Sofia, não Jesus, foi adorada como a serva sofredora – ver Cady, Ronan e Taussig, *Sophia: The Future of Feminist Spirituality* (San Francisco: Harper e row, 1986), 103.

13 "The RE-Imagining Conference: A Report", 2. Ver *Good News*, janeiro de 1994, uma publicação dos cristãos conservadores dentro da Igreja Metodista Unida, e *The Presbyterian Layman* (março / abril de 1994), o periódico de um grupo similar na Igreja Presbiteriana (USA).

14 Nesta afirmação está clara a indicação que os organizadores conheciam

precisamente o pano de fundo pagão e gnóstico de Sofia. De fato, esta conferência, que muitos nas principais igrejas sem dúvida pensaram ser uma aberração singular, havia sido preparado há muito tempo. Em 1995, 1.800 mulheres se reuniram em Boston para compartilhar informações sobre espiritualidade. Em 1978, uma conferência na Universidade da Califórnia em Santa Cruz sobre "O ressurgimento da Grande Deusa" atraiu uma multidão de quinhentas pessoas – Cristo, "Symbols of Goddess", 247. Donna Steichen traça o movimento e suas muitas conferências em seu livro *Ungodly Rage.*

15 Ver também o apócrifo *Wisdom of Solomon* 7:22-27, 29; 8:1; 9:10-12. Aqui também a Sabedoria personificada afirma a obra criativa das mãos de Deus.

16 "The RE-Imagining Conference: A Report", 19.

17 *Ibid*., 3.

18 *Ibid*., 9.

19 *Ibid*., 4.

20 João 1.1-3, Colossenses 1.15-20 e Hebreus 3.1-3.

21 "The RE-Imagining Conference: A Report", 18.

22 Ruether, *Sexism and God-talk,* 11.

23 Ruether, *Women-Church,* 169.

24 *Ibid*., 144.

25 *Ibid*., 104.

26 *Ibid*., 159.

27 Caitlín Matthews, *Sofia, Goddess of Wisdom: The Divine Feminine From Black Goddess to World-Soul* (Londres: The Aquarian Press / Harper Collins, 1992).

28 *Ibid*., 11 e 65.

29 Carolyn McVickares Edwards, *The Storyteller's Goddess: Tales of the Goddess and Her Wisdom from Around the World* (San Francisco: Harper, 1991), 65.

30 "The RE-Imagining Conference: A Report", 13.

31 *The Polictis of Women's Spirituality,* org. por Charlene Spretnak (Nova York: Anchor Books Doubledqy, 1994).

32 Lazaris, *Concept: Synergy,* P.O Box 3285, Palm Beach, Fl 33480.

33 Alix Pirani, org., *The Absent Mother: Restoring the Goddess to Judaism and Christianity* (Londres: Mandala, 1991). Ver também um livro anterior de Merlin Stone, *When God Was a Woman* (San Diego, Nova York, Londres: Harvest; HJB, 1976), que tenta uma reversão semelhante.

34 Alix Pirani, *ibid*., 54.

35 Kathleen Alexander-Berghorn, "Isis: The Goddess as Healer" (inverno de 1987), 20, citado em Ruth Tucker, *Another Gospel: Alternative Religions and the New Age Movement* (Grand Rapids: Zondervan, 1989), 340-341.

36 Mateus 11.19.

37 Páginas 187-198 de *The Spiritual Dance* são reproduzidas em D. W. Ferm, *Contemporary American Theologies II: A Book of Readings* (San Francisco: Harper e Row, 1982), 208-221.

38 Miriam Starhawk, *The Spiritual Dance* (San Francisco: Harper and Row, 1979), 215.

39 Sobre isso ver Mary Kassian, *The Feminist Gospel*, 54. Na página 57 Kassian cita Ruether, *Libertation Theology: Human Hope Confronts Christian History and American Power* (Nova York: Paulist Press, 1972), 189, cujas aspirações para o "desenvolvimento para uma nova humanidade planetária" tem um toque forte da Nova Era. Ruether continua: "[a] revolução do feminino (...) procurou devolver o espírito para o corpo e o corpo para o espírito em uma aparição messiânica do corpo de Deus".

40 *Times Advocate*, 28 de agosto de 1994.

41 Anne Llewlyn Barstow, *Witchcraze: A New History of the European Witch Hunts* (San Francisco: Harper, 1994).

42 Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 97: "A integração e a honra tanto da sexualidade quanto da espiritualidade pode ser alcançada de várias maneiras: uma pessoa pode se retirar de instituições estabelecidas e desenvolver uma forma mais independente de espiritualidade, seja pela meditação particular, pelo estudo ou ritual, ou ao iniciando ou se juntando a um grupo alternativo de espiritualidade tal como o congresso das bruxas, um grupo estudo de '*A Course in Miracles*', ou um grupo dos doze passos". Compare também *ibid*., 45: "Às vezes o julgamento toma a forma de feminismo cristão ou judaísmo que rejeita as espiritualidades e rituais daqueles que nos deixaram para tornarem-se místicos da natureza ou bruxas ou adoradoras da Deusa".

43 Citado em Steichen, *Ungodly Rage*, 92.

44S. Scott e B. Smith, *Trojan Horse*, 44: "Há muita ênfase hoje, particularmente entre os mais extremos ramos de direita da igreja, sobre os males da bruxaria. Qualquer livro que mencione bruxas, ou mágica, ou fantasmas é automaticamente retirado das prateleiras". (Madeleine L'Engle, *Trailing Clouds of Glory: Spiritual Values in Children's Books* [Filadélfia: Westminster Press, 1985], 62-63).

45 Ruether, *Women-Church*, 223.

46 *Ibid*.

47 Miriam Starhawk, *Yoga Journal* (maio e junho de 1986), 56, citado em Ruth Tucker, *Another Gospel*, 340.

48 Starhawk, *Spiritual Dance;* ver também Goldenberg, *The Changing of the Gods*, e Christ, *WomanSpirit Rising*, para o mesmo chamado programático para uma revisão radical.

49 *Los Angeles Times*, sábado, 22 de maio de 1993.

50 Como Ruth Tucker, *Another Gospel*, 340, que dedica pouco mais que meia página a este importante fenômeno.

51 Steichen, *Ungodly Rage*, 64, cita uma bruxa feminista que enfatiza que seguidores de Wiccan não são Satanistas. "Eu nem mesmo creio que exista um

Satanás", ela disse. "E não necessariamente um bem e um mal verdadeiros". Ver também Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother: Discovering The Religion of the Earth* (San Francisco: Harper, 1987), 314: "Satanismo é uma heresia cristã". (cp *ibid.*), 298. Há uma seqüência no paganismo que termina no satanismo, i.e., a adoração aberta de Satanás. Tudo que se pode dizer é que algumas bruxas chegam bem perto. Sobre uma liturgia contemporânea wiccan / neopagã, ver Marjorie Procter-Smith, org. por *Women at Worship: Interpretações da Diversidade Norte Americana* (Louisville, KY: John Knox / Westminster Press, 1993), 145.

52 Zsuzsanna E. Budapest, *The Grandmother of Time: A Woman's Book of Celebrations, Spells and Sacred Objects for Every Month of the Year* (San Francisco: Harper, 1989), 57.

53 *Ibid.*, 21.

54 Ver *Encyclopedia of Religion and Ethics,* de Hasting, vol. 7, 434.

55 Ver Capítulo 11.

56 Carol P. Christ, "Symbols of the Goddess", 248, citado de acordo com Nelle Morton, "Beloved Image", publicado como "Deo / Dea immagine dilleta" em *La sfida del femminismo all teologia,* org. por Mary E. Hunt e Rosino Giovellinini (Brescia: Queriniana, 1981).

57 David Miller, *The New Polytheism,* vii.

58 *Ibid.*, 3.

59 *Ibid.*, ix. Um movimento politeísta semelhante começou no início dos anos setenta em círculos ecológicos. Jackson Lee ice, "The Ecological Crisis: Radical Monotheism vs. Ethical Pantheism", *Religion in Life* 44 (1975), 207-208. Nesse artigo, Ice argumentou que: "nós devemos moderar nossos sentimentos cruéis alimentados por um monoteísmo radical com um espírito mais suave, vivo e unificador expresso nas religiões panteístas (...) tais como o Xintoísmo, o Confucionismo, o Taoísmo e as religiões ameríndias". Citado em William B. Badke, *Project Earth: Preserving the World God Created* (Portland, OR: Multnomah, 1991), 118.

60 *Ibid.*, 12.

61 "RE-Imagining Conference: A Report", 7.

62 *Ibid.*, 13. Mollenkott argumentou que desde que Deus permanece dentro dos seres humanos, deve-se honrar todas as religiões do mundo, "não somente o Cristianismo". Isso incluiria interação e "modificação mútua do tipo que o Dr. Chung estava discutindo". Ela também falou sobre adoração como "inter-religiosa".

63 *Good News,* 8 de janeiro de 1994.

64 "RE-Imagining Conference: A Report", 6.

65 Miriam Starhawk, "Witchcraft as Goddess Religion", *The Politics of Women's Spirituality: Essays on the Rise of Spiritual Power Within the Feminist Movement,* org. por Charlene Spretnak (Garden City, NY: Anchor Press / Doubleday, 1982), 50-51.

66 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 63.

67 David Miller, *The New Polytheism,* 74. S. Scott e B. Smith, *Trojan Horse,* 164, mantém que Madeleine L'Engle era favorável às noções da deusa. "Enquanto

ridiculariza 'este deus irado', L'Engle glorifica os ídolos dos cananitas, falsamente projetando-os como uma mais agradável deusa feminina. Ela contrasta esses adoráveis pagãos aos hebreus que queriam 'limitar a Deus.'"

68 Elizabeth Cady Stanton, *A Women's Bible* (1895), 14.

69 Cady Stanton, *ibid*., 13.

70 Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 64.

71 William Oddie, *What Will Happen to God?*, 87.

72 Cady Stanton, *A Women's Bible,* 13.

73 Virginia Ramey Mollenkott, em sua palestra na *Conferência RE-Imaginando* em Minneapolis, ver "RE-Imagining Conference: A Report", 5.

74 De acordo com o Teólogo Metodista James Fowler, *Weaving a New Creation*, 105. Ver também 107 onde ele liga esse tipo de fé infantil à crença de que a Bíblia é a "inerrante palavra de Deus", o "fundamento absoluto sobre o qual podemos nos firmar".

75 *Ibid*., 113. "Além do paradoxo e das polaridades, pessoas no estágio Universalizante estão fundamentadas numa unidade com o poder do ser em Deus. S. Scott e B. Smith, *Trojan Horse*, 174, documentam como esse tipo de fé "universalmente" entrou no pensamento de Madeleine L'Engle. Eles afirmam: "L'Engle constantemente se refere a Deus como o 'Deus que é Um, o Deus que é Tudo'".

76 James Fowler, *Weaving*, 61: "somos chamados a padrões holísticos de pensamento e a metáforas que nos capacitam a representar o envolvimento de Deus e as influências em modos unificados no processo do mundo em seus muitos filamentos e unidade complexa". Fowler acha a proposta feminista de Sallie McFargue apropriada, que imaginemos o "mundo" como o corpo de Deus (*ibid*., 63). Essa formulação conduz novamente à adoração da deusa e uma "profunda ecologia" pagã – ver a seguinte frase, *ibid*., 65: "De maneirasque lembram Marney – e Teilhard de Chardin, que influenciou tanto Marne quanto McFargue – a metáfora do mundo como corpo de Deus dá a base para uma profunda e rica recuperação do senso de mundo como sacramental. Um considera cães, gatos e peixes; um honra a Deusa em cada ser humano, do vagabundo a à diva".

77 Citado em Constance Cumbey, *Hidden Dangers*, 45-46.

78 Assim Halligan, "Keeping Faith with the Future", 192: "Os esforços conjuntos da humanidade prevalecerão quando nós formos ajudados em nosso trabalho pela ação criativa essencial da Deidade, *que está além de todo nosso conhecimento*".

79 William Oddie, *What Will Happen to God?* 88, mostra como uma pensadora feminista "cristã", Dorothee Solle, adotou a visão monística de Deus e da realidade. "Na tradição mística, ela [Dorothee Solle] sugere que a ênfase não está na obediência a Deus, mas na união com ele: e esta ênfase proporciona nosso relacionamento com Deus para tornar um relacionamento de 'acordo e consenso' (observe o curioso retorno ao simbolismo pessoal), e isso pode então se tornar a natureza da religião: 'quando isso acontecer ', conclui Solle, 'a solidariedade substituirá a obediência como a virtude dominante'".

80 Os Guinness, *Dust of Death*, 228-229.

81 Brooke, *When the World will Be As One: The Coming New World Order in the New Age* (Eugene, OR: Harvest House, 1989), 68.

82 MacLaine, *Going Within*, 100.

83 Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 63. A frase completa de Mollenkott é: "Ela está certa – até que ela (e eles) constantemente se lembrem de que os outros e as outras criaturas, assim muito do que não sabemos sequer, é também Deus".

84 "The RE-Imagining Conference: A Report", 2.

85 Romanos 1.24-25.

86 Citado em Pirani, *The Absent Mother*, 149.

87 Isaías 34.14.

88 Alicia Suskin Ostriker, *Feminist Revision and the Bible* (Oxford: Blackwell, 1993), 99 relata a lenda Judaica. Lilith era a primeira mulher de Adão que recusou-se a se submeter a ele e foi banida do jardim. Ela foi encontrada se consorciando com demônios no Mar Vermelho. Ostriker, professora de Inglês na Universidade Rutgers, toma a lenda de Lilith como um profundo símbolo da moderna crítica feminista da Bíblia e escreve poemas de louvor a ela (*ibid*., 92-98).

89 *Ibid*., 145.

90 *Ibid*., 152.

91 Ver Judith Plaskow, "The Coming of Lilith", 198-209.

92 *Ibid*., 156.

93 *Ibid*.

94 *Ibid*., 160.

95 Sobre isso ver o tratamento dado por Morrison, *The Serpent*, 229ss.

96 Ver o excelente tratamento crítico da Teologia do Processo como se relaciona ao feminismo, por Donna Steichen, *Ungodly Rage*, 202-206.

97 Ver Capítulo 12.

98 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 321, diz que a distância entre um Deus masculino e a criação "lança a base para todos os relacionamentos alienados posteriores – entre pessoas e Deus, entre pessoas e pessoas, entre pessoas e o mundo natural".

99 David Miller, *The New Polytheism*, 4: "Há um politeísmo iniciante sempre ocultando-se na democracia. Este politeísmo se manifestará durante a história das democracias se a civilização não sucumbir primeiro diante da anarquia". O Papa João Paulo II, ao contrário, adverte em sua encíclica *Veritatis Splendori* do perigo da união da democracia com o relativismo.

100 David Miller, *The New Polytheism*, 72, afirma: "*Uma teologia politeísta será uma fenomenologia de todas as religiões* [itálicos meus]. Pode ser que os trabalhos de Mircea Eliade e Gerardus van der Leeuw sejam pistas sobre a forma futura de uma teologia politeísta. Uma teologia verdadeiramente politeísta seria a primeira teologia das religiões".

101 James Lovelock, *Orion Nature Quaterly* 8 (1989), 58.

102 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 231: "O pai *não* é da mesma substância que tudo contém, que permeia todas as coisas, que é formadora e nutritiva, e assim o relacionamento entre os seres humanos e Deus Pai torna-se abstrato e alienado, distante e moralista".

103 William Fowler, *Weaving the New Creator*, xii: "em diálogo primariamente com Sallie McFargue, eu exploro possibilidades para uma transformação metafórica em nossas descrições do envolvimento de Deus nos processos de um universo em desenvolvimento e expansão. Para mim isso marca um distanciamento de minha antiga confiança na metáfora de Deus como soberano para a exploração de uma reconfiguração de minhas expressões primitivas da práxis de Deus nas metáforas da ação de criar, governar, libertar e redimir".

104 David Miller, *The New Polytheism*, 5, afirma: "Psicologicamente, o politeísmo é uma questão da experiência radical de igualmente reais, mas mutuamente exclusivos, aspectos do eu. A identidade pessoal não parece ser fixa. A normalidade não pode ser definida. As pessoas experimentam a si mesmas como muitos eus, cada um dos quais é sentido como tendo um poder autônomo, vida própria, indo e vindo por conta própria e sem considerar o desejo centralizado de um ego separado. Mesmo assim, surpreendentemente essa experiência não é sentida como uma patologia". Miller cita um artigo em *Psychology Today* entitulado "multiple Identity: The Healthy, Happy Human Being Wears many Masks", *Psychology Today* 5 (maio de 1972), *Ibid*., 59.

105 Virginia Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 42.

106 *Ibid*., 16.

107 David Miller, *The New Polytheism*, 72-73: " *Uma teologia politeísta* não será um outro teísmo nem uma outra lógica. Entender pela apresentação dos sistemas teísticos e pelos modos intelectualísticos de conhecer já é monoteístico: é o imperialismo da mente sobre os sentimentos e o desejo. A teologia politeísta é sempre multivalente, não é nunca bipolar, nunca o bem contra o mal, o certo *versus* o errado, o finito *versus* o infinito, a luz *versus* a escuridão, superior *versus* inferior, o de dentro *versus* o de fora. Não há ortodoxia na teologia politeísta".

108 Há até mesmo um texto da Bíblia. Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 68, cita o famoso texto de Gálatas 3.28. "Extrapolando do pluralismo já presente em Gálatas 3.28, nós poderíamos estendê-lo para dizer que o Corpo de Cristo é *Ela* assim como *Ele*, pobre como rico, limitado assim como totalmente capaz, *gay* e bissexual assim como heterossexual, de muitas cores, de muitas nações, de muitas religiões, e de muitas comunidades interpretativas".

109 Daniel T. Spencer *Gay and Gaia*: *Ethics, Ecologgy and the Erotic* (Cleveland, OH: Pilgrim, 1996). Pilgrim é a casa publicadora da Igreja Unida de Cristo.

110 Heinz O. Guenther, "The Sayings Gospel Q and the Quest for Aramaic Sources: Rethinking Christia Origins", *Semeia 55* (1991), 41.

111 Fiorenza, M*iriam's Child, Sophia's Prophet* (Nova York: Continuum, 1994).

112 Esta é a proposta de Robinson em 1988, mediante uma exegese de "Q 13:34", – ver "Very Goddess and Very man: Jesus Better Self", *Images of the Feminine in Gnosticism*, org. Karen L. King (Filadélfia: Fortress, 1988), 113-127.

113 Marcus Borg, *Jesus: A New Vision*, 190-191. Borg é professor Associado de Estudos Religiosos na Universidade do Estado de Oregon e constante colaborador de *The Christian Century*.

114 *Ibid*., 184.

Capítulo 11

1 Allogenes 51: 12: o Éon de Barbelo é revelado como "O Jovem Perfeito " (51:37). Barbelo é outro nome para Sofia - ver Rudolf, *Gnosis*, 80.

2 Cullen Murphy, "Women and the Bible", *The Atlantic Monthly* (agosto de 1993), 40, cita Pagels, que no livro dela, *The Gnostic Gospels*, mostra como os gnósticos invocavam o feminino nas orações deles.

3. Couliano, *Tree of Gnosis*, 70. Pheme Perkins, "Sophia and the Mother-Father", *The Book of the Goodes, Past and Present: Na Introduction to Her Religion*, org. por C. Mackenzie Brown e Carl Olsen (Nova York: Crossroads, 1983), 98, refere-se à "situação liminar" de Sofia entre divindade final e existência criada. A situação dela reflete as "tensões e ambigüidades do gnóstico (...) preso neste mundo e superior às suas autoridades".

4. Couliano, *Tree of Gnosis*, 76.

5. Rudolf, *Gnosis*, 11.

6. Ibid., 65.

7. Jonas, *Gnostic Religion*, 26.

8. Pirani, *The Absent Mother*, 53. Vê o radicalismo do ataque feminista hoje na civilização Ocidental patriarcal nos escritos das bruxas Mary Daly e Emily Culpepper (por que as bruxas estão tão interessadas em ver o fim do patriarcado?), tão bem como o trabalho exegético de Fewell e Gunn, que começa com uma denúncia similar do patriarcado.

9. Em alguns textos gnósticos, Cristo como o Logos toma o lugar de Sofia. Ver *Tripartite Tractate* 100:1ss. O Logos criou os vários éons e autoridades, sobre os quais ele colocou o cabeça Arconte. "Quando o Arconte viu que eles eram grandes e bons e maravilhosos, ele ficou agradecido e alegre, como (101) se ele mesmo em seu próprio pensamento tivesse sido o único a dizer e fazer para eles, não sabendo que o movimento dentro dele era do espírito que movia nele (...) ele estava pensando que eram elementos de sua própria essência."

10. Filoramo, *Gnosticism*, 82, citando o valentiniano Ptolomeu.

11. *Sophia of Jesus Crist* 112:19, 114:14-15.

12. *Gospel of Thomas*, 101, de acordo com a reconstrução do T. Lambdin em *The Nag Hamadi Library in English*, 128-129. de acordo com Kurt Aland, *Synopsis Quattuor Evangeliorum* (Stuttgart: Wurttembergische Bibelanstalt, 1964), 528, lê-se no texto original: "para minha [mãe] (...) mas na verdade ela deu-me a vida". Certamente as emendas de Lambdin fazem sentido teologicamente do ponto de vista gnóstico, e se encaixam com a teologia geral da anticriação de Tomás (ver ditos 22, 52, 53, 56 e 114).

13. *On the Origin of the World* 100:5-10, 26-27.

14. Apocalypse of Adam 64:14-16.

15. *Apocryphon of John* 15-19 cp. 21:30:" E seu (do homem) pensamento era superior todos aqueles que o tinham feito".

16. Ver *Prayer of the Apostle Paul* 1 A:26-27, *The Nag Hamadi Library in English*, 28.

17. Apocalypse of James 34:10, *The Nag Hamadi Library in English*, 246.

18. Couliano, *Tree of Gnosis*, 96.

19. Ver *Letter og Peter to Philip* 135: 16- Deus o Criador é chamado "Authades (Arrogância)". Arrogância tornou-se orgulho e "comissionou as forças de sua autoridade para produzir corpos mortais" (136: 11-13).

20. Ver também *Apocryphon of John* 11: 15-25.

21. Este é o sumário de Couliano, *Tree of Gnosis*, 96. Para outros exemplos dos textos gnósticos, ver *Apocryphon of John* 11: 25-35, 13:5, *Gospel of the Egyptians* 58:23-26, *Sophia of Jesus Crist* 108:9-11, 119:9-15, *Gospel of Philip* 75:1-10, *Gospel of Truth* 17: 10-19.

22 A versão moderna das bruxas sobre a rejeição dos gnósticos a Jahweh é encontrada em Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 269. "Jahweh é chamado o Deus ciumento. Do que teria Jahweh ciúmes? Das Deusas, do amor delas, da própria relação sexual sagrada delas, e da dominação sobre a mentes e corações e corpos da geração dos povos neolíticos. Isso é porque o Deus e a religião da Bíblia são identificados assim claramente diante de outros deuses precedentes e religiões: O Deus da Bíblia e sua religião estão baseados numa moralidade violentamente não-sexual ou anti-sexual nunca antes vista na terra. Sexo – a fonte da vida e prazer do amor – se torna o inimigo de Deus.

23 *Apocryphon of John* 2:15.

24 *Gospel of the Egyptians* 41:7-9. Ver *Trimorphic Protennoia* 37:20.

25 Filoramo, *Gnosticism*, 77-78.

26 Isaías 45.18.

27 Uma referência a Salmos 8.4.

28 Apocalypse of John 11.25-35.

29 Para o texto, ver Segundo Tratado do Grande Sete 62:28-63:30, *The Nag Hamadi Library in English*, 335.

30 Para o texto, ver *Second Treatise of the Great Seth* 53:28, *The Nag Hamadi Library in English*, 332. Ver também 55:30-56:19, 62:28-30, 62:35-37, 63:4-5, 63:12-14, 63:18-22, 63:25-27, 64:18-23. Ver também o tema de riso no *Apocalypse of Peter* onde o Jesus vivo, na cruz, está alegre e sorrindo pois os pregos estão colocados na carne de um substituto que ninguém vê (81:15-25).

31 A narrativa dos gnósticos naasenos em Irineu (1:30:7), citado por Hans Jonas, *The Gnostic Religion*, 93.

32 *Apocryphon of John* 21:15-22:1.

33 *Apocryphon of John* 10:19, 10:33-11:3.

34 Para o texto, ver *Gospel of the Egyptians* 57: 16-20, *The Nag Hamadi Library in English*, 201.

35 Citado em Couliano, *Tree of Gnosis*, 94.

36 Efésios 2.11-13 e 1.3.

37 *Trimorphic Protennoia* 39:21, 40:23, 43:32, 43:35-44-2. Em *Testimony oh Truth* 70:1-4 diz que Davi tinha um demônio habitando nele, o único que derrubou a construção de Jerusalém e que o templo tinha sete vasos de água com demônios neles que corriam para fora quando os romanos apareciam!

38 *Apocalypse of Peter* 82:18-25. Esses textos confirmam a exatidão da descrição de Hipólito (*The Refutation of All Heresies* 1:12), que descreve um Jesus gnóstico explicando para os fariseus que o pai deles, um assassino desde começo, era o Demiurgo, e que o "Filho é a Serpente".

39 Filoramo, *Gnosticism*, 132.

40 *Hypostasis of the Archons* 95:8ss. cp On the Origin of the World 103: 25ss.

41 Para o texto, ver *On the Origin of the World* 126;20-30, *The Nag Hamadi Library in English*, 178-179.

42 Rudolf, *Gnosis*, 50.

43 Irineu, *Against heresies*, 11.

44 *Apocryphon of John* 3:20-25.

45 *Eugnostos the Blessed* 71:14ss., 72:3ss.

46 *Allogenes* 62:28-64:13, 65:33 e 66: 26-27.

47 Para o texto, ver *Teaching of Silvanus* 100:13-16, *The Nag Hamadi Library in English*, 353.

48 *Tripartite Tractate* 85:34.

49 *Allogenes* 48:10-11: Deus está "em Todo [localizado no] lugar que é mais alto que o perfeito". Ver também *Allogenes* 48:12-49:38 com uma longa seção sobre a existência Deus incognoscível. Ver também *Trimorphic Protennoia* 35:31: "Eu existo antes do [Todo, e] Eu sou o Todo...".

50 Ver Rudolf, *Gnosis*, 59.

51 Pheme Perkins, professor de Teologia da Faculdade de Boston, art.cit, 98, apresenta-se para concordar com este julgamento: "o sistema (gnóstico) inteiro se direciona à recuperação da unidade andrógina original. O mundo fraturado pelo imperialismo (sem dúvida do macho Demiurgo) é recuperado no avassalador monismo do pleroma gnóstico".

52 Para o texto completo ver *Gospel pf Mary* 7: 4-9, *The Nag Hamadi Library in English*, 471.

53 *Gospel of Thomas* 77. Uma interessante variante do monismo pagão é encontrada no Israel infiel. Jeremias descreve a apostasia deles: "a casa de Israel será envergonhada: (...) aqueles (...) que dizem para uma árvore 'Você é meu pai', e para uma pedra, 'Você deu-me a luz'"[Jeremias 2.27].

54 Ver Irineu, *Against heresies* 1:5:3.

55 Pheme Perkins, art.cit., 107, nota que Sofia "sempre aparece como uma crucial ligação entre o humano neste mundo e a divindade que constitui a verdadeira identidade dele ou dela".

56 John D. Turner, *The Nag Hamadi Library in English*, 461.

57 *Trimorphic Protennoia* 35:9-18.

58 Zeus é o Deus do Trovão – Ver Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 169. Portanto a escolha deste nome, Trovão, sugere que Sofia assumiu para si toda a força prerrogativa do Deus macho.

59 De acordo com George MacRae, que introduz este texto em *The Nag Hamadi Library in English*, Trovão é "um discurso revelador apresentado por uma fêmea que se revela na primeira pessoa (...). Antíteses e paradoxos (são) usados para proclamar a absoluta transcendência para revelar todas as grandezas e incompreensões" (George W. MacRae, "Introduction", *ibid*., 271). Esta análise é possível se o gnosticismo for visto simplesmente como um sistema dualístico.

60 Ver Emily Culpepper, "The Spiritual, Political Journey of a Feminist Freethinker", *After Patriarchy:Feminist Transformations of the Worlds Religions*, org. Paula Cooey *et al* (Maryknoll, NY: Orbis, 1991), 155. Ver também o semi-humorístico artigo por Peter Berger. "The Other Face of Gaia", *First Things* (agosto-setembro de 1994), 15-17, que inclui uma descrição de Kali.

Emily Culpepper, criada em uma igreja evangélica Batista em Macon, Georgia, envolveu-se com um movimento contracultural dos anos 60. Hoje ela é uma bruxa ecofeminista, lésbica, repleta de um espírito guia "familiar de Kali" que possuiu o gato dela. Descrevendo as raízes de seu Cristianismo como "composto", ela propõe o seguinte programa: o Cristianismo deve ser visto como "um complexo tecido de verdades e mentiras", a idéia da Encarnação não é somente "implausível (...) [mas] ofensiva" às feministas; ela promove a adoção de "uma expansão do panteão pessoal das deusas e outras imagens místicas [como] um grande contrapeso psíquico aos deuses pais do patriarcado". Por meio de seu gato, Culpepper encontrou grande inspiração de Kali que é pintada como uma deidade feminina com "olhos vermelhos, cabelos desgrenhado, pingos de sangue nos cantos de sua boca, lábios inchados com sangue fresco, uma língua sedutora, dentes longos afiados, um magro corpo escuro (...). Seu colar contém cinqüenta cabeças humanas; seu cinto é feito de braços humanos; ela usa duas crianças mortas como brinco (...). Ela segura um cutelo manchado de sangue em sua (...) mão esquerda e uma cabeça pingando sangue em (...) sua mão direita".

Como pode tal pintura sanguinária inspirar alguém? Um estudioso de Kali explica que Kali tem dois lados. Ela nutre aqueles que a respeitam, mas destrói aqueles que não a respeitam: "Sua intoxicação sanguinária com ira e violência não é uma indicação que ela é má. Kali é a 'Mãe de todos nós' – ela dá à luz, fascina com seu esplendor, e nos consome nos jogo da vida. Tanto as qualidades boas quanto as terríveis são combinadas na imagem de Kali" (ver *The Book oh the Goddess*, 110-123).

Isso é exatamente o que a bruxa Culpepper acha tão atrativo – a experiência mística da conexão com todos os processos de vida e morte "que vão além do dualismo". Os leitores podem pensar que eu estou tentando ser sensacionalista ao usar tal bizarro e estranho material, mas devem entender que esse ensaio de

Culpepper foi leitura obrigatória para os alunos de 16 anos de idade na Escola do Governo (um programa de verão para adolescentes dotados) em Arkansas no final dos anos 80 – ver *World*, Setembro de 1993.

61 Pirani, *The Absent Mother*, 54.

62 James Preston, "Goddess Worship: An Overview", *The Book of the Goddess, Past and Present: An Introduction to the Her Religion,* org. Carl Olsen, (Nova York, 1983), 38. Pheme Perkins, em um artigo neste mesmo livro, refletindo sobre *Thunder Perfect Mind*, diz: "Assim como Ísis, esta figura feminina [Sofia] afirma estar por trás de toda sabedoria humana".

63 Ver a descrição de Sofia no programa da *Conferência RE-Imaginando* como "o lugar onde o universo todo reside". "The RE-Imagining Conference: A Report", 19.

64 Citado por Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 253, sem referência. Esta representação de Ísis é sem dúvida correta. O professor Luther H. Martin da Universidade de Vermont, em seu livro *Hellenistic Religions: An Introduction* (Oxford e Nova York: Oxford University Press), 1987, afirma que no mundo helenístico onde o Gnosticismo se arraigou, Ísis não era mais vista como um deidade local egípcia unida a Osíris, mas se torna a "Rainha lunar do céu (...) a universal 'Mãe de Todas as Coisas.'"

No romance antigo, *The Golden Ass* de Apuleio (meados do século 2º d.C.), o herói Lucius, por meio do rituais de Ísis, os quais incluíam incubação [a permanência em um quarto por dias jejuando e meditando (ver Martin, *ibid*., 60)] ganhou a monística experiência clássica da luz. "A meia noite", relata Lucius, enquanto meditava no Templo de Ísis, "Eu vi o sol brilhando, vi tanto os deuses celestiais quanto os infernais (...), e os adorei". Assim Apuleio, *The Golden Ass*, traduzido por Jack Lindsay (Bloomington: Indiana University Press, 1960), 249.

65 C. J. Bleeker, "Isis and Hathor, Two Ancient Egyptian Goddesses", no *The Book of the Goddess,* 32.

66 Caitlín Matthews, *Sophia, Goddess of Wisdon,* 67.

67 *Ibid*., 38.

68 *ibid*., 33 e 35.

69 *Trimorphic Protennoia* 45:2-6. Ver também *Exegesis of the Soul* e um artigo introdutório de W. C. Robinson, Jr., "*The Exegesis of the Soul* ", *Novum Testamentum* 12-2 (1970), especialmente 116, que argumenta que o conteúdo desse texto é similar ao de Naasenos por quem a mutilação de Attis foi um tipo de ideal andrógino.

70 *Trimorphic Protennoia* 44:30-33. Filoramo, *Gnosticism,* 61 e 63, entende que o que MacRae [a acima] parece não ter entendido: "A androginia é o traço distintivo deste Deus (gnóstico)" No entendimento gnóstico de deus está "uma conquista de toda dualidade".

71 Perkins, art. cit., 107.

72 Ver, por exemplo *The New Testament and Psalms: An Inclusive Version* (Nova York-Oxford: Oxford University Press, 1995), 9.

73 Filoramo, *Gnosticism,* 58 cp 53.

74 Gênesis 3.5.

75 Irineu, *Against heresies* 1.30.6.

76 *First Apocalypse of James* 27.7-9.

77 Steve Beard, *AFA Journal*, fevereiro, 1994, 1.

Capítulo 12

1 Citado no *San Diego Union Tribune*, 4 de julho de 1994, A-4.

2 Elinor Gadon, *The Once and Future Goddess* (Nova York: Harper and Row, 1989). A citação completa é: " O reaparecimento da Deusa está se tornando o símbolo e a metáfora para esta transformação".

3 Ruether é professora de Teologia Aplicada do Garrett-Evangelical Seminary em Evanston, Illinois.

4 Ruether, *Women-Church*, 57.

5 *Ibid*., 131, 280-281, 132, 153, 57, 61, 63, 69, 73, 74 e 125.

6 O Dr. Sharron Stroud, fundador do Centro de Celebração da Vida, dá aulas sobre "Acesse a Mulher Selvagem", e "Acesse o Homem Selvagem", com anúncio no jornal local da Nova Era. "Selvagem" parece representar a sexualidade liberada das estruturas judeu-cristã morais e da criação.

7 Virginia Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 73.

8 Mollenkott, *ibid*., 12.

9 Kate Millett, *Sexual Politics* (Garden City, NY: Doubleday, 1970), 250-251.Cp o argumento de Ti-Grace Atkison, relatado por Mary Kassin, de que "somente a mulher lésbica poderia pensar radical e profundamente sobre a possibilidade de uma mudança social, livre da prisão das tarefas do gênero heterossexual" (citado em Kassian, *Feminist Gospel*, 86). Como E. Michael Jones, "What Lesbian Nuns Can Teach Us About Vatican II", *Fidelity* 5/1 (dezembro, 1985) 22 observa: "Nem todas as feministas são lésbicas, no entanto a pressão ideológica do feminismo naturalmente leva ao lesbianismo". Ele cita uma afirmação de Mary Daly admitindo que "tudo que eu escrevo é um convite para o [lesbianismo]".

10 Patricia Beattie Jung e Ralph F. Smith, *Heterosexism: An Ethical Challenge* (Nova York : State University of New York Press, 1994).

11 Stanley J. Grenz e Roger E. Olsen, *Twentieth Century Theology: God and the World in a Transitional Age* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1992), 234. O patriarcado é justaposto com os dois outros demônios absolutos sem nenhuma qualificação. Isso comete a falácia de supor que o abuso do poder desqualifica o uso do poder. Políticos inescrupulosos não colocam em questão o processo político. O mau uso pecaminoso da responsabilidade paternal não deve colocar em questão o papel da autoridade que a criação investe nos pais. Conquanto não haja dúvida de que Paulo não se oporia ao acréscimo em Gal 3: 28: "nem pais nem filhos", o patriarcado está claramente mantendo os ensinamentos dos apóstolos da Igreja da Nova Aliança quando chama atenção das crianças para obedecer aos seus pais. Ele

não rejeita o patriarcado. Ele chama para um justo exercício do mesmo (Cl 3.21).

12 *Christians for Biblical Equality*: *Books, Reprints and Tapes Catalog*, agosto de 1991. Ver também Rebecca M. Groothuis, *Women Caught in the Conflict: The Culture War Between Tradicionalism and Feminism* (Grand Rapids: Baker, 1994), 65.

13 Groothuis, *ibid*., 122, nega a possibilidade de que o patriarcado possa ser reformado no decorrer das linhas cristãs, pois ela afirma que suas "características mutuamente exclusivas" (a autoridade do patriarcado e a intimidade do amor cristão) torna a tentativa absurda. Como pode um marido fazer as duas coisas? ela pergunta retoricamente. Eu detecto aqui um erro na lógica da teologia dela.

Enquanto admite (corretamente, contra uma negação feminista religiosa radical da paternidade de Deus) que Deus é um verdadeiro *patriarca* que "usa sua força [autoridade] amável e sabiamente [intimidade]", portanto mostrando que esta é finalmente uma falsa dicotomia (101), ela então nega isso como uma genuína possibilidade para um homem pecador, mesmo que Efésios 5:22-33 convide homens cristãos para fazer exatamente isso. Ao mesmo tempo, o seu apelo para o fim do patriarcado pressupõe que o homem pecador (e a mulher) *pode* exercitar a força da justiça nesta terra – ao pôr um fim ao injusto patriarcado. Mas se um é possível, porque não o outro? Se ela argumenta que a *estrutura* é inerentemente pecadora, então ela deve se dobrar para o radical e eliminar o paternalismo de Deus. Se homens são inerentemente pecadores, então porque chamar pela reforma?

14 Importantes teóricas feministas, não particularmente religiosas, como Riane Eister, Charlene Spretnak e a feminista da Nova Era, Jean Houston, eram muito destacadas nos programas do parlamento. Suas declarações éticas eram notáveis somente na qualidade feminista exibida em parte de sua retórica.

15 Ver W. Roof, *Generation*, 222. Ver também P. Jones, *The Gnostic Empire*, 63-64. As recentes Decisões da Suprema Corte, contra a vontade das pessoas, mostra que a nova ideologia da Esquerda pode frustrar o processo democrático.

16 Naomi Goldenberg, *Changing of the Gods: Feminism and the End of Traditional Religions* (Boston: Beacon Press, 1979), 41, citado em Kassian, 154. Ver também Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 197.

17 Naomi Goldenberg, *Changing of the Gods*, 5.

18 Poucos livros cristãos na Nova Era mencionam este aspecto deste assunto, assim grandes sessões da igreja foram substituídas por uma forma modificada, mais ascéptica.

19 William Oddie, *What Will Happen To God?* 11.

20 Andrew Greely, *Omni Magazine* (janeiro de 1987), 98, citado em Welton, *Abortion*, 163. Conquanto o atual papa, João Paulo II, se oponha ao feminismo religioso, há razão para pensar que a igreja Católica um dia se tornará o que Greeely predisse. Em 1990, o Padre Bede Griffith, um conhecido místico católico romano, que viveu na Índia por 37 anos, sofreu um enfarte quase fatal que lhe deu "um entendimento maior do amor, da não-dualidade e da importância dos aspectos femininos da vida". Dalai Lama elogia sua aceitação de todas as principais religiões com respeito e dignidade", e o Cardeal Hume, Arcebispo católico romano de Westminster, Reino Unido, entusiasticamente o reconhece como "um místico em contato com o amor e a beleza absoluta". Ver o catálogo da *Palisades Home Video* (Virginia Beach, 1994), 5. Com cardeais como este, só é necessário, como dizem, uma baforada de fumaça branca.

21 A comparação é sem dúvida válida, pois, como a Reforma, o movimento das mulheres é um movimento que afeta todos os níveis da sociedade. Se terá todos os benefícios da Reforma, é uma outra questão.

22 Elisabeth Schüssler Fiorenza, *In Memory of Her*, xvii.

23 Mary Daly, *Beyond God the Father: Towards a Philosophy of Women's Liberation* (Boston: Beacon Press, 1973), 169.

24 Donna Steichen, *Ungodly Rage*, 9. Ver também o artigo incisivo de E. Michael Jones, "Lesbian Nuns", 16-26.

25 Ver acima, capítulo 3. Uma espiritualidade liberal da Nova Era, especialmente em sua forma feminista da libertação do gênero, está levando as pessoas de volta à igreja.

26 Naomi Goldenberg, *Changing of the Gods*, 5.

27 *Ibid*., 2. Ver também William Oddie, *What Will Happen To God?* 12.

28 Ver Goldenberg, "Feminist Withcraft and Inner Space", *The Politics of Women's Spirituality*, org. por Charlene Spretnak (Nova York: Doubleday, 1982), 217.

29 Emily Culpepper, "The Spiritual, Political Journey", 153 e 154.

30 "Text of VMI Opinions", *The Chronicle of Higher Education* (5 de julho de 1996), A36.

31 Roof, *Deneration of Seekers*, 217-219. Uma pesquisa mais recente confirma esta tendência. Setenta e seis por cento de todos os adultos americanos, dois em cada três "cristãos nascidos de novo", 86 por cento das igrejas protestantes mais conhecidas e quarenta e cinco por cento de "evangélicos conservadores" favorecem a ordenação de mulheres, de acordo com os artigos publicados pela Evangelical Press Association, de dezembro de 1993. Isso tem de ser classificado como um enorme revolução social que ocorrem em apenas uma geração, dos 60 até os 90.

32 J. Gordon Melton, *The Churches Speak on: Women's Ordination* (Detroit: Gale Research Inc, 1991), xiii.

33 Madeleine L'Engle, *The Irrational Season* (Nova York: Farrer, Straus e Giroux, 1979), 156.

34 Um relatório do Religious New Service que aparece no jornal *L.A. Times* de 24 de julho de 1993.

35 *Ibid*., 13. Steichen chega a uma conclusão semelhante a respeito do alcance do feminismo radical na igreja católica.

36 Ver Mary Daly, *Wickedary*, 78 e 186.

37 Donna Steichen, *Ungodly Rage*, 330, documenta que Harvey Cox foi um dos trezentos eruditos que assinou uma petição da American Academy of Religion pedindo que Daly fosse promovida, dizendo, "É difícil imaginar onde todo o campo dos estudos religiosos e teológicos estaria hoje se não fosse pelas contribuições dela". Ver Leila Prelec, "BC Campus Scene of Small Daly protests", *National Catholic Register*, de 30 de abril de 1989, 1. Ver também o endosso feito por Cox ao último livro de Daly, *Outercourse: The Bedazzling Voyage Containing Recollections From My Logbook of a Radical Feminist Philosopher* (HarperSanFrancisco, 1992) no Catálogo da

HarperSanFrancisco de 1992 “Estudos Religiosos”, 17. Este livro de Daly é uma promoção da bruxaria ecofeminista erótica lésbica. Em 1988 Cox é surpreendido por uma reemergência da bruxaria (Ver *Many Mansions,* 195). Quatro anos mais tarde ele se torna um defensor entusiasta de uma bruxa-filósofa.

38 Ver Leila Prelec, *op. cit.,* 1, citado em Steichen, *Ungodly Rage,* 330.

39 Claramente a *Conferência Re-imaginando* em Minneapolis em 1993, não apareceu do nada. Ver uma detalhada descrição deste movimento feminista-pagão em Donna Steichen, *Ungodly Rage.*

40 Don Feder, “O que acontece na Harvard Divinity School?” *Conservative Chronicle,* abril de 1994, 28.

41 Em particular, o livro de Elaine Pagel, *The Gnostic Gospels,* e *The Nag Hamadi Library in English* traduzida sob a direção de James M. Robinson.

42 Paula Cooey, org., *After Patriarchy* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1991).

43 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 52.

44 Uma palestra de Jeff Levi em 1987 para National Press Club em Washington, citado em Joseph P. Gudel, “That Which Is Unnatural: Homesexuality in Society, the Church and Scripture”, *Christian Research Journal* (inverno de 1993), 10

45 “Gays em Marcha”, *Time,* (8 de Setembro de 1975), 43, citado por Gude., ibid.

46 Ver P. Jones, *The Gnostic Empire Strikes Back,* 67.

47 Ver a primeira página do jornal *L.A. Times* de 10 de janeiro de 1994, em um artigo, “Gay Rights Moves On Campus”.

48 Assim escreve Larry Kramer, autor dramático e ativista gay em “Film Comment”, *L.A. Times* (9 de Janeiro de 1994), 30. Kramer crê que o primeiro filme de Hollywood “no qual uma estrela masculina como Tom Hanks, faz amor na cama, nu, com uma outra estrela, como Tom Cruise, na mesma cama, também nu, e eles se abraçam e conversam um com o outro, conversas de adultos, fazendo as mesmas coisas que os casais comuns fazem nos filmes, *shows* de televisão e comerciais (...) fará uma fortuna”. Ele provavelmente está certo.

49 De Jerry Z. Muller, Professor Adjunto de História da Catholic Universily of América, em “Coming Out Ahead: The Homosexual Movement in the Academy” *First Things* (agosto-setembro de 1993), 17-24. “O que é mais importante para medir a influência do pensamento homossexual na academia é seu impacto sobre os estudos das mulheres, a área de maior crescimento dentro das ciências humanas e sociais, tanto institucionalmente quanto em termos de publicações. É estimado que há agora “quinhentos programas de estudos de mulheres, trinta mil cursos, e cinqüenta institutos feministas” (18). Umas das principais idéias no feminismo acadêmico é que o lesbianismo é a mais “autêntica forma de feminismo”.

50 *Ibid.*

51 Relatado em *World* de 13 de novembro de 1993.

52 Este item certamente indica a importância da NAMBLA no movimento homossexual. Como John Richard Neuhaus observa, em “Table for One”, *National Review* (13 de dezembro de 1993), 57: os homossexuais “podem estar certos quando dizem que NAMBLA está à beira da loucura da subcultura homossexual [eles

podem estar errados, também]. Não há segredo, no entanto, sobre o papel significativo que os meninos têm no mundo real e fantasioso da homossexualidade".

53 *Ibid.*, 7.

54 Robert Muller, *The New Genesis: Shaping a Global Spirituality* (Nova York: Image Books, 1984), 189.

55 Citado em Cumbey, *Hidden Dangers,* 111-112.

56 Este termo vem do teólogo jesuíta Teilhard de Chardin, cujo pensamento informa muito da a Nova Era moderna e do novo pensamento liberal. Ver o uso que Halligan faz de Teilhard, "*Keeping Faith with the Future: Towards Final Conscious Unity", Chamas do Desejo* (Nova York: Crossroads, 1992), 191, discutido abaixo.

57 Algumas feministas afirmam que se deve ir por trás do deus mascukino para encontrar uma deusa bissexual original – ver Monica Sjoo e Barbara Mor, *The Great Cosmic Mother: Discovering the Religion of the Earth,* (HarperSanFrancisco, 1987), 21, que argumenta que a deusa original se originou na África, a Deusa Negra, A Grande Mãe da África (Ísis no Egito), considerada como bissexual e uma bruxa que carregava uma serpente em sua barriga. Betty Talvert-Wettler, "Secular Feminist Religions Metaphor and Christianity", um ensaio lido no encontro anual da Sociedade Teológica Evangélica, em Wachington, D.C., 1993, 7, observa que o "Ser Supremo" na bruxaria é "bipolar" (macho-femea).

58 Pensando bem, não é tão fácil invadir a França!

59 Frederica R. Halligan, psicóloga clínica e Diretora Assistente do Centro de Aconselhamento na Universidade Católica Gordham.

60 Oddie, *What Will Happen to God??* 139.

61 *Ibid.*, 192.

62 Monica Sjoo e Barbara Mor, *The Cosmic Mother,* 67: "Quanto mais para o passado formos, descobrimos que a Grande Mãe é hermafrodita — assim, a lésbica do presente é quem está mais perto da mulher antiga".

63 Mary Daly, *Beyond God the Father* (Boston: Beacon Press, 1973), 19.

64 Steichen, *Ungodly Rage,* 32.

65 *Ibid.*

66 *Ibid.*, 34.

67 Ver Rosemary Radford Ruether, *Women-Church,* 104, onde ela afirma seu objetivo de estabelecer uma prática litúrgica que uma o Cristianismo com as religiões pagãs: "As liturgias deste livro (...) reapropriam-se da santificação da natureza e do tempo cíclico das tradições antigas pré-judeu-cristãs [incluindo o Baalismo].

68 Steichen, *Ungodly Rage,* 302: "Androginia é seu modelo para a espécie humana liberta do gênero 'dualístico' para a 'totalidade psíquica'".

69 David Cave, *Mircea Ehiade's Vision for a New Humanism,* (Nova York: Oxford, 1993), 109.

70 Shirley MacLaine, *Going Within,* 197.

71 Cave, *Mircea Ehiade's Vision for a New Humanism*, 154.

72 G A. Moloney e B. J. Rogers-Gardner, dois psicólogos Cristãos, em seu livro, *Loving the Christ Within You: A Spiritual Guide to Self-Esteem* (Nova York: Crossroad, 1991), 93, chama as pessoas para a totalidade espiritual "pensando de si mesmo 'tanto como macho quanto fêmea'".

73 Virginia Ramey Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 165. Mollenkott não tem certeza se o palpite educado de P. B. Jung é exato, mas ela está "certa de que pessoas saudáveis lésbica-*gay* têm muito a ensinar à sociedade sobre o papel dos sexos".

74 Scott Lively e Kevin Adams, *The Pink Swastika: Homosexuality in the Nazi Party* (Keizer, OR: Founders Publishing Corporation, 1995), 46.

75 Ver Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 74.

76 *Ibid.*, 16.

77 Mircea Eliade, *Mythes, Dreams and Mysteries* (Nova York: Harper e Row, 1975), 174-175, e *Patterns of Comparative Religion* (Nova York: New American Library, 1974), 420-421.

78 Em nossos dias poder-se-ia reformular o dito da Reforma – *cuius regio euis religio* [a religião daquele a quem pertence a região] – para "a sexualidade aquele a quem pertence a religião".

79 Da mesma maneira o ataque à *mono*gamia é um ataque ao *mono*teísmo. Donna Steichen, *Ungodly Rage*, 86, dá o exemplo de uma feminista católica de vanguarda, Tesse Donnelly, que, em uma apresentação no Mundelein College e Seminário, afirmou que a virgindade não era algo estático. Na mitologia grega, "a virgindade era renovável (...). Hera readquiria a sua a cada primavera. Perséfone a cada ano retornava 'mais jovem'. Afrodite não era uma dama; ela era a amante de muitos, mãe de muitos. Mas ela era uma virgem porque ela não pertencia a um homem. 'Uma-em-si-mesma', que não pertence a nenhum homem é o significado *real* de *virgem"*.

80 Citado em Donna Steichen, *Ungodly Rage*, 230. Steichen, 231, relata que a crítica de Fox contra o "dualismo" opõe não somente as distinções entre mente e corpo, mas também àquelas entre a criatura e o Criador. "E entre o homem e o animal (...) ". um exemplo mais fino de monista seria difícil encontrar.

81 John Spong, Bispo Episcopal de Newark. Citado em *World* (7 de novembro de 1992), 19.

82 Judy Grahn, *Another Mother Tongue: Gay Words, Gay Worlds*(Boston: Beacon Press, 1984), 44, citado em Emily Culpepper, "The Spiritual, Political Journey of a Feminist Freethinker", *After Patriarchy*, 158.

83 Citado em um "Programa de Lançamento" de uma série de vídeos, *The Wisdom of Faith With Huston Smith: A Bill Moyers Special* (primavera de 1996).

84 Robert M. Baum, "Homosexuality and the Traditional Religions of the Americas and Africa", em Arlene Swidler, *Homossexualidade e as Religiões do Mundo* (Valley Forge, PA: Trinity Press International, 1993), 15.

85 *Ibid.*, 147, 150 e 158.

86 *Ibid.*, 164, citando Judy Grahn.

87 Sjoo e Mor, *The Cosmic Mother,* 131.

88 John Ankerberg e John Weldon, *Encyclopedia of New Age Beliefs,* (Eugene, Or: Harvest House Publishers, 1996) 532ss.

89 *Ibid.,* 155

90 *Ibid.*

91 Ankerberg e Weldon, *Encyclopedia of New Age Beliefs,* 541.

92 *Ibid.,* 543.

93 Ver Randy P. O'Connor, *Blossom of Bone: Reclaiming the Connections Between Homoeroticism and the Sacred* (San Francisco: Harper, 1994). Ver também da mesma editora, Carter Heyward, uma sacerdotisa lésbica e mãe por inseminação artificial, *Touching Our Strength: The Erotic as Power and the Love of God,* que argumenta haver poder sagrado no prazer sexual (no sexo lesbiano em particular).

94 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 42 e 166.

95 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 19 e 24.

96 "The RE-Imagining Conference: A Report", 2.

97 O que esta "função xamanística" poderia provar ser é talvez indicado pelas ações contemporâneas da comunidade *gay*. Gary L. Bauer, "In Front of the Children", *Family Research Council Washington Watch* (maio de 1993), relata que, na Marcha Homossexual sobre Washington de 23 a 25 de abril, os participantes clamavam a perseguição de Cristãos ao cantar, "Tragam os leões". De acordo com o jornal Washington Post, "10.000 lésbicas batendo palmas e com gritos de guerra saíram do Dupont Circle com as palavras 'nós somos lésbicas, nós estamos indo, estamos indo ao poder!'"

98 De acordo com Ben MacIntyre, *Forgotten Fatherland: the Search for Elisabeth Nietzche* (Nova York: Farrar Straus Giroux, 1992), 92, citando frases de Sigmund Freud e Carl Jung.

99 Culpepper, *After Patriarchy,* 149, abandonou o Cristianismo, em parte ao ler Nietzsche.

100 Chuck e Donna Mctlhenny, *When the Wicked Seize a City: A Grim Look at the Future and a Warning to the Church* (Lafayette, LA: Huntingdon House, 1993), 18. Os autores concordam com esta análise quando falam de "duas religiões diametralmente opostas", e quando dizem, "Como um estilo de vida, a homossexualidade representa uma cultura holística sob o domínio do homem em rebelião contra Deus (...). A religião da homossexualidade muda a estrutura fundamental da moralidade, a natureza da palavra de Deus, e a civilização em geral" (60).

101 *Ibid.,* 85-93.

102 *Ibid.,* 16.

103 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 49.

104 Rudolf, *Gnosis,* 257

105 Isso é feito freqüentemente por motivações nobres.

106 Ver os livros de Texe Marrs, Constance Cumbey, Dave Hunt, T. A. McMahon e Douglas Groothuis. Isso os impede de medir a verdadeira ameaça do movimento da Nova Era, não como um grupo, mas como um visão de mundo e de vida que vai muito além das exóticas expressões da Nova Era, e inclui o otimismo neoliberal do século 21. Quando o feminismo não é visto como parte do movimento então a profunda coerência que junta os muitos temas do liberalismo é ocultada. Tal livro como o de Elliot Miller, *A Crash Course on the New Age Movement* (Grand Rapids: Baker, 1989) também não se refere ao feminismo. Isso é verdade no excelente livro de David Clark e Norman Geisler, *Apologetics in the New Age: A Crutique of Pantheism* (Grand Rapids: Baker, 1990). Notáveis exceções são *When the World Shall Be As One* (Harvest House, 1989) de Tal Brooke, que vê os perigos do feminismo e da extensão global da filosofia da Nova Era, e Mary Kassian, *The Feminist Gospel* (Wheaton; Crossway, 1992), que identifica claramente a ligação entre o feminismo e o monismo da Nova Era. Russell Chandler, *Understanding the New Age* (Dallas: Word, 1988) dedica sete páginas dentre 360 ao envolvimento radical feminista na bruxaria e na adoração à deusa.

107 O mundo evangélico, como a igreja como um todo, está sofrendo uma pressão massiva. Igrejas carismáticas fundamentalistas apresentam tanto o pastor como sua esposa no jornal da cidade como "pastores". A igreja fundamentalista batista na outra esquina, em sua programação de Natal, apresenta "Mulheres Sábias" em lugar de "Homens Sábios". Todos riem. É tão bonito, especialmente vindo dos lábios das crianças, mas nós estamos testemunhando uma revolução cultural e teológica. Igrejas que crêem que a Bíblia é a inerrante Palavra de Deus de capa a capa ("inclusive a capa"), não vêem problema algum com esta releitura do texto sagrado.

108 John Dart, "First Draft of Lutheran Statement Revises Teaching on Sexuality", *L.A. Times* (sábado, 4 de dezembro de 1993).

109 Citado em Kassian, *The Feminist Gospel*, 220.

110 Ver Kassian, *ibid.*, para uma descrição do desvio em direção ao paganismo naqueles que começaram seu feminismo como um movimento de protesto cristão. Eu não quero de maneira alguma dizer que meus irmãos e irmãs cristãs igualitários honram pagãos ou gnósticos, nem quero contestar seus motivos. Eu estou meramente apresentando o que eu vejo ser um caminho perigoso que começa com o desejo certo de corrigir erros e promover os muitos dons do sacerdócio de todos os crentes, mas chega à rejeição das estruturas criacionais como normativas na igreja. Este é, creio, o primeiro passo para o gnosticismo.

111 Feministas e pagãos estão ambos vindo da mesma fonte sem perceberem, e estão se dirigindo para o mesmo alvo sem perceberem, e os dois estão começando agora a se entrelaçar", diz a feminista Margor Adler, *Drawing Down the Moon: Witches, Druids, Goddess — Worship and Other Pagans in America Today* (Boston: Beacon Press, 1986), 182, citado em Kassian, *The Feminist Gospel*, 219.

112 Patricia Miller, "Leadership at Grailville", 76.

113 O poder desta elite é demonstrado em um artigo de Michael Fumento, "Esploding Myths", *National Review* (13 de dezembro de 1993), 42-45. Fumento documenta como seu livro, *The Myth of Heterosexual AIDS* (Regnery Publishing, 1989), foi mantido longe das prateleiras de todas as maiores livrarias, como críticas

foram inexatas e difamadoras, como as entrevistas em TV nacional foram canceladas no último minuto, como uma verba de pesquisa foi negada e como ele perdeu seu emprego como jornalista – tudo porque teve a ousadia de argumentar que a *AIDS*, enquanto devasta a minoria homossexual da população, deixou a maioria heterossexual da população essencialmente ilesa.

114 Fonte desconhecida.

115 A resposta cristã de Peter Coleman, Bispo de Crediton, Devon, Inglaterra, que, em seu livro *Gay Chritians: A Moral Dilemma* (Londres: SCM Press, 1989), xi, apresenta a homossexualidade como: um "pedido razoável de um minoria da raça humana para viver a própria vida da melhor forma que podem"? Ou o paradigma é, *mutatis mutandis*, de Israel e do princípio do "pecado no campo"? Por causa do pecado de Acã, muitos perderam a vida em uma batalha subseqüente com os cananitas (Josué 7). Certamente a igreja toma sua atitude com base no povo de Deus do Antigo Testamento. A sociedade será um reflexo de um poder numérico e espiritual dos cristãos dentro daquela sociedade.

Capítulo 13

1 Ruether, *Women-church*, 39.

2 Ver Pagels, *Gnostic Gospels*, 44, e P. Jones, *The Gnostic Empire Strikes Back*, 31. Esta cerimônia da câmara nupcial é chamada um sacramento da "redenção", isto é, a libertação do Deus da Criação e da Escritura.

3 *Sophia Jesu Christi* 119:9-15. Ialdabaoth é uma mistura e um trocadilho dos nomes hebraicos para Deus. Como o Progenitor Principal, Deus está no começo do processo maligno de um parto.

4 *Sophia Jesu Christi* 118:23-119:8. Isto é chamado "o Evangelho de Deus, o eterno e imperecível Espírito", 119:15-16.

5 Wilfred M. McClay, *The Masterless: Self and Society in Modern América* (Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1994). Isso não sugere o motivo pelo qual a América religiosa, quando todas as outras condições estiverem certas, seria um solo fértil para o retorno do gnosticismo?

6 *Apocryphon of John* 28:1-5 e 2:20-25. Ver Filoramo, *ibid.*, e Rudolf, *Gnosis*, 220-221 e 206 onde ele lista seus nomes preferidos.

7 Douglas Parrot, na introdução à sua tradução de *Eugnostos the Blessed* (III, 3 e V, 1), e *Sophia of Jesus Crist* 108:9ss. O texto é misterioso, mas fala da "fricção impura (...) que veio de sua parte carnal". Então vem a exortação: "Esmague suas intenções maliciosas".

8 *O Gospel of the Egyptians* 56:5-15, 60:9-18, sugere alguma forma de homossexualidade. Ver também *Paraphrase of Shem* 28:25-29:34.

9 Marwin W. Meyer, *The Ancient Mysteries: A Source Book* (San Francisco: Harper & Row, 1987), *ibid.*, 147. Em particular os gnósticos naasenos, que adoravam a serpente de Gênesis 3, e enxergavam Eva como uma heroína em sua busca por conhecimento, estavam sem dúvida nestes cultos da deusa em parte por causa do

importante lugar que eles deram à serpente. Ver William M. Ramsay, *Roman History* (Oxford: Clarendon Press, 1895-7, reeditado pela Arno Press, 1975), 94.

10 O mesmo testemunho vem de Irineu, *Against heresies.* Ao comentar sobre o fato de que "alguns dizem que ele [Deus] não tem uma companheira conjugal, não sendo nem macho nem fêmea, (...) Outros (...) um hermafrodita", Irineu observa a similaridade com as noções pagãs: "Estes homens não parecem, meu amigo, ter tido em mente o Zeus homérico mais do que o Soberano do universo (53-54)?" Irineu posteriormente observa a dependência que tinham de outras idéias pagãs: "Eles aceitam as teorias dos astrólogos e as adaptam ao seu padrão de doutrina" (87). Ele também testemunha sobre serem inspirados por cerimônias pagãs: "Eles observam outros rituais que são como aqueles dos pagãos" (90).

11 Esta mesma deusa é adorada sob o nome de Ártemis em Éfeso, onde Paulo estabeleceu uma igreja (Atos 19). Sjoo e Mor, *The Cosmic Mother*, 126, argumenta que a perversão sexual e uma espiritualidade perversa (a qual eles aprovam) vêm de muito tempo. Os Ennarescitas eram hermafroditas que usavam roupas de mulher e recebiam dons de profecia da deusa Afrodite (...)

12 Citado em Meyer, *Ancient Mysteries,* 126-128.

13 Ver a narrativa de Luciano de Samosata (século 2º d.C.), citado em Meyer, *ibid.*, 134. Luciano também descreve os rituais que ele observou: "Naqueles dias, também, homens se tornaram Galli [iniciados de Cybele ou Rhea] (...) A juventude para quem estas coisas estão guardadas lança fora suas roupas, corre para o centro (...) e toma a espada (...) Ele segura a espada com força e imediatamente castra a si mesmo. Então ele corre para a cidade, segurando em suas mãos as partes que ele cortou fora. Ele pega roupas femininas e ornamentos de mulheres das casas em que joga as partes cortadas. Isso é o que fazem na castração" (*De Dea Syria,* 51).

14 *Metamorphoses,* 26, citado em Meyer, *ibid.*, 143. Apuleio também descreve sua roupagem travestida e cosméticos femininos no rosto (27), assim com uma cena de estupro em grupo de uma "saudável jovem, escolhida por suas grandes proporções" trazida para a ocasião (29).

15 Ver Meyer, *ibid.*, 128-130, para uma descrição do século 4º d.C. deste ritual.

16 *The Refutation of All Heresies*, 5:9:10.

17 *Ibid.*, 5:7:13-15. Isso claramente ajuda a explicar o lógio 114 do *Gospel of Thomas* que Hipólito cita como uma de suas fontes algumas linhas à frente (5:7:20).

18 *Ibid.*, 5:9:11. Alguns argumentos modernos, aparentemente inocentes, para a ordenação de mulheres estão perigosamente perto desta forma de raciocínio gnóstico, quando é argumentado, por exemplo, que a liderança do esposo sobre a esposa não é levada para a vida da igreja, tanto que na igreja uma esposa poderia ser a pastora de seu marido. C. P. Venema comenta, "um membro casado de uma igreja se torna um 'eunuco' espiritual quando está na vida e comunhão da igreja? O relacionamento conjugal não é mais relevante aos relacionamentos dentro da igreja?" em "Gathering or Scrouging for Grounds?" *The Outlook* (março de 1992), 15.

19 Hipólito, *The Refutation of All Heresies*, 5:21.

20 *Paraphrase of Shem*, 28:35-29:33.

21 *Gospel of the Egyptians*, 56:4-21. Rudolf, *Gnosis,* 139, em sua discussão desse

texto não menciona uma possível referência homossexual.

22 Epifânio, *Panarion* 27:4:5.

23 *Ibid.*, 25:2:5. Os nicolaítas "ensinam seus seguidores a se engajarem em promiscuidades com mulheres e em *atos incomuns de vícios incuráveis,* 23.22 não é certo dizer como". À luz de seu vocabulário em outras passagens, esta parece ser uma referência à homossexualidade.

24 *Ibid.*, 26:11:9-11. "Estas pessoas que se pervertem a si mesmas com suas próprias mãos (...) finalmente obtêm sua parte de relações promiscuas com mulheres e cada vez mais ficam desejosas umas das outras, homens por homens".

25 Em uma conferência internacional em 1966, os então reconhecidos especialistas em gnosticismo – G. Widengren, C. Colpe, U. Bianchi, H. Jonas e J. Danélou – produziram um "Documento Final" que concluía que o gnosticismo era uma expressão particular das religiões de mistério – ver *Lo Origini dello Gnosticism: Colloquio di Messina 13-18 Aprile, 1966. Testi e Discussioni* (Estudos na História das Religiões, Supl. *Numen 12*: Ed., U. Bianch, *et al.*; Leiden: Brill, 1977), xxvi.

26 Hipólito, *ibid.*, 5:8:23. Rudolf, *Gnosis,* 14, mostra que Hipólito estrutura a sua *Refutatio* de tal maneira que primeiro apresenta as idéias gregas pagãs, então faz uma exposição das heresias cristãs gnósticas, tentando mostrar, portanto, que os gnósticos tomaram suas doutrinas da "sabedoria do gentio" – que acidentalmente eles mesmos(os heréticos) não entendiam e às vezes usavam mal.

27 O teólogo católico tomano, Walter Kasper, "Position of Women", 58-59 considera esta visão moderna da sexualidade como uma outra expressão do gnosticismo antigo.

28 Ver por exemplo a afirmação de L'Engle já citada anteriormente: "o deus porco chauvinista do Antigo Testamento" ou a caracterização de Eisler sobre o "Deus Jehovah (masculino) poderoso lá de cima", para citar apenas dois.

29 *Gospel of Thomas,* 75, e compare com o *Dialogue of the Savior* 142:18-19. Ver J. J. Buckley, "Na Inerpretation of Logion 144 in the *Gospel of Thomas", Novum Testamentum* XXVII, 3 (1985), 261 e 266.

30 Filoramo, *History of Gnosticism,* 24, vê o tema "super-homem" como um elemento de grande atração. O que tinha sido uma vez o privilégio dos heróis e semideuses – para os outros era um excesso de confiança – agora se tornou possível para qualquer que atenta para a voz interior. "O novo clima espiritual positivamente insistia que se pode transcender estas barreiras e se tornar um hiperantropos (super-homem)".

31 *Apocryphon of John,* 15-19.

32 *Gospel of Thomas,* 16, comentando sobre Mateus 10.34-36 e Lucas 12.49-53.

33 Marvin W. Meyer, "Male and Female in *Gospel of Thomas", New Testament Studies,* 31 (1985), 556.

34 *Apocryphon of John,* 24:26-27.

35 *Book of Thomas the Contender,* 139:8-11, 28-29.

36 *Ibid.,* 144:9-11.

37 *Dialogue of the Savior*, 144:19-20.

38 *Authoritative Teaching*, 23:18-20. Ver também *Gospel of Philip*, 56:25, que ensina que a alma é preciosa, mas veio em um "corpo desprezível".

39 *Paraphrase of Shem*, 18:34-35, 27:2-3, e 22:34.

40 *Zostrianos*, 131:5-8. Ver também *Testimony of Truth*, 68:6-8. Compare com Gospel of Philip 82.4 que fala do "casamento de corrupção". Sobre isso ver Marvin W. Meyer, "Male and Female", 565.

41 Os textos que mencionam este sacramento Nupcial são: *Teaching of Silvanus*, 94:26-2, *Exegesis of Soul*, 132:12-14, *Gospel of Philip* e *Gospel of Thomas*. Sobre o último ver capítulo 15.

42 *Gospel of Philip*, 68: 24-26.

43 *Ibid.*, 7013-20. Em algumas formas de Hinduísmo, em particular na yoga karezza, a união sexual "se torna uma forma de adoração. Os princípios masculinos e feminino se unem e os opostos são transcendidos". Também, a abstinência "é considerada como a forma máxima de unidade com o cosmos" – ver Hervert J. Pollitt, *The Inter-Faith Moviment: The New Age Enters the Church* (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1996), 166.

44 B. Gartner, *The Theology of the Gospel of Thomas* (Nova York: Harper, 1961), 256. Bertil Gartner foi um dos primeiros estudiosos desse evangelho; ele ensinou no Seminário Teológico de Princeton por vários anos.

45 Pagels, *Gnostic Gospels*, 66

46 Para uma exegese cuidadosa de Gn 1-3, ver Raymond C. Ortland Jr., "Male-Female Equality and Male Headship: Gn 1-3, *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, 95-112.

47 J. J. Buckley, "A Cult Mystery in the Gospel of Philip", *JBL* 99 (1980), 246.

48 *Ibid.*, 255.

49 *Gospel of Thomas*, 75. Ver Meyer, "Male and Female", 558.

50 *Ibid.*, 61.

51 *Zostrianos*, 131:5-10.

52 Filoramo, *ibid.*

53 Ver o texto o gnóstico hermético, Right Ginza III: "Quando não havia diferenças (então) nós tínhamos só uma forma (...). Nós éramos tanto como um só mana (espírito). Agora, onde não há igualdade, eles o fizeram um homem e fizeram a mim uma mulher". Em Poimandres, o Antropos original é bissexual e da mesma forma é sua correspondente terrestre que, sendo terrena, participa da dualidade terra e céus. De sua origem celestial ele é sem separação, bissexual de um pai bissexual (Rudolf, *Gnosis*. 108). "A origem do ser humano resulta desta natureza mista, primeiro de sete homens bissexuais correspondendo à 'natureza da harmonia dos sete (planetas)', os quais Antropos carregava com ele. A separação dos sexos vem no fim do período da criação".

54 Isso certamente caracteriza as obras de Letty Russell, Phyllis Trible e Rita Gross.

55 Claramente uma citação de Gn 3.1, referindo-se à serpente – *On the Origin of the World*, 113:30-114;4. *Hypostasis of the Archons* é um dos poucos (senão o único) documentos gnósticos que descreve o Criador, em termos humilhantes, como andrógino – ver 94:34.

56 O instrutor andrógino lembra a identificação contemporânea dos homossexuais como xamãs.

57 *Thunder, Perfect Mind*, de acordo com George MacRae, *NHL*, 271, não tem temas gnósticos distintos. Ele crê que as antíteses e paradoxos desejam expressar a transcendência absoluta do revelador. MacRae certamente não considerou o importante tema da união monística dos opostos, que, de acordo com Filoramo, é essencial ao gnosticismo. Ver também Rudolf, 271, que diz que a bissexualdade (androginia) é um ideal do gnosticismo. Ver também *Apocalypse of Adam* 81:4-11.

58 John D. Turner, na introdução à sua tradução de *Trimorphic Protennoia* [literalmente "primeiro pensamento tri-fórmico"], (*The Nag Hamadi Library in English,* 461).

59 *Trimorphic Protennoia*, 42:2-6. Ver também *Exegesis of the Soul* e um artigo introdutório por W. C. Robinson Jr., "The Exegesis of de Soul", *Novum Testamentum* 12-2 (1970), especialmente 116, que argumenta que o conteúdo desse texto é próximo àquele dos naasenos para quem a mutilação de Attis era um tipo de ideal andrógino

60 H. Jonas, *The Gnostic Religion*, 257, declara que a tendência ascética do gnosticismo rejeitava o casamento. Ver Irineu, *Against heresies* 1.24.2 sobre os seguidores de Saturnilus: "Eles dizem que o casamento e a procriação são de Satanás". Epifânio, *Panirion*, 45.2.1, cita Severo, o Marcionita, da mesma forma: "Aqueles que se unem em casamento cumprem a obra de Satanás". Ver também o *Dialogue of the Savior* de Nag Hammadi, 114:15-21: "Judas disse (...) 'Como devemos orar?' O Senhor disse, 'Ele nos diz, Orem em um lugar onde não haja mulher', (e) 'Destrua as obras da feminilidade'". N.B. Isso não é um chauvinismo masculino porque o discurso é igualmente dividido entre Mateus, Judas e Miriam (Mateus faz nove perguntas, Judas doze e Miriam onze). Compare com essa atitude gnóstica antiga a afirmação de uma importante feminista, Shulamith Firestone, em *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution* (Nova York: William Morrow e Company, Inc., 1970), 81, "O cerne da opressão da mulher é sua gravidez e a criação de filhos". Em um outro paralelo impressionante, exatamente como os gnósticos viram o mandamento de Jahweh o Criador para "multiplicar e encher a terra" como um truque para escravizar a raça humana no processo carnal de procriação (*On the Origin of the World*, 114:15-24), as feministas atuais forçam a noção do "crescimento zero da população" e encorajam jovens mulheres a seguirem uma carreira em lugar de se envolverem nos perigosos negócios da gravidez e da maternidade. Ver a afirmação de Matthew Fox: "De algumas maneiras, a homossexualidade é superior à heterossexualidade. Não há um controle de natalidade tão bom quanto este". E há um mérito cosmológico no fato de não ser "produtivo" (citado em Donna Steichen, *Ungodly Rage*), 230.

61 Epifânio (*Panarion*, 26:5:5) descreve um culto orgiástico como um exemplo da opção libertina – comendo esperma e fluído menstrual + 730 "uniões imorais", pelas quais um homem se "torna um com Cristo". Mas observe que assim como a opção ascética, "a gravidez é evitada. Se alguém engravida, o embrião é removido forçosamente... [e] comido após ter sido esquartejado e preparado". Rudolf, *Gnosis*, 248-249, vê nisso um exemplo de uma "fantasia pervertida" por parte de Epifânio.

Rudolf (*ibid.*, 250) todavia, dá a razão teológica para fazer esses atos bárbaros, encontrado em *Panarion,* 26: 9, 6-9: "nós estamos fazendo algo bom com as coisas criadas, pois coletamos a alma de todas as coisas e a transmitimos conosco mesmo ao mundo celestial", achando essa explicação "mais crível". Se a razão teológica faz sentido, por que a descrição da prática feita por Epifânio não faz sentido?

62 *Apocalypse of James,* 41.15-18.

63 Gênesis 1. 27. Ver Meyer, art. cit, 560. Tal entendimento é um outro exemplo do mau entendimento de Gênesis. Gênesis 1 é uma descrição geral. Gênesis 2 é uma explicação do 1, seguindo a prática da narrativa típica Semítica.

64 *On Righteousness,* de Epifânio, preservado no *Stromateis* 3:6:1-9:3 de Clemente de Alexandria, citado em Rudolf, *op.cit*, 268.

65 Ver Rudolf, *Gnosis,* 268. Wayne A. Meeks, "The Image of the Androgyne: Some Uses of a Symbol in Eartiest Christianity", *History of Religions,* 13 (1994), 185, argumenta que Gl 3.8 "pressupõe uma interpretação da história da criação na qual a imagem divina segundo qual Adão foi modelado era másculo-feminina".

66 Tertuliano, *De Praescriptione,* 41.

67 Rudolf, *Gnosis,* 211, 251 e 170: "A posição igual das mulheres na prática cúltica nas comunidades gnósticas parece ter sido relativamente propagada". Ver também Pagels, *Gnostic Gospels,* 60ss., e Filoramo, *Gnosticism,* 176. Pheme Perkins, *The Gnostic Dialogue: The Early Church and the Crisis of Gnosticism* (Nova York: Paulist Press, 1980), 136, argumenta que o *Gospel of Mary* e o destaque da posição de Maria não é uma indicação do lugar das mulheres em geral na igreja gnóstica, mas da importância específica dela. A evidência, é claro, não depende somente desse texto, como o testemunho dos pais da Igreja indica.

68 Hipólito, *Refutation of All Heresies,* 6:35, e Irineu, *Against Heresies,* 1:13:1-2.

69 Ver minha discussão sobre isso no *The Gnostic Empire,* 32-33. Rudolf, *Gnosis,* 212, argumenta que o destaque do papel dado às mulheres no gnosticismo era devido à importância dada a Sofia e outras divindades femininas no sistema gnóstico.

70 Ver *The Gnostic Empire,* 40, nota 39 para uma discussão extensa deste ponto.

71 Para o texto ver *Gospel of Mary,* 8:17-9:4, *The Nag Hammadi Library in English,* 472.

72 *Gospel of Mary,* 9:20. Para o texto completo ver *The Nag Hammadi Library in English,* 472.

73 *Gospel of Mary,* 10:7-8, 18:13-14.

74 Pagels, *Gnostic Gospels,* 66.

75 Rudolf, *Gnosis,* 212.

Capítulo 14

1 James Plath, org., *Conversations With John Updike* (Jackson: University Press de

Mississipi, 1994), 14. Sou grato a meu colega, Dr. W. Robert Godfrey, por esta citação.

2 Marilyn Ferguson, *The Brain Revolution: Frontiers of Mind Research* (Davis-Poynetr, 1974), 111-1113, citado em Morrison, *The Serpent,* 128.

3 Betty Eadie, *Embraced by the Light* (Placerville, CA: Goldleaf Pres, 1992), 40-41.

4 Steichen, *Ungodly Rage,* 285.

5 *Ibid.,* 309.

6 David Wells, *No Place for Truth,* 267. Também, "O sobrenatural era, portanto, conhecido pela *experiência* em vez de pelo pensamento definido" (265), ou, nós poderíamos acrescentar, pela revelação.

7 Irmã Madonna Kolbenschlag, citado em Steichen, *Ungodly Rage,* 93.

8 Steichen, *Ungodly Rage,* 60, descrevendo a irmã Dorothy Olinger, S.S.N.D., que ajudou a organizar a primeira *Women and Spirituality Conference* em 1982, na igreja Católica Romana Americana.

9 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 427. Se isso fosse verdade, e somente houvesse a subjetividade da experiência do indivíduo, por que alguém faria afirmações da verdade geral e escreveria livros tentando convencer as pessoas disso?

10 Irmã Madonna Kolbenschlag, citado em Steichen, *Ungodly Rage,* 93.

11 Steichen, *Ungodly Rage,* 150.

12 *Times Advocate,* segunda-feira, 13 de junho de 1994.

13 Roof, *Generation,* 126-127.

14 Roof, *ibid.,* 258 citando Donald Capps. Davi Wells, *No Place for Truth,* 111 e 112, vê a igreja evangélica como profundamente influenciada por esta visão moderna do mundo.

15 Citado em Morrison, *The Serpent,* 186.

16 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 420.

17 Irmã Elaine Prevallet, S.L., citado por Donna Steichen, *Ungodly Rage,* 291.

18 Kolbenschlag, *Kiss Sleeping Beauty Goodbye: Breaking the Spell of Feminine Myths and Models* (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1979), 184-186, citado em Steichen, *Ungodly Rage,* 92.

19 Scott Peck, *The Road Less Traveled* (Nova York: Simon & Schuster, 1978), 283.

20 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 98.

21 Peter Russell, *The White Hole in the Time: Our Future Evolution and Meaning of Now* (Aquarian Press, 1992), 223, citado em Morrison, *The Serpent,* 140.

22 *Ibid.*

23. Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 98.

24 Citado no jornal *Interfaith News,* número 3, outono de 1983, 2, citado por Morrison, *The Serpent,* 142.

25 Ver Gênesis 2.17. Morrison, *ibid.*, destaca que a "palavra hebraica traduzida como '*wizard*' ou '*espírito familiar*' na Bíblia (p. ex., Lv 19.31; 20.6; Dt 19.11) é *yiddeoni*, que significa literalmente *o que conhece [the knowing one] (...)* A palavra Inglesa 'wizard' também vem da raiz inglesa antiga 'wis' que significa *conhecer*". Os bruxos originais eram protognósticos!

26 *Lazaris*, 1994 *Concept: Syneray*. Morrison, *The Serpent*, 162, observa em relação ao xamanismo moderno: "Este neoxamanismo contém diferenças radicais em relação ao fenômeno tribal tradicional. Apesar de o antigo xamanismo contar com um único xamã dentro de sua comunidade, o novo xamanismo crê que qualquer um hoje pode tornar-se um xamã".

27 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 17.

28 J. Gordon Melton, *New Age Encyclopedia* (Detroit: Gale Research Inc., 1990), xiii.

29 Ver Steichen, *Ungodly Rage*, 36.

30. Ver toda a seção, Gênesis 3.1-7.

31 1 Coríntios 15.26, 55.

32 Elizabeth Kübler-Ross, "Death: The |Final State of Growth", citado em Morrison, *The Serpent*, 174.

33 Ver especialmente Betty Eadie, *Embraced by the Light*.

34 Elizabeth Clare Prophet, *Prayer and Meditation: Jesus and Kuthumi* (Summit Press, 1963), capa interior, citado em Morrison, *The Serpent*, 112.

35 Ver Oddie, *What Will Happen to God?* 8.

36 Oddie, *What Will Happen to God?* 143. Elizabeth Schlüsser Fiorenza, que é professora de Estudos do Novo Testamento em Harvard Divinity School, encoraja suas alunas a escrever textos 'apócrifos' da perspectiva das principais mulheres no Cristianismo primitivo.

37 Judith Plaskow, um importante feminista religiosa e sua comissão na conferência feminista de 1972 em Grailville, Levland, Ohio – ver Steichen, *Ungodly Rage*, 94.

38 Steichen, *Ungodly Rage*, 81. Este programa, "As Deusas e a Mulher Selvagem", foi o primeiro de uma série apresentada em Mundelein, um centro de conferências no Centro Oeste, que foi realizada em março de 1985.

39 Um poema "*For the Unknown Goddess*", de Elizabeth Brewster, para liturgias feministas "cristãs" no Reino Unido, citado em Oddie, *What Will Happen to God?* 20.

40 Oddie, *What Will Happen to God?* 21.

41. Citado em Steichen, *Ungodly Rage*, 145.

42 Marjorie Procter-Smith, *Women at Worship: Interpretations of Noth American Diversity* (Louisville, KY: Westminster-John Knox Press, 1993), na contracapa. Este é o segundo livro explosivo publicado por John Knox e Westminster Press, que na época era a publicadora oficial da Presbyterian Church USA. Este livro contém todas as noções radicais que foram mais tarde expressas na *Conferência RE-*

Imaginando, no outono de 1993.

43 Steichen, *Ungodly Rage,* 96, vê muito bem.

44 Ver Paulo Knitter e os teólogos que "passaram por" novas experiências espirituais em outras religiões. Ver também Virginia Fabella, David K. H. Lee e David Kwang Sun Suh, organizadores, *Asian Christian Spirituality* (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1992), que examina as grandes religiões da Ásia para mostrar como elas incentivam uma "espiritualidade cristã liberal".

45 Ruether, *Women-Church,* 86, 150-151.

46 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 97.

47 David Miller, *The New Polutheism,* 11.

48 Uma transcrição de fitas das palestras dadas na *Conferência RE-Imaginando* em Minneapolis, 1993, publicado por *Good News: A Fórum for Scriptural Christianity Within the United Methodist Church,* janeiro de 1994, 11.

49 S. Scott e B. Smith *Trojan Horse,* 44, mostra que estes mesmos quatro passos são promovidos nos livros de Madeleine L'Engle.

50 Eu estou seguindo aqui a narrativa de Donna Steichen, *Ungodly Rage,* 72.

51 Procter-Smith e Walton, *Women at Worship,* 3.

52 *Ibid.,* 4.

53 *Ibid.,* 145.

54 *Ibid.,* 158.

55 *Ibid.,* 159.

56 Steichen, *Ungodly Rage,* 71.

57 Ruether, *Women-Church,* 162 e 175. Sobre outros elementos wiccan, observe a onipresença dos círculos: a arquitetura é redonda ou oval; a maioria dos ritos acontecem em um círculo (188); o rito de casamento para um casal de lésbicas inclui um ritual de comunhão em um círculo de conexão (199); há dança dentro do círculo (202); uma "liturgia de menopausa" começa com as mulheres se reunindo em um círculo e é celebrado com um chá "witch hazel" (204); uma "liturgia Croning" para estabelecer uma mulher mais velha como tendo se tornado uma "velha mulher sábia" começa com o "lançamento de um círculo" acompanhado por música (letra cantada na música da "Escada de Jacó"):

Nós estamos lançando o círculo de Janet (...) irmãs de todo lugar

Venham agora, formem um círculo (...) irmãs de todo lugar (206);

assim se seguem quatro "Encantamentos de Lançamento de Círculo" incluindo as seguinte:

Espírito do ar, Espírito do fogo, Espírito da água, Espírito da terra,

Ajunte-se a nós enquanto celebramos o florescer de um de vocês.

Nós estamos na presença do animismo "primitivo" (a adoração dos espíritos) agora sendo praticado por intelectuais americanos do século 20 dentro dos limites da Igreja.

58 Ruether, *Women-Church,* 171.

59 Steichen, *Ungodly Rage,* 55.

60 Oddie, *What Will Happen to God?* 139.

61 Steichen, *Ungodly Rage,* 92.

62 *Ibid.,* 151.

63 Phil Jackson com Hugh Delehanty, *Sacred Hoops: Spiritual Lessons of a Hardwood Warrior* (Hyperion, 1996), relatado mediante o *Gannett News Service,* no *Montgomery Advertiser* (23 de março de 1996).

64 Philip St. Romain, *Kundalini Energy and Christian Spirituality: A Pathway to Growth and Healing* (Nova York: Crossroads, 1991), 24 e 115.

65 *Ibid.,* 74.

66 *Ibid.,* 129.

67 *Ibid.,* 131: "Entregue-se aos cuidados de Cristo, cujo Espírito é capaz de guiar suas energias kundalini para uma integração total. Tenha fé que uma Direção Superior está trabalhando no processo. Peça por esta direção quando estiver confuso".

68 Deepak Chopra, *The Higher Self: Tape Series,* distribuído por Conant e Nithtingale.

69 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 432.

70 Ken Carey, *Starseed Transmission,* 35, citado em Morrison, *The Serpent,* 124.

71 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 172.

72 Deepak Chopra, *Série em Fitas*

73 *Light Connection,* julho de 1994, 14-15.

74 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother,* 234.

75 Mollenkott, *Sensuous Spirituality,* 16.

76 Mollenkott, *ibid.,* 107, é uma crente firme nesta forma de meditação: "nós precisamos desesperadamente da meditação ou de algum método para prestar atenção para nosso próprio processo interior e sentir nossa conexão com o sagrado".

77 Lazaris, Concept: Symergy, agosto de 1994.

78 Uma transcrição de fitas de palestras dadas na *Conferência RE-Imaginando* em Minneapolis, em 1993, publicado por *Good News: A Fórum for Scriptural Christianity Within the United Methodist Church,* em janeiro de 1994, 13.

79 Em particular, *The Presbyterian Layman* (PCUSA) e *Good News* (Metodista Unida).

80 Steichen, *Ungodly Rage.*

81 Steichen, *ibid.,* 220 e 229: "Fox vê o aborto como uma necessidade que deve ser suprida em lugares seguros. Ele elogia relacionamentos homossexuais comprometidos – incluindo atos genitais – como celebrações da criação. Ele acha a missa menos 'chata' quando incorpora a bruxaria, cantos e danças. E ele pede uma

maior irracionalidade, que entende-se, dado o que ele tem a dizer (...). A igreja 'zerou na área da sexualidade como moralidade, nós não estamos ensinando os jovens sobre a sexualidade como misticismo'. A prescrição de Fox é uma adoração 'de brincadeira': 'O sair do racional para a cura do racional – a saída da prisão da racionalidade': com 'doces declarações, educação do deserto, tambores, máscaras' e histórias que lhes dão uma visão 'de sua própria divindade'".

82 Matthew Fox, *O Cristo Cósmico*, 180 e 170.

83 Citado em Steichen, *ibid.*, 176.

84 Berit Kjos, "An Unholy Renaissance of Sacred Sexuality", *Southern California Christian Times*, julho de 1994, 9.

85 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 75.

86 *Ibid.*, 173.

87 Como é o caso em algumas formas de Satanismo.

88 Steichen, *ibid.*, 231.

89 Ver o capítulo seguinte.

90 *Uroboros* significa literalmente "devorador de sua própria cauda": compare com o termo latino *carnivorus* que foi emprestado do grego. Ver Rudolf, *Gnosis*, 223. Sjoo e Mor, *ibid.*, 62, desenvolve o tema da Grande Mãe totalmente inclusiva que une tanto a vida quanto a morte, o bem quanto o mal na grande unidade monística de Tudo. Neste contexto eles se referem ao símbolo Uroboros, a serpente enrolada com sua cauda em sua boca "formando o círculo perfeito, ou o feminino, ou zero – o ciclo de tudo e de nada. O eterno ciclo contínuo da sabedoria de tudo que vem do nada e retorna ao nada".

91 *Ibid.*, 57-58.

92 *Ibid.* Ver também *ibid.*, 60, onde os autores mostram como as cobras eram uma parte integral da adoração pagã: "A religião primitiva usava o veneno de cobra como alucinógeno, que promovia uma viagem entre as xamãs femininas". Eles também conectam a serpente ao oculto, *ibid.*, 61: o "homem moderno" está agora ignorante de sua conexão primordial com a vida universal, o que os ocultistas chamam de "serpente astral", "que o patriarcado nos diz para destruir".

93 *Ibid.*, 58. "Flutuando dentro e fora dos buracos, simboliza o morto esperando o renascimento".

94 *Ibid.*, 59.

95 *Ibid.*, 277.

96 Pirani, *The Absent Mother*.

97 *Ibid.*, 229.

98 Sjoo e Mor, *The Great Cosmic Mother*, 234.

99 *Ibid.*, 425.

100 2 Coríntios 6.16.

101 St Romain, *Kundalini Energy*, 148.

102 *Ibid.*, 130.

103 *Ibid.*, pá.g 128.

104 David Schnarh, "Joy, With Your Underwear Down", *Psycology Today* (julho-agosto de 1994), 78.

105 Lívio, Livro XXXIX, xiii:11, em *Livy, With na English Translation in Fourteen Volumes*, traduzido por Evan T. Sage (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1965), 255.

106 Mollenkott, *Sensuous Spirituality*, 27.

107 *Ibid.*, 118. Ela diz em outros lugares: "Eu creio que cada tentativa honesta de se relacionar com um outro ser humano é uma boa tentativa, incluindo o sexo recreacional ou a sensualidade, se isso for tudo o que uma pessoa puder conseguir (*ibid.*, 100).

108 *Ibid.*, 139.

109 Daly & Caputi, *Wickedary, ad loc*.

110 *Ibid.*

111 E. Michael Jones, "What Lesbian Nuns can Teach Us About Vatican II", *Fidelity* (dezembro de 1985), 22.

112 *Ibid.*, 20.

113 Transcritos das Fitas de *Good News*, 7.

114 Citado em E. Michael Jones, *Fidelity*, 1985, 21.

115 Apóstolo Paulo, Romanos 1.24.

116 1 Coríntios 6.18.

117 A disposição da administração Clinton de exportar a ideologia americana do aborto e as técnicas para todos os cantos do mundo assume uma nota macabra à luz dessa afirmação das bruxas.

118 Sjoo e Mor, *ibid.*, 377.

119 *Ibid.*, 388.

120 Morrison, *The Serpent*, 98, observa a crença de Carl Jung que, "no interesse da totalidade, as inclinações más deveriam ser aceitas e integradas na personalidade em vez de serem suprimidas, é algo compatível com o neognosticismo feminista de todas as tendências".

121 Rosemary Radford Ruether, *Women-Church*, 130.

122 *Ibid.*, 145.

123 James R. Edwards, "Earthquake in the Mainline", *Christianity Today*, de 14 de novembro de 1994, 39. Esta é uma análise profunda das opiniões heréticas expostas na conferência.

124 *Ibid.*

Capítulo 15

1 *Apocryphon of James* 12:12-16.

2 Oposto ao ensino cristão de que a morte foi derrotada e não tem uma vitória final – 1 Coríntios 15.54-57.

3 Rudolf, *Gnosis,* 171.

4 *Ibid.*

5 *Ibid.,* 91.

6 *Book of Thomas the Contender,* 139:28-30. Ver *ibid.,* 115. De acordo com Rudolf, 109, "a idéia da 'migração da alma' não é estranha à gnose: a 'decantação' da alma de um corpo para outro, especialmente como punição das almas pecadoras e não-despertas". Esta migração é também expressa na idéia de que a alma individual é parte da alma universal.

7 Em inglês, a palavra *gnosis* é pronunciada com o "g" mudo; o mesmo acontece com o "k" da palavra knowledge [conhecimento].

8 *Tripartite Tractate* 110 11-23. Ver Rudolf, *Gnosis,* 55.

9 Filoramo, *Gnosticism,* 60.

10 Filoramo, *Gnosticism,* 38-39 fala de uma profunda transformação que o gnóstico traz para a palavra "gnose". No clássico grego *gnose* é conhecimento do "o que é" (*ta onta*) como oposto ao que é simplesmente senso de percepção - também *gnose* é apresentada como "conhecimento obtido por discurso e dialética, começando com a observação visual direta". A Gnose "indica uma forma de conhecimento meta-racional (...) o poder da divindade e tem dom para salvar aquele que o obtém. Ela possibilita à pessoa tomar posse das chaves para o mistério cósmico, para resolver o enigma do universo pela absorção do *axis mundi*, eixo da palavra, ou cosmogonias arcaicas para dentro da própria essência do ser da pessoa (...) Se é verdade que o conteúdo da doutrina da gnose é também cosmológica e almeja a revelação 'o que está acima da terra, no céu', é também verdade que a aquisição do ensinamento não é um fim em si mesmo, mas uma função do conhecimento do mistério da humanidade existindo e portanto, de sua salvação. A Gnose é a 'redenção do homem interior', isto é, a purificação do estado espiritual e ao mesmo tempo conhecimento do Todo".

11 *Gospel of Truth,* 22: 2 - 15.

12 Para o texto real, ver *Apocryphon of James* , 12:10ss.

13 *Gospel of Truth,* 1:18 G.W. MacRae, Intoduction , *The Nag Hammadi Library in English,* 37, diz que o Gospel of Truth é "sobre o eterno e divino Filho", a palavra que revela o pai e passa no conhecimento, particularmente seu próprio conhecimento.

14 Aristóteles, citado em Walter Burkert, *Ancient Mystery Cults* (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1987), 89.

15 Walter Burkert, *ibid.,* 11.

16 Dio Chrysostom Or., 12.33, citado em Walter Burkert, *Ancient Mystery Cults,* 90.

17 Elliot Miller, *A Crash Course on the New Age*, 17.

18 *Paraphrase of Shem*, 34: 22-23.

19 Rudolf, *Gnosis*, 76.

20 *Gospel of Truth*, 1: 37-38.

21 *Tetimony of Truth*, 36.

22 *Gospel of Truth*, 25:5-10, 38;1ss., e 42:25.

23 *Tripartite Tractate*, 71:8ss..

24 Hans Jonas, "Delimitation of the Gnostic Phenomenon — Typological and Historical", em *Le origini dello Gnosticism*, 97, citado em Lee, *ibid.*

25 *Gospel of Truth*, 25: 1-7.

26 Numa conferência pública no Parlamento das Religiões do Mundo, Chicago, 1993, em que eu estava presente. J.J.Buckey, "The Cult-Mystery in the Gospel of Philip", JBL 99/4 (1980), 581, mantendo que o evangelho de Filipe move por trás do dualismo quando descreve a iniciação gnóstica como transcendendo as estruturas da criação. Essa entrada na verdadeira liberdade produz "uma visão de colapso de um mundo dualista".

27 Lee, *Against the Protestant Gnostics*, 23.

28 Rudolf, *Gnosis*, 186-7.

29 *Ibid.*, 44.

30 Ver Capitulo 11.

31 *Tripartite Tractate*, 124.21ss.

32 *Apocryphon of James*, 4:19-21. Burkert, *ibid.*, 69, note a mesma tendência no mistério religioso pagão. Os mistérios pagãos eram "indescritíveis"(*arrheta*) não somente no sentido que todos foram obrigados a um voto de silêncio, mas também no sentido de que "o que era central e decisivo não era acessível para verbalização".

33 Rudolf, *Gnosis*, 117.

34 1 Timóteo 4.3.

35 Isso faz uma inevitável sobreposição nos capítulos da sexualidade e espiritualidade gnósticas.

36 *Gospel of Truth*, 22:3.

37 Lee, *Against the Protestant Gnostics*, 26.

38 Filoramo, *Gnosticism*, 40.

39 Marvin Meyer e Richard Smith, *Ancient Christian Magic; Coptic Texts of Ritual Power* (San Francisco; Harper, 1994), 61. Esse livro é um projeto posterior do Instituto para Antigüidade e Cristandade da Claremont Graduate School, do qual o diretor é James M. Robinson.

40 Burkert, *Ancient Mystery Cults*, 8.

41 Irineu, *Against Heresies* 21:2.

42 O *Gospel of Philip* 67:25ss. Estes cristãos são super cristãos com uma agenda diferente da ortodoxia, ainda que suficientemente parecida para enganar o inocente. W.W. Isenburg em sua introdução ao Gospel of Philip, *Nag Hammadi Library*, 131, diz: "Os sacramentos exibido no evangelho de Filipe são iguais a estes usados pelos Cristãos (...). Então os gnósticos que escreveram e usaram o presente texto não tinham deixado totalmente os sacramentos ortodoxos práticos; no entanto a interpretação fornecida para os sacramentos claramente permanece gnóstica".

43 Lucas 12.49-50. Este é o batismo para sua morte na cruz.

44 Irineu, *Against heresies* 1:21;2. Ver Kurt Rudolf, *Gnosis*, 227.

45 *Gospel of Philip*, 76:25e ss.

46 Ver Rudolf, *Gnosis*, 229. Ver *Gospel of Philip*, 69:15-25.

47 *Gospel of Philip*, 75:15-25.

48 *Acts of Thomas*, 50, citado em Rudolf, *Gnosis*, 242. Rudolf afirma que esse texto é gnóstico, como o faz G. Bornkamm em E.Hennecke e W. Schneemelcher, *New Testament Apocrypha*, vol II (Filadélfia: The Westminster Press, 1964), 426-437.

49 Citado em Rudolf, *Gnosis*, 242. A tradução de Robert Mcl. Wilson em Hennecke e Schneemelcher, *The New Testament Apocrypha*, II, 470, tem o menos sensacional "Vinde, irmandade de homens".

50 Epifânio, *Panarion* 37:5, 6-8. Como um paralelo pagão, as iniciações dionisíacas empregavam serpentes vivas – ver Walter Burkert, *Ancient Mystery Cults*, 97. Ver também 106, onde Burkert descreve outro culto da serpente, os mistérios de Sabazius. "Uma cobra feita de metal era passada sob as roupas do iniciante. Este é o 'Deus pelo colo', *Theos diakolpou*. Os eruditos concordam que esta é uma forma de união sexual como o deus; no mito cúltico Perséfone é engravidada por Zeus na forma de uma serpente, e uma lenda tem associado as serpentes da origem de Dionísio com a gravidez de Olimpia, mãe de Alexandre, por um deus. Mas nos rituais de Sabazius isso é transformado por meio do simbolismo duplo – serpente para o pênis e o artefato para a serpente. O ritual deve ter permanecido impressionante, mas o temor real viria não somente das associações sexuais, mas da antecipação do tocar a serpente, especialmente desde que o iniciando, à luz brusculeante das tochas, dificilmente poderia saber por certo o que era real e o que era artificial. Mesmo aqui, a sexualidade em si mesma não é o segredo em questão".

51 Citado em Dart, *The Laughing Savior*, 33.

52 Este título lembra um livro recente de E. Michael Jones, *Degenerate Moderns: Modernity as Rationalized Sexual Misbehavior* (San Francisco: Ignatius, 1993). Ao menos dois dos estudos "modernos depravados" de Jones também foram descritos como "neognósticos". Ver Dart, *The Laughing Savior*, 32. De acordo com Dart, "Jung creditou a Sigmund Freud a introdução da idéia principal clássica da autoridade paternal má na psicologia moderna. O perverso Deus criador dos gnósticos 'reapareceu no mito Freudiano do pai original (...) [que] tornou-se um demônio que criou o mundo de desapontamentos, ilusões e sofrimento'". Jung, é claro, era um grande admirador do gnosticismo, e o Instituto de Jung adquiriu alguns textos gnósticos, o famoso Códice Jung, que inclui o *Gospel of Truth*, *Apocryphon of James*, e o *Treatise on the Resurrection*. Jung deu à psicologia moderna um outro aspecto essencial do gnosticismo –"o espírito feminino primordial" revelando o Deus superior por trás do Deus da Criação – ver Dart, *ibid*. Jung, que dedicou a sua vida

ao estudo dos "arquétipos místicos" como fonte da cura psicológica disse, quando descobriu os textos gnósticos: "Toda a minha vida eu trabalhei e estudei para descobrir estas coisas, e estas pessoas já sabiam" – citado em Benjamim Walker, *Gnosticism: Its History and Influence* (Wellingborough, UK: The Aquarian Press, 1983), 187. Ver também Stephen Hoeller, *The Gnostic Jung and the Seven Sermons of the Dead* (Los Angeles: Quest Books, sem data). Hoeller é diretor da Sociedade Gnóstica de Los Angeles, um membro da Sociedade Teosófica, um admirador de Joseph Campbell e bispo da *Ecclesia Gnostica*. Ele foi um dos palestrantes no *Parlamento das Religiões do Mundo* em 1993.

53 Esta é a posição de Rudolf, *Gnosis,* 250. Para defesa de Epifânio, ver Robert L. Wilken, *The Christians as the Romans Saw Them* (New Haven e Londres: Yale University Press, 1984), 17-21.

54 Ver Rudolf, *ibid.*, 250. Rudolf fornece esta evidência enquanto ainda acusava Epifânio de fantasiar, etc.

55 Epifânio, *Panarion*, 2:26:4, 3-5, 9. Dart, *The Laughing Savior,* 33-34, mostra que Jung achou um "simbolismo" útil e importante nesses ritos gnósticos extremados.

56 Rudolf, *Gnosis,* 245.

57 *Ibid.*, 246: "Os pneumáticos ou gnósticos são entendidos como noivas dos anjos, e sua entrada no mundo além como uma festa de casamento "que [de acordo com Clemente de Alexandria, *Ex Theodoto,* 63.2] é comum a todos os salvos, até que todos se tornem iguais e mutuamente se reconheçam".

58 Meyer, "Male and Female in the Gospel of Thomas", 557, vê o solitário na câmara nupcial sendo unido aos seu alter ego espiritual. Em *The Exegesis of the Soul*, a "alma, descrita comumente como uma mulher, é associada a seu noivo celestial, seu irmão, e [uma vez] 'unidos [um com o outro] eles se tornam uma só vida'" [132:34-35]. Cp Buckley, "The Two Female Gnostic Revealers", *History of Religions*, 19 (1979-80), 266: "Jesus é o noivo".

59 Filoramo, *Gnosticism*, 141.

60 *Gospel of Philip*, 82:5-10.

61 *Ibid.*, 59:10. Os eruditos geralmente crêem que não há uma referência aqui à união carnal porque Filipe é um ascético – ver J. J. Buckley, "A Cult-Mystery", 575.

62 *Ibid.*, 70:5-10, cp. *Gospel of Thomas*, 37.

63 Rudolf, *Gnosis,* 207: "os gnósticos praticavam um código mais ou menos rígido de segredo (a chamada disciplina secreta)".

64 Estas são as palavras de Burkert, *Ancient Mystery Cults,* 90, caracterizando a descrição de Dio.

65 Epifânio, *Panarion*, 2:11:9-11. Ver também o testemunho de Irineu, *Against Heresies*, 1:6:3: "Coisas carnais, eles dizem, devem ser dadas aos carnais, e as espirituais aos espirituais. Alguns secretamente contaminam aquelas mulheres que são ensinadas nesta doutrina (...). Outros (...) fingem permanecer castamente com elas como com irmãs, e foram expostas com o passar do tempo ao se tornarem grávidas de seus 'irmãos'".

66 Epifânio, *ibid.*, 24:3:2.

67 Ver Atos 8 e Epifânio, *Panarion* 2:21:2:2ss., de acordo com quem Simon, "naturalmente luxurioso", saiu com uma prostituta de Tiro a quem chamou de Espírito Santo.

68 Esta biblioteca está associada com o monastério St. Pachomius que é perto do lugar, e indica um forte interesse no ascetismo. Por outro lado, na iniciação de Ísis, há uma ênfase sobre a abstinência sexual, enquanto que ao mesmo tempo, há a sugestão de que a atividade sexual é reservada aos estágios finais da iniciação.

69 Burkert, *Ancient Mystery Cults*, 3 observa: "Certos grupos gnósticos parecem ter praticado iniciações de mistério, imitando, ou antes ultrapassando, os pagãos, e mesmo o Cristianismo ortodoxo adotou a metáfora do mistério". O testemunho mais explicito é Irineu, *Against Heresies*, 1:21:3 (1:14:2 185, Harvey): "Eles preparam uma câmara nupcial e celebram mistérios". Clemente repetidamente diz que os gnósticos celebravam intercursos sexuais como mistérios, *Stromata*, 3:27:1, 5, cp 3:10:1; 3:30:1. Um encontro homossexual é insinuado no "Secret Gospel of Mark", Smith, 1973, 115-117; 185; 452. Ver também R. M. Grant, "The Mysteries of Marrige in the Gospel of Philip", *Vig. Chirst.* 15 (1961) 129-140.

70 Epifânio, *ibid.*

71 Lívio, Livro 39:13:12.

72 Irineu, *Against heresies* 1.31.2.

73 *Ibid.*, 1.25.4 cp Eusebius, *Ecclesiastical History* 4:7.

74 1 João 3.6.

75 1 João 3.8.

76 Irineu, *Against Heresies* 1:21:3.

77 Às vezes mesmo 365 – ver Epifânio, *Panarion* 2:10:6-8.

78 Rudolf, *Gnosis*, 183.

79 Epifânio, *Panarion* 2:10:6-8.

80 Irineu, *Against Heresies* 1:21:5. Rudolf, *Gnosis*, 183, cita um texto da literatura gnóstica Mandean, *Left Ginza* 1:4. A alma que está subindo é referida pelos atalaias: "Oh alma! Você está subindo ao lugar da luz, por que choras para a grande e sublime Vida? Dê seu nome e seu sinal os quais você recebeu das ondas de águas, dos tesouros da radiação, da grande e alta cratera, do grande Jordão dos poderes de cura e das fontes de luz. Quando esta alma se coloca em seu lugar abre sua boca e chora, e apresenta-se a si mesma, dando seu nome, seu sinal, sua benção e seu batismo e tudo que esta alma recebeu das ondas de água".

81 Rudolf, *ibid.*, 177, citando a *Left Ginza.*

82 Rudolf, *ibid.*, não percebe esse aspecto da espiritualidade gnóstica, mas ele certamente está lá. De acordo com o *Apocryphon of John*, 68:17-69:13, as almas que não recebem o espírito são tomadas pelo "espírito falso". Após a morte o espírito falso entrega a alma aos poderes do demiurgo. Elas "são acorrentadas e conduzidas (i.e. implantadas em um corpo) até que sejam libertas do esquecimento e recebam conhecimento (e) assim se tornam perfeitas e são salvas". Ver também Irineu, *Against Heresies* 1.25.4 cp Eusébio, *Ecclesiastical History* 4:7: "As almas em suas transmigrações através dos corpos devem passar por cada tipo de vida (...). Este

Jesus indicado com as palavras, 'Digo-vos que não saireis dali até pagares o último centavo.' [Lc 12.59] (...). Isso significa que ele não deverá ser liberto do poder dos anjos que fizeram o mundo mas tem sempre que ser reencarnado até que tenha cometido cada um dos atos que há no mundo, e somente quando nada mais estiver faltando ele será solto para aquele Deus que está acima dos anjos criadores do mundo. Assim as almas são libertas e salvas (...) após terem pago suas dívidas e cumprido seus deveres". Observe aqui a idéia do *karma* – débito, dívida. Hans Jonas, *The Gnostic Religion,* 274, questiona se a doutrina karma da Índia e a libertação da "roda do nascimento" não está curiosamente presente.

83 John H. Sibeck, "Introduction", *The Nag Hammadi Library in English,* 368.Ibid.

84 Ibid.

85 *Zostrianos,* 129:6-12

86 *Zostrianos,* 53:19.

87 Ver também o *Gospel of the Egyptians,* "o livro sagrado do Grande Espírito Invisível (...) i.e., o grande Seth" que revela o nome imperecível: "Ie ieus eo ou eo oua! Verdadeiro, O Yessus Mazareus Yessedekeus, água viva, filho do filho, glorioso nome, realmente, verdadeiramente, aion o on, iiii eeee eeee oo oo uuuu oooo aaaa {a}, realmente verdadeiramente, ei aaa ooo, o que existe e que vê os éons! Realmente, verdadeiramente, aee eee iii uuuuuu ooooooo, que é eternamente eterno, realmente, verdadeiramente, iea aio, no coração, que existe, u aei eis aei, ei o ei, eo os ei... Tu és o que és, tu és o que és!" (*The Nag Hammadi Library in English,* 204). Pearson, *Gnosticism,* 77, mostra um profundo relacionamento entre *Gospel of the Egyptians* e *Zostrianos.* Ninguém conhece o significado desses sons vocálicos. Poderiam ter algum relacionamento com a mediação chakra desde que há uma técnica chakra para a transferência de energia que usa notas musicais e sons vocálicos onde o chakra base corresponde ao C.C# com o tom Uu; o "centro sagrado" [próximo chakra] = D.D#, tom Oo; chakra do sistema solar = E, tom Awh; chakra coração = F.F#, tom A; chakra garganta = G.G#, tom I; chakra testa = A.A#, tom E (...) ; e o alto da cabeça = B, tom E (...) ; acima da cabeça = C Alto, tom Uu (...).[copiado de um diagrama passado a mim que não continha nenhuma referência bibliográfica, encontrado na copiadora do correio local]?"

88 Todo este material é citado de Pagels, *The Gnostic Gospels,* 165.

89 Ver Meyer e Richard Smith, *Ancient Christian Magic,* 64-65.

90 Mateus 6.7.

91 *Apocalypse of Paul,* 22:24-30, 23:26-27, vai além de 2 Coríntios 12 e revela que o que o Paulo da Escritura disse era ilegal revelar.

92 Dieter Mueller, "Introduction", *The Nag Hamadi Library in English,* 27, observa que a *Prayer of the Apostle Paul*"mostra uma tremenda semelhança não somente com as orações no *Corpus Hermeticum* mas também em invocações encontrada em textos mágicos".

93 O mesmo processo pode ser lido, certamente entre as linhas (e é claro, este é o modo que se supõe que se deve ler) no *Gospel of Thomas.* Kasser, *L'Evangile Selon Tomás,* 29, vê no dito 2 os estágios do desenvolvimento místico. Buckley, "Na Interpretation of Logion 144 in the *Gospel of Thomas*", *Abstracts AAR/SBL* (1982), 251, crê que o dito 11 que fala sobre o "vivo" transformando a matéria morta em

substancia viva, "indica nada menos que uma transformação a morte para vida *aqui neste nível terreno"*. Ver também o dito 22: "Quando dos dois faz um (...) e quando você fizer o macho e a fêmea um e o mesmo, para que o macho não seja macho nem a fêmea, fêmea; (...) então você entrará no reino". Buckley crê que esta é a linguagem da transformação "que abole o padrão dos opostos (...) e um retorno a unidade (...) Tal criação ativa como pré-requisito para a salvação deve ser entendida como um procedimento obrigatório enquanto o discípulo ainda está na terra, isto é, a substituição deve vir antes da morte física (...) o dito 22 pode mesmo – de maneira velada – estar falando de um ritual de tal criação 'espiritual'" (254).

94 Lee, *Against the Protestant Gnostics,* 25.

95 Rudolf, *Gnosis,* 14, mostra que Hipólito estrutura sua *Refutio* de tal forma que ele primeiro apresenta idéias greco-pagãs, então dá uma exposição das heresias cristã gnósticas, tentando mostrar assim que os gnósticos tomaram suas doutrinas da "sabedoria pagã" – que casualmente eles mesmos (os hereges) entenderam mal e da qual fizeram às vezes mau uso.

96 Hipólito, *The Refutation of All Heresies* 5.16.

97 Irineu, *Against Heresies* 1:6:3. Irineu acrescenta, "eles observam outros rituais que são como aqueles dos pagãos".

98 David Miller, *The New Polytheism,* 36. Interessantemente, Virginia Mollenkott fez uso do *I Ching* (uma forma de profecia Chinesa) em sua saída do "Fundamentalismo" – ver *Sensuous Spirituality,* 16.

99 Epifânio, *Panarion,* 11:6:9, falando dos carpocratianos, e a *Refutation of All Heresies* 6:17-19 de Hipólito, que argumenta que os simonianos e os valentinianos derivam de Pitágoras.

100 Morrison, *The Serpent,* 380, citando, em particular, Mircea Eliade (org.), *Encyclopedia of Religion* (Londres / Nova York: Collier Macmillan, 1987), 114.

101 Alexandre o Grande estendeu o Império Grego até a Índia.

102 James Preston, "A Adoração da Deusa: Uma Visão Geral", *The Book of the Goddess,* 38.

103 C. J. Bleeder, "Isis and Hathor", em Carl Olsen, org., *The Book of the Goddess, Past and Present,* 32. A sabedoria de Ísis é reconhecida quando os egípcios chamam-na "grande em poder mágico".

104 *Ibid.*

105 *Ibid.,* 38.

106 Citado em Burkert, *Ancient Mystery Cults,* 97. A iniciação de Ísis pode muito bem estar por trás câmara nupcial gnóstica. Burkert observa a "proeminência da abstinência sexual na preparação para as cerimônias de Ísis [que] chama atenção para um centro que é oculto. Um sacerdote de Ísis da Prusa, em um epigrama recentemente publicado, é louvado por ter arrumado "a cama, tê-la coberto com lençol, o que é indizível para o profano"; a palavra usada para cama, *demnion,* não sugere uma poltrona para jantar".

107 Burkert, *Ancient Mystery Cults,* 91, refere-se a um texto de Plutarco que tenta descrever processo assumido de morrer em termos de um mistério de iniciação. No momento da morte, "a alma sofre uma experiência semelhante daqueles que

celebram grandes iniciações (...) Viagens errôneas no começo, caminhadas cansativas em círculos, caminhos assustadores nas trevas que não levam a lugar algum; então imediatamente antes do fim de todas as coisas, pânico e tremores e suor, e assombro. Então uma maravilhosa luz vem e te encontra, regiões puras e campinas estão lá para recebê-lo, com sons de danças e palavras solenes, sagradas e visões santas; e lá o iniciado, agora perfeito, livre de toda cadeia, perambula, coroado com uma coroa de flores, celebrando o festival junto com outras pessoas puras e sagradas, e ele olha para baixo para a multidão não iniciada, impura neste mundo de lama e neblina abaixo de seus pés".

108 Tertuliano, *De Praescriptione* 43.

109 Irineu, *Against Heresies* 1:23:4. Filoramo, *Gnosticism,* 166, observa que o discípulo de Marcião, Apelles, escreveu os oráculos de uma virgem possuída, Philomena (de acordo com Eusebius, *Ecclesiastical History* 5:13:2-4), que é uma testemunha posterior do uso gnóstico das práticas pagãs ocultas.

110 Plotinus, *Enneads* 2:9:14.

111 Rudolf, *Gnosis,* 225. Rudolf tem que admitir que, embora polêmico, o testemunho dos pais da igreja não é "totalmente sem fundamentos". Simão, o Mágico, o fundador dos simonianos, é associado com a mágica em Atos 8, e o valentiniano Marcos "praticava feitiçaria, astrologia e especulação numérica – assim como o fizeram muitos gnósticos de acordo com a religião pagã clássica ao redor deles". Irineu, *Against Heresies* 1:23, 4, descreve os simonianos que "possuem uma imagem de Simão, feito à forma de Zeus, e Helena na forma de Atenas, e a estes eles adoram".

112 Ezequiel 8.1-16.

113 Assim Walter Zimmerli, *A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel, Chapters 1-24,* Série Hermeneia (Filadélfia: Fortress Press, 1979), 243. Ver também 236-245.

114 Ezequiel 8.

115 Zimmerli, *ibid.,* 245.

116 Ezequiel 9 relata a destruição física dos idólatras. Na teocracia do antigo Israel, tal punição era legítima. Na época da igreja, Jesus disse a Pedro, "Embainha a tua espada" (Mt 26.52), e ali ficou até o julgamento final do pecado por Deus. O exercício da "espada" na igreja é limitado à disciplina espiritual em todas as suas formas, da consulta ao confronto até a excomunhão (Mt 18.15-18, a Co 1.1-5, 14.36-38, 2 Co 13.-10, Gl 1. 9). "A mim me pertence a vingança, eu retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19) é o princípio que guia a igreja em sua peregrinação atual.

117 Ezequiel 8.18.

Capítulo 16

1 Caitlín Matthews, *Sophia, Goddess of Wisdon,* 332.

2 *Ibid.,* 330.

3 *Ibid.,* 322, 327.

4 *Ibid.*, 320.

5 Ver Nancy Wilson, *A Lesbian Ecu-Terrorist Outs the Bible for the Queer Millennium* (San Francisco: Harper San Francisco, 1996).

6 *Books for the Nineties* (San Francisco: Harper San Francisco, 1996), 10.

7 Citado em Herbert J. Pollitt, *The Inter-Faith Movement: The New Age Enters the Church* (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1996), 13.

8 O silêncio virtual sobre essa questão é surpreendente em nossos dias quando o feminismo tem se tornado como fogo numa floresta. Dos três livros evangélicos sobre Hermenêutica a vir à minha mesa nos últimos meses, dois sequer mencionam a hermenêutica feminista, e um, das suas seiscentas páginas tem só cerca de doze linhas sobre o assunto. O mesmo poderia ser dito de análises recentes da situação teológica. A afirmação bem-conhecida de Lutero talvez se aplique aqui: "Se eu confesso em minha mais alta voz (...) a verdade de Deus exceto precisamente naquele pequeno ponto que o mundo e o diabo estão naquele momento atacando, eu não estou confessando a Cristo".

9 1 Timóteo 2.14 cp 2 Coríntios 11.3.

10 Ver 1 Timóteo 2.15.

11 Philip E. Johnson, *Reason in the Balance: The Case Against Naturalism in Science, Law and Education* (Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1995), 124. Já a nova inclusividade está abrindo caminho dentro do evangelicalismo. Enquanto este livro vai para a gráfica, Trinity Press International anuncia no seu catálogo do outono de 1996, o próximo lançamento, *Beyond Liberalism and Fundamentalism: Row Modern and Postmodern Philodophy Set the Theological Agenda,* de Nancy Murphy, professora Adjunta de Filosofia Cristã no Seminário Teológico Fuller, Pasadena. Murphy, uma erudita evangélica, que ensina numa escola evangélica, propõe como programa futuro de teologia a rejeição da "obrigação de separar o espectro em dois campos distintos", e a adoção da noção da "co-existência de uma vasta gama de posições teológicas da esquerda e da direita". Conquanto seja verdade que o pós-modernismo nivelou algumas críticas válidas do excesso de confiança do modernismo, deve-se perguntar, ao ler esta nova agenda teológica, o que aconteceu com o conceito bíblico e ortodoxo da antítese?

12 Michael Swift, "Gay Revolutionary ", *Gay community News* (fevereiro de 1987), citado em Scott Lively e Kevin Abrams, *The Pink Swastika,* 199.

13 Citado Sandi Dolbee, *The San Diego Union-tribune,* sexta-feira, 16 setembro, 1994.

14 Citado em Daly, *Wickedary,* 133. N.T. Há um trocadilho aqui entre "Amazing Grace" (Maravilhosa Graça), que é o hino original, e "A-mazing Grace" (Uma Graça "Confusa"). "Maze" é labirinto, [confusão, em inglês].

15 Guerra, "The Practive of Witchcraft", citado em Steichen, *Ungodly Rage,* 70-71.

16 James Webb, *The Ocult Establishment*(Lasalle, IL: Open Court, 1976), 161.

17 Malachi Martin, *Windswept House: A Vatican Novel* (Nova York: Doubleday, 1996).

18 Ver Jeffrey L. Sheler, "Plotting World Order in Rome", *U.S. News & World & Report* (10 de junho de 1996), 66.

19 Abraão Kuyper, *Lectures on Calvinism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1931), 199.

20 Apocalipse 17.

21 Eu espero fazê-lo no terceiro livro desta trilogia cujo título sem dúvida começará assim: *O Retorno do...*

22 Hipólito, *The Refutation of All Heresies,* 4.:45.

23 Jeremias 3.9.

24 Mateus 16.18.

25 Salmo 112.4.

26 Ezequiel 3.18-19

27 A ortodoxia cristã hoje parece ser apenas uma espinha que incomoda na face do liberalismo.

28 Filipenses 2.11.

29 George W. Kitchin e Michael R. Newbolt, "Lift High the Cross", *Trinity Hymnal* (Atlanta, GA: Great Commissions Publications, 1990), 263.

Índice

A

ALAND, K. 342, 360
ALDRICH, G. 311
ALEXANDER-BERGHORN, K. 179, 355
ALPERT, R. 33, 312
ANDERSON, S. 141, 345
ANKERBERG, J. 371
APULEIO 295, 364, 374

B

BAL, M. 348, 349, 350
BAUER, G. 32, 314, 315, 317, 371
BAUER, W. 336, 337
BEARD, S. 342, 365
BENNETT, W. 315
BERRY, T. 325, 327
BIANCHI, U. 329, 375
BLAVATSKY, H. 122, 305, 341
BLEEKER, C. 364
BLOOM, H. 328, 348, 349
BORG, M. 122, 123, 340, 341, 360
BROCK, R. 173, 175
BROOKE, T. 358, 372
BRUEGGEMANN, W. 152, 319, 347
BUCKLEY, J. 375, 376, 388, 390, 391
BUDAPEST, Z. 182, 356
BULTMANN, R. 56, 90, 105, 107, 331, 336, 337
BURKERT, W. 329, 385, 386, 387,388, 389, 391

C

CAMPBELL, J. 56, 76 ,103, 125, 174, 222, 321, 326, 327, 333, 335, 353, 388
CAPRA, F. 25, 137, 344
CAPUTI, J. 324, 384
CAREY, K. 26, 27, 29, 61, 62, 78, 137, 222, 267, 313, 322, 328, 382
CAVE, D. 321, 348, 370
de CHARDIN, P. T. 313, 327, 328, 357, 359
CHOPRA, D. 42, 267, 268, 382
CHRIST, C. 174, 348, 353, 356
CLEMENTE 167, 352, 378, 388, 389
CLINTON, H. 26, 27, 28, 32, 68, 96, 313, 342, 344
CLINTON, W. 25, 26, 28, 43, 47, 101, 225, 236, 303, 311, 312, 313, 334, 384
COALTER, M. 320
COLLIER, P. 29, 313, 331, 391
COLSON, C. 101, 322, 323, 334, 345
COOEY , P. 311, 363, 368
COULIANO, I. 352, 360, 361, 362
COX, H. 153, 221, 326, 327, 348, 367, 368
CULPEPPER, E. 221, 231, 232, 360, 363, 364, 367, 370, 371
CUMBEY, C. 322, 327, 357, 369, 372

D

DALY, M. 05, 67, 154, 164, 178, 220, 221, 227, 275, 321, 324, 348, 351, 360, 365, 367, 368, 369, 384, 393
DART, J. 330, 331, 332, 352, 372, 387, 388
DAVIES, S. 116, 339, 342
DOBSON, J. 316, 334
DRUMMOND, R. 326, 327

E

EADIE, B. 250, 350, 379, 380
EISLER, R. 347, 375
ELIADE, M. 56, 153, 228, 229, 230, 321, 348, 359, 370, 391
ELLIS, E. 119, 329, 340

EPIFÂNIO 88, 167, 241, 247, 286, 287, 289, 291, 294, 375, 377, 378, 387, 388, 389, 391
EUSÉBIO 389

F

FARMER, W. 118, 119, 120, 335, 337, 338, 339, 340
FARRER, A. 118, 339, 340, 367
FERGUSON, D. 63, 323
FERGUSON, M. 25, 30, 46, 47, 61, 74, 79, 249, 311, 312, 313, 318, 327, 341, 379
FEWELL, D. 145, 149, 204, 335, 347, 349, 350, 360
FILORAMO, G. 165, 167, 202, 210, 245, 285, 288, 329, 331, 352, 360, 361, 362, 364, 365, 373, 375, 376, ,77, 378, 385, 386, 388, 392
FIORENZA, E. 108, 148, 150, 151, 337, 341, 347, 353, 359, 367, 380
FISH, S. 58, 143, 151, 322, 347
FOUCAULT, M. 53, 233
FOWLER, J. 317, 322, 327, 353, 357, 359
FOX, M. 36, 34, 72, 73, 123, 124, 179, 180, 222, 228, 230, 262, 263, 264, 270, 271, 323, 325, 326, 327, 370, 377, 383
FREUD, S. 227, 333, 371, 387
FUNK, R. 105, 106, 11, 114, 116, 317, 336, 338, 339 341

G

GÄRTNER, B. 338, 343
GILDER, G. 35, 315
GIVERSON, S. 329, 344
GOLDENBERG, N. 05, 178, 216, 217, 218, 220, 221, 235, 355, 366, 367
GOTTLIEB, A. 36, 312
GRAHN, J. 370, 371
GRANT, R. 319, 331, 332, 389
GREELEY, A. 217
GREENLEES, D._91, 333
GREGORIUS, P. 342
GROOTHUIS, D. 372
GROOTHUIS, R. 366,
GUDEL, J. 368
GUINNESS, O. 49, 188, 314, 315, 316, 319, 358
GUNN, D. 145, 149, 204, 335, 347, 349, 350, 360

H

HALLIGAN, F. 227, 348, 350, 357, 369
von HARNACK, A. 56, 90, 91, 117, 331, 332
HAWKING, S. 65, 324
HEDRICK, C. 339, 344
HEIDEGGER, M. 321, 331, 336,
HENNECKE, E. 342, 387,
HESBURGH, T. 326, 327
HEYWARD, C. 348, 371
HIPÓLITO 86, 89, 162, 165, 238, 240, 241, 289, 293, 294, 307, 308, 309, 343, 351, 352, 362, 374, 375, 378, 391, 394
HOBBS, E. 339, 340
HOELLER, S. 238, 388
HOFFMANN, R. 332
HOGE, D. 320, 322
HOROWITZ, D. 29, 313, 331
HOUSTON, J. 27, 313, 344, 366
HUGHES, W. 321, 336,
HUNTER, J. 05, 42, 264, 317, 324

I

IRINEU 85, 87, 113 ,115, 133, 134, 161, 165, 167, 168, 171, 210, 285, 289, 290, 291, 294, 295, 307, 332, 338, 343, 350 351, 352, 362, 363, 365, 374, 377, 378, 386, 387, 388, 389, 391, 392

J

JOBLING, D. 345, 348, 349, 350
JOHNSON, A. 316, 317, 345
JOHNSON, P. 303, 393

JONAS, H. 15, 88, 196, 282, 329, 331, 336, 360, 362, 375, 377, 386, 390
JONES, E. 275, 332, 333, 365, 367, 384, 387
JONES, P. 317, 337, 340, 366, 368, 373
JUNG, C. 56, 229, 256, 287, 317, 329, 33, 371, 384, 387, 388
JUNG, P. 365, 370

K

KAISER, W. 346
KASSER, R. 343, 390
KASSIAN, M. 343, 345, 347, 355, 365, 366, 372
KLIJN, A. 170, 352
KLOPPENBORG, J. 119, 338, 340
KNITTER, P. 70, 89, 90, 222, 325, 332, 381
KOESTER, H. 91, 105, 106, 107, 108, 332, 333, 335, 336, 339, 340
KOLBENSCHLAG, M. 74, 174, 181, 348, 379
KONSTANTINE, S. 64, 70, 324, 325, 327
KÜBLER-ROSS, E. 258, 380
KUYPER, A. 37, 306, 394
KYUNG, C. 109, 185, 326

L

LANDY, F. 348, 349 350
LAYTON, B. 338
LAZARIS 76, 178, 256, 269, 354, 380, 382
LEE, P. 83, 85, 94, 95, 283, 285, 293, 322, 328, 329, 330, 331, 334, 335, 356, 381, 386, 391
L'ENGLE, M. 138, 174, 181, 220, 353, 355, 357, 367, 381
LENNON, J. 17, 18, 255, 258, 311
LERNER, M. 32, 313, 314, 325
LEVI, J. 248, 368
LIVELY, S. 370, 393
LÍVIO 274, 289, 284, 289
LONG, A. 316, 337
LOVELOCK, J. 192, 359
LUIDENS, D. 320, 322

M

MACHEN, J. 01, 92, 93, 94, 333
MACK, B. 121, 337, 338, 341
MacLAINE, S. 74, 75, 124, 189, 229, 337, 358, 370
MAcRAE, G. 343, 363, 364, 377, 385
MARCIÃO 90, 91, 114, 130, 203, 331, 332, 333, 351, 392
MARTIN, M. 42, 30, 264, 265, 294, 306, 317, 353, 393
MATTHEWS, C. 177, 209, 299, 300, 337, 354, 364, 392
MAURINA, D. 346
McCLAY, W. 373
McFARGUE, S. 357, 359
McILHENNY, C. 233, 234
McKNIGHT, S. 329, 341
MELTON, J. 367, 380
MEYER, M. 338, 374, 375, 376, 378, 386, 388, 390
MILLER. D. 101, 125, 126, 137, 183, 184, 186, 294, 315, 321, 334, 342, 344, 356, 357, 358, 359, 381, 391
MILLER, E. 345, 372, 386
MILLER, P. 353, 372
MILLER, R. J. 112, 337, 338, 339
MILLET, K. 215
MOLLENKOTT, V. 138, 145, 174, 181, 185, 186, 187, 189, 192, 215, 223, 229, 230, 232, 234, 255, 262, 263, 269, 271, 274, 301, 323, 327, 344, 345, 347, 353, 355, 356, 357, 358, 359, 365, 368, 370, 372, 379, 380 381, 382, 384, 391
MOLTMANN, J. 72, 73, 326
MOLTMANN-WENDEL, C. 72, 326
MOON, S. 272, 286
MOR, B. 186, 268, 272, 356, 357, 358,

359, 361, 363, 364, 366, 369, 371, 374, 379, 380, 382, 383, 384
MORRISON, A. 109, 355, 311, 313, 315, 318, 328, 334, 341, 358, 379, 380 382, 384, 391
MOYERS, W. 76, 174, 231, 326, 327, 335, 353, 370
MUELLER, D. 390
MULLER, R. 125, 226, 341, 369

N
NEUHAus, J. 159, 350 369
NIDITCH, S. 348, 349, 350
NIETZSCHE, E. 51
NIETZSCHE, F. 55, 56, 64, 233, 277, 319, 321, 371

O
ODDIE, W. 261, 266, 345, 347, 357, 366, 367, 369, 380, 382
ODEN, T. 53, 54, 320, 323
OSTRIKER, A. 334, 345, 358

P
PAGELS, E. 15, 85, 86, 87, 95, 96, 103, 108, 168, 222, 245, 248, 330, 337, 353, 360, 373, 376, 378, 390
PARROT, D. 373
PATTERSON, S. 339, 341
PEARSON, B. 276, 281, 292, 323
PECK, S. 34, 315, 379
PERKINS, P. 263, 335, 340, 360, 362, 363, 364, 378
PIRANI, A. 190, 316, 354, 358, 360, 364, 383
PLASKOW, J. 348, 353, 358, 380
PLOTINO 295
POLLITT, H. 376, 393
PRELEC, L. 368
PRESTON, J. 263, 356, 380, 381
PROCTER-SMITH, M. 258, 359, 380, 392
PROPHET, E. 258, 341, 359, 380, 392,

R
RADECIC, P. 68, 324
RASCHKE, C. 59, 319, 322, 323, 328
REMNICK, D. 334, 335
ROBERTS, W. 05, 264, 266
ROBINSON, J. 15, 88, 89, 94, 105, 106, 108, 110, 115, 116, 118, 222, 317, 331, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 342, 360, 368, 386
ROBINSON, W. 364, 377
ROOF, W. 61, 252, 316, 319, 320, 322, 333, 366, 367, 379
RUBIN. J. 29, 32, 314
RUDOLF, K. 56, 106, 107, 131, 166, 171, 196, 234, 247, 248, 279, 281, 283, 284, 288, 295, 325, 330, 331, 332, 336, 337, 343, 351, 352, 360, 362, 372, 373, 375, 377, , 378, 383, 385, 386, 387, 388, 389, 391, 392
RUETHER, R. 102, 103, 133, 142, 148, 152, 176, 177, 181, 214, 228, 237, 257, 261, 262, 264, 265, 287, 370, 327, 335, 337, 347, 358, 354, 365, 369, 373, 381, 382, 384
RUSSELL, L. 353, 377
RUSSELL, P. 46, 328, 379

S
SCALIA, A. 213, 219, 334
SCHNEEMELCHER, W. 387
SCOTT, S. 344, 353, 355, 357, 381
SHUCMAN, H. 61, 137
SILVA, M. 346, 347
SJOO, M. 186, 268, 272, 356, 357, 358, 359, 361, 363, 364, 366, 369, 371, 374, 379, 380, 382, 383, 384
SMART, N. 64, 70, 325, 327, 342
SMITH, B. 344, 353, 355, 357, 381
SMITH, H. 71, 122, 231, 341, 342, 370, 389
SMITH, R. 386, 690
SMITH, R. F. 365
SMITH. S. 318

SOLLE, D. 248, 257, 258
SPANGLER, D. 36, 323
SPENCER, D. 193, 359
SPONG, J. 123, 230, 370
SPRETNAK, C. 54, 56, 57, 178, 314, 321, 354, 356, 367
ST.ROMAIN, P. 382
STANTON, E. 156, 186, 187, 264, 348, 349, 357
STARHAWK, M. 63, 180, 181, 182, 186, 263, 271, 355, 356
STEICHEN, D. 85, 183, 218, 264, 270, 305, 320, 321, 323, 327, 328, 330, 333, 345, 347, 348, 353, 354, 355, 356, 358, 367, 368, 369, 370, 377, 379, 380, 381, 382, 393, 393
STEINEM, G. 68, 178, 321
SWIDLER, L. 325, 326, 342
SWIFT, M. 303, 393
SWIMME, B. 327

T
TERTULIANO 71, 90, 91, 130, 166, 168, 247, 295, 325, 343, 352, 378, 392
THOMAS, C. 312, 334
THROCKMORTON, B. 141, 345
TRIBLE, P. 348, 349, 377
TURNER, J. 339, 363, 377

V
VEITH, G. 314, 345
VOEGELIN, F. 328, 329

W
WALSH, D. 319, 329
WALTON, J. 263, 381
WATSON, F. 158, 347, 348, 350
WEBB, J. 329, 341, 348, 350
WELDON, J. 371
WELLS, D. 143, 144, 251, 316, 321, 324, 345, 379
WELTON, K. 334, 337, 349, 366
WENHAM, J. 117, 118, 339, 340
WILKEN, R. 48, 318, 388
WILKIN, M. 341
WILLEFORD, L. 59, 322
WILLIAMSON, M. 26, 27
WILSON, N. 300, 393
WILSON, R. 329, 332

Z
ZAPPONE, K. 72, 326
ZIMMERLI, W. 296, 392